

"Estou maravilhado com Dan Simmons"
- STEPHEN KING

DAN SIMMONS

O TERRORE

A OBRA
QUE INSPIROU
A SÉRIE INÉDITA
DA AMC

ROCCO HITA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

DAN SIMMONS
O TERROR

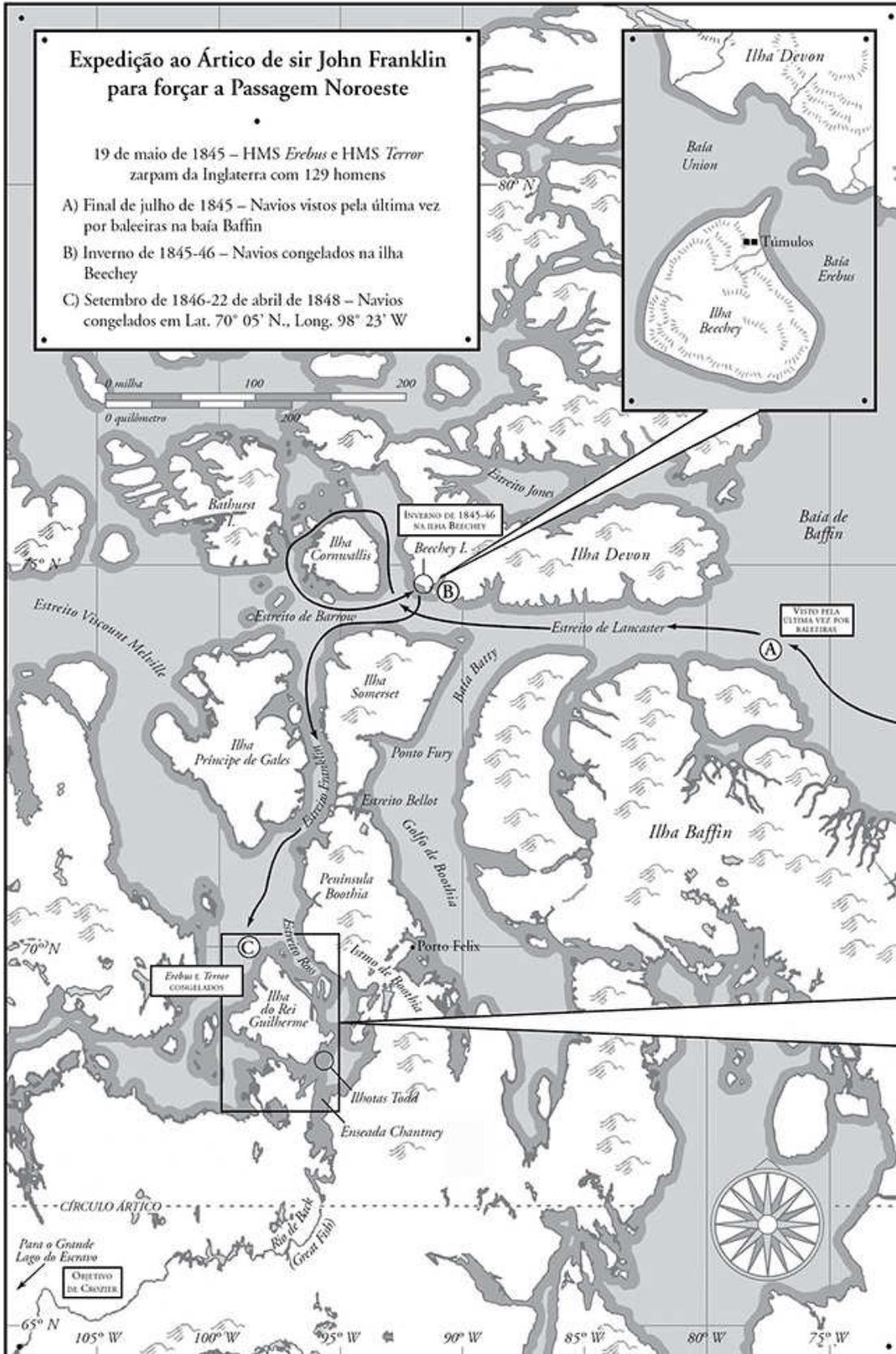
Tradução de Alexandre Martins

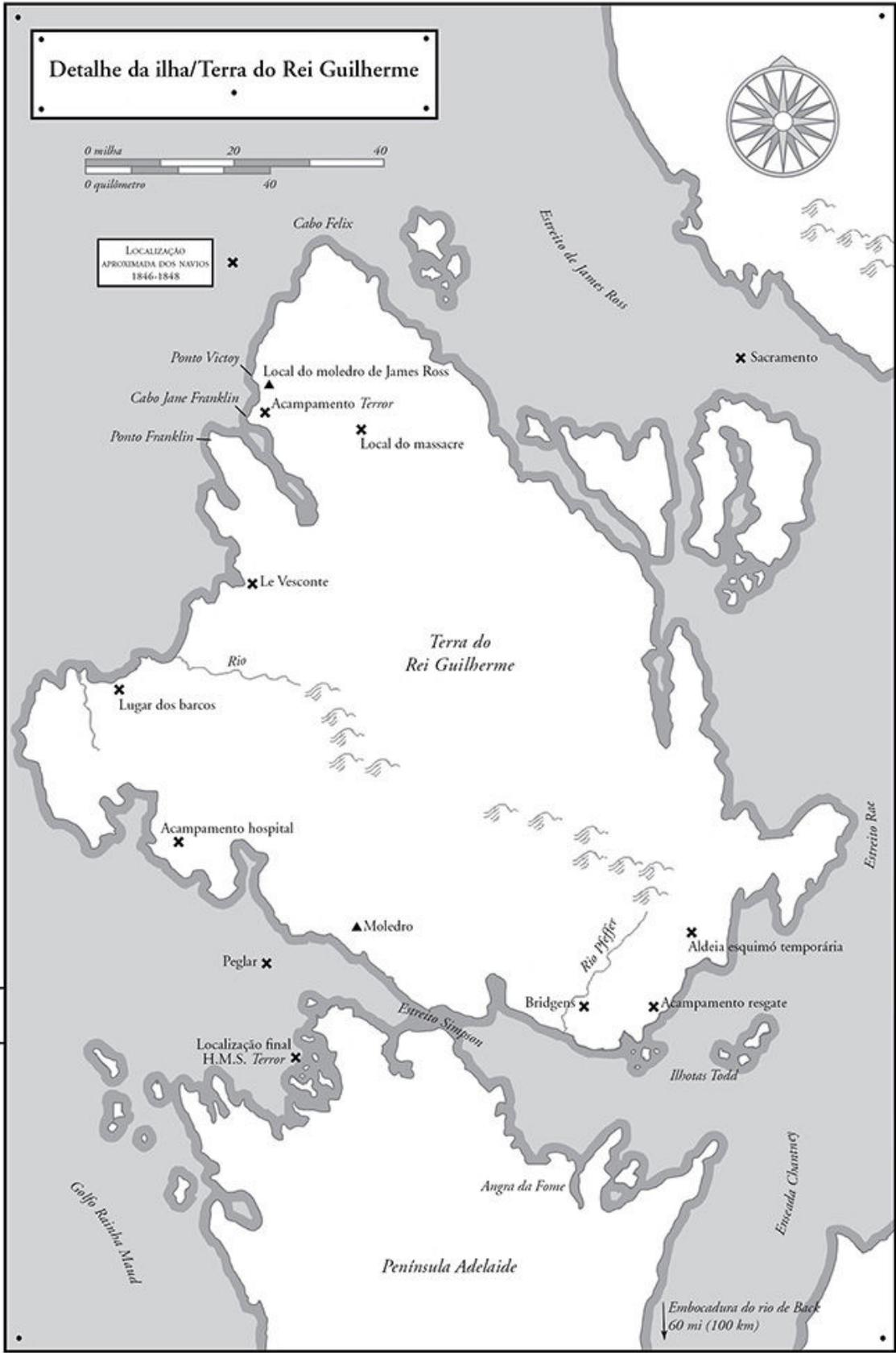
ROCCO

Expedição ao Ártico de sir John Franklin para forçar a Passagem Noroeste

19 de maio de 1845 – HMS *Erebus* e HMS *Terror*
zarpam da Inglaterra com 129 homens

- A) Final de julho de 1845 – Navios vistos pela última vez por baleeiras na baía Baffin
- B) Inverno de 1845-46 – Navios congelados na ilha Beechey
- C) Setembro de 1846-22 de abril de 1848 – Navios congelados em Lat. 70° 05' N., Long. 98° 23' W





Este livro é dedicado, com amor e muita gratidão pelas indeléveis lembranças Árticas, a Kenneth Tobey, Margaret Sheridan, Robert Cornthwaite, Douglas Spencer, Dewey Martin, William Self, George Fenneman, Dmitri Tiomkin, Charles Lederer, Christian Nyby, Howard Hawkes e James Arness.

Essa qualidade ilusória é o que faz a ideia de brancura, quando divorciada de associações mais gentis e associada a qualquer objeto terrível em si, elevar aquele terror aos limites mais distantes. Vejam o urso-branco dos polos, e o tubarão-branco dos trópicos; o que, se não sua brancura suave e escamosa, faz deles os horrores transcendentais que são? Aquela brancura aterrorizante é o que transmite tal suavidade repugnante, ainda mais ofensiva que terrível, ao brilho fosco de seu aspecto. De tal modo que o tigre de presas ferozes em sua cobertura marcante não abala a coragem como o urso ou o tubarão envoltos em branco.

– HERMAN MELVILLE
Moby Dick (1851)

CROZIER

Lat. 70° - 05' N., Long. 98° - 23' W.

Outubro de 1847

O capitão Crozier subiu ao convés e encontrou seu navio sob ataque de fantasmas celestiais. Acima dele – acima do *Terror* – ondulações de luz cintilantes se lançavam, depois rapidamente recuavam como os braços coloridos de espectros agressivos, mas, em última instância, incertos. Dedos esqueléticos ectoplásmicos se estendiam na direção do navio, abertos, preparados para agarrar, e então recuavam.

A temperatura é de -45° Celsius, e caindo rapidamente. Por causa da neblina que se formara mais cedo, durante a única hora de crepúsculo fraco que agora fazia as vezes de dia, os mastros encurtados – os três mastaréis da gávea, joanetes, massame superior e as vergas mais altas foram removidos e guardados para reduzir o risco de queda de gelo e diminuir as chances de o navio tombar por causa do peso do gelo neles – pareciam árvores grosseiramente ressecadas e sem copas, refletindo a aurora que dança de um horizonte quase invisível para outro. Enquanto Crozier observa, os campos de gelo irregular ao redor do navio ficam azuis, depois violeta sanguíneo, a seguir tão verdes quanto as colinas de sua infância no norte da Irlanda. Quase a um quilômetro e meio da proa de estibordo, a gigantesca montanha de gelo flutuante que esconde de vista o navio irmão do *Terror*, o *Erebus*, parece por um breve e falso momento irradiar cor de dentro, brilhando a partir de seus próprios fogos frios internos.

Levantando a lapela e inclinando a cabeça para trás no hábito de quarenta anos de conferir o estado de mastros e cordas, Crozier percebe que as estrelas acima queimam geladas e fixas, mas aquelas perto do horizonte não apenas cintilam, oscilam quando observadas, se deslocando em golpes curtos para a esquerda, depois para a direita, a seguir para cima e para baixo. Crozier vira aquilo antes – no sul distante com Ross, bem como naquelas águas em expedições anteriores. Um cientista daquela viagem ao Polo Sul, um homem que passara o primeiro inverno no gelo de lá raspando e depois polindo lentes para seu próprio telescópio, dissera a Crozier que a perturbação das estrelas provavelmente se devia à rápida refração cambiante no ar frio parado pesada e desconfortavelmente sobre os mares cobertos de gelo e massas de terra congeladas invisíveis. Em outras palavras, sobre novos continentes nunca antes vistos por olhos humanos. Ou pelo menos, pensa Crozier, naquele Ártico Norte, por olhos de homens brancos.

Crozier e seu amigo e então comandante James Ross haviam encontrado um desses continentes antes desconhecidos – a Antártida –, há menos de cinco anos. Haviam batizado o mar, enseadas e terras com o nome de Ross. Batizaram montanhas com os nomes de patrocinadores e amigos. Batizaram os dois vulcões que podiam ver no horizonte com os nomes de seus dois navios – aqueles mesmos dois navios –, chamando as montanhas fumegantes de Erebus e Terror. Crozier ficou surpreso por não terem dado a algum grande acidente geográfico o nome do gato do navio.

Eles não batizaram nada com seu nome. Naquela noite-dia escura de inverno em outubro de 1847, não havia nenhum continente Ártico ou Antártico, ilha, baía, enseada, cordilheira, projeção gelada, vulcão ou maldita banquisa com o nome de Francis Rawdon Moira Crozier.

Crozier não dava a mínima. No mesmo instante em que pensa isso, se dá conta de que está ligeiramente bêbado. *Bem*, pensa, automaticamente ajustando seu equilíbrio ao convés gelado agora inclinado 12 graus para estibordo, *eu estive mais bêbado do que sóbrio já por três anos, não? Bêbado desde Sophia. Mas ainda sou um marinheiro e capitão melhor bêbado do que aquele pobre desgraçado azarado Franklin chegou a ser sóbrio. Ou também seu poodle de estimação sibilante de bochechas rosadas Fitzjames.*

Crozier balança a cabeça e desce o convés gelado até a proa e na direção do único homem de vigia que consegue distinguir na luz bruxuleante da aurora.

É o baixinho Cornelius Hickey de cara de rato, o ajudante de calafate. Os homens pareciam todos iguais de vigia no escuro, já que todos haviam recebido os mesmos suprimentos para o frio: camadas de flanela e lã cobertos com um pesado sobretudo à prova d'água, luvas grossas que se projetavam de mangas volumosas, seus gorros galeses – capuzes pesados de vigia com protetores de orelhas – enfiados fundo, frequentemente com cachecóis compridos enrolados na cabeça até que apenas as pontas queimadas de seus narizes são vistas. Mas cada homem superpõe ou usa seus agasalhos de modo levemente diferente – talvez acrescentando um cachecol de casa, ou um gorro galês enfiado sobre o primeiro, quem sabe luvas coloridas tricotadas com amor por uma mãe, esposa ou amorzinho aparecendo sobre as luvas externas da Marinha Real –, e Crozier aprendera a identificar cada um de seus 59 oficiais e homens sobreviventes, mesmo a distância do lado de fora e no escuro.

Hickey olhava fixamente para além do gurupés coberto de gelo, cujos três metros mais à frente estavam cravados em uma crista de gelo marinho, já que a popa do HMS *Terror* havia sido erguida pela pressão do gelo, e a proa empurrada para baixo. Hickey está tão perdido em pensamentos que o ajudante de calafate não nota a chegada de seu capitão até Crozier se juntar a ele em uma balaustrada que se tornou um altar de gelo e neve. A escopeta do vigia está apoiada naquele altar. Nenhum homem quer encostar em metal no frio do lado de fora, nem mesmo através de luvas.

Hickey se assusta ligeiramente enquanto Crozier se apoia na balaustrada junto a ele. O capitão do *Terror* não vê o rosto do homem de 26 anos, mas uma baforada de hálito – se transformando instantaneamente em uma nuvem de cristais de gelo refletindo a aurora – surge diante do círculo grosso dos múltiplos cachecóis e do gorro galês do pequeno homem.

Tradicionalmente os homens não batem continência durante o inverno no gelo, nem mesmo a batida relaxada na testa um oficial recebe no mar, mas o encapotado Hickey executa aquele estranho pequeno remelexo com dar de ombros e baixar de cabeça com que os homens reconhecem a presença do capitão do lado de fora. Por causa do frio, as vigias foram reduzidas de quatro

horas para duas – Deus sabe, pensou Crozier, que temos homens suficientes para isso naquele navio superlotado, mesmo com os vigias duplicados –, e ele pode dizer apenas pelos movimentos lentos de Hickey que ele está semicongelado. Por mais que tenha dito aos vigias que deviam ficar se movendo pelo convés – caminhando, correndo no mesmo lugar, pulando se preciso, o tempo todo prestando atenção no gelo –, eles ainda tendem a ficar imóveis a maior parte do serviço de sentinela, como se estivessem nos Mares do Sul vestindo algodão tropical e procurando sereias.

– Capitão.

– Sr. Hickey. Algo?

– Não desde os tiros... aquele tiro... há quase duas horas, senhor. Há pouco eu ouvi, acho que ouvi... talvez um grito, algo, capitão... além da montanha de gelo. Informei o tenente Irving, mas ele disse que provavelmente era apenas o gelo se movimentando.

Crozier havia sido informado sobre o som de tiro desde a direção do *Erebus* e subira rapidamente para o convés duas horas antes, mas o som não se repetira e ele não enviara um mensageiro ao outro navio nem alguém para investigar sobre o gelo. Ir sobre o mar congelado no escuro agora, com aquela... coisa... esperando no labirinto de cristas de pressão e altas montanhas de neve era morte certa. Agora mensagens eram trocadas entre os navios apenas durante aqueles minutos cada vez menores de meia-luz por volta do meio-dia. Em poucos dias não haveria nenhum dia de verdade, apenas a noite ártica. Uma noite de 24 horas. Cem dias de noite.

– Talvez fosse o gelo – diz Crozier, pensando em por que Irving não relatara o possível grito. – Também o tiro. Apenas o gelo.

– Sim, capitão. O gelo, senhor.

Nenhum dos dois acreditava nisso – um tiro de mosquete ou escopeta faz um som peculiar, mesmo a um quilômetro e meio de distância, e tão ao norte o som viaja longe e claro de modo quase sobrenatural –, mas é verdade que a banquisa apertando cada vez mais o *Terror* está sempre roncando, gemendo, estalando, partindo, rugindo ou gritando.

Os gritos eram o que mais incomodava Crozier, acordando-o de sua cerca de uma hora de sono cada noite. Soavam muito como os gritos de sua mãe nos

últimos dias... Como isso e as histórias de sua velha tia sobre demônios uivando na noite, prevendo a morte de alguém na casa. Essas duas coisas o mantinham acordado quando menino.

Crozier se vira lentamente. Seus cílios já estão cobertos de gelo, e o lábio superior tem uma camada de hálito e muco congelados. Os homens aprenderam a manter as barbas bem enfiadas sob cachecóis e suéteres, mas com frequência precisam retirar pelos que congelaram sobre as roupas. Crozier, como a maioria dos oficiais, continua a se barbear toda manhã, embora, no esforço para poupar carvão, a “água quente” que seu camareiro leva tenda a ser apenas gelo mal derretido, e fazer a barba possa ser algo doloroso.

– Lady Silêncio ainda está no convés? – pergunta Crozier.

– Ah, sim, capitão, está quase sempre aqui em cima – diz Hickey, agora sussurrando como se fizesse diferença. Mesmo que Silêncio pudesse escutá-los, não poderia entender seu inglês. Mas os homens acreditam – cada vez mais a cada dia que a coisa no gelo os espreita – que a jovem esquimó é uma bruxa com poderes secretos.

– Ela está no posto de bombordo com o tenente Irving – acrescenta Hickey.

– O tenente Irving? Sua vigia deveria ter terminado há uma hora.

– Sim, senhor. Mas atualmente onde lady Silêncio está, lá está o tenente, senhor, caso não se incomode por eu mencionar. Se ela não desce, ele não desce. Até ele precisar, quer dizer... nenhum de nós consegue ficar aqui fora tanto tempo quanto aquela bru... aquela mulher.

– Mantenha seus olhos no gelo e cuide de suas obrigações, sr. Hickey.

A voz rouca de Crozier faz o ajudante de calafate se assustar de novo, mas ele dá a saudação encolhida e vira o nariz branco novamente para a escuridão além da proa.

Crozier sobe o convés até o posto de vigia de bombordo. No mês anterior, ele preparara o navio para o inverno após três semanas de esperanças frustradas de fuga em agosto. Crozier novamente ordenara que as vergas inferiores fossem giradas e colocadas paralelamente ao navio, usando-as como viga central. Depois eles reconstruíram a barraca piramidal para cobrir a maior parte do convés principal, remontando os caibros de madeira que haviam sido

estocados abaixo durante suas poucas semanas de otimismo. Mas embora os homens trabalhassem durante horas todos os dias abrindo avenidas a pá pelos trinta centímetros de neve deixados no convés como isolamento, arrancando gelo com picaretas e cinzéis, limpando a umidade que brotava sob o teto de lona e finalmente colocando linhas de areia para garantir tração, sempre restava uma camada de gelo. O movimento de Crozier subindo o convés inclinado e tombado algumas vezes é mais uma quase patinação graciosa que uma caminhada.

A sentinela escolhida para aquele turno, o aspirante Tommy Evans – Crozier identifica o homem mais jovem a bordo pelo absurdo gorro de tricô verde, obviamente feito pela mãe do garoto, que Evans sempre enfia sobre seu volumoso gorro galês –, se deslocara dez passos para a popa para dar ao terceiro-tenente Irving e Silêncio alguma privacidade.

Isso faz o capitão Crozier querer chutar o traseiro de alguém – de todos.

A mulher esquimó parece um roliço urso pequeno com parca, capuz e calças peludos. Está meio de costas para o tenente alto. Mas Irving está bem junto a ela na balaustrada – não exatamente tocando, porém mais perto do que um oficial e cavalheiro ficaria de uma dama em uma festa no jardim ou em um iate de passeio.

– Tenente Irving.

Crozier não quisera colocar tanto rosnado na saudação, mas não fica insatisfeito quando o jovem levita como se estimulado pela ponta de uma lâmina afiada, quase perde o equilíbrio, agarra a balaustrada gelada com a mão esquerda e – como insiste em fazer, embora agora conheça o devido protocolo de um navio no gelo – bate continência com a mão direita.

É uma saudação patética, pensa Crozier, e não apenas porque luvas grossas, gorro galês e camadas de roupas de frio façam o jovem Irving parecer uma espécie de morsa batendo continência, mas também porque o sujeito deixou seu cachecol cair do rosto barbeado – talvez para mostrar a Silêncio como é bonito –, e agora dois compridos fios de gelo balancem abaixo de suas narinas, fazendo com que pareça ainda mais uma morsa.

– À vontade – diz Crozier secamente. *Maldito tolo*, acrescenta mentalmente.

Irving fica rígido, olha para Silêncio – ou pelo menos para as costas de seu capuz peludo – e abre a boca para falar. Evidentemente não consegue pensar em nada para dizer. Fecha a boca. Seus lábios estão tão brancos quanto a pele congelada.

– Não é seu turno de vigia, tenente – diz Crozier, novamente ouvindo o açoite em sua voz.

– Sim, sim, senhor. Quero dizer, não, senhor. Quero dizer, o capitão está certo, senhor. Quero dizer...

Irving fecha a boca novamente, mas o efeito é um tanto prejudicado pelos dentes batendo. Naquele frio, dentes podem se partir após duas ou três horas – realmente explodir –, enviando fragmentos de osso e esmalte para dentro da caverna dos maxilares trincados de alguém. Algumas vezes, Crozier sabe por experiência própria, é possível ouvir o esmalte estalando imediatamente antes de os dentes explodirem.

– Por que ainda está aqui fora, John?

Irving tenta piscar, mas suas pálpebras estão literalmente congeladas abertas.

– O senhor ordenou que vigiasse nossa convidada... procurasse... cuidar de Silêncio, capitão.

O suspiro de Crozier sai como cristais de gelo pairando no ar por um segundo e depois caindo no convés como muitos diamantes minúsculos.

– Não quis dizer a todo *minuto*, tenente. Eu lhe disse para vigiá-la, relatar a mim o que faz, mantê-la a salvo de problemas e ferimentos no navio, e garantir que nenhum dos homens fizesse qualquer coisa... contra ela. Acha que corre o risco de sofrer aqui no convés, tenente?

– Não, capitão – disse Irving, a frase soando mais como pergunta que como resposta.

– Sabe quanto tempo é necessário para que pele exposta congele aqui fora, tenente?

– Não, capitão. Quero dizer, sim, capitão. Muito pouco tempo, senhor, acho.

– Deveria saber, tenente Irving. Já teve queimaduras de gelo seis vezes, e nem sequer é oficialmente inverno.

O tenente Irving anui tristemente.

– Demora *menos de um minuto* para que um dedo exposto do pé ou da mão, ou qualquer apêndice de carne fique congelado e sólido – continua Crozier, que sabe que isso é besteira. Demora muito mais que isso a meros abaixo de 45, mas espera que Irving não saiba. – Depois o membro exposto irá se partir como gelo – acrescenta Crozier.

– Sim, capitão.

– Então o senhor *realmente* acha que há alguma chance de nossa visitante ser... *comprometida*... aqui no convés, sr. Irving?

Irving parece pensar sobre isso antes de responder. Crozier se deu conta de que era possível que o terceiro-tenente já tivesse pensado demais nessa equação.

– Desça, John – diz Crozier. – E vá ver o dr. McDonald por causa de seu rosto e dedos. Juro por Deus que se você tiver tido outra queimadura de gelo grave, eu o multarei em um mês de pagamento do Serviço de Descobertas, e para completar escreverei a sua mãe.

– Sim, capitão. Obrigado, senhor.

Irving começa a bater continência novamente, muda de ideia e se agacha sob a lona na direção da escada principal com uma das mãos ainda parcialmente levantada. Não olha para Silêncio atrás.

Crozier suspira novamente. Ele gosta de John Irving. O sujeito se oferecera como voluntário – com dois de seus colegas do HMS *Excellent*, o segundo-tenente Hodgson e o imediato Hornby –, mas o *Excellent* era um maldito navio de três conveses velho antes de Noé ter pelos ao redor do pênis. Crozier sabia que o navio estava sem mastros e permanentemente atracado em Portsmouth havia mais de 15 anos, servindo de embarcação de treinamento para os mais promissores artilheiros da Marinha Real. *Infelizmente, cavalheiros*, Crozier dissera aos rapazes durante seu primeiro dia a bordo – o capitão estivera mais que habitualmente bêbado naquele dia –, *se olharem ao redor perceberão que embora Terror e Erebus tenham sido construídos como navios de bombardeio, cavalheiros, nenhum dos dois tem um único canhão. Somos, jovens voluntários do Excellent – a não ser que sejam contados os mosquetes dos fuzileiros e as escopetas trancadas na Sala de Bebidas – impotentes como um recém-nascido. Tão impotentes quanto o maldito Adão em sua maldita nudez. Em outras*

palavras, cavalheiros, vocês, especialistas em artilharia, são tão úteis a esta expedição quanto tetas seriam em um porco.

O sarcasmo de Crozier naquele dia não abatera o entusiasmo dos jovens oficiais de artilharia – Irving e os outros dois continuaram mais ansiosos que nunca para ficar congelados no gelo por vários invernos. Claro que aquele havia sido um quente dia de maio na Inglaterra em 1845.

– E agora o pobre jovem está apaixonado por uma feiticeira esquimó – murmura Crozier em voz alta.

Como se entendendo suas palavras, Silêncio se vira lentamente para ele.

Normalmente o rosto dela é invisível no fundo do comprido túnel de seu capuz, ou seus traços são disfarçados pelo amplo tufo de pelos de lobo, mas naquela noite Crozier pode ver seu nariz pequeno, olhos grandes e boca carnuda. A pulsação da aurora está refletida naqueles olhos negros.

Ela não é atraente para o capitão Francis Rawdon Moira Crozier; tem muito de selvagem para ser considerada plenamente humana, quanto mais fisicamente atraente – mesmo para um irlandês presbiteriano –, e, além disso, sua mente e suas regiões inferiores ainda estão tomadas por lembranças límpidas de Sophia Cracroft. Mas Crozier pode entender por que Irving, longe de casa, da família e de qualquer docinho, possa se apaixonar por aquela mulher pagã. Simplesmente sua estranheza – e talvez mesmo as circunstâncias sinistras de sua chegada e a morte de seu companheiro, tão estranhamente interligadas com os primeiros ataques da entidade monstruosa lá no escuro – devia ser uma chama para a mariposa de um jovem romântico tão desesperançado quanto o terceiro-tenente John Irving.

Crozier, por outro lado, como descobrira na Terra de Van Diemen em 1840, e novamente pela última vez na Inglaterra nos meses anteriores à partida daquela expedição, é velho demais para o romance. E irlandês demais. E plebeu demais.

Naquele exato instante, ele quer apenas que aquela jovem vá caminhar no gelo escuro e não volte.

Crozier lembra do dia, quatro meses antes, quando o dr. McDonald se apresentara a Franklin e a ele após examiná-la, na mesma tarde em que o homem esquimó com ela morrera engasgado com o próprio sangue.

McDonald dissera que em sua opinião profissional a esquimó parecia ter entre 15 e 20 anos de idade – era muito difícil dizer no caso de povos nativos –, tivera a menarca, mas era, segundo todos os indícios, *virgo intacta*. O dr. McDonald também relatara que o motivo pelo qual a garota não falara ou produzira um som – mesmo após o pai ou marido ter sido baleado e ficado à morte – era por não ter língua. Na opinião do dr. McDonald, a língua não havia sido cortada, mas arrancada a dente perto da base, pela própria Silêncio ou por alguém ou algo.

Crozier ficara estupefato – não tanto pela falta de língua, mas por ouvir que a garota esquimó era virgem. Ele passara tempo suficiente no Ártico Norte – especialmente durante a expedição de Parry, que invernara perto de uma aldeia esquimó – para saber que os nativos locais eram tão descontraídos com o intercuro sexual que os homens ofereciam esposas e filhas a baleeiros ou exploradores do Serviço de Descobertas em troca de qualquer bugiganga. Crozier sabia que algumas vezes as mulheres se ofereciam apenas pela diversão, rindo e conversando com outras mulheres e crianças enquanto os marinheiros se agitavam, bufavam e gemiam entre as pernas das mulheres que riam. Eram como animais. As peles e couros peludos que vestiam poderiam muito bem ser suas próprias peles animais no que dizia respeito a Crozier.

O capitão leva a mão enluvada à pala do quepe, preso sob duas voltas de um cachecol pesado, e portanto não podendo ser retirado ou inclinado, e diz:

– Meus cumprimentos, madame, e eu sugeriria que pensasse em descer para seus aposentos logo. Está ficando um pouco gelado aqui fora.

Silêncio o encara. Não pisca, embora de alguma forma seus longos cílios estejam livres de gelo. Ela, claro, não fala. Encara-o.

Crozier inclina o chapéu simbolicamente, de novo, e continua sua ronda pelo convés, subindo para a popa erguida pelo gelo e depois descendo por estibordo, parando para falar com os outros dois homens de sentinela, dando a Irving tempo de descer e tirar suas roupas de frio de modo a que o capitão não pareça estar nos calcanhares de seu tenente.

Está terminando sua conversa com a última sentinela trêmula, o marinheiro Shanks, quando o soldado Wilkes, o mais o jovem dos fuzileiros a bordo, sai apressado de sob a lona. Wilkes colocou apenas duas camadas

frouxas sobre o uniforme, e os dentes começam a bater antes mesmo que transmita a mensagem.

– O sr. Thompson manda seus cumprimentos ao capitão, senhor, e o engenheiro diz que o capitão deveria descer para o porão assim que puder.

– Por quê?

Se a caldeira tiver finalmente quebrado todos estarão mortos, Crozier sabe.

– Com o perdão do capitão, senhor, o sr. Thompson diz que o capitão é necessário porque o marinheiro Manson está perto do motim, senhor.

Crozier se empertiga.

– Motim?

– “Perto do” foram as palavras do sr. Thompson, senhor.

– Fale direito, soldado Wilkes.

– Manson não irá carregar mais sacos de carvão além da Sala dos Mortos, senhor. Nem descerá novamente para o porão. Ele diz que se recusa respeitosamente, capitão. Não irá subir, mas está sentado sobre o traseiro no fundo da escada e não irá mais levar carvão para a sala da caldeira.

– Que absurdo é esse? – perguntou Crozier, sentindo os primeiros sinais de uma conhecida raiva soturna irlandesa.

– São os fantasmas, capitão – diz o soldado fuzileiro Wilkes entre os dentes que batem. – Todos os ouvimos quando estamos carregando carvão ou pegando algo nos depósitos dos fundos. Por isso os homens não vão mais abaixo do último convés a não ser que os oficiais mandem, senhor. Há algo lá embaixo no porão, no escuro. Algo tem arranhado e batido do lado de *dentro* do navio, capitão. Não é apenas o gelo. Manson tem certeza de que é seu velho companheiro Walker, ele... aquilo... e os outros cadáveres guardados lá na Sala dos Mortos, lutando para escapar.

Crozier contém seu impulso de tranquilizar o soldado fuzileiro com fatos. O jovem Wilkes pode não achar os fatos tão tranquilizadores.

O fato simples é que o barulho de raspadas na Sala dos Mortos quase certamente é das centenas de grandes ratazanas pretas se banquetando com os camaradas congelados de Wilkes. Os ratos da Noruega – como Crozier sabe melhor que o jovem fuzileiro – são noturnos, significando que estão ativos dia e noite durante o longo inverno Ártico, e as criaturas têm dentes que

continuam a crescer constantemente. Isso, por sua vez, significa que as malditas pragas precisam continuar a mastigar. Ele os viu mastigar barris de carvalho da Marinha Real, latas com dois centímetros e meio e até mesmo revestimento de chumbo. Os ratos não estão tendo mais dificuldade lá embaixo com os restos congelados do marinheiro Walker e seus cinco camaradas azarados – incluindo três dos melhores oficiais de Crozier – do que um homem teria para mastigar uma tira de carne salgada gelada.

Mas Crozier não acha que sejam apenas os ratos que Manson e os outros estão ouvindo.

Ratos, como Crozier sabe pela triste experiência de 13 invernos no gelo, tendem a comer os amigos de alguém silenciosamente e com eficiência, a não ser por seus frequentes guinchos quando as pragas esfomeadas e enlouquecidas por sangue se viram umas contra as outras.

Algo mais está fazendo os barulhos de garras e pancadas no porão.

O que Crozier decide não lembrar ao soldado Wilkes é o seguinte fato simples: embora o convés mais baixo normalmente fosse frio, porém seguro, ali abaixo da linha-d'água ou linha de gelo marinho congelado de inverno, a pressão do gelo forçou a popa do *Terror* mais de três metros e meio mais alto do que deveria. O casco ainda está preso, mas apenas por centenas de toneladas de gelo marinho irregular acumulado e as toneladas adicionais de neve que os homens empilharam ao lado até pouca distância das balaustradas para garantir maior isolamento durante o inverno.

Crozier suspeita de que algo cavou por essas toneladas de neve e fez um túnel através dos blocos de gelo duros como ferro para chegar ao casco do navio. De algum modo a coisa sentiu quais partes do interior do casco, como os tanques de água, são revestidos de ferro e encontrou uma das poucas áreas de estocagem externas vazias – a Sala dos Mortos – que levam direto ao navio. E agora está esmurrando e raspando para entrar.

Crozier sabe que só há uma coisa na Terra com tanto poder, persistência mortal e inteligência malévola. O monstro do gelo está tentando chegar a eles por baixo.

Sem dizer outra palavra ao soldado fuzileiro Wilkes, o capitão Crozier desce para resolver as coisas.

FRANKLIN

Lat. 51° - 29' N., Long. 0° - 0' W.

Londres, maio de 1845

Ele era – e sempre seria – o homem que comeu seus sapatos. Quatro dias antes que zarpassem, o capitão sir John Franklin contraiu a gripe que estava circulando, pegando-a, tinha certeza, não de um dos marinheiros comuns ou estivadores que carregavam os navios no porto de Londres, nem de qualquer de seus 134 tripulantes e oficiais – todos estavam saudáveis como cavalos de carga –, mas de algum bajulador doente em um dos círculos de amigos da sociedade de lady Jane.

O homem que comeu seus sapatos.

Era uma tradição que as esposas de heróis do Ártico costurassem uma bandeira para ser fincada em algum ponto mais ao norte, ou nesse caso hasteada quando da conclusão da travessia, pela expedição, da Passagem Noroeste, e a esposa de Franklin, Jane, estava terminando de costurar a bandeira britânica de seda quando ele chegou em casa. Sir John foi ao salão e desabou no sofá de crina de cavalo perto de onde ela estava. Depois não se lembra de ter retirado as botas, mas alguém deve ter feito – Jane ou um dos empregados –, pois logo estava deitado de costas e meio cochilando, a cabeça doendo, o estômago mais agitado do que já estivera no mar e a pele queimando de febre. Lady Jane lhe contava sobre seu dia agitado, nunca interrompendo o discurso. Sir John tentava escutar, enquanto a febre o levava para longe em sua maré incerta.

Ele era o homem que havia comido seus sapatos, e era havia 23 anos, desde que retornara à Inglaterra em 1822 após sua primeira expedição fracassada por terra pelo norte do Canadá para tentar encontrar a Passagem Noroeste. Ele lembrava dos risinhos e das piadas ao voltar. Franklin comera seus sapatos – e comera ainda pior naquela ruínosa viagem de três anos, incluindo *tripe-de-roche*, um mingau repulsivo feito de líquen arrancado de rochas. Dois anos passando fome, ele e seus homens – Franklin estupidamente dividira sua tropa em três grupos e deixara os outros dois bandos para sobreviver ou morrer sozinhos – haviam fervido as partes de cima de botas e sapatos para sobreviver. Sir John – ele era então apenas John, tendo sido feito cavaleiro por incompetência após uma viagem posterior por terra e uma fracassada expedição polar por mar – passara dias de 1821 mastigando nada além de fragmentos de couro não curtido. Seus homens haviam comido seus trajes de dormir feitos de bisão. Depois alguns deles passaram para outras coisas.

Mas ele nunca comera outro homem.

Até aquele dia Franklin duvidava se outros em sua expedição, incluindo seu bom amigo e principal colaborador, o dr. John Richardson, haviam conseguido resistir à tentação. Coisas demais haviam acontecido enquanto os grupos estavam separados cambaleando pelos desertos e florestas Árticos, tentando desesperadamente retornar ao pequeno Fort Enterprise improvisado de Franklin e aos fortes de verdade, Providence e Resolution.

Nove homens brancos e um esquimó mortos. Nove mortos entre os 21 homens que o jovem tenente John Franklin, 33 anos de idade, balofo e ficando careca já então, liderara para fora de Fort Resolution em 1819, mais um dos guias nativos que haviam apanhado no caminho – Franklin se recusara a permitir que o homem deixasse a expedição para buscar a própria comida. Dois dos homens haviam sido assassinados a sangue-frio. Pelo menos um deles sem dúvida foi devorado pelos outros. Mas apenas um inglês morrera. Apenas um homem branco de verdade. Todos os outros eram apenas *voyageurs* franceses ou índios. Era um certo sucesso – apenas um inglês branco morto, mesmo que todos os outros tivessem sido reduzidos a esqueletos incoerentes e barbados. Mesmo que todos os outros tenham sobrevivido apenas porque George Back, aquele aspirante confuso e lascivo, caminhará 1.900 quilômetros

sobre neve para levar de volta suprimentos e – mais importante que suprimentos –, outros índios para alimentar e cuidar de Franklin e seu grupo moribundo.

Aquele confuso Back. De modo algum um bom cristão. Arrogante. Não um verdadeiro cavaleiro, a despeito de posteriormente ter sido feito cavaleiro por uma expedição ártica a bordo daquele mesmo HMS *Terror* que sir John naquele momento comandava.

Naquela expedição, a expedição de Back, o *Terror* havia sido lançado 15 metros no ar por uma torre de gelo ascendente, depois jogado para baixo com tal violência que toda tábua de carvalho do casco começou a vazar. George Back levava o navio com vazamento todo o caminho até o litoral da Irlanda, encalhando-o poucas horas antes que afundasse. A tripulação passara correntes ao redor dele e apertara as tábuas com força suficiente para que a nau os levasse para casa. Todos os homens tinham escorbuto – gengivas negras, olhos sangrando, dentes caindo de suas cabeças –, e a loucura e os delírios que acompanhavam o escorbuto.

Eles fizeram Back cavaleiro depois daquilo, claro. É o que a Inglaterra e o Almirantado faziam depois que você voltava de uma expedição polar totalmente fracassada que produzira uma chocante perda de vidas; se você sobrevivia, davam a você um título e uma parada. Depois que Franklin voltara de sua segunda expedição litorânea de mapeamento no extremo norte da América do Norte em 1827, fora feito cavaleiro pessoalmente pelo rei Jorge IV. A Sociedade Geográfica de Paris dera a ele uma medalha de ouro. Recebera o comando da bela pequena fragata de 26 canhões HMS *Rainbow* e enviado ao Mediterrâneo, um destino pelo qual todo capitão da Marinha Real rezava. Pedira em casamento uma das melhores amigas de sua falecida esposa Eleanor, a disposta, bonita e destemida Jane Griffin. Que naquele momento dizia:

– Então expliquei a sir James durante o chá que o crédito e a reputação de meu querido sir John me são infinitamente mais caros que qualquer diversão egoísta da sociedade de meu marido, mesmo que ele precise ficar longe quatro anos... ou cinco.

Qual era o nome daquela garota índia copper de 15 anos pela qual Back ia travar um duelo em seus alojamentos de inverno no Fort Enterprise?

Greenstockings. Era isso. Greenstockings.

Aquela garota era má. Bonita, sim, porém má. Não tinha vergonha. O próprio Franklin, a despeito de todos os seus esforços de nunca olhar para ela, a vira sair de seus trajes pagãos e atravessar nua metade da cabana certa noite de lua.

Ele tinha 34 anos na época, mas ela era a primeira humana que via nua, e até agora a mais bonita. A pele escura. Os seios quase tão pesados quanto frutos carnudos, mas também ainda os de uma adolescente, os mamilos ainda não elevados, as aréolas estranhas, suaves círculos marrom-escuros. Era uma imagem que sir John não conseguira erradicar da memória – por mais que tentasse e rezasse – no quarto de século que se passara desde então. A garota não tinha os clássicos pelos púbicos em V que Franklin mais tarde vira em sua primeira esposa, Eleanor – vislumbrara apenas uma vez, enquanto ela se preparava para o banho, já que Eleanor nunca permitira que a menor luz iluminasse seu raro amor –, ou o ninho cor de trigo mais ralo, porém mais selvagem que era parte do corpo envelhecendo de sua atual esposa, Jane. Não, a garota índia Greenstockings tinha apenas um escudo vertical estreito, mas totalmente preto acima de suas partes femininas. Delicado como uma pena de corvo. Retinto como o próprio pecado.

O aspirante escocês Robert Hood, que já fora pai de um bastardo com outra mulher indígena durante aquele interminável primeiro inverno na cabana que Franklin batizara de Fort Enterprise, se apaixonara imediatamente pela índia copper adolescente Greenstockings. A garota antes dormira com o outro aspirante, George Back, mas como Back fora caçar, ela transferira sua fidelidade sexual para Hood com a facilidade conhecida apenas por pagãos e primitivos.

Franklin ainda se lembrava dos resmungos de paixão na longa noite – não a paixão de alguns minutos, como ele experimentara com Eleanor (nunca resmungando ou fazendo ruídos, claro, já que um cavalheiro nunca faria isso), ou mesmo dois breves momentos de paixão, como naquela noite memorável na lua de mel com Jane; não, Hood e Greenstockings se estenderam por meia dúzia de vezes. Mal os ruídos de Hood e da garota no abrigo adjacente paravam, logo recomeçavam – risos, risinhos, depois gemidos suaves,

novamente levando a gritos mais altos enquanto a menina-mulher ousada estimulava Hood.

Jane Griffin tinha 36 anos de idade quando desposou o recém-elevado sir John Franklin em 5 de dezembro de 1828. Passaram a lua de mel em Paris. Franklin não gostou especialmente da cidade, nem gostou dos franceses, mas o hotel era luxuoso e a comida muito boa.

Franklin de certa forma temera que durante suas viagens pelo continente pudessem se deparar com o tal Roget – Peter Mark, aquele que recebera algum grau de atenção literária se preparando para publicar um dicionário tolo ou o que quer fosse –, o mesmo homem que um dia pedira a mão de Jane Griffin em casamento apenas para ser rejeitado como todos os outros pretendentes haviam sido na juventude dela. Desde então Franklin espiara os diários de Jane daquela época – justificou seu crime pensando que ela queria que ele descobrisse e lesse os muitos volumes encadernados em pele de bezerro, do contrário por que os teria deixado em lugar tão óbvio? – e vira, na caligrafia apertada e perfeita de sua amada, a passagem que escrevera no dia em que Roget finalmente se casara com alguém: “*o romance de minha vida acabou*”.

Robert Hood estava fazendo barulho com Greenstockings por seis intermináveis noites árticas quando seu colega aspirante George Back retornou de uma caçada com os índios. Os dois homens marcaram um duelo ao nascer do sol – por volta de dez horas – da manhã seguinte.

Franklin ficara sem saber o que fazer. O tenente corpulento fora incapaz de impor qualquer disciplina aos *voyageurs* mal-humorados ou aos índios ofensivos, muito menos controlar o teimoso Hood ou o impulsivo Back.

Ambos aspirantes eram artistas e cartógrafos. Desde aquele momento Franklin nunca confiara em um artista. Quando o escultor em Paris fez as mãos de lady Jane e o sodomita perfumado ali em Londres passara quase um mês pintando seu retrato oficial a óleo, Franklin nunca deixara os homens a sós com ela.

Back e Hood iam se encontrar ao alvorecer para um duelo de morte, e não havia nada que John Franklin pudesse fazer além de se esconder na cabana e rezar para que a morte ou o ferimento resultante não destruísse o último vestígio de sanidade em sua expedição já comprometida. Suas ordens não

havam especificado que ele deveria levar *comida* em sua viagem ártica de 1.900 quilômetros por terra, litoral marinho e rio. Ele pagara do próprio bolso suprimentos suficientes para alimentar os 16 homens por um dia. Franklin supusera que os índios iriam então caçar por eles e alimentá-los adequadamente, assim como os guias carregavam suas sacolas e remavam a canoa de casca de bétula.

As canoas de bétula haviam sido um equívoco. Vinte e três anos depois ele estava disposto a admitir isso – para si mesmo, pelo menos. Após poucos dias nas águas cheias de gelo ao longo do litoral norte, alcançado mais de um ano e meio após sua partida de Fort Resolution, os barcos frágeis haviam começado a se desfazer.

Franklin, de olhos fechados, testa queimando, cabeça latejando, mal escutando o falatório sem parar de Jane, lembrou da manhã em que deitara em seu saco de dormir pesado e apertara os olhos enquanto Back e Hood davam os 15 passos em frente à cabana e então se viravam para disparar. Os índios confusos e os *voyageurs* confusos – igualmente selvagens em muitos sentidos – tratavam o duelo quase como diversão. Franklin se lembrava de que Greenstockings estava radiante naquela manhã, com um brilho quase erótico.

Deitado em seu saco, as mãos sobre os ouvidos, Franklin ainda assim escutou o comando de andar, o comando de virar, o comando de apontar, a ordem de atirar.

Então dois estalos. E risos da multidão.

Durante a noite, o velho marinheiro escocês que comandava a contagem de passos, aquele ríspido e grosseiro John Hepburn, retirara cargas e balas das pistolas cuidadosamente preparadas.

Desencorajados pelo riso incessante do bando de *voyageurs* e índios dando tapas nos joelhos, Hood e Back partiram em direções opostas. Pouco depois disso Franklin ordenou que George Back retornasse aos fortes para comprar mais provisões da Hudson's Bay Company. Back ficara fora a maior parte do inverno.

Franklin comera seus sapatos e subsistira de líquen arrancado de rochas – uma refeição viscosa que faria vomitar um cachorro inglês que se respeitasse –, mas nunca se valera de carne humana.

Um longo ano depois do duelo impedido, no grupo de Richardson após o grupo de Franklin ter se separado, aquele soturno iroquês meio maluco da expedição, Michel Teroahaute, enfiara uma bala no meio da testa do artista e cartógrafo aspirante Robert Hood.

Uma semana antes do assassinato, o índio levava um quarto de carne de gosto forte para o grupo faminto, insistindo em que vinha de um lobo que havia sido mortalmente ferido por uma rena ou abatido pelo próprio Teroahaute usando um chifre de cervo – a história do índio mudava o tempo todo. O grupo faminto cozinhou e comera a carne, mas não antes que o dr. Richardson percebesse um vestígio de tatuagem na pele. Mais tarde o médico dissera a Franklin ter certeza de que Teroahaute retornara ao corpo de um dos *voyageurs* que morrera na trilha naquela semana.

O índio faminto e o moribundo Hood estavam sozinhos quando Richardson, que fora arrancar líquen das pedras, ouviu o tiro. *Suicídio*, insistira Teroahaute, mas o dr. Richardson, que cuidara de vários suicídios, soube que a posição da bala no cérebro de Robert Hood não fora fruto de um disparo autoinfligido.

O índio estava então armado com uma baioneta britânica, um mosquete, duas pistolas carregadas e previamente engatilhadas e uma faca do tamanho do antebraço. Os dois não índios remanescentes – Hepburn e Richardson – tinham apenas uma pequena pistola e um mosquete que não merecia confiança.

Richardson, agora um dos mais respeitados cientistas e cirurgiões da Inglaterra, amigo do poeta Robert Burns, mas na época apenas um cirurgião de expedição e naturalista promissor, esperou até que Michel Teroahaute retornasse de uma viagem de coleta, confirmou que os braços dele estavam cheios de lenha, e então ergueu sua pistola e atirou na cabeça do índio a sangue-frio.

O dr. Richardson depois admitiu ter comido o traje de bisão de Hood, mas nem Hepburn nem Richardson – os únicos sobreviventes do grupo – mencionaram o que mais poderiam ter comido na semana seguinte de caminhada árdua de volta ao Fort Enterprise.

Em Fort Enterprise, Franklin e seu grupo estavam fracos demais para ficar de pé ou andar. Em comparação, Richardson e Hepburn pareciam fortes.

Ele podia ser o homem que comera seus sapatos, mas John Franklin nunca...

– A cozinheira está preparando rosbife esta noite, querido. Seu preferido. Como ela é nova – estou certo de que a irlandesa estava roubando de nossas contas, roubar é tão natural para os irlandeses quanto beber – lembrei a ela que você insiste para que esteja crua o bastante para sangrar ao toque da faca de trinchar.

Franklin, flutuando em uma maré vazante de febre, tentou articular palavras em resposta, mas as ondas de dor de cabeça, náusea e calor eram grandes demais. Ele suava na camisa de baixo e no colarinho ainda preso.

– A esposa do almirante sir Thomas Martin nos enviou hoje um cartão encantador e um maravilhoso buquê de flores. Ela não deve ser ouvida, mas devo dizer que as rosas ficaram bonitas no saguão. Você as viu? Teve tempo de conversar com o almirante Martin na recepção? Claro que ele não é tão importante assim, é? Mesmo como administrador da Marinha? Certamente não tão distinto quanto o Primeiro Lorde ou os Primeiros Comissários, muito menos que seus amigos do Conselho do Ártico.

O capitão sir John Franklin tinha muitos amigos; todos gostavam do capitão sir John Franklin. Mas ninguém o respeitava. Por décadas Franklin reconhecera o primeiro fato e evitara o segundo, mas agora sabia ser verdade. Todos gostavam dele. Ninguém o respeitava.

Não depois da Terra de Van Diemen. Não depois da prisão da Tasmânia e da burrada que fizera naquilo.

Eleanor, sua primeira esposa, estava morrendo quando a deixou para zarpar em sua segunda grande expedição.

Sabia que ela estava morrendo. Ela sabia que estava morrendo. Sua consumpção – e o conhecimento de que iria morrer disso antes que o marido morresse em batalha ou expedição – estivera com eles como uma terceira parte na cerimônia de casamento. Nos 22 meses de casamento, ela dera a ele uma filha, única, a jovem Eleanor.

Mulher de corpo pequeno e frágil – mas espírito e energia quase assustadores –, sua primeira esposa mandara que fosse em sua segunda expedição para encontrar a Passagem Noroeste, aquela viagem por terra e mar para acompanhar o litoral norte-americano, embora tossisse sangue e soubesse que o fim estava próximo. Disse que seria melhor para ela caso ele estivesse em outro lugar. Ele acreditou. Ou pelo menos acreditou que seria melhor para si mesmo.

Um homem profundamente religioso, John Franklin rezara para que Eleanor morresse antes da data de sua partida. Não acontecera. Ele partiu em 16 de fevereiro de 1825, escreveu muitas cartas à sua querida quando em trânsito para o Grande Lago do Escravo, as postou em Nova York e Albany, e soube de seu falecimento em 24 de abril, na estação naval britânica de Penetanguishene. Havia morrido pouco depois de seu navio deixar a Inglaterra.

Ao retornar de sua expedição em 1827, a amiga de Eleanor, Jane Griffin, esperava por ele.

A recepção do Almirantado fora menos de uma semana antes – não, exatamente uma semana antes, anterior àquela gripe perturbadora. O capitão sir John Franklin e todos os oficiais e imediatos de *Erebus* e *Terror* haviam comparecido, claro. Assim como os civis da expedição – o mestre do gelo do *Erebus* James Reid e o mestre do gelo do *Terror*, Thomas Blanky, bem como tesoureiros, cirurgiões e comissários.

Sir John parecera fantástico em sua nova casaca azul, calças azuis com listras douradas, dragonas douradas, espada cerimonial e chapéu tricorne da época de Nelson. O comandante de sua capitânia *Erebus*, James Fitzjames, com frequência chamado de o homem mais bonito da Marinha Real, parecia impressionante e humilde como o herói de guerra que era. Fitzjames encantara a todos naquela noite. Francis Crozier, como sempre, parecera rígido, desajeitado, melancólico e ligeiramente ébrio.

Mas Jane estava errada – os membros do “Conselho do Ártico” não eram amigos de sir John. Na realidade, o Conselho do Ártico não existia. Era uma sociedade honorária mais do que uma instituição real, mas também era o mais seletivo clube masculino de toda a Inglaterra.

Eles se misturaram na recepção, Franklin, seus principais oficiais, e os altos, magros e grisalhos integrantes do lendário Conselho do Ártico.

Para integrar o conselho só era necessário comandar uma expedição ao distante Norte Ártico... e sobreviver.

O visconde de Melville – primeiro notável na longa fila de recepção que deixara Franklin atipicamente suado e mudo – era Primeiro Lorde do Almirantado e o patrono do patrono deles, sir John Barrow. Mas Melville não era um velho veterano do Ártico.

As verdadeiras lendas do Conselho do Ártico – a maioria na casa dos 70 anos de idade – eram, para o nervoso Franklin daquela noite, mais como a assembleia de bruxas de *Macbeth* ou um grupo de fantasmas cinzentos que homens vivos. Cada um daqueles homens havia antecedido Franklin na busca da passagem, e todos haviam retornado vivos, embora não totalmente.

Será que alguém, pensou Franklin naquela noite, *realmente* voltava vivo após passar o inverno nas regiões árticas?

Sir John Ross, seu rosto escocês mostrando mais faces angulosas que um iceberg, tinha sobrancelhas que se projetavam como as penas daqueles pinguins que seu sobrinho sir James Clark Ross descrevera após sua viagem ao Ártico Sul. A voz de Ross era rouca como uma pedra arrastada sobre um convés lascado.

Sir John Barrow, mais velho que Deus e duas vezes mais poderoso. O pai da exploração ártica britânica séria. Todos os outros ali naquela noite, mesmo os septuagenários de cabelos brancos, eram meninos... os meninos de Barrow.

Sir William Parry, um cavalheiro acima dos cavalheiros mesmo entre a realeza, que tentara quatro vezes forçar a Passagem apenas para ver homens morrendo e seu *Fury* pressionado, esmagado e afundado.

Sir James Clark Ross, recém-elevado a cavaleiro, também era recém-casado com uma esposa que o fizera prometer recusar mais expedições. Ele poderia ter o posto de Franklin de comandante daquela expedição caso quisesse, e os dois homens sabiam disso. Ross e Crozier estavam ligeiramente afastados dos outros, bebendo e conversando suavemente como conspiradores.

Aquele perturbador sir George Back; Franklin odiava partilhar o título de cavaleiro com um mero aspirante que um dia fora seu subordinado, e além do

mais um mulherengo. Naquela noite de gala, o capitão sir John Franklin quase desejou que Hepburn não tivesse tirado pólvora e bala das pistolas de duelo 25 anos antes. Back era o mais jovem membro do Conselho do Ártico, e parecia mais feliz e satisfeito que qualquer um dos outros, mesmo após sofrer os danos e o quase afundamento do HMS *Terror*.

O capitão sir John Franklin era abstêmio, mas após três horas de champanhe, vinho, conhaque, xerez e uísque, os outros homens começaram a relaxar, o riso ao redor deles se tornando mais forte e as conversas no salão nobre menos formais, e Franklin começou a se sentir mais calmo, se dando conta de que toda aquela recepção, todos os botões dourados, gravatas de seda, dragonas reluzentes, boa comida, charutos e sorrisos eram para *ele*. Dessa vez era tudo para *ele*.

Então foi um choque quando o Ross mais velho o puxou de lado quase abruptamente e começou a rosnar perguntas para ele em meio à fumaça de charuto e à luz de velas refletindo em cristal.

– Franklin, por que inferno você está levando 134 homens? – Raspou a pedra sobre madeira grossa.

O capitão sir John Franklin piscou.

– É uma grande expedição, sir John.

– Desgraçadamente grande, se quer minha opinião. Já é difícil demais levar trinta homens através de gelo, dentro de navios e de volta à civilização quando algo dá errado. Cento e trinta e quatro homens... – disse o velho explorador, fazendo um ruído grosseiro, pigarreando como se fosse cuspir.

Franklin sorriu e anuiu, desejando que o velho o deixasse sozinho.

– E a sua idade – continuou Ross. – Você tem 60 anos, por Deus.

– Cinquenta e nove – disse Franklin rigidamente. – Senhor.

O Ross mais velho deu um sorriso fino, mas pareceu um iceberg mais que nunca.

– O *Terror* tem o quê? Trezentas e trinta toneladas? O *Erebus* algo como 370?

– Trezentas e setenta e duas para minha capitânia – disse Franklin. – Trezentas e vinte e seis para o *Terror*.

– E calado de 5,6 metros para cada, certo?

– Sim, meu lorde.

– Isso é totalmente insano, Franklin. Seus navios serão as embarcações de maior calado já enviadas a uma expedição ártica. Tudo que sabemos sobre aquelas regiões nos mostrou que as águas para onde está seguindo são rasas, cheias de bancos de areia, rochas e gelo escondido. Meu *Victory* só tinha 2,70 e não conseguimos superar a barra do porto onde passamos o inverno. George Back rasgou o fundo quando no gelo com seu *Terror*.

– Os dois navios foram fortalecidos, sir John – disse Franklin. Ele podia sentir o suor escorrendo por suas costelas e por seu peito para a grande barriga. – Agora são os mais fortes navios de gelo do mundo.

– E o que é todo esse absurdo sobre vapor e motores de locomotiva?

– Não é absurdo, meu lorde – disse Franklin, e notou o paternalismo em sua própria voz. Ele mesmo não sabia nada sobre vapor, mas tinha dois bons engenheiros na expedição, e Fitzjames, que fazia parte da nova Marinha a Vapor. – São motores poderosos, sir John. Eles nos levarão através do gelo onde as velas falharam.

Sir John bufou.

– Suas máquinas a vapor sequer são motores marítimos, são, Franklin?

– Não, sir John. Mas são os melhores motores a vapor que a London and Greenwich Railway pôde nos vender. Adaptados para uso marítimo. Animais poderosos, senhor.

Ross bebericou seu uísque.

– Poderosos caso você esteja planejando assentar trilhos ao longo da Passagem Noroeste e colocar uma maldita locomotiva sobre eles.

Franklin deu um risinho divertido com isso, mas não viu humor no comentário, e o praguejar o ofendeu profundamente. Com frequência não sabia quando os outros estavam brincando, e não tinha ele mesmo qualquer senso de humor.

– Mas não tão poderosos realmente – continuou Ross. – Aquela máquina de uma vírgula cinco toneladas que eles enfiaram no porão do seu *Erebus* só produz 25 cavalos de força. O motor de Crozier é menos eficiente... Vinte cavalos de força, no máximo. O navio que o rebocará além da Escócia, o

Rattler, produz 220 cavalos de força com seu motor a vapor menor. É um motor *marítimo*, construído para o mar.

Franklin não tinha nada a dizer quanto a isso, então sorriu. Para preencher o silêncio, acenou para um garçom de passagem que levava taças de champanhe. Então, como era contra todos os seus princípios beber álcool, só pôde ficar de pé ali segurando a taça, eventualmente olhando para o champanhe que ficava choco, esperando por uma oportunidade de se livrar da taça sem ser notado.

– Pense em todas as provisões extras que você poderia ter enfiado nos porões dos seus dois navios caso aqueles malditos motores não estivessem lá – insistiu Ross.

Franklin olhou ao redor como se buscando ser resgatado, mas todos estavam conversando animadamente com alguém.

– Temos estoques mais que adequados para três anos, sir John – disse finalmente. – De cinco a sete anos caso precisemos reduzir as rações – completou, sorrindo novamente, tentando encantar aquele rosto de pedra. – E tanto o *Erebus* quanto o *Terror* têm aquecimento central, sir John. Algo que o senhor certamente teria apreciado em seu *Victory*.

Os olhos claros de sir John Ross ganharam um brilho frio.

– O *Victory* foi esmagado como um ovo pelo gelo, Franklin. Um aquecimento a vapor elegante não teria ajudado nisso, teria?

Franklin olhou ao redor, tentando atrair o olhar de Fitzjames. Ou mesmo o de Crozier. Qualquer um que o resgatasse. Ninguém parecia notar o velho sir John e o gordo sir John reunidos ali em uma conversa tão sincera, embora apenas de uma parte.

– E quanto carvão é necessário apenas para aquecer um de seus navios por um dia ali? – pressionou o velho escocês.

– Ah, não sei realmente, sir John – disse Franklin com um sorriso vitorioso. Ele de fato *não* sabia. Nem se importava realmente. Os engenheiros estavam encarregados dos motores a vapor e do carvão. O Almirantado teria planejado bem.

– *Eu* sei – disse Ross. – Você usará até 68 quilos de carvão por dia apenas para manter a água circulando para aquecer os aposentos da tripulação. Meia

tonelada de seu precioso carvão por dia apenas para manter a pressão. Caso esteja navegando – espere uns quatro nós daqueles feios navios bombardeiros – estará queimando de duas a três *toneladas* de carvão por dia. Muito mais caso esteja tentando forçar caminho pela banquisa. Quanto carvão você está *carregando*, Franklin?

O capitão sir John moveu a mão no que se deu conta ser um gesto de desprezo – e quase efeminado.

– Ah, algo em torno de duzentas toneladas, meu lorde.

Ross apertou os olhos novamente.

– Noventa toneladas para *Erebus* e *Terror*, cada, para ser preciso – rosnou. – E isso quando estiver com carga máxima na Groelândia, antes de cruzar a baía de Baffin, muito menos ao chegar ao gelo real.

Franklin sorriu e não disse nada.

– Digamos que você chegue até a invernada no gelo com 75 por cento de suas noventa toneladas intocadas – continuou Ross, prosseguindo como um navio sobre gelo macio. – Isso o deixa com o quê... quantos dias de pressão em condições normais, não condições de gelo? Doze dias? Treze dias? Uma quinzena?

O capitão sir John Franklin não tinha a menor ideia. Sua mente, embora profissional e náutica, simplesmente não funcionava assim. Talvez seus olhos tivessem revelado seu pânico súbito – não pelo carvão, mas por parecer um idiota diante de sir John Ross –, pois o velho marinheiro cravou um punho de aço no ombro de Franklin. Quando Ross se inclinou para frente, o capitão sir John Franklin pôde sentir o úísque em seu hálito.

– Quais são os planos do almirantado para seu resgate, Franklin? – rosnou Ross. A voz dele era baixa. Tudo ao redor eram risos e conversa descontraída na recepção àquela hora tardia.

– Resgate? – reagiu Franklin, piscando. A ideia de que os dois navios mais modernos do mundo, reforçados para o gelo, impulsionados a vapor, com provisões para cinco anos ou mais no gelo e operados por tripulações escolhidas a dedo por sir John Barrow, iriam ou poderiam precisar de resgate simplesmente não entrava no cérebro de Franklin. A ideia era absurda.

– Você planeja criar depósitos ao longo do caminho pelas ilhas? – sussurrou Ross.

– Depósitos? – reagiu Franklin. – Deixar nossas provisões pelo caminho? Por que pelos céus eu faria isso?

– Para poder levar seus homens e barcos até comida e abrigo caso tenha de ir para o gelo e sair andando – disse Ross com ferocidade, os olhos brilhando.

– Por que andaríamos de volta para a baía de Baffin? – perguntou Franklin. Nosso objetivo é completar a travessia da Passagem Noroeste.

Sir John Ross recuou a cabeça. O aperto no braço de Franklin aumentou.

– Então não há plano ou navio de resgate?

– Não.

Ross agarrou o outro braço de Franklin e apertou com tanta força que o corpulento capitão sir John quase teve um esgar.

– Então, rapaz, se não tivermos sabido de você até 1848, eu mesmo irei procurá-lo. Eu juro – ele sussurrou.

Franklin acordou de repente.

Estava encharcado de suor. Sentia-se tonto e fraco. Seu coração batia forte, e a cada reverberação sua cabeça dobrava como um sino de igreja no interior do seu crânio.

Ele baixou os olhos para si mesmo, horrorizado. Seda cobria a metade inferior de seu corpo.

– O que é isto? – gritou, alarmado. – O que é isto? Há uma bandeira jogada sobre mim!

Lady Jane se levantou, chocada.

– Você parecia com frio, John. Estava tremendo. Eu a coloquei sobre você como um cobertor.

– Meu Deus! – gritou o capitão sir John Franklin. – Meu Deus, mulher, sabe o que você fez? Não sabe que eles colocam a bandeira sobre um cadáver?

CROZIER

Lat. 70° - 05' N., Long. 98° - 23' W.

Outubro de 1847

O capitão Crozier desce a curta escada até o convés inferior, passa pelas portas estanques duplas e quase cambaleia com o repentino bafo quente. Embora a circulação de água quente estivesse desligada havia horas, o calor corporal de mais de cinquenta homens e o calor residual da cozinha mantiveram a temperatura alta ali no convés inferior – pouco acima do ponto de congelamento – quase 25 graus mais quente que do lado de fora. O efeito em alguém que passara meia hora no convés exterior é o equivalente a entrar totalmente vestido em uma sauna.

Como irá continuar a descer até o último convés e o porão, não aquecidos, portanto mantendo seus trajes de frio, Crozier não fica muito tempo ali no calor. Mas para por um momento – como qualquer capitão faria –, olhando ao redor e se assegurando de que tudo não virara um inferno na meia hora que passara fora.

A despeito do fato de aquele ser o único convés de repouso, refeição e habitação do navio, ainda é escuro como uma mina galesa com suas pequenas claraboias cobertas de neve de dia e durante a noite que agora tem 22 horas de duração. Luminárias de óleo de baleia, lanternas ou velas lançavam pequenos cones de luz aqui e ali, mas em grande medida os homens caminham pela penumbra seguindo a memória, lembrando de onde evitar as inúmeras pilhas semiocultas e massas penduradas de comida, roupas e equipamentos estocados, e outros homens dormindo em suas redes. Quando todas as redes são

estendidas – 35 centímetros permitidos por homem – não há espaço para caminhar a não ser dois corredores de 45 centímetros de largura ao longo do casco de cada lado. Mas apenas algumas redes estão estendidas – homens dormindo um pouco antes de turnos de vigia posteriores –, e a barulheira de conversas, risos, xingamentos, tossidos e das inspiradas batidas e obscenidades do sr. Diggle é alta o bastante para abafar um pouco da pressão e dos gemidos do gelo.

As plantas do navio mostram 2,1 metros de vão, mas na realidade, entre as pesadas vigas de madeira do navio acima e as toneladas de tábuas e peças de madeira extras estocadas em prateleiras penduradas dessas vigas, há menos de 1,80 metro de espaço naquele convés inferior, e os homens realmente altos do *Terror*, como o covarde Manson esperando abaixo, precisam andar em uma postura perpetuamente curvada. Francis Crozier não é tão alto. Mesmo com quepe e cachecol, não precisa baixar a cabeça enquanto se vira.

À sua direita, e seguindo para a popa a partir de onde Crozier está, fica o que parece um túnel baixo, escuro e estreito, mas na verdade é a escada de tombadilho levando aos “apostos dos oficiais”, um conjunto de 16 minúsculos cubículos para dormir e dois refeitórios apertados para oficiais e suboficiais. A cabine de Crozier era do mesmo tamanho das dos outros – 1,80 metro por 1,50 metro. A passagem é escura e mal chega a sessenta centímetros de largura. Apenas um homem pode passar de cada vez, baixando a cabeça para evitar material pendurado, e homens pesados precisam se colocar de lado para seguir pela passagem estreita.

Os aposentos dos oficiais são enfiados em 18 dos 29 metros de comprimento do navio, e como o *Terror* tem apenas 8,5 metros de largura no convés inferior, a passagem estreita é o único acesso em linha reta à popa.

Crozier podia ver luz saindo da Grande Cabine da popa, onde – mesmo naquele frio e naquela penumbra infernais – alguns de seus oficiais sobreviventes estão relaxando à comprida mesa, fumando seus cachimbos ou lendo alguns dos 1.200 volumes da biblioteca instalada ali. O capitão ouve música sendo tocada: um dos discos de metal do órgão de mão reproduzindo uma canção que fez sucesso nos teatros de Londres cinco anos antes. Crozier sabe que é o tenente Hodgson que toca; é sua preferida, e ela deixa o tenente

Edward Little, oficial executivo de Crozier e amante de música clássica, enlouquecido de irritação.

Com tudo aparentemente bem na terra dos oficiais, Crozier se vira e olha para frente. Os aposentos da tripulação comum ocupam o terço restante do comprimento do navio – 11 metros –, mas nele estão apertados 41 dos marinheiros e aspirantes sobreviventes e saudáveis do conjunto original de 44 do navio.

Não há aulas sendo ministradas naquela noite, e falta menos de uma hora para que eles abram suas redes e deitem, então a maioria dos homens está sentada em suas arcas ou pilhas de material estocado, fumando ou conversando na penumbra. O centro do espaço é ocupado pelo gigantesco fogão Frazer, onde o sr. Diggle assa biscoitos. Diggle – o melhor cozinheiro da frota segundo Crozier, e um prêmio, literalmente, já que Crozier roubara o cozinheiro barulhento da nau capitânia do capitão sir John Franklin pouco antes da partida da expedição – está sempre cozinhando, normalmente fazendo biscoitos, e xinga, bate, chuta e ataca seus ajudantes o tempo todo. Os homens estão literalmente correndo perto do enorme forno, desaparecendo pela escotilha ali para buscar coisas nos conveses inferiores, se apressando para evitar a ira volúvel do sr. Diggle.

Aos olhos de Crozier o fogão Frazer parece tão grande quanto o motor de locomotiva no porão. Além do forno enorme e seis grandes queimadores, o volumoso equipamento de ferro tem um dessalinizador próprio e uma prodigiosa bomba de mão para levar água do oceano ou das fileiras de enormes tanques de água no porão. Mas tanto o mar do lado de fora quanto a água no porão estão congelados agora, então as enormes panelas fervendo nos queimadores do sr. Diggle estão ocupadas derretendo pedaços de gelo arrancados dos tanques de água abaixo e carregados para cima com esse objetivo.

O capitão pode ver, além da divisória de prateleiras e armários do sr. Diggle onde antes ficara a amurada de frente, a enfermaria no porão de vante do navio. Durante dois anos não houve doentes na enfermaria. A área estava ocupada do piso às vigas com mais caixas e barris, e aqueles tripulantes que precisavam ver o cirurgião ou o cirurgião assistente do navio às 7:30, a hora

dos novatos, o faziam perto do forno do sr. Diggle. Mas agora, com a despensa reduzida e o número de homens doentes e feridos se multiplicando, os carpinteiros tiveram de criar uma área mais permanente e separada no porão de vante para servir de enfermaria. Mas o capitão ainda podia ver a entrada parecida com um túnel através das caixas onde eles haviam aberto um espaço para que lady Silêncio dormisse.

Aquela discussão tomara boa parte de um dia no mês de junho anterior – Franklin insistira que a mulher esquimó não seria aceita em seu navio. Crozier a aceitara, mas sua discussão com o oficial executivo, o tenente Little, sobre onde instalá-la, havia sido quase absurda. Mesmo uma jovem esquimó, eles sabiam, congelaria até a morte no convés superior ou nos dois conveses inferiores, o que deixava apenas o convés inferior principal. Ela certamente não iria dormir no alojamento da tripulação, embora eles no momento tivessem redes desocupadas graças à coisa no gelo.

Na época da adolescência de Crozier, de calças curtas e depois como aspirante, mulheres levadas a bordo em segredo eram instaladas no depósito de cordas fedorento sem luz e quase sem ar na área mais baixa e mais à frente do navio, ao alcance do castelo de proa para o homem ou homens de sorte que a levaram a bordo. Mas mesmo no último mês de junho, quando Silêncio apareceu, estava abaixo de zero no depósito de cordas do HMS *Terror*.

Não, colocá-la com a tripulação não era uma ideia a ser considerada.

Na terra dos oficiais? Talvez. Havia cabines vazias, com alguns dos oficiais mortos e destroçados. Mas tanto o tenente Little quanto seu capitão concordaram rapidamente em que a presença de uma mulher a poucas divisórias finas e portas de correr de distância dos homens adormecidos seria insalubre.

Então o quê? Eles não podiam dar a ela um lugar para dormir e colocar uma guarda armada junto o tempo todo.

Foi Edward Little quem teve a ideia de arrumar parte do estoque para criar uma pequena caverna de dormir para a mulher no porão de vante onde ficaria a enfermaria. A única pessoa acordada a noite toda, toda noite, era o sr. Diggle – devidamente assando seus biscoitos e fritando as carnes do desjejum –, e se o sr. Diggle um dia teve interesse em damas, esse dia aparentemente passara havia

muito. Também, raciocinaram o tenente Little e o capitão Crozier, a proximidade do fogão Frazer ajudaria a manter a hóspede aquecida.

E certamente conseguira isso. Lady Silêncio ficou doente com o calor, sendo obrigada a dormir completamente nua em suas peles na pequena caverna de caixas e barris. O capitão descobriu isso acidentalmente, e a imagem não o deixou.

Naquele momento Crozier pegou uma lanterna no gancho, acendeu, levantou a escotilha e desceu a escada para o último convés antes que começasse a derreter como um daqueles blocos de gelo no forno.

Dizer que estava frio no último convés seria o tipo de minimização que Crozier sabia ter se acostumado a fazer antes da primeira viagem ao Ártico. Descer o metro e oitenta de escada do convés inferior fizera a temperatura despencar pelo menos 15 graus Celsius. A escuridão ali era quase absoluta.

Crozier passa o habitual minuto de capitão olhando ao redor. O círculo de luz de sua lanterna é fraco, iluminando principalmente a névoa de sua respiração no ar. Ao redor dele há um labirinto de caixas, barris, latas, tonéis, sacos de carvão e pilhas cobertas com lona do convés às vigas, com o resto das provisões do navio. Mesmo sem a lanterna, Crozier conseguiria encontrar o caminho no escuro e entre os guinchos de ratos; ele conhece cada centímetro de seu navio. De vez em quando, especialmente tarde da noite com o gelo gemendo, Francis Rawdon Moira Crozier se dá conta de que o HMS *Terror* é sua esposa, mãe, noiva e prostituta. Esse conhecimento íntimo de uma dama feita de carvalho e ferro, estopa e lastro, lona e latão é o único verdadeiro casamento que ele pode e poderá conhecer. Como pôde ter achado diferentemente com Sophia?

Em outros momentos, mesmo tarde da noite quando os gemidos do gelo se transformam em gritos, Crozier acha que o navio se tornou seu corpo e sua mente. Lá fora – além de conveses e casco – está a morte. O frio eterno. Ali, mesmo congelado no gelo, continua a pulsação, por mais que seja fraca, de calor, conversa, movimento e sanidade.

Mas viajar mais fundo no navio, Crozier se dá conta, é como viajar fundo demais no corpo ou na mente de alguém. O que se encontra pode não ser agradável. O último convés é a barriga. É onde são estocados comida e os

recursos necessários, cada coisa guardada na ordem da necessidade imaginada, fácil de mover por aqueles enviados lá pelos gritos e golpes do sr. Diggle. Mais abaixo, no porão para onde ele está seguindo, ficam os intestinos e os rins, os tanques de água, maior parte do estoque de carvão e mais provisões. Mas é a analogia com a mente que mais incomoda Crozier. Assombrado e assolado por melancolia a maior parte da vida, sabendo ser uma fraqueza oculta piorada ainda mais por seus 12 invernos congelado na escuridão ártica quando adulto, sentindo ter sido recentemente transformada em agonia ativa pela rejeição de Sophia Cracroft, Crozier pensa no convés inferior parcialmente iluminado e eventualmente aquecido, mas habitável, como a parte sã de si mesmo. O mundo inferior de reflexão do último convés é onde ele atualmente passa um volume demasiado do seu tempo atualmente – escutando o gelo gritar, esperando que os parafusos metálicos e as presilhas de vigas explodam com o frio. O porão abaixo, com seus cheiros terríveis e a Sala dos Mortos à espera, é a loucura.

Crozier afasta esses pensamentos. Olha para o corredor do último convés avançando entre barris e caixas empilhados. O brilho da lanterna é bloqueado pelas anteparas da Sala do Pão, e as aleias de ambos os lados reduzidas a túneis ainda mais estreitos do que o da passagem à terra dos oficiais no convés acima. Ali os homens precisam se apertar entre a Sala do Pão e os depósitos contendo os últimos sacos de carvão do *Terror*. O depósito do carpinteiro fica à frente e estibordo, o depósito do contramestre do outro lado, a bombordo.

Crozier se vira e lança a luz da lanterna para a popa. Ratos fogem de forma um tanto letargicamente da luz, desaparecendo entre barris de carne salgada e caixas de provisões enlatadas.

Mesmo à luz fraca da lanterna o capitão pode ver que o cadeado está trancado na Sala de Bebidas. Todo dia um dos oficiais de Crozier desce ali para pegar o volume de rum necessário para produzir o grogue de meio-dia dos homens – 140 mililitros de rum 70° para 420 mililitros de água. Também na Sala de Bebidas são estocados o vinho e o conhaque dos oficiais, bem como duzentos mosquetes, sabres e espadas. Como sempre foi na Marinha Real, escotilhas levam diretamente do refeitório dos oficiais e da Grande Cabine

acima à Sala de Bebidas. Caso houvesse um motim, os oficiais chegariam antes às armas.

Atrás da Sala de Bebidas fica o Depósito do Artilheiro, com seus barris de pólvora e balas. Dos dois lados da Sala de Bebidas ficam vários armários e espaços de estocagem, incluindo armários de correntes, a Sala de Velas, com todas as suas lonas frias, e a Sala de Uniformes, de onde o sr. Helpman, o intendente do navio, fornece os trajes externos.

Atrás da Sala de Bebidas e do Depósito do Artilheiro fica o Depósito do Capitão, contendo os presuntos, queijos e outros luxos pessoais do capitão – e pessoalmente pagos. Ainda é costume do capitão do navio de tempos em tempos receber seus oficiais à mesa, e embora os víveres no depósito de Crozier não sejam nada perto dos alimentos refinados enfiados no estoque pessoal do falecido capitão sir John Franklin no *Erebus*, a despensa de Crozier – agora quase vazia – resistiu dois verões e dois invernos no gelo. E também, pensa com um sorriso, tem a vantagem de conter uma adega decente de vinhos da qual os oficiais ainda podem se valer. E muitas garrafas de uísque das quais ele, o capitão, depende. O pobre comandante, os tenentes e os funcionários civis a bordo do *Erebus* ficaram dois anos sem destilados. Sir John Franklin era abstêmio, assim como, enquanto ele estava vivo, o refeitório de seus oficiais.

Uma lanterna balança na direção de Crozier pelo corredor estreito que recua da proa. O capitão se vira a tempo de ver algo parecido com um urso preto peludo enfiando o corpo entre os depósitos de carvão e a antepara da Sala do Pão.

– Sr. Wilson – diz Crozier, reconhecendo o ajudante de carpinteiro por seu volume e pelas luvas de pele de foca e calças de pele de cervo que haviam sido oferecidas a todos os homens antes da partida, mas que apenas uns poucos haviam escolhido em vez de trajes de flanela e lã. Em algum momento durante a viagem o ajudante havia costurado peles de lobo que apanhara na estação baleeira dinamarquesa de Disko Bay e feito um traje externo volumoso – mas quente, insistia ele.

– Capitão – disse Wilson, um dos homens mais gordos a bordo, que leva a lanterna em uma das mãos e tem várias caixas de ferramentas de carpintaria enfiadas sob o outro braço.

– Sr. Wilson, transmita meus cumprimentos ao sr. Honey e peça que ele se junte a mim no porão.

– Sim, senhor. Onde no porão, senhor?

– A Sala dos Mortos, sr. Wilson.

– Sim, senhor – disse, a luz da lanterna se refletindo nos olhos de Wilson enquanto o ajudante sustenta um olhar curioso um segundo a mais.

– E peça ao sr. Honey para levar um pé de cabra, sr. Wilson.

– Sim, senhor.

Crozier se coloca de lado, apertado entre dois barris para deixar o homem maior subir a escada para o convés inferior. O capitão sabe que poderia estar acordando seu carpinteiro por nada – obrigando o homem ao trabalho de enfiar as roupas de frio antes de a luz se apagar sem um bom motivo –, mas tem um palpite, e prefere perturbar o homem agora que mais tarde.

Depois que Wilson passou seu corpo pela escotilha superior, o capitão Crozier levanta a escotilha inferior e desce para o porão.

Como todo o espaço está abaixo do nível do gelo exterior, o porão é quase tão frio quanto o mundo desconhecido além do casco. É mais escuro, sem aurora, estrelas ou luz para aliviar o negror sempre presente. O ar é denso de pó e fumaça de carvão – Crozier vê as partículas negras rodopiando ao redor de sua lanterna sibilante como a garra de um demônio – e fede a esgoto e umidade. Um barulho raspado, escorregadio, corrido vem da escuridão da popa, mas Crozier sabe que é apenas o carvão sendo jogado com pás na sala da caldeira. Apenas o calor residual daquela caldeira impede que os quase oito centímetros de água imunda sacudindo ao pé da escada se transformem em gelo. À frente, onde a proa mergulha mais fundo no gelo, há quase trinta centímetros de água gelada, apesar dos homens trabalhando nas bombas mais de seis horas por dia. O *Terror*, como qualquer criatura viva, respira umidade por uma série de funções vitais, incluindo o forno sempre em operação do sr. Diggle, e embora o convés inferior esteja sempre úmido e com bordas de gelo, e o último convés, congelado, o porão é uma masmorra com gelo pendurado de cada viga e água derretida fazendo marola acima dos tornozelos. Os lados retos dos 21 tanques de ferro de água que ocupam as laterais do casco aumentam o frio. Cheios de 28 toneladas de água potável quando a expedição

partiu, os tanques agora são icebergs blindados, e tocar no ferro é perder parte da pele.

Magnus Manson está esperando na base da escada como o soldado Wilkes dissera, mas o enorme marinheiro saudável está de pé, não sentado com o traseiro na escada. A cabeça e os ombros do grande homem estão encolhidos abaixo das vigas baixas. Seu rosto pálido e irregular com penugem nos maxilares lembra a Crozier uma batata-inglesa descascada, podre e recheada sob um gorro galês. Ele não olha nos olhos do capitão sob o brilho duro da lanterna.

– Qual o problema, Manson? – pergunta Crozier, sem o rosnado que ele usara com o vigia e tenente. Seu tom é uniforme, calmo, seguro, com o poder de açoite e enforcamento atrás de cada sílaba.

– São os fantasmas, capitão.

Para um homem enorme, Magnus Manson tem a voz aguda e suave de uma criança. Quando o *Terror* e o *Erebus* pararam em Disko Bay, no litoral da Groelândia em julho de 1845, o capitão sir John Franklin achou adequado dispensar dois homens da expedição – um soldado dos fuzileiros e um construtor de velas do *Terror*. Crozier recomendara que o marinheiro John Brown e o soldado Aitken de seu navio também fossem dispensados – eles eram pouco mais que inválidos, e nunca deveriam ter se incorporado a uma viagem daquelas –, mas desde então ele eventualmente desejou ter mandado Manson para casa com os quatro. Se o homem grande não era retardado, chegava tão perto que era impossível dizer qual a diferença.

– Você sabe que não há fantasmas no *Terror*, Manson.

– Sim, capitão.

– *Olhe* para mim.

Manson ergue o rosto, mas não encara Crozier. O capitão fica impressionado com como são pequenos os olhos claros do homem naquele rosto irregular.

– Você desobedeceu às ordens do sr. Thompson de carregar sacos de carvão para a sala da caldeira, marinheiro Manson?

– Não, senhor. Sim, senhor.

– Sabe as consequências de desobedecer a qualquer ordem neste navio? – perguntou Crozier, se sentindo como se falasse a um menino, embora Manson devesse ter pelo menos 30 anos de idade.

O rosto do grande marinheiro se iluminou ao receber uma pergunta a que pôde responder corretamente.

– Ah, sim, capitão. Chicoteamento, senhor. Vinte açoites. Cem açoites caso eu desobedeça mais de uma vez. Enforcamento caso desobedeça a um oficial de verdade em vez de apenas ao sr. Thompson.

– Isso mesmo – diz Crozier. – Mas você sabe que o capitão também pode infligir qualquer punição que considere adequada à transgressão?

Manson baixa os olhos para ele, os olhos claros confusos. Ele não entendeu a pergunta.

– Estou dizendo que posso puni-lo do modo como achar melhor, marinheiro Manson – diz o capitão.

Uma onda de alívio passa por seu rosto irregular.

– Ah, sim, certo, capitão.

– Em vez de vinte chicotadas, eu poderia trancá-lo na Sala dos Mortos por vinte horas sem luz – diz Francis Crozier.

Os traços já pálidos e congelados de Manson perdem tanto sangue que Crozier se prepara para sair do caminho caso o grande homem desmaie.

– O senhor... não... – diz ele, sua voz de criança-homem ganhando um vibrato.

Crozier não diz nada por um longo tempo frio, a lanterna sibilando. Deixa que o marinheiro leia sua expressão. Finalmente diz:

– O que você acha que ouve, Manson? Alguém tem lhe contado histórias de fantasmas?

Manson abre a boca, mas parece ter dificuldade em decidir a qual pergunta responder primeiro. Gelo se forma em seu lábio inferior gordo.

– Walker – diz finalmente.

– Está com medo de Walker?

James Walker, um amigo de Manson que tinha mais ou menos a mesma idade do idiota e não muito mais inteligência, foi o último homem a morrer no gelo, apenas uma semana antes. As regras do navio exigiam que a tripulação

mantivesse pequenos furos abertos no gelo perto do navio, mesmo quando o gelo tinha três metros ou quatro metros e meio de espessura como naquele momento, de modo a que pudessem pegar água para combater um incêndio que começasse a bordo. Walker e dois de seus colegas estavam em um desses grupos de perfuração no escuro, reabrindo um velho buraco que congelaria em menos de uma hora se não fosse forçado com varas de metal. O terror branco viera por trás de uma crista de pressão, arrancara o braço do marinheiro e fizera suas costelas em pedaços em um instante, desaparecendo antes que os guardas armados conseguissem erguer as escopetas.

– Walker lhe contou histórias de fantasmas? – perguntou Crozier.

– Sim, capitão. Não, capitão. O que Jimmy fez foi me contar na noite antes de a *coisa* matá-lo. Ele disse: “Magnus, se aquela coisa infernal no gelo um dia me pegar, voltarei em meu sudário branco para sussurrar no seu ouvido como o inferno é frio.” Então que Deus me ajude, capitão, foi isso o que Jimmy me disse. E agora eu o ouço tentando escapar.

Como se aproveitando a deixa, o casco rosna, o convés gelado geme sob seus pés, parafusos de metal nas vigas gemem de volta, simpáticos, e há um barulho de patas raspando no escuro ao redor deles que parece percorrer todo o comprimento do navio. O gelo está inquieto.

– Esse é o som que você ouve, Manson?

– Sim, capitão. Não, senhor.

A Sala dos Mortos fica nove metros para a popa a estibordo, pouco depois do último tanque de água de ferro gemendo, mas quando o gelo do lado de fora para de fazer barulho, Crozier só consegue ouvir as raspadas e os empurrões abafados das pás na sala da caldeira mais ao fundo.

Crozier se cansou daquele absurdo.

– Você sabe que seu amigo não irá voltar, Magnus. Ele está lá dentro do depósito de velas extras, firmemente costurado em sua própria rede com os outros homens mortos, congelados, com três camadas de nossas velas de lona mais pesadas ao redor deles. Se você ouve alguma coisa vindo de lá são os malditos ratos tentando chegar a eles. Você *sabe* disso, Magnus Manson.

– Sim, capitão.

– Não haverá ordens desobedecidas neste navio, marinheiro Manson. Precisa entender isso agora. Carregue o carvão quando o sr. Thompson mandar. Pegue os víveres quando o sr. Diggle o mandar aqui para baixo. Obedeça a todas as ordens imediata e educadamente. Ou enfrente o tribunal... enfrente *a mim*... e a possibilidade de passar uma noite fria e sem lanterna na Sala dos Mortos você mesmo.

Sem outra palavra, Manson bate na testa em continência, ergue um enorme saco de carvão de onde o deixara na escada e o carrega para a escuridão da popa.



O próprio engenheiro se reduziu à camiseta interna de mangas compridas e às calças de cotelê, jogando carvão com a pá junto com o velho foguista de 47 anos chamado Bill Johnson. O outro foguista, Luke Smith, está no convés inferior dormindo entre seus turnos. O principal foguista do *Terror*, o jovem John Torrington, foi o primeiro homem da expedição a morrer, no dia de Ano-Novo de 1846. Mas de causas naturais. Aparentemente o médico de Torrington aconselhara o jovem de 19 anos a ir para o mar curar sua consumpção, e ele sucumbira após dois meses como inválido enquanto os navios estavam congelados no porto da ilha Beechey naquele primeiro inverno. Os médicos Peddie e McDonald haviam dito a Crozier que os pulmões do garoto estavam tão cheios de pó de carvão quanto os bolsos de um limpador de chaminés.

– Obrigado, capitão – diz o jovem engenheiro entre pazadas. O marinheiro Manson acabara de largar um segundo saco de carvão e fora pegar um terceiro.

– De nada, sr. Thompson – diz Crozier, olhando de relance para o foguista Johnson. O homem é quatro anos mais jovem que o capitão, mas parece trinta anos mais velho. Cada sulco e cada ruga em seu rosto moldado pela idade são traçados em gordura e carvão. Mesmo suas gengivas desdentadas estão cinza de fuligem. Crozier não quer censurar seu engenheiro e, portanto, oficial, mesmo que civil, na frente do foguista, mas diz: – Imagino que possamos deixar de

usar fuzileiros como mensageiros caso tal situação se repita no futuro, o que eu duvido muito.

Thompson anui, usa a pá para bater a grade de ferro da fornalha, se apoia na ferramenta e manda Johnson subir para pegar algum café para ele com o sr. Diggle. Crozier fica feliz pelo foguista partir, mas ainda mais alegre pela portinhola estar fechada; o calor ali o deixa nauseado depois do frio em todos os outros lugares.

O capitão fica pensando no destino de seu engenheiro. O suboficial James Thompson, engenheiro de primeira classe, formado na fábrica de vapores da Marinha em Woolwich – melhor instituição de formação para a nova raça de engenheiros de propulsão a vapor –, está ali reduzido à sua camisa imunda, jogando carvão como um foguista comum em um navio preso no gelo que não se moveu dois centímetros por força própria em mais de um ano.

– Sr. Thompson – diz Crozier. – Lamento não ter tido oportunidade de conversar com o senhor desde que foi até o *Erebus*. Teve oportunidade de debater com o sr. Gregory?

John Gregory é o engenheiro a bordo da nau capitânia.

– Sim, capitão. O sr. Gregory está convencido de que com o início do inverno de verdade nunca serão capazes de chegar ao eixo danificado. Mesmo se *fossem* capazes de abrir um túnel no gelo para substituir a última hélice pela que improvisaram, com o eixo de reserva tão empenado quanto está, o *Erebus* não irá a parte alguma a vapor.

Crozier anui. O *Erebus* empenou seu segundo eixo quando se lançava desesperadamente sobre o gelo mais de um ano antes. A capitânia – mais pesada, com um motor mais poderoso – abriu caminho pela banquisa naquele verão, criando canais para os dois navios. Mas o último gelo que encontraram antes de congelar pelos 13 meses anteriores era mais duro do que o ferro em hélice e eixo experimentais. Naquele verão, mergulhadores – todos os quais sofreram queimaduras de gelo e quase morreram – confirmaram que não apenas a hélice havia sido partida, mas que o próprio eixo estava empenado e quebrado.

– Carvão? – pergunta o capitão.

– O *Erebus* tem o suficiente para... talvez... quatro meses de aquecimento no gelo, com apenas uma hora de circulação de água quente pelo convés inferior por dia, capitão. Nada para se movimentar no próximo verão.

Se estivermos livres no próximo verão, pensa Crozier. Depois daquele último verão, quando o gelo nunca diminuiu um só dia, ele se tornou pessimista. Franklin usara o suprimento de carvão do *Erebus* a uma taxa prodigiosa naquelas últimas semanas de liberdade no verão de 1846, certo de que, se conseguisse atravessar aqueles últimos poucos quilômetros de banquisa, a expedição chegaria às águas abertas da Passagem Noroeste ao longo do litoral norte do Canadá, e eles estariam tomando chá na China no final do outono.

– E quanto ao *nosso* uso de carvão? – pergunta Crozier.

– Talvez suficiente para seis meses de aquecimento – diz Thompson. – Mas apenas se reduzirmos de duas horas por dia para um. E recomendo fazer isso logo, não depois de 1º de novembro.

Menos de duas semanas depois.

– E impulso a vapor? – pergunta Crozier.

Se o gelo diminuir no próximo verão Crozier planeja colocar todos os sobreviventes do *Erebus* a bordo do *Terror* e fazer um esforço para se retirar por onde haviam chegado – subindo o estreito sem nome entre a península de Boothia e a ilha Príncipe de Gales, descendo por onde haviam corrido dois verões antes, passando por Ponto Walker e o estreito de Barrow e saindo pelo estreito de Lancaster como uma rolha de uma garrafa, e se apressando rumo sul para a baía de Baffin com todas as velas desfraldadas e o último carvão sendo queimado, seguindo em fumaça e estopa, queimando vergas extras e móveis caso seja necessário para produzir o resto de vapor, qualquer coisa para colocá-los em mar aberto em frente à Groelândia onde baleeiros poderiam encontrá-los.

Mas ele também precisará de vapor para seguir rumo norte pelo gelo que desce para o sul até o estreito de Lancaster, mesmo que o milagre aconteça e eles sejam libertados do gelo ali. Crozier e James Ross uma vez tiraram *Terror* e *Erebus* do gelo do Polo Sul, mas estavam viajando *com* as correntes e icebergs. Ali, no maldito Ártico, os navios precisam velejar semanas *contra* o fluxo de

gelo que vem do polo apenas para chegar aos estreitos por onde podem escapar.

Thompson dá de ombros. O homem parece exausto.

– Se cortarmos o aquecimento no Ano-Novo e de algum modo sobrevivermos até o próximo verão, poderemos conseguir... seis dias de vapor sem gelo? Cinco?

Crozier novamente apenas anuiu. Era quase certamente uma sentença de morte para seu navio, mas não necessariamente para os homens dos dois navios.

Há um som no corredor escuro.

– Obrigado, sr. Thompson – diz o capitão, erguendo sua lanterna do gancho de ferro, deixando a claridade da sala da caldeira e avançando por entre água e escuridão.

Thomas Honey está esperando no corredor, sua lanterna de vela tremeluzindo no ar ruim. Segura o pé de cabra de ferro diante de si como um mosquete, preso em luvas grossas, e não abriu a porta trancada da Sala dos Mortos.

– Obrigado por vir, sr. Honey – diz Crozier ao carpinteiro.

Sem explicar, o capitão abre a tranca e entra no depósito gelado.

Crozier não consegue resistir a erguer a lanterna na direção da antepara de popa onde os corpos dos seis homens foram guardados em sua mortalha comum de lona.

A pilha se move. Crozier esperara isso – esperara ver o movimento de ratos sob a lona –, mas se dá conta de que está olhando também para uma massa sólida de ratos *sobre* a lona-mortalha. Há um cubo sólido de ratos, se estendendo mais de um metro e vinte acima do convés, com centenas deles brigando por posição para chegar aos homens mortos congelados. Os guinchos são muito altos ali. Há mais ratos no chão, correndo entre suas pernas e as do carpinteiro. *Correndo para o banquete*, pensa Crozier. E não demonstrando nenhum medo da luz da lanterna.

Crozier vira a lanterna para o casco, sobe a leve ladeira causada pela inclinação do navio para bombordo e começa a andar ao longo da parede curva inclinada.

Ali.

Ele aproxima a lanterna.

– Bem, que eu seja condenado ao inferno e enforcado como pagão – diz Honey. – Perdoe-me capitão, mas não achei que o gelo fosse fazer isso tão rápido.

Crozier não responde. Ele se agacha para investigar a madeira forçada e estendida do casco mais de perto.

Tábuas do casco foram curvadas para dentro ali, se projetando quase trinta centímetros da curva graciosa do resto da lateral do casco. As camadas internas de madeira se partiram e pelo menos duas tábuas pendiam soltas.

– Jesus Deus Cristo Todo-Poderoso – diz o carpinteiro, que estava agachado junto ao capitão. – Esse gelo é um monstro do cacete, com o perdão do capitão, senhor.

– Sr. Honey, algo além do gelo poderia ter causado esse dano? – pergunta Crozier, seu hálito adicionando cristais ao gelo que já cobre as tábuas e reflete a luz da lanterna.

O carpinteiro dá uma risada, mas para abruptamente ao se dar conta de que o capitão não está brincando. Ele arregala os olhos, depois os aperta.

– Pedindo novamente seu perdão, capitão, mas se quer dizer... isso é impossível.

Crozier não diz nada.

– Quero dizer, este casco tinha sete centímetros e meio do melhor carvalho inglês, senhor. E para esta viagem, quero dizer, para o gelo, senhor, foi duplicado com duas camadas de carvalho africano, capitão, cada uma com quase quatro centímetros de espessura. E os painéis de carvalho africano foram colocados na diagonal, senhor, dando a eles ainda mais resistência do que se fossem simplesmente colocados retos.

Crozier está inspecionando as tábuas soltas, tentando ignorar o rio de ratos atrás e ao redor deles e também os sons de mastigação vindo da antepara de popa.

– E, senhor – continua Honey, a voz rouca no frio, o hálito cheirando a rum congelando no ar –, além dos sete centímetros e meio de carvalho inglês e dos outros de carvalho africano em diagonal, colocaram duas camadas de olmo

canadense, cada uma com cinco centímetros. São mais dez centímetros de casco, capitão, e colocado na diagonal sobre o carvalho africano. Isso dá cinco camadas de madeira boa, senhor... 25 centímetros da madeira mais resistente da Terra entre nós e o mar.

O carpinteiro cala a boca, se dando conta de que está dando lições ao seu capitão sobre detalhes do trabalho de estaleiro que Crozier supervisionara pessoalmente nos meses antes da partida.

O capitão se levanta e coloca a mão enluvada sobre as tábuas de dentro no ponto onde se soltaram. Quase três centímetros de espaço ali.

– Baixe sua lanterna, sr. Honey. Use o pé de cabra para soltar isto. Quero ver o que o gelo fez à camada externa do carvalho do casco.

O carpinteiro obedece. Durante vários minutos o som da barra de ferro arrancando madeira gelada e os grunhidos do carpinteiro quase afogam o mastigar frenético dos ratos atrás deles. O olmo canadense torcido se parte e cai. O carvalho africano partido é arrancado. Apenas o carvalho original do casco, forçado para dentro, permanece enquanto Crozier se aproxima, segurando a lanterna para que os dois homens possam ver.

Cacos e pedaços de gelo refletem a luz da lanterna através dos buracos de trinta centímetros no casco, mas no centro há algo muito mais perturbador – escuridão. Nada. Um buraco no gelo. Um túnel. Honey torce um pedaço do carvalho partido mais para dentro para que Crozier possa lançar a luz da lanterna sobre ele.

– Santa porra de Jesus Cristo porra merda todo-poderoso – gagueja o carpinteiro. Dessa vez não pede o perdão do capitão.

Crozier sente a tentação de lambe os lábios secos, mas sabe como isso seria doloroso ali, no escuro, 45 graus abaixo de zero. Mas seu coração bate tão forte que ele também sente a tentação de se apoiar com uma das luvas no casco para se equilibrar, como o carpinteiro acabou de fazer.

O ar gelado sopra de fora com tanta rapidez que quase apaga a lanterna. Crozier tem de protegê-la com a mão livre para que continue a tremeluzir, fazendo as sombras dos homens dançar sobre convés, vigas e anteparas.

As duas tábuas compridas do casco exterior foram esmagadas e empurradas para dentro por alguma força inconcebível, irresistível. Claramente visíveis à

luz da lanterna que treme levemente, há enormes marcas de garras no carvalho estilhaçado – marcas de garras sujas com manchas congeladas de um sangue absurdamente brilhante.

4

GOODSIR

*Lat. 75° - 12' N., Long. 61° - 6' W.
Baía de Baffin, julho de 1845*

Do diário particular do dr. Harry D. S. Goodsir:

11 de abril de 1845

Em uma carta ao meu irmão hoje eu escrevi: “Todos os oficiais têm grande esperança de fazer a passagem, e esperam estar no Pacífico no final do próximo verão.”

Confesso que, por mais Egoísta que seja, minha própria esperança para a Expedição é que demorem um pouco mais para chegar ao Alasca, à Rússia, à China e às águas quentes do Pacífico. Embora formado como anatomista e contratado pelo capitão sir John Franklin como mero cirurgião assistente, eu, na Verdade, não sou um mero cirurgião, mas um Médico, e confesso ainda mais que, por mais amadoras que possam ser minhas tentativas, espero me tornar uma espécie de Naturalista nesta viagem. Embora não tenha Experiência pessoal com flora e fauna árticas, planejo conhecer pessoalmente as formas de vida nos Reinos Gelados para os quais zarparemos em apenas um mês. Estou especialmente interessado no urso-polar, embora a maioria dos relatos dele que se ouve de baleeiros e velhos Trabalhadores Árticos tendam a ser fabulosos demais para merecer crédito.

Reconheço que esse Diário pessoal é basicamente fora do comum – o Diário Oficial que deverei começar quando partirmos mês que vem irá registrar todos os acontecimentos profissionais e as observações pertinentes de meu tempo a bordo do

HMS Erebus em minha posição como Cirurgião Assistente e como membro da expedição do capitão sir John Franklin para forçar a Passagem Noroeste – mas sinto que algo Mais deve ser feito, algum outro registro, um relato mais pessoal, e mesmo que eu nunca deixe outra alma ler isto após meu Retorno, é meu Dever – para comigo, pelo menos – manter estas anotações. Tudo que sei neste ponto é que minha Expedição com o capitão sir John Franklin promete ser a Experiência de uma Vida.

Domingo, 18 de maio de 1845

Todos os homens estão a bordo, e embora alguns Preparativos de última hora ainda estejam sendo feitos em tempo integral para a Partida de amanhã – especialmente com a estocagem do que o capitão Fitzjames me informa ser oito mil latas de comida que chegaram apenas em cima da hora – sir John comandou a Cerimônia Religiosa hoje para nós a bordo do Erebus e para todos da tripulação do Terror que desejaram participar. Notei que o capitão do Terror, um irlandês chamado Crozier, não esteve presente.

Ninguém poderia ter acompanhado a longa cerimônia e ouvido o sermão muito longo de sir John hoje sem ficar profundamente comovido. Fico pensando em se algum Navio da Marinha de algum país já foi capitaneado por um Homem tão Religioso. Não há dúvida de que estamos verdadeira, segura e irrevogavelmente nas Mãos de Deus na viagem que se inicia.

19 de maio de 1845

Que Partida!

Nunca tendo ido ao mar antes, muito menos como membro de uma Expedição tão Aclamada, não tinha Ideia do que Esperar, mas Nada poderia ter me preparado para a glória deste Dia.

O capitão Fitzjames estima que mais de dez mil entusiastas e Pessoas Importantes tomaram as docas de Greenhithe para nos ver zarpar.

Discursos soaram até que eu pensei que nunca seríamos autorizados a zarpar com a Luz do dia ainda tomando o Céu de Verão. Bandas tocaram. Lady Jane – que estava a bordo com sir John – desceu a prancha de embarque ao som de uma série de Hurras! de sessenta e tantos de nós do Erebus. Bandas tocaram novamente.

Então começaram os aplausos enquanto todas as cordas eram lançadas e por vários minutos o barulho foi tão ensurdecedor que não teria escutado uma ordem mesmo se o próprio sir John a gritasse em meu ouvido.

Noite passada o tenente Gore e o Cirurgião-Chefe Stanley foram Gêntis o bastante de me informar que é hábito durante a viagem os oficiais não Demonstrarem Emoção, então embora apenas tecnicamente um oficial, fiquei com os oficiais enfileirados em seus belos paletós azuis e tentei conter qualquer Demonstração de emoção, por mais masculina que fosse.

Éramos os únicos a fazer isso. Os marinheiros gritavam, acenavam lenços e se penduravam nas cordas, e pude ver muitas Rameiras endurecidas do porto dando adeus a eles. Mesmo o capitão sir John Franklin agitou um brilhante lenço vermelho e verde para lady Jane, sua filha Eleanor e a sobrinha Sophia Cracroft, que acenaram de volta até que a visão do cais foi bloqueada pelo Terror que nos seguia.

Estamos sendo puxados por rebocadores a vapor e somos acompanhados nesta perna da viagem pelo HMS Rattler, uma poderosa nova fragata a vapor, e também um cargueiro alugado levando nossas provisões, o Baretto Junior.

Pouco antes do Erebus ser afastado do cais, uma Pomba pousou no alto do mastro principal. A filha do primeiro casamento de sir John, Eleanor – então bem visível em seu vestido de seda verde brilhante e guarda-sol esmeralda –, gritou, mas não pôde ser ouvida acima dos Aplausos e das Bandas. Ela então apontou, e sir John e muitos dos Oficiais ergueram os olhos, sorriram e então indicaram a Pomba para os outros a bordo.

Combinado com as Palavras ditas na Cerimônia Religiosa de ontem, isso, tenho de supor, é o Melhor Augúrio Possível.

4 de julho de 1845

Que terrível a Travessia do Atlântico Norte até a Groelândia.

Durante trinta dias tempestuosos, mesmo sendo rebocado, o navio foi sacudido, balançado e virado, suas Escotilhas de canhão lacradas de cada lado menos de um metro e vinte acima da água nas quedas, algumas vezes mal Avançando. Passei terrivelmente enjoado Vinte e oito dos últimos Trinta dias. O tenente Le Vesconte me diz que nunca fizemos mais de cinco nós, o que – ele me garante – é um tempo

Terrível para qualquer navio simplesmente usando Velas, quanto mais para tal Milagre da Tecnologia como o Erebus e nossa embarcação companheira, o Terror, ambas capazes de avançar a vapor sob o Ímpeto de suas Hélices invencíveis.

Há três dias contornamos o cabo Farewell, extremidade sul da Groelândia, e confesso que as visões deste Enorme Continente, com seus penhascos rochosos e geleiras intermináveis chegando diretamente ao Mar, pesaram tanto em minha Disposição quanto os saltos e inclinações pesaram em meu Estômago.

Bom Deus, este é um lugar estéril e frio! E isto em julho.

Mas nosso moral está Alto, e todos a bordo confiam na Habilidade e na Boa Avaliação de sir John. Ontem o tenente Fairholme, mais jovem de nossos tenentes, me disse em Confiança: “Nunca senti que o capitão fosse tão meu companheiro no caso dos outros com os quais naveguei.”

Hoje paramos na estação baleeira dinamarquesa aqui na baía Disko. Toneladas de suprimentos estão sendo transportadas do Baretto Junior, e dez bois vivos transportados por aquele navio foram abatidos esta tarde. Todos os homens dos dois navios da Expedição se banquetearão de carne fresca esta noite.

Quatro homens foram dispensados da Expedição hoje – atendendo o pedido dos quatro cirurgiões, entre os quais me incluo – e irão retornar à Inglaterra com o rebocador e o navio de transporte. Entre eles estão um homem do Erebus, certo Thomas Burt, o armeiro do navio, e três do Terror, um soldado fuzileiro chamado Aitken, um marinheiro chamado John Brown e o principal fabricante de velas do Terror, James Elliott. Isso reduz nossa equipe total a 129 homens nas duas embarcações.

Peixe seco dos dinamarqueses e uma nuvem de Pó de Carvão paira sobre tudo nesta tarde – centenas de sacos de carvão foram transferidas do Baretto Junior hoje –, e os marinheiros a bordo do Erebus estão ocupados com as pedras de laterais lisas que chamam de Pedras Sagradas, esfregando e reesfregando o convés enquanto os Oficiais dão gritos de estímulo. Apesar do trabalho adicional, Todos os Tripulantes estão com Boa Disposição por causa da promessa do Banquete desta Noite e rações extras de Grogue.

Além dos quatro homens levados para casa, sir John irá enviar as listas de chamada de junho, despachos oficiais e todas as cartas pessoais com o Baretto Junior. Todos estarão ocupados escrevendo nos próximos dias.

Depois desta semana, a próxima carta a chegar a nossos entes queridos será postada da Rússia ou China!

12 de julho de 1845

Outra partida, desta vez talvez a última antes da Passagem Noroeste. Esta manhã soltamos nossas amarras e zarpamos rumo oeste da Groelândia, enquanto a tripulação do Baretto Junior nos dava três Hurras! sinceros e acenava com os quepes. Certamente esses serão os últimos Homens Brancos que veremos até chegar ao Alasca.

26 de julho de 1845

Duas baleeiras – Prince of Wales e Enterprise – ancoraram perto de onde atracamos em uma Montanha de Gelo flutuante. Desfrutei de muitas horas conversando com os capitães e tripulantes sobre ursos-brancos.

Também senti o marcante terror – se não Prazer – de escalar aquele enorme iceberg esta manhã. Os marinheiros subiram ontem cedo, abrindo degraus no gelo vertical com seus machados e depois fncando linhas fixas para os menos ágeis. Sir John ordenou que um Observatório fosse instalado no alto do iceberg gigante, que se eleva mais de duas vezes mais alto que nosso Mastro mais Alto, e enquanto o tenente Gore e alguns dos oficiais do Terror fazem medições atmosféricas e astronômicas lá em cima – eles ergueram uma barraca para aqueles que passarão a noite no alto da Íngreme Montanha de Gelo –, nossos Mestres do Gelo da expedição, o sr. Reid do Erebus e o sr. Blanky do Terror, passam as horas com luz do dia olhando para oeste e norte por seus telescópios de latão, procurando, fui informado, o caminho mais provável através do mar de gelo quase sólido já formado ali. Edward Couch, nosso Imediato muito Confiável e loquaz, me diz que é muito tarde na Estação Ártica para que navios estejam buscando qualquer passagem, quanto mais a Fabulosa Passagem Noroeste.

A visão de Erebus e Terror atracados no iceberg abaixo de nós, um labirinto de cordas – que eu devo me lembrar de chamar de “cabos” agora que sou um velho lobo do mar – prendendo os dois navios firmemente à Montanha de Gelo, os cestos da gávea mais altos dos dois navios abaixo de meu posto precário e gelado tão

acima de tudo, criou uma espécie de Vertigem nauseada e excitante dentro de mim.

Foi empolgante ficar de pé aquelas dezenas de metros acima do mar. O cume do iceberg era quase do tamanho de um campo de críquete, e a barraca com nosso Observatório Meteorológico parecia bastante incongruente no gelo azul – mas minha esperança de alguns poucos momentos de Meditação Silenciosa foram destruídos pelos constantes Disparos de Escopeta enquanto os homens por todo o cume de nossa Montanha de Gelo atiravam em pássaros – andorinhas-do-mar árticas, me foi dito – às centenas. Aquelas pilhas e mais pilhas de pássaros recém-abatidos devem ser salgados e guardados, embora Só o Céu Saiba onde esses barris adicionais serão Estocados, já que os dois navios já estão Gemendo e afundando sob o peso de todos os Suprimentos.

O dr. McDonald, cirurgião assistente a bordo do HMS Terror – meu equivalente lá –, tem teorias de que comida muito salgada não é tão eficiente e boa contra o escorbuto quanto Mantimentos frescos ou não salgados, e como os marinheiros regulares a bordo dos dois navios preferem Porco Salgado a todas as outras refeições, o dr. McDonald se preocupa que os pássaros muito salgados serão de pouca valia para nossas Defesas contra o Escorbuto. Contudo, Stephen Stanley, nosso cirurgião a bordo do Erebus, descarta essas preocupações. Ele destaca que, além das 10 mil caixas de carnes cozidas em conserva a bordo do Erebus, apenas nossas rações enlatadas incluem carneiro cozido e grelhado, vitela, todos os tipos de legumes, incluindo batatas, cenouras, nabos e vegetais misturados, grande variedade de sopas e 4.286 quilos de chocolate. Um peso quase igual – 4.218 quilos – de suco de limão também foi trazido como nossa principal medida contra o escorbuto. Stanley me informa que mesmo quando o suco é adoçado com doses liberais de açúcar, os homens comuns odeiam sua ração diária, e que uma de nossas Principais Obrigações como cirurgiões da Expedição é garantir que eles engulam a coisa.

Foi interessante para mim que quase toda caçada pelos oficiais e tripulantes dos nossos dois navios seja feita quase exclusivamente com Escopetas. O tenente Gore me garante que cada navio leva um arsenal completo de mosquetes. Claro que só faz sentido usar Escopetas para caçar pássaros como aqueles mortos às centenas hoje, mas mesmo antes em Disko Bay, quando pequenos grupos foram caçar Renas e

Raposas do Ártico, os homens – mesmo os fuzileiros obviamente treinados no uso de Mosquetes – preferiam levar Escopetas. Isso, claro, deve ser fruto de Hábito tanto quanto de Preferência – os oficiais tendem a ser Cavalheiros ingleses que nunca usaram mosquetes ou Rifles em suas caçadas, e a não ser pelo uso de armas de tiro único em Combate Naval a Curta Distância, mesmo os fuzileiros usaram Escopetas quase exclusivamente em sua experiência passada de caça.

Serão Escopetas suficientes para abater o Grande Urso-Branco? Ainda não vimos uma dessas criaturas Espantosas, embora todo Oficial e Tripulante Experiente me garanta que iremos encontrá-los assim que chegarmos às Banquias, e caso contrário, quando Invernarmos – caso sejamos obrigados a isso. Certamente as histórias que os baleeiros aqui me contam dos esquivos Ursos-Branco são Maravilhosas e Aterradoras.

Enquanto escrevo estas palavras sou informado de que a corrente, o vento ou talvez as necessidades da própria caça à baleia levaram as duas baleeiras, Prince of Wales e Enterprise, para longe de nós aqui na nossa Montanha de Gelo. O capitão sir John não irá jantar com um dos capitães das baleeiras – capitão Martin da Enterprise, creio – como planejara para esta noite.

Talvez mais Pertinente, o imediato Robert Sergeant acabou de me informar que nossos homens estão baixando os instrumentos astronômicos e meteorológicos, desmontando a barraca e enrolando as centenas de metros de corda fixada – cabo – que permitiram minha Ascensão ontem.

Evidentemente os Mestres do Gelo, o capitão sir John, o comandante Fitzjames, o capitão Crozier e os outros oficiais determinaram nosso Caminho mais Promissor em meio à banquisa em mutação.

Iremos nos desligar de nosso pequeno Lar no Iceberg em minutos, singrando rumo Noroeste enquanto o Crepúsculo Ártico aparentemente interminável permitir.

Deveremos estar além do alcance mesmo dos Intrépidos Baleeiros a partir deste ponto. No que diz respeito ao Mundo Além de nossa intrépida Expedição, como Hamlet disse: O resto é silêncio.

CROZIER

Lat. 70° - 05' N., Long. 98° - 23' W.

9 de novembro de 1847

Crozier está sonhando com o piquenique no lago do Ornitorrinco e Sofia o acariciando sob a água quando ouve o som de um tiro e desperta rudemente.

Senta em seu catre não sabendo a hora, não sabendo se é dia ou noite, embora não haja mais uma linha entre dia e noite já que o sol desapareceu neste exato dia e não reaparecerá antes de fevereiro. Mas mesmo antes de acender a pequena lanterna em sua cama para verificar o relógio ele sabe que é *tarde*. O navio está o mais silencioso possível; silencioso a não ser pelo rangido de madeira torturada e metal congelado do lado de dentro; silencioso a não ser pelos roncões, os murmúrios e os peidos dos homens adormecidos e os xingamentos do sr. Diggle, o cozinheiro; silencioso a não ser pelo incessante resmungo, batida, estalo e elevação do gelo do lado de fora; e, somado a essas exceções ao silêncio da noite, silencioso a não ser pelo guincho de demônio de um vento forte.

Mas não é som de gelo ou vento que desperta Crozier. É um tiro. De escopeta – abafado pelas camadas de tábuas de carvalho e neve e gelo acumulados, mas sem dúvida um disparo de escopeta.

Crozier dormia vestindo a maior parte das roupas, e agora colocou a maioria das outras camadas e está pronto para os trajes de frio quando Thomas Jopson, seu camareiro, bate na porta com a característica batida tripla. O capitão a desliza para abrir.

– Problemas no convés, senhor.

Crozier anui.

– Quem está de sentinela hoje, Thomas?

Seu relógio de bolso lhe diz que são quase três horas da manhã, hora civil. Sua memória da escala de vigia do mês e do dia dá a ele os nomes um instante antes de Jopson falar em voz alta.

– Billy Strong e o soldado Heather, senhor.

Crozier anui novamente, pega uma pistola no armário, verifica a espoleta, coloca no cinto e se esgueira pelo camareiro, passa pelo cubículo de jantar dos oficiais vizinho à minúscula cabine do capitão a estibordo e avança rapidamente, passando por outra porta para a escada principal. O convés inferior está em grande medida escuro àquela hora – o brilho ao redor do fogão do sr. Diggle sendo a maior exceção –, mas lâmpadas estão sendo acesas em vários dos aposentos de oficiais, imediatos e camareiros enquanto Crozier para ao pé da escada para tirar os trajes pesados do gancho e se enfiar neles.

Portas são deslizadas. O imediato Hornby vai para a popa e fica ao lado de Crozier na escada. O primeiro-tenente Little avança apressadamente pela passagem, levando três mosquetes e um sabre. É seguido pelos tenentes Hodgson e Irving, que também carregam armas.

Além da escada, marinheiros resmungam no fundo de suas redes, mas um segundo imediato já está formando um grupo de trabalho – literalmente derrubando homens adormecidos de suas redes e os empurrando para suas roupas e as armas que os aguardam.

– Alguém já subiu para conferir o tiro? – Crozier pergunta ao imediato.

– O sr. Male ficou com a obrigação, senhor – diz Hornby. – Subiu logo após mandar seu camareiro buscá-lo.

Reuben Male é capitão do castelo de proa. Um homem equilibrado. Billy Strong, o marinheiro de sentinela lá já estivera antes no mar, Crozier sabe, no HMS *Belvidera*. Não teria atirado em fantasmas. O outro homem de sentinela era o mais velho – e na avaliação de Crozier o mais idiota – dos fuzileiros sobreviventes, William Heather. Com 35 anos de idade e ainda soldado, frequentemente doente, demasiadamente bêbado e com maior frequência inútil, Heather quase fora mandado para casa da ilha Disko dois anos antes

quando seu melhor amigo Billy Aitken foi dispensado e mandado de volta no HMS *Rattler*.

Crozier desliza a pistola para o bolso exagerado de seu pesado casaco de lã, aceita uma lanterna de Jopson, enrola um cachecol no rosto e lidera o grupo na subida da escada inclinada.



Crozier vê que lá fora está tão preto quanto o interior da barriga de uma enguia, sem estrelas, sem aurora, sem lua, e *frio*; a temperatura no convés era de 52 graus Celsius abaixo de zero seis horas mais cedo, quando o jovem Irving fizera a medição, e agora um vento forte uiva nos cotos de mastros e sobre o convés inclinado e gelado, empurrando neve à frente. Saindo de sob a tenda de lona congelada acima da escotilha principal, Crozier coloca a mão enluvada junto ao rosto para proteger os olhos e vê o brilho de uma lanterna a estibordo.

Reuben Male está ajoelhado acima do soldado Heather, caído de costas, quepe e gorro galês arrancados e, Crozier vê, parte do crânio também arrancada. Parece não haver sangue, mas Crozier pode ver o cérebro do fuzileiro cintilando à luz da lanterna – cintilando, se dá conta o capitão, porque já há uma camada de cristais de gelo sobre a massa cinzenta esmagada.

– Ele ainda está vivo, capitão – diz o chefe do castelo de proa.

– Jesus maldito Cristo – diz um dos tripulantes aglomerados atrás de Crozier.

– Pare com isso! – grita o imediato. – Não quero uma porra de uma blasfêmia aqui. Fale quando falarem com você, Crispe, maldito.

A voz de Hornby é uma mistura de rosnado de mastim e bufo de touro.

– Sr. Hornby – diz Crozier. – Mande o marinheiro Crispe descer correndo e trazer sua própria rede para carregar o soldado Heather para baixo.

– Sim, senhor – disseram Hornby e o marinheiro ao mesmo tempo. A vibração de botas correndo é sentida, mas não pode ser ouvida acima do uivo do vento.

Crozier se levanta e balança a lanterna em um círculo.

A pesada balaustrada onde o soldado Heather estava de sentinela na base das cordas congeladas havia sido esmagada. Além da abertura, sabe Crozier, o gelo e a neve empilhados descem como uma rampa de tobogã por mais de nove metros, mas a maior parte da rampa não pode ser vista em meio à neve ofuscante. Não há pegadas visíveis no pequeno círculo de neve iluminado pela lanterna do capitão.

Reuben Male ergue o mosquete de Heather.

– Não foi disparado, capitão.

– Nesta tempestade o soldado Heather não teria visto a coisa até estar em cima dele – diz o tenente Little.

– E quanto a Strong? – pergunta Crozier.

Male aponta para o outro lado do navio.

– Desaparecido, capitão.

Crozier diz a Hornby:

– Escolha um homem e fique com o soldado Heather até Crispe voltar com a rede e levá-lo para baixo.

De repente os dois cirurgiões – Peddie e seu assistente, McDonald – aparecem no círculo de luz, McDonald vestindo apenas roupas leves.

– Jesus Cristo – diz o cirurgião-chefe, se ajoelhando junto ao fuzileiro. – Ele está respirando.

– Ajude-o se puder, John – diz Crozier, depois apontando para Male e o resto dos marinheiros ao redor. – O resto de vocês venha comigo. Mantenham suas armas prontas para disparar, mesmo que tenham de tirar as luvas para isso. Wilson, carregue as duas lanternas. Tenente Little, por favor desça e escolha mais vinte bons homens, forneça trajes completos e os arme com mosquetes; não escopetas, mosquetes.

– Sim, senhor – grita Little acima do vento, mas Crozier já estava liderando a procissão para frente, contornando a neve empilhada e a pirâmide de lona vibrando no meio do navio, e subindo o convés inclinando na direção do posto de sentinela de bombordo.

William Strong está desaparecido. Um comprido cachecol de lã foi feito em pedaços, e os farrapos, presos nas cordas, drapejam violentamente. Sobretudo, gorro galês, escopeta e uma luva de Strong estão caídos perto da balaustrada

sob a proteção do reservado de bombordo onde os homens de sentinela podem se esconder do vento, mas William Strong sumiu. Há uma mancha de gelo vermelho na balaustrada onde ele devia estar ao ver a grande forma indo na sua direção em meio à neve que voava.

Sem dizer uma palavra, Crozier envia à popa dois homens armados com lanternas, mais três para a proa, outro com uma lanterna para olhar sob a lona no meio do navio.

– Prenda uma escada aqui, por favor, Bob – diz para o segundo oficial. Os ombros do oficial estão escondidos sob rolos de cordas novas, isto é, ainda não congeladas, que ele trouxera de baixo. A escada está na lateral em segundos.

Crozier desce na frente.

Há mais sangue no gelo e neve empilhados ao longo do bombordo exposto do casco do navio. Faixas de sangue, parecendo quase preto à luz da lanterna, levam para além dos buracos de incêndio até o labirinto mutante de cristas de pressão e colunas de gelo, mais intuído que visto na escuridão.

– Ele quer que nós o sigamos até lá, senhor – diz o segundo-tenente Hodgson, se inclinando na direção de Crozier para ser ouvido acima do uivo do vento.

– Claro que sim – diz Crozier. – Mas iremos mesmo assim. Strong pode ainda estar vivo. Já vimos isso antes com essa coisa.

Crozier olha para trás. Além de Hodgson, apenas três homens o seguiram descendo a escada de cordas – todos os outros estavam vasculhando o convés superior ou ocupados levando o soldado Heather para baixo. Só há uma lanterna ali além daquela do capitão.

– Armitage – diz Crozier ao comissário dos aspirantes, cuja barba branca já está cheia de neve –, dê sua lanterna ao tenente Hodgson e vá com ele. Gibson, você fica aqui e diz ao tenente Little para onde fomos quando ele descer com o principal grupo de busca. Diga a ele para, por Deus, não deixar seus homens atirarem em nada a não ser que tenham certeza de que não é um de nós.

– Sim, capitão.

Crozier diz a Hodgson:

– George, você e Armitage sigam uns vinte metros para ali, na direção da proa, depois fiquem paralelos a nós enquanto vasculhamos para o sul. Tente manter sua lanterna à vista.

– Sim, sim, senhor.

– Tom – diz Crozier ao único homem remanescente, o jovem Evans. – Você vem comigo. Mantenha seu rifle Baker pronto, mas apenas parcialmente engatilhado.

– Sim, senhor – disse o garoto, os dentes batendo.

Crozier espera até que Hodgson chegue a um ponto vinte metros à sua direita – a lanterna dele um brilho fraco na neve soprando – e então lidera Evans para o labirinto de seracos, torres de gelo e cristas de pressão, seguindo as periódicas manchas de sangue no gelo. Ele sabe que um atraso mesmo que de poucos minutos pode ser suficiente para cobrir de neve a trilha fraca. O capitão sequer se preocupa em tirar a pistola do bolso do sobretudo.

Menos de cem metros depois, no ponto em que as lanternas dos homens no convés do HMS *Terror* se tornam invisíveis, Crozier chega a uma crista de pressão – uma daquelas grandes pilhas de gelo arremessado para cima pelas placas de gelo raspando e se lançando umas contra as outras abaixo da superfície. Já por dois invernos no gelo, Crozier e os outros homens da expedição do falecido sir John Franklin viram essas cristas de pressão surgindo como se por mágica, subindo com um grande ronco e um som rasgado, depois se estendendo pela superfície do mar congelado, algumas vezes mais rápido do que um homem é capaz de correr.

Aquela crista tem pelo menos nove metros de altura, uma grande pilha vertical de blocos de gelo pelo menos tão grandes quanto uma pequena carruagem.

Crozier caminha ao longo da crista, erguendo sua lanterna o mais alto possível. A lanterna de Hodgson não é mais visível a oeste. Em nenhum ponto ao redor do *Terror* a vista ainda é simples. Por toda parte seracos de neve, montes, cristas de pressão e torres de gelo bloqueiam a visão. Há uma grande montanha de gelo no quilômetro e meio que separa *Terror* e *Erebus*, e mais meia dúzia à vista em uma noite de luar.

Mas não há icebergs ali naquela noite, apenas aquela crista de pressão da altura de três andares.

– Ali! – grita Crozier acima do vento. Evans se aproxima, o rifle Baker erguido.

Uma mancha de sangue negro na parede de gelo branca. A coisa carregara William Strong para cima daquela pequena montanha de entulho gelada, em uma rota quase vertical.

Crozier começa a escalar, segurando a lanterna com a mão direita enquanto tateia com a mão livre enluvada, tentando encontrar rachaduras e fissuras para os dedos congelados e as botas já geladas. Ele não tivera tempo de calçar as botas nas quais Jopson enfiara pregos compridos pelas solas, dando tração naquelas superfícies de gelo, e agora suas botas comuns de marinheiro escorregavam e deslizavam no gelo. Mas ele encontra mais gelo congelado sete metros e meio acima, logo abaixo do cume gelado da crista de pressão, então Crozier segura a lanterna firmemente com a mão direita enquanto chuta uma placa de gelo instável com a perna esquerda e sobe até o alto, a lâ de seu sobretudo raspando nas costas. O capitão não sente o nariz, e os dedos também estão dormentes.

– Capitão, quer que eu suba? – grita Evans desde a escuridão abaixo.

Crozier está arfando demais para conseguir falar, mas quando recobra o fôlego, grita para baixo:

– Não... espere aí.

Ele consegue ver o brilho fraco da lanterna de Hodgson a noroeste – aquele grupo ainda não está a trinta metros da crista de pressão.

Tentando se equilibrar ao vento, se inclinando mais para a direita enquanto a ventania empurra seu cachecol para a esquerda e ameaça derrubá-lo do poleiro precário, Crozier estica a lanterna sobre o lado sul da crista de pressão.

A queda ali é quase vertical por mais de dez metros. Não há sinal de William Strong, nenhum sinal de manchas pretas no gelo, nenhum sinal de que qualquer coisa viva ou morta foi por ali. Crozier não consegue imaginar como algo poderia conseguir descer por aquela face de gelo íngreme.

Balançando a cabeça e se dando conta de que seus cílios estão quase congelados nas bochechas, Crozier começa a descer por onde veio, quase

caindo duas vezes sobre as baionetas de gelo projetadas antes de escorregar os últimos dois metros e meio até a superfície onde Evans esperava. Mas Evans sumiu.

O rifle Baker está caído na neve, ainda parcialmente engatilhado. Não há marcas na neve que rodopia, humanas ou não.

– Evans!

A voz do capitão Francis Rawdon Moira Crozier foi treinada para o comando por mais de 35 anos. Ele pode fazer com que seja ouvida acima de uma ventania sudoeste ou enquanto um navio abre caminho pela espuma no estreito de Magalhães em uma nevasca. Agora ele coloca no grito todo o volume que consegue reunir.

– Evans!

Nenhuma resposta a não ser o uivo do vento.

Crozier ergue o rifle Baker, confere a espoleta e dispara para o alto. O estalo soa abafado mesmo para ele, mas vê a lanterna de Hodgson de repente se virar, e três outras lanternas se tornam fracamente visíveis no gelo na direção do *Terror*.

Algo ruge a menos de seis metros dele. Podia ser o vento encontrando um novo caminho através ou ao redor de um seraco ou coluna de gelo, mas Crozier sabe que não é.

Baixa a lanterna, enfia a mão no bolso, saca a pistola, arranca a luva com os dentes e, com apenas uma luva de lã leve entre sua pele e o gatilho metálico, segura a arma inútil diante de si.

– Venha, malditos sejam seus olhos! – grita Crozier. – Venha e tente *me* pegar em vez de um *garoto*, seu filho peludo lambedor de traseiros, comedor de ratos e bebedor de mijo de uma piranha sifilítica de Highgate!

Não há resposta além do uivo do vento.

GOODSIR

*Lat. 74° - 43' - 28" N., Long. 90° - 39' - 15" W.
Ilha Beechey, inverno de 1845-46*

Do diário particular do dr. Harry D. S. Goodsir:

1^o de janeiro de 1846

John Torrington, fogueiro do HMS Terror, morreu esta manhã cedo. Dia de Ano-Novo. O começo de nosso quinto mês preso no gelo aqui na ilha Beechey.

Sua morte não foi surpresa. Era óbvio já havia vários meses que Torrington estava nos estágios avançados de Consumção quando entrou para a expedição, e se os Sintomas tivessem se manifestado algumas semanas antes, no Final do Verão, ele teria sido mandado para casa no Rattler ou mesmo com os dois barcos baleeiros que encontramos pouco antes de seguir rumo Oeste através da baía de Baffin e pelo estreito de Lancaster para o Deserto Ártico onde nos encontramos agora invernando. A triste Ironia é que o médico de Torrington dissera a ele que ir para o Mar seria bom para sua saúde.

O cirurgião-chefe Peddie e o dr. McDonald do Terror trataram de Torrington, claro, mas eu estive presente várias vezes durante a fase de diagnóstico, e fui escoltado ao navio deles por vários dos tripulantes do Erebus depois que o jovem fogueiro morreu esta manhã.

Quando sua doença se tornou Óbvia no começo de novembro, o capitão Crozier dispensou o rapaz de 20 anos de suas obrigações como fogueiro no convés inferior mal ventilado – apenas o pó de carvão ali é suficiente para asfixiar uma pessoa com pulmões normais –, e John Torrington esteve na Espiral Descendente de

inválido de consumpção desde então. Ainda assim Torrington poderia ter sobrevivido muito mais meses não fosse um Agente Intermediário de sua morte. O dr. Alexander McDonald me conta que Torrington, que ficara fraco demais nas semanas anteriores, até mesmo para permitir suas breves caminhadas tonificantes pelo convés inferior, ajudado por seus colegas de refeitório, caiu com Pneumonia no Dia de Natal, e fora uma Vigília da Morte desde então. Quando vi o corpo esta manhã fiquei chocado ao verificar como estava Emaciado o falecido John Torrington, mas ambos Peddie e McDonald explicaram que seu apetite diminuía havia dois meses, e embora os cirurgiões do navio tivessem alterado sua dieta, principalmente para sopas e vegetais enlatados, ele continuara a perder peso.

Esta manhã, observei enquanto Peddie e McDonald prepararam o cadáver – Torrington em camisa listrada limpa, os cabelos cortados recente e cuidadosamente, unhas limpas – amarrando o habitual tecido limpo ao redor da cabeça para impedir o maxilar de cair, depois o amarrando com mais faixas de algodão branco em cotovelos, mãos, tornozelos e dedos. Fizeram isso para manter os Membros juntos enquanto pesavam o pobre rapaz – quarenta quilos! – e depois preparavam o corpo para o funeral. Não se discutiu Exame Post Mortem, já que era óbvio que a Consumpção acelerada pela Pneumonia havia matado o rapaz, então não havia temor de contaminação para outros tripulantes.

Ajudei meus dois colegas cirurgiões do HMS Terror a colocar o corpo de Torrington no caixão cuidadosamente feito para ele pelo Carpinteiro do navio, Thomas Honey, e seu assistente, um homem chamado Wilson. Não havia rigor mortis. Os carpinteiros haviam deixado um resíduo de serragem no fundo do caixão, cuidadosamente feito e moldado a partir do mogno padrão do navio, com uma Pilha mais Grossa de serragem sob a cabeça de Torrington, e como havia pouco Cheiro de Putrefação, o ar foi perfumado principalmente pela serragem.

3 de janeiro de 1846

Continuo a pensar no Enterro de John Torrington ontem.

Apenas um pequeno grupo de nós do HMS Erebus compareceu, mas com sir John, comandante Fitzjames e alguns oficiais, eu fiz a Travessia a Pé de nosso navio ao deles, e dali os pouco menos de duzentos metros extras até o Litoral da ilha Beechey.

Não fui capaz de Imaginar inverno pior que aquele que sofremos congelados naquele pequeno ancoradouro a sotavento da própria ilha Beechey, localizada na extremidade da maior ilha Devon, mas o comandante Fitzjames e outros me asseguraram que nossa Situação aqui – mesmo com as Traiçoeiras Cristas de Pressão, a Escuridão Terrível, Tempestades Uivantes e Gelo Constantemente Ameaçador – seria mil vezes pior fora deste ancoradouro, onde o Gelo desce do Polo como uma saraijada de Fogo Inimigo de algum deus Boreal.

Os colegas tripulantes de John Torrington baixaram suavemente seu caixão – já coberto com uma bela lã azul – por sobre a balaustrada de seu navio, Fincado no Alto de seu próprio pilar de gelo, enquanto outros marinheiros do Terror amarravam o caixão a um grande Trenó. O próprio sir John colocou uma bandeira britânica sobre o caixão, e então os amigos e colegas de Torrington colocaram arreios e puxaram o trenó pelos cerca de 180 metros até o litoral de cascalho e gelo da ilha Beechey.

Tudo isso foi feito quase em Escuridão Absoluta, claro, já que mesmo ao meio-dia o sol não Aparece aqui em janeiro, e não tem feito isso há três meses. Mais de um mês deve se passar, me dizem, antes que o Horizonte Sul receba de volta nossa Estrela Feroz. De qualquer foram, todo o cortejo – caixão, trenó, puxadores, oficiais, cirurgiões, sir John, fuzileiros reais em traje completo escondido sob os mesmos Trajes embotados que o resto de nós usava – foi iluminado apenas pela luz oscilante de lanternas enquanto seguíamos sobre o Mar Gelado para o Litoral Gelado. Homens do Terror haviam cortado e retirado várias Cristas de Pressão recentemente brotadas que ficavam entre nós e a praia de cascalho, de modo que houve poucos Desvios de nossa triste Rota. Mais cedo no inverno, sir John ordenara que fosse instalado um sistema de Postes Firmes, cordas e Lanternas Penduradas marcando o caminho mais curto entre os navios e o istmo de cascalho onde haviam sido construídas várias Estruturas – uma para abrigar grande parte do estoque dos navios, retirado para o caso de o gelo destruir nossas embarcações; outra como uma espécie de alojamento de emergência e Estação Científica; e uma terceira abrigando a forja do armeiro, instalada ali de modo a que chamas e fagulhas não incendiassem nossos Lares de madeira embarcados. Aprendi que os Marinheiros temem incêndio no mar acima de quase tudo o mais. Mas esse Caminho de Postes

de Madeira e Lanternas teve de ser abandonado, já que o gelo está sempre mudando, subindo e espalhando ou esmagando tudo instalado nele.

Nevou durante o enterro. O vento soprava forte, como sempre aqui neste Deserto Ártico esquecido por Deus. Pouco ao norte do local do enterro se erguem Picos Negros íngremes, tão inacessíveis quanto as Montanhas da Lua. As lanternas acesas em Erebus e Terror eram luzes mínimas em meio à neve que caía. Eventualmente um fragmento de Lua Fria surgia entre nuvens passando rápido, mas mesmo esse leve luar fraco rapidamente se perdia em neve e escuridão. Querido Deus, esta é realmente uma desolação estígia.

Alguns dos homens mais fortes do Terror trabalharam quase sem parar desde as horas logo após a morte de Torrington, usando picareta e pá para cavar seu Túmulo – 150 centímetros regulamentares de profundidade, como determinado por sir John. O Buraco foi cavado no gelo e na pedra mais Violentamente Congelados, e um olhar me revelou quanto Trabalho dera sua abertura. A bandeira foi retirada e o caixão baixado cuidadosa, quase reverentemente, para a Cova estreita. Neve imediatamente cobriu o alto do caixão e Brilhou à luz de nossas várias lanternas. Um homem, um dos oficiais de Crozier, colocou a lápide de madeira no lugar e ela foi fncada no cascalho congelado com algumas pancadas de um enorme martelo de madeira brandido por um marinheiro gigantesco. As palavras na lápide cuidadosamente gravada diziam:

CONSAGRADA
À
MEMÓRIA DE
JOHN TORRINGTON
QUE DEIXOU
ESTA VIDA EM
1^o DE JANEIRO
A.D. 1846
A BORDO DO
HMS TERROR
AOS 20 ANOS

Sir John comandou a cerimônia religiosa e fez o elogio fúnebre. Durou algum tempo, e o zumbido suave de sua voz macia só era interrompido pelo Vento e o bater de Pés enquanto os homens tentavam evitar que dedos congelassem. Confesso

que ouvi pouco do discurso de sir John – entre o vento uivando e meus próprios pensamentos dispersos, oprimido pela solidão do lugar, a lembrança do corpo em camisa listrada, membros amarrados, que acabara de ser baixado para aquela Cova Fria, e oprimido acima de tudo pela escuridão Eterna dos penhascos acima do istmo de cascalho.

4 de janeiro de 1846

Outro homem está morto.

Um dos nossos aqui no HMS Erebus, John Hartnell, de 25 anos, marinheiro experiente. Pouco depois do que ainda acho terem sido 18 horas, quando as mesas estavam sendo baixadas nas correntes para o jantar dos homens, Hartnell tropeçou sobre o irmão, Thomas, caiu no convés, tossiu sangue e morreu em cinco minutos. O cirurgião Stanley e eu estávamos com ele quando morreu no setor aberto da área dianteira do convés inferior que usamos como enfermaria.

Essa morte nos chocou. Hartnell não tinha nenhum sintoma de escorbuto ou conseqüência. O comandante Fitzjames estava lá conosco e não conseguiu disfarçar sua consternação. Se aquilo era alguma peste ou o início do escorbuto tomando a tripulação, precisávamos saber imediatamente. Foi decidido então, enquanto as cortinas estavam fechadas e antes que qualquer um estivesse pronto para preparar John Hartnell para seu caixão, que faríamos um Exame Post Mortem.

Esvaziamos a mesa na área da enfermaria, protegemos ainda mais nossas Ações colocando algumas caixas entre os homens que circulavam e nós mesmos, fechamos as cortinas ao redor de nosso Trabalho o melhor que pudemos e eu peguei meus instrumentos. Stanley, embora cirurgião-chefe, sugeriu que eu fizesse o trabalho, já que estudara anatomia. Fiz a Incisão inicial e comecei.

Imediatamente me dei conta de que em minha Afobação empregara a incisão de Y invertido que usara ao estudar em cadáveres quando com pressa. Em vez do Y mais comum, com os dois braços da incisão descendo dos ombros e se encontrando na base do esterno, minha incisão em Y invertido tinha os braços começando perto dos quadris e se encontrando perto do umbigo de Hartnell. Stanley comentou e eu fiquei constrangido.

“O que for mais rápido”, disse suavemente para meu colega cirurgião. “Precisamos fazer isso rapidamente; os homens odeiam saber que os corpos de seus

colegas estão sendo abertos.”

O cirurgião Stanley anuiu e eu continuei. Como se para Confirmar minha afirmação, o irmão mais novo de Hartnell, Thomas, começou a berrar e chorar do outro lado da cortina. Diferentemente da lenta decadência de Torrington no Terror, que dera a seus colegas tempo de se preparar para sua morte, tempo para dividir seus pertences e escrever cartas para a mãe de Torrington, o colapso repentino e a morte de John Hartnell chocaram os homens aqui. Nenhum deles podia suportar a ideia de que os cirurgiões do navio estavam cortando o corpo. Agora apenas o corpo, a patente e a expressão do comandante Fitzjames estavam entre o irmão raivoso, os marinheiros confusos e nossa enfermaria. Eu podia ouvir que os colegas do jovem Hartnell e a presença de Fitzjames o continham, mas enquanto meu bisturi cortava tecidos e minha faca e o afastador de costelas abriam o cadáver para exame, podia ouvir os murmúrios e a raiva poucos metros além da cortina.

Eu primeiramente removi o coração de Hartnell, cortando junto parte da traqueia. Levantei-o à luz da lanterna e Stanley o pegou e limpou o sangue com um trapo sujo. Ambos inspecionamos. Parecia bastante normal – não visivelmente doente. Com Stanley ainda segurando o Órgão perto da luz, dei um corte no ventrículo direito, depois outro no esquerdo. Puxando o forte músculo para trás, Stanley e eu examinamos as válvulas. Pareciam saudáveis.

Devolvendo o coração de Hartnell à cavidade abdominal, cortei a parte inferior dos pulmões do marinheiro experiente com golpes rápidos do bisturi.

– Ali – disse o cirurgião Stanley.

Eu anuí. Havia sinais evidentes de cicatrizes e outros indícios de consumpção, bem como sinais de que o marinheiro sofrera recentemente de pneumonia. John Hartnell, assim como John Torrington, havia sido tuberculoso, mas aquele marinheiro mais velho, forte – e segundo Stanley – ríspido e ruidoso escondera os Sintomas, talvez até de si mesmo. Até hoje, quando tombou e morreu poucos minutos após receber seu porco salgado.

Puxando e cortando o fígado, eu o segurei à luz, e Stanley e eu acreditamos ter visto confirmação adequada da consumpção, bem como indícios de que Hartnell bebera demais por tempo demais.

Poucos metros dali, do outro lado da cortina, o irmão de Hartnell, Thomas, gritava, furioso, sendo contido apenas pelo rosnado severo do comandante Fitzjames. Eu podia dizer pelas vozes que os outros oficiais – tenente Gore, tenente Le Vesconte e Fairholme, até mesmo Des Voeux, o imediato – haviam se juntado para acalmar e intimidar o bando de marinheiros.

“Já vimos o bastante?”, sussurrou Stanley.

Eu anuí novamente. Não havia sinais de Escorbuto no corpo, no rosto, na boca ou nos órgãos. Embora continuasse a ser um mistério como consumpção, pneumonia ou uma combinação de ambas pudesse ter matado o marinheiro saudável tão rápido, era pelo menos óbvio que não tínhamos nada a temer de uma Doença como Peste.

O barulho da tripulação no Alojamento estava ficando mais Alto, então eu rapidamente enfiei as amostras de pulmão, fígado e outros órgãos novamente na cavidade abdominal, sem me preocupar em colocá-los nos lugares certos, mais ou menos os apertando em uma massa, e recoloquei a placa peitoral aproximadamente no lugar. (Depois iria Perceber que a colocara de cabeça para baixo.) O cirurgião-chefe Stanley então fechou a incisão em Y invertida usando uma agulha grande e barbante pesado de velas com movimentos rápidos e confiantes que seriam aprovados por qualquer fabricante de velas.

Em mais um minuto havíamos recolocado as roupas de Hartnell – o rigor mortis estava começando a ser um problema – e abrimos a cortina. Stanley – cuja voz é mais grave e imponente que a minha – garantiu ao irmão de Hartnell e aos outros homens que só o que ainda tínhamos de fazer era lavar o corpo de seu colega para que pudessem prepará-lo para o enterro.

6 de janeiro de 1846

Por algum motivo este enterro foi mais Difícil para mim que o primeiro. Novamente tivemos o solene Cortejo desde o navio – desta vez apenas com o Erebus e sua tripulação envolvidos, embora o dr. McDonald, o cirurgião Peddie e o capitão Crozier do Terror tivessem se juntado a nós.

Novamente o caixão coberto com a bandeira – os homens haviam vestido o tronco de Hartnell com três camadas, incluindo a melhor camisa de seu irmão Thomas, mas enrolado a parte inferior nua do corpo apenas em um sudário,

deixando a metade superior do caixão aberta por várias horas na enfermaria coberta de preto no convés inferior antes que os pregos fossem batidos para o serviço fúnebre. Novamente o lento cortejo de trenó do Mar Congelado para o Litoral Congelado, lanternas balançando na noite negra, embora as estrelas aparecessem neste meio-dia e não nevasse. Os fuzileiros tiveram trabalho, já que três dos Grandes Ursos-Branco foram farejar mais perto, se elevando como aparições brancas nos blocos de gelo, e os homens tiveram de disparar contra eles com mosquetes para expulsá-los – visivelmente ferindo um urso na lateral.

Novamente o elogio fúnebre de sir John – embora desta vez mais curto, já que Hartnell não era tão querido quanto o jovem Torrington havia sido –, e novamente caminhamos de volta em meio ao gelo estalando, guinchando e gemendo sozinho, sob estrelas que desta vez dançavam ao Frio, o único som atrás de nós sendo o ruído que diminuía de pás e picaretas enchendo o solo congelado no novo buraco junto à cova bem cuidada de Torrington.

Talvez fosse a face negra do penhasco se Elevando sobre Tudo que matou minha Disposição neste segundo enterro. Embora eu intencionalmente tivesse ficado de costas para o Penhasco desta vez, mais perto de sir John de modo a poder ouvir as Palavras de Esperança e Consolo, estava sempre consciente daquela massa fria, negra, vertical, sem vida e sem luz de Pedra inanimada atrás de mim – um portão, parecia, para aquele País do qual Nenhum Homem Jamais Voltou. Comparadas com a Fria Realidade daquela pedra negra e sem forma, mesmo as palavras compassivas e inspiradas de sir John tiveram pouco efeito.

O moral nos dois navios está muito baixo. Ainda não estamos uma semana inteira no novo ano e dois de nosso Grupo já morreram. Amanhã os quatro cirurgiões concordamos em nos Reunir em um Lugar Reservado – a sala do carpinteiro no convés inferior do Terror – para discutir o que deveria ser feito para evitar mais Mortes no que parece ser uma Expedição Amaldiçoada.

A lápide neste segundo túmulo dizia:

CONSAGRADA À MEMÓRIA DE
JOHN HARTNELL, MARINHEIRO
DO HMS EREBUS
MORTO EM 4 DE JANEIRO DE 1846

AOS 25 ANOS DE IDADE
“ASSIM DISSE IAHWEH DOS EXÉRCITOS. PENSAI BEM EM VOSSOS CAMINHOS!”
AGEU, 1:7

O vento aumentou na última hora, é quase meia-noite e a maioria das lanternas está apagada aqui no convés inferior do Erebus. Eu escuto o vento uivar e penso naqueles dois frios Montes Baixos de Pedras Soltas naquele istmo negro e açoitado pelo vento, e penso nos homens mortos naqueles dois Buracos frios e penso na Face de Pedra Negra sem Traços, e posso imaginar a fuzilaria de bolas de neve já trabalhando para apagar as letras nas lápides de madeira.

FRANKLIN

*Lat. 70° - 03' - 29" N., Long. 98° - 20' W.
Aproximadamente 45 quilômetros NNW da Terra
do Rei Guilherme, 3 de setembro de 1846*

O capitão sir John Franklin raramente ficara tão satisfeito consigo mesmo.

O inverno anterior congelado na ilha Beechey, centenas de quilômetros a nordeste de sua atual posição, havia sido desconfortável de muitas formas – ele seria o primeiro a admitir isso a si mesmo ou a um dos seus pares, embora não tivesse pares naquela expedição. A morte de três membros da expedição, primeiramente Torrington e Hartnell, bem no começo de janeiro, depois o soldado William Braine dos fuzileiros reais em 3 de abril, todos de consumpção, fora um choque. Franklin não tinha conhecimento de nenhuma outra expedição da Marinha perder três homens de causas naturais tão no início da empreitada.

Fora o próprio Franklin quem escolhera a inscrição na lápide do soldado Braine, de 32 anos – *“Escolhei hoje a quem quereis servir”, Josué 24:15* –, e por um breve tempo as palavras pareceram tanto um desafio às tripulações descontentes de *Erebus* e *Terror*, ainda não perto do motim, mas não longe dele, quanto uma mensagem ao inexistente visitante dos túmulos solitários de Braine, Hartnell e Torrington naquele terrível pedaço de cascalho e gelo.

Ainda assim, os quatro cirurgiões se reuniram e debateram após a morte de Hartnell, e decidiram que escorbuto incipiente poderia estar enfraquecendo a constituição dos homens, permitindo que pneumonia e doenças anteriormente

adquiridas como conseqüência chegassem a proporções letais. Os cirurgiões Stanley, Goodsir, Peddie e McDonald recomendaram a sir John que a dieta dos homens fosse alterada – comida fresca quando possível (embora não houvesse nenhuma possível exceto urso-polar no meio do inverno, e eles haviam descoberto que comer o fígado daquela grande fera pesada poderia ser fatal por alguma razão desconhecida) e, não encontrando carne e legumes frescos, reduzir o porco e a carne salgadas que eram as preferidas dos homens, ou pássaros salgados, para se valer mais dos alimentos enlatados – sopa de legumes e coisas assim.

Sir John seguiu a recomendação, ordenando que a dieta nos dois navios fosse alterada para que não menos que metade das refeições fosse preparada com alimentos enlatados do estoque. Isso aparentemente havia funcionado. Não houve mais homens mortos, ou mesmo seriamente doentes, entre a morte do soldado Braine no começo de abril e o dia em que os dois navios foram libertados de sua prisão de gelo no porto da ilha Beechey no final de maio de 1846.

Depois daquilo, o gelo se partiu rapidamente e Franklin, seguindo os caminhos pelos canais escolhidos por seus dois bons mestres do gelo, ligou as caldeiras e singrou rumo sul e oeste, indo, como gostavam de dizer os capitães da geração de sir John, a toda.

Com a luz do sol e mar aberto, animais, pássaros e vida marinha retornaram em plenitude. Durante aqueles longos e lentos dias de verão do Ártico, quando o sol permanecia acima do horizonte até quase meia-noite e a temperatura algumas vezes subia acima do ponto de congelamento, os céus eram tomados por aves migratórias. O próprio Franklin podia distinguir petréis de marreco, eideres e pequenos araus, e os papagaios do mar animados de todos os outros. Os canais cada vez mais largos ao redor de *Erebus* e *Terror* estavam cheios de baleias-francas que causariam inveja em qualquer baleeira ianque, e havia uma profusão de bacalhau, arenque e outros peixes pequenos, bem como das grandes baleias beluga e da Groelândia. Os homens baixavam as baleeiras e pescavam, com frequência atirando em algumas das baleias menores apenas por diversão.

Todo grupo de caça voltava com caça fresca para as mesas toda noite – pássaros, claro, mas também aquelas malditas focas aneladas e da Groelândia, tão impossíveis de caçar ou apanhar em seus buracos no inverno, agora ousadas no gelo aberto e alvos fáceis. Os homens não gostavam do sabor das focas – gordurosas e adstringentes demais –, mas algo na banha dos animais escorregadios despertava seus apetites famintos de inverno. Eles também atiravam nas morsas uivantes que podiam ser vistas pelos telescópios comendo ostras na praia, e alguns dos grupos de caça retornaram com peles e carne da raposa branca do Ártico. Os homens ignoravam os grandes ursos-polares a não ser que as feras parecessem prestes a atacá-los ou confiscar a caça dos caçadores humanos. Ninguém realmente gostava do sabor dos ursos-brancos, e certamente não quando havia tanta caça mais saborosa à disposição.

As ordens de Franklin incluíam uma opção: caso ele “encontrasse seu caminho para a Aproximação Sul da Passagem Noroeste bloqueada por Gelo ou outros Obstáculos”, virar para o norte e seguir a Passagem Wellington para “o Mar Polar Aberto” – essencialmente navegar para o Polo Norte. Mas Franklin fez o que havia feito a vida toda sem questionar: seguiu as ordens iniciais. Naquele segundo verão no Ártico, seus dois navios haviam seguido rumo sul a partir da ilha Devon, o líder HMS *Erebus* de Franklin e o HMS *Terror* passando por cabo Walker para as águas desconhecidas de um arquipélago gelado.

No verão anterior, parecera como se ele tivesse de singrar para o Polo Norte em vez de encontrar a Passagem Noroeste. O capitão sir John Franklin tinha motivos para se orgulhar de sua velocidade e eficiência até então. Durante sua viagem de verão encurtada no ano anterior, 1845 – eles haviam deixado a Inglaterra tarde e a Groelândia ainda mais tarde do que planejado –, ele ainda assim cruzara a baía de Baffin em tempo recorde, passara pelo estreito de Lancaster ao sul da ilha Devon, depois pelo estreito Barrow e encontrara caminho para o sul passando por ponto Walker bloqueado pelo gelo tão no final de agosto. Mas seus mestres do gelo anunciaram mar aberto ao norte, além do limite oeste da ilha Devon para o canal Wellington, então Franklin seguiu suas ordens secundárias e virou para o norte rumo ao que poderia ser uma passagem livre de gelo para o Mar Polar Aberto e o Polo Norte.

Não havia abertura para o falado Mar Polar Aberto. A península Grinnell, que poderia ter sido parte de um Continente Ártico desconhecido pelo que os homens da Expedição Franklin sabiam, bloqueara seu caminho e os forçara a seguir por mar aberto rumo norte pelo oeste, depois quase para oeste, até chegar à extremidade ocidental daquela península, virar novamente para o norte e encontrar uma massa de gelo sólida que se estendia para o norte aparentemente de forma indefinida a partir do canal Wellington. Cinco dias navegando ao longo daquela alta muralha de gelo convenceram Franklin, Fitzjames, Crozier e os mestres do gelo de que não havia Mar Polar Aberto ao norte do canal Wellington. Pelo menos não naquele verão.

O agravamento das condições do gelo os obrigou a virar rumo sul, contornando a massa de terra antes conhecida apenas como Terra de Cornwallis, mas agora vista como sendo ilha Cornwallis. No mínimo, sabia o capitão sir John Franklin, sua expedição solucionara aquele mistério.

Com a banquisa congelando rapidamente no final daquele verão de 1845, Franklin acabara de circunavegar a enorme e deserta ilha Cornwallis, retornou ao estreito Barrow ao norte do cabo Walker, confirmou que a rota sul pelo cabo Walker ainda estava bloqueada – agora com gelo sólido – e buscou ancorar para o inverno na pequena ilha Beechey, entrando em um pequeno porto que haviam investigado duas semanas antes. Franklin sabia que haviam chegado bem a tempo, pois, um dia depois de ancorarem nas águas rasas do porto, os últimos canais abertos no estreito de Lancaster se fecharam e a banquisa em movimento teria impossibilitado mais navegação. Havia dúvidas se mesmo obras-primas de tecnologia de ferro e carvalho reforçada como o *Erebus* e o *Terror* teriam sobrevivido ao inverno no gelo do canal.

Mas agora era verão e eles singravam rumo sul e oeste havia semanas, restaurando suas provisões quando podiam, seguindo todo canal, buscando algum vislumbre de mar aberto que conseguissem identificar da posição de vigia no alto do mastro principal, e todo dia esmagando e forçando caminho em meio ao gelo quando preciso.

O HMS *Erebus* continuou a liderar na abertura do gelo, como era seu direito como nau capitânia e sua responsabilidade lógica como navio mais pesado com um motor a vapor mais potente – cinco cavalos de força mais

potente –, mas, que terrível, o comprido eixo da hélice havia sido empenado pelo gelo submerso; não recolhia nem operava corretamente, e o *Terror* assumira a posição de liderança.

E com o litoral gelado da Terra do Rei Guilherme à vista a não mais de oitenta quilômetros à frente ao sul deles, os navios saíram da proteção da enorme ilha ao norte – aquela que bloqueara sua passagem direta para sudoeste após o cabo Walker, para onde suas ordens o haviam enviado, em vez disso o obrigando a ir para o sul pelo estreito de Peel e estreitos ainda inexplorados. Agora o gelo a sul e oeste se tornara mais ativo e quase contínuo de novo. Seu ritmo se reduzira a um arrasto. O gelo era mais grosso, os icebergs mais frequentes, os canais mais finos e distantes.

Naquela manhã de 3 de setembro, sir John convocara uma conferência de seus capitães, altos oficiais, engenheiros e mestres do gelo. O grupo coube confortavelmente na cabine pessoal de sir John; enquanto no HMS *Terror* aquele espaço servia de Grande Cabine para os oficiais, com direito a biblioteca e música, toda a largura da popa do HMS *Erebus* compunha os aposentos particulares de sir John Franklin – 3,60 metros de largura por impressionantes seis metros de comprimento, com um toailete privado em um espaço próprio a estibordo. O espaço particular de Franklin tinha quase exatamente o tamanho das cabines do capitão Crozier e de todos os outros oficiais.

Edmund Hoard, camareiro de sir John, ampliara a mesa de jantar até que pudesse acomodar todos os oficiais presentes – comandante Fitzjames, tenentes Gore, Le Vesconte e Fairholme, do *Erebus*, capitão Crozier e tenentes Little, Hodgson e Irving do *Terror*. Além desses oito oficiais sentados dos dois lados da mesa – sir John estava sentado à cabeceira perto da antepara de estibordo e da entrada de seu banheiro particular –, também estavam presentes, sentados ao pé da mesa, os dois mestres do gelo, o sr. Blanky do *Terror* e o sr. Reid do *Erebus*, bem como os dois engenheiros, o sr. Thompson no navio de Crozier, e o sr. Gregory na capitânia. Sir John também pedira que um dos cirurgiões, Stanley, do *Erebus*, comparecesse. O camareiro de Franklin serviu suco de uva, queijos e biscoitos de marinheiro, e houve um breve período de conversa e relaxamento antes que sir John começasse a conferência.



– Cavalheiros, estou certo de que sabem por que estamos reunidos aqui. O avanço de nossa expedição nos últimos dois meses tem sido maravilhosamente bem-sucedido, pela graça de Deus. Deixamos a ilha Beechey quase 560 quilômetros para trás. Sentinelas e nossos batedores em trenó ainda relatam vislumbres de mar aberto ao sul e a oeste. Pode ainda estar ao nosso alcance, querendo Deus, chegar a mar aberto e navegar pela Passagem Noroeste neste mesmo outono.

“Mas o gelo a oeste está aumentando, pelo que entendo, em espessura e frequência. O sr. Gregory relata que o eixo principal do *Erebus* foi danificado pelo gelo e que, embora possamos avançar a vapor, a eficácia da capitânia foi comprometida. Nosso suprimento de carvão está se esgotando. Outro inverno logo estará sobre nós. Em outras palavras, cavalheiros, precisamos decidir hoje qual será nosso curso de ação e nossa direção. Acho que não é injusto dizer que o sucesso ou o fracasso de nossa expedição será determinado pelo que decidirmos aqui.”

Houve um longo silêncio.

Sir John gesticulou para o mestre do gelo de barba ruiva do HMS *Erebus*.

– Talvez seja útil, antes que arrisquemos opiniões e comecemos a discutir, ouvir de nossos mestres do gelo, engenheiro e cirurgião. Senhor Reid, poderia informar aos outros o que me contou ontem sobre nossas atuais condições de gelo e as projeções?

Reid, de pé do lado *Erebus* dos cinco homens ao final da mesa, pigarreou. Reid era um tipo solitário, e falar em companhia tão elevada deixava seu rosto mais vermelho que sua barba.

– Sir John... cavalheiros... não é segredo que tivemos uma má... isto é... uma terrível sorte nas condições do gelo desde que os navios foram libertados do gelo em maio e desde que deixamos o porto da ilha Beechey por volta de 1º de junho. Enquanto estávamos nos estreitos, avançávamos basicamente sobre gelo fino. Isso não é problema. Durante a noite, aquelas poucas horas de escuridão que temos no que aqui é chamado de noite, cortamos placas de gelo,

como as que temos visto na última semana à medida que o mar está sempre prestes a congelar, mas isso também não é um verdadeiro problema.

“Conseguimos ficar longe do gelo novo ao longo da costa, algo mais sério. Depois disso há o gelo rápido que rasgará o casco mesmo de um navio tão reforçado quanto este aqui e o *Terror* na liderança. Mas, como disse, ficamos longe do gelo rápido... até agora.”

Reid estava suando, obviamente desejando não ter falado tanto, mas também sabendo que não havia respondido totalmente à pergunta de sir John. Pigarreou e continuou.

– Então, com o gelo que se movimenta, sir John e excelências, não tivemos muitos problemas com o gelo acumulado e o gelo solto mais grosso, e os pedaços de icebergs; os pequenos blocos que se partem dos verdadeiros icebergs; temos conseguido evitá-los por causa dos canais largos e do mar aberto que temos conseguido encontrar. Mas tudo isso está chegando ao fim, senhores. Com as noites ficando mais longas, as placas de gelo estão sempre aí, e estamos nos deparando cada vez mais com pequenos icebergs e sequências de blocos. E é a sequência de blocos que preocupa o sr. Blanky e a mim.

– Por que é assim, sr. Reid? – perguntou sir John. Sua expressão revelava seu habitual tédio em discussões sobre as diferentes condições do gelo. Para sir John gelo era gelo, algo a ser rompido, contornado e superado.

– É a neve, sir John – respondeu Reid. – A neve profunda sobre eles, e as marcas de maré nas laterais. Isso sempre significa velhas banquisas à frente, senhor, senhoras banquisas, e é onde ficamos congelados, compreende. E por tudo que conseguimos ver ou avançar por trenó para sul e oeste, senhor, são apenas banquisas, exceto pelo possível brilho de mar aberto bem ao sul da Terra do Rei Guilherme.

– A Passagem Noroeste – disse suavemente o comandante Fitzjames.

– Talvez – disse sir John. – Muito provavelmente. Mas para chegar lá teremos de cruzar mais de 160 quilômetros de banquisa, talvez mais de trezentos quilômetros. Ouvi dizer que o mestre do gelo do *Terror* tem uma teoria sobre o motivo pelo qual as condições pioram a oeste. Sr. Blanky?

Thomas Blanky não corou. A voz do mestre do gelo mais velho era uma explosão entrecortada de sílabas secas como fogo de mosquete.

– É a morte entrar naquela banquisa. Já chegamos longe demais. O fato é que, desde que saímos do estreito de Peel, estamos olhando para um fluxo de gelo tão ruim quanto qualquer coisa ao norte da baía Baffin, e está piorando a cada dia.

– Por que é assim, sr. Blanky? – perguntou o comandante Fitzjames. Sua voz confiante revelava um leve cicio. – A esta altura da temporada entendo que ainda deveríamos ter canais abertos até o mar finalmente congelar, e perto do continente, digamos a sudoeste da península da Terra do Rei Guilherme, devemos ter um pouco de mar aberto por mais de um mês.

O mestre do gelo Blanky balançou a cabeça.

– Não. Isto não é gelo fino ou gelo acumulado, cavalheiros, é para uma *banquisa* que estamos olhando. Está descendo do noroeste. Pense nisso como uma série de *geleiras* gigantescas, produzindo icebergs e congelando o mar por centenas de quilômetros enquanto ruma para o sul. Apenas estávamos protegidos disso.

– Protegidos pelo quê? – perguntou o tenente Gore, um oficial impressionantemente belo e agradável.

Foi o capitão Crozier quem respondeu, anuindo para que Blanky recuasse.

– Por todas as ilhas a oeste de nós quando viemos do sul, Graham – disse o irlandês. – Assim como descobrimos há um ano que a Terra Cornwallis era uma ilha, agora sabemos que a Terra Príncipe de Gales é na verdade ilha Príncipe de Gales. Ela estava bloqueando o impacto do fluxo de gelo até sairmos do estreito de Peel. Agora podemos ver banquisas sendo empurradas para o sul por entre quaisquer ilhas que haja lá em cima a noroeste, possivelmente até o continente. Qualquer mar aberto que haja ao longo do litoral não irá durar muito. Nem nós, caso sigamos em frente e tentemos invernar aqui na banquisa aberta.

– Essa é uma opinião – disse sir John. – E lhe agradecemos por ela, Francis. Mas precisamos decidir agora nosso curso de ação. Sim... James?

O comandante Fitzjames parecia, como sempre, relaxado e controlado. Ele de fato ganhara peso durante a expedição, de modo que seus botões pareciam prestes a pular do uniforme. As bochechas eram rosadas e seus cabelos louros

pendiam em cachos mais longos do que usara na Inglaterra. Sorriu para todos ao redor da mesa.

– Sir John, eu concordo com o capitão Crozier de que ser apanhado na banquisa que estamos vendo seria uma infelicidade, mas não acredito que esse seja nosso destino caso avancemos. Acredito que é imperativo que cheguemos o máximo ao sul possível, ou para chegar a mar aberto e atingir nossa meta de encontrar a Passagem Noroeste, o que acho que devemos fazer antes da chegada do inverno, ou simplesmente para encontrar águas mais seguras perto da costa, talvez um porto onde possamos invernar em relativo conforto como fizemos na ilha Beechey. No mínimo sabemos pelas expedições anteriores de sir John por terra e por expedições navais anteriores que a água tende a ficar aberta até muito mais tarde perto da costa por causa das águas mais quentes que chegam dos rios.

– E se não atingirmos mar aberto ou o litoral indo para sudoeste? – perguntou Crozier suavemente.

Fitzjames fez um gesto depreciativo.

– Pelo menos estaremos mais perto de nosso objetivo quando do degelo da próxima primavera. Qual a nossa alternativa, Francis? Não está sugerindo seriamente retornar pelo estreito para Beechey ou tentar se retirar para a baía de Baffin?

Crozier balançou a cabeça.

– Neste momento podemos tão facilmente navegar para *leste* da Terra do Rei Guilherme quanto para oeste, ainda mais facilmente, já que sabemos por nossos sentinelas e batedores que ainda há muito mar aberto para leste.

– Navegar para leste da Terra do Rei Guilherme? – perguntou sir John, com incredulidade na voz. – Francis, isso seria um beco sem saída. Estaríamos protegidos pela península, sim, mas congelados em centenas de quilômetros a leste daqui em uma baía comprida que poderá não degelar na próxima primavera.

– A não ser... – disse Crozier, olhando ao redor da mesa. – A não ser que a Terra do Rei Guilherme também seja uma ilha. E nesse caso teríamos a mesma proteção da banquisa que vem de noroeste que a ilha Príncipe de Gales deu a nós no último mês de viagem. Seria provável que o mar aberto no lado leste da

Terra do Rei Guilherme se estenda quase até o litoral, onde poderemos navegar para oeste pelas águas mais quentes de lá por mais semanas, talvez encontrar um porto perfeito; talvez na foz de um rio, caso tenhamos de passar um segundo inverno no gelo.

Houve um longo silêncio na sala.

O tenente do *Erebus* H. T. D. Le Vesconte pigarreou.

– Você acredita nas teorias daquele excêntrico dr. King – disse suavemente.

Crozier franziu o cenho. Ele sabia que as teorias do dr. Richard King, sequer um homem da Marinha, um mero civil, eram rejeitadas e descartadas, porque King acreditava – e dissera isso muito claramente – que grandes expedições navais como as de sir John eram tolas, perigosas e absurdamente caras. King acreditava, baseado em seus mapas e na experiência da expedição terrestre de Back anos antes, que a Terra do Rei Guilherme era uma ilha, enquanto Boothia, a ilha de aparência convincente ainda mais a leste, na verdade era uma península. King argumentara que a forma mais fácil e segura de encontrar a Passagem Noroeste era enviar pequenos grupos por terra ao norte do Canadá e seguir as águas litorâneas mais quentes para oeste, pois as centenas de milhares de quilômetros quadrados de mar ao norte eram um perigoso labirinto de ilhas e fluxos de gelo que podiam engolir mil navios como *Erebus* e *Terror*. Crozier sabia que havia um exemplar do polêmico livro de King na biblioteca do *Erebus* – ele verificara e o lera, e ainda estava na sua cabine no *Terror*. Mas também sabia que era o único homem na expedição que lera, ou leria, o livro.

– Não – respondeu Crozier. – Não estou apoiando as teorias de King, apenas sugerindo uma forte possibilidade. Veja, achamos que a Terra Cornwallis era enorme, talvez parte do Continente Ártico, mas a contornamos em poucos dias. Muitos de nós achavam que a ilha Devon continuava para o norte e o oeste diretamente para o Mar Polar Aberto, mas nossos dois navios encontraram a extremidade ocidental dela e vimos os canais abertos ao norte.

“Nossas ordens determinavam que navegássemos diretamente rumo sudoeste a partir de cabo Walker, mas descobrimos que a Terra Príncipe de Gales estava bem no nosso caminho; e o que é mais pertinente, que é, quase que sem dúvida, uma ilha. E a baixa faixa de gelo que vislumbramos ao leste

enquanto seguíamos para o sul poderia muito bem ter sido um estreito congelado, separando a *ilha* Somerset de Boothia Felix e mostrando que King estava errado, que Boothia não é uma península contínua para o norte até o estreito de Lancaster.”

– Não há evidências de que a área baixa de gelo que vimos era um estreito – disse o tenente Gore. – Faz mais sentido considerá-la um istmo coberto de gelo como o que vimos na ilha Beechey.

Crozier deu de ombros.

– Talvez, mas nossa experiência nesta expedição tem sido de que massas de terra anteriormente consideradas muito grandes ou ligadas na verdade se revelaram ilhas. Sugiro reverter o curso, evitar a banquisa a sudoeste e navegar leste e depois sul para o litoral oriental do que pode muito bem ser a *ilha* do Rei Guilherme. E no mínimo estaremos protegido dessa... *geleira* flutuante da qual o sr. Blanky fala... E caso descobramos o pior, que essa é uma comprida baía estreita, as chances são muito grandes de que possamos navegar norte novamente contornando a ponta da Terra do Rei Guilherme no próximo verão e estar aqui mesmo sem nenhum sofrimento.

– Exceto pelo carvão queimado e o precioso tempo perdido – disse o comandante Fitzjames.

Crozier anuiu.

Sir John esfregou as bochechas redondas e bem escanhoadas.

No silêncio, o engenheiro do *Terror*, James Thompson, falou.

– Sir John, cavalheiros, como foi levantada a questão das reservas de carvão dos navios, gostaria de mencionar que estamos muito, muito perto de atingir, e digo isso literalmente, um ponto sem volta em termos de nosso combustível. Apenas na semana passada, usando nossos motores a vapor para forçar passagem pelas beiradas dessa banquisa, gastamos mais de um quarto do estoque remanescente de carvão. Agora temos apenas pouco mais de 50 por cento de carvão... Menos de duas semanas de vapor normal, mas apenas dias tentando forçar o gelo como fizemos. Caso fiquemos congelados durante outro inverno, estaremos queimando muito dessa reserva apenas para aquecer os navios novamente.

– Sempre podemos enviar um grupo a terra para cortar árvores para fazer lenha – disse o tenente Edward Little, sentado à esquerda de Crozier.

Durante um minuto todos os homens na sala, com exceção de sir John, deram gargalhadas. Era um bem-vindo alívio na tensão. Talvez sir John estivesse se lembrando de suas primeiras expedições por terra ao norte das regiões litorâneas agora deixadas ao sul. A tundra do continente se estendia por 1.400 quilômetros desertos ao sul do litoral antes que se pudesse ver a primeira árvore ou um arbusto de verdade.

– Só há uma forma de ampliar nossas distâncias a vapor – disse Crozier suavemente no silêncio mais relaxado depois do riso.

Todas as cabeças se viraram para o capitão do HMS *Terror*.

– Vamos transferir toda a tripulação e o carvão do *Erebus* para o *Terror* e sair em disparada – continuou Crozier. – Ou pelo gelo para sudoeste ou para reconhecer o litoral leste de Terra ou ilha do Rei Guilherme.

– Arriscar tudo – disse o mestre do gelo Blanky no silêncio agora chocado. – É, isso faz sentido.

Sir John só conseguiu piscar. Quando finalmente recuperou a voz, ainda soava incrédulo, como se Crozier tivesse feito uma segunda brincadeira que ele não conseguia entender.

– Abandonar a capitânia? – disse finalmente. – Abandonar *Erebus*?

Ele olhou ao redor como se simplesmente fazer com que os outros oficiais vissem sua cabine fosse resolver a questão definitivamente – as anteparas recobertas de prateleiras e livros, os cristais e porcelanas na mesa, os três Iluminadores Preston instalados na largura do teto, permitindo a entrada da bela luz de final de verão na cabine.

– Abandonar o *Erebus*, Francis? – ele disse novamente, a voz mais forte, mas no tom de alguém que quer entender uma piada obscura.

Crozier anuiu.

– O eixo principal está empenado, senhor. Seu próprio engenheiro, o sr. Gregory, contou-nos que não pode mais ser consertado nem recolhido fora de uma doca seca. Certamente não enquanto estamos em uma banquisa. Só irá piorar. Com dois navios só temos alguns dias ou uma semana de carvão para a batalha necessária com a banquisa. Ficaremos todos congelados, os dois navios,

caso fracássemos. Se congelarmos em mar aberto a oeste da Terra do Rei Guilherme não temos ideia de para onde a corrente irá levar o gelo do qual faremos parte. São grandes as chances de sermos lançados sobre os baixios da costa a sotavento. Isso significa a destruição mesmo de navios tão maravilhosos quanto estes – disse Crozier, fazendo um gesto de cabeça ao redor e para as claraboias acima.

– Mas se concentrarmos nosso combustível no navio menos danificado, e especialmente se tivermos sorte de encontrar mar aberto no lado leste da Terra do Rei Guilherme, teremos muito mais de um mês de combustível para seguir rumo oeste ao longo da costa o mais rápido possível – continuou Crozier. – O *Erebus* seria sacrificado, mas poderíamos, *poderemos*, chegar ao ponto Turnagain e pontos conhecidos ao longo do litoral em uma semana. Concluir a Passagem Noroeste para o Pacífico este ano, em vez de no seguinte.

– Abandonar o *Erebus*? – repetiu sir John. Ele não soava ofendido ou com raiva, apenas perplexo com o absurdo de que a ideia estivesse sendo discutida.

– O espaço seria muito apertado a bordo do *Terror* – disse o comandante Fitzjames. Ele parecia estar considerando seriamente a ideia.

O capitão sir John se virou para a direita e encarou seu oficial preferido. O rosto de sir John estava lentamente assumindo o sorriso frio de um homem que não apenas foi deixado de fora de uma piada de propósito como pode muito bem ser o alvo dela.

– Apertado, mas não intolerável por um mês mais ou menos – disse Crozier. – O meu sr. Honey e o carpinteiro do seu navio, sr. Weekes, supervisionarão o desmonte de anteparas internas... todos os aposentos de oficiais serão desmontados a não ser pelo Grande Salão, que seria transformado nos aposentos de sir John a bordo do *Terror*, e talvez o refeitório dos oficiais. Isso nos daria muito espaço, mesmo para pouco mais de um ano no gelo. No mínimo estes velhos navios bombardeiros têm muito espaço nos conveses inferiores.

– Levaria tempo para transferir o carvão e os víveres do navio – disse o tenente Le Vesconte.

Crozier anuiu novamente.

– Fiz com que meu intendente, o sr. Helpman, fornecesse números preliminares. Talvez se lembre de que o sr. Goldner, o fornecedor de comida enlatada da expedição, só conseguiu entregar a maior parte do produto menos de 48 horas antes de zarparmos, então tivemos de em grande medida recarregar os dois navios. Fizemos isso a tempo de cumprir a data de partida. O sr. Helpman estima que com as duas tripulações trabalhando durante todo o longo dia, dormindo em turnos de meia vigília, tudo o que podemos colocar em um navio seja transferido para o *Terror* em apenas três dias. Seríamos uma grande família durante algumas semanas, mas seria como se estivéssemos recomeçando a expedição – estoque de carvão no máximo, comida para outro ano, um navio funcionando plenamente.

– Arriscar tudo – repetiu o mestre do gelo Blanky.

Sir John balançou a cabeça e deu um risinho como se finalmente tivesse se cansado daquela brincadeira.

– Bem, Francis, essa é uma especulação muito... *interessante*, mas claro que não iremos abandonar o *Erebus*. Nem o *Terror*, caso seu navio sofra alguma pequena infelicidade. Agora a única coisa que não ouvi nesta mesa hoje foi uma sugestão de *retirada* para a baía Baffin. Estou certo em supor que ninguém sugere isso?

A sala ficou em silêncio. Veio de cima o ronco e o atrito dos tripulantes passando as pedras sagradas no convés pela segunda vez no dia.

– Então muito bem, está decidido – disse sir John. – Vamos avançar. Não apenas nossas ordens determinam isso, mas como vários dos cavalheiros apontaram, nossa segurança aumenta quanto mais perto chegamos do litoral do continente, mesmo que a terra em si seja tão inóspita quanto as ilhas medonhas pelas quais passamos aqui. Francis, James, podem ir transmitir nossa decisão às suas tripulações.

Sir John se levantou.

Por um segundo atônito os outros capitães, oficiais, mestres do gelo, engenheiros e cirurgião só conseguiram ficar olhando, mas então os oficiais navais também se ergueram rapidamente, anuíram e começaram a sair da enorme cabine de sir John.

O cirurgião Stanley estava puxando a manga do comandante Fitzjames enquanto o homem avançava pela passagem estreita e subia a escada para o convés.

– Comandante, comandante – disse Stanley. – Sir John não pediu meu relato, mas eu queria contar a todos sobre o número crescente de comida apodrecida que estamos encontrando nas latas.

Fitzjames sorriu, mas soltou o braço.

– Vamos arrumar um tempo para que o senhor conte isso particularmente ao capitão sir John, sr. Stanley.

– Mas eu já contei a *ele* particularmente – insistiu o pequeno cirurgião. – É aos outros oficiais que eu queria informar, para o caso...

– Depois, sr. Stanley – disse o comandante Fitzjames.

O cirurgião estava dizendo algo mais, mas Crozier acenou para que John Lane, seu contramestre, pegasse o escaler para a viagem ensolarada subindo o canal estreito até onde a proa do *Terror* estava enfiada na banquisa que engrossava. Fumaça negra ainda saía da chaminé do navio líder.



Seguindo rumo sudoeste para dentro da banquisa, os dois navios avançaram lentamente por mais quatro dias. O HMS *Terror* queimou carvão a um ritmo prodigioso, usando seu motor a vapor para se lançar sobre a banquisa cada vez mais grossa. O brilho de possível mar aberto ao sul desaparecera, mesmo nos dias ensolarados.

A temperatura despencou de repente em 9 de setembro. O gelo na comprida linha fina de mar aberto atrás do *Erebus* era em camadas e então congelava. O mar ao redor deles já era uma massa branca ascendente, estática de blocos de gelo, icebergs de verdade e cristas de pressão repentinas.

Durante seis dias, Franklin tentou todos os truques de seu repertório Ártico – espalhar pó de carvão sobre o gelo à frente para derretê-lo mais rapidamente, abrir velas, enviar grupos cansados dia e noite com suas enormes serras de gelo para remover o gelo diante deles, um bloco após o outro, deslocar lastro, colocar cem homens ao mesmo tempo abrindo caminho com cinzéis, pás,

picaretas e varas, lançar ganchos bem à frente deles no gelo que engrossava e puxar com guinchos o *Erebus* – que retomara a liderança à frente do *Terror* no último dia antes que o gelo engrossasse de repente – um metro de cada vez. Finalmente, Franklin mandou todos os homens saudáveis para o gelo, estendeu cabos para todos e arreios de trenó para os homens maiores, e tentou arrastar os navios para frente uma polegada suada, xingada, gritada, desalentadora, repulsiva, destruidora de costas por vez. Sempre, prometia sir John, havia a realidade de mar aberto litorâneo mais trinta, quarenta ou oitenta quilômetros à frente.

O mar aberto poderia muito bem ser a superfície da Lua.

Durante a longa noite de 15 de setembro de 1846, a temperatura despencou para vinte graus Celsius negativos e o gelo começou a gemer e raspar nos cascos dos dois navios. Pela manhã, todos que subiram ao convés puderam ver que em todas as direções o mar se tornara uma massa branca sólida se estendendo até o horizonte. Entre súbitas nevascas, Crozier e Fitzjames haviam conseguido visões adequadas do sol para definir suas posições. Cada capitão calculou que estavam presos a aproximadamente 70 graus e 5 minutos latitude norte, 98 graus, 23 minutos longitude oeste, a cerca de quarenta quilômetros do litoral noroeste da ilha do Rei Guilherme, ou Terra do Rei Guilherme, qualquer que fosse. Agora não tinha importância.

Eles estavam em mar aberto – banquisa em movimento – e indo diretamente para o massacre da “geleira móvel” do mestre do gelo Blanky, que descia rumo a eles vindo das regiões polares a noroeste desde o inimaginável Polo Norte. Não havia um porto de abrigo, que eles soubessem, em 160 quilômetros, e nenhum modo de chegar lá caso houvesse.

Às duas horas daquela tarde, o capitão sir John Franklin ordenou que os fogos de aquecimento fossem reduzidos no *Erebus* e no *Terror*. Vapor foi reduzido nos dois aquecedores. Só seria mantida pressão suficiente para circular água quente pelos canos que aqueciam os conveses inferiores de cada navio.

Sir John não fez um anúncio aos homens, não era necessário um. Naquela noite, enquanto os homens se instalavam nas redes no *Erebus* e Hartnell fazia sua prece habitual pelo irmão morto, o marinheiro de 35 anos de idade Abraham Seeley, na rede ao lado, sibilou:

– Estamos em um mundo de merda agora, Tommy, e nem suas preces nem as de sir John irão nos tirar dele... não por pelo menos dez meses.

CROZIER

Lat. 70° - 05' N., Long. 98° - 23' W.

11 de novembro de 1847

Passou-se um ano, dois meses e oito dias desde a determinante conferência de sir John a bordo do *Erebus*, e os dois navios estão congelados no gelo basicamente onde estavam naquele dia de setembro de 1846. Embora a corrente de noroeste mova toda a massa de gelo, durante o ano anterior ela girou gelo, icebergs, cristas de pressão e os dois navios encalhados da Marinha Real em círculos lentos, de modo que sua posição permaneceu aproximadamente a mesma, presos a cerca de quarenta quilômetros norte-noroeste da Terra do Rei Guilherme e girando lentamente como uma mancha de ferrugem em um dos discos musicais de metal no Grande Salão dos Oficiais.

O capitão Crozier passou este dia de novembro – ou melhor, essas horas de escuridão que um dia tiveram como componente a luz do dia – procurando por seus tripulantes desaparecidos William Strong e Thomas Evans. Não há esperança para nenhum dos homens, claro, e há um grande risco de que outros sejam apanhados pela coisa no gelo, mas ainda assim eles procuram. Nenhum capitão ou tripulação faria de outra forma.

Quatro equipes de cinco homens cada, um para carregar duas lanternas e quatro a postos com escopetas ou mosquetes, procuram em turnos de quatro horas. Enquanto uma equipe volta congelada e trêmula, uma substituta espera no convés com roupas de frio, armas limpas, carregadas e prontas, lanternas cheias de óleo, e retomam a busca no quadrante que a outra equipe acabou de

deixar. As quatro equipes se afastam do navio em círculos cada vez mais amplos pelo gelo irregular, suas lanternas visíveis para os sentinelas do navio em meio à nevoa gelada e a escuridão, obscurecidas por pequenos icebergs, blocos de gelo, cristas de pressão ou distância. O capitão Crozier e um marinheiro com uma lanterna vermelha se movem de quadrante em quadrante, conferindo cada equipe e então retornando ao *Terror* para verificar os homens e as condições lá.

Isso dura 12 horas.

Às duas badaladas do primeiro turno de vigia – 18 horas – os últimos grupos de busca entram, nenhum deles tendo encontrado os homens desaparecidos, mas vários marinheiros envergonhados por terem disparado suas armas contra o vento assoviando entre o gelo irregular ou contra o próprio gelo, pensando que um seraco era um grande urso-branco. Crozier é o último a voltar e os segue para o convés inferior.

A maioria dos tripulantes havia guardado seus trajes e botas molhados e seguido para comer em mesas que haviam sido todas baixadas nas correntes, e os oficiais ido para a popa e para a sua refeição, no momento em que Crozier desceu a escada. Seu camareiro, Jopson, e seu primeiro-tenente, Little, correm para ajudá-lo a sair das camadas externas cobertas de gelo.

– Está congelado, capitão – diz Jopson. – Sua pele está branca de queimadura. Venha para o refeitório da popa e o jantar, senhor.

Crozier balança a cabeça.

– Preciso conversar com o comandante Fitzjames. Edward, chegou algum mensageiro do navio dele enquanto estive fora?

– Não, senhor – diz o tenente Little.

– Por favor, coma, capitão – insiste Jopson. Para camareiro ele é um homem grande, e sua voz rouca se torna mais um rosnado que um gemido quando implora ao capitão.

Crozier balança a cabeça.

– Faça a gentileza de embrulhar dois biscoitos para mim, Thomas. Mastigarei enquanto caminho para o *Erebus*.

Jopson mostra seu descontentamento com a decisão tola, mas vai apressado até onde o sr. Diggle está ocupado em seu enorme fogão. Naquele momento, hora do jantar, o convés inferior está tão quente quanto ficará em qualquer

período de 24 horas – a temperatura chegando no máximo à casa dos 7 graus. Muito pouco carvão tem sido queimado para calefação naqueles dias.

– Quantos homens quer que sigam com o senhor, capitão? – pergunta Little.

– Nenhum, Edward. Depois que os homens tiverem comido, quero que coloque pelo menos oito grupos no gelo para as últimas quatro horas de buscas.

– Mas, senhor, é recomendável que... – começa Little, a seguir se interrompendo.

Crozier sabe o que ele ia dizer. A distância entre o *Terror* e o *Erebus* é de menos de dois quilômetros, mas é uma distância solitária e perigosa, e algumas vezes a travessia demanda horas. Se uma tempestade surgir ou simplesmente o vento começar a soprar a neve, os homens podem se perder ou não conseguir mais avançar na nevasca. O próprio Crozier proibiu os homens de fazer a travessia sozinhos, e quando mensagens precisam ser enviadas, ele despacha pelo menos dois homens, com ordem de retornar ao primeiro sinal de clima ruim. Além do iceberg de sessenta metros de altura que se ergue entre os dois navios, com frequência bloqueando até mesmo a visão de chamas e fogo, a trilha – embora sendo limpa e mantida relativamente plana todo dia – na verdade é um labirinto de seracos em constante mutação, cristas de pressão, blocos de gelo virados e um caos de gelo.

– Está tudo bem, Edward. Levarei minha bússola – diz Crozier.

O tenente Little sorri, embora a piada esteja perdendo a graça após três anos na região. Os navios estão presos, segundo seus instrumentos conseguem avaliar, quase diretamente sobre o polo magnético norte. Uma bússola ali é tão útil quanto uma varinha de rbdomante.

O tenente Little se aproxima. As bochechas do jovem brilham da pomada aplicada nos pontos onde a queimadura de gelo deixara manchas brancas e fizera a pele morrer e descamar.

– Capitão – começa Irving apressado. – O senhor viu Silêncio no gelo?

Crozier tirara o quepe e o cachecol e está sacudindo o gelo de seus cabelos encharcados de suor e névoa.

– Quer dizer que ela não está em sua pequena caverna atrás da enfermaria?

– Não, senhor.

– Procurou em outros pontos do convés inferior?

Crozier se preocupa principalmente que, com a maioria dos homens fora de sentinela e em grupos de busca, a bruxa esquimó possa ter ido aonde não devia.

– Sim, senhor. Nenhum sinal dela. Eu perguntei e ninguém se lembra de tê-la visto desde a noite de ontem. Desde antes... do ataque.

– Ela estava no convés quando a coisa atacou o soldado Heather e o marinheiro Strong?

– Ninguém sabe, capitão. Poderia ter estado. Apenas Heather e Strong estavam no convés naquele momento.

Crozier suspira. Seria irônico, pensa, se sua hóspede misteriosa, que aparecera pela primeira vez no dia em que aquele pesadelo começara seis meses antes, finalmente tivesse sido levada embora pela criatura tão relacionada ao seu aparecimento.

– Procure no navio inteiro, tenente Irving. Cada nicho, canto, cômoda e armário de cabos. Usaremos a navalha de Occam e imaginaremos que se não estiver a bordo é por ter sido... levada.

– Muito bem, senhor. Devo escolher três ou quatro homens para me ajudar na busca?

Crozier balança a cabeça.

– Apenas você, John. Quero todos de volta ao gelo procurando Strong e Evans no período antes de recolher e, caso não encontre Silêncio, entre para um grupo e junte-se a eles.

– Sim, sim, senhor.

Lembrando de sua baixa, Crozier atravessa o refeitório dos homens até a enfermaria. Na hora do jantar, mesmo naqueles dias escuros, normalmente há um som revigorante de conversas e risos dos homens às mesas, mas naquela noite o silêncio só é rompido pelas colheres raspando em metal e eventuais arrotos. Os homens estão exaustos, tombados nas arcas de viagem que usam como cadeiras, e apenas rostos cansados e murchos se erguem para o capitão enquanto ele passa apertado. Crozier bate na coluna de madeira à direita da cortina da enfermaria, e passa para dentro.

O cirurgião Peddie ergue os olhos de pontos que está dando no antebraço esquerdo do marinheiro George Cann em uma mesa no centro do espaço.

– Boa noite, capitão – diz o cirurgião. Cann bate na testa com a mão boa.

– O que aconteceu, Cann?

O jovem marinheiro dá um grunhido.

– A porra do cano da escopeta escorregou pela minha manga e tocou na porra do braço nu quando eu estava escalando a porra de uma crista de pressão, capitão, com o perdão da linguagem. Eu puxei a escopeta e 15 centímetros de pele saíram junto.

Crozier anui e olha ao redor. A enfermaria é pequena, mas agora há seis catres apertados nela. Um está vazio. Três homens, de cama com o que Peddie e McDonald lhe dizem ser provavelmente escorbuto, estão dormindo. Um quarto homem, Davey Leys, olha para o teto – tem estado consciente, mas estranhamente distante por quase uma semana. O quinto catre recebe o soldado fuzileiro William Heather.

Crozier ergue uma segunda lanterna de seu gancho da divisória de estibordo e leva a luz sobre Heather. Os olhos do homem brilham, mas ele não pisca quando Crozier aproxima a lâmpada. As pupilas parecem permanentemente dilatadas. O crânio foi envolvido em uma bandagem, mas sangue e massa cinzenta já vazam.

– Ele está vivo? – pergunta Crozier em voz baixa.

Peddie vai até lá, limpando as mãos ensanguentadas com um trapo.

– Está, estranhamente.

– Mas pudemos ver o cérebro dele no convés. Eu consigo ver agora.

Peddie anui, cansado.

– Isso acontece. Em outras circunstâncias, ele poderia até mesmo se recuperar. Seria um idiota, claro, mas eu poderia aparafusar uma tampa de metal onde o crânio se perdeu, e a família, caso tenha uma, poderia cuidar dele. Mantê-lo como uma espécie de animal de estimação. Mas aqui... – diz Peddie, dando de ombros. – Pneumonia, escorbuto ou fome acabarão com ele.

– Em quanto tempo? – pergunta Crozier. O marinheiro Cann saiu pela cortina.

– Só Deus sabe – responde Peddie. – Haverá mais buscas por Evans e Strong, capitão?

– Sim – diz Crozier, recolocando a lanterna na divisória perto da entrada. As sombras se lançam novamente sobre o soldado fuzileiro Heather. O cirurgião exausto diz:

– O senhor tem consciência, estou certo, de que não há chance para o jovem Evans ou Strong, mas toda probabilidade de que cada busca produza mais ferimentos, mais queimaduras por gelo, uma chance maior de amputação, pois muitos homens já perderam um ou mais dedos dos pés, e a inevitabilidade de que alguém irá atirar em alguém por pânico.

Crozier encara o cirurgião. Se um de seus oficiais ou homens lhe falasse assim, teria mandado açoitar o homem. O capitão faz uma concessão ao status civil e ao estado de exaustão do homem. O dr. McDonald estava havia três dias e três noites em sua rede com gripe, e Peddie esteve muito ocupado.

– Por favor, deixe que eu me preocupe com os riscos de continuar a busca, sr. Peddie. O senhor se preocupe com costurar os homens idiotas o bastante para colocar metal nu sobre a pele quando está fazendo 50 graus Celsius negativos. Ademais, se aquela coisa lá fora tivesse levado o senhor para a noite, não iria querer que o procurássemos?

Peddie dá um riso vazio.

– Se este espécime específico de *Ursus maritimus* me levar embora, capitão, eu só posso esperar estar com o meu bisturi. Para poder cravá-lo em meu próprio olho.

– Então mantenha seu bisturi à mão, sr. Peddie – diz Crozier, e passa pela cortina para o estranho silêncio do refeitório dos tripulantes.

Jopson está esperando à luz da cozinha com um lenço cheio de biscoitos quentes.



Crozier desfruta da caminhada apesar do frio tremendo que faz rosto, dedos, pernas e pés parecerem queimar. Ele sabe que isso é preferível a estarem dormentes. E ele gosta da caminhada a despeito do fato de que, entre os

gemidos lentos e os guinchos repentinos do gelo se movendo abaixo e ao redor dele no gelo e do uivo constante do vento, tem certeza de estar sendo espreitado.

Com vinte minutos de sua caminhada de duas horas – mais uma escalada, corrida e deslizada de traseiro para cima, cruzando e descendo cristas de pressão pela maior parte do caminho esta noite do que uma caminhada –, as nuvens se abrem e aparecem três quartos de lua iluminando a paisagem fantasmagórica. A lua brilha o bastante para ter um halo lunar de cristais de gelo ao redor, na verdade dois halos concêntricos, ele percebe, com o diâmetro do maior sendo suficiente para cobrir um terço do céu noturno a leste. Não há estrelas. Crozier diminui sua lâmpada para poupar óleo e avança, usando a vara de barco que levava para testar cada forma escura à frente e ter certeza de que é uma sombra, não rachadura ou fissura. Ele agora chegara à área do lado leste do iceberg onde a lua está bloqueada, a massa lançando uma sombra negra e retorcida por quatrocentos metros de gelo. Jopson e Little insistiram em que levasse uma escopeta, mas ele dissera que não queria carregar o peso na caminhada. Mais objetivamente, ele realmente não acreditava que uma escopeta seria de qualquer utilidade contra o inimigo que tinham em mente.

Em um determinado momento de rara calma, tudo estranhamente silencioso a não ser sua respiração pesada, Crozier de repente lembra de um momento semelhante de quando era um menino voltando tarde para casa de uma tarde de inverno com os amigos nas montanhas. De início, ele corria sozinho em linha reta pelos arbustos cobertos de gelo, mas então parou a mais ou menos oitocentos metros de casa. Lembra de ter ficado ali de pé olhando para as janelas iluminadas da aldeia enquanto o resto do crepúsculo de inverno sumia do céu e as colinas ao redor se tornavam indistintas formas negras sem características, desconhecidas para um garoto tão pequeno, até que mesmo sua própria casa, visível da periferia da cidade, perdesse toda definição e tridimensionalidade na luz que morria. Crozier lembra da neve começando a cair, e ele mesmo de pé ali, sozinho no escuro além dos cercados de pedra para ovelhas, sabendo que levaria uma surra pela demora, sabendo que chegar mais tarde só iria piorar a surra, mas ainda não tendo disposição nem vontade de andar até a luz de casa. Ele desfrutou do som suave do vento da noite e o

conhecimento de que era o único garoto – talvez o único ser humano – ali fora no escuro na campina de capim congelado varrida pelo vento, naquela noite que cheirava a neve vindo, distante das janelas iluminadas e dos braseiros quentes, muito consciente de ser da aldeia, mas não *parte* dela naquele momento. Era uma sensação excitante, quase erótica – uma descoberta ilícita do seu eu separado de todos e de tudo o mais no frio e no escuro –, e ele sente aquilo novamente, como sentiu algumas vezes em seus anos de serviço Ártico nos polos opostos da Terra.

Algo está descendo a crista alta atrás dele.

Crozier vira a lanterna a óleo bem alto e ilumina o gelo. O círculo de luz dourada mal chega a quatro metros e meio, e torna ainda pior a escuridão além. Usando os dentes, ele saca a luva pesada, a solta no gelo, ficando apenas com uma luva fina naquela mão, passa a vara do barco para a mão esquerda e tira a pistola do bolso do casaco. Crozier engatilha a arma enquanto o ruído de gelo e neve escorregando na crista de pressão fica mais alto. A linha de sombra do iceberg bloqueia a lua ali, e o capitão só consegue ver as enormes formas de blocos de gelo que parecem se mover e virar à luz trêmula.

Então algo peludo e indistinto se move pela placa de gelo da qual ele acabou de descer, cerca de três metros acima e menos de quatro metros e meio a oeste, bem à distância de um salto.

– Alto – diz Crozier, esticando a pesada pistola. – Identifique-se.

A forma não produz nenhum som. Move-se novamente.

Crozier segura o fogo. Soltando a comprida vara de barco, agarra a lanterna e a estica para frente.

Vê a pele ondulante se movendo e quase dispara, mas se contém no último instante. A forma desliza mais para baixo, se movendo rapidamente e com segurança para o gelo. Crozier baixa o percussor da pistola e a recoloca no bolso, se agachando para recuperar a luva ao mesmo tempo em que mantém a lanterna estendida.

Lady Silêncio vai para a luz, sua parca de pele e a calça de pele de foca a fazem parecer algum animal baixo e roliço. O capuz está puxado para frente como proteção contra o vento, e Crozier não consegue ver seu rosto.

– Maldição, mulher – ele diz baixo. – Você esteve a um maldito segundo de levar um tiro. Onde inferno você esteve, afinal?

Ela se aproxima mais, quase à distância de toque, mas o rosto permanece velado pela escuridão dentro do capuz.

Sentindo um arrepio repentino na nuca e descendo pela coluna – Crozier se lembra da descrição de sua avó Moira para a face de crânio transparente de um espírito feminino entre as dobras de seu capuz negro –, ele ergue a lanterna entre os dois.

O rosto da jovem é humano, não de espírito, os olhos escuros arregalados enquanto refletem a luz. Ela não tem expressão. Crozier se dá conta de que nunca viu uma expressão em seu rosto, além de talvez um olhar levemente inquisitivo. Nem mesmo no dia em que dispararam e mataram seu marido, irmão ou pai e ela viu o homem engasgar até a morte em seu próprio sangue.

– Não espanta que os homens a achem uma feiticeira e que dê azar – diz Crozier. No navio, em frente aos homens, ele é sempre educado e formal com a esquimó, mas ele não está no navio ou em frente aos homens naquele momento. É a primeira e única vez em que ele e a maldita mulher estavam fora do navio ao mesmo tempo. E ele sente muito frio e muito cansaço.

Lady Silêncio o encara. Então estica a mão enluvada. Crozier baixa a lanterna na direção dela e vê que está lhe oferecendo algo – uma oferenda cinza flácida, como um peixe que tivesse sido estripado e desossado, deixando apenas a pele.

Ele se dá conta de que é uma meia de lã de tripulante.

Crozier a pega, sente um caroço no dedo da meia, e por um instante tem certeza de que o caroço será parte do pé de um homem, provavelmente a frente do pé e os dedos, ainda rosados e quentes.

Crozier esteve na França e conheceu homens lotados na Índia. Ouviu a história de lobisomens e homens-tigre. Na Terra de Van Diemen, onde conheceu Sophia Cracroft, ela lhe contou as histórias locais de nativos que podiam ser transformar em uma criatura monstruosa que chamavam de Demônio da Tasmânia – criatura capaz de arrancar os membros de um homem.

Crozier sacode a meia e olha nos olhos de Silêncio. São tão negros quanto os buracos no gelo através dos quais os homens do *Terror* baixaram seus mortos até que mesmo esses buracos congelassem.

É uma bola de gelo, não parte de um pé. Mas a própria meia não está congelada. A lã não passou muito tempo lá fora em um frio de -50° Celsius. A lógica sugere que aquela mulher a trouxe com ela do navio, mas por alguma razão Crozier não acha isso.

– Strong? – pergunta o capitão. – Evans?

Silêncio não reage aos nomes.

Crozier suspira, enfia a meia no bolso do casaco e ergue a vara de barco.

– Estamos mais perto do *Erebus* que do *Terror*. Você terá de vir comigo.

Crozier dá as costas a ela, novamente sentindo o arrepio na nuca e coluna ao fazer isso, e sai esmagando neve através do vento que aumenta na direção do perfil agora visível do navio irmão do *Terror*. Um minuto depois ele podia ouvir os passos macios dela no gelo atrás. Eles superaram uma última crista de pressão, e Crozier pôde ver que o *Erebus* estava mais brilhantemente iluminado que nunca. Doze ou mais lanternas pendiam das vergas apenas deste lado bombordo, visível da embarcação presa, absurdamente erguida e fortemente inclinada. Um prodigioso desperdício de óleo de lanterna.

Crozier sabia que o *Erebus* havia sofrido mais do que seu *Terror*. Além de empenar o comprido eixo da hélice no verão anterior – o eixo havia sido construído para ser retrátil, mas não fizera isso a tempo de evitar danos do gelo sob a água durante a viagem quebra-gelo em julho – e de perder a própria hélice, a capitânia havia sido mais danificada que a embarcação irmã nos dois invernos anteriores. O gelo no abrigo comparativo do porto da ilha Beechey havia torcido, estilhaçado e afrouxado tábuas do casco em um grau maior no *Erebus* que no *Terror*; o leme da capitânia fora danificado na corrida louca para a Passagem do verão anterior; o frio soltara mais parafusos, rebites e braçadeiras de metal no navio de sir John; muito mais do revestimento de ferro para quebrar gelo se soltara ou amassara no *Erebus*. E embora o *Terror* também tivesse sido erguido e apertado pelo gelo, os dois meses anteriores daquele terceiro inverno viram o HMS *Erebus* ser colocado em um virtual pedestal de

gelo, enquanto a pressão da banquisa partia um comprido trecho da proa de estibordo, popa de bombordo e fundo do casco no meio.

A capitânia de sir John Franklin, Crozier sabe – e seu atual capitão, James Fitzjames, e sua tripulação também sabem –, nunca navegará novamente.

Antes de sair para a área iluminada pelas lanternas penduradas do navio, Crozier se coloca atrás de um seraco de três metros de altura e puxa Silêncio com ele.

– Alô do navio! – grita, com sua mais alta voz de comando de estaleiro.

Uma escopeta ruge e um seraco a um metro e meio de Crozier estilhaça em uma chuva de lascas de gelo refletindo o brilho fraco da lanterna.

– Suspenda isso, maldito cego, seu maldito idiota desajeitado preguiçoso de merda! – ruge Crozier.

Há uma agitação no convés do *Erebus*, com algum oficial arrancando a escopeta das mãos da sentinela idiota de merda.

– Tudo bem – diz Crozier para a garota esquimó encolhida. – Podemos ir agora.

Ele para, e não apenas porque Lady Silêncio não o está seguindo para a luz. Ele pode ver seu rosto no brilho refletido, e ela sorri. Aqueles lábios carnudos que nunca se movem estão se curvando para cima ligeiramente. Sorrindo. Como se tivesse entendido e gostado de sua explosão.

Mas antes que Crozier possa confirmar que o sorriso é real, Silêncio volta para as sombras do gelo e desaparece.

Crozier balança a cabeça. Se a maluca quer congelar ali, que seja. Ele tem negócios com o capitão Fitzjames e depois uma longa caminhada para casa no escuro antes que possa dormir.

Cansado, se dando conta de que não sentiu os pés pelo menos na última meia hora, Crozier cambaleia subindo a rampa de gelo e neve sujos na direção do convés da capitânia quebrada do falecido sir John.

FRANKLIN

Lat. 70° - 05' N., Long. 98° - 23' W.

Maio de 1847

O capitão sir John Franklin poderia ser o único homem a bordo dos dois navios a permanecer exteriormente sereno quando a primavera e o verão simplesmente não apareceram em abril, maio e junho de 1847.

Inicialmente, sir John não anunciara formalmente que permaneceriam presos por pelo menos mais um ano; não precisou. Na primavera anterior, na ilha Beechey, tripulação e oficiais haviam observado com grande ansiedade não apenas enquanto o sol voltava, mas enquanto a banquisa se partia em placas e pequenos fragmentos de gelo, surgiam canais e o gelo reduzia o aperto. No final de maio de 1846 eles estavam navegando novamente. Não neste ano.

Na primavera anterior, tripulação e oficiais haviam visto o retorno de muitos pássaros, baleias, peixes, raposas, focas, morsas e outros animais, para não falar no líquen e nos arbustos baixos esverdeando nas ilhas para as quais navegavam no começo de junho. Não neste ano. Ausência de água aberta significava ausência de baleias, de morsas, quase ausência de focas – as poucas focas aneladas que viam eram tão difíceis de apanhar ou acertar a bala agora quanto haviam sido no começo do inverno –, e não havia nada além de neve suja e gelo cinzento até onde a vista alcançava.

A temperatura permaneceu baixa a despeito das horas mais longas de sol a cada dia. Embora Franklin houvesse erguido totalmente os mastros, recolocado vergas, refeito os cordames e colocado velas novas nos dois navios em meados de abril, aquilo não tinha valia. Os aquecedores permaneciam

apagados a não ser para circular água morna pelos canos de calefação. Sentinelas relatavam uma sólida mesa branca se estendendo em todas as direções. Os icebergs permaneciam onde haviam sido congelados no mês de setembro anterior. Fitzjames e o tenente Gore, trabalhando com o capitão Crozier do *Terror*, haviam confirmado pela observação das estrelas que a corrente empurrava o gelo para o sul a míseros dois quilômetros e meio por mês, mas aquela massa de gelo no qual eles estavam presos girara no sentido anti-horário o inverno inteiro, devolvendo-os ao ponto onde haviam começado. Cristas de pressão continuavam a se erguer como túneis de marmotas brancos. O gelo estava ficando mais fino – as equipes de abertura de buracos de incêndio já conseguiam serrá-lo –, mas continuava com mais de três metros de espessura.

O capitão sir John Franklin permaneceu sereno durante tudo isso por causa de duas coisas: sua fé e sua esposa. O devoto cristianismo de sir John o mantinha à tona mesmo quando o peso da responsabilidade e da frustração se aliava para jogá-lo para baixo. Ele sabia e acreditava fervorosamente que tudo o que acontecera era a vontade de Deus. O que parecera inevitável aos outros não precisava ser em um universo administrado por um Deus interessado e misericordioso. O gelo poderia se partir de repente no meio do verão, agora a menos de seis semanas, e mesmo algumas semanas de vela e vapor os levariam triunfantes à Passagem Noroeste. Seguiriam a vapor rumo oeste ao longo do litoral enquanto tivessem carvão, depois velejariam o resto do caminho para o Pacífico, escapando das latitudes mais ao norte em algum momento em meados de setembro, pouco antes da banquisa solidificar novamente. Franklin tivera outros milagres em sua vida. Simplesmente ser nomeado comandante desta expedição – aos 60 anos de idade, depois da humilhação da Terra de Van Diemen – havia sido um grande milagre.

Por mais profunda e sincera que fosse a fé de sir John em Deus, sua fé em sua esposa era ainda mais profunda e algumas vezes mais assustadora. Lady Jane Franklin era uma mulher indômita... *Indômita* era a única palavra para ela. A vontade dela não tinha limites, e em quase todos os casos lady Jane Franklin fazia o mundo desgarrado e arbitrário se curvar à vontade férrea de sua determinação. Após dois invernos inteiros fora de alcance, ele já imaginava que

sua esposa havia mobilizado sua impressionante fortuna pessoal, seus contatos públicos e a força de vontade aparentemente ilimitada para convencer o Almirantado, o Parlamento, e Deus sabe quantos outros órgãos a sair em busca dele.

Esse último fato incomodava um pouco sir John. Acima de tudo o mais, ele não queria ser “resgatado” – alcançado por terra ou por mar durante o breve degelo de verão por expedições organizadas apressadamente sob o comando de sir John Ross cheirando a uísque ou do jovem sir James Ross (que seria arrancado de sua aposentadoria ártica, sir John sabia, pelas exigências de lady Jane). Isso representava vergonha e ignomínia.

Mas sir John permanecia sereno por saber que o Almirantado não era movido *rapidamente* em nenhuma questão, nem mesmo por uma alavanca tão poderosa quanto sua esposa Jane. Sir John Barrow e os outros membros do mítico Conselho Ártico, para não mencionar os oficiais superiores de sir John no Serviço de Descoberta da Marinha Real, sabiam muito bem que o HMS *Erebus* e o HMS *Terror* tinham provisões para três anos, ainda mais tempo caso um racionamento severo fosse determinado, para não falar em capacidade de pesca e caça caso encontrassem algo. Sir John sabia que sua esposa – sua esposa *indômita* – forçaria um resgate caso chegasse a esse ponto, mas a terrível e maravilhosa inércia da Marinha Real quase certamente garantiria que uma tentativa de resgate não fosse organizada antes da primavera e do verão de 1848, se não mais tarde.

Assim, no final de maio de 1847, sir John preparou cinco grupos em trenó para estudar os horizontes em todas as direções, incluindo um instruído a retornar pelo caminho pelo qual tinham vindo, em busca de qualquer mar aberto. Eles partiram em 21, 23 e 24 de maio, com o grupo do tenente Gore – o fundamental – partindo por último e deslizando na direção da Terra do Rei Guilherme, a sudeste.

Além de reconhecimento, o primeiro-tenente Graham Gore tinha uma segunda importante responsabilidade – deixar a primeira mensagem escrita de sir John depositada no litoral desde o início da expedição.

Nisso o capitão sir John Franklin chegara o mais perto de desobedecer a ordens em toda a sua vida na Marinha. Suas instruções do Almirantado haviam

sido de erguer moledros e deixar mensagens em esconderijos ao longo de toda a sua exploração – caso os navios não aparecessem além do estreito de Bering no prazo, essa seria a única forma de os navios de resgate da Marinha Real saber em qual direção Franklin seguira e o que poderia ter causado a demora. Mas sir John não deixara uma mensagem assim na ilha Beechey, embora tivesse tido nove meses para preparar uma. Na verdade, sir John odiara aquela primeira ancoragem gelada – ficara envergonhado das mortes dos três tripulantes por consumpção e pneumonia naquele inverno –, então decidira particularmente deixar as covas para trás como a única mensagem que precisava enviar. Com alguma sorte ninguém acharia as covas por anos depois que sua vitória em forçar a Passagem Noroeste tivesse sido anunciada ao mundo todo.

Mas agora haviam se passado quase dois anos desde seu último despacho aos superiores, então Franklin ditara a Gore uma atualização e a colocara em um cilindro de latão hermético – um dos duzentos que havia recebido.

Ele orientou pessoalmente o tenente Gore e o segundo imediato Charles Des Voeux sobre onde colocar a mensagem – no moledro de 1,80 metro deixado na Terra do Rei Guilherme por sir James Ross cerca de 17 anos antes no ponto mais ocidental de suas próprias explorações. Franklin sabia que esse seria o primeiro lugar onde a Marinha procuraria notícias de sua expedição, já que era o último ponto nos mapas de todos.

Olhando para a indicação solitária daquele último marco em seu próprio mapa na privacidade de sua cabine na manhã antes da partida de Gore, Des Voeux e seis tripulantes, sir John teve de sorrir. Em um ato de respeito 17 anos antes – para não dizer um ato agora produzindo uma pequena ironia –, Ross batizara o promontório mais a oeste ao longo do litoral de ponto Victoria, e depois batizara o planalto próximo de cabo Jane Franklin e ponto Franklin. Era como se, pensou sir John, olhando para o velho mapa sépia com suas linhas negras e grandes espaços vazios a oeste do cuidadosamente marcado ponto Victoria, o Destino ou Deus tivessem levado a ele e aqueles homens ali.

Ele ditou sua mensagem – na caligrafia de Gore – de forma, pensou sir John, sucinta e profissional:

_____ *de maio de 1847. HM Navios Erebus e Terror... Invernados no gelo, Lat. 70°05' N. Long. 98°23' W. Tendo invernado em 1846-7 na ilha Beechey, Lat. 74°43'28" N Long. 90°39'15" W, após ter subido o canal Wellington até a Lat. 77° – e retornado pelo lado oeste da ilha Cornwallis. Sir John Franklin comandando a Expedição. Tudo bem. Grupo composto de 2 oficiais e 6 homens deixou os navios na segunda-feira, 24 de maio de 1847. Gm. Gore, ten. Chas. F. Des Voeux, imediato.*

Franklin orientou Gore e Des Voeux a assinar o bilhete e colocar a data antes de lacrar o cilindro e o colocar no fundo do moledro de James Ross.

O que Franklin não percebera ao ditar – nem o tenente Gore corrigiu – foi que dera as datas erradas para o inverno na ilha Beechey. Fora o primeiro inverno de 1845-46 em seu porto de gelo protegido em Beechey; o tempo terrível deste ano na banquisa aberta era o inverno de 1846-47.

Não importava. Sir John estava convencido de que deixava uma mensagem menor para a posteridade – possivelmente para algum historiador da Marinha Real que quisesse acrescentar um artefato ao futuro relatório de sir John sobre a expedição (sir John planejava escrever outro livro, cujos lucros levariam sua fortuna pessoal quase ao patamar daquela de sua esposa) – e não ditando um relatório que seria lido por alguém no futuro imediato.

Na manhã em que o grupo de trenó de Gore partiu, sir John se embrulhou e desceu para o gelo para desejar boa viagem a eles.

– Têm tudo de que precisam, cavalheiros? – perguntou sir John.

O primeiro-tenente Gore – o quarto na cadeia de comando atrás de sir John, do capitão Crozier e do comandante Fitzjames – anuiu, assim como seu subordinado, o segundo imediato Des Voeux, este dando um sorriso. O sol brilhava muito e os homens já usavam os óculos de tela de arame que o sr. Osmer, intendente do *Erebus*, dera a eles para impedir cegueira pelo brilho do sol.

– Sim, sir John. Obrigado, senhor – disse Gore.

– Lá suficiente? – brincou sir John.

– Sim, senhor – disse Gore. – Oito camadas de boa lã de ovelha bem tecida de Northumberland, sir John, nove caso sejam contadas as ceroulas de lã.

Os cinco tripulantes riram ao ouvir seus oficiais brincando assim. Sir John sabia que os homens o adoravam.

– Preparado para acampar no gelo? – sir John perguntou a um dos homens, Charles Best.

– Ah, sim, sir John – disse o jovem marinheiro baixo, mas corpulento. – Temos uma barraca Holland, e oito cobertores de pele de lobo nos quais dormimos. E 24 sacos de dormir, sir John, que o intendente costurou para nós a partir dos melhores cobertores da Hudson Bay. Estaremos mais quentes no gelo que a bordo do navio, meu senhor.

– Bom, bom – disse sir John, distraído. Olhou para sudeste, onde a Terra do Rei Guilherme, ou ilha do Rei Guilherme, a crer na teoria insana de Francis Crozier, só era visível como um leve escurecimento do céu acima do horizonte. Sir John rezou a Deus, literalmente, para que Gore e seus homens encontrassem mar aberto perto do litoral, antes ou depois de esconder a mensagem da exposição. Sir John estava preparado para fazer tudo ao seu alcance – e além – para forçar os dois navios, por mais danificado que o *Erebus* estivesse, através do gelo que ficava mais macio, caso ficasse macio, para a proteção comparativamente maior de águas litorâneas e a potencial salvação da terra. Lá eles poderiam encontrar um porto calmo ou uma restinga de cascalho onde os carpinteiros e engenheiros pudessem fazer reparos no *Erebus* – desempenando o eixo da hélice, substituindo a hélice, prendendo os reforços internos de ferro retorcidos e talvez substituindo algumas das placas de ferro perdidas – para que pudessem prosseguir. Caso contrário, pensou sir John – mas ainda não havia partilhado a ideia com nenhum de seus oficiais –, eles seguiriam o perturbador plano de Crozier do ano anterior e ancorariam o *Erebus*, transfeririam suas reservas decrescentes de carvão para o *Terror* e seguiriam para oeste pelo litoral naquele lotado (mas jubilante, sir John estava certo, jubilante) navio remanescente.

No último instante, o cirurgião assistente do *Erebus*, Goodsir, implorara a sir John que o deixasse acompanhar o grupo de Gore, e embora nem o tenente Gore nem o segundo imediato Des Voeux se entusiasmassem com a ideia –

Goodsir não era popular com oficiais ou homens – sir John permitira. O argumento do cirurgião assistente para ir era precisar recolher mais informações sobre formas de vida selvagem comestíveis que pudesse usar contra o escorbuto, que era o maior medo de todas as expedições árticas. Ele estava particularmente interessado no comportamento do único animal presente naquele estranho verão do Ártico não veranil, o urso-branco.

Agora, enquanto sir John via os homens acabando de prender seu equipamento ao pesado trenó, o pequeno cirurgião – era um homem pequeno, branco, de aparência frágil, com queixo encolhido, suíças absurdas e um olhar estranhamente efeminado que afastava até mesmo o universalmente afável sir John – se adiantou para iniciar uma conversa.

– Obrigado novamente por permitir que acompanhe o grupo do tenente Gore, sir John – disse o pequeno médico. – A excursão poderia ser de importância inestimável para nossa avaliação médica das propriedades antiescorbúticas de uma grande variedade de fauna e flora, incluindo os líquens invariavelmente presentes na terra firme da Terra do Rei Guilherme.

Sir John fez uma careta involuntária. O cirurgião não tinha como saber que seu comandante um dia sobrevivera durante meses com uma sopa rala feita daquele líquen.

– Seja bem-vindo, sr. Goodsir – disse friamente.

Sir John sabia que o desajeitado jovem pretensioso preferia o título de “doutor” ao de “senhor”, uma distinção dúbia, já que, embora de uma boa família, Goodsir se formara como um mero anatomista. Tecnicamente no mesmo patamar com os suboficiais a bordo dos dois navios, o cirurgião assistente civil só tinha direito, aos olhos de sir John, a ser chamado de sr. Goodsir.

O jovem cirurgião corou com a frieza do comandante após a conversa relaxada com os tripulantes, fez um gesto com o quepe e recuou três passos desajeitados de volta ao gelo.

– Ah, sr. Goodsir – acrescentou Franklin.

– Sim, sir John? – disse o jovem novato, corado e quase gaguejando de constrangimento.

– Aceite minhas desculpas por nosso comunicado formal a ser colocado no moledro de sir James Ross na Terra do Rei Guilherme, referir-se apenas a dois oficiais e seis *homens* no grupo do tenente Gore – disse sir John. – Eu ditara a mensagem antes de seu pedido de acompanhar o grupo. Eu teria escrito *um oficial, um suboficial, um cirurgião assistente e cinco homens* caso soubesse que seria incluído.

Goodsir pareceu confuso por um momento, incerto quanto ao que sir John tentava dizer a ele, mas depois se curvou, tocou no quepe novamente e murmurou:

– Muito bem, isso não é problema, eu compreendo, muito obrigado, sir John – disse, e recuou novamente.

Alguns minutos depois, enquanto via o tenente Gore, Des Voeux, Goodsir, Morfin, Ferrier, Best, Hartnell e o soldado Pilkington diminuindo sobre o gelo a sudeste, sir John, sob sua expressão reluzente e serenidade exterior, na verdade contemplava o fracasso.

Outro inverno – outro ano inteiro – no frio poderia acabar com eles. A expedição ficaria sem comida, carvão, óleo, éter pirolenhoso para abastecer lanternas e rum. O desaparecimento desse último item poderia muito bem significar motim.

Mais que isso, se o verão de 1848 fosse tão frio e inclemente quanto este verão de 1847 certamente prometia, outro inverno inteiro ou ano no gelo iria destruir um ou dois dos navios. Como tantas expedições fracassadas antes deles, sir John e seus homens estariam fugindo para salvar suas vidas, arrastando escaleres, baleeiras e trenós feitos às pressas sobre o gelo podre, rezando por canais abertos e depois os amaldiçoando quando os trenós caíssem pelo gelo e os ventos contrários soprassem os pesados barcos de volta à banquisa, canais que significavam dias e noites de remo para os homens famintos. Então, sir John sabia, haveria a parte terrestre de qualquer tentativa de fuga – mais de 1.300 quilômetros de pedra e gelo idênticos, rios de corredeiras com rochas capazes de esmagar seus barcos menores (os barcos maiores não conseguiam descer os rios do norte do Canadá, ele sabia disso por experiência própria) e esquimós nativos que eram com maior frequência hostis e ladrões mentirosos mesmo quando pareciam amistosos.

Sir John continuou a observar enquanto Gore, Des Voeux, Goodsir e os cinco tripulantes e o único trenó desapareciam no brilho do gelo a sudeste, e pensou preguiçosamente se deveria ter enviado cães nessa viagem.

Sir John nunca gostara da ideia de cães em expedições árticas. Algumas vezes os animais eram bons para o moral dos homens – pelo menos até o momento em que os animais tinham de ser mortos e comidos –, mas em última análise eram criaturas sujas, barulhentas e selvagens. O convés de um navio que levava cachorros em número suficiente para fazer algum sentido, ou seja, puxar os trenós do modo como os esquimós da Groelândia costumavam fazer, era um convés tomado por latidos incessantes, canis lotados e o fedor constante de excremento.

Ele balançou a cabeça e sorriu. Só haviam levado um cachorro naquela expedição – o mestiço chamado Netuno –, para não falar em um macaquinho chamado Jocko – e isso, sir John estava certo, era variedade suficiente para aquela arca específica.

A semana após a partida de Gore pareceu a sir John se arrastar. Um a um os outros grupos de trenós retornaram, os homens exaustos e congelados, e suas camadas de lã encharcadas de suor pelo esforço de arrastar seu trenó por cima ou ao redor de inúmeras cristas. Os relatórios eram iguais.

De leste na direção da península Boothia – nada de mar aberto. Nem mesmo o menor canal.

De noroeste até a ilha Príncipe de Gales e o caminho de sua aproximação até este deserto congelado – nada de mar aberto. Nem mesmo o indício de céu escuro além do horizonte que algumas vezes sugeria mar aberto. Em oito dias duros puxando trenó os homens não haviam conseguido chegar à ilha Príncipe de Gales, sequer ter um vislumbre dela. O gelo estava mais torturado por cristas e icebergs que os homens já tinham visto.

De noroeste na direção do estreito sem nome que levava o fluxo de gelo para o sul rumo a eles contornando a costa oeste e a extremidade sul da ilha Príncipe de Gales – nada visto a não ser ursos-brancos e mar congelado.

De sudoeste na direção do suposto continente de Terra Victoria e a teórica passagem entre as ilhas e o continente – nada de mar aberto, nada de animais a não ser os malditos ursos-brancos, centenas de cristas de pressão, tantos

icebergs congelados no lugar que o tenente Little – o oficial do *Terror* que Franklin colocara no comando desse grupo de trenó específico, composto de tripulantes do *Terror* – relatou que era como tentar seguir rumo oeste através de uma cordilheira de montanhas de gelo onde deveria estar o oceano. O clima estivera tão ruim no trecho final da viagem que três dos oito homens tinham dedos dos pés com graves queimaduras de gelo e todos os oito estavam em algum grau cegos pela neve, o próprio tenente Little completamente cego pelos cinco últimos dias e com dores de cabeça terríveis. Little, um veterano do Ártico, sir John sabia, um homem que fora para o sul com Crozier e James Ross oito anos antes, teve de ser colocado no trenó e carregado de volta pelos poucos homens que ainda conseguiam ver o suficiente para puxar. Nada de mar aberto em ponto algum nos quarenta quilômetros em linha reta que haviam explorado – quarenta quilômetros conquistados em talvez 160 quilômetros contornando ou superando obstáculos. Nada de raposas do Ártico, coelhos, renas, morsas ou focas. Obviamente, nada de baleias. Os homens haviam se preparado para carregar o trenó ao redor de rachaduras e pequenos canais em busca de mar aberto de verdade, mas a superfície do mar, relatou Little, a pele queimada de sol descascando no nariz e nas têmporas acima e abaixo das bandagens brancas sobre os olhos, era uma massa branca sólida. No ponto mais distante de sua odisséia para oeste, talvez a 45 quilômetros dos navios, Little ordenara que o homem com a melhor visão que restava, um ajudante de contramestre chamado Johnson, subisse no iceberg mais alto das vizinhanças. Johnson levava horas para fazer isso, cavando degraus estreitos para os pés com a picareta e então enfiando as garras que o intendente cravara nas solas de suas botas de couro. Uma vez no topo, o marinheiro usara o telescópio do tenente Little para olhar nas direções noroeste, oeste, sudeste e sul.

O relato foi desalentador. Nada de mar aberto. Nada de terra. Selvas de seracos, cristas e icebergs até o horizonte branco distante. Alguns ursos-brancos, dois dos quais eles depois abateram para conseguir carne fresca – mas descobriram que os fígados e corações eram insalubres para os humanos. A força dos homens já estava reduzida por puxar o pesado trenó sobre tantas cristas, e no fim eles retiraram menos de cinquenta quilos da carne de caça

dura para dobrar em mantas e arrastar de volta ao navio. Depois esfolaram o urso maior para pegar a pele branca, deixando o resto dos ossos para apodrecer no gelo.

Quatro das cinco expedições batedoras retornaram com más notícias e pés com queimaduras de gelo, mas sir John esperou com maior ansiedade o retorno de Graham Gore. Sua última e maior esperança sempre fora o sudeste, na direção da Terra do Rei Guilherme.

Finalmente, em 3 de junho, dez dias depois da partida de Gore, vigias no alto dos mastros gritaram para baixo que um grupo se aproximava de sudeste com trenó. Sir John terminou seu chá, se vestiu adequadamente e se juntou ao grupo de homens que corraera ao convés para descobrir o que podiam ver.

O grupo de superfície agora já era visto até pelos homens no convés, e quando sir John ergueu seu belo telescópio de latão – presente dos oficiais e tripulantes de uma fragata de 26 canhões que Franklin comandara no Mediterrâneo mais de 15 anos antes –, uma única espiada explicou a clara confusão dos vigias.

Inicialmente tudo parecia bem. Cinco homens puxavam o trenó, como durante a partida de Gore. Três figuras corriam ao lado ou atrás do trenó, exatamente como no dia em que Gore partira. Então todos os oito estavam ali.

Ainda assim...

Uma das figuras que corria não parecia humana. A uma distância de quase dois quilômetros, e vislumbrada por entre os seracos e as elevações de gelo que um dia haviam sido um mar plácido, parecia como se um animal pequeno, redondo, sem cabeça, mas muito peludo, corresse atrás do trenó.

E pior, sir John não conseguia distinguir a evidente figura alta de Graham Gore na liderança, nem o exuberante cachecol vermelho que ele usava. Todas as figuras puxando ou correndo – e certamente o tenente não estaria *puxando* o trenó com seus subordinados em condições – pareciam pequenas demais, curvadas demais, *inferiores* demais.

Pior de tudo, o trenó parecia pesado demais para a viagem de volta – as rações incluíam uma semana extra de comida enlatada, mas já haviam se passado três dias além do tempo máximo estimado de ida e volta. Por um minuto as esperanças de sir John aumentaram enquanto ele avaliava a

possibilidade de que os homens tivessem matado renas ou outros grandes animais terrestres e estivessem levando carne fresca, mas então as formas distantes emergiram detrás da última grande crista de pressão, ainda mais de oitocentos metros de gelo, e o telescópio de sir John revelou algo horrível.

Nada de carne de rena no trenó, mas o que parecia ser dois corpos humanos mortos amarrados sobre o equipamento, um homem empilhado sobre o outro de uma forma insensível que só podia significar morte. Agora sir John conseguia identificar claramente duas cabeças expostas, uma em cada ponta da pilha, com a cabeça pertencendo ao corpo de cima mostrando cabelos brancos compridos que nenhum homem a bordo de qualquer dos navios tinha.

Eles estavam baixando cordas pela lateral no *Erebus* inclinado para ajudar a descida de seu corpulento capitão para o gelo íngreme. Sir John desceu ao convés inferior apenas pelo tempo necessário para somar sua espada cerimonial ao uniforme. Então, colocando as roupas de frio sobre uniforme, medalhas e espada, subiu para o convés e passou pela lateral – arfando e chiando, permitindo que seu camareiro o ajudasse a descer a encosta – para receber quem ou o que se aproximava do seu navio.

GOODSIR

Lat. 69° 37' 42" Long. 98° 41'

Terra do Rei Guilherme, 24 de maio a 3 de junho de 1847

Uma das razões pelas quais o dr. Harry D. S. Goodsir insistira em ir com aquele grupo de exploração era provar que era um homem tão forte e capaz quanto a maioria de seus colegas de tripulação. Ele logo se dera conta de que não era.

No primeiro dia ele insistira – contra as discretas objeções do tenente Gore e do sr. Des Voeux – em cumprir seu turno puxando o trenó, permitindo que um dos cinco tripulantes designados para isso fizesse uma pausa caminhando ao lado.

Goodsir quase não conseguiu. O arreio de couro e algodão feito pelos fabricantes de velas e intendentess, inteligentemente preso às cordas de puxar por um nó que os marinheiros podiam dar ou desfazer em um segundo e que Goodsir não conseguia compreender nem que sua vida dependesse disso, era grande demais para seus ombros estreitos e peito fundo. Mesmo apertando a frente do arreio ao máximo, escorregava nele. E ele, por sua vez, escorregava no gelo, caindo repetidamente, obrigando os outros homens a suspender o passo, parar, arfar e puxar. O dr. Goodsir nunca antes usara botas de gelo, e os pregos cravados nas solas faziam com que tropeçasse nos próprios pés.

Ele tinha dificuldade em ver com os pesados óculos de tela de arame, mas quando os erguia para a testa o brilho do sol Ártico refletido no gelo Ártico cegava parcialmente em minutos. Vestira camadas demais, e agora várias dessas camadas de lã estavam tão encharcadas com seu próprio suor que ele tremia,

embora estivesse superaquecido pelo esforço extraordinário. O arreio apertava seus nervos e prendia a circulação em seu braços finos e mãos frias. Continuava deixando cair as luvas externas. Seu arfar e seus engasgos se tornaram tão altos e constantes que ele estava envergonhado.

Após uma hora daquele absurdo, Bobby Ferrier, Tommy Hartnell, John Morfin e o soldado fuzileiro Bill Pilkington – o outro homem nos arreios, Charles Best, naquele momento caminhava ao lado –, cada um parando para esfregar a neve de seu anoraque, olhavam uns para os outros, mas não diziam nada, com ele nunca conseguindo descobrir o ritmo de trabalhar arreado com outros, aceitou a oferta de substituição de Best e, durante uma das breves paradas, saiu do arreio e deixou que homens de verdade puxassem o pesado trenó carregado com seus esquis de madeira que estavam sempre querendo congelar no gelo.

Goodsir estava exausto. Ainda era a manhã do primeiro dia no gelo, e estava tão esgotado da hora que passara puxando que teria alegremente desenrolado seu saco de dormir, apoiado em um dos cobertores de pele de lobo e dormido até o dia seguinte.

E isso antes de chegarem à primeira crista de pressão de verdade.

As cristas a sudeste do navio eram as mais baixas à vista pelos primeiros três quilômetros, aproximadamente, quase como se o próprio *Terror* cercado tivesse de alguma forma mantido o gelo mais suave a sotavento, forçando as cristas mais para longe. Mas no final da tarde do primeiro dia, as verdadeiras cristas de pressão se ergueram para bloqueá-los. Eram mais altas que as que separavam os dois navios durante seu inverno no gelo ali, como se as pressões sob o gelo mais perto da Terra do Rei Guilherme fossem mais terríveis.

Nas primeiras três cristas, Gore os dirigiu para sudoeste em busca de pontos baixos, depressões nas cristas que pudessem superar sem dificuldade demais. Isso acrescentou quilômetros e horas à viagem, mas ainda era uma solução mais fácil que esvaziar o trenó. Não houve como contornar a quarta crista.

Cada pausa de mais de alguns minutos significava que um dos homens – normalmente o jovem Hartnell – tinha de retirar uma das muitas garrafas de combustível pirolenhoso da massa cuidadosamente amarrada no trenó, acender um pequeno fogão a álcool e derreter um pouco de neve em uma

panela não para beber – para matar a sede eles tinham frascos que mantinham sob as roupas exteriores para que não congelassem –, mas para derramar a água quente sobre os deslizadores de madeira e liberá-los dos sulcos que haviam cavado na neve gelada e que congelavam sozinhos.

E o trenó não se movia sobre o gelo do mesmo modo como os trenós que conhecia de sua infância moderadamente privilegiada. Em sua primeira excursão à banquisa havia quase dois anos ele descobrira que uma pessoa não podia – nem mesmo em botas normais – correr sobre o gelo e deslizar do modo como fazia em casa em um rio ou lago congelado. Alguma propriedade do gelo marinho – quase certamente o alto volume de sal – aumentava o atrito, reduzindo a quase nada a facilidade de deslizar. Uma pequena decepção para um corredor querendo deslizar como um garoto, mas um enorme aumento de esforço para uma equipe de homens que tentavam puxar, empurrar e em geral arrastar pelo gelo centenas de quilos de equipamento empilhado alto em mais centenas de quilos de trenó.

Era como arrastar desajeitados quinhentos quilos de madeira e mantimentos sobre pedra moderadamente áspera. E pela facilidade de travessia as cristas de pressão poderiam ser pilhas de rochas e cascalho de quatro andares de altura.

Aquela primeira grande – apenas uma de muitas cruzando seu caminho para sudeste até onde a vista alcançava – devia ter 18 metros de altura.

Desamarrando comida, caixas de garrafas de combustível, cobertores, sacos de dormir e a pesada barraca cuidadosamente presos, eles aliviaram a carga, terminando com fardos e caixas entre 22 e 44 quilos que tinham de puxar para cima da crista íngreme e irregular antes mesmo de tentar mover o trenó.

Goodsir se deu conta rapidamente de que, se as cristas de pressão fossem coisas discretas – isto é, meras cristas se elevando do gelo marinho relativamente suave –, escalá-las não seria o esforço arrasador que se revelava. Nada no mar congelado era suave, mas a cada 22 ou 50 metros ao redor de cada crista de pressão o gelo marinho se tornava um labirinto verdadeiramente enlouquecedor de neve áspera, seracos caídos e gigantescos blocos de gelo – um labirinto que tinha de ser solucionado e atravessado antes que a verdadeira escalada pudesse começar.

A escalada em si nunca era linear, mas um vaivém sinuoso, uma busca constante de apoios para o pé em gelo traiçoeiro ou apoios de mão em um bloco que podia se partir a qualquer momento. Os oito homens ziguezagueavam para cima em diagonais ridículas enquanto escalavam, passavam cargas pesadas uns para os outros, arrancavam pedaços de gelo com picaretas para criar degraus e prateleiras, e em geral tentavam não cair ou ser derrubados por outros em queda. Embrulhos escorregavam de luvas geladas e caíam lá embaixo, produzindo nuvens breves, mas impressionantes, de xingamentos dos cinco marinheiros abaixo, antes que Gore ou Des Voeux gritassem silêncio. Tudo tinha de ser desempacotado e empacotado dez vezes.

Finalmente, o próprio trenó pesado, com talvez metade da carga ainda amarrada, tinha de ser puxado, empurrado, erguido, agarrado, solto de armadilhas em seracos, inclinado, erguido novamente e puxado para o cume de cada crista de pressão irregular. Não havia descanso para os homens nem mesmo no alto dessas cristas, já que relaxar por um minuto significava que oito camadas de roupas externas e internas encharcadas de suor começariam a congelar.

Após amarrar novas cordas aos postes verticais e transversais da traseira do trenó, alguns dos homens iam à frente para conter sua descida – normalmente o grande fuzileiro Pilkington, Morfin e Ferrier tinham essa obrigação – enquanto outros cravavam os pés e o baixavam em um coro sincopado de engasgos, chamadas, alertas e mais xingamentos.

Depois eles cuidadosamente recarregavam o trenó, conferiam duas vezes as cordas, ferviam neve para jogar sobre os esquis congelados e partiam novamente, abrindo caminho pelo labirinto de entulho deste lado da crista de pressão.

Trinta minutos depois chegavam à crista seguinte.

Sua primeira noite no gelo foi atterradoramente memorável para Harry D. S. Goodsir.

O cirurgião nunca acampara na vida, mas sabia que Graham Gore dizia a verdade quando falou, rindo, que tudo demorava cinco vezes mais no gelo: desempacotar material, acender as lanternas e fornos a álcool, abrir a barraca Holland marrom e enfiar parafusos como âncoras no gelo, desenrolar os

muitos cobertores e sacos de dormir, e principalmente esquentar a sopa enlatada e o porco que haviam levado.

E o tempo todo era preciso continuar se movendo – agitando braços, sacudindo pernas e batendo pés – ou suas extremidades iriam congelar.

Em um verão do Ártico normal, lembrou o sr. Des Voeux a Goodsir citando como exemplo o verão anterior deles quebrando gelo rumo sul a partir da ilha Beechey, as temperaturas naquela latitude em um dia ensolarado de junho sem vento podiam chegar a até 11° Celsius. Não naquele verão. O tenente Gore fizera medições da temperatura do ar às 22 horas – momento em que pararam para montar acampamento com o sol ainda no horizonte sul e o céu bastante brilhante – e o termômetro mostrava apenas -18° Celsius. A temperatura durante seu chá com biscoitos ao meio-dia havia sido de -14°.

A barraca Holland era pequena. Em uma tempestade ela salvaria suas vidas, mas aquela primeira noite no gelo era clara e quase sem vento, então Des Voeux e os cinco marinheiros decidiram dormir do lado de fora com peles de lobo e lonas em vez de do lado de dentro com apenas o tenente Gore, por mais capaz e afável que Gore fosse.

A luz do dia era enlouquecedora. Diminuía por volta de meia-noite, mas o céu era tão claro quanto às vinte horas de uma noite londrina no meio do inverno. Ali ele estava mais fisicamente cansado do que em qualquer outro momento da vida e não conseguia dormir. As dores do esforço do dia também dificultavam o sono, ele se deu conta. Gostaria de ter levado um pouco de láudano. Um pequeno gole daquilo iria reduzir o desconforto e permitir o sono. Diferentemente de alguns cirurgiões com licença médica para receitar drogas, Goodsir não era viciado – usara os vários opiáceos apenas para se permitir dormir ou se concentrar quando necessário. Não mais de uma ou duas vezes por semana.

E era *frio*. Após comer sopa e carne esquentadas das latas e caminhar pelo entulho de gelo e encontrar um lugar reservado para se aliviar – também uma novidade da vida ao ar livre para ele, e uma que, se deu conta, devia ser concluída rapidamente caso se quisesse evitar queimaduras de gelo em áreas muito importantes –, Goodsir se acomodou em um dos grandes cobertores de

pele de lobo de 1,80 x 1,50 metro, desenrolou seu saco de dormir pessoal e engatinhou para o fundo dele.

Mas não fundo suficiente para ficar aquecido. Des Voeux lhe explicara que tinha de retirar as botas e deslizá-las para dentro do saco com ele, para que o couro não congelasse – em dado momento Goodsir enfiara a sola dos pés nos pregos pregados na sola de uma das botas –, mas todos os homens ficavam com todas as outras roupas. A lâ – toda lâ, Goodsir percebeu não pela primeira vez naquele dia – estava encharcada com seu suor e o esforço do longo dia. O dia interminável.

Em algum momento por volta de meia-noite, a luz reduziu a um crepúsculo suficiente para revelar algumas estrelas – planetas, Goodsir agora sabia por uma palestra particular no observatório improvisado no alto do iceberg dois anos antes. Mas a luz nunca desapareceu.

Nem o frio. Não mais se movendo ou exercitando, o corpo magro de Goodsir era indefeso contra o frio que passava pela abertura grande demais do saco de dormir e subia do gelo através da pele de lobo com o pelo para debaixo dele, se arrastando através dos grossos cobertores da Hudson's Bay Company como um predador de dedos frios. Goodsir começou a tremer. Seus dentes batiam.

Ao redor dele, os quatro homens dormindo – havia dois de guarda – roncavam tão alto que o cirurgião ficou pensando se os homens nos dois navios a noroeste deles no gelo, além das inúmeras cristas de pressão – *bom Deus, temos de atravessá-las de novo na volta* – podiam ouvir os bufos e roncos.

Goodsir tremia. Naquele ritmo ele certamente não sobreviveria até de manhã. Eles tentariam tirá-lo de dentro do cobertor e saco e só encontrariam um corpo encolhido congelado.

Ele engatinhou o máximo que pôde para o fundo do saco de dormir de cobertores costurados, puxando a abertura com a beirada congelada acima dele, inalando seu próprio suor agriçoce e suas exalações em vez de se expor novamente ao ar congelado.

Além da luz insidiosa e do frio ainda mais insidioso, o frio da morte, Goodsir se deu conta, o frio do túmulo e do penhasco negro acima das lápides da ilha Beechey, havia o barulho; o cirurgião estava acostumado ao gemido das

tábuas do barco, rangidos eventuais e estalos do metal do navio supergelado no escuro de dois invernos, e as constantes estripulias barulhentas do gelo segurando o navio em seu aperto, mas ali fora, sem nada separando seu corpo do gelo além de algumas camadas de lã e pele de lobo, o gemido e o movimento do gelo abaixo eram terríveis. Era como tentar dormir na barriga de um animal vivo. A sensação do gelo se movendo abaixo, embora exagerada, era suficientemente real para causar vertigem, enquanto ele se encolhia ainda mais em posição fetal.

Em algum momento por volta de duas horas – conferira o relógio de bolso à luz que penetrava pela abertura do saco –, Harry D. S. Goodsir começava a mergulhar em um estado de semiconsciência que lembrava vagamente sono quando foi despertado com violência por duas explosões ensurdecedoras.

Brigando com seu saco congelado pelo suor como um recém-nascido tentando abrir caminho pelo líquido amniótico, Goodsir conseguiu libertar cabeça e ombros. O ar gelado da noite atingiu seu rosto com força fria suficiente para fazer seu coração vacilar. O céu já brilhava com a luz do sol.

– O quê? – gritou. – O que aconteceu? – O segundo imediato Des Voeux e três dos marinheiros estavam de pé em seus sacos de dormir, tendo nas mãos enluvadas facas compridas com as quais deviam ter dormido. O tenente Gore saíra apressado da barraca Holland. Estava totalmente vestido e com uma pistola na mão nua – *nua!*

– Relatório! – cobrou Gore de uma das sentinelas, Charlie Best.

– Foram os ursos, tenente – disse Best. – Dois deles. Desgraçados grandes. Passaram a noite toda espreitando, o senhor se lembra de que os vimos a uns oitocentos metros antes de montarmos acampamento, mas continuaram a se aproximar, meio que em círculos, até que finalmente John e eu tivemos de atirar contra eles para mandá-los embora.

“John” era John Morfin, de 27 anos, Goodsir sabia, a outra sentinela da noite.

– Ambos atiraram? – perguntou Gore. O tenente havia escalado até o ponto mais alto de uma pilha de neve e gelo próxima e vasculhava a área com o telescópio de latão. Goodsir ficou pensando por que as mãos nuas do homem não haviam congelado ao metal.

– Sim, senhor – disse Morfin. Estava recarregando sua escopeta pela culatra, as luvas de lã se atrapalhando com os cartuchos.

– Você os acertou? – perguntou Des Voeux.

– Sim – disse Best.

– Não adianta nada – disse Morfin. – Apenas escopetas a cerca de nove metros. Esses ursos têm peles grossas e crânios mais grossos. Mas acertou o suficiente para que fossem embora.

– Não estou vendo – disse o tenente Gore três metros acima de sua colina de gelo acima da barraca.

– Achamos que saíram daqueles pequenos buracos no gelo – disse Best. – O maior estava correndo para lá quando John disparou. Achamos que ele desceu, mas fomos para o gelo o suficiente para ver que não havia carcaças lá. Sumiu.

A equipe de arrasto de trenó percebera aquelas áreas macias no gelo – não exatamente redondas, com mais ou menos um metro e vinte de diâmetro, grande demais para os pequenos buracos de respiração que as focas aneladas faziam, aparentemente pequenos demais e separados demais para os ursos-brancos, e sempre com vários centímetros de gelo macio por cima. Inicialmente, os buracos haviam dado a esperança de mar aberto, mas no final eram poucos e separados demais e apenas traiçoeiros. O marinheiro Ferrier, caminhando à frente do trenó no final da tarde quase caíra em um, a perna esquerda baixando até acima do joelho, e tiveram de parar tempo suficiente para que o marinheiro trêmulo colocasse diferentes botas, ceroulas, meias e calças.

– De qualquer modo é hora de Ferrier e Pilkington ficarem de vigia – disse o tenente Gore. – Bobby, pegue o mosquete em minha barraca.

– Sou melhor com escopeta, senhor – disse Ferrier.

– Fico à vontade com o mosquete, tenente – disse o grande fuzileiro.

– Então pegue o mosquete, Pilkington. Cobrir aquelas coisas com chumbo de escopeta só irá deixá-las com raiva.

– Sim, senhor.

Best e Morfin, obviamente tremendo de suas duas horas frias de vigia e não de qualquer tensão, tiraram as botas, sonolentos, e engatinharam para os sacos à espera. O soldado Pilkington e Bobby Ferrier enfiaram os pés inchados em

botas tiradas dos sacos e se arrastaram para ficar de vigia nas cristas de gelo próximas.

Tremendo ainda mais que nunca, nariz e bochechas se juntando aos dedos de mãos e pés na dormência, Goodsir se enrolou no fundo do saco e rezou por sono.

Ele não veio. Um pouco mais de duas horas depois, o segundo imediato Des Voeux começou a chamar todos para fora dos sacos.

– Temos um longo dia pela frente, rapazes – gritou o imediato em tom jovial.

Ainda estavam a mais de 38 quilômetros do litoral da Terra do Rei Guilherme.

CROZIER

Lat. 70° - 05' N., Long. 98° - 23' W.

9 de novembro de 1847

- Você está completamente congelado, Francis – diz o comandante Fitzjames. – Venha ao salão de popa para tomar um brandy.

Crozier preferiria um uísque, mas brandy teria de servir. Ele antecede o capitão do *Erebus* na descida da comprida e estreita passagem para o que havia sido a cabine pessoal do capitão sir John Franklin e era então o equivalente ao Grande Salão do *Terror* – biblioteca e espaço de confraternização para oficiais de folga e sala de reunião quando necessário. Crozier pensa que diz algo bom sobre Fitzjames o capitão ter mantido seu pequeno cubículo após a morte de sir John, transformando a espaçosa câmara de popa em uma área comum e às vezes enfermaria para cirurgias.

A passagem está totalmente escura a não ser pelo brilho da Sala Comum, e o convés está ainda mais inclinado na direção oposta do *Terror*, virado para bombordo, em vez de estibordo, caído de popa, em vez de proa. E embora os navios sejam quase idênticos em projeto, Crozier também sempre percebe outras diferenças. O HMS *Erebus* *cheira* um pouco diferente – além do fedor idêntico de óleo de lamparina, homens sujos, roupas imundas, meses de cozinha, pó de carvão, baldes de urina e o hálito dos homens pairando no ar frio e úmido, há algo mais. Por alguma razão, o *Erebus* fede mais a medo e desamparo.

Há dois oficiais fumando cachimbo na sala comum, o tenente Le Vesconte e o tenente Fairholme, mas ambos se levantam, anuem para os dois capitães e

se retiram, fechando a porta deslizante atrás deles.

Fitzjames destranca um armário pesado e tira uma garrafa de brandy, servindo uma grande dose em um dos copos de água de cristal de sir John para Crozier, uma dose menor para si mesmo. Apesar de toda a bela porcelana e cristal que o falecido líder da expedição colocou a bordo para seu uso e o de seus oficiais, não há taças de conhaque. Franklin era um abstêmio convicto.

Crozier não cheira. Vira o brandy em três goles e permite que Fitzjames encha o copo novamente.

– Obrigado por responder tão rápido – diz Fitzjames. – Esperava uma mensagem em resposta, não que viesse pessoalmente.

Crozier franze o cenho.

– Mensagem? Não recebi nenhuma mensagem sua em mais de uma semana, James.

Fitzjames o encara por um momento.

– Não recebeu uma mensagem esta noite? Enviei o soldado Reed ao seu navio com uma há cerca de cinco horas. Imaginei que ele iria passar a noite lá.

Crozier balança a cabeça lentamente.

– Ah... maldição – diz Fitzjames.

Crozier tira a meia de lã do bolso e a coloca na mesa. À luz mais forte da lamparina na antepara ali, ainda não há sinais de violência.

– Encontrei isso durante minha caminhada. Mais perto do seu navio que do meu.

Fitzjames pega a meia e a estuda, triste.

– Perguntarei aos homens se a reconhecem – diz.

– Poderia pertencer a um dos meus – diz Crozier em voz baixa. Ele conta a Fitzjames de forma sucinta sobre o ataque, o ferimento mortal do soldado Heather e o desaparecimento de William Strong e do jovem Tom Evans.

– Quatro em um só dia – diz Fitzjames. E serve mais brandy para os dois.

– Sim. Por que me enviou uma mensagem?

Fitzjames explica que avistaram algo grande se movendo entre blocos de gelo, pouco além do brilho das lanternas, o dia inteiro. Os homens haviam disparado repetidamente, mas grupos enviados ao gelo não encontraram sangue nem outros sinais.

– Então eu me desculpo, Francis, por aquele idiota do Bobby Jones atirar em você há poucos minutos. Os nervos dos homens estão muito abalados.

– Não tão abalados que achem que a coisa no gelo aprendeu a gritar para eles em inglês, espero – diz Crozier sardonicamente. Toma outro gole do brandy.

– Não, não. Claro que não. Foi pura idiotice. John ficará sem sua ração de rum por duas semanas. Eu me desculpo novamente.

Crozier suspira.

– Não faça isso. Abra um novo buraco nele se quiser, mas não corte seu rum. Este navio já está bastante soturno. Lady Silêncio estava comigo vestindo sua maldita parca peluda. John pode ter tido um vislumbre disso. Eu teria merecido caso ele tivesse explodido minha cabeça.

– Silêncio estava com você? – perguntou Fitzjames, se permitindo erguer as sobrancelhas.

– Não sei que inferno ela estava fazendo no gelo – rosna Crozier. Sua garganta está muito dolorida do frio do dia e de seus gritos. – Eu mesmo quase atirei nela a quatrocentos metros de seu navio, quando se aproximou sorratamente de mim. O jovem Irving provavelmente está virando o *Terror* de cabeça para baixo neste momento. Cometi um enorme erro ao colocar aquele garoto encarregado de cuidar daquela vaca esquimó.

– Os homens acham que ela dá azar.

A voz de Fitzjames é baixa, muito baixa. O som viaja fácil através das divisórias de um convés inferior tão lotado.

– Por que diabos não deveriam achar? – diz Crozier, agora sentindo o álcool. Ele não tomara uma bebida desde a noite anterior. É bom em sua barriga e em seu cérebro cansado. – A mulher aparece no dia em que este horror começa, com aquele pai ou marido curandeiro. Algo arrancou a língua dela pela raiz. Por que diabos os homens *não* deveriam achar que ela é a causa de todos os problemas?

– Mas você a manteve a bordo do *Terror* por mais de cinco meses – diz Fitzjames. Não há censura na voz do capitão mais jovem. Apenas curiosidade.

Crozier dá de ombros.

– Não acredito em bruxas, James. Tampouco em alguém dando azar, aliás. Mas acredito que se a colocarmos no gelo, a coisa irá comer suas tripas do modo como está devorando as de Evans e Strong neste momento. E também as do seu soldado Reed. É aquele Billy Reed, o fuzileiro ruivo que estava sempre querendo conversar sobre aquele escritor – Dickens?

– William Reed, sim – diz Fitzjames. – Ele foi muito rápido quando os homens disputaram corridas na ilha Disko há dois anos. Achei que talvez um homem, em velocidade... – diz, se interrompendo e mordendo o lábio. – Eu deveria ter esperado que amanhecesse.

– Por quê? – reage Crozier. – Não fica mais claro. Ou não muito mais claro ao meio-dia, aliás. Dia ou noite não significam mais nada, e não irão significar por mais quatro meses. E não é como se aquela maldita coisa lá fora só caçasse à noite... ou mesmo apenas no escuro, aliás. Talvez seu Reed apareça. Nossos mensageiros já se perderam antes no gelo e apareceram após cinco ou seis horas, tremendo e xingando.

– Talvez – diz Fitzjames, o tom transmitindo sua dúvida. – Mandarei grupos de busca pela manhã.

– É exatamente o que aquela coisa quer que façamos – diz Crozier, a voz cansada.

– Talvez, mas você acabou de me contar que colocou homens no gelo noite passada e o dia de hoje inteiro procurando por Strong e Evans.

– Se eu não tivesse levado Evans comigo enquanto procurava por Strong, o garoto ainda estaria vivo.

– Thomas Evans – diz Fitzjames. – Lembro dele. Sujeito grande. Ele não era realmente um garoto, era, Francis? Ele devia... ter o quê? Vinte e dois ou 23 anos de idade?

– Tommy fez 20 em maio – diz Crozier. – Seu primeiro aniversário a bordo foi no dia seguinte à nossa partida. Os homens estavam animados e festejaram os 18 anos dele raspando sua cabeça. Ele pareceu não se importar. Aqueles que o conheciam dizem que ele sempre foi grande para a idade. Serviu no HMS *Lynx*, e antes disso em um cargueiro nas Índias Orientais. Foi para o mar aos 13 anos.

– Assim como você, acredito.

Crozier dá uma risada triste.

– Assim como eu. Veja o bem que me fez.

Fitzjames tranca o brandy no armário e retorna à mesa comprida.

– Diga, Francis, você realmente se vestiu de ajudante negro da dama de sociedade do velho Hoppner quando ficaram congelados lá em... quando foi, em 24?

Crozier ri novamente, mas dessa vez mais relaxado.

– Sim, eu era aspirante no *Hecla* com Parry quando ele navegou rumo norte com o *Fury* de Hoppner em 24, tentando achar esta mesma maldita passagem. O plano de Hoppner era levar os dois navios pelo estreito de Lancaster e descendo a enseada do Príncipe Regente; então não sabíamos, não até John e James Ross em 33, que Boothia era uma península. Parry achava que podia navegar rumo sul contornando Boothia e seguir a toda até chegar ao litoral que Franklin havia explorado por terra seis ou sete anos antes. Mas Parry partiu tarde demais; e por que esses malditos comandantes de expedição sempre começam tarde demais? E tivemos sorte de chegar ao estreito de Lancaster em 10 de setembro, um mês depois. Mas o gelo estava em cima de nós em 13 de setembro, e não havia nenhuma chance de sair pelo estreito, então Parry no nosso *Hecla* e o tenente Hoppner no *Fury* seguiram rápido para o sul, os rabos entre as pernas. Um vendaval nos soprou de volta à baía de Baffin e tivemos sorte de conseguir ancorar em uma pequena e bela angra na enseada do Príncipe Regente. Passamos dez meses lá. Congelou nossos traseiros.

– Mas você como um negrinho? – diz Fitzjames com um pequeno sorriso.

Crozier anui e toma sua bebida.

– Parry e Hoppner eram fanáticos por bailes de gala à fantasia durante invernos no gelo. Foi Hoppner quem planejou este baile de máscaras que chamou de Grande Carnaval Veneziano, marcado para o primeiro dia de novembro, bem quando o moral despencou com o desaparecimento do sol por meses. Parry desceu a lateral do *Hecla* com uma capa enorme que não tirou nem mesmo quando todos os homens estavam reunidos, a maioria fantasiada, pois tínhamos uma enorme arca de fantasias em cada navio, e quando ele arrancou a capa, vimos Parry como aquele velho fuzileiro. Lembra

daquele com a perna de pau que tocava rabeça por níqueis perto de Chatham? Não, você não lembraria, é moço demais.

“Mas Parry, e eu acho que o velho desgraçado sempre quis ser mais ator do que capitão de navio, faz a coisa perfeitamente, guinchando na rabeça, pulando naquela perna de pau falsa e gritando: ‘Dê um cobre ao pobre Joe, excelência, que perdeu sua madeira defendendo seu rei e seu país!’

“Bem, os homens caíram na gargalhada. Mas Hoppner, que gostava daquele faz de conta ainda mais que Parry, acho, entra no baile vestido como uma dama nobre, trajando a última moda de Paris daquele ano, com decote baixo, grande vestido de crinolina embolado sobre o traseiro, tudo, e como eu era cheio de energia na época, para não mencionar que era idiota demais para pensar, em outras palavras, ainda com 20 anos, fui vestido como ajudante negro de Hoppner, usando aquela libré real de empregado que o velho Henry Parkyns Hoppner comprara em alguma loja elegante de libré em Londres e levava exclusivamente para mim.”

– Os homens riram? – pergunta Fitzjames.

– Ah, os homens caíram na gargalhada novamente; Parry e sua perna de pau não deram para saída depois que o velho Henry apareceu vestido de mulher comigo segurando sua cauda de seda. Como não ririam? Todos aqueles limpadores de chaminé, garotas com fitas nos cabelos, trapeiros e judeus de nariz aquilino, pedreiros e guerreiros escoceses, dançarinos turcos e vendedoras de fósforos inglesas? Veja! Lá está o jovem Crozier, aspirante envelhecido, nem sequer tenente, ainda achando que um dia será marechal, se esquecendo de que é apenas outro crioulo irlandês.

Fitzjames não diz nada por um minuto. Crozier ouve os roncos e peidos vindo das redes guinchando na direção da proa do navio escuro. Em algum lugar no convés acima deles, uma sentinela bate os pés para que não congelem. Crozier lamenta ter terminado a história daquele modo – ele não fala assim com ninguém quando sóbrio –, mas também desejaria que Fitzjames pegasse o brandy novamente. Ou o uísque.

– Quando o *Fury* e o *Hecla* escaparam do gelo? – pergunta Fitzjames.

– Em 20 de julho do verão seguinte – diz Crozier. – Mas você provavelmente sabe o resto da história.

– Sei que o *Fury* foi perdido.

– Sim. Cinco dias após o gelo ceder, estávamos nos arrastando ao longo do litoral da ilha Somerset, tentando ficar longe da banquisa e evitar aquele maldito calcário sempre caindo dos penhascos, e outro vendaval encalhou o *Fury* em um banco de cascalho. Nós o libertamos puxando, usando parafusos de gelo e suor, mas então os dois navios ficaram congelados e um maldito iceberg quase tão grande quanto aquele desgraçado agachado entre o *Erebus* e o *Terror* joga o *Fury* contra a praia de gelo, arranca o leme, faz suas tábuas em pedaços e arranca as placas do casco, e a tripulação operou as quatro bombas dia e noite em turnos só para mantê-lo flutuando.

– E vocês conseguiram por algum tempo – estimula Fitzjames.

– Duas semanas. Tentamos até amarrá-lo a um iceberg, mas o maldito cabo se partiu. Então Hoppner tentou erguê-lo para chegar à quilha, assim como sir John queria fazer com seu *Erebus*, mas a nevasca acabou com essa ideia e os dois navios corriam o risco de serem empurrados para o litoral a sotavento do promontório. Finalmente os homens simplesmente desabaram no lugar onde bombeavam, estavam exaustos demais para entender nossas ordens, e em 21 de agosto Parry ordenou que todos subissem a bordo do *Hecla*, o soltou para impedir que fosse lançado contra a terra, e o pobre *Fury* foi jogado na praia junto a um punhado de icebergs que o esmagaram lá e impediram sua saída. Não havia sequer uma chance de rebocá-lo. O gelo o fazia em pedaços enquanto olhávamos. Mal conseguimos libertar o *Hecla*, e isso apenas com todos os homens operando as bombas dia e noite e o carpinteiro trabalhando 24 horas por dia para consertá-lo. Então, nunca chegamos perto da Passagem, ou mesmo de localizar terra nova realmente, e perdemos um navio, Hoppner foi levado à corte marcial, e Parry considerou isso sua corte marcial também, já que Hoppner estava sob seu comando o tempo todo.

– Todos foram inocentados – diz Fitzjames. – Até mesmo louvados, se bem me lembro.

– Louvados, mas não promovidos – diz Crozier.

– Mas todos vocês sobreviveram.

– Sim.

– Eu queria sobreviver a *esta* expedição, Francis – diz Fitzjames. Seu tom é suave, mas determinado.

Crozier anui.

– Deveríamos ter feito o que Parry fez e colocado as duas tripulações a bordo do *Terror* há um ano e navegado rumo leste contornando a Terra do Rei Guilherme – diz Fitzjames.

É a vez de Crozier erguer as sobrancelhas. Não por Fitzjames concordar que é uma ilha – seu reconhecimento por trenó no final do verão definira isso –, mas por concordar com que deveriam ter tentado isso no último outono, abandonando o navio de sir John. Crozier sabe que não há coisa mais difícil para um capitão em qualquer marinha do que desistir de seu navio, mas isso é especialmente verdade na Marinha Real. E embora o *Erebus* estivesse sob o comando geral de sir John Franklin, o comandante James Fitzjames era seu verdadeiro capitão.

– Agora é tarde demais.

Crozier sente dor. Como a Sala Comum partilha várias anteparas externas e tem três iluminadores Preston no teto, faz frio – os dois homens podem ver seu hálito no ar –, mas ainda é 15 ou 20 graus mais quente do que estivera do lado de fora no gelo, e os pés de Crozier, especialmente os dedos, estão degelando em uma onda de pontadas de tachas grossas e agulhas quentes.

– Sim, mas você foi sábio de ter mandado equipamento e provisões de trenó para a Terra do Rei Guilherme em agosto – diz Fitzjames.

– Não foi nem uma fração do que iremos precisar mandar para lá caso seja nosso acampamento de sobrevivência – diz Crozier bruscamente. Ele ordenara que cerca de duas toneladas de roupas, barracas, equipamento de sobrevivência e comida enlatada fossem tiradas dos navios e estocadas no litoral noroeste da ilha para o caso de terem de abandonar os navios rapidamente durante o inverno, mas o transporte fora absurdamente lento e extremamente perigoso. Semanas trabalhosas no trenó só haviam deixado lá mais ou menos uma tonelada de coisas – barracas, roupas extras, ferramentas e algumas semanas de comida enlatada. Nada mais.

– Aquela coisa não nos deixaria ficar lá – ele acrescenta em voz baixa. – Todos poderíamos ter nos mudado para barracas em setembro, você se lembra

de que eu preparara o terreno para duas dúzias das grandes barracas, mas o acampamento não seria tão bem defendido quanto os navios.

– Não – diz Fitzjames.

– Se os navios resistirem ao inverno.

– Sim – diz Fitzjames. – Você ouviu, Francis, que alguns dos homens, nos dois navios, estão chamando aquela criatura de o Terror?

– Não!

Crozier fica ofendido. Ele não quer o nome do seu navio usado com propósitos ruins como aquele, mesmo que os homens estejam brincando. Mas olha para os olhos castanho-esverdeados do comandante James Fitzjames e se dá conta de que o outro capitão está sério, então os homens também devem estar.

– O Terror – diz Crozier, e sente gosto de bile.

– Acham que não é um animal – diz Fitzjames. – Acreditam que sua astúcia é algo mais, é antinatural... sobrenatural... Que há um demônio lá fora no gelo, no escuro.

Crozier quase cospe de tão revoltado.

– Demônio – diz com desprezo. – São os mesmos marinheiros que acreditam em fantasmas, fadas, azar, sereias, maldições e monstros marinhos.

– Eu vi você coçar a vela para chamar vento – diz Fitzjames com um sorriso.

Crozier não diz nada.

– Você viveu o suficiente e viajou longe o bastante para ver coisas que homem nenhum sabia existir – acrescenta Fitzjames, obviamente tentando desanuviar o clima.

– Sim – diz Crozier com uma risada. – Pinguins! Gostaria que eles fossem os maiores animais aqui, como parecem ser lá no sul.

– Não há ursos-brancos lá no Ártico Sul?

– Nenhum que tenhamos visto. Nenhum que qualquer baleeiro navegando pelo sul ou explorador tenha visto em setenta anos navegando para e ao redor daquela terra branca, vulcânica e congelada.

– E você e James Ross foram os primeiros homens a ver o continente. E os vulcões.

– Sim, fomos. E isso fez um grande bem a sir James. Ele se casou com uma coisinha jovem e bonita, foi feito cavaleiro, feliz, aposentado do gelo. E eu... eu estou... aqui.

Fitzjames pigarreia como se para mudar de assunto.

– Sabe, Francis, até esta viagem eu honestamente acreditava no Mar Polar Aberto. Estava bastante seguro de que o Parlamento estava certo quando escutou as previsões dos chamados especialistas polares; no inverno antes de zarparmos, lembra? Estava no *Times*: tudo sobre a barreira termobarométrica, sobre a Corrente do Golfo subindo sob este gelo para aquecer o Mar Polar Aberto e o continente invisível que deve estar lá em cima. Estavam tão convencidos de que existia que sugeriam e aprovavam leis para enviar detentos de Southgate e outras prisões para cá de modo a retirar o carvão que certamente existe em plenitude a poucas centenas de quilômetros daqui, no Continente Polar Norte.

Crozier desta vez ri com grande humor.

– Sim, para retirar carvão e aquecer os hotéis e alimentar as estações de abastecimento para os vapores que farão viagens regulares através do Mar Polar Aberto no máximo nos anos 1860. Ah, Deus, que eu fosse um daqueles prisioneiros de Southgate. Por exigência da lei e por humanitarismo, suas celas têm o dobro do tamanho de nossas cabines, James, e nosso futuro seria quente e seguro se só tivermos de nos sentar com tanto luxo e esperar a notícia de que o continente do Polo Norte estava sendo descoberto e colonizado.

Agora os dois homens estão rindo.

Batidas vêm do convés acima – passos correndo em vez de apenas pés batendo – e depois vozes e ar frio correndo por seus pés quando alguém abre a escotilha principal na extremidade distante do corredor e o som de vários pares de pés descendo a escada.

Os dois capitães estão em silêncio e à espera quando há a batida suave na porta fina da Sala Comum.

– Entre – diz o comandante Fitzjames.

Um tripulante do *Erebus* deixa entrar dois do *Terror* – o terceiro-tenente John Irving e um marinheiro chamado Shanks.

– Lamento incomodá-los, comandante Fitzjames, capitão Crozier – diz Irving por entre os dentes que batem de leve. Seu nariz comprido está branco de frio. Shanks ainda carrega um mosquete. – O tenente Little mandou que fizesse um relato ao capitão Crozier assim que possível.

– Vá em frente, John – diz Crozier. – Você não continua caçando lady Silêncio, continua?

Irving olha vazio por um segundo. E então responde:

– Nós a vimos no gelo quando os últimos grupos de busca estavam voltando. Não, senhor, o tenente Little pediu que o buscasse imediatamente porque...

O jovem tenente para, como se esquecendo a razão pela qual Little o mandara.

– Senhor Couch, faça a gentileza de recuar para o corredor e fechar a porta, por favor. Obrigado – diz Fitzjames para o tripulante do *Erebus* de plantão que levou os dois homens do Terror à Sala Comum.

Crozier também ouvira o estranho silêncio, com os roncos e os rangidos das redes cessando. Havia ouvidos demais no alojamento da frente acordados e escutando.

Quando a porta é fechada, Irving diz:

– É sobre William Strong e Tommy Evans, senhor. Eles estão de volta.

Crozier pisca.

– Que diabo quer dizer com *de volta*? Vivos?

Ele sente a primeira onda de esperança em meses.

– Ah, não senhor – diz Irving. – Apenas... um corpo... na verdade. Mas aquilo estava apoiado na balaustrada de popa até alguém vir quando todos os grupos de busca estavam encerrando o dia... há cerca de uma hora. Os guardas de vigia não haviam visto nada. Mas estava lá, senhor. Por ordem do tenente Little, Shanks e eu fizemos a travessia o mais rápido possível para informá-lo, capitão. Como estávamos.

– Aquilo? – corta Crozier. – Um corpo? *De volta ao navio*? – repetiu, aquilo não fazendo nenhum sentido para o capitão do *Terror*. – Achei que tinha dito que tanto Strong quanto Evans estavam de volta.

Todo o rosto do terceiro-tenente Irving está branco de queimadura de gelo agora.

– Eles estão, capitão. Ou pelo menos metade deles. Quando fomos olhar o corpo apoiado lá na proa ele caiu, e... bem... desmontou. Pelo que podemos dizer, é Billy Strong da cintura para cima. Tommy Evans da cintura para baixo.

Crozier e Fitzjames só conseguiram se entreolhar.

GOODSIR

Lat. 69° 37' 42" Long. 98° 41'

Terra do Rei Guilherme, 24 de maio a 3 de junho de 1847

O grupo do tenente Gore chegou ao moleiro de sir James Ross na Terra do Rei Guilherme tarde da noite de 28 de maio, após cinco dias difíceis viajando pelo gelo.

A boa notícia enquanto se aproximavam da ilha – invisível para eles até os últimos minutos – foi que havia poças de água potável sem sal perto do litoral. A má notícia foi que a maioria das poças havia derretido da base de uma série quase ininterrupta de icebergs – alguns deles com mais de trinta metros de altura – que foram lançados sobre os baixios e a praia e agora se estendiam como uma branca muralha de castelo com parapeito até onde a vista alcançava além da curva da terra. Os homens levaram um dia inteiro para cruzar a barreira, e mesmo assim tiveram de deixar parte de roupas, combustível e provisões guardados no gelo marinho para reduzir a carga do trenó. Para aumentar dificuldades e desconforto, várias das latas de sopa e porco que abriram no gelo haviam apodrecido e tiveram de ser jogadas fora, deixando-os com rações para menos de cinco dias para a volta – supondo que outras das latas não estivessem ruins. Para completar, descobriram que mesmo ali, no que devia ser o limite do mar, o gelo ainda tinha mais de dois metros de espessura.

Pior de tudo – pelo menos para Goodsir – a Terra do Rei Guilherme ou ilha do Rei Guilherme, como descobriram depois, foi a maior decepção da sua vida.

A ilha Devon e a ilha Beechey, ao norte, haviam sido varridas pelo vento e inóspitas para a vida no melhor dos casos, e nuas a não ser por líquen e plantas rasteiras, mas isso era um verdadeiro jardim do Éden comparado com o que os homens encontraram na Terra do Rei Guilherme. Beechey tinha solo nu, um pouco de areia e terra, penhascos imponentes e uma espécie de praia. Nada disso podia ser encontrado na Terra do Rei Guilherme.

Por meia hora após terem cruzado a barreira de icebergs, Goodsir não soube se estava em terreno sólido ou não. Ele havia se preparado para celebrar com os outros, já que seria a primeira vez que qualquer um deles colocava os pés em terra firme em mais de um ano, mas o gelo marinho além dos icebergs deu lugar a grandes pedaços de gelo de litoral, e fora impossível identificar onde terminava o gelo de litoral e começava o litoral. Tudo era gelo, neve suja, mais gelo, mais neve.

Eles finalmente chegaram a uma área varrida pelo vento e livre de neve, e Goodsir e vários dos marinheiros se jogaram para frente no cascalho, ficando de quatro no terreno sólido como se dando graças, mas mesmo ali as pequenas pedras redondas estavam congeladas, tão firmes quanto os paralelepípedos de Londres no inverno e dez vezes mais frias, e esse frio subia pelas calças e as outras camadas cobrindo os joelhos, depois até os ossos, e passando pelas luvas para palmas e dedos como um convite silencioso aos congelados círculos infernais dos mortos bem abaixo.

Levaram mais quatro horas para encontrar o moledro de Ross. Uma pilha de pedras com um metro e oitenta de altura em ponto Victory ou perto dele deveria ser bastante fácil de achar – o tenente Gore dissera isso a todos eles mais cedo –, mas naquele lugar desprotegido as pilhas de gelo com frequência tinham pelo menos um metro e oitenta de altura, e ventos fortes havia muito sopraram as pedras superiores menores do moledro. O céu de final de maio nunca escurecia e se tornava noite, mas o brilho fraco constante tornava muito difícil ver alguma coisa em três dimensões ou avaliar distâncias. As únicas coisas que se destacavam eram os ursos, e apenas por causa do movimento. Meia dúzia das coisas famintas e curiosas os seguira intermitentemente o dia todo. Além desse eventual movimento desajeitado, tudo se perdia em um brilho branco-acinzentado. Um seraco que parecia estar a oitocentos metros e ter 15

metros de altura na verdade estava a apenas vinte metros e tinha sessenta centímetros. Um trecho de cascalho e pedra descobertos que parecia a trinta metros se revelava a um quilômetro e meio em um ponto indistinto varrido pelo vento.

Mas eles finalmente encontraram o moledro, quase às 22 horas, segundo o relógio de Goodsir que ainda funcionava, todos os homens tão exaustos que os braços pendiam como nas histórias de macacos contadas pelos marinheiros, toda fala abandonada em seu cansaço, o trenó deixado oitocentos metros ao norte de onde haviam pisado em terra.

Gore pegou a primeira das duas mensagens – ele fizera uma cópia da primeira para guardar em algum ponto mais ao sul do litoral segundo as instruções de sir John –, colocou a data e rabiscou seu nome. Também o segundo imediato Charles des Voeux. Eles enrolaram o bilhete, deslizaram-no para dentro de um dos dois cilindros estanques de latão que haviam levado e, após jogar o cilindro no centro do moledro vazio, recolocaram as pedras que haviam removido para ter acesso ao interior.

– Bem – disse Gore. – Então é isso, certo?

A tempestade de raios começou pouco depois de eles terem se arrastado de volta ao trenó para uma ceia à meia-noite.

Para reduzir o peso durante a travessia do iceberg, haviam deixado no gelo seus pesados cobertores de pele de urso, lonas de chão e a maior parte da comida enlatada. Imaginaram que como a comida estava em latas soldadas e seladas, não iria atrair os ursos-brancos que estavam sempre farejando, e que mesmo que atraísse, os ursos não conseguiriam abrir as latas. O plano era sobreviver com dois dias de rações reduzidas em terra – mais qualquer animal que encontrassem e matassem, claro, mas esse sonho estava murchando com a desalentadora realidade do lugar – e todos dormirem juntos na barraca Holland.

Des Voeux supervisionou a preparação do jantar, retirando o kit de cozinha patenteado de sua série de cestas de vime inteligentemente encaixadas. Mas três das quatro latas que haviam escolhido para a primeira refeição em terra estavam estragadas. Isso deixava apenas a meia ração de quarta-feira de porco salgado – sempre a preferida dos homens por ser tão rica em gordura, mas de

modo algum suficiente para matar sua fome após um dia de trabalho pesado – e a última lata boa, rotulada como sendo “Sopa de Tartaruga Clara Superior”, que os homens odiavam, sabendo por experiência que não era superior nem clara, e mais provavelmente sequer tartaruga.

O dr. McDonald, do *Terror*, ficara obcecado no último ano e meio, desde a morte de Torrington na ilha Beechey, com a qualidade de sua comida em conserva, e estava sempre ocupado fazendo experiências, com a ajuda dos outros cirurgiões, para descobrir a melhor dieta para evitar o escorbuto. Goodsir aprendera com o médico mais velho que certo Stephan Goldner, de Houndsditch, o fornecedor da expedição que ganhara o contrato com propostas extraordinariamente baixas, quase certamente enganara o governo de Sua Majestade e o Serviço de Descoberta da Marinha Real de Sua Majestade fornecendo víveres inadequados e possivelmente com frequência venenosos.

Os homens encheram o ar de obscenidades ao saber que as latas estavam cheias de coisas podres.

– Calma, pessoal – disse o tenente Gore após permitir que a avalanche dos melhores xingamentos de marinheiros durasse um minuto ou dois. – Que acham de abriremos a ração de latas de amanhã até conseguirmos uma boa refeição e simplesmente nos programar para voltar a nosso depósito no gelo até o jantar de amanhã, mesmo que isso signifique meia-noite?

Houve um coro de concordância.

Duas das quatro latas que abriram em seguida não estavam estragadas – incluindo um “Refogado irlandês” estranhamente sem carne que na melhor das hipóteses era apenas tragável, e o deliciosamente anunciado “Bochechas de boi com legumes”. Os homens haviam decidido que as partes de boi haviam saído de um curtume e os legumes de um depósito de raízes abandonado, mas era melhor que nada.

Assim que a tenda estava montada com os sacos de dormir desenrolados para servir de piso do lado de dentro, a comida esquentada no fogão a álcool e as tigelas de metal quentes e os pratos distribuídos, os raios começaram a cair.

A primeira descarga elétrica aconteceu a menos de 15 metros deles, e fez com que todos os homens derramassem bochechas de boi, legumes e caldo. O segundo foi mais perto.

Eles correram para a barraca. Raios caíam e estalavam ao redor deles como uma barragem de artilharia. Só quando estavam literalmente empilhados na barraca de lona marrom – oito homens em um abrigo projetado para quatro homens e equipamento leve – o marinheiro Bobby Ferrier olhou para os postes de madeira e metal que mantinham a barraca de pé e disse, saindo tropeçando:

– Bem, foda-se isto.

Do lado de fora, caía granizo do tamanho de bolas de críquete, lançando cacos de gelo nove metros no ar. O crepúsculo Ártico da meia-noite estava sendo cortado por explosões de raios tão contíguos que se superpunham, deixando o céu em chamas, em clarões que produziam ecos ofuscantes nas retinas.

– Não, não – gritou Gore, berrando acima do trovão e arrastando Ferrier de volta da entrada e o jogando no chão da barraca lotada. – Em qualquer ponto desta ilha nós somos as coisas mais altas. Joguem aqueles postes de barraca com núcleo de metal o mais longe possível, mas fiquem sob a lona. Entrem nos sacos e deem.

Os homens se apressaram a fazer isso, os cabelos compridos se contorcendo como cobras sob as beiradas de seus gorros galeses ou quepes e acima dos muitos cachecóis enrolados. A tempestade aumentou em violência, e o barulho era ensurdecador. O granizo que os atingia nas costas através de lona e cobertores parecia com punhos enormes causando hematomas. Goodsir chegou a gemer alto durante a surra, mais de medo que de dor, embora os golpes constantes fossem a surra mais violenta que ele levara desde seus dias de escola pública.

– Santo Cristo da porra! – gritou Thomas Hartnell enquanto granizo e raios aumentavam. Os homens com algum cérebro estavam sob os cobertores da Hudson's Bay Company em vez de dentro deles, tentando usá-los como proteção contra a saraivada. A lona da barraca ameaçava sufocá-los, e a lona fina abaixo deles não servia em nada para impedir o frio de subir e penetrar neles, tirando seu fôlego coletivo.

– Como pode haver uma tempestade de raios quando está tão *frio*? – gritou Goodsir a Gore, deitado junto a ele no meio dos homens aterrorizados.

– Acontece – gritou de volta o tenente. – Se decidirmos nos mudar dos navios para o acampamento em terra teremos de levar uma bela pilha de para-raios conosco.

Era a primeira vez que Goodsir escutava qualquer insinuação de abandonar os navios.

Um raio atingiu a rocha perto da qual haviam se reunido durante a refeição interrompida a menos de três metros da barraca, ricocheteando sobre suas cabeças cobertas de lona até uma segunda rocha a menos de um metro, e todos os homens se apertaram mais, tentando cavar através da lona abaixo em uma tentativa de se enfiar na rocha.

– Bom Deus, tenente Gore – gritou John Morfin, cuja cabeça era a mais perto da abertura caída da barraca. – Há alguma coisa se movendo lá fora no meio disso tudo.

Todos os homens foram contados. Gore gritou:

– Um urso? Andando no meio disto?

– Grande demais para ser um urso, tenente – berrou Morfin. – É...

Então o raio atingiu a rocha novamente, outra descarga perto o suficiente para fazer o tecido da barraca pular no ar pela descarga estática, e todos se encolheram no chão, apertaram os rostos sobre a lona fria e trocaram a fala pela prece.

O ataque – Goodsir só conseguia pensar naquilo como um ataque, como se de deuses gregos furiosos com sua húbris de invernar no reino de Bóreas – continuou por quase uma hora, até que o último dos trovões passou, os clarões se tornaram intermitentes e então foram para sudeste.

Gore foi o primeiro a sair, mas mesmo o tenente que Goodsir sabia quase não ter medo não se levantou por um minuto ou mais após a barragem ter cessado. Outros engatinharam para fora de joelhos e ficaram ali, olhando ao redor como se estupefatos ou suplicando. O céu a leste era uma renda de descargas ar-ar e ar-terra, o trovão ainda rolando sobre a ilha plana com violência suficiente para exercer uma pressão física sobre suas peles e os fazer cobrir os ouvidos, mas o granizo terminara. As esferas brancas esmagadas estavam empilhadas a sessenta centímetros de altura ao redor deles até onde a vista alcançava. Após um minuto Gore se colocou de pé e começou a olhar ao

redor. Os outros então também se ergueram rigidamente, se movendo devagar, testando os membros, muito machucados, avaliou Goodsir, se sua própria dor era parâmetro da agressão coletiva pelos céus. O crepúsculo de meia-noite havia sido bastante obscurecido pelas nuvens pesadas a sul e quase parecia que uma escuridão real se abatia.

– Olhe isto – chamou Charles Best.

Goodsir e os outros se reuniram perto do trenó. As latas de comida e os outros equipamentos haviam sido desempacotados e empilhados perto da área de cozinha antes da refeição abortada, e de alguma forma o raio havia conseguido atingir a pirâmide baixa de latas empilhadas, ao mesmo tempo poupando o próprio trenó. Toda a comida enlatada de Goldner fora explodida como se uma bala de canhão atingisse a pilha – uma jogada perfeita em um jogo de boliche cósmico. Metal calcinado, legumes não comestíveis e carne podre ainda fumegantes estavam espalhados em um raio de vinte metros. Perto do pé esquerdo do cirurgião havia um receptáculo calcinado, retorcido e enegrecido com a inscrição APARELHO DE COZINHA (1) visível na lateral. Era parte do conjunto de cozinha de viagem e estava sobre um dos fogões a álcool quando eles correram para buscar abrigo. A garrafa de metal com meio litro de éter pirolenhoso junto a ele explodira, enviando estilhaços em todas as direções, mas evidentemente passando por pouco acima de suas cabeças enquanto se encolhiam na barraca. Se o raio tivesse acendido a pilha de garrafas de combustível na caixa de madeira junto às duas escopetas e cartuchos a pequena distância no trenó, a explosão e as chamas teriam consumido todos eles.

Goodsir sentiu necessidade de rir, mas não fez isso por medo de chorar ao mesmo tempo. Nenhum dos homens falou por algum tempo. Finalmente, John Morfin, que escalara a baixa crista de gelo golpeada pelo granizo acima do acampamento, gritou:

– Tenente, o senhor precisa ver isto.

Eles subiram para olhar para onde ele apontava.

Do outro lado daquela crista de gelo baixa, vinda do acúmulo de gelo ao sul deles e desaparecendo na direção do mar a noroeste, havia pegadas totalmente impossíveis. Impossíveis porque maiores do que qualquer pegada de

qualquer animal vivo da terra. Havia cinco dias os homens viam as marcas de patas dos ursos-brancos na neve, e algumas eram absurdamente grandes – com trinta centímetros –, mas aquelas pegadas indistintas eram mais da metade maiores que as outras. Algumas pareciam tão compridas quanto o braço de um homem. E eram novas – não havia nenhuma dúvida disso –, porque as marcas não eram na neve velha, mas feitas na camada grossa de granizo novo.

O que havia caminhado por seu acampamento fizera isso no auge dos raios e do granizo, exatamente como Morfin dissera.

– O que é isto? – perguntou o tenente Gore. – Não pode ser. Sr. Des Voeux, poderia fazer a gentileza de pegar uma das escopetas e cartuchos no trenó, por favor?

– Sim, senhor.

Antes mesmo que o imediato voltasse com a escopeta, Morfin, o soldado fuzileiro Pilkington, Best, Ferrier e Goodsir começaram a ir atrás de Gore enquanto o tenente seguia as pegadas impossíveis rumo noroeste.

– São grandes demais – disse o fuzileiro. Goodsir sabia que ele fora incluído no grupo por ser um dos poucos homens a bordo de qualquer dos navios a já ter caçado animais maiores que tetraz.

– Sei disso, soldado – disse Gore. Ele aceitou a escopeta do segundo imediato Des Voeux e carregou calmamente um cartucho enquanto os sete homens caminhavam sobre as pilhas de granizo na direção das nuvens escuras além do litoral protegido pelos icebergs.

– Talvez não sejam pegadas, mas alguma coisa... Um coelho Ártico ou algo pulando pela neve, deixando as marcas com o corpo inteiro – disse Des Voeux.

– Sim – disse Gore, distraído. – Talvez sim, Charles.

Mas eram pegadas de pata de algum tipo. O dr. Harry D. S. Goodsir sabia disso. Todos os homens que caminhavam perto dele sabiam disso. Goodsir, que nunca caçara nada maior que coelho ou perdiz, sabia que aquilo não eram marcas de alguma coisa pequena jogando o corpo para a esquerda, depois para a direita, mas algo andando inicialmente com quatro patas e depois – a crer nas pegadas – quase cem metros sobre duas pernas. Naquele ponto eram pegadas de um homem andando, se um homem tivesse pés do tamanho dos

antebraços e pudesse cobrir quase um metro e meio entre passos sem deixar impressões de dedos, mas marcas de garras.

Eles chegaram à área de pedra varrida pelo vento onde Goodsir se jogara de joelhos tantas horas antes – o granizo ali havia estilhaçado em inúmeros cacos de gelo, de modo que a área permanecia quase nua –, e ali as pegadas paravam.

– Espalhem-se – disse Gore, ainda segurando a escopeta relaxadamente sob o braço como se caminhasse pela propriedade da família em Essex. Ele apontou para cada homem, e depois para o limite da área aberta que desejava que o homem verificasse. O espaço rochoso não era muito maior que um campo de críquete.

Não havia pegadas se afastando das pedras. Os homens andaram de um lado para o outro por vários minutos, verificando e conferindo, não querendo marcar a neve impecável além das pedras com suas próprias pegadas, e depois todos ficaram imóveis, se encarando. Estavam de pé em um círculo quase perfeito. Não havia pegadas se afastando do espaço pedregoso.

– Tenente... – começou Best.

– Silêncio um minuto – disse Gore de forma seca, mas não grosseiramente.
– Estou pensando.

Ele era o único homem a se mover, passando pelos homens a passos largos e olhando para neve, gelo e granizo ao redor como se fosse alguma brincadeira de escola. A luz era mais forte agora que a tempestade se deslocara mais para leste – eram quase duas horas da manhã, e a neve e a camada de granizo permaneciam intocadas além das pedras.

– Tenente – insistiu Best. – É Tom Hartnell.

– O que tem ele? – cortou Gore. Estava começando a dar a terceira volta.

– Não está aqui. Acabei de perceber; não está conosco desde que saímos da barraca.

A cabeça de Goodsir se ergueu e virou no mesmo segundo que as dos outros. Trezentos metros atrás deles, a crista baixa bloqueava a visão da tenda caída e do trenó. Nada mais se mexia na enorme expansão de branco e cinza.

Todos começaram a correr imediatamente.



Hartnell estava vivo, mas inconsciente, e ainda deitado sob a lona da barraca. Havia um enorme inchaço no lado da cabeça. A lona grossa havia sido rasgada no ponto em que uma bola de gelo do tamanho de um punho atravessara – e ele sangrava da orelha esquerda, mas Goodsir logo encontrou o pulso fraco. Eles tiraram o homem inconsciente da barraca caída, apanharam dois sacos de dormir e o deixaram o mais quente e confortável possível. Nuvens escuras passavam acima novamente.

– Quão sério é? – perguntou o tenente Gore.

Goodsir balançou a cabeça.

– Não saberemos até ele acordar... *se* ele acordar. Estou surpreso por outros de nós não terem ficado inconscientes. Foi uma avalanche terrível de objetos sólidos.

Gore anuiu.

– Eu odiaria perder Tommy depois da morte do irmão, John, ano passado. Seria demais para a família suportar.

Goodsir se lembrou de preparar John Hartnell para o enterro com a melhor camisa de flanela do irmão Thomas. Pensou naquela camisa sob o solo congelado e o cascalho coberto de neve tantas centenas de quilômetros ao norte, o vento frio abaixo daquele penhasco negro soprando entre as lápides de madeira. Goodsir estremeceu.

– Estamos todos ficando gelados demais – disse Gore. – Precisamos dormir um pouco. Soldado Pilkington, encontre os postes da barraca e ajude Best e Ferrier a levantá-la novamente.

– Sim, sim, senhor.

Enquanto os dois homens caçavam os postes da barraca, Morfin ergueu a lona. A barraca tinha sido tão danificada pelo granizo que parecia uma bandeira de batalha.

– Meu Deus – disse Des Voeux.

– Os sacos de dormir estão encharcados – contou Morfin. – O interior da barraca está encharcado.

Gore suspirou.

Pilkington e Best voltaram com dois cotos calcinados e curvados de madeira e ferro.

– Os postes foram atingidos, tenente – contou o soldado fuzileiro. – Parece que o núcleo de ferro deles atraiu os raios, senhor. Não serve muito como mastro central agora.

Gore apenas anuiu.

– Ainda estamos com o machado no trenó. Pegue-o e traga a escopeta extra para usar como poste duplo. Derreta um pouco de gelo para servir de âncora para eles caso precise.

– O fogão a álcool está explodido – lembrou Ferrier. – Não iremos derreter gelo por algum tempo.

– Temos mais dois fogões no trenó – disse Gore. – E um pouco de água potável nas garrafas. Está congelada agora, mas coloquem as garrafas dentro das roupas até que um pouco derreta. Derrame isso em um buraco que abrirem no gelo. Logo irá congelar. Sr. Best?

– Sim, senhor? – disse o jovem marinheiro corpulento, tentando conter um bocejo.

– Estique a barraca o melhor que puder, pegue a faca e corte as costuras de dois dos sacos de dormir. Vamos usá-los como cobertores de cima e de baixo enquanto nos juntamos todos para nos aquecer esta noite. Precisamos de um pouco de sono.

Goodsir estava observando o inconsciente Hartnell em busca de algum sinal de consciência, mas o jovem estava imóvel como um cadáver. O cirurgião precisou conferir a respiração para ter certeza de que ainda estava vivo.

– Vamos voltar pela manhã, senhor? – perguntou John Morfin. – Para pegar nosso estoque no gelo e de volta para os navios, quero dizer? Agora não temos comida suficiente para voltar com algo como rações razoáveis.

Gore sorriu e balançou a cabeça.

– Dois dias de jejum não nos farão mal, homem. Mas com Hartnell ferido, mandarei quatro de vocês de volta ao estoque no gelo com ele no trenó. Vocês fazem o melhor acampamento que puderem lá enquanto eu levo um homem para o sul seguindo as ordens de sir John. Tenho de deixar a segunda carta ao

Almirantado, mas, ainda mais importante, precisamos ir o mais ao sul que pudermos para ver se há algum sinal de mar aberto. Toda esta viagem terá sido por nada se não fizermos isso.

– Eu me ofereço para ir com o senhor, tenente Gore – disse Goodsir, e ficou espantado com o som da própria voz. Por alguma razão, permanecer com o oficial era muito importante para ele.

Gore também ficou surpreso.

– Obrigado, doutor – disse suavemente –, mas faria mais sentido se ficasse com nosso colega ferido, não acha?

Goodsir corou profundamente.

– Best irá comigo – disse o tenente. – O segundo imediato Des Voeux estará no comando do grupo do gelo até meu retorno.

– Sim, senhor – disseram os dois homens em uníssono.

– Best e eu partiremos em cerca de três horas, e seguiremos para o sul o máximo que pudermos, levando apenas um pouco de porco salgado, o recipiente com a mensagem, uma garrafa de água cada, alguns cobertores, caso tenhamos de parar, e uma das escopetas. Voltaremos em algum momento por volta de meia-noite e tentaremos nos encontrar com vocês no gelo às oito badaladas de amanhã de manhã. Teremos um trenó mais leve de carga na volta aos navios, com exceção de Hartnell, quero dizer, e conhecemos os melhores lugares para cruzar as cristas, então aposto que estaremos em casa em três dias ou menos, em vez de em cinco. Se Best e eu não voltarmos ao acampamento do mar até meia-noite de depois de amanhã, sr. Des Voeux, pegue Hartnell e retorne ao navio.

– Sim, senhor.

– Soldado Pilkington, está especialmente cansado?

– Sim, senhor – disse o fuzileiro de 30 anos de idade. – Quero dizer, não, senhor. Estou pronto para qualquer tarefa que queira de mim, tenente.

Gore sorriu.

– Bom. Você fica com o primeiro turno de três horas. Só posso prometer que será o primeiro homem autorizado a dormir quando seu grupo de trenó chegar ao acampamento de víveres mais tarde. Pegue o mosquete que não está

servindo de poste de barraca, mas fique dentro dela, apenas enfie a cabeça para fora de tempos em tempos.

– Muito bom, senhor.

– Dr. Goodsir?

O cirurgião levantou a cabeça.

– O senhor e o sr. Morfin poderiam fazer a gentileza de carregar o sr. Hartnell para a barraca e deixá-lo confortável? Vamos colocar Tommy no centro de nosso pequeno grupo para tentar mantê-lo quente.

Goodsir anuiu e se moveu para levantar o paciente pelos ombros sem tirá-lo do saco de dormir. O inchaço na cabeça do inconsciente Hartnell estava agora tão grande quanto o punho pequeno e branco do cirurgião.

– Tudo certo – disse Gore entre os dentes que batiam, olhando para a barraca em farrapos que estava sendo levantada. – O resto de nós estende aqueles cobertores e se junta como os órfãos que somos e tentamos ter uma hora ou duas de sono.

FRANKLIN

Lat. 70° - 05' N., Long. 98° - 23' W.

3 de junho de 1846

Sir John não conseguia acreditar no que via. Havia oito figuras, exatamente como antecipara, mas elas estavam... *erradas*. Quatro dos cinco homens exaustos, barbados e de óculos puxando o trenó faziam sentido – marinheiros Morfin, Ferrier e Best, com o enorme soldado Pilkington na liderança –, mas o quinto homem nos arreios era o segundo imediato Des Voeux, cuja expressão sugerira ter ido ao inferno e voltado. O marinheiro Hartnell caminhava ao lado do trenó. A cabeça do marinheiro magro tinha uma grande bandagem, e ele cambaleava à frente como se integrasse a retirada de Napoleão de Moscou. O cirurgião, Goodsir, também caminhava ao lado do trenó e cuidava de alguém – ou algo – no próprio trenó. Franklin procurou a marcante echarpe de lã vermelha do tenente Gore – o cachecol tinha quase um metro e oitenta e era inconfundível – mas de forma bizarra parecia que a maioria das escuras figuras cambaleantes usava versões mais curtas dele.

Finalmente, caminhando atrás do trenó, vinha uma criatura baixa enrolada em uma parca de pele cujo rosto era invisível sob um capuz, mas que só podia ser esquimó.

Mas foi o próprio trenó que fez o capitão sir John Franklin gritar:

– Bom Deus!

Aquele trenó era estreito demais para dois homens se deitarem lado a lado, e o telescópio de sir John não mentira. Havia dois corpos um sobre o outro. O

de cima era outro esquimó – um velho adormecido ou inconsciente com um rosto marrom enrugado e cabelos brancos se projetando para trás do capuz de pele de lobo que alguém puxara para trás e colocara sob a cabeça como um travesseiro. Era dessa figura que Goodsir cuidava enquanto o trenó se aproximava do *Erebus*. Sob o corpo deitado de costas do esquimó estavam o rosto e o corpo enegrecidos, distorcidos e evidentemente mortos do tenente Graham Gore.

Franklin, o comandante Fitzjames, tenente Le Vesconte, primeiro imediato Robert Sergeant, mestre do gelo Reid, cirurgião-chefe Stanley e suboficiais como Brown, ajudante de contramestre; John Sullivan, capitão do cesto da gávea; e o sr. Hoar, camareiro de sir John, correram para o trenó, assim como quarenta outros dos marinheiros que haviam subido ao convés ao ouvir o chamado da sentinela.

Franklin e os outros pararam no caminho antes de chegar ao grupo do trenó. O que pelo telescópio de Franklin dava a impressão do que seriam salpicos de cachecóis de lã vermelha sobre o cinza dos homens revelaram-se grandes manchas vermelhas em seus sobretudos escuros. Os homens estavam sujos de sangue.

Houve uma algaravia. Alguns dos homens nos arreios abraçaram amigos que correram até eles. Thomas Hartnell desabou no gelo e foi cercado por homens tentando ajudar. Todos falavam e gritavam ao mesmo tempo.

Sir John só tinha olhos para o cadáver do tenente Graham Gore. O corpo fora coberto, mas o cobertor tombou em parte, então sir John podia ver o belo rosto de Gore, agora totalmente branco em certos pontos pelo sangue drenado, enegrecido pelo sol Ártico em outras áreas. Seus traços estavam distorcidos, as pálpebras parcialmente erguidas e o branco do olho visível e brilhando por causa do gelo, o maxilar caído, a língua se projetando e os lábios já se afastando dos dentes no que parecia um rosnado ou expressão de puro horror.

– Tirem aquele... selvagem... do tenente Gore – ordenou sir John. – *Imediatamente!*

Vários homens se apressaram para obedecer, erguendo o esquimó por ombros e pés. O velho gemeu, e o dr. Goodsir exclamou:

– Cuidado! Devagar com ele! Tem uma bala de mosquete perto do coração. Levem-no para a enfermaria, por favor.

O capuz da parca do outro esquimó foi jogado para trás, e sir John percebeu horrorizado que era uma mulher jovem. Ela se aproximou do velho ferido.

– Esperem! – gritou sir John, acenando para o cirurgião assistente do seu navio. – A enfermaria? Está sugerindo seriamente que levemos essa... pessoa nativa... para a enfermaria de nosso navio?

– Este homem é meu paciente – disse Goodsir com uma teimosia insolente que sir John Franklin nunca teria imaginado que pudesse existir no pequeno cirurgião. – Preciso levá-lo para um lugar onde possa operá-lo; remover a bala de seu corpo caso seja possível. Conter a hemorragia caso não seja. Levem-no por favor, cavalheiros.

Os tripulantes segurando o esquimó olharam para o comandante da expedição esperando uma decisão. Sir John estava tão perplexo que não conseguia falar.

– Apressem-se agora – ordenou Goodsir com voz confiante. Obviamente considerando o silêncio de sir John como concordância tácita, os homens carregaram o esquimó grisalho subindo a rampa de neve e para o navio. Goodsir, a jovem esquimó e vários tripulantes os seguiram, alguns ajudando o jovem Hartnell.

Franklin, quase incapaz de esconder seu choque e horror, ficou onde estava, ainda olhando para o cadáver do tenente Gore. O soldado Pilkington e o marinheiro Morfin estavam desamarrando as cordas que prendiam Gore ao trenó.

– Por Deus, cubra o rosto dele – disse Franklin.

– Sim, senhor – disse Morfin.

O marinheiro puxou o cobertor da Hudson's Bay Company que havia escorregado do rosto do tenente durante seu dia e meio difíceis no gelo e nas cristas de pressão. Sir John ainda podia ver a concavidade da boca aberta de seu belo tenente através da flacidez seca do cobertor vermelho.

– Sr. Des Voeux – chamou Franklin.

– Sim, senhor.

O segundo imediato Des Voeux, que supervisionava a liberação do corpo do tenente, se virou e bateu continência. Franklin podia ver que o homem com barba por fazer, rosto vermelho de sol e batido pelo vento estava tão exausto que mal conseguia levantar o braço para bater continência.

– Assegure-se de que o corpo do tenente Gore seja levado aos seus aposentos, onde o senhor e o sr. Sergeant garantirão que seja preparado para sepultamento sob a supervisão do tenente Fairholme aqui.

– Sim, senhor – disseram Des Voeux e Fairholme em uníssono.

Ferrier e Pilkington, exaustos, recusaram esforços de ajuda e levantaram o corpo de seu tenente morto. O cadáver parecia rígido como um pedaço de lenha. Um dos braços de Gore estava dobrado, e a mão nua, enegrecida por sol ou decomposição, estava erguida em uma espécie de gesto congelado de garra.

– Esperem – disse Franklin. Ele se deu conta de que se mandasse o sr. Des Voeux em sua missão, se passariam horas antes que recebesse um relatório oficial do homem que havia sido o segundo em comando do grupo. Mesmo o maldito cirurgião estava fora de vista, levando os dois esquimós com ele. – Sr. Des Voeux, após ter supervisionado a preparação inicial do tenente Gore, vá à minha cabine.

– Sim, capitão – disse o imediato, cansado.

– Enquanto isso, quem estava com o tenente Gore no final?

– Todos estávamos, senhor – disse Des Voeux. – Mas o marinheiro Best esteve com ele, apenas os dois, a maior parte dos dois dias que estivemos na Terra do Rei Guilherme e perto dela. Charlie viu tudo lá que o tenente Gore viu.

– Muito bem – disse sir John. – Vá cuidar de suas obrigações, sr. Des Voeux. Logo ouvirei seu relatório. Best, venha comigo e o comandante Fitzjames agora.

– Sim, sim, senhor – disse o marinheiro, cortando o resto do seu arreio de couro porque estava cansado demais para soltar os nós. Ele *não* teve força para erguer o braço em continência.



Os três iluminadores Preston estavam leitosos no teto com a luz do sol que nunca se punha, enquanto o marinheiro Charles Best fazia seu relatório de pé a sir John Franklin, comandante Fitzjames e capitão Crozier sentados – por um acaso conveniente o capitão do HMS *Terror* chegara poucos minutos após o grupo do trenó ter subido a bordo. Edmund Hoar, camareiro de sir John e eventualmente secretário, estava sentado atrás dos oficiais, fazendo anotações. Best estava de pé, claro, mas Crozier sugerira que o homem exausto poderia se valer de um brandy medicinal, e embora a expressão de sir John revelasse sua desaprovação, concordara em pedir ao comandante Fitzjames que fornecesse um pouco de seu estoque particular. O álcool parecia ter revivido Best um pouco.

Os três oficiais interrompiam de tempos em tempos com perguntas, enquanto o cambaleante Best fazia seu relato. Quando sua descrição da laboriosa viagem de trenó da equipe para a Terra do Rei Guilherme ameaçava se estender muito, sir John acelerou o homem para os acontecimentos dos dois dias anteriores.

– Sim, senhor. Bem, após aquela primeira noite de raios e trovões no moledro e de descobrir as... pegadas, marcas... no gelo, tentamos dormir duas horas, mas na verdade não aconteceu, então o tenente Gore e eu partimos para o sul com rações leves enquanto o sr. Des Voeux pegava o trenó e o que restava da barraca e do pobre Hartnell, que ainda estava apagado, dissemos “até amanhã” e o tenente e eu seguimos rumo sul e o sr. Des Voeux e seu pessoal seguiram para o gelo marinho novamente.

– Vocês estavam armados – disse sir John.

– Sim, sir John – respondeu Best. – O tenente Gore tinha uma pistola. Eu levava uma das duas escopetas. O sr. Des Voeux ficou com a outra escopeta com seu grupo, e o soldado Pilkington levou o mosquete.

– Conte por que o tenente Gore dividiu o grupo – ordenou sir John.

Best pareceu confuso com a pergunta por um momento, mas então se iluminou.

– Ah, ele nos disse que seguia suas ordens, senhor. Com a comida no acampamento do moledro destruída pelo raio e a barraca danificada, a maior parte do grupo precisava voltar ao acampamento no mar. O tenente Gore e eu

prosseguimos para deixar aquele segundo cilindro de mensagem em algum ponto mais ao sul do litoral e para descobrir se havia mar aberto. Não havia nenhum, senhor. Mar aberto, quero dizer. Nenhum indício. Nenhuma po... nem um único reflexo de céu escuro sugerindo água.

– Até que ponto vocês dois foram, Best? – perguntou Fitzjames.

– O tenente Gore calculou que tínhamos viajado uns seis quilômetros e meio através de neve e cascalho congelado quando chegamos a uma grande angra, senhor... bastante como a baía em Beechey em que invernamos há um ano. Mas o senhor sabe como são seis quilômetros em neblina e vento, e com gelo, senhores, mesmo sobre terra aqui. Provavelmente caminhamos 16 quilômetros para cobrir os seis e meio. A angra estava congelada. Sólida como a banquisa aqui. Nem mesmo a pequena faixa de água que há entre praia e gelo em qualquer angra durante o verão aqui. Então cruzamos a embocadura, senhor, e seguimos mais uns quatrocentos metros sobre um promontório onde o tenente Gore e eu construimos outro moledro, não tão alto ou elegante quanto o do capitão Ross, estou certo, mas sólido, e alto o suficiente para ser visto imediatamente. A terra é tão plana que um homem é sempre a coisa mais alta ali. Então empilhamos as pedras até a linha de visão e deixamos a segunda mensagem, igual à primeira como o tenente me contou, em seu elegante cilindro de latão.

– Então retornaram? – perguntou o capitão Crozier.

– Não, senhor – disse Best. – Admito que estava esgotado. Assim como o tenente Gore. A caminhada havia sido difícil o dia inteiro, mesmo as dunas de neve foram difíceis de cruzar, mas havia neblina e só tínhamos vislumbres do litoral de tempos em tempos quando a neblina subia, então embora já fosse de tarde quando terminamos de construir o moledro e deixar a mensagem, o tenente Gore nos obrigou a andar mais dez ou 11 quilômetros rumo sul ao longo do litoral. Algumas vezes conseguíamos ver, a maior parte do tempo não. Mas podíamos *ouvir*.

– Ouvir o quê, homem? – perguntou Franklin.

– Algo nos seguindo, sir John. Algo grande. E respirando. Às vezes bufando um pouco... Os senhores sabem, como os ursos-brancos fazem, como se estivessem tossindo?

– Vocês o identificaram como um urso? – perguntou Fitzjames. – Você disse que eram as maiores coisas visíveis na Terra. Certamente se um urso os estivesse seguindo, poderiam vê-lo quando a neblina levantasse.

– Sim, senhor – disse Best, franzindo tanto o cenho que parecia que iria começar a chorar. – Quero dizer, não, senhor. Não pudemos identificar como urso, senhor. Poderíamos ter, normalmente. Deveríamos ter. Mas não identificamos, e não pudemos. Algumas vezes o ouvíamos tossindo bem atrás de nós, menos de cinco metros na neblina, e eu apontava a escopeta e o tenente Gore armava a pistola, esperávamos, meio que prendendo a respiração, mas quando a neblina subia conseguíamos ver trinta metros e não havia nada lá.

– Deve ter sido um fenômeno auditivo – disse sir John.

– Sim, senhor – concordou Best, o tom sugerindo que ele não entendera o comentário de sir John.

– O gelo na praia fazendo ruídos – disse sir John. – Talvez o vento.

– Ah, sim, sim, senhor, sir John – disse Best. – Só que não era vento. Mas o gelo... poderia ter sido isso, meu lorde. Sempre poderia ter sido isso – disse, seu tom explicando que não poderia ter sido.

Ajeitando-se na cadeira como se irritado, sir John disse:

– Você falou no início que o tenente Gore morreu... foi morto... depois que se reuniram aos outros seis homens no gelo. Por favor, prossiga a partir desse ponto.

– Sim, senhor. Bem, devia ser perto de meia-noite quando chegamos ao ponto mais ao sul possível. O sol sumira do céu à frente, mas o céu tinha aquele brilho dourado... sabe como é por volta de meia-noite aqui, sir John. A neblina subira o bastante por um breve período para que quando escalamos uma pequena colina rochosa – não exatamente uma colina, mas uma restinga alta talvez quatro metros e meio acima do resto daquele cascalho plano e congelado de lá – pudemos ver o litoral se retorcendo mais para o sul no horizonte borrado com vislumbres de icebergs se destacando no horizonte de onde haviam se acumulado ao longo da praia. Nada de água. Tudo congelado até o fim. Então demos meia-volta e começamos a voltar. Não tínhamos barraca, nada de sacos de dormir, apenas comida fria para mastigar. Eu quebrei

um belo dente nela. Estávamos os dois com muita sede, sir John. Não tínhamos fogão para derreter neve ou gelo, e havíamos partido com apenas um pouco de água em uma garrafa que o tenente Gore mantinha sob casacos e colete.

“Então caminhamos a noite toda, pela hora ou duas de espécie de crepúsculo que se faz passar por noite aqui, senhores, e depois mais quatro horas, e eu adormeci andando meia dúzia de vezes, e teria andado em círculos até cair, mas o tenente Gore me agarrava pelo braço, sacudia um pouco e me colocava na direção certa. Passamos pelo novo moledro, depois cruzamos a angra e em algum momento por volta de seis badaladas, quando o sol estava alto no céu novamente, chegamos ao ponto em que tínhamos acampado na noite anterior perto do primeiro moledro, o moledro de sir James Ross, quero dizer, na verdade fora duas noites antes, durante a primeira tempestade de raios, e simplesmente continuamos avançando, seguindo as trilhas do trenó até os icebergs empilhados no litoral, e depois para o gelo marinho.”

– Você disse “durante a primeira tempestade de raios” – interrompeu Crozier. – Houve mais? Tivemos várias aqui enquanto estavam fora, mas a pior pareceu ser ao sul.

– Ah, sim, senhor – disse Best. – A cada poucas horas, mesmo com a neblina tão forte, os trovões começavam a soar de novo, depois nossos cabelos começavam a voar, tentando se levantar de nossas cabeças, e qualquer coisa de metal que tivéssemos, fivelas de cinto, a escopeta, a pistola do tenente Gore, ganhava um brilho azul, e tínhamos de encontrar um esconderijo no cascalho, e ficávamos deitados lá tentando desaparecer no chão enquanto o mundo explodia ao redor de nós como disparos de canhão em Trafalgar, senhores.

– Você esteve *em* Trafalgar, marinheiro Best? – perguntou sir John friamente.

Best piscou.

– Não, senhor. Claro que não, senhor. Tenho apenas 25 anos, meu lorde.

– *Eu* estive em Trafalgar, marinheiro Best – disse sir John, rígido. – Como oficial de sinalização a bordo do HMS *Bellerophon*, onde 33 dos 40 oficiais foram mortos naquele único combate. Por favor, abstenha-se de usar metáforas ou analogias além de sua experiência pelo restante de seu relatório.

– Sim, sim, se-senhor – gaguejou Best, cambaleando agora não apenas de exaustão e sofrimento, mas também de terror por ter dado um passo em falso.
– Peço desculpas, sir John. Eu não queria... eu queria... eu não deveria... isto é...

– Continue sua narrativa, marinheiro – disse sir John. – Mas nos conte sobre as últimas horas do tenente Gore.

– Sim, senhor. Bem... eu não teria conseguido escalar aquela barreira de icebergs sem o tenente Gore me ajudando, Deus o abençoe, mas finalmente conseguimos, e chegamos ao gelo propriamente dito que ficava apenas entre dois e três quilômetros do acampamento no mar, onde o sr. Des Voeux e os outros esperavam por nós, mas então nos perdemos.

– Como poderiam se perder se estavam seguindo a trilha do trenó? – perguntou o comandante Fitzjames.

– Não sabemos, senhor – disse Best, a voz tornada indistinta por exaustão e sofrimento. – Estava nublado. Estava *muito* nublado. Basicamente não conseguíamos ver três metros em nenhuma direção. A luz do sol fazia tudo brilhar e deixava tudo plano. Acho que subimos a mesma crista de gelo três ou quatro vezes, e cada vez nossa noção de direção ficava mais distorcida. E no gelo marinho havia longos trechos em que a neve havia sido soprada e os esquis do trenó não deixaram marcas. Mas a verdade, senhores, é que acho que estávamos os dois, o tenente Gore e eu, marchando dormindo e simplesmente perdemos a trilha sem saber.

– Muito bem – disse sir John. – Continue.

– Bem, então ouvimos os tiros... – começou Best.

– Tiros? – reagiu o comandante Fitzjames.

– Sim, senhor. De mosquete e escopeta. Na neblina, com o som ecoando nos icebergs e cristas geladas ao redor, soava como se os tiros viessem de toda parte ao mesmo tempo, mas estavam perto. Começamos a gritar na neblina, e logo ouvimos o sr. Des Voeux gritando de volta e trinta minutos depois, pois levou esse tempo para a neblina levantar um pouco, nos deparamos com o acampamento marinho. Os rapazes haviam remendado a barraca nas 36 horas que tínhamos ficado fora, mais ou menos remendado, e ela fora montada junto ao trenó.

– Os tiros foram para orientar vocês? – perguntou Crozier.

– Não, senhor – respondeu Best. – Eles estavam atirando em ursos. E no velho esquimó.

– Explique – ordenou sir John.

Charles Best lambeu os lábios ressecados e feridos.

– O sr. Des Voeux pode explicar melhor que eu, senhores, mas basicamente eles voltaram ao acampamento marinho e encontraram as latas de comida abertas, espalhadas e estragadas, pelos ursos, avaliaram, então o sr. Des Voeux e o dr. Goodsir decidiram atirar em alguns dos ursos-brancos que continuavam a farejar ao redor do acontecimento. Atiraram em uma fêmea e seus dois filhotes pouco antes de chegarmos lá, e estavam tirando a carne. Mas ouviram movimento ao redor deles, mais daquelas tossidas e respiradas na neblina que descrevi, senhores, e então, acho, os dois esquimós, o velho e sua mulher passaram sobre uma crista de pressão na neblina, apenas mais pele branca, e o soldado Pilkington disparou seu mosquete e Bobby Ferrier atirou com a escopeta. Ferrier errou os dois alvos, mas Pilkington derrubou o homem com um tiro no peito.

“Quando chegamos lá eles haviam levado o esquimó baleado e a mulher e um pouco da carne de urso-branco de volta ao acampamento marinho, deixando trilhas ensanguentadas no gelo, senhores, que foi o que seguimos pelos últimos quinhentos metros, mais ou menos, e o dr. Goodsir estava tentando salvar a vida do velho esquimó.”

– Por quê? – perguntou sir John.

Best não tinha resposta para isso. Ninguém mais falou.

– Muito bem – disse sir John finalmente. – Quanto tempo após se reunirem ao segundo imediato Des Voeux e os outros nesse acampamento marinho o tenente Gore foi atacado?

– Não mais de trinta minutos, sir John. Provavelmente menos.

– E o que provocou o ataque?

– Provocou? – repetiu Best, os olhos não mais parecendo focalizar. – Quer dizer, como atirar nos ursos-brancos?

– Eu quero dizer quais foram exatamente as circunstâncias do ataque, marinheiro Best? – perguntou sir John.

Best esfregou a testa. A boca ficou aberta um longo tempo antes que falasse.

– Nada provocou. Eu conversava com Tommy Hartnell, que estava na barraca com a cabeça enrolada, mas novamente acordado, sem lembrar de nada de até pouco antes da primeira tempestade de raios, e o sr. Des Voeux estava supervisionando Morfin e Ferrier, que colocavam dois dos fogões a álcool para funcionar de modo a aquecer um pouco daquela carne de urso, e o dr. Goodsir havia tirado a parca do velho esquimó e estava examinando um buraco feio no peito do velho. A mulher estava de pé ali observando, mas não vi onde ela estava exatamente, porque a neblina ficara mais densa, o soldado Pilkington estava de vigia com o mosquete, e então de repente o tenente Gore grita: “Silêncio, todo mundo! Silêncio!” E todos nos calamos, paramos o que estávamos dizendo e fazendo. O único som era o chiado dos dois fogões a álcool e o borbulhar da neve que tínhamos derretido nas grandes panelas, íamos fazer alguma espécie de ensopado de urso-branco, acho, e então o tenente Gore tirou a pistola, colocou a espoleta, engatilhou e se afastou alguns passos da barraca e...

Best parou. Seus olhos estavam totalmente desfocados, boca ainda aberta, saliva brilhando no queixo. Olhava para algo que não na cabine de sir John.

– Continue – disse sir John.

A boca de Best se moveu, mas não saiu som algum.

– Continue, marinheiro – disse o capitão Crozier em uma voz mais gentil.

Best virou a cabeça na direção de Crozier, mas os olhos continuavam concentrados em algo muito distante.

– Então... – começou Best. – Então... o gelo simplesmente se ergueu, capitão. Apenas se ergueu e cercou o tenente Gore.

– Do que está falando? – perguntou ríspidamente sir John após outro intervalo de silêncio. – O gelo simplesmente não se ergue. O que você *viu*?

Best não virou a cabeça na direção de sir John.

– O gelo simplesmente se ergueu. Como quando você consegue ver as cristas de pressão surgindo de repente. Só que não era crista, não era gelo, apenas se ergueu e ganhou uma... *forma*. Uma forma branca. Lembro de que havia... garras. Não braços, não inicialmente, mas garras. Muito grandes. E dentes. Lembro dos dentes.

– Um urso – disse sir John. – Um urso-branco do Ártico.

Best simplesmente balançou a cabeça.

– Alto. A coisa simplesmente pareceu se erguer de *sob* o tenente Gore... *ao redor* do tenente Gore. Era... *alto demais*. Duas vezes mais alto que o tenente Gore, e o senhor sabe que ele era um homem alto. Tinha pelo menos três metros e meio, mais alto que isso, acho, e largo demais. Muito largo demais. E então o tenente Gore meio que desapareceu enquanto a coisa... o cercava... E só pudemos ver a cabeça, os ombros e botas do tenente, e sua pistola disparou, ele não apontou, acho que disparou sobre o gelo, e então todos estávamos gritando, Morfin indo na direção da escopeta, o soldado Pilkington correndo e apontando o mosquete, mas com medo de atirar porque a coisa e o tenente eram uma coisa só, e então... então ouvimos barulho de algo esmagado e partindo.

– O urso estava mordendo o tenente? – perguntou o comandante Fitzjames.

Best piscou e olhou para o comandante rosado.

– Mordendo? Não, senhor. A coisa não mordeu. Sequer consegui ver a cabeça dela... não de verdade. Apenas dois pontos negros flutuando três metros e meio, quatro metros no ar... Negros, mas também vermelhos, sabe, como quando um lobo se vira em sua direção e o sol bate nos olhos? O estalo e o esmagamento eram das costelas e ossos de peito e braços quebrando.

– O tenente Gore gritou? – perguntou sir John.

– Não, senhor, ele não fez nenhum ruído.

– Morfin e Pilkington dispararam as armas? – perguntou Crozier.

– Não, senhor.

– Por que não?

Best estranhamente sorriu.

– Porque não havia nada no que atirar, capitão. Em um segundo a *coisa* estava ali, se erguendo acima do tenente Gore e o esmagando como o senhor ou eu esmagaríamos um rato na palma de nossa mão, e no segundo seguinte havia *sumido*.

– O que quer dizer com *sumido*? – cobrou sir John. – Morfin e o soldado fuzileiro não poderiam ter atirado nela enquanto se retirava na neblina?

– Retirava? – repetiu Best, e seu sorriso absurdo e perturbador aumentou ainda mais. – A forma não se retirou. Simplesmente voltou para dentro do gelo, como uma sombra sumindo quando o sol fica atrás de uma nuvem, e quando chegamos ao tenente Gore ele estava morto. Boca escancarada. Sequer teve tempo de gritar. Então a neblina levantou. Não havia buracos no gelo. Nenhuma rachadura. Nem mesmo um pequeno buraco de respiração como as focas usam. Apenas o tenente Gore caído ali quebrado, o peito afundado, os dois braços quebrados, e ele sangrava por orelhas, olhos e boca. O dr. Goodsir nos empurrou para longe, mas não havia nada que ele pudesse fazer. Gore estava morto e já ficando tão frio quanto o gelo embaixo dele.

O sorriso insano e irritante de Best vacilou – os lábios partidos do homem tremiam, mas ainda estavam esticados sobre os dentes – e os olhos ficaram ainda menos concentrados que antes.

– O... – começou sir John, mas parou quando Charles Best desmoronou em uma pilha no convés.

GOODSIR

Lat. 70° - 05' N., Long. 98° - 23' W.

Junho de 1847

Do diário particular do dr. Harry D. S. Goodsir:

4 de junho de 1847

Quando Stanley e eu despimos o esquimó ferido eu me lembrei de que ele usava um amuleto feito de uma Pedra chata e suave, menor que meu punho, na forma de um Urso-Branco – a pedra não parecia ter sido esculpida, mas em seu estado natural, alisado a polegar, capturava perfeitamente o pescoço comprido, cabeça pequena, pernas poderosas esticadas e o movimento de avanço do animal vivo. Eu vira o amuleto ao examinar o ferimento do homem no gelo, mas não pensara nele.

A bala do mosquete do soldado Pilkington entrara no Peito do nativo menos de três centímetros abaixo do amuleto, perfurara carne e músculo entre a terceira e a quarta costelas (ligeiramente desviada para a mais alta das duas), passara através do Pulmão Esquerdo e se alojara em sua Coluna, cortando vários Nervos ali.

Não havia como salvá-lo – sabia pelo exame anterior que qualquer Tentativa de Remover a bala de mosquete causaria morte instantânea, e eu não podia conter a Hemorragia interna Dentro do Pulmão –, mas fiz o máximo, tendo o esquimó sido levado para a área da enfermaria onde o cirurgião Stanley e eu havíamos instalado a cirurgia. Durante Meia Hora ontem após meu retorno ao Navio, Stanley e eu examinamos o ferimento na frente e atrás com nossos Instrumentos mais Cruéis e Cortamos com Energia até encontrarmos a localização de Bala em sua Coluna, e no geral confirmamos nosso prognóstico de Morte Iminente.

Mas o Selvagem grisalho atipicamente alto e de constituição forte não concordou com nosso Prognóstico. Continuou a existir como homem. Continuou a forçar inspirações por seu pulmão rasgado e ensanguentado, tossindo sangue repetidamente. Continuou a olhar para nós através de seus olhos perturbadoramente claros – para um esquimó – vigiando Cada Movimento nosso.

O dr. McDonald chegou do Terror e, por sugestão de Stanley, levou a segunda esquimó, a jovem, para a alcova dos fundos da Enfermaria, separada de nós por um cobertor que servia de cortina, para um Exame. Acredito que o Cirurgião Stanley estava menos interessado em examinar a garota do que em tirá-la da enfermaria durante nosso exame sangrento dos ferimentos do marido ou pai... Embora nem o Paciente nem a Garota parecessem perturbados com Sangue ou Ferimento que fariam qualquer Dama de Londres – e não poucos estudantes de cirurgia – desmaiar.

E por falar em desmaiar, Stanley e eu havíamos acabado de examinar o esquimó moribundo quando o capitão sir John Franklin entrou com dois tripulantes arrastando Charles Best, que, nos informaram, desmaiara na cabine de sir John. Fizemos com que os homens colocassem Best no catre mais próximo, e demorei apenas um minuto de exame Superficial para relacionar os motivos pelos quais o homem desmaiara: a mesma Exaustão extrema de que todos nós do grupo do tenente Gore sofríamos após dez dias de Esforço Constante, fome (não tivemos virtualmente nada para comer exceto Carne de Urso crua nos dois últimos dias e noites no gelo), ressecamento de toda a umidade em nossos corpos (não podíamos perder tempo parando e derretendo neve nos fornos a álcool, então apelamos para a Má Ideia de mastigar neve e gelo – um processo que reduz a água do corpo em vez de aumentá-la) –, e, uma razão bastante Óbvia para mim, mas estranhamente Obscura para os oficiais que o Interrogavam, o pobre Best havia sido obrigado a ficar de pé e fazer o relatório aos capitães ainda vestindo sete de suas oito Camadas de Lã, tendo tido tempo apenas de retirar seu sobretudo ensanguentado. Após dez dias e noites no gelo a uma temperatura média perto de 18 graus negativos, o calor do Erebus era quase demais para mim, e eu tirara todas as camadas menos duas ao chegar à enfermaria. Isso rapidamente se provou demais para Best.

Após receber a garantia de que Best iria se recuperar – uma dose de Sais de Cheiro já o acordara –, sir John olhou com visível desgosto para o paciente

esquimó, agora deitado sobre o peito e a barriga ensanguentados, já que Stanley e eu estivéramos procurando a bala em suas costas, e nosso comandante perguntou: Ele irá sobreviver?

Não por muito tempo, sir John, relatou Stephen Samuel Stanley.

Tive um esgar de falar assim na frente do paciente – nós médicos normalmente damos nossos piores prognósticos um ao outro em um latim em tom neutro na presença de nossos clientes moribundos –, mas me dei conta imediatamente de que era bastante improvável que o esquimó compreendesse inglês.

Vire-o de costas, ordenou sir John.

Nós o fizemos, com cuidado, e embora a dor ainda devesse ser além do excruciante para o nativo grisalho, que permanecera consciente durante todo o nosso exame e assim continuava, ele não produziu qualquer som. Seu olhar estava fixo no rosto do Líder de nossa expedição.

Sir John se inclinou sobre ele e, elevando sua voz e falando lentamente como se a uma Criança Surda ou um Idiota, gritou: Quem... É... você?

O esquimó olhou para sir John.

Qual... é... seu... nome?, gritou sir John. Qual... sua... tribo?

O moribundo não respondeu.

Sir John balançou a cabeça e fez uma expressão de desgosto, embora eu não saiba se por causa do Ferimento Aberto no peito do esquimó ou devido à sua dureza natural.

Onde está a outra nativa?, sir John perguntou a Stanley.

Meu cirurgião-chefe, com as duas mãos apertando o ferimento e aplicando as bandagens ensanguentadas com as quais esperava reduzir, se não conter, a pulsação constante de sangue vital do pulmão do selvagem, apontou com a cabeça para a cortina da alcova. O dr. McDonald está com ela, sir John.

Sir John passou bruscamente pelo cobertor-cortina. Eu ouvi um gaguejar, algumas palavras incoerentes, e então o Líder de nossa Expedição reapareceu, recuando, seu rosto tão vermelho brilhante que eu temi que nosso comandante de 61 anos de idade estivesse tendo um derrame.

Depois o rosto vermelho de sir John ficou bastante pálido de choque.

Eu me dei conta com atraso de que a jovem devia estar nua. Alguns minutos antes eu espiara pela cortina parcialmente e percebera que, quando McDonald

gesticulara para que tirasse as roupas exteriores – a parca de pele de urso –, a garota anuíra, retirara o traje externo pesado, e não usava nada sob ele da cintura para cima. No momento eu estava ocupado com o homem morrendo na maca, mas notei que era uma forma sensata de permanecer quente sob a camada solta de pele pesada – muito melhor do que as múltiplas camadas de Lã que todos nós no grupo de trenó do pobre tenente Gore havíamos usado. Nu sob pele ou pelos de animais, o corpo pode se aquecer quando resfriado, se resfriar adequadamente quando necessário, como durante o esforço, já que a transpiração evaporaria rapidamente do corpo para os pelos da pele de lobo ou urso. A lã que nós ingleses usávamos ficava encharcada de suor quase imediatamente, nunca secava de verdade, congelava rápido quando parávamos de marchar ou puxar o trenó, e perdia muito de sua qualidade isolante. Quando Retornamos ao navio, não tinha dúvida de que carregávamos nas costas quase o dobro do Peso do que quando havíamos partido.

Vol-voltarei em um momento mais adequado, gaguejou sir John, e passou por nós.

O capitão sir John Franklin parecia abalado, mas eu não podia dizer se por causa da sensível Nudez Edênica da jovem ou por algo mais que viu na alcova da enfermaria. Ele deixou a cirurgia sem mais nenhuma palavra.

Um instante depois McDonald me chamou à alcova dos fundos. A garota – uma jovem, eu percebera, embora tivesse sido cientificamente provado que as mulheres de tribos selvagens chegam à puberdade muito antes das jovens damas de sociedades civilizadas – recolocara a parca volumosa e a calça de pele de foca. O próprio dr. McDonald parecia agitado, quase aborrecido, e quando perguntei a ele qual o problema, fez um gesto para que a garota esquimó abrisse a boca. Então ergueu uma lanterna e um espelho convexo para concentrar a luz, e eu mesmo vi.

A língua dela havia sido amputada perto da raiz. Eu vi – e McDonald concordou – que restara o suficiente para permitir que ela engolisse e comesse a maioria das comidas, depois de um tempo, mas certamente a articulação de sons complexos, se era possível chamar alguma linguagem esquimó de complexa de alguma forma, estaria além de sua capacidade. As cicatrizes eram antigas. Aquilo não acontecera recentemente. Confesso que me afastei, horrorizado. Quem faria aquilo a uma simples criança – e por quê? Mas quando usei a palavra “amputação”, o dr. McDonald me corrigiu suavemente.

Olhe novamente, dr. Goodsir, *sussurrou*. Não é uma limpa amputação cirúrgica circular, nem mesmo com um instrumento tão grosseiro quanto uma faca de pedra. A língua da pobre jovem foi arrancada com uma dentada quando ela era muito pequena – e tão perto da raiz do membro que não há possibilidade de ela ter feito isso a si mesma.

Eu me afastei um passo da mulher. Ela é mutilada em mais algum lugar?, perguntei, falando em latim por um velho hábito. Eu lera sobre costumes bárbaros no Continente Negro e entre os maometanos em que suas mulheres eram cruelmente circuncidadas em uma paródia do costume hebraico para os homens.

Em mais lugar nenhum, respondeu McDonald.

Então achei ter compreendido a fonte da repentina palidez e do evidente choque de sir John, mas quando perguntei a McDonald se ele partilhara essa informação com nosso comandante, o cirurgião me assegurou de que não. Sir John entrara na alcova, vira a garota esquimó sem roupas e saíra agitado. McDonald então começava a me dar os resultados de seu rápido exame físico de nossa cativa, ou hóspede, quando fomos interrompidos pelo cirurgião Stanley.

Meu primeiro pensamento foi que o esquimó morrera, mas esse não era o caso. Um tripulante fora me chamar para fazer meu relato a sir John e os outros capitães.



Eu via que sir John, o comandante Fitzjames e o capitão Crozier ficaram desapontados com meu Relatório do que havia observado da morte do tenente Gore, e embora isso normalmente tivesse me Perturbado, neste dia – talvez por causa de minha grande Fadiga e das Mudanças Psicológicas que podem ter ocorrido durante meu tempo com o Grupo do Gelo do tenente Gore –, o desapontamento de meus Superiores não me Afetou.

Inicialmente relatei novamente a condição de nosso esquimó moribundo e o fato curioso da língua ausente da garota. Os três capitães murmuraram entre si sobre isso, mas as únicas perguntas foram feitas pelo capitão Crozier.

Sabe como alguém poderia ter feito isso a ela, dr. Goodsir?

Não tenho ideia, senhor.

Poderia ter sido feito por um animal?, *ele insistiu.*

Eu parei. A ideia não me ocorrera. Poderia ter sido, disse finalmente, embora fosse muito difícil Imaginar algum Carnívoro Ártico arrancando a língua de uma criança com uma dentada mas a deixando viva. Mas era bem sabido que aqueles esquimós tendiam a viver com Cães Selvagens. Eu mesmo vira isso na baía Disko.

Não houve mais perguntas sobre os dois esquimós.

Eles pediram detalhes da morte do tenente Gore e da Criatura que o matou, e contei a verdade – que estava trabalhando para salvar a vida do esquimó que saíra da neblina e fora ferido pelo soldado Pilkington e só olhara no instante final da morte de Graham Gore. Expliquei que com a neblina se movendo, os gritos, o disparo de mosquete que me distraiu e o relato da pistola do tenente disparando, minha visão limitada desde a lateral do trenó onde estava ajoelhado e a movimentação rápida de homens e luz, eu não estava certo do que havia visto: apenas aquela grande forma branca envolvendo o infeliz oficial, o disparo de sua pistola, mais tiros e então a neblina envolvendo tudo novamente.

Mas está certo de que era um urso-branco?, perguntou o comandante Fitzjames.

Hesitei. Finalmente disse: Se era, era um espécime atipicamente grande de Ursos maritimus. Tive a impressão de um carnívoro semelhante a urso – um corpo enorme, braços gigantescos, cabeça pequena, olhos de obsidiana –, mas os detalhes não eram tão claros quanto a descrição faz parecer. Basicamente lembro de que a coisa pareceu sair do nada – apenas se erguer ao redor do homem – e que tinha o dobro da altura do tenente Gore. Aquilo foi muito perturbador.

Tenho certeza de que sim, disse sir John secamente, quase sarcasticamente, pensei. Mas o que mais poderia ter sido, sr. Goodsir, se não um urso?

Não era a primeira vez que eu percebia que sir John nunca se dirigia a mim por meu devido posto de doutor. Ele usava o “sr.” como faria com qualquer ajudante ou suboficial ignorante. Eu levara dois anos para me dar conta de que o envelhecido comandante da expedição que eu tinha em tão alta estima não tinha o mesmo grau de estima recíproca para com qualquer mero cirurgião de navio.

Não sei, sir John, disse. Eu queria voltar para meu paciente.

Entendo que demonstrou interesse pelos ursos-brancos, sr. Goodsir, *continuou sir John*. Por que isso?

Sou anatomista formado, sir John. E antes de a expedição zarpar sonhei em me tornar um naturalista.

Não mais?, *perguntou o capitão Crozier naquele seu sotaque suave*.

Eu dei de ombros. Acho que o trabalho de campo não é meu forte, capitão.

Mas o senhor disse que alguns dos ursos-brancos que abatemos aqui e na ilha Beechey, *insistiu sir John*. Estudou seus esqueletos e musculatura. Observou-os no gelo como todos nós.

Sim, sir John.

Acha os ferimentos do tenente Gore consistentes com o dano que um animal assim causaria?

Hesitei apenas um segundo. Eu examinara o cadáver do pobre Graham Gore antes que o colocássemos no trenó para a viagem de pesadelo de volta sobre a banquisa.

Sim, sir John, *eu disse*. O urso-branco polar desta região é, pelo que sabemos, o maior predador isolado da Terra. Pode pesar cinquenta por cento a mais e ser noventa centímetros mais alto sobre as patas traseiras do que o urso-pardo, o maior e mais feroz urso da América do Norte. É um predador muito forte, capaz de esmagar o peito de um homem e partir sua coluna, como foi o caso do pobre tenente Gore. Mais que isso, o urso-branco do Ártico é o único predador que normalmente tem os seres humanos como presas.

O comandante Fitzjames pigarreou, depois falou suavemente. Eu digo, dr. Goodsir, que uma vez vi um tigre bastante feroz na Índia que, segundo os aldeões, comera 12 pessoas.

Eu anuí, me dando conta naquele segundo de como estava terrivelmente cansado. A exaustão operava em mim como um Drinque muito Forte. Senhor... Comandante... Cavalheiros... Os senhores viram mais do mundo que eu vi. Contudo, por minhas leituras bastante extensas sobre o tema, pareceria que todos os outros carnívoros terrestres – lobos, leões, tigres, outros ursos – podem matar seres humanos se provocados, e alguns deles, como seu tigre, comandante Fitzjames, se tornarão devoradores de homens caso forçados a isso por doença ou ferimentos que os impeçam de buscar suas presas naturais, mas

apenas o urso-branco Ártico – *Ursus maritimus* – espreita ativamente seres humanos como presa normalmente.

Crozier estava anuindo. Onde aprendeu isso, doutor Goodsir? Seus livros?

Em certa medida, senhor. Mas passei a maior parte de nosso tempo na baía Disko conversando com os locais sobre o comportamento dos ursos e também ouvi o capitão Martin em seu *Enterprise* e o capitão Dannert no seu *Prince of Wales* quando ancoramos perto deles na baía de Baffin. Aqueles dois cavalheiros responderam a minhas perguntas sobre os ursos-brancos e me colocaram em contato com vários de seus tripulantes, incluindo dois velhos baleeiros americanos que haviam passado mais de 12 anos no gelo, cada. Eles tinham muitas histórias sobre ursos-brancos caçando os esquimós nativos da região e até mesmo tirando homens de seus próprios barcos quando presos no gelo. Um velho, acredito que seu nome era Connors, disse que em 1828 um de seus barcos perdera não um, mas dois cozinheiros para os ursos... Um deles tirado do convés inferior, onde trabalhava perto do fogão, enquanto os homens dormiam.

O capitão Crozier sorriu com isso. Talvez não devêssemos acreditar em todas as histórias que um velho marinheiro tem a contar, doutor Goodsir.

Não, senhor. Claro que não, senhor.

Já é o bastante, sr. Goodsir, *disse sir John.* Nós o chamaremos novamente caso tenhamos mais perguntas.

Sim, senhor, disse, e me virei cansado para retornar à enfermaria, na frente.

Ah, dr. Goodsir, *chamou o comandante Fitzjames antes que eu passasse pela porta da cabine de sir John.* Eu tenho uma pergunta, embora esteja extremamente envergonhado de admitir que não sei a resposta. Por que o urso-branco é chamado de *Ursus maritimus*? Não por sua simpatia por comer marinheiros, espero.

Não, senhor. Acredito que o nome foi dado ao urso Ártico porque ele é mais um mamífero marinho do que um animal terrestre. Li relatórios sobre o urso-branco Ártico ter sido avistado centenas de quilômetros no mar, e o próprio capitão Martin do *Enterprise* me contou que embora o urso seja rápido no ataque em terra ou gelo, vindo a velocidades de mais de quarenta quilômetros por hora, no mar ele é um dos mais poderosos nadadores do

oceano, capaz de nadar 100 ou 110 quilômetros sem descanso. O capitão Dannert disse que uma vez seu navio estava fazendo oito nós com vento bom, sem qualquer terra à vista, e que dois ursos-brancos acompanharam o navio por dez milhas náuticas, mais ou menos, depois simplesmente o deixaram para trás, nadando para icebergs distantes com a velocidade e a facilidade de uma baleia beluga. Daí a nomenclatura... *Ursus maritimus*... um mamífero, sim, mas basicamente uma criatura do mar.

Obrigado, sr. Goodsir, *disse sir John*.

Não por isso, senhor, *disse e partiu*.

4 de junho de 1847, continuação

O esquimó morreu poucos minutos após a meia-noite. Mas antes falou.

Eu estava dormindo na hora, sentado com as costas apoiadas na antepara da enfermaria, mas Stanley me acordou.

O homem grisalho estava lutando deitado na mesa de cirurgia, os braços se movendo quase como se tentasse nadar no ar. O pulmão perfurado tinha hemorragia, e sangue escorria pelo queixo para o peito com ataduras.

Enquanto eu erguia a luz da lanterna, a garota esquimó se ergueu do canto onde estivera dormindo e os três nos inclinamos na direção do moribundo.

O velho esquimó fez um gancho com um dedo poderoso e bateu no peito, muito perto do buraco da bala. Cada engasgo bombeava mais sangue arterial vermelho brilhante, mas ele tossia o que só podiam ser palavras. Usei um pedaço de giz para rabiscar na lousa que Stanley e eu usávamos para nos comunicar quando pacientes dormiam perto.

“Angatkut tuquruq! Quarubvitchuq... angatkut turquq... Paniga... tuunbaq! Tanik... naluabmiu tuqutauyasiruuq... umiaqpak tuqutauyasiruuq... nanuq tuqutkaa! Paniga... tuunbaq nanuq... angatkut ququruq!”

Então a hemorragia se tornou tanta que ele não conseguiu mais falar. O sangue esguichou e escorreu dele, engasgando-o até que – mesmo comigo e Stanley o erguendo, tentando desobstruir suas vias aéreas – ele estava respirando o próprio sangue. Após um momento final terrível em que seu peito parou de arfar, ele caiu sobre nossos braços, e seu olhar se tornou fixo e vítreo. Stanley e eu o baixamos para a mesa.

Olhe!, Stanley gritou.

Por um segundo não entendi o alerta do outro cirurgião – o velho estava morto e imóvel, eu não conseguia sentir pulso ou respiração enquanto me movia acima dele –, mas então me virei e vi a mulher esquimó. Havia apanhado um dos bisturis ensanguentados em nossa mesa de trabalho e se aproximava, erguendo a arma. Para mim foi imediatamente evidente que não estava prestando atenção em mim – seu olhar fixo estava sobre o Rosto Morto e o peito do homem que poderia ter sido seu marido, pai ou irmão. Naqueles poucos segundos, não conhecendo os costumes de sua tribo Pagã, uma Miríade de imagens selvagens passou por minha mente – a garota arrancando o coração do homem, talvez o devorando em algum ritual terrível, removendo os olhos do morto ou talvez cortando um dos dedos ou aumentando a rede de velhas cicatrizes que cobria o corpo dele como as tatuagens de um marinheiro.

Ela não fez nada disso. Antes que Stanley pudesse segurá-la, e enquanto eu não conseguia pensar em nada a não ser me encolher protetoramente sobre o homem morto, a esquimó lançou o bisturi para frente com a destreza de um cirurgião – ela evidentemente usara facas muito afiadas a maior parte da vida – e cortou o cordão de couro cru que sustentava o amuleto do velho.

Apanhando a pedra branca chata coberta de sangue em forma de urso e o cordão cortado, ela o escondeu em algum ponto do corpo sob a parca e devolveu o bisturi à mesa.

Stanley e eu nos encaramos. Então o cirurgião-chefe do Erebus foi acordar o jovem marinheiro que era ajudante de enfermaria, mandando que informasse ao oficial de guarda e depois ao capitão que o velho esquimó estava morto.

4 de junho, continuação

Enterramos o esquimó em algum momento por volta de uma e meia da manhã – três badaladas – jogando seu corpo enrolado em lona pelo estreito buraco de fogo no gelo a apenas vinte metros do navio. Aquele buraco de fogo dando acesso a água quatro metros e meio abaixo do gelo era o único que os homens haviam conseguido manter aberto naquele verão frio – como já mencionei, marinheiros não temem nada tanto quanto incêndio –, e as instruções de sir John foram dispor do corpo ali. Enquanto Stanley e eu lutávamos para apertar o corpo pelo túnel estreito, usando

varas de barco, podíamos ouvir os golpes e eventuais xingamentos no gelo a várias centenas de metros a leste, onde um grupo de vinte homens trabalhava durante a noite para abrir um buraco mais decente para o serviço fúnebre do tenente Gore no dia seguinte – ou na verdade mais tarde no mesmo dia.

Ali, no meio da noite, ainda havia luz suficiente para ler um versículo da Bíblia – caso alguém tivesse levado até o gelo uma Bíblia da qual ler um verso, coisa que ninguém fizera – e a luz fraca nos ajudou, os dois cirurgiões e dois tripulantes que receberam ordem de nos ajudar, enquanto fincávamos, enfiávamos, empurrávamos, deslizávamos e finalmente jogávamos o corpo do esquimó cada vez mais fundo no gelo azul e de lá para a Água Negra abaixo.

A esquimó ficou de pé em silêncio, observando, ainda sem qualquer expressão. Havia um vento oeste-noroeste, e seus cabelos negros se levantavam do capuz sujo da parca e sacudiam sobre o rosto como um leque de penas de corvo.

Éramos os únicos membros do Grupo Fúnebre – cirurgião Stanley, os dois tripulantes ofegantes xingando, a mulher nativa e eu – até o capitão Crozier e um tenente alto e magro aparecerem na neve que voava e acompanharem o momento final do esforço. Finalmente o corpo do esquimó deslizou o último metro e meio e desapareceu nas correntes negras quatro metros e meio abaixo do gelo.

Sir John ordenou que a mulher não passe a noite a bordo do *Erebus*, disse suavemente o capitão Crozier. Viemos para levá-la de volta ao *Terror*. Depois Crozier disse ao tenente alto cujo nome eu agora sabia ser Irving: John, ela estará aos seus cuidados. Encontre um lugar para ela fora das vistas dos homens, provavelmente à frente da enfermaria nos depósitos, e se assegure de que não sofra nenhum mal.

Sim, senhor.

Desculpe-me capitão, eu disse. Mas por que não permitir que ela volte para seu povo?

Crozier sorriu com isso. Eu normalmente concordaria com esse curso de ação, doutor. Mas não há assentamentos esquimós conhecidos, nenhuma aldeia mínima a 480 quilômetros daqui. Eles são um povo nômade, especialmente aqueles que chamamos de montanhese do norte, mas o que trouxe este homem velho e uma jovem para a banquisa tão ao norte em um verão em que

não há baleias, morsas, focas, renas, nenhum animal de nenhum tipo a não ser ursos-brancos e as coisas assassinas no gelo?

Eu não tinha resposta para aquilo, mas isso dificilmente parecia pertinente à minha pergunta.

Podemos chegar ao ponto, *continuou Crozier*, em que nossas vidas dependam de encontrar e fazer amizade com esses esquimós nativos. Então devemos deixá-la partir antes de sermos amigos dela?

Nós atiramos no marido ou pai dela, *disse o cirurgião Stanley, espiando a jovem muda que continuava a olhar para o buraco de incêndio ainda vazio*. Nossa lady Silêncio aqui pode não ter os melhores sentimentos para conosco.

Precisamente, *disse o capitão Crozier*. E temos problemas suficientes neste instante sem esta jovem liderando um grupo de guerra de esquimós raivosos de volta a nossos navios para nos assassinar durante o sono. Não, acho que o capitão sir John está certo... ela deve ficar conosco até decidirmos o que fazer... não apenas em relação a ela, mas em relação a nós mesmos. *Crozier sorriu para Stanley. Em dois anos, era a primeira vez que me lembrava de ver o capitão Crozier sorrir*. Lady Silêncio. Isso é bom, Stanley. Muito bom. Venha, John. Venha, minha senhora.

Eles caminharam rumo oeste, em meio à neve soprada, para a primeira crista de pressão. Subi a rampa de neve até o Erebus e minha pequena cabine que no momento parecia o paraíso; e a primeira noite de sono pesado que tive desde que o tenente Gore nos conduziu sul-sudeste para o gelo mais de dez dias antes.

FRANKLIN

Lat. 70°-05' N., Long. 98°-23' W.

11 de junho de 1847

No dia em que ia morrer, sir John quase se recuperara do choque de ver a jovem esquimó nua.

Era a mesma jovem, a mesma rameira adolescente selvagem copper que o diabo enviara para tentá-lo durante sua primeira expedição fracassada em 1819, a indecente amante de 15 anos de Robert Hood chamada Greenstockings. Sir John tinha certeza disso. Essa tentação tinha a mesma pele cor de café que parecia brilhar mesmo no escuro, os mesmos seios altos e redondos de menina, a mesma aréola marrom e o mesmo escudo escuro de penas de corvo acima do sexo.

O mesmo súcubo.

O choque do capitão sir John Franklin de vê-la nua na maca do cirurgião McDonald na enfermaria – *do seu navio* – havia sido profundo, mas sir John tinha certeza de que conseguira esconder sua reação dos cirurgiões e dos outros capitães no resto daquele dia interminável e desconcertante.

A cerimônia fúnebre do tenente Gore aconteceu no final da sexta-feira, 4 de junho. Foram necessários um grande grupo de trabalho e mais de 24 horas para abrir o gelo e permitir o enterro no mar, e antes de terminar tiveram de usar pólvora para explodir os três metros superiores de gelo duro como pedra, depois picaretas e pás para abrir uma ampla cratera para abrir o último metro e meio. Quando terminaram, por volta do meio-dia, o sr. Weekes, carpinteiro do *Erebus*, e o sr. Honey, carpinteiro do *Terror*, haviam construído uma

inteligente e elegante plataforma de madeira sobre a abertura de três metros de comprimento e um metro e meio de largura para o mar escuro. Grupos de trabalho com varas compridas foram colocados junto à cratera para impedir que o gelo congelasse sob a plataforma.

O corpo do tenente Gore começara a apodrecer rapidamente no relativo calor do navio, então os carpinteiros primeiramente construíram um caixão sólido de mogno revestido com uma caixa interna de cedro perfumado. Entre as duas peças de madeira foi colocada uma camada de chumbo em vez das habituais duas cargas de projéteis na habitual sacola fúnebre de lona para garantir que o corpo afundasse. O sr. Smith, o ferreiro, forjara, martelara e gravara uma bela placa cerimonial em cobre, que foi colocada no alto do caixão de mogno com parafusos. Como o funeral foi uma mistura de enterro em terra com o enterro no mar mais comum, sir John determinara que o caixão fosse pesado o suficiente para afundar imediatamente.

Às oito badaladas no começo da primeira vigia – 16 horas –, as companhias dos dois navios se reuniram no local de sepultamento quatrocentos metros de distância do *Erebus*. Sir John ordenara que todos, com exceção do menor número possível de sentinelas de navios, estivessem presentes à cerimônia, ordenando ainda que não colocassem nenhuma camada acima de seus uniformes de gala, de modo que à hora marcada mais de cem oficiais e homens trêmulos, mas formalmente vestidos, se reuniram no gelo.

O caixão do tenente Gore foi baixado pela lateral do *Erebus* e amarrado a um trenó exagerado reforçado para o triste objetivo daquele dia. A bandeira britânica do próprio sir John foi colocada sobre o caixão. Depois, 32 marinheiros, vinte do *Erebus* e uma dúzia do *Terror*, puxaram lentamente o caixão-trenó, os quatrocentos metros até o local de sepultamento, enquanto quatro dos marinheiros mais jovens, ainda registrados como grumetes – George Chambers e David Young do *Erebus*, Robert Golding e Thomas Evans do *Terror* – tocavam uma marcha lenta em tambores abafados com panos pretos. O cortejo solene foi escoltado por vinte homens, incluindo o capitão sir John Franklin, comandante Fitzjames, capitão Crozier e a maioria dos outros oficiais e imediatos em uniforme completo, excluindo apenas aqueles deixados no comando de cada navio quase vazio.

No local do sepultamento, um pelotão de fuzileiros reais de casacos vermelhos esperava em posição de sentido. Liderado pelo sargento de 33 anos do *Erebus*, David Bryant, o grupo era integrado por cabo Pearson, soldado Hopcraft, soldado Pilkington, soldado Healey e soldado Reed, do *Erebus* – apenas o soldado Braine estava ausente do contingente de fuzileiros da capitânia, já que o homem morrera no inverno anterior e fora enterrado na ilha Beechey –, bem como sargento Tozer, cabo Hedges, soldado Wilkes, soldado Hammond, soldado Heather e soldado Daly, do HMS *Terror*.

O chapéu tricorne e a espada do tenente Gore foram carregados atrás do trenó fúnebre pelo tenente H. T. D. Le Vesconte, que assumira os deveres de comando de Gore. Junto com Le Vesconte caminhava o tenente James W. Fairholme, levando uma almofada de veludo azul exibindo as seis medalhas que o jovem Gore recebera em seus anos na Marinha Real.

Enquanto o grupo do trenó se aproximava da cratera fúnebre, a linha de 12 fuzileiros reais se dividiu, abrindo uma alameda. Os fuzileiros se voltaram para dentro e ficaram com armas em posição invertida enquanto o cortejo de puxadores de trenó, trenó fúnebre, guarda de honra e outros passavam entre eles.

Enquanto os 110 homens se colocavam em posição em meio à massa de uniformes de oficiais ao redor da cratera – alguns marinheiros de pé em cristas de pressão para ter melhor visão –, sir John conduziu os capitães até seus lugares em um palanque temporário na extremidade leste da cratera no gelo. Lenta e cuidadosamente, os 32 puxadores de trenó trabalharam juntos para soltar o pesado caixão e baixá-lo por tábuas em ângulos precisos até seu pouso temporário na estrutura de madeira logo acima do retângulo de água escura. Quando o caixão estava no lugar, se apoiava não apenas nas tábuas finais, mas em três cabos grossos segurados dos dois lados pelos mesmos homens escolhidos para puxar o trenó.

Quando os tambores abafados pararam de rufar, todos os chapéus foram tirados. O vento frio agitou os cabelos compridos dos homens, todos lavados, penteados e amarrados atrás com fitas para a cerimônia. O dia estava gelado – não mais de -15 na última medição às seis badaladas –, mas o céu Ártico, cheio de cristais de gelo, era um domo sólido de luz dourada. Como se em

homenagem ao tenente Gore, o círculo único de sol bloqueado pelo gelo recebera a companhia de três outros sóis – parélios flutuando acima e dos dois lados do verdadeiro sol pairando no sul – ligados por um halo de luz prismatizada em arco-íris. Muitos homens presentes baixaram a cabeça diante da adequação da visão.

Sir John comandou a cerimônia fúnebre, sua voz forte facilmente ouvida pelos 110 homens reunidos. O ritual era conhecido de todos. As palavras, tranquilizadoras. As respostas, conhecidas. No final, o vento frio era ignorado pela maioria enquanto as frases familiares ecoavam pelo gelo.

– Portanto entregamos seu corpo às profundezas para que seja consumido, esperando pela ressurreição do corpo, quando o mar entregará seus mortos, e a vida do próximo mundo, por intermédio de nosso senhor Jesus Cristo, que em seu advento transformará nosso corpo vil, que será como seu corpo glorioso, segundo os poderosos feitos pelos quais ele é capaz de submeter todas as coisas a si.

– Amém – disseram os homens reunidos.

Os 12 homens do pelotão de fuzileiros reais ergueram os mosquetes e dispararam três salvas, a última delas tendo apenas três tiros em vez dos quatro das duas salvas precedentes.

Ao som da primeira salva, o tenente Le Vesconte anuiu, e Samuel Brown, John Weekes e James Rigden deslizaram as tábuas de sob o pesado caixão, que ficou suspenso apenas pelos três cabos. Ao som da segunda salva, o caixão foi baixado até que tocasse a água negra. Ao som da última salva, os cabos começaram a escorregar lentamente até que o pesado caixão com sua placa de cobre – as medalhas e a espada do tenente Gore também colocadas sobre o mogno – desaparecesse sob a superfície da água.

Houve uma leve agitação de água gelada, os cabos foram erguidos e jogados de lado, e o retângulo de água negra ficou vazio. Ao sul, os parélios e o halo haviam desaparecido, e apenas um sol vermelho soturno brilhava sob o domo do céu.

Os homens dispersaram silenciosamente para seus navios. Eram apenas duas badaladas da primeira vigia. Para a maioria dos homens era hora da refeição vespertina e sua segunda ração de grogue.



No dia seguinte, sábado, 5 de junho, as duas tripulações se amontoaram nos conveses inferiores de seus navios enquanto outra tempestade de raios ártica explodia acima deles. Sentinelas foram mandadas descer dos mastros, e aqueles poucos que ficaram de vigia no convés mantiveram distância de todo metal e mastros enquanto raios estalavam na neblina. Trovões ecoavam, grandes descargas elétricas atingiam repetidamente os para-raios instalados nos mastros e tetos de cabines, e dedos azuis de fogo de santelmo se arrastavam pelas vergas e escorregavam pelas cordas. Sentinelas exaustas descendo após seu turno contavam a seus colegas de olhos arregalados sobre esferas de raios rolando e pulando pelo gelo. Mais tarde – com os raios e os fenômenos elétricos aéreos ficando ainda mais violentos – os sentinelas relataram algo grande, grande demais para ser apenas um simples urso-branco, rondando e andando pelas cristas na neblina, em um momento escondido, noutro tornado visível pelo clarão do raio por apenas um segundo ou dois. Algumas vezes, diziam, a forma caminhava de quatro como um urso. Em outras, juravam, caminhava facilmente sobre duas pernas, como um homem. A coisa, diziam, estava circundando o navio.

Embora o mercúrio caísse, o domingo amanheceu claro e 15 graus mais frio – a temperatura ao meio-dia era de 22 abaixo de zero –, e sir John avisou que naquele dia a cerimônia religiosa seria compulsória no *Erebus*.

A cerimônia religiosa era compulsória toda semana para os homens e oficiais do navio de sir John – ele a comandava no convés inferior durante os escuros meses de inverno –, mas apenas os mais devotos tripulantes do *Terror* faziam a travessia do gelo para participar. Como era obrigatório na Marinha Real, tanto por tradição quanto por regulamentação, o capitão Crozier também celebrava a cerimônia religiosa no domingo, mas sem capelão a bordo era um esforço breve – algumas vezes não passando da leitura dos Artigos do Navio – e tomava vinte minutos da manhã, em vez dos entusiasmados noventa minutos ou duas horas de sir John.

Aquele domingo não havia escolha.

O capitão Crozier levou seus oficiais, imediatos e homens através do gelo pela segunda vez em três dias, dessa vez com sobretudos e cachecóis sobre uniformes de gala, e ao chegar ficaram surpresos de ver que a cerimônia aconteceria no convés, com sir John pregando do tombadilho. A despeito do céu azul-claro acima – nada de cristais de gelo ou paréios simbólicos naquele dia –, o vento era *muito* frio, e a massa de marinheiros se apertava para ter pelo menos a ilusão de calor na área abaixo do tombadilho, enquanto os oficiais dos dois navios ficavam de pé atrás de sir John na direção do vento do convés como uma massa sólida de acólitos encasacados. Mais uma vez, os 12 fuzileiros foram dispostos em fila, dessa vez a sotavento do convés principal, com o sargento Bryant na frente, enquanto os suboficiais se agrupavam diante do mastro principal.

Sir John se colocou junto à bitácula, que havia sido coberta com a mesma bandeira britânica colocada sobre o caixão de Gore, “para servir como púlpito”, segundo o regulamento.

Ele pregou por apenas cerca de uma hora, e como resultado não foram perdidos dedos dos pés ou das mãos.

Sendo um homem do Velho Testamento por natureza e inclinação, sir John percorreu vários dos profetas, se concentrando mais no julgamento de Isaías sobre a terra – “Eis que Iahweh vai assolar a terra e devastá-la, porá em confusão a sua superfície e dispersará os seus habitantes” –, e lentamente, com a avalanche de palavras, ficou evidente, mesmo para o marinheiro mais obtuso na massa de sobretudos, cachecóis e luvas no convés principal, que seu comandante realmente estava falando sobre sua expedição para encontrar a Passagem Noroeste e sua presente condição congelados nos refugos de gelo na latitude 70°-05’ N., longitude 98°-23’ W.

– Certamente a terra será devastada, certamente ela será despojada, pois foi Iahweh quem pronunciou esta sentença – continuou sir John. – O pavor, a cova e a armadilha te ameaçam, ó habitante da terra! Aquele que fugir ao grito de pavor cairá na cova, aquele que conseguir subir da cova será apanhado na armadilha. Com efeito, as cataratas do alto se abriram, os fundamentos da terra se abalaram. A terra será toda arrasada, a terra será sacudida violentamente, a terra será fortemente abalada. A terra cambaleará como o embriagado...

Como se para provar sua profecia medonha, um grande gemido subiu do gelo ao redor do HMS *Erebus*, e o convés se moveu sob os homens de pé. Os mastros e vergas cobertos de gelo acima dele pareceram vibrar e depois traçar pequenos círculos sobre o céu azul-claro. Nenhum homem saiu de formação ou fez um ruído.

Sir John passou de Isaías para o Apocalipse e deu a eles ainda mais imagens medonhas do que aguardava aqueles que abandonavam seu Senhor.

– Mas e quanto àquele... a nós... que não rompe o pacto com nosso Senhor? – perguntou sir John. – Eu os encaminho a JONAS.

Alguns dos marinheiros suspiraram de alívio. Eles conheciam Jonas.

– Jonas recebeu a ordem de Deus de ir a Nínive e protestar contra ela por causa de sua iniquidade – gritou sir John, sua voz muitas vezes fraca agora, aumentando de volume tão fortemente e bem quanto a de qualquer pregador anglicano inspirado. – Mas Jonas, todos vocês sabem disso, tripulantes, Jonas fugiu de sua obrigação e da presença do Senhor, indo a Jope para tomar o primeiro navio que partisse, que por acaso tinha como destino Tárzis, uma cidade então além dos limites do mundo. Jonas tolamente pensou que poderia navegar para além dos limites do Reino do Senhor.

“Mas Iahweh lançou sobre o mar um vento violento, e houve no mar uma grande tempestade, e o navio estava a ponto de naufragar.’ E vocês sabem o resto... sabem como os marinheiros gritaram perguntando como aquele mal se abatera sobre eles, como tiraram a sorte e o escolhido foi Jonas. ‘Eles lhe disseram: Que te faremos para que o mar se acalme em torno de nós? Ele lhes disse: Tomai-me e lançai-me ao mar e o mar se acalmará em torno de vós, porque eu sei que é por minha causa que esta grande tempestade se levantou contra vós.’

“Mas inicialmente os marinheiros não lançaram Jonas pela amurada, lançaram, colegas? Não, eles eram homens corajosos, bons marinheiros e profissionais, e remaram forte para levar para terra seu navio que afundava. Mas finalmente eles enfraqueceram, gritaram ao Senhor e então sacrificaram Jonas, o jogando pela amurada.

“E a Bíblia diz: ‘E Iahweh determinou que surgisse um peixe grande para engolir Jonas. E Jonas permaneceu nas entranhas do peixe por três dias e três

noites.’

“Percebam, tripulantes, que a Bíblia não diz que Jonas foi engolido por uma *baleia*. Não! Não foi beluga, nem franca, nem de barbatana, nem cachalote, nem orca, nem fin, como poderíamos ver nestas águas ou na baía de Baffin em um verão do Ártico normal. Não, Jonas foi engolido por um ‘grande peixe’ que o Senhor preparara para ele, o que significa um monstro das profundezas que o Senhor Deus Iahweh fez na criação apenas para esse objetivo, um dia engolir Jonas, e na Bíblia esse grande peixe monstruoso é algumas vezes chamado de Leviatã.

“E da mesma forma fomos enviados em nossa missão além do limite conhecido do mundo, tripulantes, mais longe que Társis, que afinal era apenas na Espanha, fomos enviados para onde os próprios elementos parecem se rebelar, onde raios caem de céus congelados, onde o frio nunca diminui, onde feras brancas caminham pela superfície congelada do mar, e que homem algum, civilizado ou não, poderia um dia chamar tal lugar de lar.

“Mas não estamos além do Reino de Deus, tripulantes! Assim como Jonas não protestou contra seu destino nem amaldiçoou sua punição, mas em vez disso rezou a Deus das entranhas do peixe por três dias e três noites, da mesma forma não devemos protestar, mas aceitar a vontade de Deus desse exílio de três longas noites de inverno na barriga deste gelo, e, como Jonas, devemos orar ao senhor, dizendo: ‘Fui expulso de diante de teus olhos. Todavia continuo a contemplar o teu santo Templo! As águas me envolveram até o pescoço, o abismo cercou-me, e a alga enrolou-se em volta de minha cabeça. Eu descí até as raízes das montanhas, à terra cujos ferrolhos *estavam* atrás de mim para sempre. Mas tu fizeste subir da fossa a minha vida, Iahweh, meu Deus.’

“Quando minha alma desfalecia em mim, eu me lembrei de Iahweh, e minha prece chegou a ti, até o teu santo templo. Aqueles que veneram vaidades mentirosas abandonam o seu amor. Quanto a mim, com cantos de ação de graças, oferecer-te-ei sacrifícios e cumprirei os votos que tiver feito: a Iahweh pertence a salvação.

“Então Iahweh falou ao peixe, e este vomitou Jonas sobre a terra firme.’

“E, amados tripulantes, saibam em seus corações que fizemos e continuaremos fazendo sacrifícios ao Senhor com a voz de ação de graças. Precisamos cumprir os votos que fizemos. Nosso amigo e irmão em Cristo, o tenente Graham Gore, que ele esteja dormindo no colo do Senhor, viu que não haveria libertação da barriga do Leviatã inverno este verão. Nenhuma escapatória da barriga fria deste gelo este ano. E esta é a mensagem que ele teria trazido de volta caso tivesse sobrevivido.

“Mas temos nossos navios intactos, tripulantes. Temos comida para este inverno, e mais, caso necessário... muito mais. Temos carvão para queimar e nos aquecer e o calor mais profundo de nosso companheirismo e o calor ainda mais profundo de saber que nosso Senhor *não nos abandonou*.

“Mais um verão e então inverno aqui na barriga deste Leviatã, tripulantes, e juro a vocês que a divina misericórdia de Deus irá nos tirar deste lugar terrível. A Passagem Noroeste é real; está apenas a alguns quilômetros naquele horizonte a sudoeste, o tenente Gore quase conseguiu vê-la com os próprios olhos há apenas uma semana, e iremos navegar para ela, por ela e para fora e para longe dela em muito poucos meses, quando este inverno atipicamente extenso terminar, pois iremos gritar ao Senhor por nossa aflição, e ele irá nos tirar da barriga do próprio inferno, pois ouviu minha voz e a de vocês.

“Enquanto isso, tripulantes, estamos afligidos pelo espírito negro daquele Leviatã na forma de um urso-branco malévolos, mas apenas um urso, apenas uma fera idiota, por mais que a coisa busque servir ao inimigo, mas, como Jonas, iremos rezar ao Senhor para que esse terror também se afaste de nós. E na certeza de que o Senhor irá ouvir nossas vozes.

“Matem esse mero animal, tripulantes, e no dia em que fizermos isso, pela mão de qualquer um de nós, eu juro pagar a cada um de vocês dez soberanos de ouro de meu próprio bolso.”

Houve um murmúrio entre os homens amontoados no meio do navio.

– Dez soberanos para cada homem – repetiu sir John. – Não apenas um butim para o homem que abater essa fera do modo como Davi abateu Golias, mas um bônus para todos, igualmente. E além disso, irão continuar a receber seu pagamento do Serviço de Descobertas e o correspondente ao seu

adiantamento em bônus, eu prometo, em troca de apenas outro inverno passado comendo boa comida, ficando aquecidos e esperando o degelo!

Se fosse concebível risos durante a cerimônia religiosa, teria havido risos então. Em vez disso, os homens se entreolharam com rostos pálidos, quase queimados de frio. *Dez soberanos de ouro para cada homem.* E sir John prometera um bônus igual ao adiantamento que persuadira tantos daqueles marinheiros a se alistar – 23 libras para a maioria deles! Em uma época em que um homem podia ter alojamento por sessenta pence por semana... 12 libras por um ano inteiro. E isso além do pagamento do Serviço de Descobertas para o marinheiro comum de sessenta libras por ano – mais de três vezes o que qualquer trabalhador podia ganhar em terra! Setenta e cinco libras para os carpinteiros, setenta para os contramestres, 84 libras para os engenheiros.

Os homens estavam sorrindo mesmo enquanto batiam as botas no convés discretamente para não perder dedos.

– Ordenei ao sr. Diggle do *Terror* e o sr. Wall aqui no *Erebus* que nos fizessem um jantar festivo hoje antecipando nossa vitória sobre esta adversidade temporária e a certeza do sucesso de nossa missão de exploração – disse sir John de seu lugar junto à bitácula coberta com a bandeira. – Nos dois navios, eu permiti rações extras de rum para este dia.

Os tripulantes do *Erebus* ficaram de queixo caído se entreolhando. *Sir John Franklin* permitindo que grogue fosse servido no domingo – e além de tudo rações extras?

– Juntem-se a mim nesta prece, tripulantes – disse sir John. – Querido Deus, volte tua face em nossa direção novamente, e sê generoso com teus servos. Satisfaça-nos com tua misericórdia, e que seja logo: para que possamos rejubilar e ser contentes todos os dias de nossas vidas.

“Consola-nos novamente agora depois do tempo em que nos atormentaste, e que seja logo: para que possamos rejubilar e ser contentes todos os dias de nossas vidas.

“Mostra a teus servos tua obra: e a teus filhos tua glória.

“E que a gloriosa majestade do Senhor nosso Deus esteja sobre nós: lançai o fruto de nossas mãos sobre nós, prospere o nosso esforço.

“Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

“Como foi no princípio, é agora e sempre será: mundo sem fim. Amém.”
– Amém – responderam 115 vozes.



Por quatro dias e noites depois do sermão de sir John, a despeito de uma nevasca em junho vinda de noroeste que deixou a visibilidade ruim e a vida infeliz, o mar congelado ecoou dia e noite os disparos de escopetas e os estalos de fogo de mosquete. Cada homem que conseguiu encontrar um motivo para estar no gelo – grupo de caça, grupo de buraco de incêndio, mensageiros entre os navios, carpinteiros testando novos trenós, marinheiros autorizados a passear com Netuno, o cachorro – levava uma arma e atirava em qualquer coisa que se movesse ou desse a impressão, em meio à neve soprando ou à neblina, ser capaz de movimento. Nenhum homem foi morto, mas três tiveram de procurar o dr. McDonald ou o dr. Goodsir para ter chumbo de escopeta tirado de coxas, panturrilhas e nádegas.

Na quarta-feira, um grupo de caça que não conseguiu encontrar focas levou – amarrado a dois trenós ligados – a carcaça de um urso-branco e um filhote de urso vivo do tamanho de um pequeno bezerro. Houve algum clamor para que os dez soberanos de ouro fossem pagos a cada homem, mas mesmo os homens que haviam matado o animal um quilômetro e meio ao norte do navio – foram precisos mais de 12 tiros de dois mosquetes e três escopetas para derrubar o urso – tinham de admitir que era pequeno demais, menos de dois metros e meio quando esticado no gelo ensanguentado, magro demais e fêmea. Eles haviam matado a fêmea, mas deixado o filhote choroso vivo e o arrastado de volta atrás do trenó.

Sir John desceu para inspecionar o animal morto, elogiou os homens por encontrar carne – embora todos odiassem carne de urso fervida e aquele animal magro parecesse mais fibroso e duro que a maioria –, mas destacou que não era o monstro do Leviatã que havia matado o tenente Gore. Todas as testemunhas da morte do tenente tinham certeza, sir John explicou, que enquanto morria, o corajoso oficial havia disparado sua pistola no peito da verdadeira fera. Aquela fêmea de urso havia sido crivada de balas, mas não

havia ferimento antigo de pistola no peito, nem nenhuma bala de pistola a ser encontrada. Portanto, disse sir John, assim o verdadeiro urso-branco monstruoso seria identificado.

Alguns dos homens queriam transformar o filhote em animal de estimação, já que a coisa havia se acostumado e comeria carne descongelada, enquanto outros queriam abatê-lo ali mesmo no gelo. A conselho do sargento fuzileiro Bryant, sir John ordenou que o animal fosse mantido vivo, preso por coleira e corrente a uma estaca no gelo. Foi na noite daquela quarta-feira, 9 de junho, que os sargentos Bryant e Tozer, juntamente com o imediato Edward Couch e o velho John Murray, último fabricante de velas que restava na viagem, pediram para falar com sir John em sua cabine.

– Estamos fazendo isto da forma errada, sir John – disse o sargento Bryant, porta-voz do pequeno grupo. – A caçada à fera, quero dizer.

– Como assim? – perguntou sir John.

Bryant fez um gesto como se referindo à fêmea de urso que naquele momento estava sendo esquartejada no gelo.

– Nossos homens não são caçadores, sir John. Não há nenhum caçador de verdade a bordo de nenhum dos navios. Aqueles de nós que caçam, atiram em pássaros em nossa vida em terra, não em animais grandes. Ah, podemos abater um cervo, ou uma rena do Ártico se um dia virmos uma novamente, mas esse urso-branco é um inimigo formidável, sir John. Aqueles que matamos no passado foram mortos mais por sorte que por habilidade. Seu crânio é grosso o bastante para deter uma bala de mosquete. Seu corpo tem tanta gordura e músculos ao redor que poderia muito bem ser blindado como algum cavaleiro antigo. É um animal tão poderoso, mesmo os ursos menores, bem, o senhor os viu, sir John, que mesmo um tiro de escopeta na barriga ou um tiro de rifle nos pulmões não o derruba. Seus corações parecem difíceis de encontrar. Esta fêmea magrela precisou de uma dúzia de tiros de escopeta e mosquete, todos a curta distância, e ainda assim teria escapado caso não ficasse para proteger o filhote.

– O que está sugerindo, sargento?

– Um abrigo, sir John.

– Um abrigo?

– Como se estivéssemos caçando patos, sir John – disse o sargento Tozer, um fuzileiro com uma marca de nascença roxa no rosto branco. – O sr. Murray tem uma ideia de como fazer um.

Sir John se virou para o velho fabricante de velas do *Erebus*.

– Nós usamos varas de ferro extras de reposição para o eixo, sir John, e as dobramos na forma de sustentação que queremos – disse Murray. – Isso nos dá uma estrutura leve para o abrigo, que seria como uma barraca. Mas não uma pirâmide como as nossas barracas, e sim comprida e baixa com uma abertura acima, quase como um reservado de lona em uma feira do interior, meu lorde.

Sir John sorriu.

– Nosso urso não perceberia um reservado de feira de lona lá fora no gelo, cavalheiros?

– Não, senhor – disse o fabricante de velas. – Mandarei cortar, costurar e pintar a lona de branco neve antes do cair da noite, ou esta penumbra que chamamos de noite aqui. Instalaremos o abrigo junto a uma crista de pressão baixa, contra a qual irá se confundir. Só será visível uma mínima abertura de tiro. O sr. Weekes usará a madeira do palanque da cerimônia fúnebre para criar bancos do lado de dentro, de modo a que os atiradores fiquem aquecidos e fora do gelo.

– Quantos atiradores imaginam nesse... abrigo de urso? – perguntou sir John.

– Seis, senhor – respondeu o sargento Bryant. – Serão salvas de tiros que irão derrubar essa fera, senhor. Assim como derrubou seguidores de Napoleão aos milhares em Waterloo.

– Mas e se o urso tiver um olfato melhor que o de Napoleão em Waterloo? – perguntou sir John.

Os homens deram risinhos, mas o sargento Tozer respondeu.

– Pensamos nisso, sir John. Na maioria dos dias, o vento é nor-noroeste. Se construirmos o abrigo sobre a crista de pressão baixa perto de onde o pobre tenente Gore foi colocado a repousar, senhor, bem, teremos toda aquela bela área de gelo aberto a noroeste como campo de caça. Quase cem metros de espaço aberto. São grandes as chances de que ele venha das cristas mais altas de

onde o vento sopra, sir John. E quando chegar aonde o queremos, salvas rápidas de balas Minié em coração e pulmões, senhor.

Sir John pensou naquilo.

– Mas teremos de convocar os homens, senhor – disse Edward Couch, o imediato. – Com todos os homens circulando pelo gelo, eles e vigias disparando suas escopetas em cada bloco de gelo e rajada de vento, nenhum urso que se respeite chegará a oito quilômetros do navio, senhor.

Sir John anuiu.

– E o que vai atrair nosso urso para essa zona de tiro, cavalheiros? Pensaram na isca?

– Sim, senhor – disse o sargento Bryant, agora sorrindo. – É carne fresca que atrai esses assassinos.

– Não temos carne fresca – disse sir John. – Não tanto quanto uma foca anelada.

– Não, senhor – disse o enrugado sargento fuzileiro. – Mas temos aquele ursinho. Assim que o abrigo estiver pronto e instalado, vamos abater aquela coisinha, sem poupar o sangue, senhor, e deixar a carne lá no gelo a 25 metros de nossa posição de tiro.

Sir John perguntou:

– Então acham que nosso animal é um canibal?

– Ah, sim, senhor – disse o sargento Tozer, o rosto corando sob a marca de nascença roxa. – Achamos que essa coisa comerá qualquer coisa que sangue ou cheire a carne. E quando fizer isso mandaremos as salvas de tiros nela, senhor, e então serão dez soberanos por homem, depois inverno, triunfo e casa.

Sir John anuiu sobriamente.

– Assim seja – disse.



Na tarde de sexta-feira, 11 de junho, sir John saiu com o tenente Le Vesconte para inspecionar o abrigo de urso.

Os dois oficiais tiveram de admitir que mesmo a trinta metros de distância o abrigo era totalmente invisível, piso e fundos enfiados na crista de neve e

gelo baixa onde sir John fizera o elogio fúnebre. As velas brancas se fundiam quase perfeitamente, e a abertura de tiro tinha pedaços de lona pendurados a intervalos irregulares para cortar a linha horizontal sólida. O fabricante de velas e o armeiro haviam prendido a lona às varas e traves de ferro de forma tão inteligente que mesmo ao vento que agora soprava neve pelo gelo aberto, a lona não adejava de modo algum.

Le Vesconte conduziu sir John pela trilha gelada atrás da crista de pressão, fora de vista da zona de tiro, depois por sobre o baixo muro de gelo e entrando por uma fresta nos fundos da barraca. O sargento Bryant estava lá com os fuzileiros do *Erebus* – cabo Pearson e soldados Healey, Reed, Hopcraft e Pilkington –, e os homens começaram a se levantar quando o comandante da expedição entrou.

– Ah, não, não, cavalheiros, fiquem em seus lugares – sussurrou sir John. Tábuas de madeira aromática haviam sido colocadas em estribos de ferro altos enfiados nas barras de sustentação de ferro dos dois lados da comprida barraca estreita, permitindo que os fuzileiros se sentassem à altura de tiro quando não estavam de pé junto à estreita fresta de tiro. Outra camada de tábuas mantinha seus pés fora do gelo. Os mosquetes estavam prontos diante deles. O espaço apertado cheirava a madeira fresca, lã molhada e óleo de arma.

– Há quanto tempo estão esperando? – sussurrou sir John.

– Menos de cinco horas, sir John – respondeu o sargento Bryant também sussurrando.

– Devem estar com frio.

– Nem um pouco, senhor – disse Bryant em voz baixa. – O abrigo é grande o bastante para que possamos circular de tempos em tempos, e as tábuas impedem que nossos pés congelem. Os fuzileiros do *Terror* comandados pelo sargento Tozer nos renderão às duas badaladas.

– Viram alguma coisa? – sussurrou o tenente Le Vesconte.

– Ainda não, senhor – respondeu Bryant. O sargento e os dois oficiais se inclinaram para frente até seus rostos estarem no ar frio da fresta de tiro.

Sir John podia ver a carcaça do filhote de urso, os músculos um vermelho chocante sobre o gelo. Eles haviam esfolado tudo exceto a pequena cabeça branca, sangrado, recolhido o sangue em baldes e espalhado ao redor da

carcaça. O vento soprava neve sobre a grande área de gelo, e o sangue vermelho sobre todo branco, cinza e azul-claro era perturbador.

– Ainda temos de descobrir se nosso inimigo é um canibal – sussurrou sir John.

– Sim, senhor – disse o sargento Bryant. – Sir John gostaria de se juntar a nós no banco? Há bastante espaço.

Não havia bastante espaço, especialmente com os amplos quadris de sir John somados àqueles traseiros volumosos já alinhados na tábua. Mas com o tenente Le Vesconte permanecendo de pé e todos os fuzileiros afastados o máximo possível, era apenas possível ter os sete homens apertados na tábua. Sir John se deu conta de que podia ver o gelo bastante bem de sua posição elevada.

Naquele momento, o capitão sir John Franklin estava tão feliz quanto sempre era na companhia de outros homens. Sir John levava anos para se dar conta de que ficava muito mais à vontade na presença de mulheres – incluindo mulheres artísticas e tensas como sua primeira esposa, Eleanor, e mulheres poderosas e indômitas como sua atual esposa, Jane – que na companhia de homens. Mas desde sua cerimônia religiosa do domingo anterior ele recebera mais sorrisos, cumprimentos de cabeça e expressões sinceras de aprovação dos oficiais e marinheiros do que em qualquer outra época de sua carreira de quarenta anos.

Era verdade que a promessa de dez soberanos de ouro por homem – para não mencionar dobrar o adiantamento, igual a cinco meses do salário normal de um marinheiro – fora feita em um surto incomum de bons sentimentos e improvisação. Mas sir John tinha muitos recursos financeiros, e caso estes sofressem durante seus mais de três anos longe, ele estava certo de que a fortuna pessoal de lady Jane estaria disponível para cobrir essas novas dívidas de honra.

No todo, raciocinou sir John, as ofertas financeiras e sua autorização surpresa de rações de grogue a bordo de seu navio abstêmio haviam sido jogadas brilhantes. Como todos os outros, sir John ficara profundamente abatido com a morte súbita de Graham Gore, um dos jovens oficiais mais promissores de toda a frota. A má notícia de nenhum mar aberto e a terrível certeza de outro inverno escuro ali haviam pesado muito em todos, mas com a

promessa de dez soberanos de ouro por homem e um único dia de festa a bordo dos dois navios, ele superara aquele problema por ora.

Claro que havia o outro problema, levado a ele pelos quatro médicos apenas na semana anterior: o fato de que cada vez mais alimentos enlatados estavam se provando pútridos, possivelmente como resultado de soldagem inadequada das latas. Mas sir John deixara isso de lado por ora.

O vento soprava neve pela ampla área de gelo, obscurecendo e depois revelando a pequena carcaça em seu X de sangue coagulado e congelado no gelo azul. Nada se movia nas cristas de pressão e nas colunas de gelo próximas. Os homens à direita de sir John estavam sentados relaxados, mascarando tabaco, os outros apoiando as mãos enluvadas nos canos erguidos de seus mosquetes. Sir John sabia que aquelas luvas seriam tiradas em um átimo caso sua nêmesse aparecesse no gelo.

Ele sorriu consigo mesmo ao se dar conta de que memorizava a cena, aquele momento, como uma futura história para Jane e sua filha, Eleanor, e sua adorável sobrinha Sophia. Ele fazia muito isso naqueles dias, observando sua provação no gelo como uma série de histórias e mesmo as colocando em palavras – não muitas palavras, apenas o suficiente para prender a atenção fascinada – para futuro uso com suas adoráveis damas e em jantares fora. Aquele dia – o absurdo abrigo de tiro, os homens apertados dentro dele, a boa sensação, o cheiro de óleo de arma, lã e tabaco, até mesmo as nuvens cinzentas baixas, a neve soprada e a leve tensão enquanto aguardavam sua presa – ficaria com ele nos anos seguintes.

De repente o olhar de sir John se voltou para a esquerda distante, além do ombro do tenente Le Vesconte, para o buraco fúnebre a menos de seis metros da extremidade sul do abrigo. A abertura para o mar escuro congelara havia muito, e boa parte da própria cratera se enchera com a neve soprada desde o dia do sepultamento, mas mesmo a visão da depressão no gelo deixava o coração agora sentimental de sir John doendo com a lembrança do jovem Gore. Mas havia sido uma bela cerimônia fúnebre. Ele a conduzira com dignidade e postura militar orgulhosa.

Sir John notou dois objetos pretos deitados juntos na parte mais baixa da depressão gelada – pedras escuras, talvez? Botões ou moedas deixadas para trás

como lembrança do tenente Gore por algum marinheiro junto ao local de sepultamento exatamente uma semana antes? E à luz fraca e cambiante da tempestade de neve, os pequenos círculos pretos, quase invisíveis a não ser que se soubesse exatamente para onde olhar, pareciam olhar de volta para sir John com algo como uma censura triste. Ele ficou pensando se por algum capricho do clima duas pequenas aberturas para o próprio mar teriam resistido durante todo congelamento e toda neve, dessa forma revelando aqueles dois pequenos círculos de água escura sobre o gelo cinza.

Os círculos negros piscaram.

– Ah... sargento... – começou sir John.

Todo o piso da cratera fúnebre pareceu entrar em erupção. Algo enorme, branco, cinza e poderoso explodiu na direção deles, subindo e correndo para o abrigo e depois desaparecendo no lado sul da lona, fora de vista da fenda de tiro.

Os fuzileiros, obviamente não tendo certeza do que haviam acabado de ver, não tiveram tempo de reagir.

Uma força poderosa atingiu o lado sul do abrigo a menos de um metro de Le Vesconte e sir John, derrubando o ferro e rasgando a lona.

Os fuzileiros e sir John se colocaram de pé de um pulo enquanto a lona rasgava acima deles, atrás deles e ao lado deles, garras negras do tamanho de facas Bowie rasgando a vela grossa. Todos começaram a gritar. Havia um terrível fedor de carniça.

O sargento Bryant ergueu seu mosquete – a coisa estava dentro, estava *dentro*, com eles, entre eles, cercando-os com a circunferência de braços inumanos –, mas antes que pudesse disparar houve uma rajada de ar em meio ao fedor do hálito do predador. A cabeça do sargento saiu voando de seus ombros para fora pela fenda de tiro e quicou pelo gelo.

Le Vesconte berrou, alguém disparou um mosquete – a bala acertando apenas o fuzileiro ao lado dele. O alto do abrigo de lona desaparecera, algo enorme bloqueando a abertura onde deveria estar o céu, e assim que sir John se virou para se lançar para fora da lona de vela rasgada, foi atingido por uma dor terrível abaixo dos dois joelhos.

Então as coisas ficaram borradas e absurdas. Ele parecia estar de cabeça para baixo, vendo homens sendo espalhados pelo gelo como pinos de boliche, homens sendo arremessados do abrigo destruído. Outro mosquete disparou, mas apenas enquanto o fuzileiro jogava a arma no chão e tentava sair pelo gelo engatinhando. Sir John viu tudo isso – de forma impossível, absurda – de uma posição invertida, balançando. A dor em suas pernas ficou intolerável, depois vieram sons de mudas de árvores se partindo, e então ele foi jogado para frente, na cratera fúnebre, para o novo círculo preto que aguardava. Sua cabeça atravessou a trama de gelo como uma bola de críquete atravessando uma janela.

O frio da água parou temporariamente o coração acelerado de sir John. Ele tentou gritar, mas inalou água salgada.

Estou no mar. Pela primeira vez em minha vida, estou no próprio mar. Que extraordinário.

Então ele estava sacudindo, revirando sem parar, sentindo os fragmentos rasgados e os trapos de seu sobretudo em frangalhos se soltando, não sentindo nada em suas pernas agora, e não conseguindo lutar contra a água congelante com os pés. Sir John usou os braços e mãos para puxar e remar, não sabendo na terrível escuridão se estava lutando para chegar à superfície ou simplesmente se impelindo mais para o fundo na água negra.

Estou me afogando. Jane, estou me afogando. De todos os destinos que avaliei nesses longos anos no Serviço, nem uma única vez, minha querida, pensei em afogamento.

A cabeça de sir John bateu em algo sólido, quase o deixando inconsciente, forçando seu rosto para sob a água de novo, enchendo boca e pulmões com água salgada novamente.

E então, minhas queridas, a Providência me levou à superfície – ou pelo menos à fina polegada de ar entre o mar e quatro metros e meio de gelo acima.

Os braços de sir John sacudiram violentamente enquanto ele girava de costas, as pernas ainda não funcionando, dedos raspando o gelo acima. Ele se obrigou a acalmar coração e membros, forçou a disciplina para que seu nariz pudesse encontrar aquela minúscula fração de ar entre gelo e a água gelada. Respirou. Erguendo o queixo, ele tossiu água do mar e respirou pela boca.

Obrigado, Jesus querido, Senhor...

Lutando contra a tentação de gritar, sir John se arrastou por baixo do gelo como se escalasse uma muralha. O fundo da banquisa ali era irregular, algumas vezes se projetando para dentro da água e não dando a ele nenhum centímetro de ar para respirar, algumas se elevando 12 ou 15 centímetros ou mais e quase permitindo que tirasse o rosto inteiro da água.

A despeito dos quatro metros e meio de gelo acima, havia um brilho fraco de luz – luz azul, a luz do Senhor – refratada pelas facetas irregulares de gelo a centímetros de seus olhos. Um pouco de luz do dia penetrava pelo buraco – o buraco fúnebre de Gore – através do qual ele acabara de ser jogado.

Tudo o que eu tinha de fazer, minhas queridas damas, minha querida Jane, era encontrar o caminho de volta para aquele buraco estreito no gelo – encontrar meu caminho, de fato –, mas eu sabia que tinha poucos minutos...

Não minutos, segundos. Sir John podia sentir a água fria arrancando a vida dele. E havia algo terrivelmente errado com suas pernas. Não apenas ele não conseguia *senti-las*, mas podia sentir uma absoluta *ausência* ali. E a água do mar tinha o gosto do seu sangue.

E então, damas, o Senhor Deus Todo-Poderoso me mostrou a luz...

À sua esquerda. A abertura estava a cerca de dez metros ou menos à sua esquerda. O gelo era suficientemente alto acima da água escura ali para sir John poder erguer a cabeça, colocar o alto de sua careca gelada contra o gelo áspero, engolir ar, piscar água e sangue para fora dos olhos e realmente *ver* o brilho da luz do Salvador a menos de dez metros...

Algo enorme e molhado surgiu entre ele e a luz. A escuridão era absoluta. Seus centímetros de ar respirável de repente foram tomados, substituídos pelo hálito fedorento de carniça sobre seu rosto.

– Por favor... – começou sir John, cuspiendo e tossindo.

Então o fedor úmido o envolveu e dentes enormes se fecharam dos dois lados do rosto, esmagando osso e crânio logo à frente das orelhas dos dois lados da cabeça.

CROZIER

Lat. 70°-05' N., Long. 98°-23' W.

10 de novembro de 1847

Eram cinco badaladas, 2:30, e o capitão Crozier estava de volta do *Erebus*, inspecionara os cadáveres – ou semicadáveres – de William Strong e Thomas Evans onde a coisa do gelo os deixara apoiados perto da balastrada da popa no tombadilho superior, supervisionara sua colocação na Sala dos Mortos abaixo e estava sentado em sua cabine contemplando os dois objetos em sua escrivaninha – uma nova garrafa de uísque e uma pistola.

Quase metade da pequena cabine de Crozier era tomada pela cama embutida colocada junto ao casco de estibordo. A cama parecia um berço de criança, com laterais esculpidas elevadas, armários embutidos embaixo e um irregular colchão de crina colocado quase à altura do peito. Crozier nunca dormira bem em camas de verdade, e com frequência desejava as redes balançantes nas quais passara tantos anos como aspirante, jovem oficial, e quando serviu como marinheiro comum, quando garoto. Aquela cama, colocada sobre o casco exterior, era um dos lugares mais frios para dormir dentro do navio – mais frio que os leitos dos suboficiais em seus cubículos no meio da popa do convés inferior e *muito* mais frio do que as redes dos marinheiros sortudos à frente, penduradas no refeitório perto do fogão Fraser ainda brilhante, no qual o sr. Diggle cozinhava vinte horas por dia.

Livros colocados em prateleiras embutidas ao longo do casco inclinado para dentro ajudavam a isolar a área de dormir de Crozier um pouco, mas não muito. Havia mais livros sob o teto no metro e meio de largura da cabine,

enchendo uma prateleira pendurada sob as vigas curvas do navio um metro acima da escrivaninha dobrável ligando a cama de Crozier à divisória do salão. Bem acima ficava o círculo negro do iluminador Preston, seu vidro convexo opaco perfurando um convés agora escuro sob um metro de neve e lona protetora. Ar frio descia constantemente pelo iluminador como as exalações congelantes de algo há muito morto, mas ainda se esforçando para respirar.

Em frente à mesa de Crozier ficava uma prateleira estreita contendo sua bacia de banho. Não era mantida água na bacia, pois iria congelar; o camareiro de Crozier, Jopson, levava ao capitão água quente do fogão toda manhã. O espaço entre mesa e bacia na pequena cabine era suficiente apenas para Crozier ficar de pé ou – como naquele momento – sentar-se à mesa em um banco sem encosto que era deslizado para sob a prateleira da bacia quando não estava em uso.

Ele continuou olhando para a pistola e a garrafa de uísque.

O capitão do HMS *Terror* costumava pensar que não sabia nada sobre o futuro – além de que seu navio e o *Erebus* nunca mais iriam navegar –, mas então se lembrava de uma certeza: quando seu estoque de uísque acabasse, Francis Rawdon Moira Crozier iria explodir os miolos.

O falecido sir John Franklin enchera seu depósito com louça cara – toda ela com as iniciais e o brasão de família de sir John, claro – bem como cristal bisotado, 48 línguas de boi, prataria elegante também com seu brasão gravado, barris de presunto defumado da Westfália, torres de queijo Doublé Gloucestershire, sacos e mais sacos de chá importado, especialmente da plantação de um parente em Darjeeling, e potes de sua geleia de framboesa preferida.

E embora Crozier tivesse estocado algumas comidas especiais para eventuais jantares que tinha de oferecer aos oficiais, a maior parte de seu dinheiro e de seu espaço pessoal de carga havia sido dedicada a 324 garrafas de uísque. Não era um bom uísque escocês, mas serviria. Crozier sabia que havia muito chegara ao ponto de ser o tipo de bêbado que sempre prefere quantidade a qualidade. Algumas vezes ali, como no verão, quando ele estava especialmente ocupado, uma garrafa podia durar duas semanas ou mais. Outras vezes – como na semana anterior – ele podia matar uma garrafa por noite. A verdade era que

ele deixara de contar as garrafas vazias quando passara das duzentas no verão anterior, mas sabia que devia estar chegando ao fim do estoque. Na noite em que bebesse a última das últimas e seu camareiro lhe dissesse que não havia mais – Crozier sabia que seria de noite –, ele planejava firmemente engatilhar a pistola, levar o cano à têtpora e puxar o gatilho.

Ele sabia que um capitão mais prático talvez se lembrasse de que havia o resto líquido nada insignificante dos 4.500 galões – *galões* – de rum concentrado das Índias Ocidentais na Sala de Bebidas abaixo, e que cada jarro tinha concentração entre 65% e 70%. O rum era distribuído aos homens todos os dias em um quarto de quartilho, com três quartos de água, e havia galões suficientes para nadar nele. Um capitão bêbado menos exigente e mais predatório poderia considerar o rum dos homens sua reserva pessoal. Mas Francis Crozier não gostava de rum. Nunca gostara. Sua bebida era uísque, e quando isso acabasse, ele também acabaria.

Ver o corpo do jovem Tommy Evans cortado na cintura, as pernas vestidas se projetando em um Y quase cômico, as botas ainda de laço feito sobre os pés mortos, lembrara a Crozier o dia em que havia sido convocado ao abrigo de urso destroçado a quatrocentos metros do *Erebus*. Em menos de 24 horas, percebeu, seria o aniversário de quinto mês daquela debacle de 11 de junho. Inicialmente Crozier e os outros oficiais que foram correndo não compreenderam bem a destruição no abrigo. A estrutura propriamente dita havia sido feita em pedaços, as próprias barras de ferro da moldura dobradas e torcidas. O assento de tábua fora transformado em cacos e em meio aos cacos estava o corpo sem cabeça do sargento fuzileiro Bryant, o fuzileiro de maior patente da expedição. Sua cabeça – ainda não recuperada quando Crozier chegou – havia sido lançada quase trinta metros sobre o gelo até parar junto a uma carcaça esfolada de filhote de urso.

O tenente Le Vesconte tivera um braço quebrado – não pelo urso-monstro, afinal, mas de cair no gelo – e o soldado William Pilkington fora baleado no ombro esquerdo pelo fuzileiro ao seu lado, o soldado Robert Hopcraft. O soldado tivera oito costelas quebradas, uma clavícula pulverizada e um ombro esquerdo deslocado pelo que ele depois descreveu como um golpe de raspão da enorme pata do monstro. Os soldados Healey e Reed sobreviveram sem

ferimentos graves, mas com a ignomínia de terem fugido em pânico da confusão, tropeçando, gritando e engatinhando sobre o gelo. Reed quebrara três dedos na fuga.

Mas haviam sido as duas pernas e pés em calça e botas de sir John Franklin – intactas abaixo dos joelhos, mas separadas, uma caída no abrigo, a outra tendo sido jogada em um ponto perto do buraco no gelo da cratera fúnebre – que atraíram a atenção de Crozier.

Que tipo de inteligência malévola, ele pensou enquanto tomava o uísque do copo, corta um homem pelos joelhos e então leva a presa ainda viva para um buraco no gelo e a joga dentro, seguindo-a um segundo depois? Crozier tentara não imaginar o que poderia ter acontecido a seguir sob o gelo, embora algumas noites, depois de alguns drinques e enquanto tentava adormecer, pudesse ver o horror lá. Ele também tivera certeza de que o sepultamento do tenente Graham Gore uma semana antes não passara de um banquete elaborado inadvertidamente oferecido a uma criatura que já esperava e observava sob o gelo.

Crozier não ficara demasiadamente devastado com a morte do tenente Graham Gore. Gore era precisamente o tipo de maldito janota cretino de alta classe bem-criado, bem-educado, anglicano, aluno de internato oficial da Marinha Real, herói de guerra, feito para comandar, à vontade com superiores e inferiores, modesto em todas as coisas, mas destinado a grandes coisas, britânico de bons modos, gentil até mesmo com irlandeses que Francis Crozier vira ser promovido à sua frente por mais de quarenta anos.

Ele tomou outro drinque.

Que tipo de inteligência malévola mata, mas não come todas as suas presas em um inverno como aquele sem caça, em vez disso devolvendo a metade superior do cadáver do marinheiro experiente William Strong e a parte de baixo do cadáver do jovem Tom Evans? Evans havia sido um dos “grumetes” que rufara tambor no féretro de Gore cinco meses antes. Que tipo de criatura pega aquele jovem do lado de Crozier no escuro, mas deixa o capitão a três metros... e depois devolve metade do cadáver?

Os homens sabiam. Crozier sabia que eles sabiam. Eles sabiam que era o diabo lá fora no gelo, não um urso Ártico crescido demais.

O capitão Francis Crozier não discordava da avaliação dos homens – a despeito de toda a sua conversa sem sentido regada a brandy com o capitão Fitzjames –, mas sabia algo que os homens não sabiam; especificamente que o diabo que tentava matá-los ali no Reino do Diabo não era apenas a coisa de pelos brancos os matando e comendo um a um, mas *tudo* ali – o frio que não cedia, o gelo que apertava, as tempestades elétricas, a assombrosa falta de focas, baleias, pássaros, morsas e animais terrestres, a interminável acumulação da banquisa, os icebergs que abriam caminho pelo mar branco sólido, não deixando atrás sequer um canal de água do tamanho de um navio, a repentina erupção de cristas de pressão como em um terremoto branco, as estrelas dançarinas, as latas de comida malfeitas agora transformadas em veneno, os verões que não chegavam, os canais que não se abriam – *tudo*. O monstro no gelo era apenas mais uma manifestação de um diabo que os queria mortos. E que desejava que sofressem.

Crozier tomou outro drinque.

Ele entendia a motivação do Ártico melhor que a sua própria. Os antigos gregos estavam certos, pensou Crozier, quando afirmaram que havia cinco faixas de clima no disco da Terra, quatro delas iguais, opostas e simétricas como tantas coisas gregas, envolvendo o mundo como faixas em uma cobra. Duas eram temperadas e feitas para os seres humanos. A faixa central, a região equatorial, não era concebida para vida inteligente – embora os gregos estivessem errados em supor que humanos não pudessem viver ali. Apenas não humanos civilizados, pensou Crozier, que tivera seu vislumbre da África e as outras áreas equatoriais e estava certo de que nada de valor poderia vir de nenhuma delas. As duas regiões polares, raciocinaram os gregos muito antes que os desertos Ártico e Antártico fossem alcançados por exploradores, eram inumanas em todos os sentidos – inadequadas até para se viajar por elas, quanto mais para morar nelas por qualquer período de tempo.

Então por que, pensou Crozier, um país como a Inglaterra, abençoado por ter sido colocado por Deus em uma das mais suaves e verdejantes das faixas temperadas onde a humanidade deveria viver, continuava lançando seus navios e seus homens para o gelo dos extremos polares norte e sul onde mesmo selvagens vestindo peles se recusavam a ir?

E ainda mais pertinente à questão central, por que Francis Crozier continuava a retornar a esses lugares terríveis repetidamente, servindo a um país e a oficiais que nunca reconheceram suas habilidades e seu valor como homem, mesmo sabendo no fundo do coração que um dia iria morrer no frio e no escuro Árticos?

O capitão se lembrou de que mesmo quando era um garoto pequeno – antes de ir para o mar aos 13 anos de idade – ele levava sua profunda melancolia dentro de si como um segredo frio. Essa natureza melancólica se manifestava em seu prazer de ficar fora da aldeia em uma noite de inverno, vendo as luzes se apagando, encontrando pequenos lugares nos quais se esconder – claustrofobia nunca foi um problema para Francis Crozier – e sentindo tanto medo do escuro, vendo-o como o avatar da morte que reivindicara sua mãe e sua avó de modo tão furtivo, que ele perversamente o procurava, se escondendo no depósito de raízes enquanto outros meninos brincavam ao sol. Crozier se lembrava daquele porão – o frio tumular, o cheiro de frio e mofo, a escuridão e a pressão para dentro que deixavam alguém sozinho com pensamentos soturnos.

Ele encheu o pequeno copo e tomou outro drinque. De repente, o gelo rosnou mais alto e o navio rosnou de volta – tentando mudar de posição no mar congelado, mas não tendo para onde ir. Em troca, se apertou mais e gemeu. Braçadeiras metálicas no convés de carga se contraíram, os estalos repentinos soando como disparos de pistola. Os marinheiros à frente e os oficiais atrás roncavam, acostumados aos barulhos noturnos do gelo tentando esmagá-los. No convés acima, o oficial de vigia na noite de 55 graus negativos batia os pés para estimular a circulação, as quatro pancadas secas soando ao capitão como um pai cansado dizendo ao navio para parar de reclamar.

Era difícil para Crozier acreditar que Sophia Cracroft visitara aquele navio, ficara de pé naquela mesma cabine, exclamado quão elegante era, quão arrumada, quão confortável, quão culta com sua fileira de livros e quão agradável a luz austral penetrando pelo Iluminador.

Fora quase sete anos antes naquela semana, o mês de primavera no hemisfério sul de novembro de 1840, quando Crozier chegara à Terra de Van Diemen, no sul da Austrália, naqueles mesmos navios – *Erebus* e *Terror* – a

caminho da Antártida. A expedição era comandada pelo amigo de Crozier, embora sempre socialmente seu superior, capitão James Ross. Eles haviam parado na cidade de Hobart para completar suas provisões antes de seguir para águas antárticas, e o governador daquela ilha penal, sir John Franklin, insistira em que os dois jovens oficiais – capitão Ross e comandante Crozier – se hospedassem na Casa de Governo durante sua visita.

Havia sido um período encantador e – para Crozier – romanticamente fatal.

A inspeção dos navios da expedição acontecera no segundo dia da visita – os navios estavam limpos, reformados, quase com provisões completas, suas tripulações jovens ainda não barbadas ou exauridas pelos dois invernos no gelo Antártico que estavam por vir – e enquanto o capitão Ross entretinha pessoalmente o governador sir John Franklin e lady Jane Franklin, Crozier se vira escoltando a sobrinha do governador, a jovem Sophia Cracroft de cabelos escuros e olhos brilhantes. Ele se apaixonara naquele dia e levava aquele amor em botão para a escuridão dos dois invernos seguintes no sul, onde se transformou em obsessão.

Os demorados jantares sob ventiladores operados por empregados na casa do governador eram cheios de conversas animadas. O governador Franklin era um homem desgastado na casa dos 50 anos, desanimado pela falta de reconhecimento às suas realizações e ainda mais desanimado pela oposição da imprensa local, donos de terras ricos e burocratas em seu terceiro ano na Terra de Van Diemen, mas ele e a esposa, lady Jane, haviam revivido durante aquela visita de seus compatriotas do Serviço de Descobertas e, como sir John gostava de chamá-los, “colegas exploradores”.

Sophia Cracroft, por outro lado, não exibia qualquer sinal de infelicidade. Ela era divertida, animada, vivaz, algumas vezes chocante em seus comentários e em sua ousadia – ainda mais que sua polêmica tia, lady Jane –, jovem e bonita e aparentemente interessada em todos os aspectos das opiniões, da vida e dos pensamentos variados do solteirão de 44 anos comandante Francis Crozier. Ela ria de todas as brincadeiras inicialmente hesitantes de Crozier – ele não estava acostumado a esse nível de sociedade e se esforçava para ter o melhor comportamento, bebendo menos do que em anos, e apenas vinho – e

ela sempre respondia a seus comentários inseguros com níveis cada vez mais altos de inteligência. Para Crozier, era como aprender tênis com um jogador muito melhor. No oitavo e último dia de sua longa visita, Crozier se sentia igual a qualquer inglês – um cavalheiro nascido na Irlanda, sim, mas um que abrira seu próprio caminho e também levava uma vida interessante e excitante, igual a qualquer homem – e superior à maioria dos homens aos olhos azuis impressionantes da srta. Cracroft.

Quando os HMS *Erebus* e *Terror* deixaram o porto da cidade de Hobart, Crozier ainda chamava Sophia de “srta. Cracroft”, mas não havia como negar os laços secretos que haviam estabelecido: os olhares secretos, os silêncios companheiros, as piadas partilhadas e os momentos privados a sós. Crozier sabia que estava apaixonado pela primeira vez em uma vida em que “romance” consistira em quartos de prostitutas de beira do cais, ajoelhadas em becos escuros, algumas garotas nativas fazendo por níqueis e algumas poucas noites custosas nos prostíbulos de cavalheiros de Londres. Tudo isso ficara para trás.

Francis Crozier agora entendia que a coisa mais desejável e erótica que uma mulher podia vestir eram as muitas camadas recatadas como as que Sophia Cracroft vestia para jantar na casa do governador, seda suficiente para esconder as linhas de seu corpo, permitindo que um homem se concentrasse na excitante adorabilidade de sua inteligência.

A isso se seguiram dois anos de banquias, vislumbrando a Antártida, o fedor de colônias de pinguins, batizando dois vulcões fumegantes distantes com os nomes de seus navios cansados, escuridão, primavera, ameaça de congelamento, encontrar e abrir caminho para fora apenas à vela por um mar agora com o nome de James Ross, e finalmente a difícil passagem pelo Mar do Sul e o retorno a Hobart na ilha de 18 mil prisioneiros e um governador muito infeliz. Dessa vez não houve inspeção de *Erebus* e *Terror*; eles fediam demais a gordura, cozinha, suor e fadiga. Os garotos que haviam navegado para o sul eram agora em sua maioria homens barbados e de olhos fundos que não participariam de futuras expedições do Serviço de Descobertas. Todos a não ser o comandante do HMS *Terror* estavam ansiosos para retornar à Inglaterra.

Francis Crozier só estava ansioso para rever Sophia Cracroft.

Ele tomou outro uísque. Acima dele, mal audível através de convés e neve, o sino do navio badalou seis vezes. Três horas da manhã.

Os homens haviam ficado tristes quando sir John fora morto cinco meses antes – a maioria por saber que a promessa de dez soberanos por pessoa e um segundo bônus de adiantamento haviam morrido com o velho gordo e careca –, mas na verdade pouco mudara depois da morte de Franklin. O comandante Fitzjames agora era reconhecido como o capitão do *Erebus* que na realidade sempre fora. O tenente Le Vesconte, dente de ouro brilhando quando sorria, braço em uma tipoia, assumira o lugar de Graham Gore na hierarquia de comando sem qualquer perturbação visível. O capitão Francis Crozier assumira o posto de comandante da expedição, mas com a expedição congelada no gelo, havia pouco que ele pudesse fazer diferentemente do que Franklin teria feito.

Uma coisa que Crozier fez quase imediatamente foi transportar mais de cinco toneladas de suprimentos através do gelo até um ponto não distante do moledro de Ross na Terra do Rei Guilherme. Eles agora estavam bastante certos de que era uma ilha, pois Crozier enviara grupos em trenó – maldito seja o monstro – para reconhecer a área. O próprio Crozier foi em meia dúzia desses primeiros grupos em trenó, ajudando a abrir caminhos mais fáceis, ou no mínimo menos impossíveis, pelas cristas de pressão e a barreira de icebergs ao longo do litoral. Eles levaram roupas de inverno extras, barracas, madeira para futuras cabanas, caixas de alimentos secos e centenas de latas da comida em conserva, bem como para-raios – até mesmo varas de latão da cama da cabine desmontada de sir John foram transformadas em para-raios – e os elementos essenciais de que as duas tripulações precisariam caso os navios tivessem de ser abandonados de repente no meio do inverno seguinte.

Quatro homens haviam sido perdidos para a criatura do gelo antes da volta do inverno, dois de uma barraca durante uma das viagens de Crozier, mas o que interrompera as viagens de transferência por trenó em meados de agosto foi a volta dos raios violentos e da neblina densa. Por mais de três semanas os dois navios ficaram no meio do nevoeiro, atingidos por raios, e só eram permitidas muito breves saídas para o gelo – principalmente grupos de caça e algumas equipes de buraco de incêndio. Quando o nevoeiro e os raios

assustadores acabaram, era começo de setembro, e o frio e a neve haviam recomeçado.

Crozier então retomou os grupos de transferência de material por trenó para a Terra do Rei Guilherme a despeito do tempo horrível, mas quando o segundo mestre Giles MacBean e um marinheiro foram mortos poucos metros à frente dos três trenós – as mortes invisíveis por causa da neve voando, mas seus últimos gritos perfeitamente audíveis pelos outros homens e seu oficial, o segundo-tenente Hodgson – Crozier suspendeu “temporariamente” as viagens de suprimentos. A suspensão já durava dois meses, e em 1º de novembro nenhum tripulante não queria se oferecer para uma viagem de trenó de oito a dez dias no escuro.

O capitão sabia que deveria ter estocado pelo menos dez toneladas de suprimentos no litoral em vez das cinco toneladas que levava para lá. O problema – como ele e um grupo em trenó aprenderam na noite que a criatura atravessara uma barraca perto do capitão e teria levado o marinheiro George Kinnaird e John Bates caso não tivessem corrido para salvar suas vidas – era que nenhum acampamento naquele trecho de terra baixo, de cascalho e gelo e varrido pelo vento, podia ser defendido. A bordo dos navios, enquanto eles durassem, os cascos e o convés elevado funcionavam como uma espécie de muro, transformando cada navio em um tipo de forte. No cascalho e em barracas, não importando quão próximas, seriam necessários pelo menos vinte homens armados vigiando noite e dia para proteger o perímetro, e mesmo assim a coisa poderia estar entre eles antes que os guardas conseguissem reagir. Todos que haviam ido de trenó até a Terra do Rei Guilherme e acampado no gelo sabiam disso. E à medida que as noites ficavam mais longas, o medo daquelas horas desprotegidas nas barracas penetrava – como o próprio frio Ártico – mais fundo nos homens.

Crozier bebeu mais uísque.

Era abril de 1843 – começo do outono no Hemisfério Sul, embora os dias ainda fossem longos e quentes – quando o *Erebus* e o *Terror* retornaram à Terra de Van Diemen.

Ross e Crozier foram mais uma vez hóspedes na casa do governador – oficialmente chamada de Casa de Governo pelos antigos habitantes de Hobart

–, mas dessa vez era evidente que uma sombra pairava sobre os Franklin. Crozier estava disposto a ignorar isso, sendo tão grande sua alegria de estar perto de Sophia Cracroft, mas mesmo a irreprimível Sophia ficara abatida com o clima, os acontecimentos, conspirações, traições, revelações e crises que fermentaram em Hobart durante os dois anos que *Erebus* e *Terror* haviam passado no gelo do sul, de modo que nos seus primeiros dias na Casa do Governo ele ouvira o suficiente para juntar as razões para a depressão dos Franklin.

Aparentemente, interesses locais e veniais em terras, personificados em um secretário colonial judas traiçoeiro e desonesto chamado capitão John Montagu, haviam decidido logo no começo dos seis anos de sir John como governador que ele simplesmente não teria sucesso, nem sua esposa, a ousada e heterodoxa lady Jane. Tudo o que Crozier ouvira do próprio sir John – na verdade entreouvira, já que o desanimado sir John falava ao capitão Ross enquanto os três homens tomavam brandy e fumavam charutos no escritório tomado por livros da mansão – foi que os locais tinham “certa carência de sentimentos sociáveis e uma deplorável falta de espírito público”.

Por Sophia, Crozier soube que sir John passara de ser, pelo menos aos olhos do público, “o homem que comeu seus sapatos” para sua própria descrição de “um homem que não faria mal a uma mosca”, e então rapidamente para uma descrição disseminada na península tasmaniana de “um homem de saias”. Essa última calúnia, Sophia garantira a ele, era fruto da antipatia da colônia por lady Jane tanto quanto pelas tentativas de sir John e sua esposa de melhorar as coisas para os nativos e os prisioneiros que trabalhavam lá em condições desumanas.

– Entenda que os governadores anteriores simplesmente emprestavam prisioneiros para os projetos insanos dos donos dos latifúndios locais e magnatas dos negócios da cidade, ficavam com uma parte dos lucros e mantinham as bocas fechadas – explicou Sophia Cracroft enquanto caminhavam pelas sombras dos jardins da Casa do Governo. – Tio John não fez esse jogo.

– Projetos insanos? – perguntara Crozier. Ele estava muito consciente da mão de Sophia em seu braço enquanto caminhavam e conversavam aos

sussurros, sozinhos, na quase escuridão quente.

– Se um gerente de latifúndio quer uma nova estrada em sua terra, espera que o governador empreste a ele seiscentos prisioneiros famintos, ou mil, que trabalham do alvorecer até depois que escurece, correntes nas pernas e algemas nos pulsos, neste calor tropical, sem água ou comida, sendo açoitados se caem ou fraquejam.

– Bom Deus – disse Crozier.

Sophia anuiu. Seus olhos continuaram fixos nas pedras brancas do caminho no jardim.

– O secretário colonial, Montagu, decidiu que os prisioneiros deveriam cavar uma mina, embora não tenha sido encontrado ouro na ilha, e os prisioneiros foram colocados a cavar. Tinha mais de 120 metros de profundidade antes que o projeto fosse abandonado; ela inundava constantemente, os lençóis freáticos aqui são muito rasos, claro, e foi dito que de dois a três prisioneiros morreram para cada trinta centímetros escavados naquela mina repugnante.

Crozier se conteve para não dizer *Bom Deus* novamente, mas na verdade era a única coisa que lhe ocorria.

– Um ano após sua partida, Montagu, aquela doninha, aquela víbora, convenceu tio John a demitir um cirurgião local, um homem muito popular junto às pessoas decentes daqui, sob acusações falsas de negligência. Isso dividiu a colônia. Tio John e tia Jane se tornaram para-raios de todas as críticas, embora tia Jane tivesse desaprovado a demissão do cirurgião. Tio John, bem você sabe, Francis, como ele detesta controvérsia, quanto mais causar qualquer espécie de dor, motivo pelo qual costumava dizer que não faria mal a uma mosca...

– Sim – disse Crozier. – Eu o vi retirar cuidadosamente uma mosca de uma sala de jantar e libertá-la.

– Tio John, escutando tia Jane, acabou recontratando o cirurgião, mas isso o tornou inimigo mortal desse Montagu. As brigas e acusações particulares se tornaram públicas, e Montagu essencialmente chamou tio John de mentiroso e frouxo.

– Bom Deus – disse Crozier. Mas o que ele estava pensando era: *Caso estivesse no lugar de John Franklin teria chamado o cretino Montagu para o campo de honra e enfiado uma bala em cada um de seus testículos antes de enfiar uma última em seu cérebro.* – Espero que sir John tenha afastado o homem.

– Ah, ele fez – disse Sophia com um risinho triste – mas isso só piorou as coisas. Montagu retornou à Inglaterra ano passado no mesmo navio que levava a carta de tio John anunciando seu afastamento, e tristemente o capitão Montagu é grande amigo de lorde Stanley, secretário de Estado para as Colônias.

Bem, o governador está verdadeiramente fodido, pensou Crozier enquanto chegavam ao banco de pedra na extremidade do jardim. Ele disse:

– Que infelicidade.

– Mais do que tio John ou tia Jane poderiam ter imaginado – disse Sophia.

– O *Chronicle* de Cornwall publicou um longo artigo intitulado “O reinado idiota do herói polar”. O *Colonial Times* culpa lady Jane.

– Por que atacar lady Jane?

Sophia riu sem humor.

– Tia Jane é, em grande medida como eu mesma... heterodoxa. Você viu seu quarto aqui na Casa de Governo, acredito. Quando tio John mostrou a propriedade a você e ao capitão Ross da última vez?

– Ah, sim. A coleção dela é maravilhosa.

O boudoir de lady Jane, as partes que foram autorizados a ver, era abarrotado do tapete ao teto com esqueletos de animais, meteoritos, fósseis petrificados, bastões de guerra aborígenes, tambores nativos, máscaras de guerra em madeira esculpida, remos de três metros que pareciam capazes de impulsionar o HMS *Terror* à frente a 15 nós, uma pletera de aves empalhadas, e pelo menos um macaco habilidosamente empalhado. Crozier nunca vira nada como aquilo em um museu ou zoológico, e muito menos no quarto de uma dama. Claro que Francis Crozier vira poucos quartos de damas.

– Um visitante escreveu ao jornal de Hobart dizendo que, e cito literalmente, “os aposentos privados da esposa de nosso governador na Casa do Governo parecem mais um museu ou criadouro do que os aposentos de uma dama”.

Crozier fez um ruído de riso e se sentiu culpado por sua impressão similar.

– Então esse Montagu ainda está criando problemas?

– Mais que nunca. Lorde Stanley, a maior das víboras, apoiou Montagu, renomeou o verme para posição semelhante à de que tio John o afastara, e enviou a tio John uma reprimenda tão terrível que tia Jane me disse particularmente que era o equivalente a açoitar um cavalo.

Eu atiraria nos bagos do cretino Montagu, depois cortaria os de lorde Stanley e os serviria a eles apenas levemente aquecidos, pensou Crozier.

– Isso é terrível – disse.

– Há pior – disse Sophia.

Crozier procurou lágrimas e voz fraca, mas não encontrou nenhuma. Sophia não era mulher de chorar.

– Stanley tornou a censura pública? – tentou Crozier.

– O... desgraçado... deu uma cópia da censura oficial a Montagu *antes de enviá-la ao tio John*, e a doninha mandou para cá no navio postal mais veloz. Foram feitas cópias que circularam por Hobart entre todos os inimigos de tio John meses antes que ele recebesse a carta pelos canais oficiais. A colônia inteira continha o riso sempre que tio John e tia Jane iam a um concerto ou faziam o papel de governador em algo oficial. Eu me desculpo por minha linguagem não ser a de uma dama, Francis.

Eu daria a lorde Stanley seus bagos frios em uma massa frita de sua própria bosta, pensou Crozier. Não disse nada, apenas anuindo que perdoava Sophia por sua escolha de linguagem.

– Quando tio John e tia Jane acharam que não poderia piorar – continuou Sophia, a voz levemente trêmula, mas de raiva, não fraqueza, Crozier estava certo –, Montagu mandou a seus amigos latifundiários aqui um pacote de trezentas páginas com todas as cartas particulares, documentos da Casa de Governo e despachos oficiais que usara para atacar o governador junto a lorde Stanley. Esse pacote está no Central Colonial Bank aqui na capital, e tio John sabe que dois terços das antigas famílias e dos líderes empresariais da cidade peregrinaram ao banco para ler e ouvir o que contém. O capitão Montagu chama o governador de um “perfeito idiota”, nesse papéis... E pelo que ouvimos, essa é a coisa mais educada no documento detestável.

– A posição de sir John aqui parece insustentável – disse Crozier.

– Algumas vezes temo por sua sanidade, quando não por sua vida – concordou Sophia. – O governador sir John Franklin é um homem sensível.

Ele não faria mal a uma mosca, pensou Crozier.

– Ele irá renunciar?

– Será chamado de volta. A colônia inteira sabe disso. Por isso tia Jane está quase perturbada... Nunca a vi em tal estado. Tio John espera notícias oficiais de sua convocação antes do final de agosto, se não antes.

Crozier suspirou e empurrou sua bengala por um sulco no caminho de cascalho do jardim. Ele ansiara por aquele encontro com Sophia Cracroft por dois anos no gelo do sul, mas agora que estava ali podia ver que sua visita se perderia à sombra de mera política e personalismos. Ele se conteve antes de suspirar novamente. Tinha 46 anos de idade e agia como um tolo.

– Gostaria de ir ao lago do Ornitorrinco amanhã? – perguntou Sophia.

Crozier se serviu outro copo de uísque. Veio de cima o grito de demônios, mas era apenas o vento Ártico no que restava das cordas. O capitão tinha pena dos homens de sentinela.

A garrafa de uísque estava quase vazia.

Crozier decidiu naquele momento que eles teriam de retomar as viagens de trenó com carga para a Terra do Rei Guilherme naquele inverno, em meio à escuridão e a tempestades, e com a ameaça da coisa no gelo sempre presente. Ele não tinha escolha. Caso tivessem de abandonar os navios nos próximos meses – e o *Erebus* já dava sinais de colapso iminente no gelo – não bastaria simplesmente montar acampamento ali no gelo perto de onde os navios seriam destruídos. Normalmente isso podia fazer sentido – mais de uma expedição polar infeliz montara acampamento no gelo e deixara a corrente da baía de Baffin levá-la centenas de quilômetros rumo sul até mar aberto –, mas aquele gelo não ia a lugar algum, e um acampamento ali no gelo seria ainda menos defensável da criatura do que um acampamento no cascalho congelado do litoral – de península ou ilha – a quarenta quilômetros de distância no escuro. E ele já estocara mais de cinco toneladas de equipamento lá. O resto teria de seguir antes que o sol voltasse.

Crozier tomou seu uísque e decidiu que iria liderar a próxima viagem de trenó. Comida quente era o maior fortalecedor de moral que os homens poderiam ter, além da visão de resgate ou doses extras de rum, então suas próximas viagens de trenó consistiriam em privar as baleeiras – embarcações de verdade equipadas para navegação de verdade caso os navios de verdade fossem abandonados no mar – de seus fogões. O fogão Frazer no *Terror* e seu gêmeo no *Erebus* eram enormes demais para serem levados à praia – e o sr. Diggle estaria usando o dele para assar biscoitos até o instante em que Crozier desse a ordem de abandonar navio –, de modo que era melhor usar os fogões dos barcos. Os quatro fogões eram de ferro e pesados como os cascos de Satanás, especialmente se os trenós estivessem levando mais equipamento, comida e roupas, mas estariam seguros no litoral e podiam ser acesos rapidamente, embora o próprio carvão também tivesse de ser transportado sobre o inferno frio de quarenta quilômetros de mar gelado com cristas de pressão. Não havia madeira na Terra do Rei Guilherme nem em nenhum lugar a centenas de quilômetros dali. Os fogões iriam a seguir, decidiu Crozier, e ele iria junto. Iriam deslizar de trenó por escuridão completa e frio inacreditável e dane-se o resto.

Crozier e Sophia Cracroft cavalgaram na manhã seguinte de abril de 1843 para ver o lago do Ornitorrinco.

Crozier esperara que fossem de carruagem, como haviam feito para incursões a Hobart, mas Sophia mandara selar dois cavalos para eles e carregara uma mula com coisas de piquenique. Ela cavalgava como homem. Crozier se deu conta de que a “saia” escura que parecia estar vestindo era na verdade um par de bombachas. A blusa branca de lona que usava era de algum modo ao mesmo tempo feminina e grosseira. Estava com um chapéu de abas largas que mantinha o sol longe de sua pele. As botas eram altas, engraxadas, macias, e certamente custaram aproximadamente um ano do salário de capitão de Crozier.

Eles cavalgaram para o norte, longe da Casa do Governo e da capital, e seguiram uma estrada estreita por campos cultivados, passando por instalações de colônia penal e então por um trecho de floresta tropical, chegando novamente a um planalto aberto.

– Achei que ornitorrincos só eram encontrados na Austrália – disse Crozier. Estava com dificuldade de encontrar uma posição confortável na sela. Nunca tivera muita oportunidade ou motivo para cavalgar. Era constrangedor sua voz vibrar quando ele sacudia e balançava. Sophia parecia totalmente à vontade na sela; ela e o cavalo se moviam como um só.

– Ah, não, meu querido – disse Sophia. – As coisinhas estranhas são encontradas apenas em certas áreas litorâneas no continente ao norte de nós, mas por toda a Terra de Van Diemen. Mas eles são tímidos. Já não vemos nenhum perto de Hobart.

As bochechas de Crozier ficaram quentes ao som do “meu querido”.

– São perigosos? – perguntou.

Sophia riu fácil.

– Na verdade os machos são perigosos na temporada de acasalamento. Eles têm um esporão venenoso secreto nas pernas traseiras, e durante a temporada de acasalamento os esporões ficam muito venenosos.

– O suficiente para matar um homem? – perguntou Crozier. Ele estava brincando sobre as criaturinhas cômicas que ele vira apenas em ilustrações serem perigosas.

– Um homem pequeno – disse Sophia. – Mas sobreviventes do esporão dos ornitorrincos dizem que a dor é tão terrível que teriam preferido a morte.

Crozier olhou para a jovem à sua direita. Algumas vezes era muito difícil dizer quando Sophia brincava e quando falava sério. Nesse caso ele iria supor que estava dizendo a verdade.

– Estamos na temporada de acasalamento? – perguntou.

Ela sorriu novamente.

– Não, meu querido Francis. Ela é entre agosto e outubro. Deveremos estar seguros. A não ser que encontremos um demônio.

– O demônio?

– Não, meu querido. *Um* demônio. O que você talvez tenha ouvido ser descrito como um demônio da Tasmânia.

– Ouvi falar deles – disse Crozier. – Supostamente são criaturas terríveis com mandíbulas que abrem tanto quanto a escotilha do porão de navio. E têm

fama de ferozes, caçadores insaciáveis, capazes de engolir e devorar um cavalo ou um tigre-da-tasmânia inteiro.

Sophia anuiu, o rosto sério.

– Tudo verdade. O demônio é todo pelo e peito, apetite e fúria. E se você um dia ouvir o barulho de um, e não é realmente possível chamar de latido, rosnado ou rugido, mas o falatório e roncões distorcidos que se esperariam de um asilo em chamas, bem, então garanto que nem mesmo um explorador tão corajoso quanto você, Francis Crozier, entraria sozinho na floresta ou nos campos daqui à noite.

– Você os ouviu? – perguntou Crozier, estudando novamente o rosto sério dela para descobrir se brincava.

– Ah, sim. Um barulho indescritível, absolutamente aterrorizante. Faz com que a presa fique paralisada tempo suficiente para que o demônio abra suas mandíbulas absurdamente largas e engula a vítima inteira. O único barulho igualmente assustador seriam os gritos da presa. Já ouvi um rebanho inteiro de ovelhas balindo e berrando enquanto um único demônio devorava todas, uma a uma, não deixando nem um casco para trás.

– Você está brincando – disse Crozier, ainda a observando atentamente para descobrir se estava.

– Eu nunca brinco sobre o demônio, Francis – ela disse. Estavam entrando em outro trecho de floresta escura.

– Seus demônios comem ornitorrincos? – perguntou Crozier. A pergunta era séria, mas ele ficava contente por nem James Ross nem nenhum tripulante estar por perto para ouvi-lo fazê-la. Soava absurda.

– Um demônio da Tasmânia come *qualquer* coisa – disse Sophia. – Mas novamente você está com sorte, Francis. O demônio caça à noite, e a não ser que nos percamos de forma tremenda, veremos o lago do Ornitorrinco, e o ornitorrinco, almoçaremos e estaremos de volta à Casa do Governo antes de anoitecer. Deus nos ajude caso estejamos aqui na floresta quando escurecer.

– Por causa do demônio? – perguntou Crozier. Ele queria que a pergunta fosse leve e provocante, mas podia ouvir a tensão subjacente em seu tom.

Sophia parou sua égua e sorriu para ele – sorriu verdadeira, perturbadora e completamente para ele. Crozier conseguiu, não graciosamente, deter seu

próprio castrado.

– Não, meu querido – disse a jovem em um sussurro ofegante. – Não por causa do demônio. Por causa da minha *reputação*.

Antes que Crozier conseguisse pensar em algo para dizer, Sophia riu, esporeou o cavalo e galopou pela estrada.

Não havia uísque suficiente na garrafa para dois copos inteiros. Crozier serviu a maior parte, ergueu o copo entre ele e a lanterna a óleo tremeluzente colocada na divisória interna e viu a luz dançar através do líquido âmbar. Bebeu lentamente.

Eles nunca viram o ornitorrinco. Sophia garantiu a ele que o ornitorrinco quase sempre era visto naquele lago – um pequeno círculo de água com menos de cinquenta metros de diâmetro, em uma floresta densa a quatrocentos metros da estrada – e que as entradas para sua toca ficavam atrás de raízes retorcidas de árvores que desciam a margem, mas ele nunca viu o ornitorrinco.

Contudo, viu Sophia Cracroft nua.

Eles fizeram um agradável piquenique na extremidade mais sombreada do lago do Ornitorrinco, uma cara toalha de mesa de algodão estendida sobre a grama para receber a cesta de piquenique, copos, recipientes com comida e eles mesmos. Sophia ordenara que os empregados embrulhassem algumas porções de rosbife envoltos em tecido à prova d'água no que era o mais caro de todos os produtos ali, mas o mais barato de onde Crozier viera – gelo – para impedir que estragasse durante a cavalgada matinal. Havia batatas assadas e pequenos potes com uma salada saborosa. Também levava uma bela garrafa de Borgonha e taças de cristal da coleção bisotada de sir John, e bebeu mais dele que o capitão.

Depois da refeição eles recostaram a pouca distância um do outro e conversaram disso e daquilo por uma hora, o tempo todo olhando para a superfície do lago.

– Estamos esperando o ornitorrinco, srta. Cracroft? – perguntou Crozier durante uma breve pausa em sua conversa sobre os perigos e as belezas da viagem ártica.

– Não, acho que ele já teria se mostrado caso quisesse que o víssemos – disse Sophia. – Estava esperando um pouco antes de tomarmos banho.

Crozier só pôde olhar para ela intrigado. Ele certamente não levava trajes de banho. Ele não *tinha* trajes de banho. Sabia que era outra de suas brincadeiras, mas ela sempre falava tão seriamente que ele nunca estava 100 por cento certo. Isso tornava seu senso de humor malicioso ainda mais excitante.

Prolongando sua brincadeira já excitante, ela se levantou, espanou folhas mortas de suas bombachas escuras e olhou ao redor.

– Acho que vou me despir atrás daqueles arbustos ali e entrar na água a partir daquele gramado. Você está convidado a se juntar a mim no nado, claro, Francis, ou não, dependendo de sua noção pessoal de decoro.

Ele sorriu para mostrar que era um cavalheiro sofisticado, mas seu sorriso era inseguro.

Ela caminhou até os arbustos densos sem olhar para trás. Crozier permaneceu na toalha de mesa, parcialmente recostado e com uma expressão divertida em seu rosto cuidadosamente barbeado, mas quando viu a blusa branca dela de repente ser erguida por braços brancos e pendurada no topo do arbusto alto, sua expressão congelou. Mas não seu pau. Sob sua calça de veludo cotelê e o colete curto demais, a parte pudenda de Crozier passou de descansar a mastarêu em dois segundos.

As bombachas escuras de Sophia e outras coisas brancas bordadas sem nome se juntaram à blusa no alto do arbusto grosso alguns segundos depois.

Crozier só conseguia olhar. Seu sorriso fácil se tornou o ricto de um morto. Estava certo de que seus olhos se projetavam da cabeça, mas não conseguia se virar nem desviar o olhar.

Sophia Cracroft saiu para a luz do sol.

Estava totalmente nua. Os braços pendiam relaxados ao lado do corpo; as mãos estavam levemente curvadas. Os seios não eram grandes, mas muito empinados e brancos, e encimados por mamilos grandes que eram rosados, não marrons como fora o caso de todas as outras mulheres – meretrizes baratas, prostitutas desdentadas, garotas nativas – que Crozier vira nuas antes daquele momento.

Será que ele *um dia* vira outra mulher realmente nua antes? Uma mulher branca? Naquele instante pensou que não. E caso tivesse, ele sabia, não

importava nada.

– Você vem, Francis? – ela chamou suavemente de onde estava de pé na grama. Seu tom era neutro como se estivesse perguntando se queria mais um pouco de chá. – Ou vai ficar apenas olhando?

Sem mais, saltou na água em um arco perfeito, as mãos claras e os braços brancos perfurando a superfície espelhada um instante antes do resto dela.

Àquela altura Crozier abriu a boca para falar, mas o discurso articulado evidentemente era uma impossibilidade. Fechou a boca após um momento.

Sophia nadou facilmente de um lado para outro. Ele podia ver suas nádegas brancas subindo atrás de suas costas brancas fortes, ao longo das quais seus cabelos molhados flutuavam separados como três pinceladas das mais negras das tintas da Índia. Ela levantou a cabeça, cruzando a água facilmente e parando na extremidade mais distante do lago perto da grande árvore que apontara ao chegar.

– A toca do ornitorrinco é atrás dessas raízes – disse. – Não acho que ele vá sair para brincar hoje. É tímido. Não seja você também, Francis. *Por favor.*

Como se em um sonho, Crozier se sentiu levantar, andar até os arbustos mais densos que conseguiu encontrar perto da água no lado oposto do lago onde Sophia estava. Seus dedos tremiam violentamente enquanto tentava soltar os botões. Ele se viu dobrando a roupa em pequenos quadrados apertados, colocando os quadrados dentro de um quadrado maior na grama aos seus pés. Tinha certeza de que levava horas. Sua ereção latejante não diminuía. Por mais que desejasse, por mais que a imaginasse acabada, ele persistia em se erguer rígido até o umbigo, balançando para frente e para trás ali, a glândula vermelha como uma lanterna de sinalização e projetada vários centímetros tensos além de seu prepúcio.

Crozier permaneceu atrás do arbusto indeciso, ouvindo a água enquanto Sophia continuava a nadar. Sabia que se demorasse mais um momento ela sairia do lago, voltaria para sua própria cortina de arbustos para se secar e ele se amaldiçoaria como sendo um covarde e um tolo pelo resto dos seus dias.

Espiando por entre os galhos do arbusto, Crozier esperou até que as costas da dama estivessem viradas enquanto nadava para a margem distante, e então, com muita velocidade e falta de jeito, se lançou para frente na água, mais

tropeçando que saltando, abandonando toda graça em seu único esforço de colocar seu pau traiçoeiro sob a água e fora de vista antes que a srta. Cracroft olhasse na sua direção.

Quando emergiu, cuspiendo e bufando, ela cruzava a água a seis metros de distância e sorria para ele.

– Fico encantada que tenha decidido se juntar a mim, Francis. Agora se o ornitorrinco macho emergir com seu esporão venenoso você poderá me proteger. Vamos investigar a entrada da toca? – perguntou, virando graciosamente e nadando na direção da enorme árvore pendurada acima da água.

Jurando manter pelo menos três metros – não, quatro e meio – de água entre eles, como um navio afundando que se rende a um litoral a sotavento, Crozier nadou cachorrinho atrás dela.

O lago era surpreendentemente fundo. Enquanto parava três metros e meio atrás e se agitava desajeitadamente para manter a cabeça acima da superfície, Crozier se deu conta de que mesmo ali na beirada, onde as raízes da grande árvore desciam um metro e meio na margem íngreme até a água, o mato alto se elevava lançando sombras vespertinas, os pés sacudidos e os dedos de Crozier inicialmente não conseguiam encontrar apoio no fundo.

De repente Sophia estava indo na sua direção.

Ela deve ter visto o pânico em seus olhos; não sabia se recuava furiosamente ou simplesmente de algum modo a alertava para se afastar de sua condição de *pau rampante*, pois ela parou no meio de uma braçada de peito – e ele pôde ver seus seios brancos boiando abaixo da superfície –, anuiu para a esquerda e nadou facilmente para as raízes da árvore.

Crozier a seguiu.

Eles se penduraram nas raízes, a pouco mais de um metro um de outro, mas a água era abençoadamente escura abaixo do peito, e Sophia apontou para o que poderia ser a abertura de uma toca, ou apenas uma depressão enlameada, na margem entre a rede de raízes.

– Esta é uma toca de repouso ou de solteiro, não uma toca de acasalamento – disse Sophia. Tinha belos ombros e clavículas.

– Como? – perguntou Crozier. Ele estava contente – e levemente impressionado – por sua capacidade de falar ter retornado, mas menos satisfeito com o estranho som engasgado das sílabas e o fato de que seus dentes batiam. A água não estava fria.

Sophia sorriu. Um cacho de cabelos escuros estava colado sobre um dos malares angulosos.

– Ornitorrincos fazem dois tipos de tocas – disse suavemente. – Este tipo, que alguns naturalistas chamam de toca de acampamento, é usado pelo macho e pela fêmea a não ser durante a estação de reprodução. Os solteiros vivem aqui. A toca de acasalamento é cavada pela fêmea para a reprodução, e depois que isso ocorre, ela cava outra câmara pequena para servir de berçário.

– Ah – disse Crozier, se agarrando à raiz com mais força do que um dia se agarrou aos cabos de um navio quando a sessenta metros de altura em um furacão.

Sophia continuou.

– Ornitorrincos colocam ovos, você sabe, como répteis. Mas as mães secretam leite, como mamíferos.

Ele podia ver através da água os círculos escuros no centro dos globos brancos que eram seus seios.

– Mesmo?

– Tia Jane, que é ela mesma uma espécie de naturalista, acredita que os esporões venenosos nas pernas traseiras do macho são usados não apenas para combater outros ornitorrincos machos e invasores, mas para se aferrar à fêmea enquanto nadam e acasalam ao mesmo tempo. Presumivelmente eles não secretam a peçonha quando se prendem às parceiras.

– Mesmo? – reagiu Crozier, e ficou pensando em se deveria ter dito: “*Não?*” Ele não tinha ideia de sobre o que estavam conversando.

Usando a trama de raízes, Sophia se aproximou, até que os seios quase o tocavam. Ela colocou a mão fria – uma mão surpreendentemente grande – sobre o peito dele.

– Srta. Cracroft... – ele começou.

– Shhhh – disse Sophia. – Calado.

Ela passou a mão esquerda da raiz para o ombro dele, pendurando-se nele como se pendurara na raiz. A mão direita baixou, apertando sua barriga, tocando o quadril direito, depois voltando para o centro e baixando novamente.

– Ah, meu – ela sussurrou em seu ouvido. A bochecha estava junto à dele agora, os cabelos molhados em seus olhos. – Foi um esporão venenoso que eu encontrei?

– Srta. Cra...

Ela apertou. Flutuou graciosamente, de modo que de repente suas pernas fortes estavam dos dois lados de sua perna esquerda, e então baixou seu peso e seu calor, esfregando-o. Ele ergueu aquela perna ligeiramente para sustentá-la e manter seu rosto acima da água. Os olhos dela estavam fechados. Os quadris apertaram, os seios se achataram sobre ele e a mão direita começou a acariciá-lo.

Crozier gemeu, mas foi apenas um gemido antecipatório, não de liberação. Sophia fez um som suave sobre seu pescoço. Ele podia sentir o calor e a umidade de suas regiões inferiores sobre perna e coxa erguidas. *Como algo pode ser mais molhado que água?*, pensou.

Então ela gemeu de verdade, e Crozier também fechou os olhos – lamentando não poder continuar a vê-la, mas não tendo escolha –, ela se apertou com força nele uma, duas, três vezes para baixo, e sua massagem se tornou apressada, urgente, hábil e exigente.

Ele enfiou o rosto em seus cabelos molhados enquanto latejava e pulsava na água. Crozier achou que a ejaculação pulsando nunca iria acabar e – se tivesse sido capaz – teria se desculpado com ela imediatamente. Em vez disso, gemeu novamente e quase soltou a raiz da árvore. Ambos boiaram, os queixos abaixo da linha-d'água.

O que mais confundiu Francis Crozier naquele momento – e tudo no universo o confundia naquele momento, embora nada no universo o incomodasse – era o fato da pressão para baixo da dama, suas coxas apertadas com força ao redor dele, a bochecha bem apertada sobre a dele enquanto ela fechava os olhos com força, seu próprio gemido. Certamente as mulheres não podiam sentir a mesma intensidade dos homens? Algumas das prostitutas

havam gemido, mas certamente apenas por saber que os homens gostavam disso – fora óbvio que não sentiam nada.

Ainda assim...

Sophia se afastou, olhou nos olhos dele, deu um sorriso fácil, beijou-o nos lábios, ergueu as pernas quase em posição carpada, se afastou das raízes e nadou para a margem onde as roupas estavam no arbusto que tremia levemente.

Inacreditavelmente, eles se vestiram, recolheram as coisas do piquenique, carregaram a mula, montaram e cavalgaram de volta à Casa do Governo em silêncio.

Inacreditavelmente, durante o jantar daquela noite, Sophia Cracroft riu e conversou com a tia, sir John e mesmo com o atipicamente loquaz capitão James Clark Ross, enquanto Crozier basicamente ficava em silêncio e olhava para a mesa. Ele só conseguia admirá-la... Como os franceses chamavam aquilo? Seu *sangfroid*, enquanto a atenção e a alma de Crozier pareciam como estivera seu corpo no momento de seu orgasmo interminável no lago do Ornitorrinco – átomos e essência espalhados por todos os cantos do universo.

Mas a srta. Cracroft não agira com superioridade em relação a ele, nem o censurara. Sorria para ele, fazia comentários e tentava incluí-lo na conversa como toda noite na Casa de Governo. E certamente seu sorriso para ele era um pouco mais quente? Mais afetuoso? Até mesmo encantado? Tinha de ser.

Depois daquele jantar, quando Crozier sugeriu um passeio pelo jardim, ela se desculpou, alegando um compromisso anterior jogando cartas com o capitão Ross na sala de estar. O comandante Crozier gostaria de se juntar a eles?

Não, se desculpou o comandante Crozier por sua vez, compreendendo pelo tom caloroso e relaxado em sua cálida e relaxada diversão superficial que tudo deveria ser normal na Casa do Governo naquela noite e até que os dois pudessem se encontrar para discutir seu futuro. O comandante Crozier anunciou em voz alta que tinha um pouco de dor de cabeça e se recolheria cedo.

Ele estava desperto, vestindo seu melhor uniforme e andando pelos salões da mansão antes do amanhecer do dia seguinte, certo de que Sophia teria o mesmo impulso de se encontrar cedo.

Ela não tinha. Sir John foi o primeiro a descer para o desjejum, e bateu um papo interminável e insuportável com Crozier, que nunca dominara a arte insípida de bater papo, muito menos fora capaz de sustentar seu lado da conversa sobre que tipo de taxa seria adequada ao alugar prisioneiros para abrir canais.

Lady Jane desceu a seguir, e mesmo Ross apareceu para o desjejum antes que Sophia finalmente fizesse sua entrada. A essa altura Crozier estava em sua sexta xícara de café, que ele aprendera a preferir ao chá de manhã durante seus invernos com Parry no gelo do norte anos antes, mas permaneceu enquanto a dama como de hábito comia ovos, salsicha, feijão, torrada e chá.

Sir John desapareceu em algum lugar. Lady Jane sumiu. O capitão Ross foi embora. Sophia finalmente terminou o desjejum.

– Gostaria de caminhar no jardim? – ele perguntou.

– Tão cedo? – ela reagiu. – Já está muito quente lá fora. Este outono não dá sinal de esfriar.

– Mas... – começou Crozier, tentando transmitir a urgência de seu convite com o olhar.

Sophia sorriu.

– Ficaria encantada de caminhar no jardim com você, Francis.

Eles andaram lentamente, interminavelmente, esperando que um único prisioneiro jardineiro terminasse sua tarefa de descarregar sacos pesados de fertilizante fresco.

Quando o homem partiu, Crozier a levou até o banco de pedra na extremidade mais distante e sombreada do comprido jardim formal. Ajudou-a a sentar e esperou enquanto fechava o guarda-sol. Ela ergueu os olhos para ele – Crozier estava agitado para se sentar e se erguia acima, deslocando o peso de um lado para outro –, e ele imaginou que podia ver a expectativa em seus olhos.

Finalmente teve a presença de espírito de se colocar sobre um joelho.

– Srta. Cracroft, estou consciente de ser apenas um mero comandante da Marinha de Sua Majestade, e de que só merece as atenções de um almirante da frota... não, quero dizer, da realeza, de alguém que comandasse um almirante... mas deve ter consciência, sei que tem consciência, da intensidade

de meus sentimentos para com você, e se puder identificar sentimentos recíprocos por...

– Bom Deus, Francis, você não vai me pedir em casamento, vai? – interrompeu Sophia.

Crozier não tinha resposta para isso. De joelhos, as mãos trançadas e estendidas para ela como se em prece, ele esperou.

Ela deu um tapinha em seu braço.

– Comandante Crozier, você é um homem maravilhoso. Um homem *gentil*, a despeito daquelas arestas que provavelmente nunca serão aparadas. E é um homem *sábio*, especialmente ao compreender que eu nunca seria esposa de um comandante. Isso não seria adequado. Nunca seria... *aceitável*.

Crozier tentou falar. Não lhe ocorreram palavras. Aquela parte do seu cérebro que ainda funcionava tentava concluir a frase inconclusa do pedido de casamento que ele passara a noite toda acordado redigindo. Ele quase chegara a um terço dela – de certa forma.

Sophia deu uma risada suave e balançou a cabeça. Os olhos varreram o jardim, garantindo que ninguém – nem mesmo um prisioneiro – estava perto o suficiente para escutar.

– Por favor, não se preocupe com ontem, comandante Crozier. Tivemos um dia maravilhoso. O... interlúdio... no lago foi agradável para ambos. Foi fruto de... minha natureza... tanto quanto resultado de sentimentos mútuos de proximidade que tivemos *naqueles poucos momentos*. Mas, por favor, meu querido Francis, abandone a ideia de que possa ter qualquer obrigação ou compulsão de agir de alguma forma para comigo por causa de nossa indiscrição.

Ele a encarou.

Ela sorriu, mas não com o calor ao qual ele se acostumara.

– Não é como se tivesse tirado minha honra, comandante – disse, tão suavemente que as palavras percorreram o ar quente como pouco mais que um sussurro cálido.

– Srta. Cracroft... – recomeçou Crozier antes de parar novamente. Se seu navio estivesse prestes a ser lançado contra o litoral com as bombas paradas e um metro e vinte de água no porão e aumentando, as cordas partidas e as velas

em farrapos, ele saberia quais ordens dar. O que dizer a seguir. Naquele momento nenhuma palavra lhe ocorria. Havia apenas uma dor crescente e uma perplexidade dentro dele que doía ainda mais por ser um reconhecimento de algo velho e bem compreendido demais.

– Caso eu fosse me casar, seria com nosso galante capitão Ross – continuou Sophia, abrindo o guarda-sol e o girando acima da cabeça. – Embora eu também não esteja destinada a ser esposa de um mero capitão, Francis. Ele teria de ser feito cavaleiro... mas estou certa de que logo será.

Crozier olhou nos olhos dela procurando algum sinal de brincadeira.

– O capitão Ross é comprometido – ele disse finalmente. Sua voz soava como o coxar de um homem que passou muitos dias seguidos sem água. – Eles planejam se casar imediatamente após a volta de James para a Inglaterra.

– Bah – disse Sophia, se levantando e girando o guarda-sol mais rapidamente. – Estarei retornando à Inglaterra em um pacote rápido este verão, antes mesmo de tio John ser chamado de volta. Eu não acabei com o capitão James Clark Ross.

Ela baixou os olhos para ele, que, de forma absurda, continuava ajoelhado no cascalho branco, e disse animada:

– Ademais, mesmo que o capitão Ross se case com aquela jovem pretendente que espera por ele – ambos falamos dela com frequência, e posso lhe assegurar que é uma tola –, o casamento não é o fim de nada. Não é a morte. Não é o “País Desconhecido” de Hamlet do qual nenhum homem retorna. Os homens são conhecidos por retornar do casamento e encontrar a mulher que sempre foi a certa para eles. Guarde minhas palavras, Francis.

Ele finalmente se levantou. Ficou de pé e espanou o cascalho do joelho de sua melhor calça de uniforme de gala.

– Agora preciso ir – disse Sophia. – Tia Jane, o capitão Ross e eu vamos a Hobart esta manhã para ver alguns ganhões que a Van Diemen Company acabou de importar para reprodução. Sinta-se à vontade para vir conosco caso queira, Francis, mas, pelos céus, troque de roupa e de expressão antes disso.

Ela tocou de leve seu antebraço e caminhou de volta à Casa do Governo, girando o guarda-sol no caminho.

Crozier ouviu o sino abafado no convés marcando oito badaladas. Eram quatro horas da manhã. Normalmente em um navio no mar os homens seriam retirados de suas redes em meia hora para começar a esfregar os conveses e limpar tudo à vista. Mas ali na escuridão e no gelo – e sob vento, que Crozier podia ouvir ainda uivando nas velas, significando que outra nevasca era provável, e aquilo apenas em 10 de novembro de seu terceiro inverno – os homens podiam dormir até mais tarde, passando tempo até as quatro badaladas da vigia matinal. Seis horas. Então o navio frio começaria a despertar com os gritos dos imediatos e os pés em calçados macios batendo no convés antes que os imediatos cumprissem as ameaças de cortar as redes ainda com os marinheiros nelas.

Aquele era um paraíso preguiçoso comparado com o trabalho no mar. Os homens não apenas dormiam tarde como eram autorizados a tomar o desjejum no convés inferior às oito badaladas antes de suas obrigações matinais.

Crozier olhou para a garrafa de uísque e o copo. Ambos estavam vazios. Ele ergueu a pesada pistola – ainda mais pesada com a carga completa de pólvora e bala. Sua mão sabia.

Então colocou a pistola no bolso do casaco de capitão, retirou o casaco e o pendurou em um gancho. Crozier limpou o copo de uísque com o pano limpo que Jopson deixava toda noite com esse objetivo e o guardou na gaveta. Depois colocou cuidadosamente a garrafa de uísque vazia no cesto de vime com tampa que Jopson deixava perto da porta de correr exatamente para esse objetivo. Uma garrafa cheia estaria no cesto quando Crozier voltasse de suas obrigações no dia escuro.

Por um momento pensou em se vestir mais e subir ao convés – trocar os sapatos macios por botas de verdade, colocar cachecol, quepe e traje completo e sair para a noite e a tempestade para esperar o despertar dos homens, descendo para o desjejum com seus oficiais e passando o dia inteiro sem dormir.

Fizera isso em muitas outras manhãs.

Mas não naquela manhã. Estava cansado demais. E estava frio demais para ficar de pé apenas um minuto com apenas quatro camadas de lã e algodão.

Quatro horas, Crozier sabia, era o momento mais frio da noite, e a hora em que a maioria dos homens doentes e feridos desistia e era levada embora para aquele verdadeiro País Desconhecido.

Crozier engatinhou para sob os cobertores e afundou o rosto no colchão de crina gelado. Quinze minutos ou mais se passariam antes que seu calor corporal começasse a aquecer o espaço cercado. Com sorte ele adormeceria antes disso. Com sorte teria quase duas horas do sono de um bêbado antes que começasse o dia seguinte de escuridão e frio. Com sorte, pensou enquanto apagava, ele absolutamente não acordaria.

IRVING

Lat. 70° - 05' N., Long. 98° - 23' W.

13 de novembro de 1847

Silêncio estava desaparecida, e era obrigação do terceiro-tenente John Irving encontrá-la.

O capitão não ordenara que ele fizesse isso... não exatamente. Mas o capitão Crozier havia dito a Irving para vigiar a esquimó quando os capitães decidiram mantê-la a bordo do HMS *Terror* seis meses antes em junho, e o capitão Crozier nunca suspendera essa ordem, então Irving se sentia responsável por ela. Ademais, o jovem estava apaixonado por ela. Sabia que era tolice – até mesmo insanidade – se apaixonar por uma selvagem, uma mulher que não era sequer cristã, e uma nativa sem educação que não falava uma palavra de inglês, ou na verdade de língua nenhuma, com a língua arrancada como tinha, mas ainda assim Irving era apaixonado por ela. Algo nela deixava o alto e forte John Irving com as pernas bambas.

E ela tinha sumido.

Haviam notado pela primeira vez que não estava no espaço destinado a ela – aquela pequena caverna montada em meio às caixas na parte abarrotada do convés inferior logo após a enfermaria – na quinta-feira, dois dias antes, mas os homens estavam acostumados às idas e vindas de Lady Silêncio. Ela passava tanto tempo no navio quanto fora dele, mesmo à noite. Irving relatara ao capitão Crozier na tarde de quinta-feira, 11 de novembro, que Silêncio sumira, mas o capitão, Irving e os outros a haviam encontrado no gelo duas noites antes. Então, depois que os restos de Strong e Evans foram descobertos,

ela sumira de novo. O capitão dissera para não se preocupar, que ela apareceria.

Mas não aparecera.

A tempestade começara naquela manhã de quinta, levando neve pesada e ventos fortes. As equipes de trabalho sofrendo à luz de lanternas para consertar os moledros que marcavam as trilhas entre o *Terror* e o *Erebus* – colunas cônicas de tijolos de gelo com um metro e vinte de altura a cada trinta passos – haviam sido obrigadas a retornar aos navios naquela tarde e não conseguiram voltar ao gelo desde então. O último mensageiro do *Erebus*, que chegara no final de quinta e fora forçado a permanecer no *Terror* por causa da tempestade, confirmara que Silêncio não estava a bordo do navio do comandante Fitzjames. Na manhã daquele sábado, as sentinelas estavam sendo trocadas no convés a cada hora e ainda assim os homens voltavam para baixo cobertos de gelo e tremendo de frio. Grupos de trabalho haviam sido mandados para a tempestade com machados a cada três horas para arrancar o gelo das vergas e cordas restantes para que o navio não virasse com o peso. O gelo que caía também era um risco para aqueles de sentinela e danificava o próprio convés. Os homens lutavam com pás para tirar a neve do convés gelado do *Terror* inclinado para frente antes que atingisse um volume que os impedisse de manter as escotilhas abertas.

Quando o tenente Irving informou novamente ao capitão Crozier na noite daquele sábado depois do jantar que Silêncio ainda estava sumida, o capitão dissera: “Se ela está lá fora no meio disso, talvez não volte, John. Mas você tem permissão de vasculhar o navio inteiro esta noite depois que a maioria dos homens estiver nas redes, no mínimo para confirmar que partiu.”

Embora a vigia de Irving como oficial de convés tivesse terminado horas antes naquela noite, o tenente recolocou suas roupas de frio, acendeu uma lamparina a óleo e subiu a escada para o convés novamente.

As condições não haviam melhorado. Caso fosse possível, estavam piores do que quando Irving descera para o jantar cinco horas antes. O vento uivava do noroeste, soprando neve à frente e reduzindo a visibilidade de três metros ou menos. O gelo voltara a cobrir tudo, embora houvesse um grupo de cinco homens com machados cortando e gritando em algum lugar à frente na lona

carregada de neve que afundava acima da escotilha. Irving conseguiu sair em meio a trinta centímetros de neve nova sob a pirâmide de lona, a lanterna sendo soprada na direção do seu rosto enquanto procurava um dos homens que *não* brandia um machado no escuro.

Reuben Male, capitão do castelo de proa, estava de plantão de sentinela e oficial de grupo de trabalho, e Irving o encontrou seguindo o brilho fraco da lanterna do outro a bombordo.

Male era um monte de lã com gelo grudado. Até mesmo o rosto se escondia sob um capuz improvisado com camadas enroladas de cachecóis pesados. A escopeta aninhada em seu braço grosso estava coberta de gelo. Os dois homens tinham de gritar para serem escutados.

– Vê alguma coisa, sr. Male? – gritou o tenente Irving, se inclinando perto do grosso turbante de lã que era a cabeça do capitão do castelo de proa.

O homem menor baixou um pouco o cachecol. O nariz estava branco de gelo.

– Está falando dos grupos no gelo, senhor? Não consigo vê-los assim que vão acima das primeiras vergas. Eu apenas escuto, senhor, enquanto cubro o turno de vigia do jovem Kinnaird a bombordo. Ele esteve no terceiro grupo de pás, senhor, e ainda não descongelou.

– Não, quero dizer no gelo! – gritou Irving.

Male riu. Foi, literalmente, um riso abafado.

– Nenhum de nós vê o gelo há 48 horas, tenente. O senhor sabe disso. Esteve aqui mais cedo.

Irving anuiu e enrolou o cachecol mais apertado sobre testa e rosto.

– Ninguém viu Silêncio... Lady Silêncio?

– O quê, senhor? – perguntou o sr. Male, se aproximando, tendo entre eles a coluna de metal e madeira da escopeta, coberta de gelo.

– Lady Silêncio? – berrou Irving.

– Não, senhor. Pelo que entendo ninguém vê a esquimó há dias. Deve ter ido embora, tenente. Morrido em algum lugar lá fora, e já vai tarde, é o que digo.

Irving anuiu, deu um tapinha no grande ombro de Male com sua própria grande luva e contornou a popa – mantendo-se afastado do mastro principal,

de onde pedaços enormes de gelo caíam em meio à neve soprando e estilhaçavam no convés como projéteis de artilharia – para falar com John Bates onde o homem vigiava a estibordo.

Bates não vira nada. Sequer conseguira ver os cinco homens do grupo com machados quando começaram a trabalhar.

– Com o seu perdão, senhor, mas não tenho relógio e temo não ouvir o sino com todas as machadadas e quedas, o vento soprando e o gelo estilhaçando, senhor. Ainda falta muito tempo neste turno?

– Você ouvirá o sino quando o sr. Male tocá-lo – gritou Irving se inclinando mais para perto do globo de lã coberto de gelo que era a cabeça do jovem de 26 anos. – E ele fará a ronda para conferir antes de descer. À vontade, Bates.

– Sim, senhor.

O vento tentou derrubar Irving enquanto ele seguia para a cobertura de lona à frente, esperava um intervalo na queda de gelo – ouvindo os homens xingando e gritando nas vigas principais e no massame acima – e então se escondia sobre a lona congelada, passava pela escotilha e descia as escadas.

Ele procurara nos conveses inferiores várias vezes, claro – especialmente atrás das caixas remanescentes adiante da enfermaria onde a mulher antes tinha sua caverna –, mas desta vez Irving foi para a popa. O navio estava silencioso naquela hora tardia a não ser pelos estampidos e pancadas no convés acima, os roncões dos homens exaustos em suas redes à frente e as habituais batidas e imprecações do sr. Diggle na direção do fogão, e o sempre presente uivo do vento e raspar do gelo.

Irving abriu caminho ao longo do corredor escuro. A não ser pelo quarto do sr. Male, nenhum dos cubículos de dormir ali na terra dos oficiais estava vazio. O HMS *Terror* havia tido sorte nesse sentido. Enquanto o *Erebus* perdera vários oficiais para a coisa do gelo, incluindo sir John e o tenente Gore, nenhum dos oficiais, suboficiais e mestres do *Terror* havia morrido, a não ser o jovem John Torrington, o foguista-chefe, que morrera de causas naturais um ano e meio antes na ilha Beechey.

Não havia ninguém na Grande Cabine. Raramente era quente o bastante para se ficar muito tempo ali, e mesmo os livros encadernados com couro

pareciam frios em suas prateleiras; o instrumento de madeira que tocava discos metálicos de música quando recebia corda estava silencioso naqueles dias. Irving teve tempo de perceber que a lamparina do capitão Crozier ainda estava acesa atrás da divisória antes de avançar pelos refeitórios vazios de oficiais e imediatos e de volta para a escada.

O último convés abaixo estava, como sempre, muito frio e escuro. Com menos grupos indo buscar provisões ali por causa do severo racionamento devido às muitas latas de comida estragadas que os cirurgiões haviam descoberto, e menos carregadores de sacos de carvão por causa do suprimento de carvão que se esgotava e da redução das horas de aquecimento do navio, Irving se viu sozinho no espaço gelado. As vigas de madeira pretas e as braçadeiras de metal cobertas de gelo gemiam ao redor dele enquanto avançava antes de retornar para a popa. A luz da lanterna parecia ser engolida pela escuridão densa, e Irving tinha dificuldade em ver o brilho fraco em meio à nevoa de cristais de gelo criada por sua própria respiração.

Lady Silêncio não estava na proa – não no depósito do carpinteiro, o depósito do contramestre, nem na Sala do Pão quase vazia atrás desses compartimentos fechados. A seção do meio do último convés estivera abarrotada do convés ao teto com caixas, barris e outras embalagens de suprimentos quando o *Terror* zarpara, mas agora muito do espaço ficara livre. Lady Silêncio não estava em lugar algum ali.

O tenente Irving entrou na Sala de Bebidas usando a chave que o capitão Crozier emprestara. Restavam garrafas de conhaque e vinho, ele podia ver pelo brilho fraco da luminária, mas sabia que o nível do rum era baixo no enorme recipiente principal. Quando o rum acabasse – quando o suprimento diário de grogue para os homens ao meio-dia desaparecesse –, então, o tenente Irving sabia, como todos os oficiais da Marinha Real sabiam, o motim se tornaria uma preocupação muito mais grave. O sr. Helpman, administrador do capitão, e o sr. Goddard, capitão do porão, haviam relatado recentemente que estimavam restar mais cerca de seis semanas de rum, e que isso apenas se o quarto de quartilho padrão diluído com três quartos de água fosse cortado à metade. Os homens resmungariam mesmo assim.

Irving não achava que Lady Silêncio pudesse ter se esgueirado para dentro da Sala de Bebidas trancada, a despeito de todos os sussurros dos homens sobre seus poderes de bruxa, mas vasculhou o espaço cuidadosamente, olhando sob tampos de mesa e balcões. As muitas fileiras de facões, baionetas e mosquetes nas prateleiras acima dele cintilavam friamente à luz da lamparina.

Ele seguiu para o Depósito do Artilheiro, na popa, com seu adequado suprimento remanescente de pólvora e balas, olhou dentro do estoque particular do capitão – só havia as poucas garrafas de uísque remanescentes de Crozier nas prateleiras, a comida tendo sido dividida entre os outros oficiais nas semanas anteriores. Então procurou na Sala de Velas, Sala de Roupas, armários de cabos de popa e no depósito do imediato. Se o tenente John Irving fosse uma mulher esquimó tentando se esconder a bordo do navio, achava que teria escolhido a Sala de Velas, com pilhas e rolos basicamente intocados de velas extras, lençóis e equipamento de navegação havia muito sem uso.

Mas ela não estava lá. Irving se assustou na Sala de Roupas quando sua lanterna mostrou uma figura alta e silenciosa de pé nos fundos da sala, ombros se projetando de uma antepara escura, mas eram apenas alguns sobretudos de lã e um gorro galês pendurados em um gancho.

Trancando as portas atrás, o tenente desceu a escada para o porão.

O terceiro-tenente John Irving, embora parecesse mais jovem do que era por causa de sua aparência loura infantil e a facilidade em ruborizar, não estava apaixonado pela esquimó por ser um virgem ansioso. Na verdade, Irving tivera mais experiência com o sexo frágil que muitos dos exibidos do navio que enchiam o castelo de proa de histórias das suas conquistas sexuais. O tio de Irving o levava ao porto de Bristol quando o garoto fizera 14 anos, o apresentara a uma prostituta do porto limpa e agradável chamada Mol, e pagara pela experiência – não apenas uma ajoelhada rápida em um beco, mas uma noite e uma manhã de verdade em um quarto limpo sob o teto de uma velha hospedaria debruçada sobre o cais. Isso dera ao jovem Irving um gosto pelo físico ao qual se entregara muitas vezes desde então.

Nem Irving tivera menos sorte com as damas da sociedade educada. Ele cortejara a filha mais jovem da terceira família mais importante de Bristol, os

Dunwitt-Harrison, e aquela menina, Emily, permitira, mesmo iniciara, intimidades pessoais que a maioria dos jovens teria vendido o bago esquerdo para experimentar com tão pouca idade. Ao chegar a Londres para completar sua formação naval em artilharia a bordo na canhoneira de treinamento HMS *Excellent*, Irving passara os fins de semana encontrando, cortejando e desfrutando da companhia de várias jovens damas atraentes da classe alta, incluindo a generosa srta. Sarah, a tímida porém no final surpreendente srta. Linda e a verdadeiramente chocante – em particular – srta. Abigail Elisabeth Lindstrom Hyde-Berrie, de quem o terceiro-tenente de aparência juvenil logo se viu noivo.

John Irving não tinha intenção de se casar. Pelo menos não na casa dos 20 anos – seu pai e seu tio haviam lhe ensinado que esses eram os anos em que ele poderia conhecer o mundo e se entregar à farra –, e mais provavelmente não quando na casa dos 30. Ele não via nenhuma boa razão para se casar na casa dos 40. Então, embora Irving nunca tivesse pensado no Serviço de Descobertas – nunca gostara de clima frio, e a ideia de ficar congelado em um dos dois polos era absurda e assustadora para ele – na semana seguinte após acordar noivo o terceiro-tenente cedeu ao estímulo de seus camaradas mais velhos George Hodgson e Fred Hornby e foi a uma entrevista de transferência no HMS *Terror*.

O capitão Crozier, obviamente de péssimo humor e ressaca naquela bela manhã de sábado de primavera, olhara feio, criticara, censurara e questionara cuidadosamente. Rira de sua formação em artilharia em um navio sem mastros e exigira saber qual poderia ser sua utilidade em uma expedição a bordo de um veleiro que levava apenas armas pequenas. Então perguntou claramente se iriam “cumprir seu dever como ingleses” (o que quer que isso significasse, Irving lembrava de ter pensado, quando tais ingleses estavam presos em um mar congelado a 1.600 quilômetros de casa), e imediatamente lhes dera leitos.

A srta. Abigail Elisabeth Lindstrom Hyde-Berrie ficou perturbada, claro, e chocada por seu noivado se estender por meses ou mesmo anos, mas o tenente Irving a consolou primeiramente com a garantia de que o dinheiro extra do Serviço de Descobertas seria uma absoluta necessidade para eles, e depois explicando sua necessidade de aventura e a seguir a fama e a glória que

poderiam advir de escrever um livro quando de seu retorno. A família dela entendeu essas prioridades, mesmo que a srta. Abigail não entendesse. Então, quando sozinhos, ele acabou com lágrimas e raiva com abraços, beijos e carícias experientes. O consolo levou a alturas interessantes – o tenente Irving sabia que poderia muito bem ser pai naquele momento, dois anos e meio após o consolo. Mas não ficara infeliz de dar adeus à srta. Abigail algumas semanas depois quando o *Terror* soltou amarras e foi levado embora por dois rebocadores a vapor. A jovem desconsolada ficou no cais de Greenhithe com seu vestido de seda verde e rosa sob um guarda-sol rosa e agitou o lenço de seda rosa combinando, usando outro lenço de algodão mais barato para enxugar as lágrimas copiosas.

Ele sabia que sir John esperava plenamente parar em Rússia e China após cruzar a Passagem Noroeste, de modo que o tenente Irving já fizera planos de se transferir para um navio da Marinha Real lotado naquelas águas, ou mesmo de abandonar a Marinha, escrever seu livro de aventuras e cuidar dos negócios de seda e chapelaria do tio em Xangai.

O porão estava mais escuro e frio que o último convés.

Irving odiava o porão. Lembrava a ele um túmulo, ainda mais que seu catre gelado ou o convés inferior mal iluminado e gelado. Ele só ia lá quando precisava, principalmente para supervisionar a estocagem de cadáveres – ou partes de cadáveres – na Sala dos Mortos trancada. Todas as vezes pensava em se logo alguém estaria supervisionando a estocagem de seu próprio cadáver ali. Ergueu a lanterna e seguiu para a popa em meio ao ar denso e à lama derretida.

A sala de caldeiras parecia vazia, mas então o tenente Irving viu o corpo no catre junto à antepara de estibordo. Nenhuma lanterna brilhava, apenas o tremeluzir vermelho fraco através da grade de uma das quatro caldeiras fechadas, e à luz fraca o corpo comprido esticado no catre parecia morto. Os olhos abertos do homem fitavam o teto baixo e não piscavam. Nem ele virou a cabeça quando Irving entrou na sala e pendurou a lanterna em um gancho perto do balde de carvão.

– O que o traz aqui embaixo, tenente? – perguntou James Thompson.

O engenheiro continuou sem mover a cabeça ou piscar. Em algum momento no mês anterior ele deixara de se barbear, e agora pelos brotavam por todo seu rosto branco fino. Os olhos do homem estavam no fundo de órbitas escuras. Os cabelos eram desgrenhados e grudados de fuligem e suor. Estava quase congelado ali na sala das caldeiras com o fogo tão baixo, mas Thompson se deitara apenas de calça, camiseta e suspensórios.

– Estou procurando Silêncio – disse Irving.

O homem no catre continuou olhando para o convés acima.

– Lady Silêncio – esclareceu o jovem tenente.

– A bruxa esquimó – disse o engenheiro.

Irving pigarreou. O pó de carvão ali era tão denso que se tornava difícil respirar.

– O senhor a viu, sr. Thompson? Ou ouviu algo incomum?

Thompson, que ainda não havia piscado ou virado a cabeça, deu um riso baixo. O som era perturbador – pedrinhas chacoalhando em um pote – e terminou em tosse.

– Escute – disse o engenheiro.

Irving virou a cabeça. Só havia os barulhos habituais, embora mais altos ali no porão escuro: o gemido lento do gelo pressionando, o ronco mais alto dos tanques de ferro e os reforços estruturais adiante e atrás da sala de caldeiras, o gemido mais distante da nevasca bem acima, o barulho de gelo caindo sendo levado para baixo como vibração através das tábuas do navio, o ronco dos mastros sendo sacudidos em seus encaixes, barulhos aleatórios raspados do casco e um sibilado, guincho e arranhado constante da caldeira e dos canos ao redor.

– Há mais alguém ou algo respirando neste convés – continuou Thompson. – Está ouvindo?

Irving se esforçou, mas não escutou respiração, embora a caldeira soasse como algo grande ofegando.

– Onde estão Smith e Johnson? – perguntou o tenente. Eram os dois foguistas que trabalhavam 24 horas ali com Thompson.

O engenheiro deitado deu de ombros.

– Com tão pouco carvão para jogar atualmente eu só preciso deles algumas horas por dia. Passo a maior parte do tempo sozinho, engatinhando entre canos e válvulas, tenente. Remendando. Tampando. Substituindo. Tentando manter esta... *coisa*... funcionando, circulando água quente pelo convés inferior algumas horas por dia. Em dois meses, três no máximo, isso será apenas teórico. Já não temos carvão para gerar vapor. Logo não teremos carvão para aquecimento.

Irving ouvira esses relatórios no refeitório dos oficiais, mas se interessara pouco pelo assunto. Três meses pareciam uma vida de distância. Naquele exato instante ele tinha de se assegurar de que Silêncio não estava a bordo e informar ao capitão. Iria se preocupar com falta de carvão mais tarde.

– Ouviu os boatos, tenente? – perguntou o engenheiro. A forma comprida no catre ainda não havia piscado nem virado o rosto para Irving.

– Não, sr. Thompson, qual boato?

– Que a... coisa no gelo, a aparição, o diabo... entra no navio sempre que deseja e caminha pelo porão tarde da noite – disse Thompson.

– Não – disse o tenente Irving. – Não ouvi isso.

– Fique sozinho aqui no porão durante turnos suficientes e você ouvirá e verá tudo – disse o homem no catre.

– Boa noite, sr. Thompson – disse Irving, pegando sua lanterna bruxuleante e indo de volta para o corredor e a proa.

Havia poucos lugares a procurar no porão, e Irving tinha a intenção de fazer isso rápido. A Sala dos Mortos estava trancada; o tenente não pedira a chave ao capitão, e depois de verificar que o pesado cadeado estava inteiro e fechado, avançou. Não queria ver o que estava causando os sons de arranhado e mastigação que podia ouvir através da grossa porta de carvalho.

Os 21 enormes tanques de água ao longo do casco não ofereciam espaço para uma esquimó se esconder, então Irving foi aos depósitos de carvão, a lanterna ficando mais fraca no ar denso e escurecido por pó de carvão. Os sacos remanescentes, que antes tomavam cada nicho e estavam empilhados no fundo do casco até as vigas do convés acima, agora apenas acompanhavam a beirada de cada sala tomada de poeira como baixas barreiras de sacos de areia. Ele não conseguia imaginar Lady Silêncio fazendo um novo abrigo naqueles

buracos sem luz, fedorentos e pestilentos – os conveses estavam mergulhados em esgoto e ratos corriam por toda parte –, mas tinha de olhar.

Quando terminou de vasculhar os armários de estocagem de carvão e os depósitos no meio do navio, o tenente Irving foi para as últimas caixas e os barris no porão de vante, bem abaixo da área de repouso da tripulação e do enorme fogão do sr. Diggle dois conveses acima. Uma estrada mais estreita descia do último convés para aquela área de estocagem, e toneladas de madeira pendiam das pesadas vigas acima, transformando o espaço em um labirinto que exigia que o tenente avançasse meio agachado, mas havia muito menos caixas, barris e pilhas de produtos do que dois anos e meio antes.

Mais ratos, porém. Muito mais.

Procurando entre e dentro de algumas das caixas maiores, espiando para ter certeza de que os barris flutuando na água estavam vazios ou lacrados, Irving acabara de contornar a escada vertical da frente quando ouviu respiros ásperos, engasgos e captou um movimento frenético logo além do círculo fraco da luz da lamparina. Era grande, se movia, e não era a mulher.

Irving não tinha arma. Por um mínimo instante ele pensou em largar a lanterna e voltar correndo pela escuridão na direção da passagem no meio do navio. Ele não fez isso, claro, e a ideia havia desaparecido quase mesmo antes de se formar. Deu um passo à frente e com uma voz mais forte e mais autoridade do que achava ser capaz naquele momento, gritou.

– Quem está aí? Identifique-se.

Então os viu à luz da lanterna. O idiota, Magnus Manson, maior homem na expedição, recolocando a calça, os enormes dedos sujos brigando com os botões. Alguns passos atrás, Cornelius Hickey, o assistente de calafate, com menos de um metro e cinquenta, olhos atentos e rosto de fuinha, colocava os suspensórios no lugar.

John Irving ficou boquiaberto. Demorou vários segundos para que a realidade do que estava vendo penetrasse em sua mente e fosse aceita. Sodomitas. Ele ouvira falar disso, claro, brincara com os colegas sobre tais coisas, uma vez testemunhara um chicoteamento na frota quando um alferes confessara ter feito tal coisa, mas Irving nunca achara que estaria em um navio... serviria com homens que...

Manson, o gigante, estava dando um passo sinistro na sua direção. O homem era tão grande que em toda parte abaixo do convés ele tinha de andar agachado e curvado para evitar as vigas, o que dava a ele um passo habitual de corcunda que usava mesmo ao ar livre. Agora, suas enormes mãos brilhando à luz da lamparina, ele parecia um carrasco avançando sobre um homem condenado.

– Magnus – disse Hickey. – Não.

Irving ficou ainda mais boquiaberto. Aqueles... sodomitas... o estavam ameaçando? A pena prescrita para sodomia em um navio da Marinha de Sua Majestade era enforcamento, e duzentos golpes de açoite pela frota – literalmente de um navio para outro no porto – sendo considerados grande leniência.

– Como ousa? – disse Irving, embora sequer ele soubesse se falava da postura ameaçadora de Manson ou de seu ato antinatural.

– Tenente – disse Hickey, as palavras correndo naquele tom agudo de flauta no sotaque de Liverpool do ajudante de calafate –, com seu perdão, senhor, o sr. Diggle nos mandou aqui embaixo para buscar farinha, senhor. Um dos malditos ratos subiu pela perna da calça do marinheiro Manson, senhor, e ele estava tentando ajeitar isso. Cretinos sujos, esses ratos.

Irving sabia que o sr. Diggle não começara a assar os biscoitos da madrugada e que havia muita farinha na despensa do cozinheiro no convés inferior. Hickey não estava sequer tentando tornar sua mentira convincente. Os olhos hostis e avaliadores do homem lembravam a Irving os ratos que corriam na escuridão ao redor deles.

– Agradeceríamos se não contasse a ninguém, senhor – continuou o ajudante de calafate. – Magnus aqui odiaria ser alvo de zombaria por ter medo de um ratinho subindo por sua perna.

As palavras eram um desafio e uma ousadia. Quase uma ordem. A insolência exalava do homenzinho em ondas enquanto Manson ficava ali de olhos vazios, idiota como uma besta de carga, mãos enormes ainda flexionadas, esperando passivamente o comando de seu diminuto amante. O silêncio entre os dois homens se prolongou. Gelo gemeu contra o navio. Tábuas estalaram. Ratos passaram correndo.

– Saiam daqui – disse Irving finalmente. – *Agora*.

– Sim, senhor. Obrigado, senhor – disse Hickey. Ele pegou uma pequena lanterna que estava no convés perto dele. – Venha, Magnus.

Os dois homens subiram apressados a estreita escada da frente para a escuridão do último convés.

O tenente Irving ficou onde estava por longos minutos, escutando, mas não ouvindo os gemidos e estalos do navio. O uivo da nevasca era como um lamento distante.

Se ele relatasse aquilo ao capitão Crozier haveria um julgamento. Manson, o idiota da aldeia daquela expedição, era estimado pela tripulação, embora eles o provocassem muito por seu medo de fantasmas e demônios. O homem fazia o trabalho pesado de três camaradas. Hickey, embora não especialmente estimado por qualquer dos outros suboficiais ou oficiais, era respeitado pelos marinheiros comuns por sua capacidade de conseguir para os amigos tabaco extra, uma dose a mais de rum ou uma peça de roupa necessária.

Crozier não iria enforcar nenhum dos homens, achava John Irving, mas o capitão estava particularmente de péssimo humor nas últimas semanas, e as punições poderiam ser dramáticas. Todos no navio sabiam que poucas semanas antes o capitão ameaçara trancar Manson na Sala dos Mortos com o cadáver mastigado por ratos de seu companheiro Walker caso o idiota enorme recusasse novamente uma ordem de carregar carvão no porão. Ninguém ficaria surpreso caso cumprisse a promessa agora.

Por outro lado, pensou o tenente, o que ele acabara de ver? O que poderia afirmar, a mão na Bíblia Sagrada, caso realmente houvesse um inquérito? Ele não vira nenhum ato antinatural. Não flagrara os dois sodomitas no ato de copular ou... em qualquer outra posição antinatural. Irving ouvira a respiração, os engasgos, algo que devia ter sido alarme sussurrado com a aproximação de sua lanterna, e então vira os dois lutando para levantar as calças e arrumar as camisas.

Isso seria suficiente para enforcar um ou os dois em circunstâncias normais. Mas ali, presos no gelo, com meses ou anos pela frente antes de qualquer chance de resgate?

Pela primeira vez em muitos anos John Irving sentiu vontade de sentar e chorar. Sua vida simplesmente se tornara complexa além do que pudera imaginar. Se ele denunciasse os dois sodomitas, nenhum dos tripulantes – oficiais, amigos, subordinados – o veria da mesma forma novamente.

Se não denunciasse os dois homens, iria se expor à infinita insolência de Hickey. Sua covardia em não denunciar o homem exporia Irving a uma forma de chantagem por semanas e meses por vir. Nem o tenente voltaria a dormir bem ou se sentir confortável de vigia no escuro fora ou em seu cubículo – por mais confortável que alguém pudesse estar com aquela coisa branca monstruosa matando todos um por um – esperando, como passaria a ser agora, que as mãos brancas de Manson se fechassem em sua garganta.

– Ah, foda-se – disse Irving em voz alta no frio ruidoso do porão. Percebendo exatamente o que tinha dito, riu alto, o riso soando mais estranho, mais fraco, porém mais sinistro que as palavras.

Tendo olhado em toda parte a não ser em alguns barris enormes e no armário de cabos da proa, estava pronto para desistir da busca, mas não queria subir para o convés inferior até que Hickey e Manson estivessem fora de vista.

Irving passou por caixas vazias flutuando – a água estava acima dos tornozelos ali, tão na direção da proa inclinada para baixo, e suas botas encharcadas partiam gelo. Mais alguns minutos e ele sem dúvida teria queimaduras de gelo nos dedos.

O armário de cabos era o ponto mais à frente do porão e vante, bem onde o casco se unia na proa. Não era exatamente uma sala – as duas portas tinham apenas noventa centímetros de altura e o espaço interno não era superior a mais de um metro e vinte de altura –, mas um lugar para estocar as cordas pesadas usadas nas âncoras de proa. O armário de cabos sempre fedia a rio e lama de estuário, mesmo meses após um navio levantar âncora daquele lugar. Nunca perdia totalmente o fedor, e os cabos enormes, enrolados e superpostos deixavam pouco ou nenhum espaço livre no espaço baixo, escuro e fedorento.

O tenente Irving abriu as portas relutantes do armário e levou a lanterna à abertura. O aperto do gelo era especialmente alto ali onde a proa e o gurupés eram pressionados na própria banquisa em movimento.

A cabeça de Lady Silêncio levantou de repente e seus olhos escuros refletiram a luz como os de um gato.

Ela estava nua a não ser por peles brancas amarronzadas espalhadas sob ela como um tapete e outra pele pesada – talvez sua parca – jogada sobre ombros e corpo nu.

O piso do armário de cabos estava mais de trinta centímetros acima do convés inundado abaixo. Ela dera forma e jogara os enormes cabos de lado até o espaço aberto criar uma caverna baixa revestida de pele dentro da massa de enormes cordas de cânhamo penduradas. Uma pequena lata de comida cheia de óleo ou banha fornecia a luz e o calor de uma chama exposta. A esquimó estava comendo um pedaço de carne vermelha, crua, ensanguentada. Cortava diretamente da carne para a boca com golpes rápidos de uma faca curta, mas obviamente muito afiada. A faca tinha um punho de osso ou chifre, com algum desenho. Lady Silêncio estava de joelhos, inclinada para frente sobre a chama e a carne, e seus seios pequenos pendiam de uma forma que lembrava ao erudito tenente Irving imagens que vira da estátua da loba alimentando os bebês Rômulo e Remo.

– Lamento terrivelmente, madame – disse Irving. Ele tocou no quepe e fechou as portas.

Cambaleando alguns passos para trás na água, assustando ratos, o tenente tentou pensar em meio ao choque pela segunda vez em cinco minutos.

O capitão tinha de saber do esconderijo de Silêncio. Apenas o risco de incêndio da chama exposta ali teria de ser algo com o que se lidar. Mas onde ela conseguira a faca? Parecia algo feito por esquimós, em vez de uma arma ou ferramenta do navio. Certamente eles a haviam revistado seis meses antes, em junho. Será que poderia ter escondido aquilo aquele tempo todo?

O que mais poderia estar escondendo?

E a carne fresca.

Não havia carne fresca a bordo, Irving tinha certeza. Ela poderia ter estado caçando? No inverno, sob nevasca e no escuro? E caçando o quê?

As únicas coisas ali no gelo ou sob o gelo eram ursos-brancos e a coisa que espreitava os homens de *Erebus e Terror*.

John Irving teve um pensamento terrível. Por um segundo sentiu a tentação de voltar e testar o cadeado da Sala dos Mortos.

Então teve um pensamento ainda mais terrível.

Apenas metades de William Strong e de Thomas Evans haviam sido encontradas.

O tenente John Irving cambaleou para a popa, pés escorregando no gelo e na lama enquanto tropeçava e abria caminho rumo à escada central de modo a subir e sair para a luz do convés inferior.

GOODSIR

*Lat. 70° - 05' N., Long. 98° - 23' W.
20 de novembro de 1847*

Do diário particular do dr. Harry D. S. Goodsir:

Sábado, 20 de novembro de 1847

Não temos comida suficiente para sobreviver a outro inverno e a outro verão aqui no gelo.

Deveríamos ter. Sir John havia Abastecido os dois navios para Três Anos com rações completas extraordinárias para todos, Cinco Anos para rações reduzidas, mas ainda adequadas para homens fazendo trabalho pesado todos os dias, e Sete Anos com racionamento sério, mas adequado, para todos os homens. Pelos Cálculos de sir John – e dos capitães de seus navios, Crozier e Fitzjames – os HMS Erebus e Terror teriam provisões adequadas até o ano de 1852.

Em vez disso, estaremos consumindo nossos últimos suprimentos consumíveis em algum momento da próxima primavera. E caso todos pereçamos em função disso, a Causa será Assassinato.

O dr. McDonald do Terror suspeitava do suprimento de comida enlatada havia algum Tempo, e partilhou suas preocupações comigo após a Morte de sir John. Depois, o problema com alimentos enlatados estragados e venenosos em nossa Primeira Excursão à Terra do Rei Guilherme no último verão – latas retiradas de uma área mais funda de Estoque abaixo do Convés – confirmou o problema. Em outubro, nós quatro Cirurgiões pedimos ao capitão Crozier e ao comandante Fitzjames que nos permitissem fazer um Inventário Completo. Então nós Quatro

– ajudados por tripulantes designados para nos ajudar a movimentar centenas de caixas, barris e latas pesadas nos dois conveses inferiores, últimos conveses e porões, e abrir e testar amostras selecionadas – fizemos o Inventário duas vezes de modo a não cometer erros.

Mais de Metade da Comida enlatada nos dois navios é imprestável.

Contamos isso há três semanas aos dois capitães na grande e gelada antiga cabine de sir John. Fitzjames, embora nominalmente ainda seja um mero comandante, é chamado de “capitão” por Crozier, o novo Líder da Expedição, e os outros o acompanham. Na reunião secreta estivemos os quatro cirurgiões, Fitzjames e Crozier.

O capitão Crozier – tenho de me lembrar que, afinal, ele é irlandês – demonstrou uma fúria como eu nunca havia visto. Exigiu uma explicação completa, como se Nós Cirurgiões tivéssemos sido responsáveis pelo Suprimento e os Mantimentos da Expedição Franklin. Fitzjames, por outro lado, sempre tivera dúvidas sobre os alimentos enlatados e o fornecedor que os enlatara – o único membro da Expedição ou do Almirantado que parece ter expressado tais reservas –, mas Crozier permaneceu incrédulo que tal ato de fraude criminosa pudesse ter sido levado a cabo em navios da Marinha Real.

John Peddie, cirurgião-chefe de Crozier no Terror, tinha a maior Experiência no mar de todos nós quatro Oficiais Médicos, mas a maior parte havia sido a bordo do HMS Mary – juntamente com o contramestre de Crozier, John Lane – e isso no Mediterrâneo, onde muito pouco do Estoque do Navio consistira em Alimentos Enlatados. Similarmente, meu superior nominal no Erebus, o cirurgião-chefe Stephen Stanley, tinha pouca experiência com tais Grandes Quantidades de Provisões Enlatadas a bordo. Preocupado com as Várias Dietas consideradas Necessárias para prevenir escorbuto, o dr. Stanley ficou mudo de choque quando nosso Inventário sugeriu por intermédio de amostras que metade das latas remanescentes de comida, legumes, carne e sopa poderiam estar Contaminadas ou de outro modo Estragadas.

Apenas o dr. McDonald, que trabalhara com o sr. Helpman – administrador encarregado do capitão Crozier – durante o abastecimento, tinha suas Teorias.

Como registrei há alguns Meses neste Diário, além das 10 mil embalagens de carnes cozinhadas em conserva a bordo do Erebus, nossas rações enlatadas incluem

cordeiro ensopado e assado, vitela, uma grande variedade de legumes, incluindo batata, cenoura e nabo, vários tipos de Sopas e 4.286 quilos de chocolate.

Alex McDonald havia sido o assessor médico de nossa Expedição junto ao capitão superintendente do Deptford Victualling Yard e a um certo sr. Stephan Goldner, o Fornecedor de Alimentos de nossa Expedição. McDonald lembrou ao capitão Crozier em outubro que quatro fornecedores haviam feito propostas para fornecer o estoque enlatado dos navios para a expedição de sir John – as firmas Hogarth, Gamble, Cooper & Aves e o já mencionado sr. Goldner. O dr. McDonald lembrou ao capitão – e chocou o resto de nós – que a proposta de Goldner foi de apenas metade da dos outros três (Muito Mais Conhecidos) fornecedores. Ademais, enquanto os outros fornecedores estabeleceram um cronograma de entregar a comida em um mês ou três semanas, Goldner prometera entrega imediata (com embalagem e frete sem custo adicional). Essa entrega imediata era impossível, claro, e a proposta de Goldner faria com que ele perdesse uma fortuna caso a comida fosse da qualidade anunciada e cozida e preparada das formas anunciadas, mas ninguém além do capitão Fitzjames parece ter reparado nisso.

O Almirantado e os três comissários do Serviço de Descobertas – todos envolvidos na seleção, com exceção do experiente superintendente do Deptford Victualling Yard – imediatamente recomendaram aceitar a proposta de Goldner pelo preço integral, ou mais de 3.800 libras. (Uma fortuna para qualquer homem, mas especialmente para o estrangeiro que, segundo McDonald, Goldner era. A única unidade de enlatamento do homem, disse Alex, ficava em Golatz, na Moldávia.) Goldner recebeu uma das maiores encomendas da história do Almirantado – 9.500 latas de carnes e legumes em tamanhos variando entre uma e oito libras, bem como 20 mil latas de sopa.

McDonald levava um dos folhetos de Goldner – Fitzjames o reconheceu imediatamente – e olhar para ele me deu água na boca: sete tipos de ovelha, 14 pratos de vitela, 13 tipos de carne, quatro de cordeiro. Eram relacionados refogado de lebre, lagópode, coelho (em molho de cebola ou curry), faisão e meia dúzia de outros tipos de caça. Se o Serviço de Descobertas quisesse frutos do mar, Goldner se oferecia para fornecer latas de lagosta na casca, bacalhau, tartaruga das Índias Ocidentais, filés de salmão e arenque de Yarmouth. Para um jantar refinado – por

apenas 15 pence – o folheto de Goldner oferecia faisão com trufas, língua de vitela ao molho picante e filé à la Flamande.

Na realidade, *disse o dr. McDonald*, estamos recebendo cavalo salgado em barril salgado.

Eu estava no Mar havia tempo suficiente para reconhecer os termos – carne de cavalo no lugar de boi até que os marinheiros chamassem as latas de barril salgado. Mas eles comem a carne salgada mesmo assim.

Goldner nos enganou muito pior que isso, *continuou McDonald diante de um capitão Crozier lívido e um comandante Fitzjames que anuíra raivosamente.* Ele colocou alimentos baratos sob rótulos vendidos por muito mais no folheto – “Carne refogada” comum sob um rótulo dizendo “alcatra refogada”, por exemplo. A primeira é vendida por nove pence, mas ele cobrou 14 pence mudando o rótulo.

Bom Deus, *explodiu Crozier.* Todo fornecedor faz isso com o Almirantado. Enganar a Marinha é tão velho quanto o prepúcio de Adão. Isso não explica por que de repente estamos quase sem comida.

Não, capitão, *continuou McDonald.* É o cozimento e a soldagem.

A o quê?, *cobrou o irlandês, obviamente tentando controlar seu Temperamento.* O rosto de Crozier era carmim e branco sob o quepe gasto.

O cozimento e a soldagem, *disse Alex.* Quanto ao cozimento, o sr. Goldner se vangloriou de um processo patenteado no qual ele adiciona um grande volume de nitrato de sódio – cloreto de cálcio – aos enormes tanques de água fervente para aumentar a temperatura de processamento... basicamente para acelerar a produção.

O que há de errado com isso?, *cobrou Crozier.* As latas já estavam atrasadas. Algo precisava ser feito para colocar fogo no traseiro de Goldner. Seu processo patenteado acelerou as coisas.

Sim, capitão, *disse o dr. McDonald*, mas o fogo no traseiro de Goldner foi mais quente do que o fogo naquelas carnes, legumes e outros alimentos que foram cozidos apressadamente antes de enlatados. Muitos de nós na medicina acreditamos que o cozimento adequado dos alimentos os livra de Influências Nocivas que podem causar doenças, mas eu testemunhei pessoalmente os

processos de cozimento de Goldner, e ele simplesmente não cozinhava carnes, legumes e sopas por tempo suficiente.

Por que não informou isso aos comissários do Serviço de Descobertas?, cobrou Crozier.

Ele fez isso, *disse o capitão Fitzjames, cansado*. Assim como eu. Mas o único que escutou foi o superintendente do Deptford Yard Victualling Service, e ele não tinha voto na comissão final.

Então o que está dizendo é que mais de metade de nossa comida estragou nos últimos três anos por causa de métodos ruins de cozimento? *A expressão de Crozier continuava uma mistura de carmim e branco*.

Sim, *disse Alex McDonald*. Mas achamos que a soldagem também tem culpa.

A soldagem das latas?, *perguntou Fitzjames*. *Suas dúvidas acerca de Goldner evidentemente não se estendiam a esse aspecto técnico*.

Sim, comandante, *disse o cirurgião assistente do Terror*. Conservar comida em latas é uma inovação recente – uma faceta impressionante de nossa Era Moderna –, mas sabemos o suficiente por sua utilização nos últimos anos que a soldagem adequada da flange ao longo das costuras do corpo cilíndrico da lata é importante para que os alimentos dentro não apodreçam.

E o pessoal de Goldner não soldou adequadamente essas latas?, *perguntou Crozier*. *Sua voz era um rosnado baixo e ameaçador*.

Não em aproximadamente 60 por cento das latas que inspecionamos, *disse McDonald*. As lacunas na soldagem descuidada resultaram em costuras incompletas. As costuras incompletas parecem ter acelerado a putrefação de carne, vitela, legumes, sopas e outros alimentos enlatados.

Como?, *perguntou o capitão Crozier*. *Ele balançava a grande cabeça como um homem deixado tonto por um golpe físico*. Estivemos em águas polares desde pouco depois dos dois navios deixarem a Inglaterra. Achei que era suficientemente frio aqui para preservar qualquer coisa até o Juízo Final.

Aparentemente não, disse McDonald. Muitas das 29 mil latas de comida remanescentes de Goldner se romperam. Outras já estão estufadas pelos gases produzidos pela putrefação interna. Talvez alguns dos vapores Nocivos tenham penetrado nas latas na Inglaterra. Talvez haja algum organismo microscópico

que a Medicina e a Ciência ainda não conheçam que tenha invadido as latas no transporte ou mesmo na fábrica de alimentos de Goldner.

Crozier franziu o cenho ainda mais. Organismo? Vamos evitar o fantástico aqui, sr. McDonald.

O cirurgião assistente apenas deu de ombros.

Talvez seja fantástico, capitão. Mas o senhor não passou centenas de horas olhando por um microscópio como eu passei. Temos pouca compreensão do que são esses organismos, mas lhe asseguro que, se visse quantos deles estão presentes em uma única gota de água potável, ficaria totalmente sóbrio.

A coloração de Crozier havia aplacado um pouco, mas ele corou novamente com o comentário que poderia ser fruto de seu estado frequentemente menos que sóbrio.

Certo. Parte da comida está arruinada, *disse bruscamente.* O que podemos fazer para garantir que o resto esteja seguro para o consumo dos homens?

Eu pigarreei.

Como sabe, capitão, a dieta de verão dos homens incluía uma ração diária de quinhentas gramas de carne salgada com vegetais, consistindo em apenas um quartilho de ervilhas e trezentos gramas de cevada por semana. Mas eles recebiam pão e biscoitos diariamente. Quando chegamos ao inverno, a ração de farinha foi cortada em 25 por cento na preparação de pão de modo a poupar carvão. Se pudéssemos começar a cozinhar mais tempo as rações de comida enlatada remanescente e voltar a assar pão, isso ajudaria não apenas a impedir que carnes estragadas nos produtos enlatados colocassem em risco nossa saúde, mas também na prevenção do escorbuto.

Impossível, *cortou Crozier.* Mal temos carvão suficiente para aquecer os dois navios até abril do modo como está. Se duvida de mim, pergunte ao engenheiro Gregory ou ao engenheiro Thompson aqui no *Terror.*

Não duvido do senhor, capitão, *eu disse com tristeza.* Falei com os dois engenheiros. Mas sem retomar o cozimento longo dos produtos enlatados remanescentes, nossas chances de envenenamento são muito altas. Tudo o que podemos fazer é jogar fora a comida enlatada obviamente estragada e evitar as muitas latas mal soldadas. Isso reduz dramaticamente nosso estoque remanescente.

E quanto aos fogões a éter?, *perguntou Fitzjames, se animando um pouco.* Podemos usar os fogões de acampamento para aquecer as sopas enlatadas e outras provisões questionáveis.

Foi McDonald quem balançou a cabeça.

Testamos isso, comandante. O dr. Goodsir e eu experimentamos aquecer algum do dito Refogado de Carne enlatado nos fogões a álcool patenteados Aparato de Cozinha. As garrafas de éter de um quartilho não duram o suficiente para esquentar totalmente a comida, e a temperatura é baixa. Ademais, nossos grupos em trenó – ou todos nós, caso sejamos obrigados a Abandonar o Navio – iremos depender dos fogões a álcool para derreter neve e gelo para ter água potável assim que estivermos no gelo. Devemos preservar o álcool.

Eu estive com o tenente Gore em nossa primeira viagem de trenó à Terra do Rei Guilherme, e usamos os fogões a álcool diariamente, *acrescentei com suavidade.* Os homens usavam éter e chamas apenas o suficiente para que as sopas enlatadas fervessem um pouco antes de comer furiosamente. A comida mal ficava tépida.

Houve um longo silêncio.

Vocês relatam que metade da comida enlatada com a qual contávamos para passar o próximo ano, ou dois, caso necessário, está arruinada, *disse Crozier finalmente.* Não temos carvão para cozinhar novamente essa comida nos grandes fogões Frazer do *Erebus* ou do *Terror*, nem nos pequenos fogões de ferro das baleeiras, e me dizem que o combustível é insuficiente para usar os fornos a éter. O que podemos fazer?

Nós cinco – os Quatro Cirurgiões e o capitão Fitzjames – permanecemos em Silêncio. A única resposta era Abandonar os Navios e buscar um clima mais hospitaleiro, preferivelmente em Terra, em algum lugar ao sul, onde pudéssemos abater caça fresca.

Como se lendo nossa mente coletiva, Crozier sorriu – um sorriso irlandês unicamente louco, pensei na época – e disse:

O problema, cavalheiros, é que não há um só homem a bordo de um dos navios, nem mesmo um de nossos veneráveis fuzileiros, que saiba como pegar ou matar uma foca ou morsa – caso essas criaturas um dia voltem a nos

agraciar com sua presença – nem com experiência de caçar animais grandes como renas, das quais não vimos nenhuma.

O resto de Nós permaneceu em silêncio.

Obrigado por sua diligência, o esforço de fazer o Inventário e o excelente relatório, sr. Peddie, sr. Goodsir, sr. McDonald e sr. Stanley. Continuaremos a separar as latas que consideram totalmente soldadas e seguras daquelas insuficientemente soldadas, estufadas, inchadas ou de outra forma visivelmente Pútridas. Permaneceremos no atual regime de dois terços de ração até depois do Natal, quando irei implantar um racionamento mais draconiano.

O dr. Stanley e eu colocamos nossas muitas camadas de roupas de inverno e subimos ao convés para ver o dr. Peddie, o dr. McDonald, o capitão Crozier e uma guarda de honra de quatro marinheiros armados de escopetas começar a longa viagem de volta ao Terror no escuro. À medida que suas lâmparinas e seus archotes desapareciam na neve que soprava e que o vento uivava no cordame, o rugido se misturando ao aperto e o rosnado constantes do gelo agindo sobre o casco do Erebus, Stanley se inclinou mais para perto e gritou em meu ouvido coberto: Seria uma bênção se eles não vissem os moledros e se perdessem no caminho de volta. Ou se a Coisa no gelo os pegasse esta noite.

Eu só consegui me virar e olhar horrorizado para o cirurgião-chefe.

A morte por fome é uma coisa terrível, Goodsir, *continuou Stanley.* Acredite em mim. Eu vi isso em Londres e vi em naufrágios. A morte por escorbuto é pior. Seria melhor se a Coisa nos pegasse a todos esta noite.

E com isso descemos para a Escuridão bruxuleante do convés inferior e para um frio quase igual ao dantesco Nono Círculo de Noite Ártica do lado de fora.

CROZIER

*Lat. 70°- 05' N., Long. 98°- 23' W.
5 de dezembro de 1847*

Em uma vigia de terça-feira na terceira semana de novembro a coisa do gelo foi a bordo do *Erebus* e levou o estimado contramestre sr. Thomas Terry, agarrando-o em seu posto perto da popa, deixando apenas a cabeça do homem na balaustrada. Não havia sangue no posto de vigia de Terry na popa: nenhum sangue no convés coberto de gelo ou no casco. A conclusão foi de que a coisa pegara Terry, o carregara centenas de metros para a escuridão onde os seracos se erguiam como árvores em uma floresta branca densa, assassinou e o desmembrou – talvez comendo-o, embora os homens cada vez mais duvidassem de que a coisa branca que matava seus colegas e oficiais realmente o fazia por comida – e então devolvera a cabeça do sr. Terry antes que os vigias de estibordo ou bombordo percebessem que o contramestre havia desaparecido.

Os homens que encontraram a cabeça do contramestre no final daquele turno de vigia passaram a semana contando repetidamente aos outros sobre a expressão do pobre sr. Terry – mandíbulas arreganhadas como se congeladas no meio de um grito, lábios puxados para trás sobre os dentes, olhos projetados. Não havia um ferimento de dente ou garra no rosto ou na cabeça, apenas o rasgo irregular no pescoço, o tubo fino do esôfago se projetando como o rabo cinza de um rato, e o coto de medula espinhal branca aparecendo.

De repente, os mais de cem marinheiros sobreviventes descobriram a religião. A maioria dos homens a bordo do *Erebus* passara dois anos resmungando das intermináveis cerimônias religiosas de sir John Franklin, mas naquele momento, mesmo homens que não teriam reconhecido uma Bíblia caso acordassem ao lado de uma após três dias de bebedeira, descobriram uma profunda necessidade de algum tipo de tranquilização espiritual. Com a notícia da decapitação de Thomas Terry se espalhando – o capitão Fitzjames colocara o fardo envolto em vela na Sala dos Mortos lacrada no porão do próprio *Erebus* –, os homens começaram a pedir uma cerimônia religiosa única no domingo para as duas tripulações. Foi o cara de fuinha Cornelius Hickey quem procurou Crozier tarde da noite de sexta-feira com o pedido. Hickey estivera em um grupo de trabalho reparando moledros de gelo à luz de archotes entre os navios e conversara com os homens do *Erebus*.

– É unânime, senhor – disse o ajudante de calafate de pé no umbral da pequena cabine do capitão Crozier. – Todos os homens gostariam de uma cerimônia religiosa combinada. Os dois navios, capitão.

– Fala por todos os homens dos dois navios? – perguntou Crozier.

– Sim, senhor, eu falo – disse Hickey, dando um sorriso antes cativante que agora exibia apenas quatro de seus seis dentes remanescentes. O pequeno ajudante de calafate certamente era confiante.

– Duvido disso – retrucou Crozier. – Mas falarei com o capitão Fitzjames e o avisarei sobre a cerimônia. Qualquer que seja a decisão, o senhor será nosso mensageiro para avisar todos os homens.

Crozier estava bebendo quando Hickey batera à porta. E ele nunca gostara do homenzinho intrometido. Todo navio tinha criadores de caso – como ratos, eles eram um fato da vida naval –, e Hickey, a despeito de sua gramática ruim e de sua total falta de educação formal, se revelava a Crozier como o tipo de criador de caso que, em uma viagem difícil, logo começava a fomentar um motim.

– Uma das razões pelas quais todos gostaríamos de uma cerimônia como a que sir John, que Deus abençoe e cuide de sua alma, capitão, costumava oferecer é que todos nós...

– *Dispensado*, sr. Hickey.



Crozier bebeu muito naquela semana. A melancolia que normalmente pairava sobre ele como um nevoeiro baixara como um cobertor pesado. Ele conhecia Terry e o achava um contramestre mais que capaz, e certamente era uma forma horrível de morrer, mas o Ártico – em qualquer polo – oferecia uma miríade de formas horríveis de morrer. Assim como a Marinha Real em tempo de paz ou guerra. Crozier testemunhara um bom número dessas formas horríveis de morrer durante sua longa carreira, de modo que embora a morte do sr. Terry estivesse entre as mais perturbadoras que ele conhecia pessoalmente e a recente peste de mortes violentas, mais assustadora que qualquer peste real que vira a bordo de navios, o que produzira a profunda melancolia de Crozier fora mais a reação dos membros sobreviventes da expedição.

James Fitzjames, o herói do Eufrates, parecia estar perdendo a coragem. Ele fora transformado em herói pela imprensa antes mesmo de seu navio deixar Liverpool quando o jovem Fitzjames pulara da amurada para resgatar um agente da alfândega que se afogava, embora o belo jovem oficial estivesse, como o *Times* dissera, “atrapalhado por sobretudo, chapéu e um relógio muito valioso”. Os comerciantes de Liverpool, conhecendo o valor – como Crozier bem sabia – de um funcionário de alfândega já comprado, recompensaram o jovem Fitzjames com uma placa de prata gravada. O Almirantado tomara conhecimento primeiramente da placa de prata, depois do heroísmo de Fitzjames – embora pela experiência de Crozier um oficial resgatar um homem se afogando fosse um acontecimento quase semanal, já que poucos marinheiros sabiam nadar – e finalmente do fato de que Fitzjames era “o homem mais bonito da Marinha”, bem como um jovem cavalheiro bem-criado.

Não prejudicava a reputação crescente do jovem oficial que ele tivesse se oferecido como voluntário duas vezes para liderar ataques a salteadores beduínos. Crozier soube pelos relatórios oficiais que Fitzjames havia quebrado a perna em uma dessas incursões e sido capturado pelos salteadores na segunda aventura, mas o homem mais bonito da Marinha conseguira escapar, o que

tornara Fitzjames ainda mais herói para a imprensa de Londres e para o Almirantado.

Então vieram as Guerras do Ópio, e em 1841 Fitzjames se provou um herói de verdade, sendo condecorado por seu capitão e pelo Almirantado nada menos que cinco vezes. O jovem audacioso – na época com 29 anos – usara foguetes para expulsar os chineses das montanhas de Tzekee e Segoan, foguetes mais uma vez para expulsá-los de Chapoo, travara em terra a Batalha de Woosung e retornara à sua habilidade com foguetes na captura de Ching-Kiang-Fu. Gravemente ferido, o tenente Fitzjames conseguira, de muletas e com curativos, ir à rendição chinesa na assinatura do Tratado de Nanquim. Promovido a comandante com a tenra idade de 30 anos, o homem mais bonito da Marinha recebera o comando da chalupa de guerra HMS *Clio*, e seu futuro brilhante parecia garantido.

Mas então as Guerras do Ópio terminaram em 1844 e – como sempre acontecia a carreiras em ascensão na Marinha Naval quando de repente surgia uma paz traiçoeira – Fitzjames se viu sem comando, em terra e com remuneração pela metade. Francis Crozier sabia que se a oferta de comando feita pelo Serviço de Descobertas a sir John Franklin havia sido um presente dos céus para o velho em grande medida desacreditado, a oferta do efetivo comando do HMS *Erebus* fora uma segunda chance reluzente para Fitzjames.

Mas agora “o homem mais bonito da Marinha” perdera suas bochechas rosadas e o habitual grande humor. Enquanto a maioria dos oficiais e homens mantinha o peso mesmo com dois terços das rações – pois os membros do Serviço de Descobertas recebiam uma dieta mais rica que 99 por cento dos ingleses em terra –, o comandante, agora capitão, James Fitzjames perdera mais de 12 quilos. Seu uniforme pendia frouxamente do corpo. Seus cachos juvenis agora escorriam do quepe ou do gorro galês. O rosto de Fitzjames, sempre um pouco roliço demais, agora parecia chupado, pálido e de bochechas fundas à luz das lamparinas a óleo ou de lanternas penduradas.

A postura pública do comandante, que sempre fora uma mescla relaxada de humor autodepreciativo e comando firme, permanecia a mesma, mas privadamente, com apenas Crozier como testemunha, Fitzjames falava menos, sorria com menor frequência e com demasiada regularidade parecia distraído e

infeliz. Para um homem melancólico como Crozier os sinais eram óbvios. Em certos momentos era como olhar no espelho. A não ser pelo fato de que a expressão melancólica olhando de volta era um devido cavalheiro inglês sibilante, não um ninguém irlandês.

Na sexta-feira, 3 de dezembro, Crozier carregou uma escopeta e deu a longa caminhada solitária pela escuridão fria entre o *Terror* e o *Erebus*. Se a coisa do gelo quisesse pegá-lo, pensou Crozier, mais alguns homens com armas pouca diferença fariam no resultado. Não fizera para sir John.

Crozier chegou em segurança. Ele e Fitzjames discutiram a situação – o moral dos homens, os pedidos de uma cerimônia religiosa, a situação das latas de comida e a necessidade de implantar um racionamento rígido logo depois do Natal – e concordaram que uma cerimônia religiosa combinada no domingo seguinte poderia ser uma boa ideia. Como não havia capelães ou pastores nomeados a bordo – sir John ocupara os dois papéis até o mês de junho anterior –, os dois capitães fariam o sermão. Crozier odiava essa tarefa mais do que tratamento dentário no porto, mas se deu conta de que teria de ser feita.

O humor dos homens estava em um estado perigoso. O tenente Edward Little, oficial executivo de Crozier, relatara que os homens do *Terror* tinham começado a fazer colares e outros fetiches com garras e dentes de alguns dos urso-brancos que haviam abatido durante o verão. O tenente Irving relatou semanas antes que lady Silêncio passara a se esconder no armário de cabos de proa e os homens haviam passado a deixar porções de rum e rações de comida lá no porão como se fazendo oferendas a uma bruxa ou santa em busca de ajuda.

– Estive pensando no seu baile – disse Fitzjames quando Crozier se arrumava para partir.

– Meu baile?

– O Grande Carnaval Veneziano que Hoppner promoveu quando você invernou com Parry – continuou Fitzjames. – Quando você foi de lacaio negro.

– O que tem ele? – perguntou Crozier enquanto enrolava o cachecol sobre pescoço e rosto.

– Sir John tinha três grandes arcas de máscaras, roupas e fantasias – disse Fitzjames. – Eu as encontrei entre seus objetos pessoais.

– Ele tinha?

Crozier estava surpreso. O velho falastrão que celebraria cerimônias religiosas seis vezes por semana caso pudesse e que, a despeito de seus risos frequentes, parecia nunca entender as piadas dos outros, soava como o último tipo de comandante de expedição a carregar arcas de fantasias frívolas do modo como o teatral Parry fizera.

– São velhos – confirmou Fitzjames. – Alguns podem ter pertencido a Parry e Hoppner, podem ter sido os mesmos trajés dos quais você escolheu quando congelado na baía de Baffin há 24 anos, mas há mais de cem trapos ali.

Crozier ficou de pé embrulhado junto à porta da antiga cabine de sir John onde os dois capitães haviam tido sua reunião em voz baixa. Ele queria que Fitzjames fosse diretamente ao ponto.

– Pensei que poderíamos fazer um baile à fantasia para os homens logo – disse Fitzjames. – Nada tão elegante quanto seu Grande Carnaval Veneziano, claro, não com o... incômodo... lá no gelo, mas ainda assim uma diversão.

– Talvez – disse Crozier, permitindo que seu tom transmitisse sua falta de entusiasmo pela ideia. – Vamos discutir isso depois dessa maldita cerimônia religiosa no domingo.

– Sim, claro – disse Fitzjames, apressado. Seu leve cicio se tornava mais pronunciado quando nervoso. – Devo enviar alguns homens para escoltá-lo de volta ao *Terror*, capitão Crozier?

– Não. E durma cedo esta noite, James. Você parece esgotado. Ambos iremos precisar de energia se quisermos fazer um devido sermão para a tripulação reunida no domingo.

Fitzjames sorriu simpaticamente. Crozier achou que era uma expressão pálida e estranhamente perturbadora.



No domingo, 5 de dezembro de 1847, Crozier deixou para trás uma tripulação mínima de seis homens comandados pelo primeiro-tenente Edward

Little – que, como Crozier, preferiria ter suas pedras nos rins retiradas com uma colher a ser obrigado a suportar sermões –, bem como seu cirurgião assistente, McDonald, e o engenheiro, James Thompson. Os outros cinquenta e tantos tripulantes e oficiais sobreviventes marcharam sobre o gelo seguindo seu capitão, o segundo-tenente Hodgson, o terceiro-tenente Irving, o primeiro imediato Hornby e outros mestres, administradores e suboficiais. Eram quase dez horas da manhã, mas estaria absolutamente escuro sob as estrelas piscantes a não ser pela volta da aurora que pulsava, dançava e se movia acima deles, lançando uma longa linha de suas sombras sobre o gelo fraturado. O sargento Soloman Tozer – a marca de nascença chocante em seu rosto especialmente perceptível à luz colorida da aurora – encabeçava a guarda de fuzileiros reais com mosquetes marchando à frente, nos flancos e atrás da coluna, mas a coisa branca do gelo deixou os homens sós naquela manhã de cerimônia.

A última reunião completa das duas tripulações para a cerimônia religiosa – comandada por sir John pouco antes de a criatura carregar seu líder devoto para a escuridão sob o gelo – havia sido no convés aberto sob o sol frio de junho, mas como naquele momento fazia pelo menos 45 graus Celsius abaixo de zero do lado de fora, quando o vento não soprava, Fitzjames arrumara o convés inferior para a cerimônia. O enorme fogão não podia ser retirado, mas os homens haviam erguido as mesas de refeição dos marinheiros até a altura máxima, retirado as divisórias removíveis que delimitavam a enfermaria de proa e outras divisórias que criavam o dormitório dos mestres, o cubículo dos camareiros dos suboficiais e os catres do primeiro e segundo imediato e do segundo mestre. Também tiraram as paredes do refeitório dos mestres e o quarto do cirurgião assistente. O espaço ainda seria apertado, mas adequado.

Além disso, o carpinteiro de Fitzjames, o sr. Weekes, criara um púlpito e uma plataforma baixa. Ele se elevava apenas 15 centímetros por causa da falta de espaço sob as vigas, mesas penduradas e madeira estocada, mas permitiria que Crozier e Fitzjames fossem vistos pelos homens no fundo da massa de corpos apertados.

– Pelo menos ficaremos aquecidos – murmurou Crozier para Fitzjames enquanto o intendente careca do *Erebus*, Charles Hamilton Osmer, liderava os homens nos hinos iniciais.

De fato, os corpos agrupados haviam elevado a temperatura no convés inferior para o ponto mais alto desde que o *Erebus* estava queimando grandes quantidades de carvão e forçando água quente pelos canos de calefação seis meses antes. Fitzjames também tentara iluminar o lugar normalmente escuro e enfumaçado queimando o óleo do navio a uma taxa furiosa em nada menos que três luminárias penduradas que davam ao espaço mais brilho que a qualquer momento desde que a luz do sol penetrara pelos Iluminadores Preston acima, mais de dois anos antes.

Os tripulantes faziam as vigas de carvalho escuro tremer com seu canto. Crozier sabia por seus mais de quarenta anos de experiência que marinheiros adoravam cantar em quase qualquer circunstância. Mesmo se tudo o mais falhasse, durante cerimônias religiosas. Crozier podia ver o alto da cabeça do ajudante de calafate Cornelius Hickey na multidão, enquanto ao lado dele, curvado para que cabeça e ombros não batessem nas vigas acima, estava o gigante idiota Magnus Manson, que berrava o hino em um rugido tão desafinado que fazia o rascar do gelo do lado de fora quase parecer harmonia. Os dois dividiam um dos hinários esfarrapados que o intendente Osmer havia distribuído.

Os hinos finalmente terminaram, e houve o barulho baixo de pés se mexendo, tossidas e pigarros. O ar cheirava a pão recém-assado, já que o sr. Diggle fora para lá horas antes de modo a ajudar o cozinheiro do *Erebus*, Richard Wall, a assar biscoitos. Crozier e Fitzjames haviam decidido que valia a pena gastar o carvão, a farinha e o óleo de lamparina extras naquele dia especial se isso ajudasse o moral dos homens. Os dois meses mais escuros do inverno Ártico ainda estavam por vir.

Chegara a hora dos dois sermões. Fitzjames se barbeara e empoara cuidadosamente, e permitira que seu camareiro pessoal, o sr. Hoar, apertasse colete, calças e paletó largos, de modo que parecia calmo e bonito em seu uniforme com dragonas brilhantes. Apenas Crozier, de pé atrás dele, podia ver as mãos pálidas de Fitzjames se abrindo e fechando enquanto colocava sua Bíblia pessoal no púlpito e a abria nos salmos.

– A leitura hoje será do Salmo 46 – disse o capitão Fitzjames. Crozier teve um leve esgar com o sotaque de classe alta que ficara mais pronunciado com a

tensão.

Deus é nosso refúgio e nossa força,
 socorro sempre alerta nos perigos.
E por isso não tememos se a terra vacila;
 se as montanhas se abalam no seio do mar;
se as águas do mar estrondam e fervem,
 e com sua fúria estremecem os montes.

Há um rio, cujos braços alegam a cidade de Deus,
 santificando as moradas do Altíssimo.
Deus está em seu meio: ela é inabalável,
 Deus a socorre ao romper da manhã.
Povos estrondam, reinos se abalam,
 ele alteia sua voz e a terra se dissolve.
Iahweh dos Exércitos está conosco,
 nossa fortaleza é o Deus de Jacó!

Vinde ver os atos de Iahweh,
 é ele quem na terra faz assombros.
Acaba com as guerras até o extremo da terra,
 quebra os arcos, despedaça as lanças,
 e atira os escudos no fogo.
“Tranquilizai-vos e reconhecei: Eu sou Deus,
 mais alto que os povos, mais alto que a terra!”

Iahweh dos Exércitos está conosco,
 nossa fortaleza é o Deus de Jacó!

Os homens rugiram Amém e remexeram os pés aquecidos em apreciação.
Era a vez de Francis Crozier.
Os homens estavam agitados, tanto por curiosidade quanto por respeito.
Os tripulantes do *Terror* na missa conjunta sabiam que a ideia de seu capitão de

leitura para a cerimônia religiosa era uma recitação solene dos Artigos do Navio – “Se um homem se recusar a obedecer a ordens de um oficial esse homem será açoitado ou executado, punição a ser determinada pelo capitão. Se um homem cometer sodomia com outro membro da tripulação ou com um integrante do gado vivo do navio, esse homem será condenado à morte...” e assim por diante. Os Artigos tinham os devidos peso e tom bíblicos e serviam ao objetivo de Crozier.

Mas não naquele dia. Crozier levou a mão à prateleira sob o púlpito e tirou um pesado livro encadernado em couro. Ele o pousou com um tranquilizador ruído de autoridade.

– Hoje – entoou – lerei do *Livro do Leviatã*, parte um, capítulo 12.

Houve um murmúrio na multidão de marinheiros. Crozier ouviu um tripulante desdentado do *Erebus* na terceira fila murmurar.

– Eu conheço a porra da Bíblia e não existe nenhuma porra de *Livro do Leviatã*.

Crozier esperou pelo silêncio, depois começou.

– Quanto àquela parte da Religião que consiste nas opiniões relativas à natureza dos Poderes Invisíveis...

A voz de Crozier e a cadência de Velho Testamento não deixavam dúvida de quais palavras mereciam letras maiúsculas.

– ... quase nada há com um nome que não tenha sido considerado entre os gentios, em um ou outro lugar, como um Deus ou um Demônio, ou imaginado pelos Poetas como animado, habitado ou possuído por um ou outro Espírito.

“A matéria informe do Mundo era um Deus com o nome de *Caos*.

“O Céu, o Oceano, os Planetas, o Fogo, a Terra, os Ventos eram outros tantos Deuses.

“Os Homens, as Mulheres, um Pássaro, um Crocodilo, um Bezerro, um Cão, uma Cobra, uma Cebola, um Alho-poró, Divinizados. Além disso, encheram quase todos os lugares com espíritos chamados *Daemons*; as planícies, com *Pan*, e *Panises*, ou Sátiros; as Florestas, com Faunos e Ninfas; o Mar, com Tritões, e outras Ninfas; cada Rio e cada Fonte, com um Fantasma do mesmo nome, e com Ninfas; cada casa com seus *Lares* ou Familiares; cada

homem com seu *Gênio*; Inferno, com Fantasmas e Acólitos espirituais como *Caronte*, *Cérbero* e as *Fúrias*; e de noite todos os lugares com *Larvae*, *Lemures*, Fantasmas de homens falecidos, e todo um reino de Fadas e Duendes. Também atribuíram Divindade e dedicaram Templos a meros Acidentes e Qualidades, como Tempo, Noite, Dia, Paz, Concórdia, Amor, Rivalidade, Virtude, Honra, Saúde, Decadência, Febre, e outros semelhantes. E em suas preces, a favor ou contra, a eles oravam, como se houvesse Fantasmas com esses nomes pairando sobre suas cabeças, os quais deixariam cair, ou impediriam de cair, aquele Bem ou Mal a favor do qual, ou contra o qual oravam. Invocavam também seu próprio Engenho, sob o nome de *Musas*; sua própria Ignorância, sob o nome de *Fortuna*; seu próprio Desejo sob o nome de *Cupido*; sua própria Raiva sob o nome de *Fúrias*; seu próprio membro viril sob o nome de *Priapo*; atribuíam suas poluções a *Íncubos* e *Súcubos*; de modo tal que não havia nada que um Poeta pudesse introduzir como pessoa em seu Poema que não se tornasse um *Deus*, ou um *Demônio*.”

Crozier parou e olhou para os rostos brancos que o fitavam.

– E assim termina a Parte Um, Capítulo 12 do *Livro do Leviatã* – disse, e fechou o pesado volume.

– Amém – disseram em coro os alegres marinheiros.



Os homens comeram biscoitos quentes e rações completas de seu adorado porco salgado no jantar daquela noite, com os quarenta e tantos tripulantes extras do *Terror* se reunindo ao redor das mesas baixadas à frente ou usando barris como suporte e arcas marítimas extras como cadeiras. A algaravia era reconfortante. Todos os oficiais dos dois navios comeram na popa, sentados ao redor da mesa comprida na antiga cabine de sir John. Além de seu obrigatório suco de limão antiescorbúptico daquele dia – o dr. McDonald agora temia que os barris de 22 litros estivessem perdendo força – os marinheiros receberam uma dose extra de grogue antes do jantar. O capitão Fitzjames usara o estoque reserva de seu navio e dera a oficiais e suboficiais três belas garrafas de Madeira e duas de brandy.

Por volta de 15 horas, hora civil, os tripulantes do *Terror* se aprontaram, deram adeus a seus equivalentes no *Erebus*, e subiram a escada principal, saíram sob a lona congelada e depois desceram o talude de neve e gelo para o gelo escuro e a longa caminhada de volta sob a aurora ainda cintilante. Havia sussurros e comentários baixos entre os homens sobre o sermão do Leviatã. A maioria dos homens estava certa de que aquilo estava em algum lugar na Bíblia, mas de onde quer tenha vindo, ninguém estava bem certo de o que seu capitão pretendia, embora as opiniões fossem veementes depois da ração dupla de rum. Muitos dos homens ainda brincavam com seus amuletos de boa sorte de dentes, garras e patas de urso-branco.

Crozier, que liderara a coluna, estava quase certo de que voltariam para encontrar Edward Little e o vigia assassinados, o dr. McDonald em pedaços e o sr. Thompson, o engenheiro, desmembrado e espalhado entre os canos e válvulas de seu motor a vapor inútil.

Tudo estava bem. Os tenentes Hodgson e Irving entregaram os pacotes de biscoito e carne que estavam quentes quando haviam deixado o *Erebus* quase uma hora antes. Os homens que ficaram de vigia no frio consumiram primeiro as rações extras de grogue.

Embora estivesse gelado – o calor relativo do convés inferior lotado do *Erebus* de alguma forma tornara o frio exterior pior – Crozier ficou no convés até a troca de guarda. O oficial de serviço era agora Thomas Blanky, o mestre do gelo. Crozier sabia que os homens abaixo estariam no repouso de domingo, muitos já esperando o chá da tarde e depois jantar com sua triste porção de Pobre João – bacalhau salgado fervido com um biscoito – na esperança de que pudesse haver um pouco de queijo para acompanhar seu meio quartilho de cerveja Burton Ale.

O vento estava aumentando, soprando neve pelos campos de gelo cheios de seracos naquele lado do enorme iceberg que bloqueava a visão do *Erebus* a nordeste. Nuvens escondiam a aurora e as estrelas. A noite da tarde ficou muito mais escura. Finalmente, pensando no uísque em sua cabine, Crozier desceu.

BLANKY

Lat. 70° - 05' N., Long. 98° - 23' W.

5 de dezembro de 1847

Meia hora depois do capitão e os outros homens voltando da festa da cerimônia religiosa no *Erebus* terem descido, Tom Blanky não conseguia ver as lanternas de vigia ou o mastro principal com toda neve que circulava. O mestre do gelo ficou contente por aquilo ser naquele momento; uma hora antes e a viagem do grupo de volta do *Erebus* teria sido um problemão.

De sentinela a bombordo sob o comando do sr. Blanky naquela noite negra estava Alexander Berry, de 35 anos – não um homem especialmente inteligente, Blanky sabia, mas confiável e bom nas cordas –, bem como John Handford e David Leys. O último homem, Leys, então de sentinela na proa, acabara de completar 40 anos no final de novembro e os homens haviam feito uma bela festa para ele no castelo de proa. Mas Leys não era o mesmo homem que entrara para o Serviço de Descobertas dois anos e meio antes. No começo de novembro, poucos dias antes do soldado fuzileiro Heather ter seus miolos arrancados quando de sentinela de estibordo e o jovem Bill Strong e Tom Evans terem desaparecido, Davey Leys simplesmente fora para sua rede e parara de falar. Durante quase três semanas Leys simplesmente *sumiu* – os olhos ficavam abertos, olhando para nada, mas não respondia a voz, fogo, sacudidas ou beliscões. Passou a maior parte desse tempo na enfermaria, deitado ao lado do pobre soldado Heather, que de alguma forma respirava mesmo com o crânio aberto e parte do cérebro faltando. Enquanto Heather

ficava ali ofegando, Davey permanecia deitado em silêncio, olhando para o teto sem piscar como se estivesse ele mesmo já morto.

Então, assim como o surto surgira, passou, e Davey era o mesmo de antes. Ou quase o mesmo. Seu apetite voltou – ele perdera quase dez quilos durante o tempo fora do próprio corpo –, mas o velho senso de humor de Davey Leys sumira, assim como seu sorriso juvenil fácil e a disposição de conversar no castelo de proa durante a folga ou o jantar. Também os cabelos de Davey, que eram de um rico castanho-avermelhado na primeira semana de novembro, estavam completamente brancos quando ele saiu da depressão. Alguns dos homens disseram que lady Silêncio colocara um feitiço em Leys.

Thomas Blanky, mestre do gelo por mais de trinta anos, não acreditava em feitiços. Ele sentia vergonha dos homens que usavam garras, patas, dentes e caudas de urso-polar como uma espécie de amuleto contra feitiços. Sabia que alguns dos homens menos educados – reunidos em torno do ajudante de calafate, Cornelius Hickey, de quem Blanky nunca gostara nem respeitara – espalhavam que a Coisa do Gelo era uma espécie de demônio ou diabo – ou *daemon* ou *divell*, como seu capitão depois dissera que era a grafia em seu estranho *Livro do Leviatã* – e alguns ao redor de Hickey já faziam sacrifícios ao monstro, colocando-os diante da cabine de cabos na proa do porão onde todos agora sabiam que lady Silêncio, obviamente uma bruxa esquimó, se escondia. Hickey e seu amigo idiota gigante Magnus Manson pareciam ser os altos sacerdotes desse culto – ou melhor, Hickey era o sacerdote e Manson o acólito que fazia tudo o que Hickey dizia –, e aparentemente os únicos autorizados a levar as várias oferendas ao porão. Blanky descera ao escuro, fedorento e frio sulfuroso recentemente e ficara revoltado de ver pratinhos de peltre com comida, velas queimadas e pequenas doses de rum.

Thomas Blanky não era filósofo natural, mas havia sido uma criatura do Ártico quando homem e menino, trabalhando como marinheiro ou mestre do gelo para baleeiros americanos quando a Marinha Real não tinha utilidade para ele, e conhecia essas regiões polares como poucos na expedição. Embora aquela região fosse desconhecida para ele – pelo que Blanky sabia, nenhum navio antes navegara tão ao sul do estreito de Lancaster e tão perto da Terra do Rei Guilherme, nem tão a oeste da península de Boothia –, a maioria das

terríveis condições árticas era tão conhecida dele quanto um verão em Kent, onde nascera.

Mais conhecida, na verdade, se deu conta Blanky. Ele não via um verão em Kent havia quase 28 anos.

O vento que uivava naquela noite era conhecido, assim como a sólida superfície de gelo, os seracos e cristas de pressão que resmungavam e empurravam o pobre *Terror* mais alto em seu cabrestante de gelo ao mesmo tempo que arrancava a vida dele. O mestre do gelo correspondente no *Erebus*, James Reid, um homem que Blanky respeitava muito, lhe informara naquele mesmo dia depois da estranha cerimônia religiosa que a velha capitânia não iria durar muito. Além de seu estoque de carvão ser ainda menor que o do *Terror*, o gelo prendera o navio de sir John em um aperto mais feroz e menos misericordioso mais de um ano antes, quando haviam sido rapidamente bloqueados em sua atual posição.

Reid sussurrara que como o *Erebus* estava com a popa para baixo no aperto de gelo – posição oposta à de proa caída do *Terror* – a pressão interminável apertava o navio de sir John com mais força, se tornando mais terrível à medida que empurrava o navio que estalava e gemia mais para cima da superfície do mar congelado. O leme já havia sido esmagado e a quilha danificada além de possibilidade de reparos fora de uma doca seca. As placas da popa tinham sido deslocadas – havia noventa centímetros de água congelada na popa, que estava inclinada dez graus, e apenas sacos de areia e compartimentos estanques mantinham o mar longe da sala de caldeiras –, e as poderosas vigas de carvalho, que tinham sobrevivido a décadas de guerra e serviço, estavam se partindo. Pior, a teia de aranha de suportes de ferro instalados em 1845 para tornar o *Erebus* imune ao gelo agora gemia constantemente por causa da pressão terrível. De tempos em tempos, barras menores cediam na junção, com o som de um pequeno canhão sendo disparado. Isso com frequência acontecia tarde de noite e os homens acordavam sobressaltados nas redes, identificavam a fonte da explosão e voltavam a dormir xingando baixo. O capitão Fitzjames costumava descer com alguns dos oficiais para investigar. Os suportes mais pesados resistiriam, disse

Reid, mas apenas atravessando os cascos de camadas de carvalho e ferro que se contraíam. Quando isso acontecesse, o navio iria afundar, com ou sem gelo.

O mestre do gelo do *Erebus* disse que o carpinteiro do navio, John Weekes, passava o dia inteiro e metade da maioria das noites com um grupo de trabalho de não menos de dez homens no porão e no último convés, tampando tudo com todas as tábuas grossas que o navio levara – e muitas discretamente pegadas emprestadas do *Terror* –, mas a resultante teia de madeira da estrutura interna era uma solução temporária, na melhor das hipóteses. A não ser que o *Erebus* escapasse do gelo em abril ou maio, disse Reid citando Weekes, seria esmagado como um ovo.

Thomas Blanky conhecia gelo. No começo do verão de 1846, durante todo o tempo em que guiara sir John e seu capitão rumo sul pelo comprido braço de mar e pelo recém-descoberto estreito ao sul do estreito de Barrow – o novo estreito continuava sem nome em seus diários, mas alguns já o chamavam de “estreito de Franklin”, como se batizar o canal que prendera o velho idiota morto fizesse seu fantasma se sentir melhor de ter sido levado por um monstro –, Blanky permanecera em seu posto no alto do mastro principal, gritando conselhos para o timoneiro, enquanto *Terror* e *Erebus* abriam caminho cuidadosamente por mais de quatrocentos quilômetros de gelo em mutação, passagens estreitas e canais sem saída.

Thomas Blanky era bom no trabalho. Sabia que era um dos melhores mestres do gelo e pilotos do mundo. De seu posto precário no alto do mastro principal – aquelas velhas canhoneiras não tinham cesto da gávea como baleeiras comuns – Blanky podia ver a diferença entre gelo flutuante e gelo acumulado a 12 quilômetros de distância. Adormecido em seu cubículo, ele sabia imediatamente quando o navio saía da passagem glug-glug-glug do gelo moído para o raspado metálico do gelo em lascas. Sabia com um olhar quais pedaços de icebergs eram uma ameaça ao navio e quais podiam ser encarados de frente. De alguma forma, seus olhos envelhecidos podiam distinguir os pequenos icebergs azul-esbranquiçados submersos em um mar azul-acinzentado vivo com cintilações do sol e dizer qual deles iria apenas raspar e rosnar enquanto deslizavam ao longo do casco do navio e qual – como verdadeiros icebergs – colocaria o navio em risco.

Então Blanky se orgulhava do trabalho que ele e Reid haviam feito conduzindo os dois navios mais de quatrocentos quilômetros ao sul e depois a oeste para seu primeiro local de invernada nas ilhas Beechey e Devon. Mas Blanky também se amaldiçoava como sendo um tolo e um vilão por ajudar a levar os dois navios e suas 126 almas quatrocentos quilômetros ao sul e então a oeste de seu local de invernada em Beechey e Devon.

Os navios poderiam ter se retirado da ilha Devon, retornando pelo estreito de Lancaster e depois pela baía de Baffin, mesmo se tivessem precisado esperar dois verões frios, ou mesmo três, para escapar do gelo. A pequena baía ali em Beechey teria protegido os navios da agressão do gelo naquele mar aberto. E mais cedo ou mais tarde o gelo ao longo do estreito de Lancaster teria cedido. Thomas Blanky *conhecia* o gelo de lá. Ele se comportava do modo como o gelo Ártico devia se comportar – traiçoeiro, mortal, pronto para destruí-lo após uma única decisão errada ou lapso momentâneo, mas previsível.

Mas *este* gelo, pensou Blanky enquanto pisoteava na popa escura para impedir os pés de congelar, vendo as lanternas brilhando a bombordo e estibordo onde Berry e Handford andavam com suas escopetas, *este* gelo não era como os gelos que ele conhecia.

Ele e Reid haviam *alertado* sir John e os dois capitães 15 meses antes, imediatamente antes de os navios serem congelados. *Arriscar tudo*, Blanky recomendara, concordando com o capitão Crozier em que precisavam dar meia-volta enquanto ainda havia passagens mínimas, buscar mar aberto o mais perto possível da península de Boothia o mais rápido que pudessem seguir a vapor naquele setembro distante. A água perto de um litoral conhecido – pelo menos o lado leste dele era conhecido de antigos veteranos do Serviço de Descobertas e baleeiros como Blanky – quase certamente teria permanecido líquida por mais uma semana, talvez duas, naquela oportunidade perdida em setembro. Mesmo que não tivessem conseguido seguir para o norte ao longo do litoral novamente por causa de blocos de gelo e velhas banquisas – Reid chamava de *banquisa retorcida* –, estariam infinitamente mais seguros atrás da proteção do que agora tinham certeza, depois da expedição de trenó do falecido tenente Gore no verão anterior, era a Terra do Rei Guilherme de James Ross. Aquela massa de terra, por mais baixa, congelada, varrida pelo

vento e assolada por raios que soubessem ser, teria protegido os navios desse sopro constante de vento Ártico mandado do noroeste pelo diabo, de nevascas, de frio e gelo marinho agredindo interminavelmente.

Blanky nunca vira gelo como aquele. Uma das poucas vantagens das banquias, mesmo quando seu navio estava congelado como uma bala de mosquete disparada sobre um iceberg, era que a banquia se *deslocava*. Os navios, embora aparentemente imóveis, se *moviam*. Quando Blanky fora mestre do gelo na baleeira americana *Pluribus*, em 1836, o inverno começara em 27 de agosto, pegando de surpresa todos, incluindo o experiente capitão americano de um olho só, e os congelando na baía de Baffin a centenas de quilômetros ao norte da baía Disko.

O verão do Ártico seguinte havia sido ruim – quase tão ruim quanto aquele último verão, de 1847, durante o qual não houvera derretimento de verão do gelo, ar quente ou o retorno de pássaros ou outras formas de vida selvagem ali –, mas a baleeira *Pluribus* estava em uma banquia mais previsível, e ficara à deriva mais de 1.100 quilômetros rumo sul até que, no final do verão seguinte, eles chegaram à linha do gelo e conseguiram velejar para o sul através de mares de gelo moído, passagens estreitas e o que os russos chamavam de *polynyas*, fendas no gelo que se abriam enquanto você olhava, até a baleeira americana chegar a mar aberto e velejar rumo sudeste para reformas em um porto da Groelândia.

Mas não ali, Blanky sabia. Não naquele verdadeiro inferno branco esquecido por Deus. Aquela banquia era, como havia descrito aos capitães um ano e três meses antes, mais como uma geleira interminável sendo empurrada desde o Polo Norte. E com a massa em grande medida não mapeada do Canadá ao sul, a Terra do Rei Guilherme a sudoeste e a península de Boothia fora do alcance a norte e nordeste, não havia deriva do gelo ali – como as repetidas leituras com sextante de sol e estrelas por Crozier, Fitzjames, Reid e Blanky continuavam a lhes dizer –, apenas um giro nauseante em uma circunferência de 24 quilômetros. Era como se eles fossem moscas presas em um dos discos metálicos de música não mais usados pelos homens no Grande Salão abaixo. Indo a parte alguma. Sempre retornando ao mesmo ponto repetidamente.

E aquela banquisa era mais como o gelo litorâneo rápido da experiência de Blanky, só que ali no mar o gelo tinha de seis a sete metros e meio de espessura ao redor dos navios, em vez dos noventa centímetros de espessura do gelo rápido comum. Tão grosso que os capitães não conseguiam manter abertos os habituais buracos de incêndio que *todos* os navios presos no gelo preservavam livres o inverno inteiro.

Aquele gelo nem sequer permitiria que enterrassem seus mortos.

Thomas Blanky ficou pensando se teria sido um instrumento do mal – ou talvez apenas de estupidez – quando usara suas habilidades de mais de três décadas como mestre do gelo para levar 126 homens por impossíveis quatrocentos quilômetros através do gelo até aquele lugar onde só o que podiam fazer era morrer.

De repente, houve um grito. Depois um tiro de escopeta. Outro grito.

BLANKY

Lat. 70° - 05' N., Long. 98° - 23' W.

5 de dezembro de 1847

Blanky arrancou a luva externa direita com os dentes, deixou-a cair no convés e ergueu a escopeta. Pela tradição os oficiais de sentinela não ficavam armados, mas o capitão Crozier encerrara essa tradição com uma única ordem. Todo homem no convés ficaria armado o tempo todo. Naquele momento, tendo sacado a luva externa, a fina luva interna de lã de Blanky permitia que o dedo se colocasse sobre o gatilho da escopeta, mas a mão sentiu imediatamente o frio cortante do vento.

Havia sido o brilho da lanterna do marinheiro Berry – sentinela de bombordo – que desaparecera. O disparo da escopeta soara como se viesse da esquerda da estrutura de lona de inverno no meio do navio, mas o mestre do gelo sabia que vento e neve distorciam os sons. Blanky ainda conseguia ver o brilho da lanterna de estibordo, mas ela balançava e se movia.

– Berry? – ele gritou na direção do bombordo escuro. Quase pôde sentir as duas sílabas empurradas para a popa pelo vento uivante. – Handford?

O brilho da lanterna de estibordo desaparecera. Na proa, a lanterna de Davey Leys seria visível além da barraca no meio do navio em uma noite clara, mas aquela não era mais uma noite clara.

– Handford? – chamou o sr. Blanky, começando a avançar para bombordo da comprida cobertura em forma de barraca, carregando a escopeta na mão direita e na esquerda a lanterna que tirara do posto de popa. Ele tinha mais três

cartuchos de escopeta no bolso direito do sobretudo, mas sabia por experiência quanto tempo demorava para pegá-los e carregar naquele frio.

– Berry! – berrou. – Handford! Leys!

Um dos perigos era então que os três homens disparassem uns nos outros em meio ao escuro e à tempestade no convés inclinado e gelado, embora soasse como se Alex Berry já tivesse descarregado sua arma. Não houve um segundo disparo. Mas Blanky sabia que caso se movesse para bombordo da pirâmide congelada e Handford ou Leys de repente fossem investigar, os homens nervosos poderiam atirar em qualquer coisa, mesmo uma lanterna em movimento.

Ainda assim ele se adiantou.

– Berry? – gritou, chegando a dez metros do posto de sentinela de bombordo.

Ele percebeu um movimento borrado em meio à neve que caía, algo grande demais para ser Alex Berry, e depois um barulho mais alto que qualquer escopeta. Uma segunda explosão. Blanky cambaleou dez passos para trás na direção da popa enquanto tonéis, barris de madeira, caixas e outros suprimentos do navio voavam pelo ar. Ele demorou alguns segundos para se dar conta do que acontecera; a pirâmide permanente de lona congelada que seguia de frente para trás ao longo do centro no navio de repente desmoronara, lançando milhares de quilos de neve e gelo acumulados em todas as direções, ao mesmo tempo arremessando o material abaixo, no convés – principalmente piche inflamável, material dos calafates e areia a ser derramada para dar tração sobre a neve deliberadamente jogada sobre o convés – e também derrubando as vergas mais baixas do mastro principal, que haviam sido giradas para frente e para trás mais de um ano antes, de modo a servir de sustentação da barraca e que despencaram sobre a escotilha principal e a escada.

Não havia mais como Blanky e os três outros homens descerem para o convés inferior, nem como os homens lá embaixo subirem para investigar as explosões no convés, não com as vergas principais e todo o peso de lona e neve bloqueando a escotilha. O mestre do gelo sabia que os homens abaixo logo correriam para a escotilha de frente e começariam a soltar as cavilhas de inverno pregadas, mas isso levaria algum tempo.

Estaremos vivos quando eles chegarem aqui?, pensou Blanky.

Movendo-se com o maior cuidado possível sobre a neve coberta de areia no convés inclinado, Blanky contornou a pilha de entulho nos fundos da barraca desabada e começou a descer o corredor estreito a estibordo da pilha.

Uma forma se ergueu diante dele.

Ainda segurando a lanterna no alto com a mão esquerda, Blanky ergueu a escopeta, dedo no gatilho, pronto para atirar.

– Handford! – disse, ao ver o rosto pálido no meio da massa negra de casacos e cachecóis. O gorro galês do homem estava desarrumado. – Onde está sua lanterna?

– Eu a deixei cair – disse o marinheiro. O homem tremia violentamente, as mãos nuas. Ele se encolheu perto de Thomas Blanky como se o mestre do gelo fosse uma fonte de calor. – Eu a deixei cair quando a coisa derrubou a verga. A chama apagou com a neve.

– O que quer dizer com “quando a coisa derrubou a verga”? – cobrou Blanky. – Nenhuma coisa viva conseguiria derrubar a verga do mastro principal.

– *Fez isso* – disse Handford. – Ouvi a escopeta de Berry disparar. Depois ele gritou alguma coisa. Então a lanterna dele apagou. E eu vi alguma coisa... grande, alguma coisa muito grande... saltar sobre a verga e foi quando tudo desabou. Tentei disparar contra a coisa na verga, mas minha escopeta falhou. Eu a deixei na amurada.

Saltar sobre a verga?, pensou Blanky. A verga giratória do mastro principal ficava três metros e meio acima do convés. Nada podia saltar sobre ela. Com o mastro principal preso no gelo, nada podia escalar até ela, igualmente. Ele disse em voz alta:

– Temos de encontrar Berry.

– Não há nada no universo de Deus que me faça ir para bombordo, sr. Blanky. Pode me denunciar e fazer o ajudante de contramestre Johnson me dar cinquenta chicotadas, mas não há nada no universo de Deus que me faça ir lá, sr. Blanky.

Os dentes de Handford batiam tanto que ele mal podia ser entendido.

– Calma – cortou Blanky. – Ninguém vai ser denunciado. Onde está Leys?

Daquele ponto ao lado do posto de sentinela de estibordo, Blanky deveria conseguir ver a lanterna de David Leys brilhando na proa. A proa estava escura.

– A dele apagou ao mesmo tempo que eu larguei a minha – disse Handford batendo os dentes.

– Pegue sua escopeta.

– Não vou voltar lá onde... – começou Handford.

– Malditos sejam seus olhos! – rugiu Thomas Blanky. – Se você não recuperar aquela arma *neste maldito minuto*, cinquenta chicotadas serão *a última maldita coisa* com a qual terá de se preocupar, John Handford. Agora, *mexa-se!*

Handford se mexeu. Blanky o seguiu, nunca dando as costas à pilha de lona desabada no centro do navio. Por causa da neve que caía, a lanterna criava uma esfera de luz de três metros de diâmetro ou menos. O mestre do gelo manteve lanterna e escopeta erguidas. Os braços estavam muito cansados.

Handford tentava recuperar sua arma na neve com dedos obviamente dormentes de frio.

– Onde estão as porras de suas luvas, homem? – mandou Blanky.

Os dentes de Handford batiam demais para que respondesse. Blanky pousou sua própria arma, empurrou de lado os braços do marinheiro e ergueu a escopeta do homem. Ele se assegurou de que o cano único não estava bloqueado com neve, depois a abriu e deu a arma a Handford. Blanky finalmente teve de enfiá-la sob o braço do outro homem para que a segurasse com as duas mãos congeladas. Colocando a sua sob o braço esquerdo, onde poderia pegá-la rapidamente, Blanky tirou uma cápsula do bolso do sobretudo, carregou a escopeta de Handford e a fechou para o homem.

– Se qualquer coisa maior que Leys ou eu sair daquela pilha, aponte e puxe o gatilho mesmo que tenha de usar a porra dos dentes para isso – disse, quase gritando no ouvido de Handford por causa do rugido do vento.

Handford conseguiu anuir.

– Vou para frente tentar achar Leys e ajudá-lo a abrir a escotilha da frente – disse Blanky. Nada parecia se mover na direção da proa em meio ao tumulto escuro de lona congelada, neve deslocada, vergas quebradas e caixas viradas.

– Não consigo... – começou Handford.

– Simplesmente fique onde está – cortou Blanky. Ele pousou a lanterna junto ao homem aterrorizado. – Não atire em mim quando eu voltar com Leys ou juro por Deus que meu fantasma irá assombrá-lo até que morra, John Handford.

A bolha pálida que era o rosto de Handford anuiu novamente.

Blanky seguiu para a proa. Após doze passos ele estava além do brilho da lanterna, mas sua visão noturna não retornou. As partículas de neve dura batiam em seu rosto como chumbo. Acima dele, o vento forte uivava no pouco de cordame que haviam deixado no lugar durante o inverno interminável. Estava tão escuro ali que Blanky tinha de levar a escopeta na mão esquerda – ainda com luvas externas – enquanto corria a direita ao longo da amurada coberta de gelo. Pelo que podia dizer, a verga do mastro principal ali na frente também desabara.

– Leys! – gritou.

Algo muito grande e vagamente branco sob a neve saiu desajeitadamente da pilha de entulho e o deteve no meio do caminho. O mestre do gelo não sabia dizer se a coisa era um urso-branco ou um demônio tatuado, nem se estava três metros à frente ou nove metros de distância no escuro, mas sabia que bloqueara totalmente seu caminho para a proa.

Então a coisa se levantou nas patas traseiras.

Blanky só conseguia ver a massa – sentiu o volume escuro dela basicamente por intermédio do volume de neve que bloqueava –, mas sabia que era enorme. A pequena cabeça triangular, se aquilo era uma cabeça lá no alto da escuridão, se erguia além do espaço onde as vergas tinham estado. Parecia haver dois buracos abertos naquela cabeça triangular clara – olhos? –, mas estavam pelo menos quatro metros e vinte acima do convés.

Impossível, pensou Thomas Blanky.

Ela foi na sua direção.

Blanky ergueu a escopeta com a mão direita, apoiou a coronha no ombro, firmou com a mão esquerda enluvada e disparou.

O clarão e a explosão de centelhas do cano deram ao mestre do gelo o vislumbre de meio segundo dos olhos negros, mortos e sem emoção de um

tubarão olhando para ele – não, não olhos de tubarão, ele se deu conta um segundo depois enquanto a persistência retiniana do disparo o cegava, mas dois círculos de ébano muito mais assustadoramente malévolos e inteligentes que mesmo o olhar de círculos negros de um tubarão –, mas também o olhar impiedoso de um predador que só o vê como comida. E aqueles olhos de poço sem fundo estavam muito acima dele, colocados sobre ombros mais largos que Blanky conseguia abrir os braços, e chegavam mais perto à medida que a forma elevada se lançava para frente.

Blanky arremessou a escopeta inútil sobre a coisa – não havia tempo algum de recarregar – e saltou sobre as linhas principais.

Apenas quatro décadas de experiência no mar permitiram ao mestre do gelo saber, no escuro, em meio à tempestade e sem sequer tentar olhar, exatamente onde estariam as linhas principais geladas. Ele as segurou com os dedos curvados de sua mão direita sem luva externa, lançou as pernas para cima, encontrou as cordas transversais com botas que balançavam, arrancou a luva esquerda com os dentes e começou a escalar para cima enquanto pendurado quase de cabeça para baixo do lado interno das cordas curvadas para dentro.

Quinze centímetros abaixo de seu traseiro e suas pernas, algo rasgou o ar com a força de um aríete de duas toneladas balançando com toda força. Blanky ouviu três grossas cordas verticais das linhas se partir, rasgar... – impossível! – e balançar para dentro, quase derrubando Blanky no convés.

Ele se segurou. Passando a perna esquerda ao redor da face exterior das cordas que continuavam esticadas, ele encontrou apoio na corda gelada e começou a subir mais alto sem parar um segundo. Thomas Blanky moveu-se como o macaco que havia sido quando menino de 12 anos sem posto, achando que os mastros, velas, cordas e massame do navio de guerra de três mastros no qual embarcara haviam sido construídos por Sua Majestade unicamente para sua diversão.

Ele estava então a seis metros de altura, se aproximando do nível da segunda verga – essa ainda colocada no devido ângulo reto em relação ao comprimento do navio – quando a coisa abaixo atingiu a base do cordame

novamente, arrancando da amurada madeira, cavilhas, pinos, gelo e blocos de ferro.

A teia de cordas de escalada balançou para dentro na direção do mastro principal. Blanky sabia que o impacto o derrubaria e jogaria nos braços e presas da coisa abaixo. Ainda incapaz de ver mais do que um metro e meio na escuridão com vento, o mestre do gelo saltou para os ovéns.

Seus dedos gelados encontraram a verga e suas linhas no mesmo instante em que um de seus pés agitados alcançava um apoio. Blanky sabia que era melhor escalar ovéns descalço, mas não naquela noite.

Ele subiu para a segunda verga, mais de sete metros e meio acima do convés, e se agarrou ao carvalho gelado com pernas e braços, do modo como um cavaleiro aterrorizado se aferraria ao corpo de um cavalo, deslizando os pés loucamente pelo ovém duro de gelo para encontrar mais apoio na corda escorregadia.

Normalmente, mesmo no escuro, com vento, neve e granizo, qualquer marinheiro decente podia subir mais 18 metros até o alto até chegar às barras horizontais do mastro principal, de onde poderia lançar insultos sobre seu perseguidor superado como um chipanzé em uma árvore alta jogando frutas ou fezes de um ponto totalmente seguro. Mas isso não existia no HMS *Terror* naquela noite de dezembro. Não havia um ponto totalmente seguro lá em cima para fugir de algo tão poderoso que era capaz de esmagar uma verga principal. E não havia cordame superior para onde um homem pudesse fugir.

Um ano antes, em setembro, Blanky ajudara Crozier e Harry Peglar, capitão da gávea de traquete, a preparar o *Terror* para a invernação pela segunda vez na expedição. Não era um trabalho fácil, nem desprovido de riscos. O cordame e as vergas foram baixados e estocados embaixo. Depois os joanetes e mastaréis foram cuidadosamente baixados – cuidadosamente porque um escorregão com a polia, travamento ou cordoalha presa podia arremessar os pesados mastros através de convés superior, convés inferior, último convés e fundo do casco como uma enorme lança perfurando uma armadura de vime. Navios haviam afundado por causa desses erros ao baixar mastros superiores. Mas se permanecessem instalados, demasiadas toneladas de gelo iriam se acumular durante o inverno interminável. O gelo seria uma barragem

constante de mísseis sobre os homens de sentinela ou de serviço no convés e cordas, mas o peso dele também era capaz de virar um navio.

Restando apenas três cotos dos mastros inferiores – uma visão tão feia para um marinheiro quanto um ser humano com amputação tripla seria para um pintor de paisagens –, Blanky ajudara a supervisionar a retirada de todos os ovéns e cordames restantes; lonas e cabos esticados simplesmente não podiam suportar o peso de tanto gelo e neve. Mesmo os barcos do *Terror* – as duas grandes baleeiras e dois cúteres menores, bem como o esquife do capitão, pinaças, escaleres e dingas, dez no total – haviam sido baixados, invertidos, amarrados, cobertos e guardados no gelo.

Naquele momento, Thomas Blanky estava no ovém da segunda verga do mastro principal, sete metros e meio acima do convés, e tinha apenas mais um nível para subir, e qualquer corda levando ao terceiro e último nível seria mais gelo que corda ou madeira. O próprio mastro principal era uma coluna de gelo com uma cobertura extra de neve na curva para frente. O mestre do gelo montou na segunda verga e tentou olhar para baixo através de escuridão e neve. Estava um breu abaixo. Ou Handford apagara a lanterna que Blanky lhe dera ou ela se apagara sozinha. Blanky imaginava que o homem estava se escondendo no escuro ou morto; de qualquer forma, não seria de ajuda. Com braços e pernas esticados sobre os ovéns da verga, Blanky olhou para a esquerda e viu que ainda não havia luz na proa onde David Leys estivera de sentinela.

Blanky se esforçou para ver a coisa logo abaixo dele, mas havia movimento demais. A lona rasgada sacudindo ao vento, barris rolando no convés inclinado, caixas soltas deslizando – e ele só conseguia identificar uma massa indo na direção do mastro principal, jogando de lado barris de areia de cem e 150 quilos como se fossem vasos de porcelana.

Aquilo não consegue escalar o mastro principal, pensou Blanky. Ele podia sentir o frio da verga através de pernas, peito e virilha. Os dedos começavam a congelar sob as luvas finas. Em algum momento, ele perdera o gorro galês e o cachecol de lã. Fez força para ouvir o som da escotilha da frente sendo despregada e aberta, ouvir gritos e ver lanternas e o grupo de resgate saindo em massa, mas a proa do navio permanecia uma escuridão silenciosa escondida

pela neve. *Aquilo de alguma forma também bloqueou a escotilha da frente? Pelo menos ela não pode escalar o mastro principal. Nada daquele tamanho consegue escalar. Nenhum urso-branco – se aquilo é um urso-branco – tem experiência de escalada.*

A coisa começou a escalar o mastro principal reduzido.

Blanky sentiu a vibração quando ela enfiou as garras na madeira. Ouviu a pancada, a raspada e o resmungo... um resmungo denso, grosso... enquanto escalava.

Ela escalava.

A coisa mais provavelmente chegara aos cotos arrancados da primeira verga simplesmente levantando os braços acima da cabeça. Blanky se esforçou para ver na escuridão e teve certeza de conseguir distinguir a massa peluda e musculosa se erguendo com a cabeça para cima, pernas – ou braços – gigantescos, grandes como um homem, já passando por cima da primeira verga e cravando mais alto para ter apoio ao mesmo tempo que pernas traseiras poderosas e mais garras ali encontravam apoio no carvalho partido das vergas.

Blanky se arrastou mais alguns centímetros ao longo da segunda verga gelada, braços e pernas enrolados na verga horizontal redonda de 25 centímetros sacudida pelo vento em uma espécie de abraço frenético de amante. Havia dois centímetros de neve recente cobrindo a curva externa voltada para a proa da verga que afinava, e depois gelo sobre ela. Ele usava os ovéns como apoio quando podia.

A coisa enorme no mastro principal chegara ao nível da verga de Blanky. O mestre do gelo podia ver seu volume apenas olhando por sobre o ombro e o traseiro, e mesmo então apenas uma gigantesca *ausência* branca onde o traço vertical subliminar do mastro principal deveria estar.

Algo bateu na verga com tanta força que Blanky se elevou no ar, caindo sessenta centímetros de volta na verga com seus bagos e sua barriga, o impacto na verga e nas dobras do ovém congelado deixando-o sem fôlego. Ele poderia ter caído se as duas mãos congelando e a bota direita não estivessem firmemente enroladas nas cordas logo abaixo do fundo da verga. Parecia que um cavalo feito de ferro frio corcoveara e o lançara meio metro no ar.

Houve outro golpe, e teria arremessado Blanky na escuridão nove metros acima do convés, mas ele estava preparado para a segunda pancada e se agarrou com toda força. Mas mesmo estando pronto, a vibração foi tão grande que Blanky escorregou e balançou desamparado *sob* a verga gelada, dedos dormentes e bota chutando ainda enroladas nas cordas. Ele conseguiu se erguer de volta ao alto da verga no momento do terceiro e mais violento golpe. O mestre do gelo ouviu o estalo, sentiu a verga sólida começar a baixar e se deu conta de que só tinha segundos antes que ele e a verga, ovém e cordas, o cordame e as cordas balançando despencassem mais de sete metros e meio sobre o convés negro e o entulho lá.

Blanky fez o impossível. Sobre a verga oscilante, quebrando, inclinada e gelada, ele ficou de joelhos, depois de pé, balançando os dois braços comicamente e de forma absurda para se equilibrar no vento forte, botas escorregando em neve e gelo, depois se lançou no espaço com braços e mãos esticados, buscando uma das cordas invisíveis penduradas que deviam estar, poderiam estar, *podiam estar* em algum lugar ali, considerando a posição inclinada para a proa do navio, o vento forte, o impacto da neve batendo nas cordas finas e os possíveis efeitos da vibração da destruição pela coisa do segundo nível de vergas do mastro principal.

Suas mãos perderam a corda pendurada no escuro. O rosto congelado bateu nela, e, enquanto caía, Thomas Blanky agarrou a corda com as duas mãos, escorregou apenas um metro e oitenta ao longo do comprimento gelado e então começou freneticamente a se enganchar e erguer na direção do terceiro e último patamar de vergas no mastro principal encurtado, menos de 15 metros acima do convés.

A coisa rugiu abaixo dele. Depois veio outro rugido quando a segunda verga, ovém, polia e cordas se soltaram e caíram no convés. O rugido mais alto foi do monstro agarrado ao mastro principal.

Aquele cabo era uma corda simples que normalmente ficava pendurada cerca de oito metros a partir do mastro principal. Servia para descer rapidamente das travas ou vergas superiores, não para ser escalada. Mas Blanky escalou. Apesar do fato de que a corda estava coberta de gelo e balançando ao vento, e apesar de que Thomas Blanky não conseguia mais sentir os

dedos da mão direita, ele escalou a corda como um grumete de 14 anos brincando no cordame com os outros grumetes depois do jantar em uma noite tropical.

Ele não conseguiu subir na verga superior – estava coberta demais de gelo –, mas encontrou as cordas de ovém ali e passou da corda para o ovém frouxo e dobrado sob a verga. Gelo se partiu e caiu no convés abaixo. Blanky imaginou – ou esperou – ter ouvido ruído de rasgar e uma pancada à frente, como se Crozier e os tripulantes estivessem saindo pela escotilha com machados.

Agarrando as cordas congeladas como uma aranha, Blanky olhou para baixo e à esquerda. Ou a neve diminuía ou sua visão noturna melhorara, ou ambos. Ele podia ver a massa do monstro. Subia sem parar para o seu terceiro e último patamar de verga. A forma era tão grande no mastro principal que Blanky achou parecer um grande gato subindo um tronco de árvore muito fino. Exceto, claro, pensou Blanky, que não parecia em nada com um gato a não ser pelo fato de que escalava cravando garras profundamente em gelo, carvalho real e cintas de ferro que uma bala de canhão média não teria penetrado.

Blanky continuou a se afastar pelas cordas, arrancando gelo, enquanto avançava e fazendo com que as cordas e a lona congeladas ragessem como musselina engomada demais.

A forma gigantesca atrás dele chegara ao nível da terceira verga. Blanky sentiu verga e corda vibrando e depois cedendo enquanto uma parcela daquele enorme peso no mastro se passava para as vergas dos dois lados. Imaginando as enormes patas da frente da coisa jogadas sobre as vergas, imaginando uma pata do tamanho do seu peito batendo na verga mais fina ali, Blanky engatinhou e recuou mais rápido, a quase 12 metros do mastro, já além do limite do convés 15 metros abaixo. Um marinheiro que caísse daquele ponto na verga ou cordas quando estivesse trabalhando nas velas cairia no mar. Se Blanky caísse, seria no gelo mais de 18 metros abaixo.

Algo prendeu o rosto e os ombros de Blanky – uma rede, uma teia de aranha, ele estava preso – e por um segundo chegou perto de gritar. Então se deu conta do que era – o cordame principal, os quadrados trançados da corda

de escalada básica da amurada para a segunda trave, transferida, por causa do inverno, para o alto do coto do mastro principal de modo a que grupos de trabalho pudessem soltar o gelo lá. Era o cordame de estibordo que havia sido de forma impossível libertado de suas múltiplas travas ao longo da balastrada e do convés por dois golpes das patas gigantescas da coisa. Tão cheias de gelo que os quadrados de cordas trançadas funcionavam como pequenas velas, as cordas soltas haviam sido sopradas para estibordo bem além do navio.

Mais uma vez, Blanky agiu antes de se permitir pensar na ação. Pensar no próximo movimento, mais de 18 metros acima do gelo, era decidir não fazer aquilo.

Ele se jogou dos ovéns que estalavam para o cordame que balançava.

Como sabia que aconteceria, seu peso repentino balançou as cordas na direção do mastro principal. Ele passou a trinta centímetros da enorme massa peluda nas vergas. Estava demasiado escuro para ver muito mais do que a terrível forma geral dela, mas uma cabeça triangular grande como o tronco de Thomas Blanky se virou em um pescoço comprido e viperino demais para ser deste mundo, e houve um estalo alto quando dentes mais compridos que os dedos congelados de Blanky se fecharam no ar pelo qual ele acabara de passar. O mestre do gelo inalou o hálito da coisa, a exalação quente de carne podre de um carnívoro e predador, não o fedor de peixe que Blanky sentira saindo dos focinhos abertos dos ursos-polares que haviam abatido e esfolado no gelo. Aquele era o fedor quente de carne humana apodrecida misturado com enxofre, quente como o golpe da porta aberta de uma caldeira a vapor.

Naquele instante, Thomas Blanky se deu conta de que os marinheiros que ele silenciosamente amaldiçoara como sendo tolos supersticiosos estavam certos; aquela coisa do gelo era tão demônio ou deus quanto era carne animal e pelo branco. Era uma força a ser aplacada, idolatrada ou simplesmente evitada.

Ele em parte esperara que a corda balançando se prendesse nos cotos das vergas abaixo, ou travasse na verga ou no ovém de bombordo ao passar balançando pelo centro – e aí tudo de que a criatura precisaria seria recolhê-lo como um grande peixe em uma rede – mas o impulso de seu peso e da torção o lançou mais de quatro metros e meio além e para bombordo do mastro principal.

Agora o cordame se preparava para balançar de volta para o enorme antebraço esquerdo que ele podia ver se estendendo em meio à neve soprando e à escuridão.

Blanky se torceu, jogou o peso à frente na direção da proa, sentiu o cordame desajeitadamente rasgado acompanhar sua inércia, e então ele estava soltando as pernas, sacudindo e tentando acertar o pé na verga de terceiro nível daquele lado.

A bota esquerda acertou enquanto ele balançava acima. As solas com suportes escorregaram no gelo e a bota passou, mas quando o cordame voltou na direção da popa, as duas botas encontraram a verga coberta de gelo e ele empurrou com toda a energia das pernas.

A rede emaranhada balançou à frente do mastro principal, mas dessa vez em um arco na direção da popa. As pernas de Blanky estavam penduradas, ainda chutando o ar quatro metros e meio acima da barraca destruída e dos suprimentos abaixo, e ele curvou as costas perto das cordas enquanto balançava na direção do mastro e da coisa que o esperava ali.

Garras cortaram o ar a menos de doze centímetros de suas costas. Mesmo aterrorizado, Blanky ficou maravilhado – ele sabia que o arco produzido por seu chute colocara quase três metros de ar entre ele e o mastro ao passar. A coisa devia ter enfiando as garras de sua pata direita – ou mão, ou unhas do diabo – no próprio mastro enquanto se pendurava quase livre e lançava mais de um metro e oitenta de um braço enorme sobre ele. Mas errara.

Não iria errar novamente quando Blanky voltasse para o centro. Blanky agarrou a beirada do cordame e deslizou para baixo tão rápido quanto faria em uma corda solta, os dedos dormentes se ferindo nas cordas horizontais, cada impacto ameaçando arrancá-lo e jogá-lo na escuridão.

O cordame chegara ao apogeu do arco externo, em algum ponto além da amurada de estibordo, e começava a voltar.

Ainda alto demais, pensou Blanky enquanto as cordas emaranhadas acima voltavam para o mastro principal.

A criatura pegou o cordame facilmente quando chegou ao meio do navio, mas Blanky já estava seis metros abaixo daquele nível, usando suas mãos congeladas nas cordas horizontais para descer ainda mais.

A coisa começou a puxar a massa inteira para ela.

Deus, isso é assombroso, cacete, Thomas Blanky teve tempo de pensar enquanto toda a tonelada ou tonelada e meia de cordame congelado e ser humano era puxada para cima fácil e seguramente como um pescador recolhendo sua rede após lançá-la.

O mestre do gelo fez o que planejara nos dez segundos anteriores de balanço para dentro, escorregando para baixo ao mesmo tempo que deslocava seu peso para trás e para frente – se imaginando como um garoto em um balanço – aumentando o arco lateral enquanto a coisa o puxava para o alto. Por mais rápido que descesse enquanto balançava, a coisa o erguia igual distância para mais perto. Ele chegaria ao fim do cordame mais ou menos ao mesmo tempo que a criatura o erguesse, e ainda estaria 15 metros no ar.

Mas ainda havia flexibilidade suficiente para que pudesse fazer um arco de seis metros a estibordo, as duas mãos nas cordas verticais, pernas esticadas sobre as horizontais. Ele fechou os olhos e recuperou a imagem de um garoto em um balanço.

Houve uma tosse de ansiedade menos de seis metros acima. Então um puxão forte e o cordame inteiro subiu mais um metro e meio ou dois e meio com Blanky nele.

Sem saber se estava seis metros acima do convés ou 14, preocupado apenas com o momento de seu balanço para fora, Blanky torceu o cordame enquanto balançava acima da escuridão de estibordo, chutou com as pernas e se lançou no ar.

A queda pareceu interminável.

Sua primeira providência foi se torcer novamente no ar para não cair de cabeça, costas ou barriga. O gelo não iria ceder – e muito menos, claro, a balastrada ou o convés –, mas não havia mais nada que ele pudesse fazer quanto a isso. O mestre do gelo sabia, enquanto caía, que a vida dependia de aritmética newtoniana simples: Thomas Blanky tornara-se um pequeno problema de balística.

Ele sentiu a balastrada de estibordo passar a um metro e oitenta de sua cabeça e só teve tempo de se encolher e preparar pernas e braços estendidos antes que a parte de baixo do corpo batesse na encosta de neve e gelo que

descia como uma rampa do *Terror* erguido pela pressão. O mestre do gelo fizera a melhor avaliação possível em seu balanço cego para fora, tentando colocar o final de seu arco de queda logo além do caminho de gelo duro como cimento que os homens usavam para entrar e sair do navio, mas também localizar o ponto de impacto atrás dos montes de neve onde as baleeiras estavam enroladas e amarradas sob lonas congeladas e noventa centímetros de gelo.

Ele pousou na ladeira nevada pouco além da rampa de gelo e pouco à popa dos barcos envoltos em neve. O impacto o deixou sem fôlego. Algum músculo se rasgou ou osso quebrou na perna esquerda – Blanky teve tempo de fazer uma prece a quaisquer deuses que estivessem acordados naquela noite para que fosse um músculo e não um osso – e então ele estava rolando pela comprida ladeira íngreme, xingando e exclamando no caminho, levantando sua própria pequena tempestade de neve e xingamentos em meio à nevasca maior soprando ao redor do navio.

Doze metros além do navio, em algum ponto do gelo marinho coberto de neve, Blanky parou de costas.

Ele fez uma avaliação o mais rápido possível. Os braços não estavam quebrados, embora o pulso direito doesse. A cabeça parecia intacta. As costelas doíam e ele tinha dificuldade em respirar, mas achava que isso provavelmente era mais fruto de medo e excitação que de costelas quebradas. Mas sua perna esquerda doía infernalmente.

Blanky sabia que tinha de se levantar e correr... *agora...* mas não conseguiu obedecer a seu próprio comando. Estava totalmente satisfeito de ficar deitado ali de costas, membros estendidos no gelo escuro, sangrando calor para o gelo abaixo e para o ar acima, tentando recobrar o fôlego e a compreensão.

Agora decididamente eram gritos e berros humanos na cobertura de proa. Esferas de luz de lanterna, nenhuma maior que uns três metros, surgiram perto da proa, iluminando as linhas horizontais aceleradas de neve empurrada pelo vento. Então Blanky ouviu o baque pesado e o estrondo enquanto a coisa demoníaca deslizava mastro abaixo para o convés. Houve novos gritos dos homens – agora alarmados, embora não conseguissem ver a criatura

claramente, já que estava mais atrás no meio da confusão de vergas quebradas, cordas caídas e barris espalhados no meio do navio. Uma escopeta soou.

Com dores, ferido, Thomas Blanky ficou de quatro no gelo. Suas luvas internas haviam sumido. As duas mãos estavam nuas. Ele também estava com a cabeça descoberta, seus cabelos grisalhos compridos soprando ao vento, sua trança tendo se soltado durante suas contorções. Não conseguia sentir dedos, rosto ou extremidades, mas tudo entre elas produzia uma dor ou outra.

A criatura passou correndo pela amurada de estibordo na sua direção, a massa iluminada por trás pelo brilho de lanternas, superando a barreira baixa com todas as quatro patas enormes no ar.

Em um instante Blanky estava de pé e correndo para o gelo marinho e para a escuridão de seracos.

Apenas quando estava a uns quinze metros do navio, escorregando, caindo, se levantando e correndo novamente, ele se deu conta de que poderia muito bem ter assinado sua sentença de morte.

Ele deveria ter ficado perto do navio. Deveria ter corrido ao redor dos barcos cobertos de neve a estibordo do casco, subido o gurupés agora fincado no gelo e chegado a bombordo, gritando para os homens acima e pedindo ajuda o tempo todo.

Não, ele se deu conta, ele teria morrido antes de conseguir superar a massa de cordame na proa. A coisa o teria apanhado em dez segundos.

Por que eu corri nesta direção?

Ele tinha um plano antes da queda intencional do cordame. Qual inferno tinha sido?

Blanky podia ouvir raspadas e pancadas no gelo atrás dele.

Alguém, talvez o cirurgião assistente do *Erebus*, Goodsir, dissera uma vez a ele e a alguns outros marinheiros com que rapidez um urso-branco podia investir através do gelo marinho na direção da presa – quarenta quilômetros por hora? Sim, pelo menos isso. Blanky nunca fora um bom corredor. E agora tinha de contornar seracos, cristas de gelo e rachaduras no gelo que não conseguia ver antes que estivessem a pouca distância.

Por isso corri para cá. Esse era o plano.

A criatura estava correndo atrás dele, desviando dos mesmos seracos irregulares e blocos de cristas de pressão ao redor dos quais Blanky passava desajeitadamente no escuro. Mas o mestre do gelo ofegava e chiava como um fole rasgado, enquanto a forma enorme atrás só rosnava levemente – de diversão? Ansiedade? – enquanto as patas da frente batiam no gelo a cada passo que correspondia a quatro ou cinco de Blanky.

Blanky estava no campo de gelo a cerca de duzentos metros do navio. Batendo em um bloco de gelo que não vira até ser tarde demais para desviar, recebendo o impacto no ombro direito e imediatamente sentindo esse ombro dormente se juntando a outras partes dormentes dele, o mestre do gelo se deu conta de que estivera cego como um morcego o tempo todo que correria para salvar a vida. As lanternas no convés do *Terror* estavam longe, bem atrás agora – a uma distância enorme – e ele não tinha tempo ou razão para se virar e procurar por elas. Não podiam iluminar tão longe do navio, e só iriam distraí-lo do que estava fazendo.

O que ele estava fazendo, percebeu Blanky, era correr, desviar e virar seguindo seu mapa mental dos campos de gelo, fissuras e pequenos icebergs que cercavam o HMS *Terror* até o horizonte. Blanky tivera mais de um ano para fitar aquele mar congelado com todas as suas irregularidades, cristas, icebergs e elevações, e por vários meses nesse tempo tivera a pequena luz do dia Ártico para ver. Mesmo no inverno, foram horas de sentinela à luz da lua e das estrelas e ao brilho da aurora dançante em que estudou aquele círculo de gelo ao redor do navio com o olho profissional de um mestre do gelo.

Cerca de duzentos metros no gelo irregular, além de uma última crista de pressão pela qual acabara de cambalear e superar – podia ouvir a coisa saltando sobre ela menos de dez metros atrás –, ele lembrou de um labirinto de antigos pedaços de iceberg, coisas pequenas caídas de seus irmãos maiores, de cabeça para baixo em uma minúscula cadeia de montanhas de penedos de gelo do tamanho de cabanas.

Como se percebendo para onde sua presa condenada seguia, a forma invisível atrás dele grunhiu e aumentou a velocidade.

Tarde demais. Driblando os últimos seracos altos, Blanky entrou no labirinto de icebergs. Ali seu mapa mental falhou – ele só vira o campo de

icebergs em miniatura de longe ou pelo telescópio –, ele bateu em uma parede de gelo no escuro, caiu sentado e estava avançando de quatro na neve com a criatura chegando a poucos metros antes de se recuperar.

A fenda entre dois icebergs do tamanho de carruagens tinha menos de noventa centímetros de largura. Blanky entrou nela – ainda de quatro, as mãos nuas tão insensíveis e distantes quanto o gelo negro sob elas – no instante em que a coisa chegou à abertura e lançou uma pata dianteira gigantesca na sua direção.

O mestre do gelo rejeitou todas as imagens de ratos e gatos enquanto patas inacreditavelmente grandes arrancavam cacos de gelo a menos de 25 centímetros das solas de suas botas. Ele se levantou na passagem estreita, caiu, se levantou novamente e cambaleou para frente em uma escuridão quase absoluta.

Aquilo não era bom. O beco de gelo era curto demais – menos de dois metros e meio – e levava Blanky a uma abertura além. Ele já podia ouvir a coisa correndo e resmungando ao redor do bloco de gelo à sua direita. Podia muito bem estar em um campo de críquete tanto quanto estar ali, e mesmo a fenda, suas paredes mais neve que gelo, seria um esconderijo apenas temporário. Era um lugar onde esperar apenas um minuto na escuridão até que a coisa ampliasse a entrada e abrisse caminho. Era apenas um lugar no qual morrer.

Os pequenos icebergs esculpido pelo gelo que se lembrava de ver pela lente ficavam... em qual direção? À esquerda, pensou.

Cambaleou para a esquerda, bateu em colunas de gelo e seracos que não serviriam, tropeçou em uma fenda que descia apenas uns sessenta centímetros, subiu uma crista baixa de gelo serrilhado, deslizou de volta, subiu novamente e ouviu a coisa passar rápido pelo bloco de gelo, deslizar e parar menos de três metros atrás.

Os icebergs menores começavam logo depois daquele bloco de gelo. Aquele com o buraco que ele observara pela lente seria...

... Essas coisas se movem todo dia, toda noite de todo dia...

... Elas desabam, brotam novamente e ganham novas formas enquanto a pressão os sacode...

... A coisa está subindo a colina de gelo atrás para aquele platô de gelo plano e sem saída onde Blanky agora cambaleia...

Sombras. Fendas. Rachaduras. Becos de gelo sem saída. Nenhum grande o bastante pelo qual ele se esgueirar.

Havia um único buraco de mais ou menos um metro e vinte de altura na face de um pequeno iceberg invertido à sua direita. As nuvens se abriram ligeiramente e cinco segundos de luz das estrelas deram a Blanky iluminação suficiente para ver o círculo irregular na parede de gelo escuro.

Ele se lançou para frente e pulou nele, sem saber se o túnel de gelo tinha dez metros ou dez centímetros. Não coube.

As camadas externas de roupas – roupas de frio e sobretudo – o deixavam muito volumoso.

Blanky arrancou as roupas. A coisa havia subido a última colina e estava atrás dele, se erguendo nas patas de trás. O mestre do gelo não podia ver – não tinha tempo sequer para se virar e olhar – mas podia *senti-la* se erguendo.

Sem se virar, o mestre do gelo jogou sobretudo e outras camadas de lã externa para a coisa atrás, lançando os trajes pesados o mais rápido possível.

Houve um *bufo* de surpresa – um jorro de fodor sulfuroso – e então o barulho das roupas de Blanky sendo rasgadas e jogadas longe no labirinto de gelo. Mas a distração dera a ele pouco mais de cinco segundos.

Ele se jogou novamente no buraco de gelo. Os ombros passaram por pouco. As pontas das botas sacudiram, escorregaram, finalmente firmaram. Joelhos e dedos se curvaram para conseguir apoio.

Blanky estava apenas um metro e vinte dentro do buraco quando a coisa foi atrás dele. Primeiro arrancou a bota direita e parte do pé. O mestre do gelo sentiu o impacto chocante de garras em sua carne e pensou – esperou – que apenas o calcanhar tivesse sido arrancado. Ele não tinha como saber. Engasgando, lutando contra uma pontada de dor que cortou até mesmo a dormência na perna ferida, ele agarrou, retorceu e forçou passagem mais para o fundo do buraco.

O túnel de gelo estava apertando, ficando mais estreito.

Garras raspam gelo e rasgaram sua perna esquerda, arrancando a carne exatamente onde Blanky havia se machucado ao cair do cordame. Sentiu o

cheiro do próprio sangue, e a coisa também deve ter sentido, pois parou de golpear por um segundo. Depois rugiu.

O rugido foi ensurdecido no túnel de gelo. Os ombros de Blanky estavam presos, ele não conseguia avançar mais, e sabia que a metade inferior do seu corpo ainda estava ao alcance do monstro. Rugiu de novo.

O coração e os testículos de Blanky congelaram com o som, mas isso não o deixou paralisado de medo. Usando seus poucos segundos de alívio, o mestre do gelo recuou para o espaço menos apertado pelo qual acabara de se arrastar, forçou os braços para a frente e chutou e empurrou com o joelho usando o resto da força remanescente, arrancando roupas e pele dos ombros e dos lados do corpo enquanto passava por uma abertura no gelo de modo algum feita para um homem mesmo com seu tamanho moderado.

Além daquele ponto mais estreito, o túnel de gelo alargava e descia mais. Blanky se permitiu escorregar para a frente de barriga, o deslizamento lubrificado por seu próprio sangue. O resto das roupas estava em farrapos. Podia sentir o frio penetrante do gelo sobre os músculos contraídos da barriga e a bolsa escrotal apertada.

A coisa rugiu uma terceira vez, mas o barulho horrível parecia estar alguns metros mais longe.

No último instante, pouco antes de se jogar pela beirada do túnel para espaço aberto, Blanky teve certeza de que tudo aquilo havia sido por nada. O túnel – provavelmente produzido por derretimento tantos meses antes – atravessara o limite do pequeno iceberg, mas agora o jogava novamente do lado de fora. De repente, estava deitado de costas sob as estrelas. Podia cheirar e sentir seu sangue encharcando a neve fresca. Podia ouvir a coisa circulando o iceberg, primeiro para a esquerda, depois direita, ansiosa para chegar até ele, confiante, certa de que poderia seguir o cheiro enlouquecedor do sangue humano até sua presa. O mestre do gelo estava ferido e exausto demais para engatinhar mais para longe. Que o que fosse lhe acontecer se desse logo e um Deus de marinheiro mandasse para o inferno aquela maldita coisa que iria comê-lo. A última prece de Blanky foi para que um de seus ossos se cravasse na garganta da coisa.

Passaram-se mais um minuto inteiro e meia dúzia de rugidos – cada um aumentando em volume e frustração, cada um vindo de outro ponto do círculo escuro da noite ao seu redor – antes que Blanky se desse conta de que a coisa não conseguia chegar.

Estava deitado em espaço aberto e sob as estrelas, mas em uma caixa de gelo com não mais de um metro e meio por dois e meio – um cercado criado por pelo menos três dos grandes icebergs sacudidos e colocados juntos pela pressão do gelo marinho. Um dos icebergs tombados pendia sobre ele como uma parede desabando, mas Blanky ainda podia ver as estrelas. Também podia ver luz de estrelas vindo de duas aberturas verticais em lados opostos daquele caixão de gelo – podia *ver* a grande massa do predador bloqueando a luz das estrelas no final dessas rachaduras, a menos de quatro metros e meio dele –, mas as aberturas entre os blocos não tinham mais de 15 centímetros de largura. O túnel derretido pelo qual engatinhara era a única entrada de verdade para aquele espaço.

O monstro rugiu e andou por mais dez minutos.

Thomas Blanky se obrigou a ficar sentado e apoiou costas e ombros lacerados sobre o gelo. Seus casacos e abrigos haviam sumido, e sua calça, dois suéteres, camisas de lã e algodão e camiseta de lã não passavam de farrapos ensanguentados, então ele se preparou para congelar até a morte.

A coisa não estava indo embora. Rondava a caixa de três icebergs como um carnívoro inquieto em um dos novos jardins zoológicos da moda em Londres. Mas era Blanky quem estava em uma jaula.

Sabia que mesmo se a coisa milagrosamente partisse, ele não teria energia nem disposição de engatinhar pelo túnel estreito. E se conseguisse de algum modo atravessar o túnel, poderia muito bem estar na lua – a lua que naquele momento saía de detrás das nuvens que se abriam e iluminava os icebergs ao redor em uma suave explosão de brilho azul. E mesmo se milagrosamente saísse do campo de icebergs, os trezentos metros até o navio eram uma distância impossível. Já não conseguia sentir o corpo ou mover as pernas.

Blanky enfiou seu traseiro gelado e seus pés nus ainda mais fundo na neve – o acúmulo era maior ali onde o vento não chegava – e ficou pensando se seus colegas do *Terror* iriam um dia encontrá-lo. Por que deveriam procurar? Ele

era apenas outro do grupo que havia sido levado pela coisa no gelo. Pelo menos seu desaparecimento não exigiria que o capitão carregasse outro cadáver – ou parte de cadáver enrolado em uma boa vela de navio – para a Sala dos Mortos.

Vieram mais rugidos e barulhos da extremidade distante das fendas e do túnel, mas Blanky os ignorou.

– Foda-se você e a urso ou o diabo que o pariu – murmurou o mestre do gelo por entre lábios dormentes e congelados. Talvez não devesse falar nada.

Ele se deu conta de que congelar até morrer – ao mesmo tempo sangrando até a morte, embora um pouco do sangue de seus vários ferimentos e lacerações já parecesse ter congelado – não era nada doloroso. Na verdade, era pacífico... bastante repousante. Uma forma maravilhosa de...

Blanky se deu conta de que penetrava luz pelas rachaduras e pelo túnel. A coisa estava usando archotes e lanternas para levá-lo a sair. Mas ele não iria cair naquele truque velho. Ficaria em silêncio até a luz ir embora, até ele mergulhar mais um pouquinho no suave sono eterno. Não iria dar à coisa a satisfação de ouvi-lo falar agora depois de seu longo duelo silencioso.

– Que *maldição*, sr. Blanky! – ribombou pelo túnel de gelo o berro grave do capitão Crozier. – Se estiver aí dentro *responda*, maldição, ou simplesmente o deixaremos aí.

Blanky piscou. Ou melhor, tentou piscar. Seus cílios e pálpebras estavam congelados. Seria aquilo mais algum truque ou estratégia da coisa-demônio?

– Aqui – ele grunhiu. E de novo, dessa vez mais alto. – Aqui!

Um minuto depois, a cabeça e os ombros do ajudante de calafate Cornelius Hickey, um dos menores homens no *Terror*, passaram facilmente pelo buraco. Ele levava uma lanterna. Blanky pensou apaticamente que era como ver nascer um gnomo com cara de broca.



No final, todos os quatro cirurgiões cuidaram dele.

Blanky entrou e saiu de seu agradável nevoeiro de tempos em tempos para ver como as coisas estavam indo. Algumas vezes eram os cirurgiões de seu

próprio navio – Peddie e McDonald – e algumas vezes os açougueiros do *Erebus*, Stanley e Goodsir. Às vezes era apenas um dos quatro cortando, serrando, embrulhando ou costurando. Blanky sentia ansiedade de contar a Goodsir que ursos-brancos polares conseguiam correr muito mais rápido do que quarenta quilômetros por hora quando queriam. Mas novamente – havia sido um urso-branco polar? Blanky não achava. Ursos-brancos polares eram criaturas desta terra, e aquela coisa tinha vindo de algum outro lugar. O mestre do gelo Thomas Blanky não tinha dúvidas disso.

No final, a conta do açougue não havia sido tão feia. Na verdade, nada feia.

John Handford não havia sido tocado. Depois que Blanky o deixara com a lanterna, o homem de sentinela em estibordo havia apagado a luz e fugido do navio, correndo para bombordo para se esconder enquanto a criatura subia para pegar o mestre do gelo.

Alexander Berry, que Blanky supusera morto, fora encontrado sob a lona caída e barris espalhados bem onde estivera de pé de sentinela de bombordo quando a coisa aparecera ali e depois estilhaçara a verga de sustentação da barraca à frente e atrás. Berry batera a cabeça com força suficiente para não ter lembrança de nada que aconteceu naquela noite, mas Crozier disse a Blanky que encontraram a escopeta do homem, e havia sido disparada. O mestre do gelo também disparara a sua, claro, à queima-roupa contra uma forma que se erguia acima dele como a parede de um pub, mas não havia sinal de sangue da coisa em nenhum ponto do convés dos dois lados.

Crozier perguntou a Blanky como isso era possível – como dois homens podiam atirar com escopetas em um animal à queima-roupa e não arrancar sangue –, mas o mestre do gelo não arriscou uma opinião. Por dentro, claro, ele *sabia*.

Davey Leys também estava vivo e são. O sentinela de proa de 40 anos devia ter visto e ouvido muito – incluindo muito possivelmente o surgimento da coisa do gelo no convés –, mas Leys não falava sobre isso. Mais uma vez David Leys apenas fitava em silêncio. Foi inicialmente levado para a enfermaria do *Terror*, mas como todos os cirurgiões precisavam daquele espaço sujo de sangue para trabalhar em Blanky, Leys foi transportado de maca para a enfermaria

mais espaçosa do *Erebus*. Segundo os falantes visitantes do mestre do gelo, Leys ficou lá mais uma vez olhando sem piscar para as vigas do teto.

O próprio Blanky não saiu ileso. A coisa havia arrancado metade de seu pé direito no calcanhar, mas McDonald e Goodsir haviam cortado e cauterizado o que restara e garantido ao mestre do gelo que – com a ajuda do carpinteiro ou do ferreiro do navio – iriam fazer uma prótese de couro ou madeira presa por fivelas para que pudesse andar novamente.

A perna esquerda ficara com o pior das agressões da criatura – carne arrancada até o osso em vários pontos e o próprio osso longo da perna estriado por garras –, e o dr. Peddie depois confessou que todos os quatro cirurgiões estavam certos de que teriam de amputá-la no joelho. Mas a demora na infecção e na gangrena em um ferimento era uma das poucas bênçãos do Ártico, e após dar um jeito no próprio osso e receber mais de quatrocentos pontos, a perna de Blanky – embora torta, com feias cicatrizes e muito músculo faltando aqui e ali – estava se curando lentamente.

– Seus netos irão adorar as cicatrizes – disse James Reid quando o outro mestre do gelo fez uma visita de cortesia.

O frio também fizera sua parte. Blanky conseguira ficar com todos os dedos dos pés – precisaria deles para se equilibrar no pé aleijado, os cirurgiões disseram –, mas perdera todos os dedos da mão direita com exceção do polegar e os dois menores e o polegar da mão esquerda. Goodsir, que evidentemente sabia algo dessas coisas, garantiu que um dia ele conseguiria escrever e comer graciosamente com apenas os dois dedos adjacentes da mão esquerda e abotoar calças e camisas novamente com esses dois dedos e o polegar da mão direita.

Thomas Blanky estava cagando para abotoar suas calças e camisas. Não por ora. Estava vivo. A coisa no gelo fizera de tudo para que fosse o contrário, mas ele ainda estava vivo. Podia sentir gosto de comida, conversar com seus colegas, beber sua dose diária de rum – suas mãos com ataduras já eram capazes de segurar sua caneca de peltre – e ler um livro se alguém o colocasse de pé. Estava determinado a ler *O vigário de Wakefield* antes de morrer.

Blanky estava vivo e planejava ficar assim o maior tempo possível. Enquanto isso, se sentia estranhamente feliz. Ansiava por voltar a seu próprio cubículo na popa – entre os do terceiro-tenente Irving e o de Jopson,

camareiro do capitão, espaços igualmente pequenos – e isso iria acontecer a qualquer momento, quando os cirurgiões estivessem absolutamente certos de que haviam acabado de cortar, costurar e cheirar seus ferimentos.

Enquanto isso, Thomas Blanky estava feliz. Deitado em seu catre na enfermaria tarde da noite, os homens resmungando, sussurrando, peidando e rindo no dormitório escuro poucos passos além da divisória, ouvindo o sr. Diggle rosnar ordens para seus criados enquanto assava biscoitos tarde da noite, Thomas Blanky escutava o aperto e o rosnado do gelo marinho enquanto tentava esmagar o HMS *Terror* e permitia que isso o fizesse dormir tão certamente quanto uma canção de ninar dos lábios de sua mãe havia muito morta.

IRVING

Lat. 70° - 05' N., Long. 98° - 23' W.

13 de dezembro de 1847

O terceiro-tenente John Irving precisava saber como Silêncio entrava e saía do navio sem ser vista. Naquela noite, um mês depois do dia em que encontrara a esquimó em seu esconderijo, ele iria resolver o enigma mesmo que lhe custasse os dedos de pés e mãos.

No dia seguinte a encontrá-la, Irving relatara ao capitão que a esquimó havia transferido seu refúgio para o armário de cabos da proa no porão. Não relatou que parecia estar comendo carne fresca ali, principalmente porque duvidava do que vira naquele aterrorizante segundo olhando para o pequeno espaço iluminado pela chama. Nem relataria a aparente sodomia que interrompera no porão entre o ajudante de calafate Hickey e o marinheiro Manson. Irving sabia que violava sua obrigação pessoal como oficial do Serviço de Descobertas da Marinha Real não informando ao seu capitão esse fato chocante e importante, mas...

Mas o quê? Tudo em que John Irving conseguia pensar como razão para sua séria violação do dever era que o *Terror* já tinha ratos demais a bordo.

Mas as aparições e os desaparecimentos aparentemente mágicos de lady Silêncio – embora aceitos pela tripulação supersticiosa como evidência final de sua feitiçaria e ignorados pelo capitão Crozier e os outros oficiais como mito – pareciam muito mais importantes para o jovem Irving do que se um ajudante de calafate e o idiota do navio davam prazer um ao outro na escuridão fedorenta do porão. E era uma escuridão fedorenta, pensava Irving, na terceira

hora de sua vigia agachado sobre uma caixa acima da água e atrás de um pilar perto do armário de cabos da proa. O fedor no porão escuro gelado piorava a cada dia.

Pelo menos não havia mais pratos de comida pela metade, doses de rum ou amuletos pagãos na plataforma baixa em frente ao armário de cabos. Um dos outros oficiais chamara a atenção de Crozier para essa prática pouco depois da impressionante fuga do sr. Blanky da coisa no gelo, e o capitão ficara furioso, ameaçando cortar a ração de rum – *para sempre* – do próximo homem suficientemente idiota, suficientemente supersticioso, suficientemente retardado e em geral suficientemente *não cristão* para oferecer restos de comida ou canecas de rum das Índias diluído totalmente bom a uma *mulher nativa. Uma criança pagã.* (Embora aqueles marinheiros que tinham conseguido espiar lady Silêncio nua ou ouvido os cirurgiões conversando sobre ela soubessem que não era criança e sussurravam isso uns para os outros.)

O capitão Crozier também deixara totalmente claro que não iria tolerar a exibição de amuletos de urso-branco. Ele anunciara na cerimônia religiosa do dia anterior – na verdade, uma leitura dos Artigos do Navio, embora muitos dos homens estivessem ansiosos por mais palavras do *Livro do Leviatã* – que acrescentaria uma hora de sentinela noturna ou dois serviços de esvaziamento de sanitário para cada homem por cada dente de urso, garra de urso, rabo de urso, tatuagem nova ou outro fetiche que visse no infeliz marinheiro. De repente, o entusiasmo por fetiches pagãos se tornou invisível no HMS *Terror* – embora o tenente Irving tivesse ouvido de seus amigos no *Erebus* que ainda vicejava lá.

Irving tentara várias vezes seguir a esquimó em seus movimentos furtivos pelo navio à noite, mas – não querendo que ela soubesse que era seguida – a perdera. Naquela noite ele sabia que lady Silêncio estava em seu armário. Ele a seguira pela escada principal, mais de três horas antes, depois do jantar dos homens e depois que ela recebera silenciosamente e de modo quase invisível sua porção de bacalhau “Pobre John”, um biscoito e um copo de água do sr. Diggle e descera com eles. Irving colocara um homem na escotilha de proa logo à frente do enorme fogão e outro marinheiro curioso para vigiar a escada principal. Acertou para que essas sentinelas fossem trocadas a cada quatro

horas. Se a esquimó subisse uma das escadas naquela noite – já passavam de 22 horas – Irving saberia para onde ela ia e quando.

Mas havia três horas que as portas do armário de cabos estavam bem fechadas. A única iluminação naquele ponto do porão à frente era a pouca luz que vazava pelas beiradas daquelas portas baixas de armário. A mulher ainda tinha alguma fonte de luz ali – uma vela ou outra chama. Só esse fato teria feito o capitão Crozier arrancá-la do armário de cabos em um minuto e devolvê-la ao pequeno abrigo na área de depósito à frente da enfermaria... ou jogá-la no gelo. O capitão temia incêndio no navio tanto quanto qualquer outro marinheiro veterano, e parecia não ter qualquer sentimentalismo para com sua hóspede esquimó.

De repente, o fraco retângulo de luz ao redor das portas mal encaixadas do armário desapareceu.

Ela foi dormir, pensou Irving. Ele podia imaginá-la – nua, exatamente como a vira, puxando seu casulo de peles ao redor do corpo ali dentro. Irving também podia imaginar um dos outros oficiais procurando por ele de manhã e encontrando seu corpo sem vida encolhido ali em uma caixa acima do porão cheio de água, obviamente um homem grosseiro que congelara até a morte, tentando dar uma espiada na única mulher a bordo. Não seria um relatório de morte heroica a ser lido pelos pobres pais do tenente John Irving.

Naquele momento, uma verdadeira brisa de ar gelado soprou pelo porão já frio. Era como se um espírito malévolos tivesse passado por ele na escuridão. Por um segundo Irving sentiu os pelos na nuca arrepiando, mas então um pensamento simples lhe ocorreu – *é apenas uma corrente de ar. Como se alguém tivesse aberto uma porta ou janela.*

Ele então soube como lady Silêncio ia e vinha magicamente do *Terror*.

Irving acendeu sua própria lanterna, pulou da caixa, vadeou a água e puxou as portas do armário de cabos. Estavam presas por dentro. Irving sabia que não havia cadeado dentro do armário de cabos da proa – não havia sequer um cadeado de fora, já que não havia nenhuma razão para alguém tentar roubar amarras –, portanto a mulher nativa devia ter descoberto uma forma de trancá-lo.

Irving estava preparado para essa eventualidade. Levava um pé de cabra de 75 centímetros na mão direita. Sabendo que teria de explicar qualquer dano ao tenente Little e possivelmente ao capitão Crozier, ele enfiou a ponta estreita da ferramenta na fresta entre as portas de noventa centímetros de altura e fez força. As portas rangeram e gemeram, mas só abriram quatro ou cinco centímetros. Ainda segurando o pé de cabra com uma das mãos, Irving enfiou a mão sob as roupas e puxou sua faca do cinto.

Lady Silêncio de algum modo fincara pregos no lado de dentro das portas do armário de cabos e enrolara algum material elástico não curtido – tripa? Tendão? – várias vezes até que as portas estivessem presas como se por uma teia de aranha branca. Agora não havia como Irving entrar sem deixar um sinal claro de que estivera ali – o pé de cabra já fizera isso –, então ele usou a faca para cortar a cama de gato de tendão. Não foi fácil. Os fios de tendões resistiam mais à lâmina afiada do que couro cru ou corda de navio.

Quando os feixes finalmente caíram, Irving enfiou a lanterna sibilante no espaço baixo.

A pequena caverna-abrigo que ele vira quatro semanas antes estava, a não ser pela falta de uma chama além daquela de sua lanterna, exatamente como ele lembrava – as amarras enroladas empurradas para trás e colocadas quase até em cima para criar uma espécie de caverna na área elevada do armário – e havia os mesmos sinais de que ela estivera fazendo refeições ali: um dos pratos de peltre do *Terror* com apenas algumas migalhas de Pobre John, uma caneca de peltre para grogue e algum tipo de bolsa de guardados que Silêncio parecia ter costurado a partir de retalhos de lona de vela jogada fora. Também estava no armário uma das pequenas lamparinas a óleo do navio – do tipo que tinha óleo apenas para que os homens usassem quando subissem até um dos sanitários à noite. O combustível ainda estava bem quente ao toque quando Irving retirou as luvas.

Mas nada de lady Silêncio.

Irving poderia ter empurrado e puxado as pesadas amarras para olhar atrás, mas sabia por experiência própria que o resto do espaço triangular do armário de cabos era tomado pelas cordas de âncora. Dois anos e meio desde que haviam zarpado e elas ainda tinham o fedor do Tâmis.

Mas lady Silêncio sumira. Não havia caminho para cima pelo convés e pelas vigas ou para fora através do casco. Então os marinheiros supersticiosos estavam certos? Ela era uma bruxa esquimó? Uma xamã? Uma feiticeira pagã?

O terceiro-tenente John Irving não acreditava nisso. Ele percebeu que a brisa não corria mais por ele. Mas a chama de sua lanterna ainda dançava sob alguma corrente mais fraca. Irving moveu a lanterna com o braço esticado – era o único espaço livre que havia no armário de amarras abarrotado – e parou quando a chama da lamparina dançou mais à frente, a estibordo do ápice da proa.

Ele pousou a lanterna e começou a empurrar amarras para o lado. Irving viu imediatamente como ela arrumara de forma inteligente a enorme corda de âncora ali – o que parecia ser outro enorme rolo de amarras era apenas um trecho enrolado colocado em um espaço vazio para simular uma pilha de amarras, fácil de puxar para o lado em seu abrigo. Atrás do rolo de amarras falso estava a curva das largas tábuas do casco.

Mais uma vez ela escolhera com cuidado. Acima e abaixo do armário de cabos havia uma trama complexa de vigas de madeira e ferro instaladas para o serviço no gelo durante a reforma do HMS *Terror* alguns meses antes da expedição zarpar. Ali na proa havia colunas verticais de ferro, vigas de carvalho, longarinas de sustentação de espessura tripla, apoios triangulares de ferro e enormes vigas diagonais de carvalho – muitas tão grossas quanto tábuas primárias de casco – indo para frente e para trás como parte do reforço moderno do navio para o gelo polar. Um repórter de Londres, o tenente Irving sabia, descrevera todas as toneladas de reforços internos de ferro e carvalho, bem como o acréscimo de carvalho africano, olmo canadense e mais carvalho africano ao carvalho inglês nas laterais do casco, como sendo suficiente para criar “uma massa de madeira com cerca de dois metros e meio de espessura”.

Isso era quase literalmente verdadeiro para a proa e as laterais do casco, Irving sabia, mas ali onde o último metro e meio de madeira do casco se juntava na proa dentro e acima do armário de cabos havia apenas os 15 centímetros originais de resistente carvalho inglês para as tábuas do casco em vez dos 25 centímetros de madeira de lei em camadas encontrados em todas as

outras partes nas laterais do casco. Acreditava-se que as áreas a pequena distância de bombordo e estibordo da roda de proa muito reforçada deveriam ter menos camadas de modo a poder flexionar durante a terrível pressão de quebrar gelo.

E assim eram. As cinco cintas de madeira nas laterais do casco, combinadas com a proa e as áreas internas reforçadas com ferro e carvalho, haviam produzido uma maravilha da moderna tecnologia de quebrar gelo sem igual em qualquer outra Marinha ou serviço civil de expedições do mundo. O *Terror* e o *Erebus* haviam ido a lugares onde nenhum outro navio de gelo do planeta esperaria sobreviver.

Aquela área de proa era uma maravilha, mas não era mais segura.

Irving demorou vários minutos para descobrir, esticando a lanterna em busca de brisas, sentindo com os dedos nus congelando e testando com a lâmina da faca para ver onde um trecho de noventa centímetros da tábua de casco de 45 centímetros de largura fora solta. Ali. A extremidade de trás da única tábua curva era presa por dois pregos compridos que agora funcionavam como uma espécie de dobradiça. A ponta da frente – a pequena distância da enorme peça de proa e quilha que seguia pelo comprimento do navio – havia sido apenas apertada no lugar.

Soltando a tábua do casco com o pé de cabra – e pensando como a jovem poderia ter feito aquilo apenas com os dedos – e depois deixando cair, Irving sentiu o sopro de ar frio e se viu olhando para a escuridão por uma abertura no casco de cinco metros e meio por noventa centímetros.

Aquilo era impossível. O jovem tenente sabia que a proa do *Terror* havia sido blindada por seis metros a partir da roda de proa com placas grossas enroladas e temperadas de ferro plano especialmente feito. Mesmo se uma tábua interna de algum modo se soltasse, a área de proa do navio – por pelo menos um terço da distância até a popa – era blindada.

Não agora. O vento soprava da escuridão negra de caverna além da tábua solta. Aquela parte da proa havia sido enfiada no gelo pela constante inclinação para frente do navio à medida que o gelo aumentava na popa do *Terror*.

O coração do tenente Irving batia acelerado. Se o *Terror* milagrosamente fosse libertado amanhã, afundaria.

Poderia lady Silêncio ter feito isso ao navio? O pensamento aterrorizou Irving mais do que qualquer crença em sua capacidade mágica de aparecer e desaparecer quando queria. Uma jovem com menos de 20 anos era capaz de arrancar chapas de ferro do casco de um navio, soltar tábuas de proa pesadas que apenas um estaleiro curvara e pregara no lugar, e saber exatamente onde fazer isso sem que os sessenta homens a bordo que conheciam o navio melhor que os rostos de suas mães percebessem?

Já de joelhos no lugar baixo, Irving descobriu que respirava de boca aberta, o coração ainda acelerado.

Ele tinha de acreditar que nos dois verões de batalha feroz do *Terror* contra o gelo – cruzando a baía de Baffin, pelo estreito de Lancaster, até a ilha Cornwallis antes do inverno na ilha Beechey, o verão seguinte a toda para o sul pelo estreito e então pelo que os homens agora chamavam de estreito Franklin – em algum momento perto do fim, parte da armadura de ferro da proa abaixo da linha-d'água devia ter sido desalojada e aquela grossa tábua do casco empurrada para dentro apenas depois que o gelo prendera o navio.

Mas algo além do gelo poderia ter afrouxado a tábua de carvalho do casco? Seria alguma outra coisa – algo tentando entrar?

Não importava agora. Lady Silêncio não poderia ter partido a mais de alguns minutos, e John Irving estava dedicado a segui-la, não apenas para descobrir para onde ela ia lá fora no escuro, mas para descobrir se – de alguma forma, inacreditavelmente, milagrosamente considerando a espessura do gelo e o frio terrível – ela estava encontrando e matando seu próprio peixe ou caça frescos.

Se estava, Irving sabia, isso poderia salvar a todos. O tenente Irving ouvira o que os outros tinham ouvido sobre os danos ao estoque enlatado de Goldner. Todos a bordo dos navios tinham ouvido os sussurros de que estariam sem provisões antes do verão seguinte.

Ele não passava pelo buraco.

Irving tentou soltar as tábuas de casco vizinhas, mas tudo a não ser aquela tábua com dobradiça estava sólido como rocha. Aquela abertura no casco de cinco metros e meio por noventa centímetros era a única saída. E ele estava volumoso demais.

Ele tirou o impermeável, o sobretudo pesado, cachecol, quepe e gorro galês e os jogou pela abertura à sua frente... Ainda estava largo demais em ombros e tronco, embora fosse um dos oficiais mais magros a bordo. Tremendo de frio, Irving desabotoou o colete e o suéter de lã que usava por baixo, também os jogando pela abertura negra.

Se ele não conseguisse sair pelo casco agora, teria uma dificuldade dos diabos para explicar por que voltara do porão sem todas as camadas externas.

Ele coube. Por pouco. Resmungando e xingando, Irving se apertou no espaço pequeno, botões caindo de sua camisa de lã.

Estou fora do navio, sob o gelo, pensou. A ideia não parecia muito real.

Estava em uma caverna estreita no gelo que se formara ao redor de proa e gurupés. Não havia espaço para ele vestir novamente casacos e roupas, então os empurrou à sua frente. Pensou em voltar ao armário de cabos para pegar a lanterna, mas havia uma lua cheia no céu quando dera plantão como oficial de sentinela poucas horas antes. No final, levou apenas o pé de cabra.

A caverna no gelo devia ser pelo menos tão longa quanto o gurupés – mais de cinco metros e meio – e de fato poderia ter sido criada pela viga pesada do gurupés forçando o gelo ali durante os breves ciclos de degelo e congelamento no verão anterior. Quando Irving finalmente saiu do túnel, levou alguns segundos a mais se arrastando até se dar conta de que estava do lado de fora – o gurupés fino, sua massa de cordas, as cortinas de ovém de estai ainda se erguiam acima dele, bloqueando não apenas sua visão do céu, percebeu, mas também qualquer chance de o homem de sentinela na proa vê-lo. E ali além do gurupés, com o *Terror* sendo apenas uma enorme silhueta negra se elevando acima, o gelo iluminado apenas por alguns poucos fachos finos de lanterna, o caminho seguia para dentro e através do emaranhado de blocos de gelo e seracos.

Tremendo muito, Irving enfiou suas muitas camadas. As mãos tremiam demais para que abotoasse o colete de lã, mas não importava. Foi difícil vestir o sobretudo, mas pelo menos os botões eram muito maiores. Quando colocou o impermeável o jovem tenente estava congelado até os ossos.

Para onde?

A selva de gelo ali, 15 metros além da proa do navio, era uma floresta de blocos de gelo e seracos esculpido pelo vento – Silêncio poderia ter ido em qualquer direção –, mas o gelo parecia gasto em uma linha quase reta que partia do túnel para o navio. No mínimo essa era a trilha de menor resistência – e mais escondida – para longe do navio. Colocando-se de pé e erguendo o pé de cabra na mão direita, Irving seguiu pela vala no gelo escorregadio rumo oeste.



Ele nunca a teria encontrado não fosse pelo som sobrenatural.

Já estava a centenas de metros do navio, perdido no labirinto de gelo – a vala de gelo azul abaixo havia muito desaparecera, ou então se juntara a várias outras valas parecidas – e embora a luz da lua cheia e das estrelas iluminasse tudo como se fosse dia, ele não vira movimento nem pegadas na neve.

Então veio o lamento sobrenatural.

Não, se deu conta, parando de repente e tremendo todo – tremia de frio havia vários minutos, mas naquele momento o tremor foi mais fundo – aquilo não era um *lamento*. Não do tipo que um ser humano pode produzir. Era o toque não melódico de algum instrumento musical absolutamente estranho... parte gaita de foles abafada, parte toque de corneta, parte oboé, parte flauta, parte canto humano. Era alto o suficiente para que ouvisse a dezenas de metros, mas certamente não audível no convés do navio – especialmente já que o vento, de forma muito incomum, soprava do sudeste naquela noite. Mas todos os tons eram um som fundido de um instrumento. Irving nunca ouvira nada como aquilo.

O toque – que parecera começar de repente, aumentar de ritmo quase sexualmente e então parar abruptamente, como se em um clímax físico e nem um pouco como se alguém seguisse notas em uma partitura musical – vinha de um campo de seracos perto de uma crista de pressão alta menos de trinta metros ao norte do caminho de moledros de iluminação que o capitão Crozier insistia em manter entre o *Terror* e o *Erebus*. Ninguém trabalhava nos

moledros naquela noite; Irving tinha o oceano congelado só para si. Para si e para quem ou o que estivesse produzindo aquela música.

Avançou lentamente pelo labirinto azulado de penedos de gelo e seracos altos. Sempre que ficava desorientado, olhava para a lua cheia. O orbe amarelo parecia mais com outro grande planeta se erguendo de repente no céu estrelado do que qualquer lua que Irving recordava de seus anos em terra ou breves períodos no mar. O ar ao redor dela parecia tremer de frio, como se a própria atmosfera estivesse prestes a congelar. Cristais de gelo no ar alto haviam criado um enorme halo duplo ao redor da lua, as faixas inferiores dos dois círculos invisíveis atrás da crista de pressão e dos icebergs ao redor. No halo externo, como diamantes em um anel de prata, havia três brilhantes cruces cintilantes.

O tenente vira esse fenômeno muitas vezes antes durante seus invernos noturnos ali no Polo Norte. O mestre do gelo Blanky explicara que era apenas o luar refratando em cristais de gelo, do mesmo modo como a luz refrata através de um diamante, mas isso aumentava a sensação de reverência e assombro religioso de Irving ali no campo de gelo azulado enquanto aquele estranho instrumento recomeçava a carpir e gemer – agora a poucos metros atrás do gelo – seu ritmo novamente acelerando para um tempo quase frenético antes de se interromper de repente.

Irving tentou imaginar lady Silêncio tocando algum instrumento esquimó até então desconhecido – alguma variação de uma trompa bávara com galhada de rena, talvez –, mas descartou a ideia como sendo tolice. Para começar, ela e o homem que morrera não haviam chegado com tal instrumento. E depois, Irving tinha a estranha sensação de que não era lady Silêncio quem tocava o instrumento invisível.

Engatinhando sobre a última crista de pressão entre ele e os seracos de onde vinha o som, Irving continuou a avançar de quatro, não querendo que o som de esmagamento de suas botas de solas reforçadas fosse ouvido no gelo duro ou na neve macia.

O carpido – aparentemente logo atrás do seraco de brilho azul seguinte, este esculpido pelo vento em algo parecido com uma bandeira grossa – começara novamente, se elevando rapidamente até o ruído mais alto, rápido,

grave e frenético que Irving ouvira até então. Para seu espanto, ele se descobriu com uma ereção. Algo no som grave, ribombante, vibrante do instrumento de palheta era tão... *primal*... que muito literalmente provocava suas partes, mesmo com ele tremendo.

Ele olhou pela lateral do último seraco.

Lady Silêncio estava a cerca de vinte metros em um espaço liso de gelo azul. Seracos e blocos de gelo cercavam o espaço, fazendo Irving sentir como se de repente se visse em meio a um círculo de Stonehenge ao luar com halo de gelo e cruzeiros. Até mesmo as sombras ali eram azuis.

Ela estava nua, ajoelhada sobre peles grossas que deviam ser sua parca. As costas estavam em perfil de três quartos para Irving, e embora pudesse ver a curva de seu seio direito, também podia ver o luar brilhante iluminando seus cabelos pretos lisos e compridos e lançando brilhos prateados sobre a pele elevada de suas costas firmes. O coração de Irving batia com tanta força que ele temia que pudesse ser ouvido.

Silêncio não estava só. Algo mais enchia o espaço escuro entre blocos de gelo druídicos no lado oposto da clareira, logo atrás da esquimó.

Irving sabia que era a coisa do gelo. Urso-branco ou demônio branco, estava ali com eles – quase sobre a jovem, se elevando acima dela. Por mais que o tenente forçasse os olhos, era difícil discernir a forma – pelo branco-azulado sobre gelo branco-azulado, músculos grandes sobre grandes cristas de neve e gelo, olhos negros que podiam ou não se distinguir do negror absoluto atrás da coisa.

A cabeça triangular no pescoço de urso estranhamente comprido oscilava e balançava como uma cobra, ele via agora, um metro e oitenta acima e além da mulher ajoelhada. Irving tentou avaliar o tamanho da cabeça da criatura – para futura referência em termos de matá-la –, mas era impossível isolar a forma precisa ou o tamanho da massa triangular com seus olhos negros como carvão por causa de seu movimento estranho e constante.

Mas a coisa se elevava acima da garota. Sua cabeça estava quase diretamente acima dela naquele momento.

Irving sabia que devia gritar – investir com o pé de cabra na mão enluvada, já que não levava outra arma a não ser sua faca novamente embainhada – e

tentar salvar a mulher, mas seus músculos não teriam obedecido tal comando naquele momento. Tudo o que ele podia fazer era continuar assistindo em uma espécie de horror sexualmente excitado.

Lady Silêncio estendera os braços, palmas para cima, como um sacerdote papista rezando missa e convidando ao milagre da eucaristia. Irving tinha um primo na Irlanda que era papista, e fora a uma cerimônia católica com ele uma vez quando em visita. A mesma sensação de estranha cerimônia mágica estava sendo encenada ali sob o luar azul. Silêncio, sem língua, não fazia barulho, mas os braços estavam bem abertos, os olhos fechados, a cabeça jogada para trás – Irving engatinhara à frente o suficiente para poder ver o rosto dela – e a boca estava escancarada, como um suplicante aguardando comunhão.

O pescoço da criatura se lançou para frente e para baixo rápido como um ataque de cobra, e as mandíbulas da coisa se arreganharam para se fechar sobre o rosto de lady Silêncio, devorando metade de sua cabeça.

Irving quase gritou então. Apenas o peso cerimonial do momento e seu próprio medo incapacitante o mantiveram em silêncio.

A coisa não a devorara. Irving se deu conta de que estava olhando para o alto da cabeça branco-azulada do monstro – uma cabeça pelo menos três vezes maior que a da mulher – enquanto se fechava, mas não cravava, as presas gigantescas se encaixando sobre a boca aberta e o maxilar projetado para cima dela. Os braços ainda estavam estendidos para a noite, quase como se prontos para abraçar a gigantesca massa de pelos e músculo que a envolvia.

Então a música começou.

Irving viu as duas cabeças balançando – a da criatura e a da esquimó –, mas levou meio minuto para se dar conta de que os orgíacos carpidos graves e as notas eróticas de gaita de foles emanavam... *da mulher*.

A coisa monstruosa que se elevava tão grande quanto os penedos de gelo ao lado, urso-branco ou demônio, soprava na sua boca aberta, tocando suas cordas vocais como se a garganta humana fosse um instrumento de palheta. Os trinados, notas baixas, e ressonâncias graves se tornaram mais altos, rápidos, mais urgentes – ele viu lady Silêncio erguer a cabeça e curvar o pescoço para um lado enquanto a coisa-urso de pescoço serpentino e cabeça triangular acima dela curvava cabeça e pescoço na direção oposta, os dois parecendo nada

menos que amantes tentando mergulhar mais fundo enquanto buscavam o melhor e mais profundo ângulo para um beijo apaixonado de boca aberta.

As notas musicais soavam cada vez mais rápidas – Irving estava certo de que o ritmo devia ser ouvido no navio agora, devia estar dando a cada homem no navio uma ereção tão poderosa e permanente quanto a que ele sofria naquele segundo – e então de repente, sem aviso, o ruído foi interrompido com a subtaneidade do clímax do amor selvagem. A cabeça da coisa foi para cima e para trás. O pescoço branco balançou e se encolheu.

Os braços de lady Silêncio caíram ao lado do corpo nu como se estivesse exausta ou emocionada demais para sustentá-los mais. Sua cabeça tombou para frente sobre os seios prateados pela lua.

Irá devorá-la agora, pensou Irving por entre todas as camadas isolantes de dormência e descrença no que acabara de ver. *Irá destroçar e comê-la agora*.

Não fez isso. Por um segundo a massa branca oscilante sumiu, se afastou rapidamente sobre quatro patas pelos pilares de gelo azul de Stonehenge, e depois voltou, curvando a cabeça para baixo diante de lady Silêncio, jogando algo no gelo em frente a ela. Irving pôde ouvir o ruído de algo orgânico batendo no gelo e o som pareceu familiar, mas naquele momento nada estava no contexto – Irving não conseguia dar sentido a nada do que vira ou ouvira.

A coisa branca caminhou para longe novamente; Irving podia sentir o impacto de seus enormes pés no gelo marinho sólido. Em um minuto estava de volta, jogando mais alguma coisa diante da garota esquimó. Depois uma terceira vez. E então simplesmente foi embora... novamente fundido à escuridão.

A jovem estava ajoelhada sozinha na clareira de gelo com apenas a pilha baixa de formas escuras diante dela.

Permaneceu assim mais um minuto. Irving pensou novamente na igreja papista de seu primo irlandês distante e nos velhos paroquianos que continuavam rezando em seus bancos depois que a cerimônia havia terminado. Então ela se colocou de pé, rapidamente enfiando os pés nus em botas de pele e vestindo a calça e a parca de pele.

O tenente Irving se deu conta de que tremia violentamente. Pelo menos parte disso era pelo frio, sabia. Teria sorte se sobrasse calor suficiente nele e

força nas pernas para voltar vivo ao navio. Não tinha ideia de como a garota sobrevivera à nudez.

Silêncio pegou os objetos que a coisa jogara diante dela e agora os carregava cuidadosamente nos braços na parca peluda do modo como uma mulher levaria um ou mais bebês ainda mamando em seu seio. Parecia estar voltando ao navio, cruzando a clareira até um ponto entre os seracos de Stonehenge cerca de dez graus à sua esquerda.

De repente parou, a cabeça encapuzada se virando na sua direção, e embora ele não pudesse ver seus olhos negros, podia sentir o olhar voltado para si. Ainda de quatro, se deu conta de que estava totalmente à vista sob o luar brilhante, um metro distante da proteção de qualquer seraco. Em sua total necessidade de ter uma visão melhor, se esquecera de permanecer escondido.

Por um longo tempo nenhum dos dois se moveu. Irving não conseguia respirar. Esperou que ela se movesse, um estalo no gelo, talvez, depois o retorno rápido da coisa do gelo. O protetor dela. O vingador. Seu destruidor.

O olhar encapuzado desviou e ela saiu andando, desaparecendo entre os pilares de gelo no lado sudeste do círculo.

Irving esperou mais alguns minutos, ainda tremendo como se de sezão. Seu corpo estava gelado, a única sensação vindo de sua ereção ardente que agora desintumescia e de seu tremor incontrollável, mas em vez de cambalear para o navio atrás da garota, avançou para onde ela se ajoelhou ao luar.

Havia sangue no gelo. As manchas eram negras ao brilhante luar azul. O tenente Irving se ajoelhou, tirou as luvas, passou o dedo sobre a sujeira e provou.

Era sangue, mas não achava que fosse humano. A coisa levava para ela carne crua, quente, recém-abatida. Algum tipo de carne. Para Irving o sangue tinha gosto de cobre, assim como o seu próprio e qualquer sangue humano teria, mas ele supunha que animais recém-abatidos também tinham aquele sangue com gosto de cobre. Mas qual animal, e de onde? Os homens na Expedição Franklin não haviam visto animais terrestres em mais de um ano.

Sangue congela em poucos minutos. Aquela coisa matara seu presente para lady Silêncio poucos minutos antes, enquanto Irving cambaleava para lá no labirinto de gelo tentando encontrá-la.

Recuando da mancha negra na neve enluarada do modo como recuaria de um altar de pedra pagão onde alguma vítima inocente tivesse acabado de ser sacrificada, Irving se concentrou primeiro em tentar respirar normalmente – o ar feria seus pulmões quando ele arfava – e depois em conclamar suas pernas congeladas e sua mente embotada a levá-lo de volta ao navio.

Ele não tentaria entrar pelo túnel de gelo e pela tábua solta do armário de cabos. Iria saudar a sentinela de estibordo antes de estar ao alcance da escopeta e subiria a rampa de gelo como um homem, sem responder perguntas até falar com o capitão.

Ele iria contar aquilo ao capitão?

Irving não tinha ideia. Nem sequer sabia se a coisa do gelo – que ainda devia estar por perto – deixaria que retornasse ao navio. Não sabia se tinha calor e energia remanescentes para a longa caminhada.

Só sabia que nunca mais seria o mesmo.

Irving se virou para sudeste e entrou novamente na floresta de gelo.

HICKEY

Lat. 70° - 05' N., Long. 98° - 23' W.

18 de dezembro de 1847

Hickey havia decidido que o tenente alto e magro – Irving – tinha de morrer e que hoje era o dia para isso. O pequeno ajudante de calafate não tinha nada pessoal contra o ingênuo jovem janota, além de sua péssima escolha de momento para ir ao porão mais de um mês antes, mas isso foi suficiente para fazer a balança pender contra Irving.

Escalas de trabalho e vigia impediram Hickey de cumprir sua missão. Duas vezes ele estivera de sentinela quando Irving era o oficial no convés, mas Magnus Manson não estava de serviço no convés em nenhuma das vezes. Hickey planejava o momento e o método, mas precisava de Magnus para a execução. Não que Cornelius Hickey tivesse medo de matar um homem. Cortara a garganta de um antes de ser velho o suficiente para ir a um prostíbulo sem um patrono. Não, eram simplesmente os meios e método daquele assassinato que exigiam seu discípulo idiota e companheiro de foda naquela expedição, Magnus Manson.

Agora todas as condições eram perfeitas. Um grupo de trabalho na manhã de sexta-feira – embora “manhã” significasse pouco sendo tão escuro quanto a meia-noite – com mais de trinta homens no gelo consertando e melhorando os moledros de sinalização entre o *Terror* e o *Erebus*. Nove fuzileiros armados de mosquetes teoricamente davam proteção aos grupos de trabalho, mas na verdade a linha de trabalhadores se estendia por um quilômetro e meio, com apenas cinco homens ou menos sob o comando de cada oficial. Os três oficiais

de serviço ali na metade leste da escura trilha de moledros eram do *Terror* – tenentes Little, Hodgson e Irving –, e Hickey ajudara a montar os grupos de trabalho, de modo que ele e Magnus trabalhavam nos moledros mais distantes sob o comando de Irving.

Os fuzileiros ficavam fora de vista a maior parte do tempo, supostamente prontos para ir correndo em caso de alarme, mas na verdade apenas se esforçando ao máximo para se manter aquecidos perto do fogo queimando no braseiro de ferro instalado perto da crista de pressão mais alta a menos de quatrocentos metros do navio. John Bates e Bill Sinclair também trabalhavam com o tenente Irving naquela manhã, mas os dois eram amigos – e preguiçosos – e tendiam a ficar fora de vista do jovem oficial de modo a poder trabalhar no moledro de gelo seguinte lentamente, como gostavam.

O dia, embora escuro como a noite, não estava tão frio quanto alguns recentes – talvez apenas 43° Celsius abaixo – e quase sem vento. Não havia lua nem aurora, mas as estrelas vibravam no céu matinal, lançando luz suficiente para que se um homem caminhasse para fora do alcance de lanterna ou archote ainda assim conseguiria ver bem o bastante para encontrar o caminho de volta. Com a coisa do gelo ainda em algum lugar da escuridão, não eram muitos os que se afastavam. Mas a própria natureza de encontrar e empilhar os cacos e blocos de gelo do tamanho certo para consertar e ampliar um moledro de um metro e meio exigia que os homens continuassem entrando e saindo da luz da lanterna.

Irving estava verificando os dois moledros e frequentemente dando uma mãozinha aos homens no trabalho físico. Hickey só tinha de esperar que Bates e Sinclair estivessem fora de vista além da curva na trilha por entre os blocos de gelo e o tenente Irving baixasse a guarda.

O ajudante de calafate poderia ter usado cem instrumentos de ferro ou aço do navio – uma embarcação da Marinha Real era uma arca do tesouro de armas de assassinato, algumas delas bastante engenhosas –, mas preferia que Magnus simplesmente se aproximasse sem ser visto do oficial louro dândi, o levasse uns vinte metros para o gelo, partisse seu pescoço e então – quando estivesse bem morto – rasgasse um pouco das roupas do janota, quebrasse suas costelas, chutasse seu rosto feliz de bochechas rosadas e seus dentes, quebrasse

um braço e duas pernas (ou uma perna e dois braços) e deixasse o cadáver para ser encontrado no gelo. Hickey já havia escolhido o local do abate – uma área de seracos altos sem neve no chão em que Manson pudesse deixar pegadas de botas. Ele o alertara para não ficar com sangue do tenente no corpo, não deixar qualquer sinal de que estivera ali com ele e, mais importante, não perdesse tempo roubando o homem.

A coisa do gelo matara homens com todas as variações imagináveis de violência, e se os danos físicos ao pobre tenente Irving fossem suficientemente horríveis, ninguém em nenhum dos dois navios pensaria duas vezes no que havia acontecido. O tenente John Irving seria apenas outro cadáver embrulhado em lona para a Sala dos Mortos do *Terror*.

Magnus Manson não era um assassino nato – apenas um idiota nato –, mas assassinara homens para seu senhor e mestre ajudante de calafate antes. Não o incomodaria fazer o mesmo novamente. Cornelius Hickey duvidara de que Magnus sequer se perguntasse por que o tenente tinha de morrer – era apenas outra ordem de seu mestre a ser obedecida. Então Hickey ficara surpreso quando o gigante físico o puxara de lado quando o tenente Irving não podia ouvir e sussurrou com alguma urgência.

– O fantasma dele não irá me assombrar, irá, Cornelius?

Hickey dera um tapinha nas costas de seu enorme parceiro.

– Claro que não, Magnus. Eu não lhe diria para fazer nada que levasse a ter um fantasma assombrando você, teria, amor?

– Não, não – ribombou Manson, balançando a cabeça em concordância. Seus cabelos e barba desgrehados pareciam saltar de sob o cachecol de lã e do gorro galês. Franziu o cenho pesado. – Mas *por que* o fantasma dele não me assombraria, Cornelius? Eu o matando mesmo não tendo nada contra ele e tudo o mais?

Hickey pensou rápido. Bates e Sinclair estavam caminhando até onde um grupo de trabalho do *Erebus* erguia uma cerca de blocos de neve ao longo de um trecho de vinte metros onde o vento sempre soprava. Mais de um homem havia se perdido sob tempo ruim ali, e os capitães achavam que uma cerca de neve aumentaria as chances de os mensageiros encontrarem os moledros seguintes. Irving iria garantir que Bates e Sinclair ficassem ocupados com sua

tarefa ali, e então voltaria para onde ele e Magnus trabalhavam sozinhos no último moledro antes da clareira.

– *Por isso* o fantasma do tenente não irá assombrar você, Magnus – sussurrou para o gigante curvado. – Se você mata um homem em um ataque de fúria, *essa é* uma razão para o fantasma desse homem voltar e tentar se vingar de você. Ele se ressentido do que você fez. Mas o fantasma do sr. Irving saberá que não houve nada pessoal no que você teve de fazer, Magnus. Não terá motivo para voltar e incomodá-lo.

Manson anuiu, mas não parecia totalmente convencido.

– Ademais – continuou Hickey –, o fantasma não conseguirá encontrar seu maldito caminho de volta ao navio, não é? Todos sabem que quando alguém morre aqui fora, tão longe do navio, o fantasma sobe direto. Não consegue encontrar o caminho por todas as cristas de gelo, icebergs e tudo o mais. Os fantasmas não são as coisas mais inteligentes por aqui, Magnus. Aceite minha palavra nisso, meu amor.

O homem enorme brilhou ao ouvir isso. Hickey podia ver Irving retornando em meio à penumbra iluminada por archotes. O vento aumentava e fazia as chamas do archote dançar loucamente. Melhor se houver vento, pensou Hickey. *Se Magnus ou Irving fizerem algum barulho, ninguém ouvirá.*

– Cornelius – sussurrou Manson, parecendo novamente preocupado. – Se eu morrer aqui isso significa que meu fantasma não será capaz de encontrar o caminho de volta ao navio? Eu odiaria ficar aqui no frio tão longe de você.

O ajudante de calafate deu um tapinha na parede envolta em pano que eram as costas do gigante.

– Você não vai morrer aqui fora, meu amor. Você tem minha promessa solene como maçom e cristão. Agora se apresse e fique pronto. Quando eu tirar meu quepe e coçar a cabeça, você agarra Irving por trás e o arrasta para o lugar que mostrei. Lembre-se: não deixe pegadas para trás nem sangue em você.

– Não deixarei, Cornelius.

– Isso é bom, amor.

O tenente chegou mais perto na escuridão, entrando no círculo de luz fraca lançado pela lanterna no gelo ali perto do moledro.

– Quase terminado com este moledro, sr. Hickey?

– Sim, senhor. É só colocar estes últimos blocos e está pronto, tenente. Sólido como um poste de iluminação em Mayfair.

Irving anuiu. Ele parecia desconfortável de ficar sozinho com os dois marinheiros, embora Hickey usasse sua voz mais afável e encantadora. *Bem, foda-se*, pensou o ajudante de calafate enquanto continuava a exibir seu sorriso desdentado. *Você não ficará por aqui muito mais tempo para exibir seus ares de dândi, seu desgraçado louro de bochechas rosadas. Cinco minutos e você será só mais um pedaço de carne congelada a ser pendurado no porão, moleque. Pena que os ratos estejam tão famintos agora que comerão até mesmo a porra de um tenente, mas não há nada que eu possa fazer quanto a isso.*

– Muito bom – disse Irving. – Quando você e Manson terminarem, por favor juntem-se ao sr. Sinclair e ao sr. Bates na construção da parede. Vou voltar e trazer o cabo Hedges com seu mosquete.

– Sim, senhor – disse Hickey. Ele olhou para Magnus. Tinham de interceptar Irving antes que ele voltasse ao longo da quase invisível linha de archotes e lanternas. Não seria bom ter Hedges ou outro fuzileiro ali.

Irving caminhou para leste, mas parou no limite da luz, obviamente esperando que Hickey colocasse os últimos dois blocos de gelo na posição no alto do moledro reconstruído. Quando se curvou para levantar o penúltimo quadrado de gelo, o ajudante de calafate anuiu para Magnus. Seu parceiro se colocara em posição atrás do tenente.

De repente, houve uma explosão de gritos vindo do escuro a oeste. Um homem berrou. Mais vozes se somaram aos gritos. As mãos enormes de Magnus pairavam logo atrás do pescoço do tenente – o homem grande havia tirado as luvas externas para ter melhor pegada, e as internas se erguiam negras logo atrás do rosto branco de Irving à luz da lanterna.

Mais gritos. Um tiro de mosquete.

– Magnus, não! – gritou Cornelius Hickey. Seu parceiro estava prestes a partir o pescoço de Irving a despeito do tumulto.

Manson recuou para a escuridão. Irving, que dera três passos na direção dos gritos a oeste, se virou, confuso. Três homens vinham correndo pela trilha no

gelo da direção do *Terror*. Um deles era Hedges. O fuzileiro roliço arfava enquanto corria, o mosquete diante de sua grande barriga.

– Venha! – disse Irving, e abriu caminho na direção dos gritos. O tenente não tinha arma, mas agarrara a lanterna. Os seis correram pelo gelo marinho, saindo dos seracos para a clareira iluminada onde vários homens andavam. Hickey conseguiu ver os gorros galeses conhecidos de Sinclair e Bates, e reconheceu um dos três tripulantes do *Erebus* que já estavam ali como sendo Francis Dunn, seu equivalente ajudante de calafate do outro navio. Viu que o mosquete disparado pertencia ao soldado Bill Pilkington, que estivera no abrigo de caça quando sir John morrera em junho anterior e fora ferido no ombro por um colega fuzileiro naqueles momentos de caos. Pilkington estava recarregando e apontando o comprido mosquete para a escuridão além de um trecho caído da parede de neve.

– O que aconteceu? – Irving cobrou os homens.

Bates respondeu. Ele, Sinclair e Dunn, bem como Abraham Seeley e Josephus Greater, do *Erebus*, estavam trabalhando na parede sob o comando do primeiro imediato do *Erebus*, Robert Orme Sergeant, quando de repente um dos maiores blocos de gelo pouco além do círculo de lanternas e archotes parecera ganhar vida.

– Ele levantou o sr. Sergeant três metros no ar pela cabeça – disse Bates, a voz trêmula.

– É a verdade de Deus – disse o ajudante de calafate Francis Dunn. – Num minuto ele estava de pé conosco e no seguinte estava voando no ar e só conseguíamos ver a parte de baixo de suas botas. E o barulho... o esmagamento...

Dunn parou e continuou ofegando até seu rosto branco se perder em um halo de cristais de gelo.

– Eu estava indo até os archotes quando vi o sr. Sergeant simplesmente... desaparecer – disse o soldado Pilkington, baixando o mosquete com braços trêmulos. – Disparei uma vez enquanto a coisa voltava para os seracos. Acho que acertei.

– Também poderia ter acertado Robert Sergeant com a mesma facilidade – disse Cornelius Hickey. – Talvez ainda estivesse vivo quando você atirou.

Pilkington lançou um olhar venenoso na direção do ajudante de calafate do *Terror*.

– O sr. Sergeant não estava vivo – disse Dunn, nem sequer notando a troca de olhares raivosos entre o fuzileiro e Hickey. – Ele gritou uma vez e a coisa esmagou o crânio dele como uma noz. Eu vi. Eu *ouvi*.

Outros apareceram correndo, incluindo o capitão Crozier e o capitão Fitzjames, parecendo pálidos e insubstanciais mesmo com as camadas de roupas pesadas e sobretudos, e Dunn, Bates e os outros correram para explicar o que tinham visto.

O cabo Hedges e dois outros fuzileiros que haviam corrido para o tumulto voltaram do escuro dizendo que não havia sinal do sr. Sergeant, apenas uma trilha grossa de sangue e de roupas rasgadas que levava à floresta de gelo densa na direção do maior iceberg.

– Ele quer que o sigamos – murmurou Bates. – Estará esperando por nós.

Crozier mostrou os dentes em algo entre um sorriso enlouquecido e um rosnado.

– Então não vamos desapontá-lo. Este é um dia tão bom quanto qualquer outro para ir atrás da coisa novamente. Já estamos com os homens no gelo, temos lanternas suficientes e os fuzileiros podem pegar mais mosquetes e escopetas. E a trilha é fresca.

– Fresca demais – murmurou o cabo Hedges.

Crozier rosnou ordens. Alguns homens voltaram aos dois navios para pegar armas. Outros se reuniram em grupos de caça em torno dos fuzileiros, que já estavam armados. Archotes e lanternas foram levados aos locais de trabalho e dados aos grupos de abate. O dr. Stanley e o dr. McDonald foram chamados para a baixa probabilidade de que Robert Orme Sergeant ainda pudesse estar vivo ou a probabilidade maior de que mais alguém fosse ferido.

Após Hickey receber um mosquete, pensou em atirar no tenente Irving por “acidente” assim que estivesse no escuro, mas o jovem oficial agora parecia cauteloso com Manson e o ajudante de calafate. Hickey percebeu vários olhares preocupados que o janota lançava para Magnus antes de Crozier colocá-los em grupos de busca diferentes. E soube que se Irving tivesse tido um vislumbre de Magnus atrás com os braços erguidos naquele segundo antes que

os tiros e gritos fossem ouvidos, ou se o oficial simplesmente tivesse sentido algo errado, não seria tão fácil emboscá-lo da próxima vez.

Mas eles iriam. Hickey tinha medo de que a desconfiança de John Irving finalmente o levasse a relatar ao capitão o que vira no porão, e o ajudante de calafate não podia aceitar isso. Não era tanto a punição por sodomia que o incomodava – marinheiros raramente eram enforcados, e nem mesmo açoitados por toda a frota, aliás –, mas a ignomínia. O ajudante de calafate Cornelius Hickey não era um mero comedor de cu idiota.

Iria esperar que Irving baixasse a guarda novamente e então faria ele mesmo se fosse preciso. Mesmo que os cirurgiões do navio descobrissem que o homem havia sido assassinado, não importaria. As coisas haviam ido longe demais naquela expedição. Irving seria só mais um cadáver com o qual lidar quando chegasse o degelo.

No final, o corpo do sr. Sergeant não foi encontrado – a trilha de sangue e roupas espalhadas terminava no meio do caminho rumo ao enorme iceberg –, mas ninguém mais morreu na busca. Alguns poucos homens perderam dedos dos pés para o frio, e todos estavam tremendo e com queimaduras de frio em algum grau quando finalmente encerraram a busca uma hora depois de quando o jantar deveria ter sido servido. Hickey não viu o tenente Irving novamente naquela tarde.

Foi Magnus Manson quem o surpreendeu enquanto se arrastavam de volta ao *Terror*. O vento começara a uivar às suas costas e os fuzileiros avançavam com rifles e mosquetes preparados.

Hickey se deu conta de que o idiota gigante ao seu lado chorava. As lágrimas congelavam instantaneamente nas bochechas barbadas de Magnus.

– O que houve, homem? – cobrou Hickey.

– É triste, só isso, Cornelius.

– O que é triste?

– O pobre sr. Sergeant.

Hickey lançou um olhar para o companheiro.

– Não sabia que você sentia tanto afeto pelos malditos oficiais, Magnus.

– Não sinto, Cornelius. Por mim eles podem todos morrer e ser condenados. Mas o sr. Sergeant morreu no gelo.

– E?

– Seu fantasma não encontrará o caminho de volta para o navio. E o capitão Crozier avisou quando estávamos fazendo a busca que todos vamos ter uma dose extra de rum esta noite. Fico triste por o fantasma dele não estar lá, só isso. O sr. Sergeant sempre gostou do seu rum, Cornelius.

CROZIER

Lat. 70° - 05' N., Long. 98° - 23' W.

31 de dezembro de 1847

A véspera de Natal e o Natal a bordo do HMS *Terror* foram discretos a ponto da invisibilidade, mas o Segundo Grande Carnaval Veneziano na véspera do Ano-Novo logo iria compensar isso.

Haviam sido quatro dias de tempestades violentas mantendo os homens do lado de dentro nos dias anteriores ao Natal – as nevascas eram tão ferozes que os turnos de vigia tiveram de ser reduzidos para uma hora –, e a véspera de Natal e o próprio dia sagrado se tornaram exercícios de melancolia no convés inferior. O sr. Diggle preparara jantares especiais – cozinhando o resto do porco salgado não enlatado de 12 formas criativas, juntamente com o resto das lebres em conserva, retiradas dos barris de salmoura. Além disso, o cozinheiro – com a recomendação dos contramestres, sr. Kenley, sr. Rhodes e sr. David McDonald, bem como a cuidadosa supervisão dos cirurgiões Peddie e Alexander McDonald – havia escolhido os alimentos enlatados mais bem conservados, incluindo sopa de tartaruga, carne à la Flamande, faisão com trufas e língua de vitela. Como sobremesa, nas duas noites os trabalhadores braçais do sr. Diggle haviam cortado e raspado o pior do mofo dos queijos remanescentes, e o capitão Crozier contribuía com as últimas cinco garrafas de brandy do estoque da Sala de Bebidas reservadas para ocasiões especiais.

A disposição continuou sepulcral. Houve algumas poucas tentativas de canto por parte dos oficiais no Grande Salão gelado à popa e dos marinheiros comuns em seu dormitório ligeiramente mais quente na frente – não havia

carvão suficiente nos depósitos do porão para aquecimento extra, mesmo sendo Natal –, mas as canções morreram logo. Era preciso conservar óleo, então o convés inferior tinha a alegria visual de uma mina galesa iluminada por algumas velas bruxuleantes. Gelo cobria as tábuas e vigas, e os cobertores e roupas de lã dos homens estavam sempre encharcados. Ratos corriam por toda parte.

O brandy melhorou um pouco o ânimo, mas não o suficiente para eliminar a escuridão literal e emocional. Crozier foi conversar com os homens à frente e alguns lhe deram presentes – uma pequena bolsa de tabaco escondido, a escultura de um urso-polar correndo, o rosto ursino exagerado de desenho sugerindo medo (dada de brincadeira, e provavelmente com algum temor de que o formidável capitão punisse o homem por fetichismo), uma camiseta vermelha de lã remendada do amigo recentemente falecido de um homem e todo um conjunto de xadrez esculpido do cabo fuzileiro Robert Hopcraft (um dos homens mais quietos e menos presunçosos da expedição, que havia sido promovido a cabo após ter oito costelas quebradas, uma clavícula fraturada e um braço deslocado durante o ataque da coisa ao abrigo de caça de sir John em junho). Crozier agradeceu a todos, apertou mãos e ombros e voltou para o refeitório dos oficiais, onde a disposição era um pouco mais animada graças à doação surpresa pelo primeiro-tenente Little de duas garrafas de uísque que mantivera escondidas por quase três anos.

A tempestade parou na manhã de 26 de dezembro. A neve subira três metros e meio acima do nível da proa e um metro e oitenta mais alto que a balaustrada do tombadilho superior de estibordo. Após cavar e liberar o navio e abrir a trilha marcada por moledros entre os navios, os homens se ocuparam preparando o que estavam chamando de Segundo Grande Carnaval Veneziano – sendo o primeiro, supunha Crozier, aquele do qual participara como aspirante na viagem polar fracassada de Parry em 1824.

Naquela manhã negra como meia-noite de 26 de dezembro, Crozier e o primeiro-tenente Edward Little deixaram a supervisão dos grupos de pás e escavação a cargo de Hodgson, Hornby e Irving e deram a longa caminhada pelas dunas até o *Erebus*. Crozier ficou levemente chocado ao descobrir que Fitzjames continuara a perder peso – o colete e as calças eram vários números

maiores que ele agora, apesar das tentativas evidentes de seu camareiro de apertá-los –, mas ficou ainda mais chocado durante sua conversa ao se dar conta de que o comandante do *Erebus* não prestava atenção plenamente a maior parte do tempo. Fitzjames parecia distraído, como um homem fingindo conversar mas cuja verdadeira atenção está na música sendo tocada em uma sala adjacente.

– Seus homens estão tingindo lonas no gelo – disse Crozier. – Eu os vi preparando grandes barris de verde, azul e até mesmo preto. Para velas reservas perfeitamente boas. Isso é aceitável para você, James?

Fitzjames deu um sorriso distante.

– Você realmente acha que iremos precisar daquelas velas novamente, Francis?

– Espero em Cristo que sim – retrucou Crozier irritado.

O sorrisinho sereno e enlouquecedor do outro capitão continuou.

– Você deveria ver nosso porão, Francis. A destruição continuou e acelerou desde nossa última inspeção na semana antes do Natal. O *Erebus* não flutuaria uma hora em mar aberto. O leme está em pedaços e era o reserva.

– Novos lemes podem ser feitos – disse Crozier, lutando contra a vontade de trincar os dentes e cerrar os punhos. – Carpinteiros podem prender tábuas soltas. Estive trabalhando em um plano para cavar um buraco no gelo ao redor dos dois navios, criando docas secas de dois metros e meio de profundidade no próprio gelo antes do degelo de primavera. Podemos chegar aos cascos externos dessa forma.

– Degelo de primavera – repetiu Fitzjames e deu um sorriso quase debochado.

Crozier decidiu mudar de assunto.

– Não está preocupado com os homens no comando desse elaborado Carnaval Veneziano?

Fitzjames desafiou sua origem de cavalheiro dando de ombros.

– Por que deveria? Não sei o seu navio, Francis, mas o Natal no *Erebus* foi um exercício de infelicidade. Os homens precisam de algo para elevar o moral.

Crozier não discutiu a observação sobre o Natal ser um exercício de infelicidade.

– Mas um baile à fantasia no gelo durante outro dia de absoluta escuridão?
– disse. – Quantos perderemos para a coisa que espera lá fora?

– Quantos perderemos se nos escondermos em nossos navios? – devolveu Fitzjames. O sorrisinho e o ar distraído continuavam. – E deu certo quando vocês fizeram o primeiro Carnaval Veneziano sob Hoppner e Parry em 1824.

Crozier balançou a cabeça.

– Aquilo foi apenas dois meses após termos ficado congelados – disse, suavemente. – E Parry e Hoppner eram fanáticos por disciplina. Mesmo com toda a frivolidade e o amor à encenação dos dois capitães, Edward Parry costumava dizer “fantasias sem licenciosidade” e “bailes sem excessos!”. Nossa disciplina não foi mantida tão bem nesta expedição, James.

Fitzjames finalmente perdeu seu ar distraído.

– Capitão Crozier – disse rigidamente. – Está me acusando de permitir que a disciplina seja frouxa a bordo de meu navio?

– Não, não, não – disse Crozier, não sabendo se já estava acusando o homem mais jovem disso ou não. – Só estou dizendo que este é nosso terceiro ano no gelo, não nosso terceiro mês, como foi com Parry e Hoppner. Costuma haver alguma perda de disciplina acompanhando doença e moral baixo.

– Não seria mais uma razão para permitir que os homens tenham essa diversão? – perguntou Fitzjames, a voz ainda áspera. Suas bochechas pálidas haviam corado com a crítica implícita de seu superior.

Crozier suspirou. Agora era tarde demais para deter aquele maldito baile à fantasia, percebeu. Os homens estavam soltos e determinados, e aqueles no *Erebus*, que lideravam os preparativos com maior entusiasmo, eram exatamente aqueles que seriam os primeiros a fomentar motim caso chegasse o momento. O truque do capitão, Crozier sabia, era nunca permitir que esse momento chegasse. Ele honestamente não sabia se esse baile seria bom ou ruim para essa causa.

– Certo – disse finalmente. – Mas os homens precisam entender que não podem desperdiçar nem um pedaço ou gota de carvão, óleo de lamparina, combustível pirolenhoso ou éter para os fornos a álcool.

– Eles prometeram que usarão apenas archotes – disse Fitzjames.

– E nada de álcool ou comida extra para o dia – acrescentou Crozier. – Acabamos de entrar nas rações muito racionadas hoje. Não iremos mudar isso no quinto dia para um baile à fantasia que nenhum de nós endossa totalmente.

Fitzjames anuiu.

– O tenente Le Vesconte, o tenente Fairholme e alguns dos homens que são atiradores com rifle melhores que a média sairão em grupos de caça esta semana antes do baile na esperança de encontrar caça, mas os homens entendem que serão as rações de hábito, ou melhor, a nova porção reduzida, caso os caçadores voltem de mãos vazias.

– Como aconteceu em oportunidades alternadas nos últimos três meses – murmurou Crozier. Depois acrescentou em uma voz mais amistosa. – Certo, James. Vou voltar.

Ele parou à porta da pequena cabine de Fitzjames.

– Por falar nisso, por que eles estão tingindo aquelas velas de verde, preto e todas as outras cores?

Fitzjames sorriu, distraído.

– Não faço ideia, Francis.



A sexta-feira, 31 de dezembro de 1847, amanheceu fria, mas sem vento – embora, claro, não houvesse uma alvorada real. A vigia matinal no *Terror* sob o sr. Irving registrou a temperatura como sendo de -58° Celsius. Não havia vento perceptível. Nuvens haviam se movido durante a noite e escondido o céu de um horizonte ao outro. Estava muito escuro.

A maioria dos homens parecia ansiosa para ir ao baile assim que o desjejum terminou – uma refeição mais rápida com as novas rações, consistindo em um único biscoito de marinheiro com geleia e uma concha reduzida de mingau de cevada com um pouco de açúcar –, mas todas as obrigações nos navios tinham de ser cumpridas, e Crozier concordara em liberar todos para ir apenas depois que o trabalho do dia e o almoço tivessem terminado. Ainda assim concordara em que aqueles homens sem trabalhos específicos no dia – esfregar o convés inferior, os turnos de sentinela habituais, degelar o cordame, tirar neve do

convés, reparos nos navios, reparos nos moledros, aulas – poderiam fazer os últimos preparativos para o baile, e cerca de uma dúzia de homens foi para a escuridão depois do desjejum, acompanhados por dois fuzileiros com mosquetes.

Ao meio-dia, e com a distribuição do grogue ainda mais diluído, a excitação do grupo que ficara no navio era palpável. Crozier liberou mais seis homens que haviam concluído suas obrigações do dia e mandou o segundo-tenente Hodgson com eles.

Naquela tarde, caminhando pelo convés de popa no escuro, Crozier já podia ver o brilho de archotes logo além do maior iceberg que se erguia entre os dois navios. Ainda não havia vento nem estrelas.

Na hora do almoço, os homens remanescentes estavam inquietos como crianças pequenas na véspera do Natal. Terminaram a refeição em tempo recorde, mesmo considerando as rações reduzidas – como aquela sexta-feira não era um “dia de farinha” com assados, estavam comendo pouco mais que Pobre John, alguns legumes enlatados de Goldner e dois dedos de cerveja Burton’s Ale – e Crozier não teve coragem de segurá-los no navio enquanto os oficiais terminavam sua refeição mais relaxadamente. Ademais, os oficiais que permaneciam a bordo estavam tão ansiosos quanto os marinheiros para ir ao baile. Até mesmo o engenheiro, James Thompson, que raramente demonstrava interesse por qualquer coisa que não o maquinário no porão, e que perdera tanto peso que parecia um esqueleto ambulante, estava no convés inferior, vestido e pronto para partir.

Então, às 19 horas, o capitão Crozier se viu enrolado em todas as camadas que conseguiu adicionar, fazendo a inspeção final dos oito homens deixados de sentinela no navio – o primeiro imediato Hornby estava de plantão, mas seria rendido antes de meia-noite pelo jovem Irving, que voltaria com três marinheiros para que Hornby e seus vigias pudessem ir ao baile – e depois desceram a rampa de gelo para o mar congelado e caminharam rapidamente pelo ar a -62° Celsius na direção do *Erebus*. O grupo de trinta e tantos homens logo formou uma longa fila no escuro, e Crozier se viu caminhando com o tenente Irving, o mestre do gelo Blanky e alguns suboficiais.

Blanky se movia lentamente, usando uma muleta bem estofada sob o braço direito, já que perdera o calcanhar do pé direito e ainda não dominara a técnica de caminhar com a prótese de madeira e couro, mas parecia de bom humor.

– Boa noite, capitão – disse o mestre do gelo. – Não permita que o atrase, senhor. Meus colegas aqui, Fat Wilson, Kenley e Billy Gibson, me levarão até lá.

– Parece estar se movendo tão rápido quanto nós, sr. Blanky.

Enquanto passavam pelos archotes acesos a cada cinco moledros, ele percebeu que continuava a não ventar; as chamas tremeluziam verticalmente. O caminho havia sido bem usado, as aberturas nas cristas de pressão limpas e alargadas para permitir uma passagem fácil. O grande iceberg ainda oitocentos metros à frente deles parecia iluminado por dentro por todos os archotes que queimavam do outro lado, e lembrava uma fantasmagórica torre de cerco militar brilhando na noite. Crozier lembrou de ir a feiras regionais irlandesas quando menino. Naquela noite o ar, embora bem mais frio que nas noites de verão irlandesas, estava tomado por uma excitação similar. Ele olhou para trás, se assegurando de que o soldado Hammond, o soldado Daly e o sargento Tozer estavam na retaguarda com as armas diante do corpo e sem luvas externas.

– Estranho como os homens estão excitados com este baile, não é mesmo, capitão? – disse o sr. Blanky.

Crozier só pôde grunhir para isso. Naquela tarde ele bebera o resto de seu uísque pessoalmente racionado. Temia os próximos dias e as noites.

Blanky e seus colegas estavam se movendo tão rapidamente – com ou sem muleta – que Crozier os deixou avançar. Tocou o braço de Irving, e o tenente alto e magro recuou de onde estava andando com o tenente Little, os cirurgiões Peddie e McDonald, o carpinteiro Honey e outros.

– John, alguma notícia de lady Silêncio? – Crozier perguntou quando estavam fora do alcance dos oficiais, mas ainda suficientemente à frente dos fuzileiros para não serem ouvidos.

– Não, capitão. Verifiquei pessoalmente o armário de proa há menos de uma hora, mas ela já havia saído pela sua portinha dos fundos.

Quando Irving relatara a Crozier as excursões extracurriculares de sua hóspede mais cedo em dezembro, o primeiro instinto do capitão fora desmoronar o estreito túnel de gelo, lacrar e reforçar a proa do navio e jogar a jovem no gelo de uma vez por todas.

Mas não fizera isso. No lugar, Crozier ordenara que o tenente Irving escolhesse três tripulantes para vigiar lady Silêncio sempre que fosse factível e que a seguisse para o gelo novamente se possível. Até então, ele não a vira sair pelos fundos novamente, embora Irving tivesse passado horas escondido no gelo irregular além da proa do navio, esperando. Era como se a mulher tivesse visto o tenente durante seu encontro sobrenatural com a criatura do gelo, como se quisesse que a visse e ouvisse lá, e tivesse sido o suficiente. Parecia estar sobrevivendo de rações do navio naqueles dias e usando o armário de cabos da proa apenas para dormir.

O motivo de Crozier para não expulsar a nativa imediatamente era simples: seus homens estavam iniciando o lento processo de morrer de fome, e não teriam suprimento adequado para passar a primavera, muito menos o ano seguinte. Se lady Silêncio estava conseguindo comida fresca do gelo no meio do inverno – talvez capturando focas, com esperança morsas – essa era uma habilidade que Crozier sabia que suas tripulações teriam de aprender de modo a sobreviver. Não havia nenhum verdadeiro caçador ou pescador no gelo entre os cento e poucos sobreviventes.

Crozier havia deixado de lado o relato constrangido, e com uma forte crítica pessoal, do tenente Irving de ter visto a criatura do gelo fazer alguma espécie de música com a mulher e levado oferendas de comida a ela. O capitão simplesmente nunca iria acreditar que Silêncio havia treinado um enorme urso-branco – se era tal coisa – para caçar e levar para ela peixe, foca ou morsa como um cão de caça inglês pegando faisões para seu mestre. Quanto à música... bem, isso era absurdo.

Mas ela escolhera aquele dia para sumir novamente.

– Bem – disse Crozier, os pulmões doendo pelo ar frio, mesmo filtrado pelo grosso cachecol de lã. – Quando retornar com a turma de vigia de rendição aos oito toques, verifique o armário novamente, e caso não esteja lá... O que em nome de Cristo todo-poderoso?

Eles haviam superado a última linha de cristas de pressão e chegaram ao gelo marinho liso dos últimos quatrocentos metros até o *Erebus*. O cenário que recebeu Crozier fez seu queixo cair sob o cachecol de lã e as lapelas erguidas do paletó.

O capitão imaginara que os homens fariam o Segundo Grande Carnaval Veneziano no mar plano imediatamente abaixo do *Erebus*, como Hoppner e Parry haviam montado seu baile de máscaras na estreita faixa de gelo entre os congelados *Hecla* e *Fury* em 1824, mas enquanto o *Erebus* permanecia com a proa erguida, escuro e com aparência desolada em seu sujo pedestal de gelo, toda luz, os archotes, o movimento e o tumulto vinham de uma área a quatrocentos metros de distância, bem diante do maior iceberg.

– Pelos céus – disse o tenente Irving.

Enquanto o *Erebus* parecia um monstro escuro, uma nova massa de cabos – uma verdadeira cidade de lonas coloridas e archotes bruxuleantes – se erguera no círculo nu de gelo marinho, floresta de seracos e terreno aberto abaixo do enorme iceberg brilhante. Crozier só conseguia ficar parado, olhando.

Os aparelhadores tinham estado ocupados. Alguns obviamente haviam escalado o próprio iceberg, cravando fundo enormes parafusos de gelo a 18 metros de altura, instalando anéis e polias, acrescentando massame, cordas e peças do depósito suficientes para montar uma caravela de três mastros com velas enfunadas.

Uma teia de aranha de uma centena de cordas cobertas de gelo descia do iceberg e voltava ao *Erebus*, sustentando uma cidade de paredes de lona coloridas e iluminadas. Essas paredes de lona tingidas – algumas com nove metros de altura ou mais – estavam cravadas no gelo marinho, em seracos e blocos de gelo, mas esticadas em suas vergas verticais com suportes em diagonal em relação ao alto iceberg.

Crozier se aproximou, ainda piscando. O gelo em seus cílios ameaçava congelar suas pálpebras fechadas, mas continuou a piscar.

Era como se uma série de gigantescas barracas coloridas tivesse sido montada no gelo, mas aquelas barracas não tinham teto. As paredes verticais, iluminadas por dentro e por fora por archotes, coleavam do gelo marinho

aberto para a floresta de seracos e continuavam a subir a face vertical do próprio iceberg. Enormes salas ou apartamentos coloridos haviam sido erguidos quase que da noite para o dia no gelo. Cada câmara ficava em ângulo em relação à anterior, uma curva fechada em massame, varas e lonas sendo evidentes a cada vinte metros, mais ou menos.

A primeira câmara se abria para leste, no gelo. A lona ali havia sido tingida com um azul profundo e brilhante – o azul de céus não vistos em tantos meses que a cor deu um nó na garganta do capitão Crozier – e archotes e braseiros de chamas do lado de fora das laterais verticais da câmara de lona faziam as paredes azuis reluzir e pulsar.

Crozier passou pelo sr. Blanky e seus colegas, que fitavam assombrados. Ele ouviu o mestre do gelo murmurar:

– Cristo.

Crozier se aproximou ainda mais, de fato entrando no espaço definido pelas paredes azuis brilhantes.

Figuras vistosamente vestidas e estranhamente trajadas caminhavam e giravam ao seu redor – trapeiros com caudas de cometa de panos coloridos se estendendo atrás, altos limpadores de chaminé com fraques retintos e cartolas cheias de fuligem dançavam, pássaros exóticos de bicos dourados compridos pisavam levemente, xeques da Arábia com turbantes vermelhos e sapatos persas pontudos deslizando pelo gelo escuro, piratas com máscaras azuis da morte perseguindo um unicórnio empinado, generais do exército de Napoleão usando máscaras brancas de algum coro grego seguindo em procissão solene. Algo vestido todo de verde – um espírito da floresta? – correu até Crozier sobre o gelo firme e disse em falsete:

– A arca com os trajes está à sua esquerda, capitão. Sinta-se à vontade para combinar – disse a aparição, em seguida sumindo, se misturando à multidão movimentada de figuras bizarramente vestidas.

Crozier continuou a penetrar mais fundo no labirinto de apartamentos coloridos.

Além da câmara azul, fazendo uma curva fechada à direita, havia uma comprida sala roxa. Crozier viu que não estava vazia. Os homens organizando o baile haviam colocado tapetes, tapeçarias, mesas ou barris aqui e ali em cada

apartamento, os móveis e peças tingidos ou pintados do mesmo tom das paredes brilhantes.

Além da sala roxa, fazendo uma curva fechada à esquerda, mas em um ângulo tão estranho que Crozier teria de olhar as estrelas – caso houvesse alguma estrela visível – para definir sua posição exata, ficava uma comprida câmara verde. Aquela sala longa tinha o maior número de festeiros até então: mais pássaros exóticos, uma princesa com um comprido rosto de cavalo, criaturas tão segmentadas e estranhamente unidas que pareciam insetos gigantes.

Francis Crozier não se lembrava de nenhum desses trajes das arcas de Parry no *Fury* e no *Hecla*, mas Fitzjames insistira em que Franklin levara exatamente aquelas velhas peças emboloradas.

A quarta câmara era mobiliada e iluminada em laranja. A luz do archote através da lona fina tingida de laranja parecia viva o suficiente para ser comida. Mais tela laranja, pintada e tingida para que parecesse tapeçaria, havia sido colocada sobre o gelo marinho, e havia um enorme recipiente com ponche na mesa de toalha laranja no centro do espaço. Pelo menos trinta figuras em trajes loucos haviam convergido para o ponche, alguns mergulhando os rostos com bicos ou presas para beber.

Crozier se deu conta, chocado, de que vinha música alta do quinto segmento do labirinto de apartamentos. Fazendo outra curva para a direita, ele chegou a uma câmara branca. Arcas do mar e cadeiras do refeitório dos oficiais cobertas com lençóis haviam sido colocadas ao longo das paredes de lona branca ali, e o tocador de música mecânica quase esquecido da Grande Cabine do *Terror* era operado por um ser fantástico fantasiado na extremidade distante da câmara, a máquina executando sucessos de musicais de seus grandes discos metálicos rotatórios. O som de alguma forma parecia muito mais alto ali no gelo.

Festeiros entravam e saíam da sexta câmara, e Crozier passou pelo tocador, fez uma curva fechada à esquerda e entrou em uma sala violeta.

Os olhos de marinheiro do capitão admiraram o massame que se erguia de vergas reservas viradas até uma verga pendurada no ar – teias de cordas vinham das outras seis câmaras para serem amarradas – e os cabos mestres que subiam

dessa verga central para as âncoras no alto da parede do iceberg. Os aparelhadores do *Erebus* e do *Terror* que haviam concebido e executado aquele labirinto de sete câmaras obviamente também haviam exorcizado parte da inacreditável frustração por não serem capaz de executar seu ofício por estarem presos no gelo e imóveis por tantos meses, os topos de mastros, vergas e massame de seus navios baixados e estocados no gelo. Mas aquela sala violeta tinha poucos tripulantes fantasiados, e a luz era estranhamente opressiva. O único mobiliário ali eram pilhas de caixas vazias no centro do espaço, todas envoltas em lençóis violeta. Os poucos pássaros, piratas e trapeiros na sala paravam para beber nas taças de cristal levadas da sala branca, olhavam ao redor e voltavam rapidamente às câmaras exteriores.

A sala final além da violeta parecia não emanar luz alguma.

Crozier seguiu o ângulo agudo à direita a partir da câmara violeta e se viu em uma câmara de negror quase absoluto.

Não, isso não era verdade, percebeu. Archotes queimavam do lado de fora das paredes de vela tingidas de preto ali como fora de todas as outras câmaras, mas o efeito era apenas um brilho contido no ar de ébano. Crozier teve de parar para que seus olhos se acostumassem, e, quando isso aconteceu, ele recuou dois passos assustados.

O gelo abaixo sumira. Era como se estivesse andando sobre a água negra do mar Ártico.

O capitão só levou alguns segundos para compreender o truque. Os marinheiros haviam levado fuligem da caldeira e dos depósitos de sacos de carvão e espalhado sobre o gelo marinho ali – um velho truque de marinheiro para derreter o gelo marinho mais rapidamente no final da primavera ou no verão recalcitrante, mas não havia nenhum derretimento naquela noite com os dias sem sol e as temperaturas despencando para sete graus negativos. Em vez disso, a fuligem e o carvão deixaram o gelo sob os pés invisível na luz de ébano daquele último compartimento terrível.

Quando os olhos de Crozier se acostumaram mais, ele percebeu que só havia um móvel no comprido compartimento preto, mas seu maxilar trincou de raiva quando viu o que era.

O alto relógio de ébano do avô do capitão sir John Franklin estava na extremidade distante daquele compartimento negro, o fundo voltado para o iceberg que servia como parede dos fundos do quarto ébano e o final do labirinto de sete câmaras. Crozier podia ouvir o tique-taque pesado da coisa.

E acima do relógio, se projetando do gelo como algo lutando para se libertar do iceberg, estava a cabeça peluda branca e os dentes de marfim amarelo de um monstro.

Não, ele se conteve novamente, não um monstro. A cabeça e o pescoço de um grande urso-branco de algum modo haviam sido instalados no gelo. A boca da criatura estava aberta. Seus olhos negros refletiam a pouca luz dos archotes que conseguiam penetrar pelas paredes de lona tingida de preto. O pelo e os dentes do urso eram as coisas mais brilhantes no compartimento ébano. Sua língua era de um vermelho chocante. Abaixo da cabeça, o relógio de ébano tiquetaqueava como um coração.

Tomado por uma fúria que não conseguia definir, Crozier saiu marchando do compartimento de ébano, parou na sala branca e gritou por um oficial – qualquer oficial.

Um sátiro com um comprido rosto de papier-mâché e um cone priáprico se elevando de seu cinto vermelho se adiantou sobre cascos metálicos pretos colocados sob botas pesadas.

– Sim, senhor?

– Tire a porra da máscara!

– Sim, sim, capitão – disse o sátiro, levantando a máscara para revelar Thomas R. Farr, capitão da gávea do *Terror*. Uma mulher chinesa com seios enormes ao seu lado baixou a máscara para revelar o rosto redondo e gordo de John Diggle, o cozinheiro. Junto a Diggle estava um rato gigantesco que baixou o focinho o suficiente para revelar o rosto do tenente James Walter Fairholme, do *Erebus*.

– Qual, porra, é o significado de tudo isto? – rugiu Crozier.

Várias criaturas fantásticas recuaram na direção das paredes brancas ao som da voz de Crozier.

– Do que exatamente, capitão? – perguntou o tenente Fairholme.

– *Isto!* – berrou Crozier, erguendo braços e mãos para indicar as paredes brancas, o massame acima, os archotes... tudo.

– Nenhum significado, capitão – respondeu o sr. Farr. – É simplesmente... carnaval.

Crozier sempre, até aquele momento, achara Farr uma pessoa confiável e sensata, e um belo capitão da gávea.

– Senhor Farr, ajudou no massame? – perguntou secamente.

– Sim, senhor.

– E tenente Fairholme, estava consciente da... cabeça de animal... exibida de forma tão bizarra naquela última câmara?

– Sim, capitão – disse Fairholme. O rosto comprido e desgastado do tenente não revelava nenhum sinal de medo da raiva do comandante da expedição. – Eu mesmo o abati. Ontem à noite. Na verdade, dois dos ursos. Uma mãe e seu filhote macho quase adulto. Vamos assar a carne por volta de meia-noite; uma espécie de banquete, senhor.

Crozier encarou os homens. Ele podia sentir o coração batendo forte no peito, podia sentir a raiva que – misturada com o uísque que ele consumira naquele dia e a certeza de que não haveria mais nos dias seguintes – muitas vezes o levava à violência quando em terra.

Ele precisava tomar cuidado.

– Sr. Diggle – disse à chinesa gorda com os seios enormes. – Sabe que o fígado dos ursos-brancos nos faz mal.

A papada de Diggle sacudiu para cima e para baixo tão livremente quanto os peitos de travesseiro abaixo.

– Ah, sim, capitão. Há algo ruim no fígado do urso-polar que não conseguimos retirar com o calor. Não haverá fígado nem pulmões no banquete que preparo esta noite, capitão, lhe asseguro. Apenas carne fresca, centenas de quilos de carne fresca, grelhada, chamuscada e frita à perfeição, senhor.

O tenente Fairholme falou.

– Os homens estão considerando um bom presságio que tenhamos nos deparado com dois ursos no gelo e conseguido matá-los, capitão. Todos estão ansiando pelo banquete à meia-noite.

– Por que não fui informado dos ursos? – cobrou Crozier.

O oficial, o capitão da gávea e o cozinheiro se entreolharam. Pássaros, animais e fadas próximos se entreolharam.

– A fêmea e o filhote só foram abatidos tarde da noite de ontem, capitão – disse Fairholme finalmente. – Acho que todo o deslocamento entre os navios hoje foi de tripulantes do *Terror* vindo para trabalhar no baile e se aprontar, nenhum mensageiro do *Erebus* fazendo a viagem de volta. Minhas desculpas por não informá-lo, senhor.

Crozier sabia que fora Fitzjames o negligente em relação àquilo. E sabia que os homens ao redor sabiam disso.

– Muito bem. Continuem – disse finalmente. Mas acrescentou quando os homens começaram a recolocar as máscaras. – E Deus os ajude caso o relógio de sir John seja danificado de alguma forma.

– Sim, capitão – disseram as formas mascaradas ao redor dele.

Com um olhar final, quase apreensivo, através da sala violeta na direção do terrível compartimento preto – quase nada nos 51 anos de frequente melancolia de Francis Crozier o oprimira tanto quanto aquele compartimento ébano – ele passou da sala branca para a laranja, depois da sala laranja para a sala verde, da sala verde para a sala roxa, da sala roxa para a sala azul, e da sala azul para o gelo aberto mais escuro.

Só quando estava fora do labirinto de velas tingidas Crozier sentiu que poderia respirar direito.

Formas fantasiadas abriam espaço para o capitão furioso enquanto ele seguia na direção do *Erebus* e da figura escura e pesadamente vestida de pé no alto da rampa de gelo.

O capitão Fitzjames estava sozinho perto da amurada do navio no alto da rampa. Fumava seu cachimbo.

– Boa noite, capitão Crozier.

– Boa noite, capitão Fitzjames. O senhor esteve dentro daquele... daquele...

Ele perdeu as palavras e apontou para a cidade barulhenta e iluminada de paredes coloridas e massame elaborado atrás. Os archotes e braseiros brilhavam lá.

– Sim, estive – disse Fitzjames. – Os homens demonstraram uma inacreditável engenhosidade, eu diria.

Crozier não tinha nada a dizer quanto àquilo.

– A questão agora – disse Fitzjames – é se suas muitas horas de trabalho e engenho foram para servir à expedição... ou ao diabo.

Crozier tentou ver os olhos do jovem oficial sob a pala de seu quepe presa com um cachecol. Não tinha ideia de se Fitzjames estava brincando.

– Eu os alertei de que não podiam desperdiçar um quartilho de óleo ou um pedaço extra de carvão nesse maldito baile – disse Crozier. – E agora olhe aqueles fogos!

– Os homens me garantiram que só estão usando o óleo e o carvão que pouparam não aquecendo o *Erebus* nas últimas semanas!

– De quem foi a ideia daquele... labirinto? – perguntou Crozier. – Os compartimentos coloridos? A sala ébano?

Fitzjames soprou fumaça, tirou o cachimbo e deu um risinho.

– Tudo ideia do jovem Richard Aylmore.

– Aylmore? – repetiu Crozier. Ele lembrava do nome, mas não do homem.
– Seu comissário dos suboficiais?

– Ele mesmo.

Crozier lembrava de um homem baixo, quieto, com olhos fundos reflexivos, um tom pedante na voz e um bigode preto pequeno.

– De que inferno ele tirou isso?

– Aylmore morou nos Estados Unidos vários anos antes de voltar para casa em 1844 e se alistar no Serviço de Descobertas – disse Fitzjames. O tubo do cachimbo retinia levemente contra seus dentes. – Ele afirma que leu uma história absurda há cinco anos, em 1842, descrevendo um baile de máscaras como este com compartimentos coloridos, leu quando morava em Boston com o primo. Em uma publicação vagabunda chamada *Graham's Magazine*, se bem me lembro. Aylmore não conseguia lembrar bem da trama do conto, mas lembra de que era sobre um estranho baile de máscaras dado por um certo príncipe Próspero... e diz que está bem certo da sequência de salas, terminando naquele terrível compartimento ébano. Os homens adoraram a ideia.

Crozier só conseguiu balançar a cabeça. Fitzjames continuou.

– Francis, este foi um navio abstêmio por dois anos e meio sob sir John. A despeito disso eu consegui contrabandear a bordo três garrafas de um belo uísque que meu pai me deu. Resta uma garrafa. Ficaria honrado se a partilhasse comigo esta noite. Ainda irá demorar três horas até que os homens comecem a preparar os dois ursos que abateram. Ontem autorizei o meu sr. Wall e o seu sr. Diggle a instalar no gelo dois dos fogões de baleeira para aquecer coisas como os legumes enlatados e construir uma enorme grelha no que estão chamando de sala branca para o preparo da carne de urso. No mínimo, será nossa primeira carne fresca em mais de três meses. Você se importaria de ser meu convidado para aquela garrafa de uísque na antiga cabine de sir John até chegar a hora do banquete?

Crozier anuiu e seguiu Fitzjames para o navio.

CROZIER

*Lat. 70° - 05' N., Long. 98° - 23' W.
31 de dezembro de 1847 – 1º de janeiro de 1848*

Crozier e Fitzjames saíram do *Erebus* algum momento antes de meia-noite. A Grande Cabine estava terrivelmente gelada, mas o frio mais profundo ali fora na noite era uma agressão a seus corpos e sentidos. O vento aumentara ligeiramente nas duas horas anteriores, e por toda parte os archotes e braseiros e tripés – Fitzjames sugerira, e depois da primeira hora de uísque Crozier concordara, enviar sacos extras de carvão e querosene para alimentar braseiros abertos e impedir os convivas de congelar – estavam se agitando e estalando na noite gelada 70 graus abaixo.

Os dois capitães conversaram muito pouco, cada um perdido em seus próprios sonhos melancólicos. Foram interrompidos 12 vezes. O tenente Irving foi relatar que estava levando a equipe de vigia substituta de volta ao *Terror*; o tenente Hodgson foi relatar que sua vigia chegara ao baile; outros oficiais em fantasias absurdas foram relatar que tudo estava bem no próprio baile; vários vigias e oficiais do *Erebus* foram relatar que começavam ou encerravam plantões; o sr. Gregory, o engenheiro, foi relatar que podiam muito bem usar o carvão para os braseiros, já que não havia suficiente para alimentar o motor a vapor para mais que algumas horas de força caso se desse o mítico degelo, e então partiu para tomar providências para que vários sacos fossem carregados para a cerimônia cada vez mais agitada no gelo; o sr. Murray, o velho fabricante de velas – vestido como uma espécie de agente funerário com um crânio abaixo de sua cartola, um crânio não muito diferente

de sua própria expressão envelhecida – pediu perdão e perguntou se seus ajudantes poderiam quebrar duas vergas extras para construir uma proteção para os novos braseiros de tripé.

Os capitães haviam confirmado recebimento e dado permissões, transmitido suas ordens e censuras, nunca realmente saindo de seus pensamentos induzidos pelo uísque.

Em algum momento entre 11 e meia-noite, eles voltaram a se embrulhar em seus trajes exteriores, subiram ao convés e então desceram para o gelo novamente após Thomas Jopson e Edmund Hoar, respectivos camareiros de Crozier e Fitzjames, terem descido à Grande Cabine com os tenentes Le Vesconte e Little – todos os quatro homens em trajes bizarros colocados por cima e por baixo de muitas camadas – para anunciar que a carne de urso estava sendo preparada, que porções especiais estavam sendo reservadas para os capitães e perguntar se os capitães não poderiam, por favor, ir para a festa naquele momento.

Crozier se deu conta de estar muito bêbado. Ele se acostumara a usar seu álcool sem que ele ficasse evidente, e os homens se acostumaram a ele cheirando a uísque, mas em total controle das situações, mas ele não dormia havia várias noites, e naquela meia-noite, saindo para um frio que era uma pancada no peito e caminhando para a lona iluminada, o iceberg reluzente e o movimento de formas estranhas, Crozier sentia o uísque queimando sua barriga e seu cérebro.

A área principal de grelhado fora montada na sala branca. Os dois capitães atravessaram a série de compartimentos sem fazer comentários um com o outro ou com qualquer das dezenas de figuras em fantasias delirantes que circulavam. Da sala azul aberta eles passaram pelas salas roxa e verde, depois pela sala laranja para a branca.

Era evidente para Crozier que a maioria dos homens também estava bêbada. Como haviam feito aquilo? Será que estavam estocando suas porções de grogue? Escondendo a cerveja normalmente servida no jantar? Ele sabia que não haviam invadido a Sala de Bebidas a bordo do *Terror* porque mandara o tenente Little verificar e garantir que os cadeados estavam trancados naquela

manhã e à tarde. E a Sala de Bebidas do *Erebus* estava vazia graças a sir John Franklin, e desde que haviam zarpado.

Mas de alguma forma os homens haviam conseguido destilados. Como um marinheiro de mais de 40 anos que havia servido no convés quando garoto, Crozier sabia que – pelo menos em termos de fermentar, estocar e encontrar álcool – a engenhosidade do marinheiro britânico não conhecia limites.

Enormes pernis e pilhas de carne de urso estavam sendo grelhados acima de um fogo aberto pelo sr. Diggle e pelo sr. Wall, pratos de peltre da comida fumegante sendo dados a filas de homens por um sorridente tenente Le Vesconte, seu dente de ouro brilhando, e por outros oficiais e comissários dos dois navios. O cheiro de carne grelhada era incrível, e Crozier se viu salivando a despeito de todas as suas juras pessoais de não desfrutar naquele banquete de carnaval.

A fila se abriu para os dois capitães. Trapeiros, sacerdotes papistas, cortesãos franceses, espíritos e fadas, mendigos variados, um cadáver em mortalha e dois legionários romanos com capas vermelhas, máscaras pretas e armadura peitoral dourada chamaram Fitzjames e Crozier para frente da fila e se curvaram enquanto os oficiais passavam.

O próprio sr. Diggle, os seios balouçantes de sua dama chinesa gorda agora ao redor da cintura e sacudindo enquanto ele se movia, cortou uma peça nobre para Crozier e depois outra para o capitão Fitzjames. Le Vesconte deu a eles talheres adequados do refeitório dos oficiais e guardanapos de linho brancos. O tenente Fairholme serviu cerveja em duas taças para eles.

– O segredo aqui, capitães, é beber rapidamente, mergulhando a boca como um pássaro, para que os lábios não congelem na taça – disse Fairholme.

Fitzjames e Crozier encontraram lugares à cabeceira de uma mesa envolta em branco, se sentando em cadeiras envoltas em branco, puxadas para eles sobre o gelo que protestava pelo sr. Farr, o capitão da gávea que Crozier confrontara mais cedo. O sr. Blanky estava sentado ali com seu equivalente mestre do gelo, o sr. Reid, assim como Edward Little e meia dúzia de oficiais do *Erebus*. Os cirurgiões se agrupavam na outra ponta da mesa branca.

Crozier tirou as luvas exteriores, flexionou dedos gelados sob luvas de lã e experimentou a carne cuidadosamente, tomando o cuidado de não deixar o

garfo de metal tocar seus lábios. O pedaço de urso queimou sua língua. Ele então sentiu vontade de rir – 70° C abaixo de zero ali fora na noite de Ano-Novo, seu hálito pairando diante dele em uma nuvem de cristais de gelo, o rosto escondido no fundo do túnel de cachecóis, bonés e gorro galês, e ele acabara de queimar a língua. Tentou novamente, dessa vez mastigando e engolindo.

Era o filé mais delicioso que já havia comido. Isso surpreendeu o capitão. Muitos meses antes, na última vez em que haviam provado carne de urso fresca, a carne preparada parecera estragada e rançosa. O fígado, e provavelmente alguns dos outros órgãos normalmente valorizados, deixaram os homens realmente doentes. Fora decidido que a carne do urso-branco Ártico só seria comida se a sobrevivência exigisse isso.

E agora aquele banquete... aquele banquete suntuoso. Ao redor dele na sala branca, e obviamente em barris, arcas e mesas cobertas de lona nas salas laranja e violeta adjacentes, os tripulantes devoravam os filés. O barulho e as conversas de homens felizes logo se elevaram acima do rugido das chamas da grelha ou do tremular das lonas à medida que o vento aumentava. Alguns dos homens ali na sala branca usavam facas e garfos – muitos apenas fincando os filés de urso fumegantes e os mastigando assim –, mas a maioria usava as mãos enluvadas. Era como se mais de cem predadores se banquetessem de sua caça.

Quanto mais Crozier comia, mais voraz ficava. Fitzjames, Reid, Blanky, Farr, Little, Hodgson e os outros ao redor – até mesmo Jopson, seu camareiro, em uma mesa próxima com os outros comissários – pareciam engolir a carne com igual gosto. Um dos ajudantes do sr. Diggle, vestido como um bebê chinês, percorria as mesas, servindo legumes fumegantes de uma panela aquecida em um dos fornos de ferro das baleeiras, mas legumes enlatados, embora maravilhosamente quentes, simplesmente não tinham gosto perto da deliciosa carne fresca de urso. Apenas a posição de Crozier como comandante da expedição o impediu de abrir caminho para o começo da fila e exigir outra porção ao terminar seu pesado pedaço de filé de urso. A expressão de Fitzjames era tudo menos distraída naquele momento; o comandante mais jovem parecia prestes a chorar de felicidade.

De repente, quando a maioria dos homens havia terminado os filés e bebia sua cerveja antes que o líquido rico em álcool congelasse, um rei persa perto da entrada da sala violeta começou a movimentar o tocador de discos.

O aplauso – luvas grossas batendo ruidosamente – começou quase assim que as primeiras notas estalaram para fora da máquina grosseira. Muitos dos homens musicais a bordo dos dois navios haviam se queixado do tocador mecânico de música – a gama de sons que emanava dos discos metálicos que giravam era quase precisamente a de um realejo –, mas aquelas notas eram inconfundíveis. Dezenas de homens se levantaram. Outros começaram a cantar imediatamente, o vapor de seus hálitos se elevando à luz dos archotes brilhando através das paredes de lona brancas. Até mesmo Crozier teve de sorrir como um idiota quando as palavras conhecidas do primeiro verso ecoaram do iceberg que se erguia acima deles na noite gelada.

Quando a Grã-Bretanha por ordem dos céus
se ergueu do oceano azul;
Isso foi a soberania da terra, e anjos da guarda
cantaram esta passagem;

Os capitães Crozier e Fitzjames se levantaram e se uniram ao primeiro coro alto.

Comande, Britânia! Britânia, comande as ondas;
os britânicos nunca serão escravos!

O tenor puro do jovem Hodgson liderou os homens em seis dos sete compartimentos coloridos enquanto cantavam a estrofe seguinte.

Nações não tão abençoadas quanto vós cairão
ao se voltar para tiranos;
Enquanto florescerás grande e livre,
temor e inveja de todas elas.

Vagamente consciente de uma agitação duas salas a leste, na entrada da sala azul, Crozier jogou a cabeça para trás e, aquecido por uísque e filé de urso, berrou com seus homens:

Comande, Britânia! Britânia, comande as ondas;
os britânicos nunca, *nunca* serão escravos!

Os homens nas salas exteriores dos sete compartimentos estavam cantando, mas agora também rindo. O tumulto aumentou. O tocador de música mecânica soou mais alto. Os homens cantaram ainda mais alto. Mesmo de pé e cantando a terceira estrofe entre Fitzjames e Little, Crozier olhou chocado enquanto uma procissão entrava na sala branca.

Ainda mais majestosa te erguerás, mais temível
a cada golpe estrangeiro;
Pois o estrondo alto que rasga os céus, serve apenas
para enraizar vosso carvalho nativo.

Alguém liderava a procissão na versão teatral de um uniforme de almirante. As dragonas eram tão absurdamente largas que se projetavam vinte centímetros além dos ombros do homenzinho. Era muito gordo. Os botões de ouro em seu antiquado paletó naval nunca seriam abotoados. Também não tinha cabeça. A figura levava sua cabeça de papier-mâché sob o braço esquerdo, o chapéu emplumado e mofado de almirante sob o direito.

Crozier parou de cantar. Os outros homens não.

Comande, Britânia! Britânia, comande as ondas;
os britânicos nunca, nunca, *nunca* serão escravos!

Atrás do almirante sem cabeça, que obviamente representava o falecido sir John Franklin, embora sir John não tivesse sido decapitado naquele dia no abrigo de urso, caminhava um monstro com três metros ou três metros e meio de altura.

Eram o corpo, a pele, as patas negras, garras compridas, cabeça triangular e olhos negros de um urso-branco do Ártico, mas caminhava sobre as patas traseiras e tinha o dobro da altura de um urso e o dobro de comprimento dos braços. Andava rigidamente, quase cegamente, balançando a parte superior do corpo para a frente e para trás, os pequenos olhos negros encarando cada homem ao se aproximar. As patas que balançavam – braços pendurados como cordas de sino – eram maiores que as cabeças fantasiadas dos tripulantes.

– É o seu gigante, Manson, embaixo – riu o segundo imediato do *Erebus*, Charles Frederick Des Voeux, ao lado de Crozier, erguendo a voz para ser ouvido acima da estrofe seguinte. – É o seu pequeno ajudante de calafate, Hickey, montado nos ombros dele. Os homens demoraram a noite toda para costurar as duas peles em um traje único.

Seus tiranos arrogantes nunca a domarão,
todas as suas tentativas de vos fazer curvar
Apenas alimentarão vossa chama generosa,
mas causarão a ruína deles, e tua fama.

Enquanto o urso gigante passava, dezenas de homens das salas azul, verde e laranja o seguiam em procissão pela sala branca e para a sala violeta. Crozier ficou como se literalmente congelado em seu lugar perto da mesa de banquete branca. Finalmente, se virou para encarar Fitzjames.

– Juro que não sabia, Francis – disse Fitzjames. Os lábios do outro capitão estavam pálidos e muito apertados.

A sala branca começou a se esvaziar de figuras fantasiadas, enquanto o grupo ali seguia o almirante sem cabeça e o urso gigante bípede balançante, enorme e de passo lento para e através do brilho relativo da comprida sala violeta. O canto bêbado se elevou ao redor de Crozier.

COMANDE, BRITÂNIA! BRITÂNIA, COMANDE AS ONDAS!
OS BRITÂNICOS NUNCA, NUNCA, NUNCA, *NUNCA*
SERÃO ESCRAVOS!

Crozier começou a seguir a procissão para a câmara violeta, e Fitzjames o acompanhou. O capitão do HMS *Terror* nunca se sentira daquele modo em todos os seus anos de comando; sabia que tinha de encerrar aquele simulacro de caricatura – nenhuma disciplina naval poderia tolerar uma comédia em que a morte do antigo comandante da expedição se tornava fonte de humor. Mas ao mesmo tempo sabia que aquilo já chegara a um ponto em que simplesmente gritar uma ordem encerrando o canto, ordenando que Manson e Hickey saíssem de seu obscuro traje de monstro, ordenar que *todos* saíssem de suas fantasias e voltassem a seus alojamentos nos navios seria tão absurdo e inútil quanto o ritual pagão que Crozier observava com raiva crescente.

A VÓS PERTENCE O REINO RURAL, VOSSAS CIDADES
IRÃO BRILHAR COM O COMÉRCIO;
SÓ VOSSO SERÁ O OCEANO SÚDITO, E
VOSSO TODO LITORAL QUE CIRCUNDA!

O almirante sem cabeça, a coisa-urso se arrastando e o cortejo de mais de cem homens fantasiados não pararam na sala violeta. Quando Crozier entrou no espaço de cor violeta – os archotes e os fogos nos tripés externos açoitavam o lado norte da parede de lona tingida de violeta e as próprias velas sacudiam e estalavam ao vento crescente – chegou a tempo de ver Manson e Hickey e seu grupo de cantores parar à entrada da sala ébano.

Crozier resistiu ao impulso de gritar “Não!”. Era uma obscenidade a efígie de sir John e a enorme coisa-urso brincar daquela forma em qualquer espaço, mas inacreditavelmente indecente naquela sala ébano negra e opressiva com sua cabeça de urso-polar e o relógio tiquetaqueando. Qualquer que fosse o último espetáculo idiota que os homens tivessem em mente, pelo menos logo estaria terminado. Isso tinha de ser o final daquele mal concebido equívoco de um segundo Grande Carnaval Veneziano. Ele deixaria que o canto morresse, a imitação pagã acabasse sob aplausos ébrios dos homens, e então ordenaria que a malta saísse das fantasias, mandaria os homens congelados e bêbados de volta aos navios, mas ordenaria que os aparelhadores e organizadores desmontassem as lonas e o massame imediatamente – naquela noite – mesmo isso

significando queimaduras por gelo. E depois lidaria com Hickey, Manson, Aylmore e seus oficiais.

O almirante sem cabeça oscilante e muito aplaudido e o urso-monstro oscilante entraram no compartimento ébano.

O relógio negro de sir John do lado de dentro começou a bater a meia-noite.

A multidão de marinheiros bizarramente fantasiados ao fundo do cortejo começou a pressionar para frente, as últimas filas ansiosas para entrar no compartimento ébano e ver a brincadeira, enquanto os trapeiros, ratos, unicórnios, lixeiros, piratas da perna de pau, príncipes árabes e princesas egípcias, gladiadores, fadas e outras criaturas à frente da malta que já faziam a curva e cruzavam a passagem para a sala negra começavam a resistir ao avanço, forçando para trás, não mais sabendo se queriam estar naquela escuridão de piso de fuligem e paredes pretas.

Crozier abriu caminho à frente em meio à multidão – a massa avançando e depois recuando à medida que aqueles à frente pensavam duas vezes em realmente entrar na penumbra ébano – agora certo de que se não podia encerrar o teatro antes do final, pelo menos poderia abreviar aquele último ato.

Ele mal entrara na escuridão com vinte ou trinta homens na frente do cortejo que também haviam se detido ao entrar – os olhos tinham de se acostumar, e a fuligem negra no chão dava a ele a sensação terrível de cair em um vazio negro – quando sentiu o sopro de ar frio sobre o rosto. Era como se alguém tivesse aberto uma porta na parede do iceberg que se erguia acima de tudo. As figuras fantasiadas ali no escuro continuavam a cantar, mas o verdadeiro volume vinha da multidão ainda na sala violeta e que empurrava.

COMANDE, BRITÂNIA! BRITÂNIA, COMANDE AS ONDAS!

OS BRITÂNICOS NUNCA, NUNCA, NUNCA, NUNCA, *NUNCA*
SERÃO ESCRAVOS!

Crozier só conseguiu ver o branco da cabeça de urso sem corpo se projetando do gelo acima do relógio ébano – os sinos haviam tocado seis vezes

e pareciam terrivelmente altos no espaço escurecido –, e notou que sob a forma mais alta e oscilante de monstro-urso-branco, Manson e Hickey tinham dificuldade em manter o equilíbrio sobre o piso com fuligem, na escuridão gelada com as paredes de lona norte tremulando e sacudindo violentamente ao vento.

Crozier viu que havia uma segunda forma branca grande na sala. Também estava de pé sobre as pernas traseiras. Estava mais fundo na escuridão que o brilho branco de pele de urso de Manson e Hickey. E era muito maior. E mais alto.

Enquanto os homens ficavam em silêncio e o relógio dava as quatro últimas batidas, algo na sala rugiu.

AS MUSAS, COM A LIBERDADE ENCONTRADA, IRÃO PARA
VOSSO FELIZ LITORAL SE RENOVAR;
ILHA ABENÇOADA! COM BELEZA ÍMPAR COROADA,
E CORAÇÕES MASCULINOS PARA AS DAMAS GUIAR!

De repente, os homens na sala ébano estavam se lançando para trás sobre o grupo de marinheiros que ainda empurrava para tentar entrar.

– O quê, em nome de Deus? – perguntou o dr. McDonald.

Os quatro cirurgiões, todos em fantasias de arlequim, mas com as máscaras agora penduradas, foram reconhecidos por Crozier no brilho violeta mais forte que vinha da curva de lona entre as salas.

Um homem na sala ébano gritou de terror. Depois veio um segundo rugido, diferente de qualquer coisa que Francis Rawdon Moira Crozier já ouvira; era algo mais à vontade em uma floresta densa de uma era hiperbórea anterior que no Ártico do século XIX. O som se tornou tão alto nos tons graves, tão reverberante, e se ergueu tão feroz que fez o capitão do HMS *Terror* querer urinar na calça bem ali na frente de seus homens.

A maior das duas formas brancas na penumbra investiu para frente.

Homens fantasiados gritaram, tentaram recuar contra a onda de curiosos pressionando para frente e então correram para a esquerda e a direita na

escuridão, se chocando contra as quase invisíveis paredes de lona tingida de preto.

Crozier, desarmado, ficou onde estava. *Sentiu* o volume da coisa passar por ele no escuro. Sentiu-a com sua *mente...* sentiu em sua *cabeça*. Houve um fedor repentino, como se de sangue velho, depois o fedor de carniça.

Princesas e fadas jogavam fantasias e trajes de frio na escuridão, agarrando as paredes pretas e procurando suas facas nos cintos enterrados.

Crozier ouviu um *tapa* carnudo e nauseante enquanto enormes patas do tamanho de travessas ou garras do tamanho de facas se lançavam contra o corpo de um homem. Algo foi esmagado de modo nauseante enquanto dentes mais compridos que lâminas de baionetas atravessavam crânio ou osso. Nas salas exteriores, os homens ainda cantavam.

COMANDE, BRITÂNIA! BRITÂNIA, COMANDE AS ONDAS!

OS BRITÂNICOS NUNCA, NUNCA, NUNCA, NUNCA, *NUNCA*
SERÃO ESCRAVOS!

O relógio de ébano parou de badalar. Era meia-noite. Era 1848.

Homens usaram facas para cortar as paredes tingidas de preto e tiras de lona açoitadas pelo vento foram imediatamente lançadas sobre as chamas de archotes e tripés no gelo. Chamas subiram para o céu e quase imediatamente acenderam o massame.

A forma branca saía para a sala violeta. Homens ali gritavam e se espalhavam, xingando e empurrando, alguns já cortando as paredes ali em vez de tentar dar a longa corrida para fora pelo labirinto de compartimentos, e Crozier empurrou marinheiros para o lado enquanto tentava seguir. As duas paredes da sala ébano estavam em chamas. Mais homens gritaram, e um homem passou correndo por Crozier, fantasia de arlequim, gorro galês e cabelos projetando chamas para trás como fitas de seda amarelas.

Quando Crozier se livrou da multidão de formas fantasiadas fugindo, o compartimento violeta também queimava e a coisa no gelo fora para a sala branca. O capitão ouvia os gritos de bandos de homens correndo à frente da aparição branca em uma onda de braços agitados e fantasias arrancadas. A teia

de cordas belamente esticadas que prendia a lona e os postes de vergas ao iceberg acima pegava fogo, os padrões de chamas se projetando como runas de fogo rabiscadas sobre o quadro-negro do céu. A parede de gelo de trinta metros refletia as chamas em suas mil facetas.

As próprias vergas, que se erguiam como costelas expostas ao longo das paredes em chamas da sala ébano, da sala violeta e da sala branca, também pegavam fogo. Anos de estocagem no virtual deserto de secura ártica haviam retirado toda umidade da madeira. Elas alimentaram as chamas como pedaços de lenha de 450 quilos.

Crozier perdeu toda esperança de controlar a situação e correu com os outros. Tinha de sair do labirinto em chamas.

A sala branca estava totalmente tomada. Chamas disparavam das paredes brancas, dos tapetes de lona no gelo, das antes mesas de banquete, barris e cadeiras cobertos com lençóis e da grelha metálica do sr. Diggle. Alguém derrubara o tocador de discos mecânico ao fugir em pânico, e o instrumento de carvalho e bronze refletia as chamas em todas as superfícies e curvas belamente produzidas.

Crozier viu o capitão Fitzjames de pé na sala branca, a única figura não fantasiada nem correndo. Agarrou o homem imóvel pela manga.

– Venha, James! Temos de ir.

O comandante do HMS *Erebus* virou a cabeça lentamente e olhou para seu oficial superior como se nunca o tivesse visto. Fitzjames tinha novamente no rosto aquele pequeno sorriso ausente enlouquecedor.

Crozier deu um tapa nele.

– *Vamos!*

Empurrando e puxando o sonâmbulo Fitzjames, Crozier passou cambaleando pela sala branca em chamas, saiu pela quarta sala, cujas paredes estavam ainda alaranjadas mais pelas chamas que pelo tingimento, e para a sala verde que queimava. O labirinto parecia não ter fim. Havia figuras fantasiadas caídas no gelo aqui e ali – algumas gemendo e com trajes rasgados e arrancados, um homem nu e queimado –, mas outros marinheiros paravam para ajudá-los, empurrando-os para frente e para fora. O gelo marinho sob os pés, onde não havia tapetes de lona em chamas, estava coberto de partes de

fantasias e roupas de frio abandonadas. A maioria dos tecidos e farrapos estava em chamas ou prestes a queimar.

– *Vamos!* – repetiu Crozier, ainda arrastando atrás de si um Fitzjames cambaleante.

Havia um marinheiro inconsciente no chão – o jovem George Chambers do *Erebus*, Crozier viu, um dos grumetes do navio, embora já com 21 anos, um dos tamborileiros dos primeiros enterros no gelo – e ninguém parecia notá-lo. Crozier largou Fitzjames apenas o tempo suficiente para colocar Chambers sobre o ombro, depois agarrou novamente a manga do outro capitão e começou a correr no momento em que as chamas dos dois lados passaram para o massame acima.

Crozier ouviu um *sibilado* monstruoso atrás de si.

Certo de que a coisa passara para trás dele na confusão, talvez subindo através do gelo impenetrável, ele se virou para enfrentá-lo apenas com o único punho enluvado livre.

Todo o iceberg fervia e estalava com o calor. Pedacos enormes e projeções pesadas se partiam e desabavam no gelo, sibilando como cobras ao cair no caldeirão de chamas que havia sido o labirinto de barracas. A visão deixou Crozier em um fascínio imóvel por um minuto – as inúmeras facetas do iceberg refletindo as chamas faziam com que se lembrasse de uma torre de castelo de cem andares de contos de fadas incendiada por luz. Soube naquele instante que por mais que vivesse nunca novamente veria nada como aquilo.

– Francis – ciciou o capitão James Fitzjames. – Temos de ir.

As paredes da sala verde caíam, mas havia mais chamas no gelo além. As velozes fissuras, gavinhas e dedos de fogo haviam chegado aos dois compartimentos finais.

Protegendo o rosto com a mão livre, Crozier investiu à frente através das chamas, comboiando os últimos festeiros em fuga.

Os sobreviventes cambaleantes saíram pela sala roxa em chamas enquanto Crozier os guiava para a sala azul crepitando. O vento noroeste agora uivava, se somando aos gritos, rugidos e sibilos que, pelo que Francis Crozier sabia, poderiam estar apenas em sua cabeça, e as chamas subiam pela ampla abertura do compartimento azul, criando uma barreira de fogo.

Um grupo de cerca de 12 homens, alguns ainda vestindo farrapos de fantasias, parara diante daquelas chamas.

– MEXAM-SE! – rugiu Crozier, berrando em sua voz de tufão de maior autoridade. Um vigia nas barras do alto de um mastro principal sessenta metros acima do convés teria ouvido a ordem claramente sob um vento de oitenta nós com ondas de 12 metros quebrando ao redor. E teria obedecido. Aqueles homens também obedeceram, pulando, berrando e correndo entre as chamas com Crozier logo atrás deles, ainda carregando Chambers sobre o ombro direito e arrastando Fitzjames com a mão esquerda.

Uma vez fora, suas roupas fumegando, Crozier continuou a correr, alcançando e ultrapassando algumas das dezenas de homens que se espalhavam pela noite em todas as direções. O capitão não viu a criatura entre os homens imediatamente, mas tudo estava muito confuso do lado de fora – mesmo com as chamas lançando luz e sombras por 150 metros em todas as direções – e ele estava ocupado gritando ordens para seus oficiais e tentando encontrar um penedo de gelo no qual pousar George Chambers, ainda inconsciente.

De repente, houve o *pou, pou, pou* de fogo de mosquete.

Inacreditavelmente, incrivelmente, obscenamente, uma fila de quatro fuzileiros logo além do círculo de luz das chamas se ajoelhou no gelo e disparava contra os grupos e bandos de homens correndo. Aqui e ali uma figura – ainda triste e absurdamente fantasiada – caía no gelo.

Soltando Fitzjames, Crozier avançou correndo, entrando na linha de tiro e agitando os braços. Balas de mosquete passaram zunindo por suas orelhas.

– CESSAR FOGO! MALDITOS SEJAM SEUS OLHOS, SARGENTO TOZER, VOU REBAIXÁ-LO A SOLDADO POR ISSO E ENFORCÁ-LO SE NÃO CESSAR ESSA *PORRA DESSE FOGO IMEDIATAMENTE!*

Os disparos pararam.

Os fuzileiros se colocaram em posição de sentido, o sargento Tozer gritando que a coisa branca estava entre os homens. Eles o tinham visto iluminado por trás pelas chamas. Carregava um homem nas presas.

Crozier o ignorou. Gritando e empurrando tripulantes de *Terror* e *Erebus* para formar grupos ao seu redor, mandando homens obviamente feridos e queimados de volta ao navio de Fitzjames, ao lado, o capitão estava caçando

seus oficiais – ou oficiais do *Erebus* – ou qualquer um a quem pudesse dar uma ordem para que fosse retransmitida aos grupos de homens aterrorizados ainda correndo por entre seracos e cristas de pressão para a escuridão uivante do Ártico.

Se aqueles homens não voltassem, iriam congelar até a morte lá. Ou a coisa os encontraria. Crozier decidiu que ninguém iria percorrer o quilômetro e meio de volta ao *Terror* até que todos tivessem se aquecido no convés inferior do *Erebus*.

Mas primeiramente Crozier tinha de acalmar e organizar seus homens, colocá-los para tirar os feridos e os corpos dos mortos do que restava dos compartimentos em chamas do carnaval.

Inicialmente só encontrou o imediato do *Erebus* Couch e o segundo-tenente Hodgson, mas depois o tenente Little apareceu entre a fumaça e o vapor – os centímetros superiores de gelo estavam derretendo em um raio irregular ao redor das chamas e lançando uma névoa densa sobre o gelo marinho e a floresta de seracos –, bateu continência desajeitado, com o braço queimado, e se apresentou para o serviço.

Com Little ao seu lado, Crozier achou mais fácil retomar o controle dos homens, mandá-los na direção do *Erebus* e começar a fazer a chamada. Ordenou que os fuzileiros recarregassem e os colocou em uma linha defensiva entre a massa crescente de homens cambaleantes perto da rampa de gelo do *Erebus* e o inferno que continuava.

– Meu Deus – disse o dr. Harry D. S. Goodsir, que acabara de sair do *Erebus* e estava de pé ali perto, tirando trajes exteriores e sobretudo. – Está realmente *quente* aqui fora com as chamas.

– De fato está – disse Crozier, sentindo o suor em seu rosto e corpo. O fogo elevara a temperatura a 38° Celsius ou mais. Ele ficou pensando preguiçosamente em se o gelo iria derreter e eles se afogariam. Rosnou para Goodsir. – Vá até onde está o tenente Hodgson e lhe diga para começar a levantar o número de mortos e feridos e passá-los ao senhor. Encontre os outros cirurgiões e apronte a enfermaria do *Erebus* na Grande Sala de sir John. Monte como foram ensinados a fazer para um combate no mar. Não quero que os mortos fiquem no gelo, aquela coisa ainda está por aí, então diga aos

seus marinheiros para levá-los para o porão de vante no convés inferior. Estarei com o senhor em quarenta minutos, tenha uma lista médica completa para mim.

– Sim, capitão – disse Goodsir. Agarrando suas roupas exteriores, o cirurgião foi rapidamente até o tenente Hodgson e a rampa de gelo do *Erebus*.

As lonas, o massame e os mastros cravados no gelo, e fantasias, mesas, barris e outros móveis no inferno que havia sido os sete compartimentos coloridos continuaram a queimar durante toda a noite e pela escuridão da manhã seguinte.

GOODSIR

*Lat. 70° - 05' N., Long. 98° - 23' W.
4 de janeiro de 1848*

Do diário particular do dr. Harry D. S. Goodsir:

Terça-feira, 4 de janeiro de 1848

Sou o último que restou.

Dos Cirurgiões da Expedição, eu sou o único que restou. Todos concordam em que tivemos uma inacreditável Sorte de perder apenas Cinco para a Morte no Grande Horror e Conflagração do Carnaval Veneziano, mas o fato de que Três desses Cinco eram meus Colegas Cirurgiões é, no mínimo, Extraordinário.

Os dois cirurgiões-chefes, os drs. Peddie e Stanley, morreram de Queimaduras. Meu equivalente cirurgião assistente no HMS Terror, dr. McDonald, sobreviveu às chamas e à Fera Furiosa apenas para ser Abatido pela Bala de Mosquete de um fuzileiro ao fugir das barracas em chamas.

As duas outras Baixas Fatais também foram de oficiais. O primeiro-tenente James Walter Fairholme do Erebus teve o peito esmagado na Sala Ébano, presumivelmente pela criatura. Embora o Corpo do ten. Fairholme tenha sido encontrado Queimado nos restos de gelo derretido daquele Abominável Labirinto de Barracas, meu exame post mortem revelou que ele Morrera Instantaneamente quando sua Caixa Torácica se partiu e pulverizou seu Coração.

A última fatalidade no Incêndio e na Destruição da véspera de Ano-Novo foi o primeiro imediato do Terror Frederick John Hornby, que fora Eviscerado naquele Cercado de Lona que os homens haviam chamado de Sala Branca. A triste ironia

da morte do sr. Hornby foi que o cavalheiro estivera de Sentinela a bordo do Terror a maior parte da noite e fora rendido pelo tenente Irving uma hora antes do começo da Violência.

O capitão Crozier e o capitão Fitzjames agora se encontram sem três de seus Quatro Cirurgiões e sem os Conselhos e Serviços de dois dos oficiais de maior confiança.

Dezoito outros homens foram feridos – seis gravemente – durante o Pesadelo do Carnaval Veneziano. Desses seis – mestre do gelo Blanky, do Terror; ajudante de carpinteiro Wilson, também daquele navio (os homens o chamavam afetuosamente de “Gordo Wilson”); marinheiro John Morfin, com quem viajei para a Terra do Rei Guilherme há alguns meses; o comissário do intendente do Erebus, sr. William Fowler; marinheiro Thomas Work, também do Erebus; e o contramestre do Terror, sr. John Lane – fico contente em relatar que todos devem sobreviver. (Embora seja outra ironia que o sr. Blanky, que sofrera ferimentos menos graves da Mesma criatura há menos de Um Mês – ferimentos aos quais todos nós quatro Cirurgiões dedicamos tempo e experiência – não tenha sido queimado na Destruição do Carnaval, mas novamente ferido na perna direita – marretado ou mordido pela coisa no gelo, ele acredita, embora diga que no momento estava abrindo caminho por Lona e Massame em chamas. Desta vez tive de amputar sua perna direita logo abaixo do joelho. O sr. Blanky permanece impressionantemente Animado para um homem que sofreu tantos danos em tão Pouco Tempo.)

Ontem, segunda-feira, todos os sobreviventes testemunharam açoitamentos. Foi a primeira Punição Física Naval do tipo que testemunhei, e Rezo a Deus para nunca mais ver.

O capitão Crozier – que tem estado visivelmente consumido por uma Raiva Indizível desde o Incêndio na noite da última sexta-feira – reuniu todos os Membros da Tripulação Sobreviventes dos dois navios no convés inferior do Erebus às dez horas da manhã de ontem. Os fuzileiros reais fizeram uma fila com os mosquetes na vertical. Tambores soaram.

O comissário dos aposentos dos suboficiais do Erebus, sr. Richard Aylmore, e o ajudante de calafate do Terror Cornelius Hickey, bem como um marinheiro comum verdadeiramente enorme chamado Magnus Manson, foram conduzidos de

cabeças nuas e vestindo apenas calças e camisetas para um ponto diante do Fogão do navio, onde uma porta de escotilha fora instalada na vertical. Um a um, começando pelo sr. Aylmore, eles foram Amarrados a essa Escotilha.

Mas antes disso os homens foram obrigados a permanecer de pé ali, as cabeças de Aylmore e Manson baixas, a de Hickey erguida e desafiadora, enquanto o capitão Crozier lia as acusações.

Para Aylmore, cinquenta golpes por Insubordinação e Comportamento Temerário colocando em risco seu navio. Se o comissário dos suboficiais tivesse simplesmente dado a ideia das barracas coloridas – uma Ideia que ele tirara de um Conto de alguma Revista Americana de Fantasia – a Punição certamente teria sido menos Severa. Mas além de ser o Principal Organizador do Grande Carnaval Veneziano, Aylmore cometera o Equívoco de se fantasiar de Almirante sem Cabeça – uma Grande Improriedade, dadas as circunstâncias que cercaram a morte de sir John, e uma que todos sabíamos que poderia ter resultado no enforcamento de Aylmore. Havíamos ouvido histórias do Depoimento particular de Aylmore perante os capitães, no qual ele descrevera como Gritara e depois Desmaiara na Sala Ébano ao Perceber que a Coisa do Gelo estava ali na Escuridão com os encenadores.

Para Manson e Hickey, cinquenta golpes por Costurar e Vestir as peles animais dos Ursos Mortos – uma violação de todas as Ordens anteriores do capitão Crozier de não vestir tais Fetiches Pagãos.

Sabia-se que mais cinquenta outros homens eram Cúmplices no Planejamento, Instalação e Tingimento das Velas, e na Encenação do Grande Carnaval, e que Crozier poderia ter determinado um Igual Número de Açoites a todos. Em certo sentido, essa Triste Trindade de Aylmore, Manson e Hickey estava recebendo a Punição pelo erro de avaliação de Toda a Tripulação.

Quando os tambores pararam de bater e os Homens se colocaram em fila diante das Tripulações Reunidas, o capitão Crozier falou. Espero me lembrar de suas palavras exatas aqui:

Estes homens estão prestas a Receber o Açoite por Violar os Artigos do Navio e pelo Comportamento Inadequado do qual todos os homens aqui participaram. Incluindo a mim mesmo.

Que fique claro e seja lembrado por Todos aqui Reunidos que a Responsabilidade Final pela tolice que tomou as vidas de Cinco de Nossos Tripulantes, a Perna de Outro e que deixará Cicatrizes em quase uma Vintena Mais, é minha. Um capitão é responsável por tudo que acontece em seu Navio. O líder de uma Expedição é duplamente responsável. O fato de que eu permiti que esse planejamento prosseguisse sem minha Atenção e Intervenção foi Negligência Criminosa, e admitirei isso durante minha Inevitável Corte Marcial... Inevitável, isto é, *se* Sobrevivermos e escaparmos do gelo que Nos Prende. Esses golpes de açoite – e mais – *deveriam* ser meus, e serão meus quando se der a inevitável Punição determinada por *meus* superiores.

Eu então olhei para o capitão Fitzjames. Certamente qualquer Culpa Pessoal que o capitão Crozier atribuísse a si mesmo certamente também se aplicaria ao comandante do Erebus, já que foi ele, não Crozier, quem supervisionou a maior parte dos preparativos para o Carnaval. O rosto de Fitzjames estava impassível e Pálido. Seu olhar parecia distante. Seus pensamentos pareciam em algum outro lugar.

Até o momento de minha punição por minha Responsabilidade, *concluiu Crozier*, prosseguiremos com a Punição destes Homens, devidamente julgados por oficiais de HMSs *Erebus* e *Terror* e Considerados Culpados de Violar os Artigos do Navio e do Crime Adicional de Colocar em Risco as vidas de seus Camaradas. Ajudante de Contramestre Johnson...

E então Thomas Johnson, grande e Capaz ajudante de contramestre do HMS Terror, velho colega do capitão Crozier – tendo servido com ele cinco anos no Gelo do Polo Sul no Terror – se adiantou e anuiu para que o primeiro homem, Aylmore, fosse amarrado à Grade.

O contramestre Johnson então pousou sobre um barril uma Caixa revestida de couro e soltou seus fechos de latão decorados. De forma incongruente, o revestimento interno era de Veludo Vermelho. Colocado em seu Devido Receptáculo nesse Revestimento de Veludo Vermelho estava o cabo de couro escurecido pelas palmas e as Caudas dobradas do Chicote.

Enquanto dois marinheiros amarravam Aylmore com firmeza, o ajudante de contramestre Johnson ergueu o Chicote e o testou com um Golpe preparatório de seu grosso Pulso. Não era um Movimento executado por Exibição, mas uma

verdadeira preparação para a Hedionda Punição que se seguiria. As nove caudas de couro – sobre as quais eu ouvira tantas Piadas de Navio – se sacudiram com estalos distintos, Audíveis e terríveis. Havia pequenos Nós na ponta de cada cauda.

Parte de mim não podia acreditar em que aquilo estava acontecendo. Parecia impossível naquela Penumbra lotada e fedendo a suor do Convés Inferior, com as Vigas Suspensas baixas e a Madeira e o Equipamento estocados acima, que Johnson pudesse movimentar o Chicote de modo a infligir qualquer Punição. Eu ouvira a expressão “Sem Espaço para Sacudir um Chicote” desde que era menino, mas nunca Entendera até aquele Momento.

Execute a punição para o sr. Aylmore, disse o capitão Crozier. Os tambores rufaram novamente por pouco tempo e se calaram abruptamente.

Johnson adotou uma larga postura lateral, colocando os pés como um Pugilista no Ringue, depois jogou o Chicote para trás e para Frente em um Movimento Lateral Violento, Repentino, mas Suave, os rabos com nós passando a menos de Trinta Centímetros da Primeira Fila dos Homens Reunidos.

O som das pontas do Chicote atingindo Carne é algo que nunca Esquecerei.

Aylmore gritou – um Som mais Inumano, alguém disse depois, que o rugido que haviam ouvido da criatura na Sala Ébano.

Faixas Carmim surgiram imediatamente nas costas magras e brancas do homem, e gotas de Sangue salpicaram nos rostos dos homens mais perto da grade, eu incluído.

UM, contou Charles Frederick Des Voeux, que assumira as funções de primeiro imediato do Erebus com a morte do imediato Robert Orme Sergeant em dezembro. Era Dever dos dois primeiros imediatos administrar a punição.

Aylmore gritou novamente quando o Chicote foi recuado para outro golpe, quase certamente em terrível antecipação de Mais 49 Golpes. Confesso que cambaleei... A Pressão de Corpos Sujos, o Fedor de Sangue, a sensação de Confinamento na Penumbra Fraca e Fedorenta do Convés Inferior fazendo minha cabeça girar. Aquilo certamente era o Inferno. E eu não estava fora dele.

O comissário dos suboficiais desmaiou no Nono Golpe. O capitão Crozier fez um gesto para que eu verificasse se o homem açoitado ainda estava respirando. Estava. Normalmente, como me foi explicado mais tarde, um segundo imediato teria jogado um Balde de Água na vítima de punição para acordá-lo, pois

precisava Sofrer Plenamente os golpes remanescentes. Mas não havia Água em estado Líquido no Convés Inferior do HMS Erebus naquela manhã. Tudo estava congelado. Até mesmo as gotas de Sangue Brilhante nas costas de Aylmore pareciam congelar em bolas carmim.

Aylmore permaneceu inconsciente, mas a Punição prosseguiu.

Após Cinquenta Golpes, Aylmore foi desamarrado e carregado para a antiga cabine de sir John na popa, já que a Grande Cabine ainda estava sendo usada como Enfermaria depois dos ferimentos no Carnaval. Havia Oito Homens nos catres ali, incluindo David Leys, ainda sem responder desde o ataque da Coisa ao sr. Blanky no começo de dezembro.

Eu comecei a ir cuidar de Aylmore, mas o capitão Crozier fez um gesto para que permanecesse em forma. Evidentemente o protocolo era que todos os membros da tripulação testemunhassem a série completa de Açoitamento, mesmo que Aylmore sangrasse até a morte por causa de minha ausência.

Magnus Manson foi o seguinte. O homem enorme tornava anões os segundos imediatos que o amarravam à Grade. Se o Gigante decidisse Resistir naquele momento, tenho Pouca Dúvida de que o Caos e a Carnificina que se seguiriam teriam lembrado a destruição da Véspera de Ano-Novo nos Sete Compartimentos Coloridos.

Ele não resistiu. Pelo que podia dizer, o ajudante de contramestre Johnson administrou o Açoitamento interminável com a mesma força e Severidade que usara em Aylmore – nem mais nem menos. Sangue escorreu do primeiro Impacto. Manson não gritou. Ele fez algo Infinitamente Pior. Desde o primeiro toque do Chicote, chorou como uma criança. Soluçou. Mas depois foi capaz de caminhar entre os dois marinheiros que o acompanharam até a Enfermaria, embora – como sempre – Manson tivesse de se curvar para que a cabeça não batesse nas vigas acima. Quando passou por mim, notei Tiras de Carne penduradas em suas costas entre os terríveis ferimentos cruzados do Chicote.

Hickey, o menor dos três homens punidos, mal produziu um som durante a longa Administração dos Açoites. Suas Costas estreitas se rasgaram muito mais do que acontecera com a carne dos outros dois, mas ele não gritou. Nem desmaiou. O pequeno ajudante de calafate pareceu levar a mente para algo além da Grade e do Convés Acima no qual seu olhar obviamente raivoso se fixava, e sua única reação

ao Terrível Chicoteamento foi um soluço para respirar entre cada um dos cinquenta golpes do Chicote.

Ele caminhou para a Enfermaria provisória na popa sem aceitar ajuda dos marinheiros dos dois lados.

O capitão Crozier anunciou que a punição havia sido devidamente infligida de acordo com os Artigos do Navio e Dispensou a Companhia. Antes de ir para a popa, eu subi ao convés muito brevemente para ver a partida dos homens do Terror. Eles desceram a rampa de gelo do navio e começaram sua longa caminhada para o outro navio no escuro – passando pela área destruída e parcialmente derretida onde tivera lugar a Conflagração do Carnaval. Crozier e seu principal oficial, o tenente Little, seguiram na retaguarda. Nenhum dos mais de quarenta homens dissera uma palavra até o momento em que desapareceram além do pequeno círculo de luz projetado pelas lanternas no convés do Erebus. Oito homens permaneceram como uma espécie de Guarda de companhia para seguir com Hickey e Manson quando estivessem prontos para retornar ao Terror.

Desci rapidamente e fui à nova Enfermaria na popa para cuidar de meus novos pacientes. Além de limpar e fazer curativos nos ferimentos – o Chicote deixara uma série Nauseante de vergões e sulcos em cada homem e algumas Cicatrizes Permanentes, eu diria – havia pouco mais que pudesse fazer. Manson parara de Chorar, e quando Hickey de repente ordenou que parasse de fungar, o gigante o fez imediatamente. Hickey suportou meus cuidados em silêncio e ordenou rispidamente que Manson se vestisse e o seguisse para fora da Enfermaria.

Aylmore, o comissário dos suboficiais, havia sido deixado arrasado pela punição. Desde o minuto em que recuperou a consciência, segundo o jovem Henry Lloyd, meu atual cirurgião assistente, Aylmore gemera e gritara alto. Continuou a fazer isso enquanto eu o Limpava e fazia Curativos. Ainda gemia pateticamente e parecia incapaz de andar sozinho quando alguns dos outros suboficiais – o velho John Bridgens, comissário subordinado dos oficiais, o sr. Hoar, camareiro do capitão, o sr. Bell, o contramestre, e Samuel Brown, assistente de contramestre – chegaram para ajudá-lo a voltar a seus aposentos.

Pude ouvir Aylmore gemendo e gritando ao longo da Passagem e contornando a Escada Principal enquanto os homens meio que o carregavam para o cubículo do comissário de suboficiais a estibordo entre o leito vazio de William Fowler e o meu,

e eu sabia que provavelmente ficaria escutando os gritos de Aylmore através da parede fina a noite toda.

O sr. Aylmore lê muito, disse William Fowler de seu lugar na maca da Enfermaria. O comissário do administrador tivera queimaduras graves e um Ferimento Terrível na noite da Conflagração de Carnaval, mas em nenhum momento nos quatro dias anteriores de pontos ou remoção de pele ele gritou. Com ferimentos e queimaduras em Costas e Estômago, Fowler tentava dormir de lado, mas em nenhum momento se queixou a Lloyd ou a mim.

Homens que leem muito têm uma disposição mais sensível, acrescentou Fowler. E se o pobre camarada não tivesse lido aquele conto idiota do americano, não teria sugerido os compartimentos de cores diferentes para o carnaval – uma ideia que na época todos achamos Maravilhosa – e nada disso teria acontecido.

Não soube o que dizer a isso.

Talvez ler seja uma espécie de maldição, é o que quero dizer, concluiu Fowler. Talvez seja melhor para um homem ficar dentro da própria mente.

Amém, eu me senti querendo dizer, embora não saiba por quê.

Enquanto escrevo isso, estou no antigo aposento de cirurgião do dr. Peddie no HMS Terror, já que o capitão Crozier me instruiu a ficar em seu navio de terça a quinta-feira, e os Dias da Semana remanescentes a bordo do Erebus. Lloyd está cuidando de meus seis pacientes em recuperação na enfermaria do Erebus, e fiquei Perturbado de descobrir quase tantos homens gravemente doentes a bordo do Terror.

Para muitos deles é a doença que nós, Médicos do Ártico, primeiro chamamos de Nostalgia e depois de Fraqueza. Os primeiros estágios graves dessa doença – além de gengivas sangrando, Confusão de Raciocínio, fraqueza nas Extremidades, hematomas por toda parte e sangramento do cólon – costumam incluir um enorme Desejo Sentimental de ir para casa. A partir da Nostalgia a fraqueza, confusão, Raciocínio Prejudicado, sangramento em ânus e gengivas, feridas abertas e outros sintomas se agravam até o paciente ser incapaz de ficar de pé ou trabalhar.

Outro nome para Nostalgia e Fraqueza – um que todos os Cirurgiões hesitam em dizer em voz alta e o que até então não fiz – é Escorbuto.

Enquanto isso, o capitão Crozier se recolheu à sua Cabine Particular ontem e está terrivelmente doente. Posso ouvir seus gemidos abafados, já que o compartimento do falecido Peddie faz limite com o do capitão aqui no estibordo de popa do navio. Acho que o capitão Crozier está mordendo algo com força – talvez uma Faixa de Couro – para evitar que seus gemidos sejam ouvidos. Mas sempre fui Abençoado (ou Amaldiçoado) com uma boa audição.

O capitão transferiu a administração do Navio e da Expedição para o tenente Little ontem – assim silenciosa, mas firmemente, dando o Comando a Little, em vez de ao capitão Fitzjames – e me explicou que ele, capitão Crozier, estava lutando contra um surto de Malária.

Isso é mentira.

Não são apenas sintomas de Malária que ouço o capitão Crozier sofrer – e certamente continuarei a ouvir através destas paredes até voltar ao Erebus na manhã de sexta-feira.

Pois por causa das fraquezas de meu tio e de meu pai eu conheço os Demônios que o capitão está combatendo esta noite.

O capitão Crozier é um homem viciado em Destilados Fortes, e esses Destilados a bordo se esgotaram ou ele decidiu abrir mão deles por Vontade própria durante esta Crise. De qualquer forma, ele está sofrendo os Tormentos do Inferno e continuará assim por vários dias mais. Sua sanidade pode não resistir. Enquanto isso, seu navio e esta Expedição estão sem seu Verdadeiro Líder. Seus gemidos contidos, em um navio mergulhando em Doença e Desespero, são extremamente Lamentáveis.

Eu gostaria de poder ajudá-lo. Gostaria de poder ajudar as dezenas de outros Sofredores – todas as vítimas de ferimentos, golpes, queimaduras, doenças, subnutrição incipiente e desespero melancólico – a bordo deste navio preso e de seu irmão. Gostaria de poder ajudar a mim mesmo, pois já estou apresentando os sinais iniciais de Nostalgia e Fraqueza.

Mas há pouco que eu – ou qualquer cirurgião neste Ano de Nosso Senhor de 1848 – possa fazer.

Que Deus nos ajude.

CROZIER

Lat. 70° - 05' N., Long. 98° - 23' W.

11 de janeiro de 1848

Não vai passar.
A dor não vai passar. A náusea não vai passar. Os arrepios não vão passar. O terror não irá passar.

Crozier se contorce nos cobertores congelados de seu leito e quer morrer.

Durante seus momentos lúcidos esta semana, que são poucos, Crozier lamenta seu ato mais são antes de se recolher a seus demônios; dera sua pistola ao tenente Little sem qualquer explicação, além de dizer a Edward para não devolvê-la a não ser que ele, o capitão, a pedisse quando novamente no convés e em uniforme completo.

Crozier pagaria qualquer coisa agora por aquela arma carregada. Aquele nível de dor era insuportável. Esses *pensamentos* são insuportáveis.

Sua avó pelo lado do pai falecido e não pranteado, Memo Moira, havia sido a marginal, a não mencionada e não mencionável Crozier. Na casa dos 80 anos, quando Crozier ainda não chegara à adolescência, Memo vivia a duas aldeias dele – uma distância imensa, inestimável, insuperável para um menino –, e a família de sua mãe não a incluía nos acontecimentos familiares nem mencionava sua existência.

Ela era uma papista. Ela era uma bruxa.

Crozier começou a escapar para a aldeia dela, pegando carona em carroças puxadas a pônei, quando tinha 10 anos. Em um ano, ele estava indo com a velha à igreja papista daquela aldeia estranha. Mãe, tia e sua avó materna

teriam morrido caso soubessem. Ele teria sido deserddado, exilado e desprezado por aquele lado decididamente irlandês-ínglês presbiteriano de sua família assim como o Departamento Naval e o Conselho Ártico o haviam desprezado todos aqueles anos apenas por ser um irlandês. E um plebeu.

Memo Moira o achava especial. Disse que ele tinha a Segunda Visão.

A ideia não assustou o jovem Francis Rawdon Moira Crozier. Ele adorava a escuridão e o mistério da cerimônia católica – o padre alto caminhando como um corvo e pronunciando magias em uma língua morta, a mágica imediata da eucaristia trazendo o morto de volta à vida para que ele e os fiéis pudessem devorá-Lo e se tornar Ele, o cheiro de incenso e os cantos místicos. Uma vez, quando tinha 12 anos, pouco antes de fugir para o mar, ele disse a Memo que desejava se tornar padre, e a velha dera aquela sua risada empolgada e rouca e lhe dissera para tirar aquele absurdo da cabeça. “Ser padre é tão comum e inútil quanto ser um bêbado irlandês. Em vez disso use seu Dom, jovem Francis”, ela dissera. “Use a Segunda Visão que está em minha família há uma vintena de gerações. Ela o ajudará a ir a lugares e ver coisas que ninguém nesta triste terra já viu.”

O jovem Francis não acreditava em Segunda Visão. Foi mais ou menos na mesma época que se deu conta de que também não acreditava em Deus. Ele foi para o mar. Ele acreditou em tudo que aprendeu e viu ali, e algumas dessas visões e lições foram bastante estranhas.

Crozier cavalga picos de dor, rolando em ondas de náusea. Acorda apenas para vomitar no balde que Jopson, seu camareiro, deixou ali e substitui a cada hora. Crozier sente dor na cavidade no centro do seu ser onde ele está certo de que sua alma residia até flutuar para longe em um mar de uísque ao longo das décadas. Ao longo daqueles dias e noites de suor frio em lençóis congelados, ele sabe que desistiria de sua patente, suas honras, sua mãe, suas irmãs, o nome de seu pai e a própria memória de Memo Moira por mais um copo de uísque.

O navio grunhe enquanto continua a ser inexoravelmente esmagado em pedaços pelo gelo que nunca acaba. Crozier grunhe enquanto seus demônios continuam a inexoravelmente esmagá-lo em pedaços por intermédio de tremores, febre, dor, náusea e arrependimento. Ele cortou uma faixa de 15

centímetros de um velho cinto, e para se impedir de gemer alto, ele morde aquilo na escuridão. Ainda assim geme.

Ele imagina tudo. Ele *vê* tudo.

Lady Jane Franklin está em seu elemento. Agora, com dois anos e meio e nenhuma notícia do marido, ela está em seu elemento. Lady Franklin, a Indômita. Lady Franklin, a Esposa que se Recusou a Ser uma Viúva. Lady Franklin, a Padroeira e Santa do Ártico que matou o marido... Lady Franklin nunca aceitará esse fato.

Crozier pode vê-la tão claramente quanto se tivesse a Segunda Visão. Lady Franklin nunca pareceu mais bonita do que agora em sua disposição, sua recusa de lamentar, sua determinação de que o marido está vivo e a expedição de sir John precisa ser encontrada e resgatada.

Mais de dois anos e meio se passaram. A Marinha sabe que sir John abasteceu o *Erebus* e o *Terror* com três anos de rações completas, mas esperara sair além do Alasca no verão de 1846 e certamente não depois de agosto de 1847.

Lady Jane teria atormentado os letárgicos Marinha e Parlamento e os colocado em ação. Crozier pode vê-la escrevendo cartas ao Almirantado, cartas ao Conselho Ártico, cartas a amigos e antigos pretendentes no Parlamento, cartas à rainha e, claro, cartas ao marido morto todos os dias, escrevendo em sua caligrafia perfeita, objetiva e dizendo ao falecido sir John saber que seu querido continua vivo e que anseia pelo inevitável encontro com ele. Pode vê-la dizendo ao mundo que faz isso. Estará enviando resmas e fólios de cartas para ele nos primeiros navios de resgate em breve... navios da Marinha, claro, mas também muito provavelmente navios particulares contratados pelo dinheiro da fortuna declinante da própria lady Jane ou por contribuições de amigos preocupados e ricos.

Crozier, despertando de suas visões, tenta se sentar na cama e sorrir. Os arrepios o fazem tremer como um mastro numa tempestade. Ele vomita no balde já quase cheio. Cai de volta sobre seu travesseiro encharcado de suor e cheirando a bile e fecha os olhos para cavalgar as ondas de sua visão.

Quem eles mandariam para salvar o *Erebus* e o *Terror*? Quem já haviam mandado?

Crozier sabia que sir John Ross ficaria impaciente para liderar qualquer grupo de resgate enviado ao gelo, mas também vê que lady Jane Franklin irá ignorar o homem idoso – ela o acha vulgar –, escolhendo seu sobrinho, James Clark Ross, com quem Crozier explorara os mares ao redor da Antártida.

O Ross mais moço prometera à sua jovem noiva que nunca mais sairia em uma exploração marítima, mas Crozier vê que ele não pôde recusar esse pedido de lady Franklin. Ross escolheria partir com dois navios. Crozier os viu zarpando no próximo verão de 1848. Crozier viu os dois navios singrando ao norte da ilha Baffin, a oeste pelo estreito de Lancaster, aonde sir John levara *Terror* e *Erebus* três anos antes – ele quase podia dizer os nomes nas proas dos navios de Ross –, mas sir James encontraria a mesma banquisa implacável além do estreito do Príncipe Regente, talvez além da ilha Devon, que prende os navios de Crozier neste momento. No verão seguinte não haverá degelo completo dos canais e estreitos pelos quais os mestres do gelo Reid e Blanky navegaram na direção sul. Sir James Ross nunca chegará a menos de 480 quilômetros do *Terror* e do *Erebus*.

Crozier os viu voltando para a Inglaterra no começo gelado do outono de 1848.

Ele chora enquanto geme e morde com força a faixa de couro. Seus ossos estão congelados. Sua carne queima. Formigas rastejam por toda parte sobre e sob sua pele.

Sua Segunda Visão vê que serão mandados outros navios, outras expedições de resgate neste ano do Nosso Senhor de 1848, alguns muito provavelmente lançados ao mesmo tempo ou antes do grupo de busca de Ross. A Marinha Real era lenta para agir – uma preguiça marítima –, mas uma vez em movimento, Crozier sabe que tende a exagerar em tudo o que faz. Lamentável excesso após interminável contenção era o procedimento padrão da Marinha que Francis Crozier conhecia havia quatro décadas.

Em sua mente dolorida, Crozier vira pelo menos outra expedição naval zarpando para a baía de Baffin em busca dos Franklin perdidos no verão seguinte, e muito provavelmente até mesmo um terceiro esquadrão naval enviado até o cabo Horn para teoricamente se encontrar com os outros navios do grupo de busca perto do estreito de Bering, procurando por eles no Ártico

ocidental, do qual *Erebus* e *Terror* não chegaram a estar a menos de 1.600 quilômetros. Essas operações grandiosas se estenderiam até 1849 e além.

E era apenas o começo da segunda semana de 1848. Crozier duvida de que seus homens sobrevivam para ver o fim do verão.

Haveria um grupo enviado por terra desde o Canadá seguindo o rio Mackenzie até o litoral do Ártico, depois a leste para a Terra de Wollaston e a Terra Victoria em busca de seus navios presos em algum ponto da misteriosa Passagem Noroeste? Crozier tem certeza de que sim. A chance de tal expedição por terra encontrá-los no mar quarenta quilômetros a noroeste da Terra do Rei Guilherme é zero. Tal grupo sequer saberia que a ilha do Rei Guilherme era uma ilha.

O Primeiro Lorde do Almirantado iria anunciar na Câmara dos Comuns uma recompensa pelo resgate de sir John e seus homens? Crozier acha que sim. Mas de quanto? Mil libras? Cinco mil libras? Dez mil? Crozier aperta os olhos e vê, como se em um pergaminho pendurado diante dele, a soma de 20 mil libras oferecida a qualquer um que “possa dar assistência eficiente para salvar as vidas de sir John Franklin e seu esquadrão”.

Crozier ri novamente, o que causa novamente vômito. Está tremendo de frio e dor, e do claro absurdo das imagens em sua cabeça. Ao seu redor, o navio grunhe enquanto o gelo o esmaga. O capitão não consegue mais diferenciar os grunhidos do navio dos seus próprios.

Ele vê a imagem de oito navios – seis britânicos, dois americanos – agrupados a poucos quilômetros um do outro em ancoradouros basicamente congelados que a Crozier parecem a ilha Devon, perto de Beechey, ou talvez a ilha Cornwallis. Obviamente é um dia no final do verão no Ártico, talvez final de agosto, poucos dias antes do congelamento súbito que poderá prender todos eles. Crozier tem a sensação de que essa imagem é de dois ou três anos no futuro de sua terrível realidade naquele momento de 1848. Por que oito navios enviados para resgate acabariam agrupados assim em um único lugar em vez de espalhados por milhares de quilômetros quadrados do Ártico para caçar sinais da passagem de Franklin não faz nenhum sentido para Crozier. É o delírio da loucura tóxica.

As embarcações variam em tamanho desde uma pequena escuna e uma embarcação do tamanho de um iate frágil demais para operar seriamente no gelo, até navios americanos de 144 e 81 toneladas estranhos aos olhos de Crozier, passando por um estranho e pequeno escaler inglês grosseiramente adaptado para navegar no Ártico. Também há várias embarcações adequadas da Marinha britânica e navios de passageiros a vapor. No olho de sua mente dolorida ele pode ver os nomes dos barcos – *Advance* e *Rescue*, sob a bandeira americana, e *Prince Albert* para o antigo escaler, bem como o *Lady Franklin* à frente do esquadrão britânico ancorado. Também há dois navios que Crozier associa ao velho John Ross – a pequena escuna *Felix*, e o totalmente inadequado pequeno iate *Mary*. Finalmente, dois verdadeiros navios da Marinha Real, *Assistance* e *Intrepid*.

Como se os vendo pelos olhos de uma andorinha-do-mar ártica voando alto, Crozier percebe que todos os navios estão agrupados a até 65 quilômetros um do outro – quatro das embarcações britânicas menores na ilha Griffith acima do estreito de Barrow, quatro dos navios ingleses remanescentes em Assistance Bay, na ponta sul de Cornwallis, e os dois navios americanos mais ao norte, logo após a curva oriental da ilha Cornwallis, do outro lado do canal Wellington em relação à primeira ancoragem de inverno de sir John na ilha Beechey. Nenhum está a menos de quatrocentos quilômetros do ponto mais a sudoeste onde o *Erebus* e o *Terror* estão presos.

Um minuto depois, uma névoa ou nuvem se dissipa e Crozier vê seis dessas embarcações ancoradas a quatrocentos metros uma da outra junto à curva do litoral de uma pequena ilha.

Crozier vê homens correndo sobre cascalho congelado abaixo da face vertical de um penhasco negro. Os homens estão excitados. Ele quase consegue ouvir suas vozes no ar gelado.

É a ilha Beechey, tem certeza. Eles encontraram as lápides de madeira gastas e os túmulos do fogueira John Torrington, do marinheiro John Hartnell e do soldado fuzileiro William Braine.

De qualquer forma, sendo distante no futuro essa descoberta febril-onírica, Crozier sabe, não será de nenhuma valia para ele e os outros homens de *Erebus* e *Terror*. Sir John deixara a ilha Beechey em uma pressa inconsequente,

velejando e usando vapor no primeiro dia em que o gelo cedeu o suficiente para permitir que os navios levantassem âncora. Após nove meses congelada ali, a Expedição Franklin não deixara um bilhete dizendo em que direção navegava.

Na época, Crozier entendera que sir John não achara necessário informar ao Almirantado que estava obedecendo às suas ordens navegando para o sul. Sir John Franklin sempre obedecia a ordens. Sir John supusera que o Almirantado confiaria em que ele faria isso novamente. Mas após nove meses na ilha – e após construir um devido moledro e até mesmo deixar um moledro de latas de comida Goldner cheias de cascalho como uma espécie de brincadeira –, permanecia o fato de que o moledro de mensagem na ilha Beechey fora deixado vazio, contra as ordens de Franklin.

O Almirantado e o Serviço de Descobertas haviam dotado a Expedição Franklin de duzentos cilindros de latão herméticos com o objetivo expresso de deixar para trás mensagens de seu paradeiro e destino ao longo de todo o curso de sua busca pela Passagem Noroeste, e sir John havia usado... um: aquele inútil enviado à Terra do Rei Guilherme, quarenta quilômetros a sudeste de sua atual posição, instalado alguns dias antes de sir John ser morto em 1847.

Na ilha Beechey, nada.

Na ilha Devon, pela qual passaram e que exploraram, nada.

Na ilha Griffith, onde eles haviam procurado portos, nada.

Na ilha Cornwallis, que haviam circunavegado, nada.

Por todo o comprimento das ilhas Somerset, Príncipe de Gales e Victoria, ao longo das quais haviam navegado rumo sul por todo o verão de 1846, nada.

E agora, em seu sonho, os homens do resgate nos seis navios – agora prestes a congelar eles mesmos – olhavam para o norte para o que restava de mar aberto no Wellington Channel na direção do Polo Norte. A ilha Beechey não dera nenhuma pista. E Crozier podia ver do ponto de vista mágico de sua andorinha-do-mar ártica que o estreito de Peel, ao sul – por onde o *Erebus* e o *Terror* haviam achado caminho um ano e meio antes durante aquele breve degelo de verão – era, naquele futuro verão, uma placa branca sólida até onde os homens na ilha Beechey e navegando pelo estreito Barrow podiam ver.

Eles nunca sequer cogitaram que Franklin pudesse ter ido por ali... que pudesse ter seguido as ordens. Sua intenção – pelos anos seguintes, já que Crozier vê que eles estão agora congelados no estreito de Lancaster – é procurar ao norte. As ordens secundárias de sir John eram que se não conseguisse seguir para o sul e forçar a Passagem, deveria virar para o norte e navegar através da teórica borda de gelo para o ainda mais teórico Mar Polar Aberto.

Crozier sabe em seu coração apertado que os capitães e homens desses oito navios de resgate chegaram à conclusão de que Franklin fora para o norte – exatamente a direção oposta que ele havia tomado.

Ele acorda na noite. Seus próprios gemidos o despertaram. Há luz, mas os olhos não suportam luz, então ele tenta entender o que está acontecendo apenas pelo tato ardente e o som doloroso. Dois homens – seu camareiro, Jopson, e o cirurgião, Goodsir – estão retirando seu camisolão imundo e encharcado de suor, banhando-o com uma água miraculosamente morna e vestindo-o cuidadosamente com um camisolão e meias limpos. Um deles tenta lhe dar sopa com uma colher. Crozier vomita o caldo ralo, mas o conteúdo de seu balde de vômito cheio até a borda está congelado, e ele tem uma vaga noção dos dois homens limpando o convés. Eles o fazem beber um pouco de água e ele cai de volta em seus cobertores frios. Um deles estende um cobertor morno por cima – *um cobertor morno, seco, não congelado* – e ele quer chorar de gratidão. Também quer falar, mas está novamente mergulhando no redemoinho de suas visões e não consegue encontrar ou organizar as palavras antes de perdê-las todas de novo.

Vê um garoto de cabelos pretos e pele esverdeada encolhido em posição fetal junto a uma parede de tijolos cor de urina. Crozier sabe que o garoto é um epilético em um asilo, um manicômio em algum lugar. O garoto não apresenta qualquer movimento a não ser pelos olhos escuros, que se agitam constantemente para frente e para trás como os de um réptil. *Aquela forma sou eu.*

Assim que pensa isso, Crozier sabe que esse não é *seu* medo. É o pesadelo de outro homem. Ele esteve brevemente na mente de alguém.

Sophia Cracroft entra nele. Crozier geme sobre a tira de morder.

Ele a vê nua e se esfregando nele no lago do Ornitorrinco. Ele a vê distante e desinteressada no banco de pedra na Casa do Governo. Ele a vê de pé e acenando – não para ele – em seu vestido de seda azul no cais de Greenhithe naquele dia de maio em que *Erebus* e *Terror* zarparam. Agora ele a vê como nunca havia visto antes – uma Sophia Cracroft futura-presente, orgulhosa, enlutada, secretamente feliz de estar enlutada, renovada e renascida como assistente, companheira e amanuense em tempo integral de sua tia lady Jane Franklin. Ela viaja para toda parte com lady Jane – duas mulheres indômitas, a imprensa as chamará – Sophia quase tanto quanto a tia, sempre visivelmente sincera, esperançosa, estridente, feminina, excêntrica e dedicada à tarefa de convencer o mundo a resgatar sir John Franklin. Ela nunca irá mencionar Francis Crozier, nem mesmo em particular. Ele vê imediatamente que esse é um papel perfeito para Sophia: corajosa, imperiosa, valorosa, capaz de se fazer de coquete por décadas com a desculpa perfeita para evitar compromisso ou amor real. Ela nunca se casará. Viajará pelo mundo com lady Jane, Crozier vê, nunca desistindo publicamente da esperança de que o desaparecido sir John será encontrado, mas – muito após a verdadeira esperança ser perdida – ainda desfrutando do direito, da simpatia, do poder e da posição que essa viuvez antes distante dá a ela.

Crozier tenta vomitar, mas seu estômago está vazio há horas ou dias. Só consegue se encolher e sofrer com a cólica.

Ele está em uma sala escura em uma casa de fazenda cheia e exageradamente mobiliada em Hydesdale, Nova York, cerca de 35 quilômetros a oeste de Rochester. Crozier nunca ouviu falar de Hydesdale ou Rochester, Nova York. Ele sabe que é primavera deste ano, 1848, talvez apenas algumas semanas no futuro. Visível por uma fenda nas cortinas grossas puxadas, um raio cai com um clarão. O trovão sacode a casa.

– Venha, mãe! – grita uma das duas meninas à mesa. – Prometemos que irá achar isso edificante.

– Irei achar aterrorizante – diz a mãe, uma mulher de meia-idade sisuda com um cenho perpetuamente franzido traçando uma linha entre seu coque grisalho apertado até suas pesadas sobrancelhas juntas. – Não sei por que permito que me convençam a isso.

Crozier fica maravilhado com a tediosa feiura do dialeto rural americano. A maioria dos americanos que ele conheceu eram marinheiros desertores, capitães da Marinha dos Estados Unidos ou baleeiros.

– Rápido, mãe!

A garota chamando a mãe com tom tão autoritário é Margaret Fox, de 15 anos. Está vestida discretamente e é atraente de uma forma afetada e não especialmente inteligente que Crozier percebeu costumar ser o caso das poucas americanas que encontrou socialmente. A outra garota à mesa é a irmã de 11 anos de Margaret, Catherine. A garota mais jovem, o rosto branco quase invisível à luz tremeluzente da vela, lembra mais a mãe, incluindo as sobrancelhas escuras, o coque apertado demais e o incipiente cenho franzido.

O raio brilha no espaço entre cortinas empoeiradas.

A mãe e as duas garotas dão as mãos ao redor da mesa redonda de carvalho. Crozier percebe que a toalha de renda na mesa ficou amarela com a idade. As três mulheres fecham os olhos. O trovão treme a chama da única vela.

– Há alguém aqui? – pergunta Margaret, de 15 anos.

Um estalo alto. Não um trovão, mas um *estalo*, como se alguém batesse em madeira com uma pequena marreta. As mãos de todas estão à vista.

– Ah! – grita a mãe, obviamente pronta para levar as mãos sobre a boca de medo. As duas irmãs seguram com força e a impedem de romper o círculo. A mesa sacode com os puxões delas.

– Você é nosso Guia hoje? – pergunta Margaret.

Uma *BATIDA* alta.

– Você veio nos ferir de alguma forma? – pergunta Katy.

Duas *BATIDAS* ainda mais altas.

– Está vendo, mãe? – sussurra Maggie. Fechando os olhos novamente, ela diz em um sussurro teatral. – Guia, você é o gentil sr. Splitfoot que se comunicou conosco noite passada?

BATIDA.

– Obrigada por nos convencer noite passada de que era real, sr. Splitfoot – continua Maggie, falando quase como se em um transe. – Obrigada por contar à mãe detalhes sobre as filhas, dizer nossa idade e por lembrar a ela do sexto filho que morreu.irá responder às nossas perguntas esta noite?

BATIDA.

– Onde está a Expedição Franklin? – pergunta a pequena Katy.

BATIDA BATIDA BATIDA... Os golpes duram meio minuto.

– Esse é o Telégrafo Espiritual de que falaram? – sussurra a mãe.

Maggie a faz calar. As batidas param. Crozier vê, como se pudesse flutuar por entre madeira e ver através de lã e algodão, que as duas garotas têm hipermobilidade e se revezam estalando e batendo os dedões dos pés sobre os dedos dos lados. Eram batidas impressionantemente altas vindo de dedos tão pequenos.

– O sr. Splitfoot diz que o sir John Franklin que segundo os jornais todos procuram está bem e com seus homens, que também estão bem, mas muito assustados, em seus navios e no gelo perto de uma ilha a cinco dias de viagem ao sul do lugar frio onde eles pararam em seu primeiro ano – entoa Maggie.

– É muito escuro onde eles estão – acrescenta Katy.

Há mais batidas.

– Sir John diz que é para sua esposa, Jane, não se preocupar – interpreta Maggie. – Diz que a verá logo; no próximo mundo se não neste.

– Ah! – diz a sra. Fox novamente. – Temos de chamar Mary Redfield e o sr. Redfield, e Leah, claro, e o sr. e a sra. Duesler, e a sra. Hyde, e o sr. e sra. Jewell...

– Ssshhhh! – sibila Katy.

BATIDA, BATIDA, BATIDA, batidabatidabatidabatidabatida, BATIDA.

– O Guia não quer que fale quando Ele estiver nos guiando – sussurra Katy.

Crozier geme e morde a tira de couro. As cólicas que começaram em suas entranhas agora sacodem todo o seu corpo. Ele treme de frio em um momento e arranca os cobertores no seguinte.

Há um homem vestido como esquimó – parca de pele de animal, botas altas peludas, um capuz de pelo como o de lady Silêncio. Mas esse homem está de pé em um palco de madeira diante de luzes de chão. Está muito quente. Atrás do homem um cenário pintado mostra gelo, icebergs, um céu de inverno. Neve branca de mentira cobre o palco. Há quatro cachorros

calorentos do tipo usado pelos esquimós da Groelândia deitados no palco, as línguas balançando.

O homem barbado de parca pesada fala do tablado coberto de branco.

– Falo a vocês hoje por humanidade, não por dinheiro – diz o homenzinho. Seu sotaque americano irrita o ouvido dolorido de Crozier tão violentamente quanto o das adolescentes. – E viajei à Inglaterra para falar com a própria lady Jane. Ela me desejou sorte em nossa próxima expedição, dependendo, claro, de se iremos levantar o dinheiro aqui na Filadélfia, em Nova York e em Boston para organizar a expedição, e diz que ficará honrada se os filhos dos Estados Unidos levarem seu marido para casa. Então hoje eu peço sua generosidade, mas apenas pelo bem da humanidade. Peço isso em nome de lady Franklin, no nome de seu marido perdido, e com grande esperança de dar glória aos Estados Unidos da América...

Crozier vê o homem novamente. O sujeito barbado está sem a parca, nu e na cama no Union Hotel em Nova York com uma mulher muito jovem nua. É uma noite quente e as roupas de cama foram jogadas para fora. Não há sinal dos cães de trenó.

– Quaisquer que sejam minhas falhas – diz o homem, falando suavemente, porque a janela e o basculante acima da porta estão abertos para a noite de Nova York – pelo menos eu amei você. Se você fosse uma imperatriz, querida Maggie, em vez de uma garotinha sem nome seguindo uma profissão obscura e *ambígua*, seria a mesma coisa.

Crozier se dá conta de que a jovem nua é Maggie Fox – apenas alguns anos mais velha. Ela ainda é atraente daquele modo afetado americano, mesmo sem roupas.

Maggie diz em um tom muito mais rouco do que a ordem arrogante que Crozier ouviu mais cedo:

– Dr. Kane, você sabe que eu o amo.

O homem balança a cabeça. Pegou um cachimbo na mesa de cabeceira e agora tira o braço de sob a garota para colocar fumo e acender.

– Maggie, minha querida, eu ouço essas palavras de sua pequena boca enganadora, sinto seus cabelos caindo sobre meu peito e adoraria acreditar nelas. Mas você não pode ir acima de sua posição, minha querida. Você tem

muitas características que a levam acima de sua ocupação, Maggie... Você é refinada e adorável e, com uma educação diferente, teria sido inocente e natural. Mas você não merece cuidados permanentes de mim, srta. Fox.

– Não mereço – repete Maggie. Seus olhos, talvez o traço mais bonito agora que os seios roliços estão escondidos da visão de Crozier, parecem se encher de lágrimas.

– Eu estou fadado a destinos diferentes, minha criança – diz o dr. Kane. – Lembre-se de que tenho minhas próprias tristes vaidades a perseguir, enquanto você e suas irmãs e mãe veniais perseguem as suas. Sou tão dedicado ao meu ofício quanto você, pobre criança, pode ser ao seu, se tal absurdo espiritualista teatral pode ser *chamado* de ofício. Lembre-se então, como uma espécie de sonho, que o dr. Kane dos Mares Árticos amou Maggie Fox das Batidas de Espírito.

Crozier desperta no escuro. Não sabe onde ou quando está. Seu cubículo está escuro. O navio parece escuro. As tábuas gemem – ou isso é um eco de seus próprios gemidos nas últimas horas e dias? Está muito frio. O cobertor morno que ele lembra Jopson e Goodsir colocarem sobre ele está agora tão molhado e congelado quanto o resto da roupa de cama. O gelo geme sobre o navio. O navio continua a grunhir em resposta com carvalho pressionado e ferro forçado pelo frio.

Crozier quer se levantar, mas descobre que está fraco e vazio demais para se mexer. Mal consegue mover os braços. A dor e as visões rolam sobre ele como uma onda quebrando.

Rostos de homens que ele conheceu, encontrou ou viu no Serviço.

Ali está Robert McClure, um dos homens mais traiçoeiros e ambiciosos que Francis Crozier já conheceu – outro irlandês determinado a vencer em um mundo inglês. McClure está no convés de um navio no gelo. Penhascos de gelo e rocha se erguem ao redor, cerca de 180 ou 200 metros de altura. Crozier nunca viu nada como aquilo.

Ali está o velho John Ross no convés de popa de um pequeno navio – uma espécie de iate – indo para leste. Indo para casa.

Ali está James Clark Ross, mais velho, mais gordo e menos feliz do que Crozier já o vira. O sol nascente brilha através de cordas de vela de estai

cobertas de gelo enquanto seu navio sai do gelo para mar aberto. Está indo para casa.

Lá está Francis Leopold M'Clintock – alguém que Crozier de algum modo sabe que procurou por Franklin sob o comando de James Ross e depois voltou por conta própria anos depois. Quantos anos depois? Quanto tempo de agora? Quão no futuro?

Crozier pode ver imagens passar como em uma lanterna mágica, mas não ouve as respostas às suas perguntas.

Lá está M'Clintock de trenó, puxando, se movendo mais rápida e eficientemente do que o tenente Gore ou qualquer dos homens de sir John ou de Crozier o fizeram.

Lá está M'Clintock de pé junto a um moledro e lendo um bilhete recém-tirado de um cilindro de bronze. Será o bilhete que Gore deixou na Terra do Rei Guilherme sete meses antes? – pensa Crozier. O cascalho congelado e o céu cinzento atrás de M'Clintock parecem os mesmos.

De repente lá está M'Clintock sozinho no gelo e no cascalho, seu grupo de trenó subindo várias centenas de metros atrás dele na neve que sopra. Ele está de pé na frente de um horror – um grande barco amarrado no alto de um enorme trenó improvisado feito de ferro e carvalho.

O trenó parecia algo que o carpinteiro de Crozier, o sr. Honey, faria. Foi montado como se para durar um século. Cada encaixe mostra cuidado. A coisa é enorme – devia pesar pelo menos trezentos quilos. No alto está um barco que pesa outros 350 quilos.

Crozier reconhece o barco. É uma das embarcações de 28 pés do *Terror* – uma das pinaças. Ele vê que foi bem preparada para viagem por rio. As velas estão enroladas, amarradas, envoltas e cobertas de gelo.

Subindo em uma pedra e olhando para dentro do barco aberto como se por cima do ombro de M'Clintock, Crozier vê dois esqueletos. Os dentes nos dois crânios parecem brilhar para M'Clintock e Crozier. Um esqueleto é pouco mais que uma pilha de ossos visivelmente mastigados, pesadamente raspados e parcialmente devorados jogados em um monte na proa. Neve caiu sobre os ossos.

O outro esqueleto está imperturbável, e ainda vestindo os farrapos do que parece ser um sobretudo de oficial e camadas de outras roupas quentes. O crânio ainda tem os restos de um quepe. Esse cadáver está esparramado sobre o banco de popa, as mãos esqueléticas esticadas ao longo das amuradas na direção de duas escopetas de cano duplo apoiadas ali. Junto aos pés com botas do corpo estão pilhas de cobertores de lã e roupas de lona, e uma bolsa parcialmente coberta de neve com cartuchos de pólvora. No fundo da pinaça entre as botas do morto, como o butim de um pirata prestes a ser contado e admirado, estão cinco relógios de ouro e o que parece ser 15 ou 20 quilos de pedaços de chocolate embalados individualmente. Também perto estão 26 peças de prataria – Crozier pode ver, e sabe que M’Clintock pode ver, os brasões pessoais de sir John Franklin, do capitão Fitzjames, seis outros oficiais e o seu, Crozier – em várias facas, colheres e garfos. Igualmente vê pratos também gravados e duas travessas de prata se projetando de gelo e neve.

Ao longo dos sete metros e meio da pinaça que separam os dois esqueletos há uma perturbadora variedade de coisas se projetando dos poucos centímetros de neve que se acumularam: dois rolos de folhas de metal, uma cobertura de barco em lona, oito pares de botas, duas serras, quatro limas, uma pilha de pregos e duas facas junto ao saco de cartuchos de pólvora perto do esqueleto da popa.

Crozier também vê remos, velas dobradas e rolos de corda perto do esqueleto vestido. Mais perto da pilha de ossos parcialmente devorados na proa há uma pilha de toalhas, barras de sabão, vários pentes e uma escova de dentes, um par de sapatos feitos à mão a centímetros dos ossos brancos de dedos e metatarsos espalhados, e seis livros: cinco Bíblias e *O vigário de Wakefield*, que agora está em uma prateleira na Grande Cabine do HMS *Terror*.

Crozier quer fechar os olhos mas não consegue. Quer voar para longe dessa visão – todas essas visões – mas não tem controle delas.

De repente o rosto vagamente familiar de Francis Leopold M’Clintock parece derreter, murchar, depois se transformar no rosto de um homem mais jovem, alguém que Francis Crozier não conhece. Todo o resto permanece igual. O homem mais jovem – um certo tenente William Hobson, que Crozier agora conhece sem saber como conhece – está de pé no mesmo ponto

onde M'Clintock estivera, e olhando para o barco aberto com a mesma expressão de nauseada incredulidade que Crozier vira no rosto de M'Clintock um instante antes.

Sem aviso, o barco aberto e os esqueletos desaparecem e Crozier está deitado em uma caverna de gelo junto a uma Sophia Cracroft nua.

Não, não é Sophia. Crozier pisca, sentindo a Segunda Visão de Memo Moira queimando através e para fora de seu cérebro dolorido como um punho de febre, e agora vê que está deitado nu ao lado de uma lady Silêncio nua. Estão cercados de peles, e deitados em uma espécie de prateleira de neve ou gelo. Seu espaço é iluminado por uma lamparina a óleo bruxuleante. O teto curvo é feito de blocos de gelo. Os seios de Silêncio são marrons e seus cabelos compridos e muito negros. Está apoiada sobre um cotovelo em meio às peles e olhando para Crozier com expressão séria.

Você sonha meus sonhos?, ela pergunta sem mover os lábios ou abrir a boca. Ela não falou em inglês. *Eu estou sonhando os seus?*

Crozier a *sente* dentro de sua mente e de seu coração. Parece uma dose do melhor uísque que ele já engoliu.

E então vem o mais terrível de todos os pesadelos.

Esse estranho, essa mistura de M'Clintock e alguém chamado Hobson, não está olhando para o barco aberto com dois esqueletos dentro, mas para o jovem Francis Rawdon Moira Crozier indo em segredo à missa católica com sua feiticeira-papista Memo Moira.

Era um dos maiores segredos da vida de Crozier que ele tinha feito aquilo – não apenas ido à cerimônia proibida com Memo Moira, mas participado da heresia da eucaristia católica, a muito desprezada e proibida comunhão.

Mas aquela forma de M'Clintock-Hobson se ergue como um coroinha enquanto um Crozier trêmulo – agora uma criança, agora um homem marcado na casa dos 50 – se aproxima do altar, ajoelha, joga a cabeça para trás, abre a boca e estende a língua para a Hóstia Proibida – o Corpo de Cristo – puro canibalismo transubstanciado para todos os adultos na aldeia, na família e na vida de Crozier.

Mas há algo estranho. O padre grisalho acima dele em hábito branco está pingando água no chão, na balaustrada do altar e no próprio Crozier. E o

padre é grande demais mesmo para o ponto de vista de uma criança – enorme, molhado, musculoso, desajeitado, lançando uma sombra sobre o comungante ajoelhado. Ele não é humano.

E Crozier está nu enquanto se ajoelha, lança a cabeça para trás, fecha os olhos e estica a língua para o sacramento.

O padre se erguendo e pingando acima dele não tem uma hóstia na mão. Ele não tem mãos. Em vez disso, a aparição que pinga se curva por cima da balaustrada do altar, se curva perto demais, e abre sua própria boca desumana como se Crozier fosse o pão a ser devorado.

– Querido Jesus Cristo Deus Todo-Poderoso – sussurra a forma M’Clintock-Hobson observando.

– Querido Jesus Cristo Deus Todo-Poderoso – sussurra o capitão Francis Crozier.

– Ele está de volta para nós – diz o dr. Goodsir para o sr. Jopson.

Crozier geme.

– Senhor – diz o cirurgião para Crozier. – Consegue se sentar? É capaz de abrir os olhos e se sentar? É um bom capitão.

– Que dia é hoje? – grunhe Crozier. A luz embotada da porta aberta e a luz ainda mais embotada de sua lamparina, a óleo, no mínimo são como explosões brilhantes dolorosas em seus olhos sensíveis.

– É terça-feira, 11^º dia de janeiro, capitão – diz seu camareiro. E depois Jopson acrescenta: – O ano do nosso Senhor de 1848.

– O senhor esteve muito doente por uma semana – diz o cirurgião. – Várias vezes nos últimos dias estive certo de que o havíamos perdido.

Goodsir dá um pouco de água a ele.

– Eu estava sonhando – consegue dizer Crozier após beber a água gelada. Pode sentir seu próprio fedor nas roupas de cama congeladas ao redor.

– O senhor gemeu muito alto nas últimas horas – diz Goodsir. – Lembra-se de alguns dos seus sonhos de malária?

Crozier só se lembra da leveza e da sensação de voar de seus sonhos, mas ao mesmo tempo o peso, o horror e o humor de visões que já haviam passado como neblina frente a um vento forte.

– Não – diz. – Sr. Jopson, por favor, faça a gentileza de conseguir água quente para minha higiene. Você pode me ajudar a fazer a barba. Dr. Goodsir?

– Sim, capitão?

– Poderia fazer a gentileza de ir lá na frente e dizer ao sr. Diggle que seu capitão quer um desjejum bastante grande esta manhã?

– São seis badaladas da noite, capitão – diz o cirurgião.

– Ainda assim eu quero um desjejum muito grande. Biscoitos. O que tiver sobrado de batatas. Café. Algum tipo de porco, bacon caso haja.

– Sim, senhor.

– E dr. Goodsir – diz Crozier ao cirurgião de partida. – Poderia fazer a gentileza de pedir ao tenente Little que venha à popa com um relatório da semana que perdi e também pedir que traga minha... propriedade?

PEGLAR

Lat. 70° - 05' N., Long. 98° - 23' W.

29 de janeiro de 1848

Harry Peglar havia planejado receber a tarefa de levar uma mensagem ao *Erebus* no dia em que o sol voltou. Ele queria celebrar isso – na medida em que alguma coisa podia ser celebrada naqueles dias – com alguém que amava. E alguém com quem um dia ele vivera um amor.

O suboficial-chefe Harry Peglar era capitão da gávea do traquete do *Terror*, escolhido líder dos homens cuidadosamente selecionados que trabalhavam nos mais altos massames, joanetes e velas superiores dia ou noite, bem como nos mares mais altos e no pior clima que o mundo podia lançar sobre um navio de madeira. Era uma posição que exigia força, experiência, liderança e, acima de tudo, coragem, e Harry Peglar era respeitado por todas essas características. Agora com quase 41 anos de idade, ele provara seu valor centenas de vezes não apenas diante da tripulação do HMS *Terror*, mas em 12 outros navios nos quais servira em sua longa carreira.

Então, era apenas levemente irônico que Harry Peglar fosse analfabeto até ser um aspirante de 25 anos de idade. Ler agora era seu prazer secreto, e ele já devorara mais de metade dos mil volumes na Grande Cabine do *Terror* naquela viagem. Fora um mero comissário de oficiais no brigue de pesquisas HMS *Beagle* que transformara Peglar em um homem alfabetizado, e fora o mesmo comissário que fizera Harry Peglar refletir sobre o que significava ser um homem.

John Bridgens era esse comissário. De longe o homem mais velho da expedição. Quando zarparam da Inglaterra, a brincadeira nos castelos de proa do *Erebus* e do *Terror* tinha sido que John Bridgens, o inferior comissário dos oficiais subalternos, tinha a mesma idade do idoso sir John Franklin, mas era vinte vezes mais sábio. Pelo menos Harry Peglar sabia que isso era verdade.

Homens velhos abaixo da patente de capitão ou almirante raramente eram permitidos nas expedições do Serviço de Descobertas, então foi com bom humor que as duas tripulações souberam que a idade de John Bridgens nos registros oficiais do navio havia sido invertida – por acidente ou por um intendente irônico – e aparecia como “26”. Foram feitas muitas brincadeiras com o grisalho Bridgens sobre sua juventude, inexperiência e suposta potência sexual. O silencioso comissário sorria e não dissera nada.

Fora Harry Peglar quem procurara um comissário Bridgens mais jovem no HMS *Beagle* durante sua viagem de pesquisa científica de cinco anos ao redor do mundo sob o comando do capitão FitzRoy, de dezembro de 1831 a outubro de 1836. Peglar acompanhara um oficial com quem servira no HMS *Prince Regent*, um tenente chamado John Lort Stokes, da canhoneira de primeira linha de 120 canhões para o inferior *Beagle*. O *Beagle* era apenas um brigue de dez canhões da classe *Cherokee* adaptado como navio de pesquisa – não exatamente o tipo de navio que um gajeiro ambicioso como Peglar normalmente escolheria –, mas mesmo então Harry se interessava pelo trabalho de pesquisa científica e exploração, e a viagem do pequeno *Beagle* sob FitzRoy fora educativa para ele em vários sentidos.

O comissário Bridgens era cerca de oito anos mais velho do que Peglar naquele momento – quarenta e tantos anos –, mas já conhecido como o suboficial mais sábio e mais lido da frota. Também era conhecido como sodomita, um fato que não incomodava Peglar, de 25 anos de idade, a maior parte do tempo. Havia dois tipos de sodomitas na Marinha Real: os que buscavam se satisfazer apenas em terra e nunca levavam suas práticas para o mar, e os que continuavam com seus hábitos no mar, com frequência seduzindo os garotos sempre presentes nos navios da Marinha Real. Bridgens, como sabiam todos no castelo de proa e na Marinha, era do primeiro tipo – um homem que gostava de homens em terra, mas nunca se vangloriava disso

nem levava suas inclinações para o mar. E, diferentemente do ajudante de calafate no atual navio de Peglar, Bridgens não era um pederasta. A maioria de seus colegas de tripulação achava que um garoto no mar estava mais seguro com o comissário dos suboficiais John Bridgens do que estaria com o vigário de sua aldeia em casa.

Além disso, Harry Peglar estava morando com Rose Murray quando zarpou em 1831. Embora nunca tivessem se casado formalmente – ela era católica e não iria se casar com Harry a não ser que se convertesse, o que ele não conseguiria fazer – eram um casal feliz quando Peglar estava em terra, embora o analfabetismo da própria Rose e sua falta de curiosidade sobre o mundo refletissem a vida do Peglar mais jovem, e não o homem que se tornaria mais tarde. Talvez tivessem se casado caso Rose pudesse ter filhos, mas não podia – uma condição a que ela se referia como “castigo de Deus”. Rose morreu quando Peglar estava no mar na longa viagem do *Beagle*. Ele a amara à sua maneira.

Mas também amara John Bridgens.

Antes do fim da missão de cinco anos do navio de pesquisa HMS *Beagle*, Bridgens – inicialmente aceitando com relutância seu papel de mentor, mas finalmente se curvando à insistência ansiosa do aspirante de vela de mezena – ensinou Harry a ler e escrever não apenas em inglês, mas também em grego, latim e alemão. Ensinou a ele filosofia, história e história natural. Mais que isso, Bridgens ensinara o jovem inteligente a pensar.

Havia sido dois anos depois daquela viagem que Peglar vira o homem mais velho em Londres – Bridgens estava em licença ampliada em terra com a maioria do resto da frota em 1838 – e pedira mais ensino. Peglar já era então capitão da gávea do traquete do HMS *Wanderer*.

Foi durante aqueles meses de debates em terra e mais ensino que a amizade íntima entre os dois homens se transformara em algo mais parecido com interações de amantes. A revelação de que ele era capaz de fazer tal coisa chocou Peglar – inicialmente o deixando desalentado, mas depois fazendo com que reconsiderasse todos os aspectos de sua vida, moral, fé e noção de eu. O que ele descobriu o confundiu, mas, para seu assombro, não mudou a noção

básica de quem Harry Peglar era. O que o chocou ainda mais foi ter sido ele a instigar o contato físico – não o homem mais velho.

O aspecto íntimo de sua amizade durou apenas alguns meses e terminou tanto por escolha mútua quanto pelas longas ausências de Peglar no mar a bordo do *Wanderer* até 1844. A amizade permaneceu intacta. Peglar começou a escrever longas cartas filosóficas ao antigo comissário e escrevia todas as palavras de trás para frente, a última letra da última palavra de cada frase sendo a primeira e em maiúscula. Principalmente por a ortografia do capitão da gávea antes analfabeto ser tão atroz, Bridgens sugeriu em uma carta de resposta que “sua ideia infantil da codificação de Leonardo de trás para frente, Harry, é quase impossível de decodificar”. Peglar agora mantinha seus diários no mesmo código grosseiro.

Nenhum dos homens contara ao outro que estava se candidatando a um posto do Serviço de Descobertas na expedição de sir John Franklin à Passagem Noroeste. Mas ficaram chocados algumas semanas antes da partida ao ver o nome do outro no registro oficial. Peglar, que não se comunicara com Bridgens em mais de um ano, viajou do alojamento de Woolwich até os aposentos do comissário no norte de Londres para perguntar se deveria abandonar a expedição. Bridgens insistiu que seria *ele* a retirar o nome da relação. No final, concordaram em que nenhum deles deveria perder a oportunidade daquela aventura – certamente a última oportunidade de Bridgens em função de sua idade avançada (o intendente do *Erebus*, Charles Hamilton Osmer, era um velho amigo de Bridgens e facilitara seu alistamento junto a sir John e os oficiais, chegando ao ponto de esconder a verdadeira idade do comissário dos suboficiais e sendo aquele que a registrou como “26” na relação oficial). Nem Peglar nem Bridgens disseram em voz alta, mas ambos sabiam que o antigo voto do homem mais velho de nunca levar seus desejos sexuais para o mar seria honrado por ambos. Ambos sabiam que essa parte de sua história estava encerrada.

No final, Peglar quase não vira o velho amigo durante a viagem, e em três anos e meio eles raramente tiveram um minuto sozinhos.



Ainda estava escuro, claro, quando Peglar chegou ao *Erebus* em algum momento por volta de 11 horas naquela manhã de sábado dois dias depois do fim de janeiro, mas havia um brilho ao sul que prometia ser, pela primeira vez em mais de oitenta dias, um brilho pré-matinal. O brilho leve não eliminava o efeito das temperaturas inferiores a -54° Celsius, de modo que ele não perdeu tempo ao ver as lanternas do navio.

A visão dos mastros truncados do *Erebus* teria deixado desalentado qualquer gajeiro, mas doeu mais em Harry Peglar, já que, com seu correspondente capitão da gávea do *Erebus*, Robert Sinclair, ele ajudara a supervisionar a desmontagem e estoque dos mastros superiores dos dois navios para os invernos intermináveis. Era uma visão feia a qualquer momento, e não ficava mais bonita com a bizarra posição do *Erebus* com popa para baixo e proa para cima no gelo apertado.

Peglar foi saudado pela sentinela, convidado a bordo e levou sua mensagem do capitão Crozier para o capitão Fitzjames, que estava sentado e fumando seu cachimbo no refeitório dos oficiais na popa, já que a Grande Cabine estava sendo usada como enfermaria provisória.

Os capitães haviam começado a usar os cilindros de latão concebidos para os relatórios depositados para trocar mensagens – os mensageiros odiaram essa mudança, já que o metal frio queimava os dedos mesmo através de luvas pesadas – e Fitzjames teve de mandar Peglar abrir o cilindro com as luvas, já que o tubo ainda estava frio demais para que o capitão o tocasse. Fitzjames não o dispensou, então Peglar ficou de pé no umbral do refeitório dos oficiais enquanto o capitão lia o bilhete de Crozier.

– Sem resposta, sr. Peglar – disse Fitzjames.

O capitão da gávea bateu continência e subiu novamente ao convés. Cerca de uma dúzia de tripulantes havia subido para ver o nascer do sol, e mais estavam colocando roupas embaixo para fazer o mesmo. Peglar notara que a enfermaria da Grande Cabine tinha uns 12 homens nas macas – mais ou

menos o mesmo número que no *Terror*. O escorbuto estava se instalando nos dois navios.

Peglar viu a pequena figura familiar de John Bridgens de pé na amurada de bombordo na popa. Chegou por trás e deu um tapinha no ombro do homem.

– Ah, um pequeno toque de Harry na noite – disse Bridgens antes mesmo de se virar.

– Não noite por muito tempo – disse Peglar. – E como sabia que era eu, John?

Bridgens não tinha um cachecol sobre o rosto, e Peglar podia ver seu sorriso e seus olhos azuis aguados.

– Notícias de visitantes correm rápido em um pequeno navio congelado no gelo. Tem de voltar correndo para o *Terror*?

– Não. O capitão Fitzjames não tem resposta.

– Gostaria de dar uma caminhada?

– Certamente – disse Peglar.

Eles desceram a rampa de gelo de estibordo e caminharam na direção do iceberg e da crista de pressão alta a sudeste para ter uma visão melhor do sul brilhante. Pela primeira vez em meses, o HMS *Erebus* era iluminado por trás por algo além de aurora, lanternas ou archotes. Antes de chegar à crista de pressão, passaram pela área raspada, coberta de fuligem e parcialmente derretida onde queimara o fogo do carnaval. A área havia sido bem limpa por ordem do capitão Crozier na semana seguinte ao desastre, mas restavam buracos de postes onde as varas serviram como paus de barraca, bem como restos de corda ou lona que haviam derretido no gelo e depois congelado no lugar. O retângulo da sala ébano ainda aparecia mesmo depois de repetidos esforços para remover a fuligem negra e de várias nevascas.

– Eu li o escritor americano – disse Bridgens.

– Escritor americano?

– O sujeito que fez o pequeno Dickie Aylmore receber cinquenta chicotadas por sua inventiva decoração para nosso falecido e não lamentado carnaval. Um sujeitinho estranho chamado Poe, se a memória não me trai. Muita melancolia e coisas mórbidas com um toque macabro verdadeiramente

insalubre. Não muito bom no geral, mas muito americano em algum sentido indefinível. Contudo, não li o conto fatídico que produziu o chicoteamento.

Peglar anuiu. Seu pé bateu em algo na neve e ele se curvou para arrancá-lo do gelo.

Era o crânio de urso que estivera pendurado acima do relógio de ébano de sir John, que não sobrevivera às chamas – a carne, a pele e os pelos do crânio desaparecidos e o osso escurecido pelo fogo, órbitas vazias, mas os dentes ainda da cor de marfim.

– Ah, o sr. Poe iria adorar isto, acho – disse Bridgens.

Peglar o largou de volta na neve. A coisa devia estar escondida sob pedaços de gelo caído quando os grupos de limpeza trabalharam ali. Ele e Bridgens caminharam mais cinquenta metros até a crista de pressão mais alta na área e a escalaram, Peglar repetidamente dando a mão para ajudar o homem mais velho a subir.

Em uma laje de gelo plana no alto da crista, Bridgens ofegava. Mesmo Peglar, normalmente em forma tão boa quanto um dos antigos atletas olímpicos sobre os quais lera, se viu respirando mais pesado que de hábito. Meses demais sem trabalho físico de verdade, pensou.

O horizonte ao sul tinha um brilho amarelo contido e lavado, e a maioria das estrelas naquela metade do céu havia se apagado.

– Mal consigo acreditar que está voltando – disse Peglar.

Bridgens anuiu.

De repente lá estava, o disco vermelho-dourado se levantando hesitante acima das massas escuras que pareciam colinas, mas deviam ser nuvens baixas bem ao sul. Peglar ouviu os cerca de quarenta homens no convés do *Erebus* dando três gritos de saudação e – porque o ar estava muito frio e muito parado – pôde ouvir uma saudação duplicada, porém mais fraca, vindo do *Terror*, mal visível a um quilômetro e meio a leste pelo gelo.

– A alvorada estica para frente as pontas dos dedos rosadas – disse Bridgens em grego.

Peglar sorriu, levemente divertido por se lembrar da frase. Haviam se passado anos desde que ele lera a *Ilíada* ou qualquer coisa em grego. Lembrava da excitação de seu primeiro encontro com essa linguagem e com Troia e seus

heróis quando o *Beagle* estava ancorado no litoral de São Tiago, uma ilha vulcânica no arquipélago de Cabo Verde quase 17 anos antes.

Como se lendo sua mente, Bridgens disse:

– Lembra do sr. Darwin?

– O jovem naturalista? – devolveu Peglar. – O interlocutor preferido do capitão FitzRoy? Claro que sim. Cinco anos em um pequeno brigue com um homem deixa uma impressão, mesmo que ele fosse um cavalheiro e eu não.

– E qual foi sua impressão, Harry?

Os olhos azul-claros de Bridgens estavam ficando úmidos, ou pela emoção de ver o sol novamente ou apenas em reação à luz esquecida, por mais fraca que fosse. O disco vermelho não saiu completamente das nuvens escuras antes de começar a descer de novo.

– Do sr. Darwin? – perguntou Peglar, também apertando os olhos, mais para reviver a lembrança do jovem naturalista magro que por causa da maravilhosa iluminação do sol. – Eu o achei agradável, como são tais cavalheiros. Muito entusiasmado. Ele certamente manteve os homens ocupados transportando e encaixotando todos aqueles malditos animais mortos; em dado momento pensei que só os tentilhões iriam encher o porão, mas ele não tinha pudor de sujar as mãos. Lembra de quando pegou nos remos para ajudar a rebocar o velho *Beagle* rio acima? E salvou um barco da maré de tempestade em outra oportunidade. E uma vez, quando havia baleias junto a nós, no litoral do Chile, acredito, fiquei impressionado de descobrir que ele escalara sozinho até os vaus para ter uma visão melhor. Tive de ajudá-lo a descer, mas não antes de ele ter olhado para as baleias de luneta por uma hora, as pontas de sua casaca tremulando à brisa.

Bridgens sorriu.

– Quase senti ciúmes quando ele lhe emprestou aquele livro. Qual era? Lyell?

– *Princípios de geologia* – disse Peglar. – Eu na verdade não entendi. Ou melhor, entendi apenas o bastante para saber quão perigoso era.

– Por causa da afirmação de Lyell sobre a idade das coisas – disse Bridgens.
– Sobre a ideia nada cristã de que as coisas mudam lentamente ao longo de

imensos éons, em vez de muito rapidamente devido a acontecimentos muito violentos.

– Sim – disse Peglar. – Mas o sr. Darwin era muito entusiasmado com ele. Soava como um homem que experimentara uma conversão religiosa.

– Acredito que experimentou, por assim dizer – disse Bridgens. Apenas o terço superior do sol era visível naquele momento. – Menciono o sr. Darwin porque amigos comuns me contaram antes de nossa partida que ele está escrevendo um livro.

– Ele já publicou vários – disse Peglar. – Você se lembra, John, discutimos seu *Diário de pesquisas em geologia e história natural dos vários países visitados pelo HMS Beagle* no ano em que fui estudar com você... 1839. Não pude comprá-lo, mas você disse que tinha lido. E acredito que ele publicou vários tomos sobre a vida vegetal e animal que viu.

– *A zoologia da viagem do HMS Beagle* – disse Bridgens. – Sim, também comprei esse. Não, quero dizer que ele está trabalhando em um livro muito mais importante, segundo meu caro amigo, o sr. Babbage.

– Charles Babbage? – reagiu Peglar. – O sujeito que faz experiências com várias coisas estranhas, incluindo uma espécie de mecanismo de computação?

– O próprio – disse Bridgens. – Charles me diz que durante todos estes anos o sr. Darwin tem trabalhado em uma obra bastante interessante discutindo os mecanismos da evolução orgânica. Aparentemente usa informações de anatomia comparativa, embriologia e paleontologia... Tudo isso um grande interesse de nosso antigo naturalista embarcado, como deve recordar. Mas, quaisquer que sejam as razões, o sr. Darwin reluta em publicar, e o livro poderá não ser impresso, segundo Charles, enquanto estivermos vivos.

– Evolução orgânica? – repetiu Peglar.

– Sim, Harry. É a ideia de que as espécies, a despeito de toda a unanimidade cristã civilizada em contrário, não estão determinadas desde a criação, podendo mudar e se adaptar ao longo do tempo... muito tempo. O volume de tempo do sr. Lyell.

– Sei o que é evolução orgânica – disse Peglar, tentando não demonstrar sua irritação por ser subestimado. O problema da relação aluno-professor, ele

se deu conta não pela primeira vez, era que nunca muda, enquanto tudo ao redor muda. – Eu li sobre o conceito em Lamarck. E também Diderot. E Buffon, acredito.

– Sim, é uma velha teoria – disse Bridgens, seu tom soando divertido, mas também levemente escusatório. – Montesquieu escreveu sobre isso, bem como Maupertuis e os outros que você mencionou. Até mesmo Erasmus Darwin, avô de nosso antigo companheiro de viagem, propôs isso.

– Então por que o livro do sr. Darwin seria tão importante? – perguntou Peglar. – A evolução orgânica é uma ideia antiga. Foi rejeitada pela Igreja e por outros naturalistas há gerações.

– A crer em Charles Babbage e outros amigos que o sr. Darwin e eu temos em comum, esse novo livro, caso seja um dia publicado, oferece provas de um mecanismo real para a evolução orgânica. E daria mil, talvez 10 mil, exemplos sólidos desse mecanismo em ação.

– E o mecanismo seria qual? – perguntou Peglar. O sol desaparecera. Sombras rosadas se dissolveram na fraca claridade amarela que precedera seu nascer. Agora que o sol sumira, Peglar mal podia acreditar que o vira.

– Seleção natural fruto da competição *em* inúmeras espécies – disse o idoso comissário de suboficiais. – Uma seleção transmitindo características vantajosas e eliminando as desvantajosas, isto é, aquelas que aumentam a probabilidade de não sobreviver nem se reproduzir, ao longo de vastos períodos de tempo. Períodos de tempo lyellianos.

Peglar pensou nisso por um minuto.

– Por que aventou isso, John?

– Por causa de nosso amigo predador aqui no gelo, Harry. Por causa do crânio enegrecido que você deixou onde a sala ébano um dia ecoou o tique-taque do relógio de ébano de sir John.

– Não entendo bem – disse Peglar. Ele costumava dizer isso com frequência quando era aluno de John Bridgens durante os cinco anos de deslocamentos aparentemente intermináveis do *Beagle*. A viagem fora planejada como uma aventura de dois anos, e Peglar prometera a Rose que estaria de volta em dois anos ou menos. Ela morrera de consumpção durante o quarto ano do *Beagle* no mar. – Você acha que a coisa do gelo é alguma forma de adaptação

evolucionária de espécie a partir do urso-branco mais comum que encontramos com tanta frequência aqui?

– Exatamente o contrário – respondeu Bridgens. – Eu me vejo pensando em se podemos ter encontrado um dos últimos membros de uma espécie antiga; algo maior, mais inteligente, mais rápido e infinitamente mais violento que seu descendente, o menor urso-polar do norte que vemos em tal abundância.

Peglar pensou nisso.

– Algo de uma era antediluviana – disse finalmente.

Bridgens deu um risinho.

– Pelo menos no sentido metafórico, Harry. Talvez se lembre de que eu nunca defendi qualquer crença literal no Dilúvio.

Peglar sorriu.

– Era perigoso estar perto de você, John – disse. Ele ficou de pé no frio pensando mais alguns minutos. A luz sumia. As estrelas tomavam novamente o céu ao sul. – Você acha que essa... coisa... esse último de sua raça... caminhou pela Terra quando os grandes lagartos circulavam? Caso positivo, por que não encontramos fósseis dela?

Bridgens riu novamente.

– Não, de algum modo eu não acredito que nosso predador do gelo competiu com os lagartos gigantes. Talvez mamíferos como o *Ursus maritimus* absolutamente não coexistissem com os répteis gigantes. Como Lyell demonstrou e nosso sr. Darwin parece entender, o Tempo... com T maiúsculo, Harry... pode ser muito mais vasto do que temos a capacidade de compreender.

Os dois homens ficaram em silêncio por alguns instantes. O vento começara a soprar fraco e Peglar se deu conta de que estava frio demais para permanecer ali fora muito mais tempo. Ele podia ver o homem mais velho tremendo ligeiramente.

– John – ele disse. – Você acha que entender a origem do animal... ou *coisa*, já que algumas vezes parece inteligente demais para ser um animal... irá nos ajudar a matá-la?

Bridgens dessa vez riu alto.

– De modo algum, Harry. Apenas entre nós dois, meu caro amigo, acho que a criatura já nos derrotou. Acho que nossos ossos serão fósseis antes dos dela... embora, quando se pensa nisso, uma enorme criatura que vive quase completamente no gelo polar, não se reproduzindo ou vivendo em terra seca como os ursos-brancos mais comuns evidentemente fazem, talvez até mesmo tendo o urso-polar mais comum como sua fonte primária de alimento, pode muito bem não deixar ossos, nenhum traço, nada de fósseis... pelo menos que consigamos encontrar sob os mares polares congelados no nosso atual nível de tecnologia científica.

Eles começaram a retornar ao *Erebus*.

– Diga, Harry, o que está acontecendo no *Terror*?

– Ouviu falar sobre o quase motim de há três dias? – perguntou Peglar.

– Realmente chegou perto disso?

Peglar deu de ombros.

– Foi feio. O pesadelo de qualquer oficial. O ajudante de calafate, Hickey, e dois ou três agitadores levantaram os homens. Mentalidade de manada. Crozier acabou com tudo de modo brilhante. Acho que nunca vi um capitão lidar com uma malta com mais elegância e certeza do que Crozier fez na quarta-feira.

– E tudo por causa da esquimó?

Peglar anuiu, depois apertou mais seu gorro galês e o cachecol. O vento agora era forte.

– Hickey e a maioria dos homens haviam descoberto que a garota abrira um túnel para fora pelo casco antes do Natal. Até o dia do carnaval ela estava indo e vindo à vontade de seu abrigo no armário de cabos da proa. O sr. Honey e seus ajudantes de carpinteiro haviam consertado o buraco no casco e o sr. Irving desmoronara o túnel para fora no dia seguinte ao incêndio de carnaval, e a informação vazou.

– E Hickey e os outros acharam que ela teve algo a ver com o incêndio?

Peglar deu de ombros novamente. Pelo menos, o movimento o ajudava a se manter aquecido.

– Pelo que sei, acharam que ela *era* a coisa no gelo. Ou pelo menos consorte dela. A maioria dos homens está convencida há meses de que ela é

uma bruxa pagã.

– A maioria da população do *Erebus* concorda – disse Bridgens. Seus dentes batiam. Os dois homens aceleraram o passo na direção do navio inclinado.

– A malta de Hickey fizera planos para emboscar a garota quando ela subisse para o biscoito com bacalhau da noite. E cortar sua garganta. Talvez com alguma cerimônia formal.

– Por que não aconteceu assim, Harry?

– Sempre há alguém que informa. Quando o capitão Crozier soube, provavelmente poucas horas antes de quando o assassinato deveria ocorrer, arrastou a garota para o convés inferior e convocou uma reunião de todos os oficiais e homens. Até mesmo chamou as sentinelas para baixo, o que é inédito.

Bridgens virou seu rosto branco quadrado para Peglar enquanto caminhavam. Ficava mais escuro rapidamente, e o vento soprava de noroeste.

– Era hora do jantar, mas o capitão mandou que todas as mesas dos homens fossem içadas novamente e fez com que os homens se sentassem no convés. Nada de barris ou arcas, no convés nu, e colocou os oficiais, armados com armas pessoais, de pé atrás dele. Segurou a garota esquimó pelo braço, como se fosse uma oferenda que iria jogar aos homens. Como um pedaço de carne aos chacais. Em certo sentido foi o que ele fez.

– O que quer dizer?

– Ele disse à tripulação que se iriam assassinar, teriam de fazer isso imediatamente... naquele momento. Com suas facas. Bem ali no convés inferior onde comiam e dormiam. O capitão Crozier disse que todos teriam de fazer juntos, marinheiros e oficiais, porque assassinato em um navio é como um cancro e se espalha a não ser que todos já estejam inoculados por serem cúmplices.

– Muito estranho – disse Bridgens. – Mas fico surpreso por isso ter funcionado para conter a sede de sangue dos homens. Uma multidão é uma coisa sem cérebro.

Peglar anuiu novamente.

– Depois Crozier chamou o sr. Diggle de seu lugar junto ao fogão.

– O cozinheiro?

– O cozinheiro. Crozier perguntou ao sr. Diggle o que havia para o jantar naquela noite... e para todas as noites do mês seguinte. “Pobre John”, disse Diggle. “Mais coisas enlatadas que não tenham apodrecido ou ficado venenosas.”

– Interessante.

– Crozier então perguntou ao dr. Goodsir, que por acaso estava no *Terror* naquele dia, quantos homens haviam ficado doentes nos três dias anteriores. “Vinte e um”, diz Goodsir. “Com 14 passando as noites na enfermaria até o senhor os chamar para esta reunião, senhor.”

Foi a vez de Bridgens anuir, como se soubesse para onde Crozier se encaminhava.

– E então o capitão disse: “É escorbuto, rapazes.” A primeira vez que qualquer oficial, cirurgião, capitão, mesmo ajudantes, dizia a palavra em voz alta à multidão em três anos – continuou Peglar. – “Estamos caindo com escorbuto, tripulantes do *Terror*”, disse o capitão. “E vocês conhecem os sintomas. Ou se não conhecem... ou se não têm colhões para pensar nisso... precisam escutar.” E então Crozier chamou o dr. Goodsir para frente, ao lado da garota, e mandou que ele listasse os sintomas de escorbuto.

“‘Úlceras’, disse Goodsir”, continuou Peglar enquanto se aproximavam do *Erebus*. “‘Úlceras e hemorragias por todo o corpo. São poças de sangue sob a pele. Escorrendo da pele. Escorrendo de todos os orifícios antes que a doença siga seu curso, sua boca, suas orelhas, seus olhos, seu traseiro. Rictos de membros, o que significa que primeiro seus braços e pernas doem, depois ficam rígidos. Eles não funcionam. Vocês ficarão tão desajeitados quanto um boi cego. Depois seus dentes cairão’, disse Goodsir, e fez uma pausa. Estava tão silencioso, John, que você não conseguia sequer ouvir os cinquenta homens respirando, apenas os estalos e grunhidos do navio no gelo. O cirurgião então continuou. ‘E enquanto seus dentes caem, seus lábios ficarão pretos e se afastarão dos poucos dentes que sobrarem. Como os lábios de um morto. E o tecido das gengivas irá distender... isso significa inchar. E feder. Essa é a fonte do fedor terrível que vem do escorbuto, suas gengivas apodrecendo e supurando de dentro para fora.’”

“Mas não é só isso’, continuou Goodsir. ‘Sua visão e audição ficarão prejudicadas... comprometidas... assim como seu raciocínio. De repente não verá problema algum em sair em um clima de 45° Celsius abaixo de zero sem luvas e chapéu. Vocês irão esquecer de que lado é o norte ou como bater um prego. E seus sentidos não irão apenas falhar, irão se voltar contra vocês. Se tivéssemos uma laranja fresca para dar a vocês, quando você tem escorbuto o cheiro da laranja pode fazer você se contorcer de agonia ou literalmente enlouquecer. O som do esqui de um trenó no gelo é capaz de jogar você de joelhos de dor; o estrondo de um mosquete pode ser fatal.’

“Pode parar!’, grita um da legião de Hickey no silêncio. ‘Temos nosso suco de limão.’

“Goodsir apenas balançou a cabeça desolado. ‘Não teremos por muito tempo. E o que temos não vale muito. Por alguma razão que ninguém entende, os antiescorbúticos simples como suco de limão perdem força após meses. Está quase acabado após mais de três anos.’

“Então houve aquele segundo silêncio terrível, John. Você podia ouvir a respiração, e era entrecortada. E havia um cheiro subindo da malta; medo e algo pior. A maioria dos homens ali, incluindo a maioria dos oficiais, procurara o dr. Goodsir nas duas semanas anteriores com os primeiros sintomas de escorbuto. De repente um dos companheiros de Hickey grita: ‘O que isso tem a ver com se livrar da maldita feiticeira?’

“Então Crozier se adiantou, ainda segurando a garota como cativa, ainda parecendo oferecê-la à malta. ‘Diferentes capitães e cirurgiões tentam coisas diferentes para evitar ou curar o escorbuto’, disse Crozier aos homens. ‘Exercícios violentos. Prece. Comida enlatada. Mas nenhuma dessas coisas funciona a longo prazo. Qual é a única coisa que funciona, dr. Goodsir?’

“Todas as cabeças no convés inferior então se viraram para Goodsir, John. Até mesmo a da esquimó.

“Comida fresca’, disse o cirurgião. ‘Especialmente carne fresca. Qualquer deficiência em nossa comida gera escorbuto, apenas carne fresca pode curá-lo.’

“Todos olharam de volta para Crozier. O capitão empurrou a garota para eles. ‘Eis a única pessoa nestes dois navios moribundos que foi capaz de encontrar carne fresca neste outono e inverno. E ela está bem na frente de

vocês. Esta esquimó... apenas uma garota... mas uma que de alguma forma sabe como encontrar, apanhar e matar focas, morsas e raposas quando o resto de nós não consegue sequer encontrar uma trilha no gelo. Como será se tivermos de abandonar o navio... quando estivermos lá fora no gelo sem reservas de comida? Há uma pessoa em 109 de nós remanescentes que sabe como conseguir carne fresca para sobrevivemos... *E vocês querem matá-la.*”

Bridgens mostrou suas próprias gengivas ensanguentadas ao sorrir. Eles estavam na rampa de gelo do *Erebus*.

– Nosso sucessor de sir John pode ser um plebeu com pouca educação formal, mas ninguém nunca acusou o capitão Crozier, pelo menos perto de mim, de ser um homem idiota – disse com suavidade. – E entendo que ele mudou desde sua doença grave há algumas semanas.

– Uma mudança oceânica – disse Peglar, gostando do trocadilho e de usar uma frase que Bridgens apresentara a ele 16 anos antes.

– Como?

Peglar coçou a bochecha congelada por cima do cachecol. A luva raspou sua barba por fazer.

– É difícil descrever. Minha aposta é que agora o capitão Crozier está completamente sóbrio pela primeira vez em trinta anos ou mais. O uísque nunca pareceu prejudicar a competência do homem, ele é um belo marinheiro e oficial, mas colocava um... amortecedor... uma barreira... entre ele e o homem. Agora ele está mais *presente*. Não perde nada. Não sei como descrever isso melhor.

Bridgens anuiu.

– Presumo que não se fale mais em matar a bruxa.

– Nada. Por um tempo os homens deram biscoitos extras a ela, mas depois ela partiu, se mudou para algum lugar no gelo.

Bridgens começou a subir a rampa, então se virou. Quando falou, sua voz era muito baixa para que nenhum dos homens de sentinela acima pudesse ouvir.

– O que você acha de Cornelius Hickey, Harry?

– Acho que ele é um merdinha traiçoeiro – disse Peglar, não se importando de ser ouvido.

Bridgens anuiu novamente.

– Ele é isso. Eu o conhecia havia anos antes de embarcar nesta expedição com ele. Ele costumava atacar garotos durante viagens longas – transformando-os em nada mais que escravos para suas necessidades. Ouvi que recentemente ele escolheu curvar homens mais velhos às suas vontades, como o idiota...

– Magnus Manson – disse Peglar.

– Sim, como Manson – disse Bridgens. – Se fosse apenas para o prazer de Hickey, não precisaríamos nos preocupar. Mas o homúnculo é pior que isso, Harry... pior do que o potencial amotinado ou criador de casos habitual. Cuidado com ele. Fique de olho nele, Harry. Temo que ele possa nos causar grande mal – disse, e então riu. – Ouça o que eu disse. “Causar grande mal.” Como se já não estivéssemos todos condenados. Quando o vir novamente poderemos estar abandonando o navio e indo para o gelo em nossa última longa caminhada gelada. Cuide-se, Harry Peglar.

Peglar não falou. O capitão da gávea tirou as duas luvas e ergueu os dedos congelados até que tocassem a face e a testa congeladas do comissário de suboficiais John Bridgens. O toque foi muito leve, e nenhum dos homens pôde sentir através da queimadura de gelo incipiente, mas teria de servir.

Bridgens subiu a rampa. Sem olhar para trás, Peglar enfiou a luva e começou a caminhar em meio à escuridão crescente de volta ao HMS *Terror*.

IRVING

Lat. 70° - 05' N., Long. 98° - 23' W.

6 de fevereiro de 1848

Era domingo, e o tenente Irving dera dois turnos de vigia seguidos no convés no frio e no escuro, um deles cobrindo seu amigo George Hodgson, que estava doente com sintomas de disenteria, conseqüentemente perdendo sua própria refeição quente no refeitório dos oficiais e tendo apenas um pequeno pedaço de porco salgado duro como gelo e um biscoito cheio de gorgulhos. Mas agora tinha oito abençoadas horas de folga antes de ficar novamente de serviço. Poderia se arrastar para o convés inferior, se enfiar sob os cobertores congelados da cama em seu aposento, degelá-los um pouco com seu calor corporal e dormir oito horas seguidas.

Em vez disso, Irving disse a Robert Thomas, o primeiro imediato que pegava seu lugar como oficial no convés, que iria dar uma caminhada e voltaria logo.

Então Irving passou pela lateral e desceu a rampa de gelo para a banquise escura.

Ele estava procurando lady Silêncio.

Irving ficara chocado semanas antes quando o capitão Crozier parecera pronto para jogar a mulher à malta que aumentava após tripulantes escutarem os sussurros amotinados do ajudante de calafate Hickey e outros começarem a gritar que a mulher dava azar e devia ser morta ou expulsa. Quando Crozier ficara lá de pé agarrando o braço de lady Silêncio com a mão, empurrando-a na direção dos homens raivosos em grande medida como um antigo

imperador romano teria jogado um cristão aos leões, o tenente Irving não estivera certo do que fazer. Como tenente júnior, ele só poderia observar seu capitão, mesmo se isso significasse a morte de Silêncio. Como um jovem apaixonado, Irving estava pronto para se adiantar e salvá-la, mesmo que isso lhe custasse a própria vida.

Quando Crozier conquistou a maioria dos homens com seu argumento de que Silêncio poderia ser a única alma a bordo que sabia como caçar e pescar no gelo caso tivessem de abandonar o navio, Irving soltou um silencioso suspiro de alívio.

Mas a esquimó se mudara do navio completamente no dia seguinte ao confronto, voltando na hora do jantar a cada dois ou três dias para biscoitos ou eventuais presentes de velas, depois desaparecendo novamente no gelo escuro. Onde ela estava vivendo e o que fazia ali fora eram um mistério.

O gelo não estava escuro demais naquela noite; a aurora dançava brilhante acima e havia luar suficiente para lançar sombras negras como tinta atrás dos seracos. Diferentemente da primeira vez em que seguira Silêncio, o terceiro-tenente John Irving não estava realizando aquela busca por iniciativa própria. O capitão novamente sugerira que Irving descobrisse – caso pudesse fazer isso sem se colocar demais em risco – o esconderijo secreto da esquimó no gelo.

“Falei sério quando disse aos homens que ela poderia ter habilidades que nos mantivessem vivos no gelo”, dissera Crozier em voz baixa na privacidade de sua cabine, com Irving se inclinando mais perto para ouvir. “Mas não podemos esperar até estarmos no gelo para descobrir onde e como ela consegue a carne fresca que parece estar encontrando. O dr. Goodsir me diz que o escorbuto atacará todos nós se não encontrarmos alguma fonte de caça fresca antes do verão.”

“Mas a não ser que eu a espione caçando, senhor, como posso arrancar o segredo dela?”, sussurrara Irving. “Ela não pode falar.”

“Use sua iniciativa, tenente Irving”, fora tudo que Crozier dissera em resposta.

Na bolsa de ombro de couro, Irving levava alguns atrativos para o caso de encontrar Silêncio e encontrar uma forma de se comunicar com ela. Havia biscoitos muito mais frescos que aquele cheio de gorgulhos que mastigara

como jantar. Estavam embrulhados em um guardanapo, mas Irving também levava um belo lenço oriental de seda que sua rica namorada de Londres lhe dera como presente antes de sua... desagradável separação. E sua *pièce de résistance* estava enrolada naquele belo lenço: um pequeno pote de geleia de pêssego.

O cirurgião Goodsir estava escondendo e distribuindo a geleia como antiescorbútico, mas o tenente Irving sabia que a iguaria era uma das poucas coisas pelas quais a garota esquimó demonstrara entusiasmo ao aceitar as ofertas de comida do sr. Diggle. Irving via seus olhos escuros brilhando quando recebia uma porção de geleia em seu biscoito. Ele raspava suas próprias doses de geleia uma dúzia de vezes no mês anterior para conseguir a preciosa porção que agora levava no pequeno pote de porcelana que havia sido de sua mãe.

Irving contornara o bombordo do navio, e avançava da planície de gelo para um labirinto de seracos e pequenos icebergs que se erguiam como uma versão gelada da floresta de Birnam chegando a Dunsinane cerca de duzentos metros ao sul do navio. Ele sabia que corria um grande risco de se tornar a próxima vítima da coisa no gelo, mas nas cinco semanas anteriores não tinha havido sinal da criatura, nem mesmo um avistamento claro a distância. Nenhum tripulante havia sido perdido desde a noite do baile.

Mas também, pensou Irving, ninguém além de mim veio aqui sozinho, sem sequer uma lanterna, caminhando para a floresta de seracos.

Ele estava bem consciente de que a única arma que levava era a pistola enfiada no fundo do bolso do sobretudo. Quarenta minutos de buscas por entre seracos no escuro e sob vento de -42° , e Irving estava perto de decidir que iria exercitar sua iniciativa outro dia, preferivelmente em algumas semanas, quando o sol permanecesse acima do horizonte por mais de alguns minutos a cada dia.

Então ele viu a luz.

Foi uma visão assombrosa – uma duna de neve em um canal de gelo entre seracos parecia estar emitindo um brilho dourado de dentro, como se por uma luz interna fantástica.

Ou luz de feiticeira.

Irving se aproximou mais, parando à sombra de cada seraco para se assegurar de que na verdade não era outra fenda estreita no gelo. O vento assoviava suavemente nos topos de gelo irregular dos seracos e nas colunas de penedos de gelo. A luz violenta da aurora dançava por toda parte.

A duna de neve havia sido empilhada – pelo vento ou pelas mãos de Silêncio – na forma de um domo baixo fino o bastante para revelar uma luz amarela bruxuleante brilhando através dela.

Irving se jogou no pequeno canal de gelo, na verdade apenas uma depressão entre duas placas de gelo empurradas pela pressão e cobertas de neve, e se aproximou de um pequeno buraco preto que parecia baixo demais para ser associado ao domo colocado mais alto na duna de um lado do canal.

A entrada – se era uma entrada – mal tinha a largura dos ombros de Irving com muitas camadas.

Antes de engatinhar para dentro ele pensou em se deveria sacar e engatilhar sua pistola. *Não é um gesto de saudação muito amigável*, pensou.

Irving se enfiou no buraco.

A passagem estreita descia pela metade de seu corpo e depois subia dois metros e meio ou mais. Quando a cabeça e os ombros de Irving saíram pela extremidade distante do túnel e para a luz, ele piscou, olhou ao redor e ficou de queixo caído.

A primeira coisa que notou foi lady Silêncio nua sob seus trajes abertos. Estava deitada em uma plataforma escavada na neve a cerca de um metro e vinte do tenente Irving e quase noventa centímetros mais alto. Seus seios eram bastante visíveis e bastante nus – ele podia ver o pequeno talismã de pedra do urso-branco que tirara de seu companheiro morto balançando em um cordão entre os seios – e não fez qualquer gesto de cobri-los enquanto o encarava sem piscar. Ela não ficara assustada. Obviamente o ouvira vir muito antes que se enfiasse na passagem de entrada do domo de neve. Tinha nas mãos aquela faca de pedra curta, mas muito afiada, que ele vira pela primeira vez no armário de cordas de proa.

– Peço seu perdão, senhorita – disse Irving. Ele não sabia o que fazer a seguir. Os bons modos exigiam que ele se espremesse para fora daquele

apartamento de dama, por mais desajeitado e difícil que fosse aquele movimento, mas recordou a si mesmo que estava ali em uma missão.

Não passou despercebido a Irving que, fincado na abertura da casa de neve como estava, Silêncio poderia facilmente se inclinar e cortar sua garganta com aquela faca, enquanto haveria muito pouco que ele pudesse fazer quanto a isso.

Irving terminou de sair da passagem, puxou a bolsa de couro atrás, ficou de joelhos e depois de pé. Como o piso da casa de neve havia sido cavado abaixo da superfície de neve e gelo do lado de fora, Irving tinha espaço suficiente para ficar de pé no centro do domo, sobrando vários centímetros. Ele se deu conta de que embora por fora a casa de neve não parecesse nada além de uma duna de neve brilhando, na verdade fora construída de blocos ou placas de neve esculpidos em ângulo e fazendo um arco para dentro em um projeto muito inteligente.

Irving, formado na melhor escola de artilharia da Marinha Real e sempre bom em matemática, percebeu imediatamente a espiral ascendente dos blocos e como cada bloco se inclinava para dentro apenas ligeiramente mais que o anterior até que um bloco fundamental final fosse empurrado para baixo pelo ápice do domo e então colocado em posição. Ele viu o pequeno furo de fumaça, ou chaminé – não mais de cinco centímetros de diâmetro –, de um lado do último bloco.

O matemático em Irving soube imediatamente que o domo não era um verdadeiro hemisfério – um domo construído segundo o princípio de um círculo iria desabar –, mas uma catenária: ou seja, a forma de uma corrente segurada com as duas mãos. O cavalheiro em John Irving sabia que estava estudando o teto, os blocos e a estrutura geométrica daquela inteligente habitação de modo a não olhar os seios nus de Silêncio ou seus ombros expostos. Supôs que havia lhe dado tempo suficiente para puxar os trajes de pele sobre si, e olhou novamente em sua direção.

O peito continuava nu. O amuleto de urso-branco fazia sua pele marrom parecer ainda mais marrom. Seus olhos escuros, atentos e curiosos, mas não necessariamente hostis, ainda o encaravam sem piscar. A faca permanecia em sua mão.

Irving suspirou e se sentou na plataforma coberta de pele do outro lado do espaço central, em frente à plataforma de dormir.

Pela primeira vez ele se deu conta de que estava quente na casa de neve. Não apenas mais quente que a noite gelada do lado de fora, não apenas mais quente que o convés inferior gelado do HMS *Terror*, mas *quente*. Ele de fato começara a suar sob suas muitas camadas duras e fedorentas. Viu transpiração no colo marrom macio da mulher a pouca distância dele.

Desviando o olhar novamente, Irving desabotoou suas roupas exteriores e se deu conta de que a luz e o calor vinham de uma pequena lata de parafina que ela devia ter roubado do navio. Assim que teve essa ideia de ela roubando, lamentou. Certo, era uma lata de parafina do *Terror*, mas vazia de parafina, uma das centenas que eles haviam jogado pela amurada na enorme área de lixo que haviam cavado no gelo a apenas trinta metros do navio. A chama não queimava em parafina, mas em alguma espécie de óleo – não óleo de baleia, ele podia dizer pelo cheiro –, óleo de foca? Um barbante feito de tripa ou tendão animal pendia do teto, sustentando uma fita de banha acima da lamparina de parafina e pingando óleo nela. Irving viu imediatamente como, quando o nível de óleo baixava, o pavio, que parecia feito de fios torcidos de cânhamo de cabo de âncora, ficava mais comprido e a chama queimava mais, derretendo mais banha e pingando mais óleo na lata. Um sistema engenhoso.

A lata de parafina não era o único artefato interessante na casa de neve. Acima e em um dos lados da lamparina havia uma moldura elaborada consistindo no que pareciam ser quatro costelas talvez de focas – Irving ficou pensando em *como lady Silêncio capturara e matara aquelas focas* – enfiadas na neve acima da prateleira e ligadas por uma rede complexa de tendões. Pendurada na estrutura de osso estava uma das maiores latas de comida Goldner retangulares – algo obviamente retirado do vazadouro de lixo do *Terror* – com buracos abertos nos quatro cantos. Irving viu imediatamente que dava uma panela perfeita ou um bule pendurado baixo sobre a chama de óleo de foca.

Os seios de lady Silêncio permaneciam nus. O amuleto de urso-branco subia e descia com sua respiração. Seu olhar nunca desviava de seu rosto.

O tenente Irving pigarreou.

– Boa noite, srta... ahn... Silêncio. Peço desculpas por invadir dessa forma... sem ser convidado.

Ele parou.

A mulher nunca piscava?

– O capitão Crozier manda seus cumprimentos. Ele me pediu que a procurasse e descobrisse... ahn... como estava passando.

Irving raramente se sentira mais tolo. Estava certo de que apesar dos meses no navio a garota não entendia uma palavra de inglês. Seus mamilos, ele não pôde deixar de perceber, haviam enrijecido com o rápido sopro de ar frio que levava consigo para dentro da casa de neve.

O tenente limpou o suor da testa. Depois removeu as luvas, balançando a cabeça como se pedindo permissão à senhora da casa enquanto o fazia. Depois esfregou a testa novamente. Era inacreditável quão quente podia ficar aquele pequeno espaço sob um domo em catenária feito de neve apenas com o calor de uma única lamparina queimando banha que pingava.

– O capitão gostaria... – começou, e parou. – Ah, dane-se.

Irving enfiou a mão na valise de couro e tirou os biscoitos enrolados no guardanapo velho e o pote de geleia enrolado em seu mais fino lenço oriental de seda.

Ele ofereceu os dois fardos a ela através do espaço central com mãos que tremiam ligeiramente.

A mulher esquimó não fez qualquer tentativa de pegar os fardos.

– Por favor – disse Irving.

Silêncio piscou duas vezes, enfiou a faca sob o robe e pegou os pequenos pacotes curvos, colocando-os perto de onde se reclinava na plataforma. Enquanto ficava de lado, a ponta de seu seio direito quase tocava seu lenço chinês.

Irving olhou para baixo e se deu conta de que também sentava em uma pele animal grossa colocada naquela plataforma estreita. *Onde ela conseguiu essa segunda pele de animal?*, pensou antes de se lembrar de que mais de sete meses antes ela recebera a parca exterior do velho homem esquimó. O velho grisalho que morrera no navio após ser baleado por um dos homens de Graham Gore.

Ela abriu primeiro o velho guardanapo de refeitório, não tendo qualquer reação aos cinco biscoitos de marinheiro embrulhados nele. Irving passara um bom tempo encontrando os biscoitos menos infestados de gorgulhos. Ficou um pouco ressentido com a falta de reconhecimento por ela de seus esforços. Quando ela desembulhou o pequeno pote de porcelana de sua mãe, lacrado com cera por cima, parou para levantar o lenço de seda chinês – sua padronagem elaborada era em vermelho vivo, verde, azul e amarelo – e colocá-lo sobre a face por um momento. Depois o deixou de lado.

As mulheres são iguais em toda parte, foi o pensamento descontraído de Irving. Ele se deu conta de que embora tivesse tido encontros sexuais com mais de uma jovem, nunca sentira um desejo tão forte de... *intimidade*... como naquele momento sentado pudicamente à luz da lamparina de óleo de foca com aquela jovem nativa seminua.

Quando ela rompeu a cera e viu a geleia, o olhar de lady Silêncio foi rapidamente para o rosto de Irving. Parecia estar estudando-o.

Ele fez uma mímica grosseira de espalhar geleia nos biscoitos e comer.

Ela não se moveu. Seu olhar não desviou.

Finalmente se inclinou e esticou o braço direito, como se na sua direção acima da chama de banha, e Irving se encolheu um pouco antes de se dar conta de que estava enfiando a mão em um nicho – apenas um pequeno recesso no bloco de gelo – na cabeceira da plataforma coberta com o robe. Fingiu não notar que o robe dela escorregara e que seus seios sacudiam livres enquanto procurava.

Ofereceu a ele algo branco e vermelho e fedendo a peixe morto e podre. Percebeu que era outro pedaço de banha de foca ou outro animal que estocara no nicho de neve para ser mantido frio.

Ele aceitou, anuiu e o ergueu nas mãos acima dos joelhos. Não tinha ideia do que fazer com aquilo. Deveria levar para casa para funcionar como parte de sua própria lamparina de banha de foca?

Então Silêncio torceu os lábios, e por um instante Irving quase pensou que havia sorrido. Sacou sua curta faca afiada e fez um gesto, levando a lâmina rápida e repetidamente até o lábio inferior, como se fosse cortar aquele lábio carnudo rosado.

Irving olhou e continuou a segurar a massa macia de banha e pele.

Suspirando, Silêncio esticou a mão, tomou a banha dele, a levou à boca e cortou vários pedaços com a faca, enfiando a lâmina curta dentro da boca entre os dentes brancos a cada pedaço.

Irving teve de procurar entre seis camadas de roupas de frio, sobretudo, paletó, suéteres e colete para pegar a faca que estava embainhada em seu cinto. Ergueu a lâmina para mostrar a ela, se sentindo uma criança que busca aprovação durante uma lição.

Ela anuiu levemente.

Irving levou a banha fedorenta e pingando até a boca e puxou a borda afiada de sua faca para trás rapidamente como ela fizera.

Quase arrancou o nariz. *Teria* cortado o lábio inferior caso a faca não tivesse ficado presa na pele da foca – se fosse pele de foca –, carne macia e banha branca e subido levemente. Do jeito como foi, uma única gota de sangue pingou de seu septo cortado.

Silêncio ignorou o sangue, balançou a cabeça levemente e lhe deu sua faca.

Ele tentou novamente, sentindo o estranho peso da faca na palma, cortando com confiança na direção do lábio enquanto uma gota de sangue pingava de seu nariz para a banha.

A lâmina cortou sem esforço. A pequena faca de pedra era – de alguma forma, inacreditavelmente – muito mais afiada que a dele.

A tira de banha encheu sua boca. Ele mastigou, tentando imitar e anuir seu apreço para a mulher por trás da tira de banha erguida e da faca a postos.

Tinha gosto de uma carpa morta havia dez semanas arrastada do leito do Tãmissa abaixo dos esgotos de Woolwich.

Irving sentiu uma grande ânsia de vomitar, em vez disso começou a cuspir o pedaço de banha semimastigado no chão da casa de neve, decidiu que isso não ajudaria nos objetivos de sua delicada missão diplomática e engoliu.

Sorrindo seu apreço pelo quitute e ao mesmo tempo tentando conter sua náusea persistente – enquanto discretamente limpava seu nariz pouco cortado, mas sangrando vigorosamente, com uma luva congelada embrulhada servindo de lenço –, Irving ficou horrorizado ao ver a esquimó claramente fazendo um gesto para que cortasse e comesse mais da banha.

Ainda sorrindo, cortou e engoliu outro pedaço. Pensou que era exatamente como devia ser encher a boca com uma massa gigantesca de muco nasal de outra criatura.

Surpreendentemente, seu estômago vazio roncou, retorceu e exigiu mais. Algo na banha fedorenta parecia satisfazer algum anseio profundo que ele sequer soubera ter. Seu corpo, se não sua mente, queria mais daquilo.

Os minutos seguintes foram uma cena doméstica, pensou o tenente Irving, com ele sentado na pele de urso-branco em sua pequena prateleira de neve, rápida, mesmo que não entusiasmadamente, cortando e engolindo tiras de banha de foca, enquanto lady Silêncio partia tiras de biscoitos de marinheiro, os enfiava no pote de sua mãe rapidamente como um marinheiro limpando molho com o pão, e devorava a geleia com grunhidos satisfeitos que pareciam vir do fundo da garganta.

E o tempo todo seus seios permaneceram nus e à vista do olhar constante e apreciativo, embora não relaxado, do terceiro-tenente John Irving por cima de sua tripa de banha de foca que diminuía.

O que mamãe iria pensar se pudesse ver seu garoto e seu pote agora?, pensou Irving.

Quando os dois terminaram, após Silêncio ter comido todos os biscoitos e esvaziado o pote de geleia e Irving ter feito um belo buraco na banha, ele tentou limpar queixo e lábios com a luva, mas a esquimó enfiou a mão no nicho novamente e lhe deu um punhado de neve solta. Como a alta temperatura na casa de neve parecia estar acima do ponto de congelamento, Irving, sem muita consciência, limpou a gordura da banha do rosto, enxugou com a manga e começou a devolver à garota o resto da tira de pele de foca e gordura. Ela apontou para o nicho de estocagem, e ele enfiou o pedaço de banha o mais fundo que conseguiu alcançar.

Agora vem a parte difícil, pensou o tenente.

Como alguém se comunica usando apenas as mãos e mostra que há mais de cem homens com fome ameaçados pelo escorbuto que precisam dos segredos de caça e pesca de alguém?

Irving tentou. Com os fundos olhos escuros de lady Silêncio encarando-o sem piscar, ele simulou homens caminhando, esfregando o estômago para

mostrar que tinham fome, os três mastros de cada navio, homens adoecendo – colocou a língua para fora, ficou vesgo do modo como costumava incomodar sua mãe, e simulou cair sobre a roupa de pele de urso – e então apontou para Silêncio e animadamente simulou arremessar uma lança, segurar uma vara de pescar, puxar uma presa. Irving apontou para a banha que acabara de guardar, em mais de uma forma, e apontou vagamente para além da casa de neve, novamente esfregando o estômago, ficando vesgo e caindo, depois esfregando o estômago novamente. Apontou para lady Silêncio, por um momento, trocou a linguagem de sinais por “nos ensine como fazer”, depois repetiu as mímicas de arremesso de lança e pesca, parando para apontar para ela, lançar raios dos olhos com os dedos estendidos e esfregar o estômago para especificar o destinatário de seu ensinamento.

Quando terminou, suor escorria de sua testa.

Lady Silêncio olhou para ele. Se ela piscara novamente, ele perdera durante sua encenação.

– Ah, bem, maldito inferno – disse o terceiro-tenente Irving.

No final simplesmente abotoou suas camadas de roupas novamente, enfiou o guardanapo do navio e o pote de sua mãe na valise de couro e encerrou a função. Talvez afinal tivesse transmitido sua mensagem. Nunca saberia. Talvez se voltasse muitas vezes à casa de neve...

A especulação de Irving se tornou muito pessoal nesse momento, e ele puxou as rédeas como se fosse um cocheiro com uma dupla de puros-sangues árabes obedientes.

Talvez se retornasse com frequência... conseguiria ir com ela em uma de suas expedições noturnas de caça à foca.

Mas e se a coisa do gelo ainda estivesse dando a ela aquelas coisas? Após ver o que tinha visto tantas semanas antes, ele meio se convencera de que não tinha visto o que vira. Mas a metade mais honesta da memória e da mente de Irving sabia que *tinha* visto. A criatura no gelo levava para ela pedaços de foca, raposas do Ártico ou outra caça. Lady Silêncio tinha deixado aquele lugar entre penedos de gelo e seracos naquela noite com carne fresca.

E havia o imediato do *Erebus*, Charles Frederick Des Voeux, com suas histórias de homens e mulheres na França que se transformavam em lobos. Se

isso era possível – e muitos dos oficiais e todos os tripulantes pareciam acreditar que era –, por que uma mulher nativa com um talismã de urso-polar no pescoço não podia se transformar em algo como um urso gigante com a astúcia e a maldade de um ser humano?

Não, ele vira os dois juntos no gelo. Não vira?

Irving estremeceu enquanto acabava de abotoar as roupas. Estava *muito* quente naquela pequena casa de neve. Ironicamente, isso lhe dava arrepios. Ele sentiu a banha operando em suas entranhas, e decidiu que era hora de partir. Teria sorte se conseguisse voltar ao sanitário do *Terror* a tempo, e não desejava parar no meio do gelo para cuidar disso. Já era suficientemente ruim seu *nariz* ter queimaduras de gelo.

Lady Silêncio o observara enquanto guardava o guardanapo velho e o pote de sua mãe – itens que muito depois ele se deu conta de que ela poderia querer muito –, mas agora tocou a bochecha com o lenço de seda uma última vez e tentou devolvê-lo.

– Não, esse é um presente meu. Um sinal de minha amizade e profunda estima. Deve ficar com ele. Ficaria ofendido caso não aceitasse.

Depois tentou sinalizar o que acabara de dizer. Os músculos dos dois lados da boca da jovem esquimó quase se torceram enquanto o observava.

Ele empurrou a mão dela que segurava o lenço, tomando cuidado de não tocar no colo nu ao fazer isso. A pedra branca do amuleto de urso entre seus seios parecia brilhar com luz própria.

Irving se deu conta de que sentia calor demais. A sala pareceu balançar um pouco em sua visão. Suas entranhas reviraram, se acalmaram e reviraram novamente.

– Cagando – ele disse. Três sílabas pelas quais iria sofrer nas semanas seguintes, se encolhendo na cama de constrangimento, embora ela não pudesse entender a tolice, o absurdo e a deselegância daquilo. Ainda assim...

Irving tocou no quepe, enrolou o cachecol em seu rosto e em sua cabeça, enfiou as duas luvas, apertou a valise sobre o peito e pulou na saída.

Ele não assoviou durante a caminhada de volta ao navio, mas se sentiu tentado. Esquecera totalmente a possibilidade de algum enorme comedor de homens espreitando nas sombras lunares dos seracos tão longe do navio, mas,

se houvesse tal coisa observando e escutando naquela noite, teria ouvido o terceiro-tenente John Irving falando sozinho e eventualmente estapeando a própria cabeça com a luva.

CROZIER

Lat. 70° - 05' N., Long. 98° - 23' W.

15 de fevereiro de 1848

- Cavalheiros, chegou a hora de analisarmos nossos possíveis cursos de ação nos próximos meses – disse o capitão Crozier. – Tenho decisões a tomar.

Os oficiais e alguns suboficiais e outros especialistas, como os dois engenheiros civis, capitães da gávea e mestres do gelo, bem como o último cirurgião sobrevivente, foram convidados a essa reunião na Grande Cabine do *Terror*. O *Terror* fora escolhido por Crozier não para incomodar o capitão Fitzjames e seus oficiais – que tinham de fazer a travessia durante a breve hora de luz do sol e esperavam estar de volta antes que escurecesse novamente – nem para enfatizar a troca de capitânia, mas apenas porque menos homens no navio de Crozier estavam recolhidos à enfermaria. Fora mais fácil transferir esses poucos para uma enfermaria provisória na proa para liberar a Grande Cabine para a reunião dos oficiais; o *Erebus* tinha o dobro de homens internados com sintomas de escorbuto, e o dr. Goodsir indicara que alguns deles estavam doentes demais para serem removidos.

Então, 15 dos líderes da expedição estavam amontoados ao redor da mesa comprida que em janeiro havia sido cortada em segmentos menores para servir de mesas de operação para o cirurgião, mas remendada pelo sr. Honey, carpinteiro do *Terror*. Os oficiais e civis haviam deixado as roupas impermeáveis, luvas externas, gorros galeses e cachecóis na base da escada principal, mas ainda vestiam todas as outras camadas. A sala cheirava a lama molhada e corpos não lavados.

A comprida cabine estava fria, e não entrava luz alguma pelos Iluminadores Preston acima, já que o convés permanecia sob noventa centímetros de neve e com a cobertura de lona de inverno. As lamparinas de óleo de baleia nas anteparas tremeluziam devidamente, mas pouco faziam para eliminar a penumbra.

A reunião à mesa lembrava uma versão mais sombria do conselho de guerra que sir John convocara quase 18 meses antes no *Erebus*, mas, em vez de sir John à cabeceira da mesa a estibordo, Francis Crozier se sentava ali. No lado de popa da mesa, à esquerda de Crozier, estavam os sete oficiais e suboficiais do *Terror* que ele quisera presentes. Seu oficial executivo, o primeiro-tenente Edward Little, estava logo à esquerda de Crozier. A seguir, o segundo-tenente George Hodgson, com o terceiro-tenente John Irving à esquerda dele. Depois o engenheiro civil – com status de suboficial na expedição, mas parecendo mais magro, pálido e cadavérico que nunca – James Thompson. À esquerda de Thompson estava o mestre do gelo Thomas Blanky, que parecia andar bastante bem naqueles dias em sua perna de madeira, e o capitão da gávea Harry Peglar, o único oficial não comissionado que Crozier convidara. Também presente o sargento Tozer, do *Terror* – que não estava nas graças dos dois capitães desde a noite do baile, quando seus homens haviam atirado nos sobreviventes do incêndio, mas que ainda era o sobrevivente de mais alta patente de seu grupo de soldados muito reduzido – falando pelos fuzileiros.

Na extremidade de bombordo da comprida mesa ficava o capitão Fitzjames. Crozier sabia que Fitzjames não se preocupara em fazer a barba por várias semanas, cultivando uma barba arruivada surpreendentemente salpicada de grisalho, mas fizera esse esforço naquele dia – ou ordenara ao sr. Hoar, seu camareiro, que o barbeasse. O efeito foi apenas o de fazer o rosto parecer mais magro e pálido, e agora estava coberto de inúmeros pequenos arranhões e cortes. Mesmo com as muitas camadas de roupa era evidente que os trajes de Fitzjames repousavam em um corpo muito mais frágil naquele momento.

À esquerda do capitão Fitzjames, ao longo do lado de frente da comprida mesa, estavam seis tripulantes do *Erebus*. Imediatamente à sua esquerda, o único outro oficial naval sobrevivente – sir John Franklin, o primeiro-tenente Gore e o tenente James Walter Fairholme haviam sido todos mortos pela coisa

do gelo –, o tenente H. T. D. Le Vesconte, seu dente de ouro brilhando nas poucas vezes em que sorria. Ao lado de Le Vesconte estava Charles Frederick Des Voeux, que assumira os deveres do primeiro-tenente Robert Orme Sergeant, morto pela coisa do gelo enquanto supervisionava reparos em moledros de archote em dezembro.

Ao lado de Des Voeux, o único cirurgião sobrevivente, dr. Harry D. S. Goodsir. Embora tecnicamente fosse cirurgião da expedição e de Crozier, os dois oficiais comandantes e o cirurgião haviam considerado adequado que ele se sentasse com seus antigos colegas de tripulação do *Erebus*.

À esquerda de Goodsir se sentava o mestre do gelo James Reid, e à esquerda desse o único oficial não comissionado do *Erebus* presente, capitão da gávea Robert Sinclair. E no lado da frente da mesa estava o engenheiro do *Erebus*, John Gregory, parecendo muito mais saudável que seu equivalente no *Terror*.

Chá e biscoitos enriquecidos com gorgulhos eram servidos pelo sr. Gibson do *Terror* e pelo sr. Bridgens do *Erebus*, já que os camareiros dos capitães estavam na enfermaria com sinais de escorbuto.

– Vamos discutir as coisas em ordem – disse Crozier. – Primeiramente, podemos permanecer nos navios até um possível degelo de verão? E parte dessa resposta tem de ser: os navios podem navegar em junho, julho ou agosto caso haja um degelo? Capitão Fitzjames?

A voz de Fitzjames era uma casca vazia de sua firmeza um dia confiante. Homens dos dois lados da mesa se inclinaram à frente para ouvi-lo.

– Não acho que o *Erebus* irá durar até o verão, e é minha opinião, e a opinião do sr. Weekes e do sr. Watson, meus carpinteiros, do sr. Brown, meu ajudante de contramestre, do sr. Rigden, meu timoneiro, do tenente Le Vesconte e do primeiro imediato Des Voeux aqui, que irá afundar quando o gelo derreter.

O ar frio na Grande Cabine pareceu ficar mais frio e pesar mais sobre todos. Ninguém falou por meio minuto.

– A pressão do gelo nesses dois últimos invernos expulsou a estopa de calafate de entre as tábuas do casco – continuou Fitzjames em sua voz fraca e rouca. – O eixo principal da hélice foi empenado sem possibilidade de conserto; todos vocês sabem que ele foi projetado para se recolher a um tubo

de ferro até o último convés para não ser danificado, mas já não recua além do fundo do casco; e não temos mais substitutos. A própria hélice foi feita em pedaços pelo gelo, assim como nosso leme. Podemos construir outro leme, mas o gelo fez nosso casco em pedaços ao longo da quilha. Falta metade de nosso revestimento de ferro em proa e laterais.

“Pior, o gelo apertou o casco até as vigas de ferro adicionadas como reforço e os substitutos de ferro fundido para os joelhos se partirem ou perfurarem o casco em mais de 12 lugares. Caso flutue, mesmo se remendássemos cada furo e de algum modo conseguíssemos resolver o problema com o vazamento do tubo de eixo e hélice, ele não teria resistência interna contra o gelo. Além disso, embora os canais de madeira adicionados nas laterais para esta expedição tenham em grande medida impedido o gelo de passar por cima das amuradas, a pressão para baixo nesses canais gerou a posição erguida no gelo que fez partir as tábuas do casco ao longo de cada emenda de canal.”

Fitzjames pareceu notar pela primeira vez a atenção deles. Seu olhar desfocado sumiu e ele baixou os olhos como se embaraçado. Quando os ergueu novamente, sua voz soava quase um pedido de desculpas.

– O pior de tudo é que a pressão de torção do gelo aparafusou o cadaste de popa e soltou as pontas das placas de tal forma que o *Erebus* foi tirado do eixo pelo estresse. Os conveses agora pressionam para cima... a única coisa que os mantém no lugar é o peso da neve... e nenhum de nós acredita que nossas bombas conseguirão compensar os vazamentos caso flutue novamente. Vou deixar que o sr. Gregory fale sobre as condições de caldeira, estoque de carvão e sistema de propulsão.

Todos os olhos se voltaram para John Gregory.

O engenheiro pigarreou e lambeu os lábios rachados e sangrando.

– Não há mais sistema de propulsão a vapor no HMS *Erebus*. Com o eixo principal empenado e enfiado no tubo de retração, precisaríamos de uma doca seca de Bristol para consertá-lo. Nem temos carvão suficiente para um dia de impulsão. No final de abril, estaremos sem carvão para aquecer o navio, mesmo circulando apenas 45 minutos de água quente por dia para partes do convés inferior que estamos tentando manter habitáveis.

Crozier falou.

– Sr. Thompson. Qual é a posição do *Terror* em termos de vapor?

O esqueleto vivo olhou para seu capitão por um longo minuto e falou com uma voz surpreendentemente forte.

– Não seríamos capazes de produzir vapor por mais de uma hora ou duas, senhor, caso o *Terror* flutuasse esta tarde. Nosso eixo foi recolhido direito há um ano e meio, e a hélice é operável, e temos uma reposição, mas estamos quase sem carvão. Se transferíssemos o resto do estoque de carvão do *Erebus* para cá e apenas *aquecêssemos* o navio, manteríamos a caldeira funcionando e água quente circulando duas horas por dia até... arriscaria dizer... começo de maio. Mas isso não deixaria nenhum carvão para impulsão. Apenas com o estoque de carvão do *Terror*, teríamos de parar de aquecer em meados ou final de abril.

– Obrigado, sr. Thompson – disse Crozier. A voz do capitão era suave e não traía qualquer emoção. – Tenente Little e sr. Peglar, poderiam fazer a gentileza de nos dar sua avaliação da capacidade do *Terror*?

Little anuiu e olhou para a mesa antes de voltar os olhos para o capitão.

– Não estamos tão abalados quanto o *Erebus*, mas a pressão do gelo causou danos a casco, joelhos, revestimento externo, leme e suportes internos. Alguns de vocês sabem que antes do Natal o tenente Irving descobriu não apenas que havíamos perdido a maior parte de nossas placas de ferro a estibordo atrás da proa, mas que os 25 centímetros de carvalho e olmo na área da proa haviam soltado as tábuas no armário de cabos de proa no porão, e desde então descobrimos que mais de trinta centímetros de carvalho sólido ao longo do fundo se soltaram ou ficaram comprometidos em vinte ou trinta pontos. As tábuas da proa foram substituídas e reforçadas, mas não temos acesso a todo o fundo por causa da água congelada lá embaixo.

“Acho que irá flutuar e se deslocar, capitão, mas não posso prometer que as bombas conseguirão compensar os vazamentos. Especialmente depois de o gelo ter mais quatro ou cinco meses trabalhando nele. O sr. Peglar pode falar disso melhor que eu.”

Harry Peglar pigarreou. Ele obviamente não estava acostumado a falar diante de tantos oficiais.

– Caso flutue, senhores, então a equipe de mastros irá recolocar os mastros e massame, ovéns e velas em 48 horas a partir da ordem dada. Não posso garantir que as velas nos levarão através de gelo forte do tipo que vimos vindo do sul, mas se tivermos mar aberto sob nós e à frente, seremos um veleiro novamente. E se não se importam que faça uma recomendação, senhores... eu sugeriria que montássemos os mastros mais cedo que mais tarde.

– Não se preocupa com gelo se acumulando e virando o navio? – perguntou Crozier. – Ou gelo caindo sobre nós quando trabalhando no convés? Ainda temos meses de nevascas pela frente, Harry.

– Sim, senhor – disse Peglar. – E tombar é sempre uma preocupação, mesmo que fosse apenas cair sobre o gelo aqui, o navio estando torto como está. Mas ainda acho melhor ter os topos dos mastros e o massame prontos para o caso de haver um degelo repentino. Podemos ter de zarpar em dez minutos. E os homens precisam do exercício e do trabalho, senhor. Quanto a gelo caindo... bem, é só mais uma coisa para nos manter alertas e acordados lá fora. Isso e a fera no gelo.

Vários homens ao redor da mesa deram risinhos. Os relatórios basicamente positivos de Little e Peglar ajudaram a reduzir um pouco a tensão. A ideia de pelo menos um dos dois navios ser capaz de flutuar e velejar elevou o moral. A Crozier pareceu como se a temperatura na Grande Cabine tivesse de fato subido – e talvez tivesse, já que muitos dos homens pareciam exalar novamente.

– Obrigado, sr. Peglar – disse Crozier. – Parece que se queremos sair daqui, teremos de fazer isso – as duas tripulações – a bordo do *Terror*.

Nenhum dos oficiais sobreviventes mencionou que fora exatamente isso o que Crozier sugerira fazer quase 18 meses antes. Cada oficial presente parecia pensar nisso.

– Vamos falar um pouco sobre a coisa do gelo – disse Crozier. – Ela parece não ter se mostrado recentemente.

– Não tratei de ninguém com ferimentos desde 1º de janeiro – disse o dr. Goodsir. – E ninguém morreu ou desapareceu desde o baile.

– Mas houve avistamentos – disse o tenente Le Vesconte. – Algo grande se movendo entre os seracos. E homens de sentinela ouvem coisas no escuro.

– Homens de sentinela no mar sempre ouvem coisas no escuro – disse o tenente Little. – Remontando aos gregos.

– Talvez tenha ido embora – disse o tenente Irving. – Migrado. Ido para o sul. Ou para o norte.

Todos ficaram novamente em silêncio com essa ideia.

– Talvez tenha comido o suficiente de nós para saber que não somos muito saborosos – disse o mestre do gelo Blanky.

Alguns dos homens sorriram disso. Ninguém mais poderia ter dito isso e ser perdoado pelo humor negro, mas o sr. Blanky, com sua perna de pau, conquistara algumas prerrogativas.

– Meus fuzileiros têm vasculhado, seguindo as ordens do capitão Crozier e do capitão Fitzjames – disse o sargento Tozer. – Atiramos em alguns ursos, mas nenhum deles parecia ser o grande... a coisa.

– Espero que seus homens atirem melhor do que atiraram na noite do baile – disse Sinclair, capitão da gávea do *Erebus*.

Tozer olhou para a direita e fechou a cara para ele.

– Basta disso – disse Crozier. – Por ora, temos de supor que a coisa do gelo ainda está viva e voltará. Quaisquer atividades que tenhamos de fazer fora dos navios terão de incluir um plano de defesa contra ela. Não temos fuzileiros suficientes para acompanhar todo possível grupo em trenó, especialmente se estão armados, e não puxando, então talvez a resposta seja armar todos os grupos de gelo e colocar os homens extras, aqueles não puxando, em turnos como sentinelas e guardas. Mesmo se o gelo não abrir novamente este verão, será mais fácil viajar com luz do dia constante.

– Perdoe-me se digo isso secamente, capitão – disse o dr. Goodsir –, mas a verdadeira questão é se podemos esperar até o verão antes de decidir abandonar os navios.

– Podemos, doutor? – perguntou Crozier.

– Não acredito. Há mais comida enlatada contaminada ou putrefata do que pensamos. Estamos esgotando todos os outros suprimentos. A dieta dos homens já está abaixo do que necessitam para o trabalho que fazem todos os dias no navio ou no gelo. Todos estão perdendo peso e energia. Acrescente a isso o súbito aumento de casos de escorbuto e... bem, cavalheiros, eu

simplesmente não acredito que muitos de nós no *Erebus* e no *Terror*, caso os próprios navios durem tanto, terão energia ou capacidade de concentração para fazer *qualquer* viagem de trenó caso esperemos até junho ou julho para ver se o gelo se parte.

A sala ficou novamente em silêncio.

No silêncio, Goodsir acrescentou:

– Ou melhor, alguns homens podem ter energia para puxar trenós e barcos em busca de resgate ou de chegar à civilização, mas terão de deixar a imensa maioria dos outros para trás passando fome.

– Os fortes poderiam buscar ajuda para levar grupos de resgate de volta aos navios – disse o tenente Le Vesconte.

Foi o mestre do gelo Thomas Blanky quem falou.

– Qualquer um seguindo para sul, digamos, arrastando nossos barcos rumo sul até a embocadura do rio Great Fish e então subindo a corrente 1.300 quilômetros mais ao sul até o Grande Lago do Escravo, onde há um posto avançado, não chegaria lá antes do final de outono ou no inverno na melhor das hipóteses e não conseguiria voltar com um grupo de resgate antes do final do verão de 1849. Todos deixados para trás nos navios estariam mortos de escorbuto e fome então.

– Podemos carregar trenós e seguirmos todos para a baía de Baffin – disse o primeiro imediato Des Voeux. – Pode haver baleeiras lá. Ou mesmo navios de resgate e grupos de trenó já procurando por nós.

– Sim – disse Blanky. – Essa é uma possibilidade. Mas teríamos de arrastar trenós por centenas de quilômetros de gelo aberto, com todas as suas cristas de pressão e talvez canais abertos. Ou seguir o litoral, e isso seria mais de 1.900 quilômetros. E então teríamos de cruzar toda a península Boothia com suas montanhas e obstáculos para chegar ao litoral leste onde as baleeiras poderiam estar. Poderíamos levar os barcos para cruzar canais, mas isso triplicaria nosso esforço. Uma coisa é certa, se o gelo não está abrindo aqui, não estará aberto se seguirmos nordeste para a baía Baffin.

– Haveria muito menos peso se levássemos apenas trenós com provisões e barracas para nordeste cruzando Boothia – disse o tenente Hodgson do lado *Terror* da mesa. – Uma das pinaças deve pesar pelo menos 270 quilos.

– Mais algo como 360 quilos – disse suavemente o capitão Crozier. – Sem provisões.

– Acrescente a isso mais 270 quilos de um trenó capaz de levar um barco – disse Thomas Blanky – e estaríamos arrastando entre 630 e 680 quilos cada grupo, apenas o peso de barco e trenó, sem contar comida, barracas, armas, roupas e outras coisas que teríamos de levar. Ninguém nunca arrastou tanto peso por mais de 1.600 quilômetros, e muito disso seria sobre gelo marinho aberto caso seguíssemos para a baía Baffin.

– Mas um trenó com esquis no gelo e possivelmente uma vela, especialmente se partirmos em março ou abril antes que o gelo fique molhado e grudento, seria mais fácil do que carregar equipamento por terra ou pelo degelo de verão – disse o tenente Le Vesconte.

– Eu digo para deixarmos os barcos para trás e viajar leve para a baía Baffin só com trenós e carga de sobrevivência – disse Charles Des Voeux. – Se chegarmos ao litoral leste da ilha Somerset ao norte antes do fim da temporada das baleeiras, podemos ser recolhidos por um navio. E eu apostaria que haverá navios de resgate da Marinha e grupos em trenó lá procurando por nós.

– Se deixarmos os barcos para trás, um trecho de água aberta nos deterá – disse o mestre do gelo Blanky. – Morreremos lá no gelo.

– Por que grupos de resgate estariam no lado leste da ilha Somerset e da península Boothia, para começar? – perguntou o tenente Little. – Se estão procurando por nós não teriam seguido nosso caminho pelo estreito de Lancaster para Devon e ilhas Beechey e Cornwallis? Eles conhecem as ordens de navegação de sir John. Irão supor que seguimos pelo estreito de Lancaster, já que está aberto na maioria dos verões. Não há nenhuma chance de qualquer de nós chegar *tão* ao norte.

– Talvez o gelo esteja tão ruim no estreito de Lancaster este ano quanto está aqui – disse o mestre do gelo Reid. – Isso manteria os grupos de busca mais ao sul, no lado leste da ilha Somerset e de Boothia.

– Talvez encontrem as mensagens que deixamos nos moledros em Beechey caso passem – disse o sargento Tozer. – E mandem trenós ou navios para o sul por onde viemos.

O silêncio baixou como uma mortalha.

– Não foram deixadas mensagens em Beechey – disse o capitão Fitzjames no silêncio.

No vácuo constrangedor que se seguiu a essa declaração, Francis Rawdon Moira Crozier sentiu uma estranha, quente e pura chama queimando em seu peito. Era uma sensação muito como a do primeiro gole de uísque após dias sem, mas também nem um pouco como isso.

Crozier queria viver. Simples assim. Estava *determinado* a viver. Ele iria sobreviver àquele momento ruim contra todas as probabilidades e os deuses determinando que não iria e não podia. Aquele fogo no peito estivera ali mesmo nas horas trêmulas e nauseantes e nos dias dolorosos após ter saído do buraco de seu encontro com a morte de malária e abstinência no começo de janeiro. A chama ficava mais forte a cada dia.

Talvez mais que qualquer outro homem ao redor da comprida mesa na Grande Cabine naquele dia, Francis Crozier entendia a quase impossibilidade das ações que eram discutidas. Era tolice seguir rumo sul através do gelo para o rio Great Fish. Tolicie seguir para a ilha Somerset através de 1.900 quilômetros de gelo litorâneo, cristas de pressão, canais abertos e uma península desconhecida. Tolicie achar que o gelo iria se abrir naquele verão e permitir ao *Terror* – superlotado com duas tripulações e quase sem provisões – velejar para fora da armadilha desesperançada para a qual sir John os levava.

Ainda assim, Francis Crozier estava determinado a viver. A chama queimava nele como um forte uísque irlandês.

– Desistimos da ideia de velejar? – estava perguntando Robert Sinclair.

James Reid, o mestre do gelo do *Erebus*, respondeu:

– Teríamos de navegar quase quinhentos quilômetros rumo norte pelo estreito sem nome que sir John descobriu, depois através do estreito Barrow e do estreito Lancaster, depois para o sul pela baía de Baffin antes que o gelo nos prendesse novamente. Mesmo se o gelo retornar aos níveis de dois verões atrás, teríamos grande dificuldade de cruzar essa distância apenas com velas. E com nosso casco de madeira enfraquecido.

– O gelo pode ser consideravelmente menor que em 1846 – disse Sinclair.

– Anjos podem sair voando de meu traseiro – disse Thomas Blanky.

Por causa da perna perdida nenhum dos oficiais à mesa censurou o mestre do gelo. Alguns sorriram.

– Pode haver outra opção... de navegação, quero dizer – disse o tenente Edward Little.

Olhos se viraram em sua direção. Um número suficiente de homens havia poupado rações de fumo – prolongadas pela adição de coisas indizíveis – para que meia dúzia estivesse naquele momento fumando cachimbos ao redor da mesa. A fumaça tornava a penumbra ainda mais densa sob o bruxuleio fraco das lamparinas a óleo de baleia.

– Verão passado, o tenente Gore achou ter visto terra ao sul da Terra do Rei Guilherme – continuou Little. – Caso positivo, tinha de ser a península Adelaide, território conhecido, que com frequência tem um canal de água aberto entre o gelo do litoral e a banquisa. Caso canais suficientes se abram para permitir que o *Terror* navegue para o sul, apenas pouco mais de 1.250 quilômetros, talvez, em vez dos quinhentos de volta pelo estreito Lancaster, poderíamos seguir os canais abertos ao longo do litoral oeste até chegarmos ao estreito de Bering. Tudo além daqui seria território conhecido.

– A Passagem Noroeste – disse o terceiro-tenente John Irving. As palavras soaram como um sortilégio triste.

– Mas teríamos homens capazes suficientes para tripular o navio no final do verão? – perguntou o dr. Goodsir, a voz bem suave. – Em maio, o escorbuto pode ter tomado todos nós. E o que teríamos de comida durante as semanas ou os meses de nossa passagem para oeste?

– A caça pode ser boa mais para o oeste – disse o sargento fuzileiro Tozer. – Boi-almiscarado. Grandes cervos. Morsas. Raposas brancas. Talvez estejamos comendo como paxás antes de chegar ao Alasca.

Crozier meio que esperou que o mestre do gelo Thomas Blanky dissesse: “E bois-almiscarados podem sair voando de meu traseiro”, mas o mestre do gelo às vezes frívolo parecia perdido em seus próprios sonhos.

Em vez disso, o tenente Little respondeu:

– Sargento, nosso problema é que mesmo que a caça voltasse milagrosamente após dois verões ausentes, nenhum de nós a bordo parece capaz de acertar nada com mosquetes... excluindo seus homens, claro.

Precisamos mais do que seus poucos fuzileiros sobreviventes para caçar. E parece que nenhum de nós tem qualquer experiência de caçar nada muito maior que aves. As escopetas derrubarão a caça de que está falando?

– Se chegar perto o bastante – disse Tozer sombrio.

Crozier interrompeu aquela discussão.

– O dr. Goodsir levantou uma excelente questão mais cedo... se esperarmos até a metade do verão, ou talvez mesmo até junho para ver se a banquisa se parte, poderemos estar doentes demais e com fome demais para tripular o navio. Nós *certamente* estaremos com provisões muito baixas para começar uma viagem de trenó. E temos de supor três ou quatro meses de viagem pelo gelo ou subindo o rio Fish, então se vamos abandonar os navios e descer para o gelo na esperança de chegar ao lago do Grande Escravo ou ao litoral leste da ilha Somerset ou Boothia antes da chegada do inverno, nossa partida obviamente tem de ser antes de junho. Mas quão antes?

Houve outro denso momento de silêncio.

– Eu sugeriria não depois de 1º de maio – disse o tenente Little finalmente.

– Antes, eu diria – disse o dr. Goodsir –, a não ser que encontremos fonte de carne fresca logo e se a doença continuar a se espalhar tão rápido quanto agora.

– Quão antes? – perguntou o capitão Fitzjames.

– Não depois de meados de abril? – disse Goodsir, hesitante.

Os homens se entreolharam através da fumaça de tabaco e do ar frio. Isso era menos de dois meses depois.

– Talvez, se as condições continuarem a piorar – disse o cirurgião, a voz soando a Crozier ao mesmo tempo firme e incerta.

– Como elas poderiam piorar? – perguntou o segundo-tenente Hodgson.

O jovem obviamente fizera uma brincadeira para reduzir a tensão, mas foi recebido com olhares raivosos.

Crozier não queria que o conselho de guerra terminasse nesse tom. Os oficiais, suboficiais, oficiais não comissionados e civis à mesa haviam examinado suas escolhas e visto que eram tão ruins quanto Crozier sabia que seriam, mas ele não queria que o moral dos líderes dos seus navios ficasse ainda mais baixo do que já estava.

– Por falar nisso – disse Crozier em tom de conversa –, o capitão Fitzjames decidiu comandar a cerimônia religiosa do próximo domingo no *Erebus*; ele fará um sermão especial que estou interessado em escutar, embora esteja certo de que *não* será uma leitura do *Livro do Leviatã*, e achei que como as companhias dos navios já estarão reunidas, poderíamos ter rações completas de grogue e jantar nesse dia.

Os homens sorriram e se animaram. Nenhum deles esperava levar boas notícias para seus segmentos especializados das tripulações.

Fitzjames ergueu uma sobrancelha muito de leve. Seu “sermão especial” e essa cerimônia religiosa em cinco dias, Crozier sabia, eram novidade para ele, mas Crozier achou que provavelmente faria o capitão que murchava se preocupar com algo e ser o centro das atenções para variar. Fitzjames anuiu de leve.

– Muito bem, cavalheiros – disse Crozier um pouco mais formalmente. – Essa troca de ideias e informações foi muito útil. O capitão Fitzjames e eu iremos debater e talvez conversar com vários de vocês novamente, um a um, antes de decidirmos sobre o curso de ação. Deixarei que vocês do *Erebus* voltem a seu navio antes de nosso pôr do sol ao meio-dia. Boa viagem, cavalheiros. Verei todos no domingo.

Os homens saíram em fila. Fitzjames deu a volta, se aproximou e sussurrou:

– Talvez eu queira pegar seu *Livro do Leviatã* emprestado, Francis – disse, e seguiu seus homens até onde eles lutavam para entrar em suas roupas congeladas.

Os oficiais do *Terror* retomaram suas tarefas. O capitão Crozier ficou alguns minutos sentado em sua cadeira à cabeceira da mesa, pensando no que havia sido discutido. O fogo de sobrevivência queimava mais quente que nunca em seu peito dolorido.

– Capitão?

Crozier ergueu os olhos. Era o velho comissário do *Erebus*, Bridgens, que o estava servindo por causa das doenças dos camareiros dos dois capitães. O homem estivera ajudando Gibson a limpar os pratos e xícaras de peltre.

– Ah, você pode ir, Bridgens – disse Crozier. – Vá com os outros. Gibson cuidará disto. Não quero você andando sozinho de volta ao *Erebus*.

– Sim, senhor – disse o velho comissário dos suboficiais. – Mas estava pensando em se poderia ter uma palavrinha com o senhor, capitão.

Crozier anuiu. Ele não convidou o comissário a se sentar. Ele nunca se sentira à vontade perto do velho – velho demais para o Serviço de Descobertas. Se Crozier tivesse sido o responsável pela decisão três anos antes, Bridgens nunca teria sido incluído no grupo – certamente não registrado com a idade de “26” para enganar a Marinha –, mas sir John achou divertido ter a bordo um comissário ainda mais velho que ele mesmo, e assim fora.

– Não pude deixar de ouvir a discussão, capitão Crozier; as três opções de ficar nos navios e esperar um degelo, seguir rumo sul para o rio Fish ou cruzar o gelo para Boothia. Se o capitão não se importa, gostaria de sugerir uma quarta opção.

O capitão se importava. Mesmo um irlandês igualitário como Francis Crozier se irritava um pouco de ter um comissário de suboficiais dando conselhos sobre problemas de comando de vida ou morte. Mas disse:

– Prossiga.

O comissário foi até a parede de livros na antepara da popa e tirou dois grandes volumes, levando-os para a mesa e pousando com um baque surdo.

– Sei que está informado, capitão, de que em 1829 sir John Ross e seu sobrinho James navegaram com seu navio *Victory* descendo o litoral leste de Boothia Felix, a península que descobriram e que agora chamamos de península Boothia.

– Estou *muito* informado disso, sr. Bridgens – disse Crozier friamente. – Conheço muito bem sir John e seu sobrinho sir James.

Após cinco anos no gelo da Antártida com James Clark Ross, Crozier achava estar minimizando o conhecimento.

– Sim, senhor – disse Bridgens, anuindo, mas não parecendo desconcertado. – Então estou certo de que conhece os detalhes de sua expedição, capitão Crozier. Eles passaram *quatro invernos* no gelo. No primeiro inverno, sir John ancorou o *Victory* no que chamou de Felix Harbour, no litoral leste de Boothia... quase a leste de nossa posição aqui.

– O senhor esteve *nessa* expedição, sr. Bridgens? – perguntou Crozier, querendo que o velho acabasse logo.

– Não tive essa honra, capitão. Mas li estes dois grandes volumes escritos por sir John detalhando sua expedição. Fiquei pensando em se teria tido tempo de fazer o mesmo, senhor.

Crozier sentiu sua raiva irlandesa aumentando. A ousadia daquele velho comissário beirava a impertinência.

– Eu olhei os livros, claro – disse friamente. – Não tive tempo de lê-los cuidadosamente. Há algum sentido nisso, sr. Bridgens?

Qualquer outro oficial, suboficial, oficial não comissionado, marinheiro ou fuzileiro sob o comando de Crozier teria entendido a mensagem e recuado para fora da Grande Cabine se curvando bastante, mas Bridgens parecia ignorar a irritação de seu comandante de expedição.

– Sim, capitão – disse o velho. – O ponto é que John Ross...

– *Sir John* – interrompeu Crozier.

– Claro. Sir John Ross tinha basicamente o mesmo problema que temos agora, capitão.

– Absurdo. Ele, James e o *Victory* estavam congelados no lado *leste* de Boothia, Bridgens, precisamente para onde iremos de trenó caso tenhamos o tempo e os meios. Centenas de quilômetros a leste daqui.

– Sim, senhor, mas na mesma latitude, embora o *Victory* não tivesse precisado encarar esta banquisa amaldiçoada por Deus descendo do noroeste o tempo todo, graças a Boothia. Mas ele passou *três invernos* no gelo lá, capitão. James Ross percorreu de esqui mais de 950 quilômetros rumo oeste através de Boothia e do gelo para a Terra do Rei Guilherme a apenas quarenta quilômetros sul-sudeste de nós, capitão. Ele batizou ponto Victory... o mesmo ponto e local de moledro para o qual o pobre tenente Gore foi de trenó verão passado antes de seu infeliz acidente.

– Acha que não sei que sir James descobriu a Terra do Rei Guilherme e batizou ponto Victory? – cobrou Crozier. Sua voz estava tensa de irritação. – Ele também descobriu o maldito Polo Norte magnético nessa expedição, Bridgens. Sir James é... era... o mais impressionante viajante de trenó de nossa era.

– Sim, senhor – disse Bridgens.

O sorrisinho do comissário fez Crozier querer socá-lo. O capitão sabia, sabia antes de zarpar, que o velho era um bem conhecido sodomita, pelo menos em terra. Depois do quase motim do ajudante de calafate, o capitão Crozier estava farto de sodomitas.

– Meu ponto, capitão Crozier, é que após *três invernos* no gelo, com seus homens tão doentes de escorbuto quanto os nossos estarão neste verão, sir John decidiu que eles nunca sairiam do gelo e afundou o *Victory* em dez braças de água aqui diante do litoral leste de Boothia, a leste de nós, e eles seguiram rumo norte para Fury Beach, onde o capitão Parry deixara suprimentos e barcos.

Crozier se deu conta de que podia enforcar aquele homem, mas não podia calá-lo. Franziu o cenho e escutou.

– O senhor se lembra, capitão, que os suprimentos de Parry e os barcos estavam lá em Fury Beach. Ross pegou os barcos e seguiu rumo norte ao longo do litoral até cabo Clarence, de cujos penhascos puderam ver o norte do outro lado dos estreitos Barrow e Lancaster até onde esperavam encontrar baleeiras... mas o estreito era gelo sólido, capitão. Aquele verão foi quase tão ruim quanto nossos dois últimos verões foram, e este próximo pode ser.

Crozier esperou. Pela primeira vez desde sua doença mortal em janeiro, ele desejou ter um copo de uísque.

– Eles voltaram para Fury Beach e passaram um quarto inverno lá, capitão. Os homens quase morrendo de escorbuto. No mês de julho seguinte... 1833, quatro anos após terem entrado no gelo lá em cima... partiram nos pequenos barcos rumo norte e depois leste descendo o estreito Lancaster, passando pelas enseadas Admiralty e Navy Board, e na manhã de 25 de agosto James Ross... agora sir James... viu uma vela. Ele acenou, chamou e disparou foguetes. A vela desapareceu no horizonte a leste.

– Lembro de sir James mencionar algo sobre isso – disse Crozier secamente.

– Sim, capitão, imagino que sim – disse Bridgens com seu sorrisinho pedante enlouquecedor. – Mas o vento parou, e os homens remaram a toda, senhor, e alcançaram a baleeira. Era o *Isabella*, capitão, o mesmo navio que sir John havia comandado em 1818.

“Sir John, sir James e a tripulação do *Victory* passaram quatro anos no gelo em nossa latitude, capitão. E só um homem morreu; o carpinteiro, um sr. Thomas, que tinha uma disposição dispéptica e desagradável.”

– Seu ponto? – perguntou Crozier novamente. Sua voz era muito seca. Ele tinha plena consciência de que mais de 12 homens haviam morrido sob seu comando naquela expedição.

– *Ainda há barcos e suprimentos em Fury Beach* – disse Bridgens. – E meu palpite é que qualquer grupo de resgate enviado a nós, ano passado ou no próximo verão, deixará mais barcos e suprimentos lá. É o primeiro lugar em que o Almirantado irá pensar em deixar equipamento para nós e futuros grupos de resgate. A sobrevivência de sir John assegurou isso.

Crozier suspirou.

– Tem o hábito de pensar como o Almirantado, comissário de suboficiais Bridgens?

– Algumas vezes sim – disse o velho. – É um hábito de décadas, capitão Crozier. Após algum tempo a proximidade com tolos obriga a pessoa a pensar como um tolo.

– Isso é tudo, comissário Bridgens – cortou Crozier.

– Sim, senhor. Mas leia os dois volumes, capitão. Sir John expõe tudo, como sobreviver no gelo. Como lutar contra o escorbuto. Como encontrar e usar esquimós nativos para ajudar a caçar. Como construir pequenas casas com blocos de neve...

– Isso é *tudo*, comissário!

– Sim, senhor – disse Bridgens, batendo continência e se virando para a passagem, mas não antes de deslizar os dois grossos volumes mais para perto de Crozier.

O capitão ficou sentado sozinho na Grande Cabine gelada por mais dez minutos. Escutou os tripulantes do *Erebus* subindo a escada principal e batendo os pés no convés acima. Ouviu gritos enquanto oficiais do *Terror* no convés davam adeus aos camaradas e desejavam uma travessia segura do gelo. O navio aquietou a não ser pela agitação de homens se acomodando à frente depois do almoço e do grogue. Crozier ouviu as mesas sendo erguidas no dormitório dos tripulantes. Ouviu seus oficiais descendo a escada, pendurando

roupas e indo para trás para seu próprio almoço. Eles soavam mais animados do que haviam soado no desjejum.

Crozier finalmente se ergueu – rígido de frio e dores no corpo –, ergueu os dois volumes pesados e os recolocou cuidadosamente em seu lugar na prateleira instalada na antepara de trás.

GOODSIR

Lat. 70° - 05' N., Long. 98° - 23' W.

6 de março de 1848

O cirurgião acordou com gritos e berros.

Por um minuto não soube onde estava, e então se lembrou – na Grande Cabine de sir John, agora enfermaria do *Erebus*. Era meio da noite. Todas as lamparinas a óleo de baleia haviam se apagado, e a única luz entrava pela porta aberta para a passagem. Goodsir adormecera em um leito extra – sete homens gravemente doentes com escorbuto e um homem com pedras nos rins dormiam nos outros leitos. O homem com cálculos recebera ópio.

Goodsir estivera sonhando que seus homens gritavam enquanto morriam. Em seu sonho eles morriam porque ele não sabia como salvá-los. Formado como anatomista, Goodsir era menos habilidoso do que os três cirurgiões mortos da expedição haviam sido na principal responsabilidade de um cirurgião naval – dar comprimidos, poções, vomitivos, ervas e bolos. O dr. Peddie um dia explicara a Goodsir que a imensa maioria dos remédios era inútil para os problemas específicos do marinheiro – a maioria servia apenas para limpar os intestinos e o estômago de forma explosiva –, mas quanto mais poderoso o purgativo, mais eficaz o marinheiro considerava o tratamento. Era a *ideia* da ajuda medicinal que ajudava os marinheiros a se curarem, segundo o falecido Peddie. Na maioria dos casos que não envolviam cirurgia, ou o corpo se curava sozinho, ou o paciente morria.

Goodsir estivera sonhando que todos morriam – gritando enquanto morriam.

Mas aqueles gritos eram reais. Pareciam subir pelo convés.

Henry Lloyd, assistente de Goodsir, entrou correndo na enfermaria com a barra da camisa saindo de sob os suéteres. Lloyd carregava uma lanterna, e Goodsir podia ver que estava descalço. Devia ter saído correndo de sua rede.

– O que está acontecendo? – sussurrou Goodsir. Os homens doentes não haviam sido acordados pelos berros vindos de baixo.

– O capitão o quer na escada principal à frente – disse Lloyd. Não fez qualquer esforço de baixar a voz. O jovem soava agudo e aterrorizado.

– Shhh – disse Goodsir. – O que está acontecendo, Harry?

– A coisa está aqui dentro, doutor – gritou Lloyd por entre os dentes que batiam. – Lá embaixo. Está matando homens lá embaixo.

– Cuide dos homens aqui – ordenou Goodsir. – Vá me chamar caso algum deles acorde ou piore. E coloque suas botas e roupas de frio.

Goodsir avançou em meio a uma agitação de suboficiais e oficiais não comissionados que saíam de seus cubículos e se metiam nas roupas. O capitão Fitzjames estava de pé com Le Vesconte à frente da escotilha aberta para os conveses inferiores. O capitão tinha uma pistola na mão.

– Cirurgião, deve haver homens feridos abaixo. Você irá conosco quando formos pegá-los. Precisaré de suas roupas de frio.

Goodsir anuiu anestesiado.

O primeiro imediato Des Voeux desceu a escada vindo do convés de cima. Ar frio desceu com ele, tirando o fôlego de Goodsir. Na semana anterior o *Erebus* havia sido sacudido e açoitado por uma nevasca e temperaturas assustadoramente baixas, algumas chegando abaixo de 73°C. O cirurgião não conseguira passar o devido tempo no *Terror*. Não tinha havido comunicação entre os navios enquanto a nevasca caía.

Des Voeux espanou neve de suas roupas.

– Os três homens de sentinela não viram nada do lado de fora, capitão. Mandei que ficassem de prontidão.

Fitzjames anuiu.

– Precisamos de armas, Charles.

– As três escopetas no convés foram tudo o que distribuímos esta noite – disse Des Voeux.

Outro grito subiu da escuridão abaixo. Goodsir não sabia se vinha do último convés ou de mais baixo, do porão. As duas escotilhas pareciam abertas agora.

– Tenente Le Vesconte, desça com três homens pela passagem para a Sala de Bebidas pelo refeitório dos oficiais e pegue o máximo de mosquetes e escopetas que puder, e sacos de cartuchos, pólvora e balas. Quero que todos os homens no convés inferior estejam armados – rosnou Fitzjames.

– Sim, senhor – disse Le Vesconte, apontando para três marinheiros, e os quatro abriram caminho para a popa em meio à escuridão.

– Charles – disse Fitzjames ao primeiro imediato Des Voeux. – Acenda lamparinas. Vamos descer. Collins, você vem. Sr. Dunn, sr. Brown, vocês estão conosco.

– Sim, senhor – disseram em coro o imediato e seu ajudante.

Henry Collins, o segundo mestre, disse:

– Sem armas, capitão? Quer que desçamos lá sem armas?

– Leve sua faca – disse Fitzjames, erguendo sua pistola de um tiro. – Eu tenho isto. Fique atrás de mim. O tenente Le Vesconte nos seguirá com um grupo armado e levará armas extras. Cirurgião, o senhor também fica comigo.

Goodsir anuiu anestesiado. Estava vestindo suas roupas – ou as de alguém – e parecia ter uma dificuldade infantil de passar o braço esquerdo pela manga.

Fitzjames, mãos nuas e vestindo apenas um paletó em farrapos sobre a camisa, tomou uma lamparina de Des Voeux e se lançou pela escotilha. De algum lugar abaixo subiu uma série de terríveis ruídos, como se algo estivesse quebrando tábuas ou anteparas. Não havia mais gritos.

Goodsir se lembrou da ordem do capitão de “ficar comigo”, e abriu caminho pela escada escura atrás dos dois homens, se esquecendo de pegar uma lanterna. Não levava a bolsa de instrumentos médicos e curativos. Brown e Dunn desceram atrás, com Collins fechando a fila e xingando.

O último convés ficava apenas dois metros abaixo do convés inferior, mas parecia outro mundo. Goodsir quase nunca ia ali. Fitzjames e o primeiro imediato estavam de pé longe da escada, balançando as lamparinas. O

cirurgião se deu conta de que a temperatura ali devia ser quarenta graus abaixo do convés inferior onde comiam e dormiam – e a temperatura média no convés inferior naqueles dias era abaixo de zero.

Os barulhos haviam parado. Fitzjames ordenou que Collins parasse de xingar e os seis homens ficaram em um círculo silencioso ao redor da abertura da escotilha para o porão abaixo. Todos exceto Goodsir tinham uma lamparina, e a esticaram, embora as pequenas esferas de luz parecessem penetrar pouco no ar gelado enevoadado. O hálito dos homens brilhava diante deles como ornamentos dourados. A Goodsir os passos apressados no convés inferior acima pareciam vir de quilômetros de distância.

– Quem estava de sentinela aqui esta noite? – sussurrou Fitzjames.

– O sr. Gregory e um foguista – respondeu Des Voeux. – Cowie, acho. Ou talvez fosse Plater.

– E o carpinteiro Weekes e seu ajudante Watson – acrescentou Collins em um sussurro urgente. – Estavam trabalhando a noite toda para consertar aquela parte do casco quebrada no depósito de carvão dianteiro de estibordo.

Algo rugiu abaixo deles. O som era cem vezes mais alto e bestial que qualquer som animal que Goodsir já tinha ouvido – pior até mesmo que o rugido na sala ébano à meia-noite durante o baile. A força dele ecoava em cada tábua, braçadeira de ferro e antepara do convés. Goodsir estava certo de que os homens de sentinela dois conveses acima, na noite que assoviava, podiam ouvir como se a coisa estivesse no convés com eles. Seus testículos tentaram se arrastar de volta para dentro do corpo.

O rugido viera do porão.

– Brown, Dunn, Collins – disse Fitzjames secamente. – Passem pela Sala do Pão e protejam a escotilha de frente. Des Voeux, Goodsir, venham comigo.

Fitzjames enfiou a pistola no cinto, segurou a lanterna com a mão direita e desceu a escada para a escuridão.

Goodsir teve de usar toda a sua força apenas para não mijar na calça. Des Voeux desceu a escada rapidamente em seguida, e apenas uma noção esmagadora de vergonha com a ideia de *não* seguir os outros homens, combinado ao medo de ser deixado sozinho no escuro, colocou o trêmulo cirurgião em movimento atrás do primeiro imediato. Seus braços, mãos e

pernas pareciam insensíveis como se fossem feitos de madeira, mas ele sabia que era o medo, não o frio, que causava isso.

Na base da escada – em um frio negro de alguma forma mais denso e terrível que o exterior Ártico hostil havia parecido a Harry Goodsir –, o capitão e o primeiro imediato esticavam as lamparinas o mais longe possível. Fitzjames estava com a pistola esticada e engatilhada. Des Voeux segurava uma faca comum. A mão do imediato tremia. Ninguém se movia ou respirava.

Silêncio. Os estalos, baques e gritos haviam parado.

Goodsir queria gritar. Podia *sentir* a presença de algo com eles naquele porão escuro. Algo enorme e não humano. Podia estar a três metros e meio, logo além dos fracos círculos de luz de lamparina.

Juntamente com a pressão da certeza de que não estavam sós veio um forte cheiro de cobre. Goodsir sentira aquilo muitas vezes antes. Sangue fresco.

– Por aqui – sussurrou o capitão, e abriu caminho para os fundos pela estreita passagem de estibordo.

Na direção da sala de caldeiras.

A lamparina a óleo que sempre queimava ali se apagara. O único brilho que vinha através da porta aberta era um fraco bruxuleio vermelho e laranja do pouco carvão queimando no braseiro da caldeira.

– Sr. Gregory? – chamou o capitão. O grito de Fitzjames foi alto e repentino o bastante para que Goodsir novamente chegasse perto de se molhar. – Sr. Gregory? – chamou o capitão uma segunda vez.

Não houve resposta. De sua posição no corredor, o cirurgião podia ver apenas centímetros quadrados do chão da sala da caldeira e algum carvão derramado. Havia no ar um cheiro como se alguém estivesse grelhando carne. Goodsir se viu salivando a despeito da sensação de horror que aumentava nele.

– Fiquem aqui – Fitzjames disse a Des Voeux e Goodsir.

O primeiro imediato estava olhando primeiramente para a frente, depois à popa, balançando a lamparina em círculo, mantendo a faca erguida, obviamente se esforçando para ver ao longo do corredor escuro além do estreito círculo de luz. Goodsir não podia fazer nada além de ficar ali e cerrar os punhos gelados. Sua boca se encheu de saliva com o cheiro quase esquecido de carne grelhada, e seu estômago roncou a despeito do medo.

Fitzjames passou pela moldura da porta e entrou na sala da caldeira, saindo de vista.

Por uma eternidade de cinco a dez segundos não houve qualquer som. Então a voz suave do capitão literalmente ecoou da sala de paredes metálicas.

– Sr. Goodsir. Venha aqui, por favor.

Havia dois corpos humanos na sala. Um era reconhecível como sendo do engenheiro, John Gregory. Havia sido estripado. Seu corpo estava no canto apoiado na antepara de proa, mas tiras acinzentadas de seus intestinos haviam sido espalhadas pela sala da caldeira como serpentina. Goodsir teve de olhar cuidadosamente onde pisava. O outro corpo, um homem corpulento de suéter azul-escuro, estava de barriga para baixo, com os braços ao lado do corpo, palmas para cima, cabeça e ombros dentro da fornalha da caldeira.

– Ajude-me a tirá-lo – disse Fitzjames.

O cirurgião agarrou a perna esquerda do homem e seu suéter chamuscado, o capitão pegou a outra perna e o braço direito, e juntos tiraram o homem das chamas. A boca aberta prendeu na barra inferior da grade de metal da porta da fornalha por um segundo, mas depois se soltou com um bater de dentes seco.

Goodsir rolou o corpo enquanto Fitzjames tirava o paletó e apagava as chamas que se erguiam do rosto e dos cabelos do morto.

Harry Goodsir se sentiu como se vendo tudo aquilo de grande distância. O lado profissional de sua mente percebeu com frio distanciamento que a fornalha, embora mal alimentada com chamas baixas de carvão, derreteria os olhos do homem, queimara nariz e orelhas e deixara o rosto com a textura de um pudim de framboesa queimado borbulhado.

– Reconhece, sr. Goodsir? – perguntou Fitzjames.

– Não.

– É Tommy Plater – disse Des Voeux engasgado de onde estava na passagem. – Reconheço pelo suéter e o brinco derretido no maxilar onde ficava a orelha.

– Maldição, imediato – cortou Fitzjames. – Monte guarda no corredor.

– Sim, senhor – disse Des Voeux e saiu. Goodsir ouviu o som de vômito na passagem.

– Precisarei que registre... – começou o capitão, falando com Goodsir.

Então vieram da direção da popa um estalo, um rasgo e um baque forte tão altos que Goodsir teve certeza de que o navio se partira em dois.

Fitzjames agarrou a lanterna e estava fora da sala em um segundo, deixando seu paletó fumegante para trás na sala da caldeira. Goodsir e Des Voeux o seguiram enquanto corria, passando por barris espalhados e caixas esmagadas, e depois se apertava entre as anteparas de ferro pretas que sustentavam o que restava do suprimento de água potável do *Erebus* e os poucos sacos remanescentes de carvão.

Passaram por uma abertura negra para um depósito de carvão e Goodsir olhou à direita e viu um braço humano nu se projetando sobre a beirada de ferro da moldura da porta. Parou e se curvou para ver quem estava ali, mas a luz se afastara enquanto o capitão e o imediato continuavam a correr para frente com as lanternas. Goodsir foi deixado na escuridão total com o que quase certamente era outro cadáver. Ele se ergueu e correu para alcançá-los.

Mais batidas. Gritos, agora do convés acima. Um tiro de mosquete ou pistola. Outro tiro. Gritos. Vários homens gritando.

Goodsir, fora dos círculos oscilantes de luz de lamparina, saiu do corredor estreito para uma área escura aberta e bateu de cabeça em uma grossa coluna de carvalho. Caiu de costas sobre vinte centímetros de gelo e água suja. Não conseguiu focalizar os olhos – as lanternas acima eram apenas borrões laranja balançando enquanto ele lutava para manter a consciência –, e tudo naquele momento fedia e tinha gosto de esgoto, pó de carvão e sangue.

– A escada sumiu! – gritou Des Voeux.

Sentado fundo naquela água repulsiva, Goodsir conseguiu ver melhor quando as lanternas firmaram. A da frente, feita de carvalho grosso e que sustentava facilmente vários homens grandes carregando sacos de carvão de 45 quilos subindo e descendo, fora feita em pedaços. Fragmentos pendiam da moldura da escotilha aberta acima.

– Os gritos vinham do último convés.

– Levante-me – gritou Fitzjames, que enfiara a pistola no cinto e pousara a lanterna e agora se esticava, tentando conseguir apoio na moldura lascada da escotilha. Começou a se erguer. Des Voeux se curvou para empurrá-lo.

Chamas explodiram de repente acima e pela abertura quadrada.

Fitzjames xingou e caiu de costas na água gelada a poucos metros de Goodsir. Parecia que toda a escotilha da frente e tudo acima no último convés estavam em chamas.

Incêndio, pensou Goodsir. Uma fumaça acre encheu suas narinas.

– A escada principal – disse Fitzjames, se levantando, achando a lamparina e começando a correr para trás. Des Voeux o seguiu.

Goodsir engatinhou por gelo e água, ficou de pé, caiu novamente, engatinhou, depois correu atrás das lanternas que se afastavam.

Algo no convés acima rugiu. Houve uma saraivada de tiros de mosquete e o disparo característico de escopetas.

Goodsir quis parar no depósito de carvão para descobrir se o homem a quem pertencia o braço estava vivo ou morto – ou mesmo preso ao braço pendurado –, mas não havia luz quando chegou lá. Correu no escuro, ricocheteando em ferro, carvão e anteparas de depósito de água.

As lanternas já estavam desaparecendo na passagem para o último convés. Fumaça rolava para baixo.

Goodsir subiu, foi chutado no rosto por uma bota pertencente ao capitão ou ao imediato, e então chegou ao último convés.

Não conseguia respirar. Não conseguia ver. Lanternas balançavam ao redor, mas o ar estava tão denso de fumaça que não havia iluminação.

O impulso de Goodsir foi encontrar a escada para o convés inferior e continuar subindo, depois subir mais até estar do lado de fora, ar livre, mas havia homens gritando à sua direita – direção da proa –, então ele se jogou de quatro. O ar era respirável ali. Pouco. Na direção da proa havia um brilho laranja, brilhante demais para ser de lanternas.

Goodsir engatinhou para frente, encontrou a passagem de bombordo à esquerda da Sala do Pão, engatinhou mais. À frente dele, em algum lugar na fumaça, homens combatiam as chamas com cobertores. Os cobertores pegavam fogo.

– Monte uma brigada de baldes – gritou Fitzjames de algum lugar à sua frente na fumaça. – Traga água para cá.

– Não há água, capitão – gritou uma voz tão agitada que Goodsir não conseguiu reconhecer.

– Use os baldes de urina.

A voz do capitão cortava fumaça e berros como uma lâmina.

– Estão congelados! – berrou uma voz que Goodsir reconheceu. John Sullivan, capitão da gávea.

– Use assim mesmo – berrou Fitzjames. – E neve. Sullivan, Sinclair, Reddington, Seeley, Pockock, Greater, coloquem os homens em uma fila de baldes do convés para aqui no último convés. Pegue toda neve que conseguir. Jogue nas chamas – disse Fitzjames, precisando parar para tossir violentamente.

Goodsir se levantou. Fumaça rodopiou em torno dele como se alguém tivesse aberto uma porta ou janela. Em um momento ele podia ver cinco ou seis metros à frente na direção dos depósitos de carpinteiro e ajudante, ver claramente as chamas lambendo paredes e tábuas, e no seguinte não conseguia ver meio metro à frente. Todos tossiam, e Goodsir se juntou a eles.

Homens se jogaram sobre ele na pressa de chegar à escada, e Goodsir se colou na antepara, pensando em se deveria subir ao convés inferior. Ele não tinha utilidade ali.

Lembrou do braço nu saindo do depósito de carvão no porão abaixo. A ideia de descer lá novamente lhe deu ânsia de vômito.

Mas a coisa está neste convés.

Como se para confirmar esse pensamento, quatro ou cinco mosquetes menos de três metros à frente do cirurgião dispararam ao mesmo tempo. As explosões foram ensurdecedoras. Goodsir lançou as palmas das mãos sobre as orelhas e caiu de joelhos, lembrando do que dissera à tripulação do *Terror* sobre vítimas de escorbuto poderem morrer apenas com o som de um tiro de mosquete. Ele sabia ter os sintomas iniciais de escorbuto.

– Suspendam fogo! – gritou Fitzjames. – Parem! Há homens aqui em cima.

– Mas capitão... – começou a voz do cabo Alexander Pearson, o de maior patente entre os quatro fuzileiros reais remanescentes do *Erebus*.

– Suspendam, estou mandando!

Goodsir agora podia ver o tenente Le Vesconte e os fuzileiros silhuetados ali contra as chamas, Le Vesconte de pé e os fuzileiros de joelhos, recarregando os mosquetes como se no meio de uma batalha. O cirurgião pensou que as paredes, madeiras e barris e caixas soltos na proa estavam todos em chamas.

Marinheiros batiam nas chamas com cobertores e rolos de lona. Fagulhas voavam para todos os lados.

A silhueta incendiada de um homem saiu cambaleando das chamas na direção dos fuzileiros e homens agrupados.

– Suspendam fogo! – gritou Fitzjames.

– Suspendam fogo! – repetiu Le Vesconte.

O homem queimado caiu nos braços de Fitzjames.

– Sr. Goodsir! – chamou o capitão.

John Downing, o intendente, parou de bater com um cobertor nas chamas do corredor e apagou as chamas que saíam das roupas queimadas do homem ferido.

Goodsir correu para frente e tomou de Fitzjames o peso do homem que caía. O lado direito do rosto do homem quase sumira – não queimado, mas arrancado a patada, pele e olho pendurados –, e marcas paralelas corriam pelo lado direito do peito, as marcas de garras cortando fundo oito camadas de pano e carne. Sangue encharcava o colete. O homem não tinha o braço direito.

Goodsir se deu conta de que segurava Henry Foster Collins, o segundo mestre que Fitzjames mais cedo ordenara que descesse ao porão com Brown e Dunn, o calafate e seu ajudante, para proteger a escotilha de proa.

– Preciso de ajuda para levá-lo à cirurgia – disse Goodsir engasgando. Collins era um homem grande, mesmo sem o braço, e suas pernas pareciam ter finalmente fraquejado. O cirurgião só conseguiu segurá-lo de pé por estar apoiado na antepara da Sala do Pão.

– Downing! – gritou Fitzjames chamando a silhueta do alto intendente que retornara a combater as chamas com seu cobertor queimando.

Downing jogou o cobertor de lado e correu em meio à fumaça. Sem fazer uma pergunta, o intendente colocou o braço remanescente de Collins sobre seu ombro e disse:

– O senhor primeiro, sr. Goodsir.

Goodsir começou a subir a escada, mas 12 homens com baldes tentavam descer em meio à fumaça.

– Abram caminho! – berrou Goodsir. – Homem ferido subindo.

As botas e joelhos recuaram.

Enquanto Downing carregava Collins agora inconsciente pela escada quase vertical, Goodsir chegava ao convés inferior onde todos viviam. Marinheiros se juntaram ao redor e olharam para ele. O cirurgião se deu conta de que devia ele mesmo parecer uma baixa – mãos, roupas e rosto ensanguentados da batida na coluna, e sabia que também estava preto de fuligem.

– Para a enfermaria da popa – ordenou Goodsir enquanto Downing erguia o homem queimado e aleijado nos braços. O intendente teve de se colocar de lado para carregar Collins pelo corredor estreito. Atrás de Goodsir, duas dúzias de homens baixavam baldes pela escada enquanto outros no convés jogavam neve sobre as tábuas fumegantes e chiando no dormitório dos marinheiros ao redor do fogão e da escotilha da frente. Goodsir sabia que se o convés pegasse fogo, o navio estaria perdido.

Henry Lloyd saiu da enfermaria, rosto pálido e olhos arregalados.

– Meus instrumentos estão preparados? – cobrou Goodsir.

– Sim, senhor.

– Serra de ossos?

– Sim.

– Bom.

Downing colocou o inconsciente Collins na mesa cirúrgica nua no meio da enfermaria.

– Obrigado, sr. Downing – disse Goodsir. – Poderia fazer a gentileza de conseguir um marinheiro ou dois e levar esses outros homens doentes para uma cama em algum cubículo? Qualquer cama vazia servirá.

– Sim, doutor.

– Lloyd, vá até o sr. Wall na frente e diga ao cozinheiro e seus ajudantes que precisamos do máximo de água do fogão Frazer que ele puder nos dar. Mas antes aumente essas lamparinas. Depois volte aqui. Vou precisar de suas mãos e de uma lanterna.

Durante a hora seguinte, o dr. Harry D. S. Goodsir esteve tão ocupado que a enfermaria poderia ter pegado fogo e ele não perceberia a não ser pela satisfação com a luz adicional.

Ele despiu o tronco de Collins – os ferimentos abertos fumegando no ar gelado –, jogou a primeira panela de água quente sobre eles para limpar o melhor possível, não por higiene, mas para tirar o sangue brevemente de modo a poder ver quão fundos eram, decidiu que os ferimentos de garras não eram imediatamente mortais, e foi trabalhar no ombro, pescoço e rosto do segundo mestre.

O braço havia sido arrancado de forma limpa. Era como se uma enorme guilhotina tivesse cortado o braço de Collins com um só golpe. Acostumado a acidentes industriais e marítimos que esmagavam, torciam e faziam carne em pedaços, Goodsir estudou o ferimento com alguma admiração, se não assombro.

Collins estava sangrando até a morte, mas as chamas que ele recebera haviam cauterizado o ferimento do ombro em alguma medida. Isso salvara sua vida. Até aquele momento.

Goodsir podia ver o osso do ombro – uma protuberância branca cintilante –, mas não havia mais osso do braço que precisasse cortar. Com Lloyd segurando trêmulo uma lanterna bem perto e algumas vezes colocando o dedo onde Goodsir mandava – frequentemente em uma artéria rompida – Goodsir habilidosamente fechou as artérias e veias cortadas. Ele sempre fora bom nesse tipo de coisa – seus dedos trabalhavam quase sozinhos.

De forma impressionante, parecia haver pouco ou nenhum tecido ou material estranho no ferimento. Isso reduzia a chance de sépsis fatal, embora isso ainda fosse uma probabilidade. Goodsir limpou o que conseguia ver com a segunda e última panela de água quente levada por Downing. Depois cortou pedaços de pele solta e suturou onde podia. Felizmente havia pedaços de pele longos o suficiente para o cirurgião dobrar sobre o ferimento e costurar com pontos largos.

Collins gemeu e se mexeu.

Goodsir então trabalhou o mais rápido possível, querendo encerrar o pior antes que o homem estivesse totalmente acordado.

O lado direito do rosto de Collins caía sobre o ombro como uma máscara de carnaval solta. Lembrava a Goodsir as muitas autópsias que havia feito,

cortando o rosto e dobrando sobre o alto do crânio como um tecido molhado apertado.

Mandou Lloyd puxar a comprida pele facial o máximo para cima e com mais força – seu ajudante se virou para vomitar no convés, mas voltou imediatamente, limpando os dedos viscosos no colete de lã – e Goodsir costurou a parte solta do rosto de Collins a um pedaço grosso de pele e carne logo abaixo do começo do couro cabeludo do homem.

Ele não pôde salvar o olho do segundo mestre. Tentou recolocá-lo no lugar, mas o osso suborbital do homem havia sido esmagado. Havia cacos de osso no caminho. Goodsir partiu os cacos, mas o próprio globo ocular estava muito afetado.

Ele tirou tesouras das mãos trêmulas de Lloyd e cortou o nervo retiniano, jogando o olho no balde já cheio de trapos ensanguentados e pedaços da carne de Goodsir.

– Segure essa lanterna mais perto – ordenou Goodsir. – Pare de tremer.

De forma impressionante, restava alguma pálpebra. Goodsir a puxou o máximo para baixo e a costurou habilidosamente a um pedaço de pele solta abaixo do olho. Esses pontos ele deu mais próximos, pois teriam de servir por anos.

Caso Collins sobrevivesse.

Tendo feito o melhor possível por ora no rosto do segundo mestre, Goodsir voltou suas atenções para as queimaduras e os ferimentos de garras. As queimaduras eram superficiais. Os ferimentos de garras eram fundos o suficiente para que Goodsir pudesse ver a brancura sempre chocante das costelas expostas aqui e ali.

Mandando Lloyd aplicar unguento nas queimaduras com a mão esquerda enquanto segurava a lanterna perto com a direita, Goodsir limpou e fechou os músculos cortados e costurou carne e pele superficiais no lugar onde era possível. Continuava a escorrer sangue do ferimento no ombro e do pescoço de Collins, mas em um ritmo muito menor. Caso as chamas tivessem cauterizado suficientemente carne e veias, o segundo imediato poderia ter sangue suficiente para permitir sua sobrevivência.

Outros homens estavam sendo levados, mas tinham apenas queimaduras – algumas graves, mas não mortais – e agora que a parte mais urgente de seu trabalho em Collins havia terminado, Goodsir pendurou a lanterna no gancho de latão acima da mesa e ordenou que Lloyd ajudasse os outros com unguento, água e curativos.

Ele estava terminando com Collins – dando ópio para que o homem que acordava e gritava dormisse – quando se virou e encontrou o capitão Fitzjames ao seu lado.

O capitão estava tão coberto de fuligem e sangue quanto o cirurgião.

– Ele irá sobreviver? – perguntou Fitzjames.

Goodsir pousou um bisturi e abriu e fechou as mãos ensanguentadas como se dizendo *Só Deus sabe*.

Fitzjames anuiu.

– O fogo está controlado – disse o capitão. – Achei que gostaria de saber.

Goodsir anuiu. Ele não pensara nem um pouco no incêndio na hora anterior.

– Lloyd, sr. Downing, poderiam fazer a gentileza de levar o sr. Collins até a maca mais perto da antepara dianteira? É mais quente ali.

– Perdemos todo o estoque do carpinteiro no último convés – continuou Fitzjames –, e muito do nosso estoque remanescente de comida nas caixas perto da escotilha de frente e área de popa, e também boa parte do estoque da Sala do Pão. Diria que um terço de nosso suprimento remanescente de comida enlatada e em barris se perdeu. E estamos certos de que há danos no porão, mas ainda não voltamos lá.

– Como o fogo começou? – perguntou o cirurgião.

– Collins ou um de seus homens jogou uma lanterna na coisa quando ela saiu da escotilha sobre eles – disse o capitão.

– O que aconteceu à... coisa? – perguntou Goodsir. De repente ele estava tão cansado que teve de se apoiar na beirada da mesa cirúrgica ensanguentada para não cair.

– Deve ter saído do modo como entrou – disse Fitzjames. – De volta pela escotilha da frente e saindo por algum lugar no porão. A não ser que ainda esteja esperando lá embaixo. Tenho homens armados em cada uma das

escotilhas. Está tão frio e enfumaçado no último convés que teremos de fazer a troca de guarda a cada meia hora.

“Collins foi quem viu melhor. Por isso subi... para descobrir se poderia falar com ele. Os outros viram apenas a forma através das chamas; olhos, dentes, garras, uma massa branca ou silhueta negra. O tenente Le Vesconte mandou que os fuzileiros atirassem, mas ninguém viu se foi atingido. Há sangue por toda parte do depósito do carpinteiro à frente, mas não sabemos se algo é da fera. Posso falar com Collins?”

Goodsir balançou a cabeça.

– Acabei de dar um opiáceo ao segundo mestre. Irá dormir horas. Não tenho ideia de se um dia acordará. As chances são contra isso.

Fitzjames anuiu novamente. O capitão parecia tão cansado quanto o cirurgião se sentia.

– E quanto a Dunn e Brown? – perguntou Goodsir. – Eles foram para frente com Collins. Já os encontrou?

– Sim – respondeu Fitzjames. – Estão vivos. Escaparam por estibordo da Sala do Pão quando o incêndio começou e a coisa foi atrás do pobre Collins.

O capitão tomou fôlego antes de continuar.

– A fumaça lá embaixo está dissipando, então preciso levar alguns homens ao porão para resgatar os corpos do engenheiro Gregory e do foguista Tommy Plater.

– Ah, meu Deus – disse Goodsir. Ele contou a Fitzjames sobre o braço nu que vira se projetando do depósito de carvão.

– Não vi isso – disse o capitão. – Estava tão ansioso para ir para a escotilha de frente que não olhei para baixo, só para frente.

– Eu deveria ter olhado para frente – disse o cirurgião, se lamentando. – Bati em um pilar ou coluna.

Fitzjames sorriu.

– Estou vendo. Médico, cura a ti mesmo. Está com um corte profundo do couro cabeludo até a sobrancelha e um inchaço do tamanho do punho de Magnus Manson.

– Mesmo? – reagiu Goodsir, tocando a testa com cuidado. Seus dedos ensanguentados saíram ainda mais sujos, embora ele pudesse sentir uma casca

grossa de sangue seco na enorme contusão. – Irei costurar com um espelho ou mandarei Lloyd fazer mais tarde. Estou pronto para ir, capitão – disse, cansado.

– Ir aonde, sr. Goodsir?

– Ao porão – disse o cirurgião, sentindo suas entranhas se revirando de náusea com a ideia. – Ver quem está caído no depósito de carvão. Pode estar vivo.

Fitzjames olhou-o nos olhos.

– Nosso carpinteiro, o sr. Weekes, e seu ajudante, Watson, estão desaparecidos, dr. Goodsir. Estavam trabalhando no depósito de carvão de estibordo, tampando um buraco no casco. Mas devem estar mortos.

Goodsir havia ouvido o “doutor”. Franklin e seu comandante quase nunca haviam chamado os cirurgiões assim, nem mesmo Stanley e Peddie, os cirurgiões-chefes. Eles – e Goodsir – haviam sido quase sempre o inferior “senhor” para sir John e o aristocrático Fitzjames.

Mas não dessa vez.

– Temos de descer para ver – disse Goodsir. – Eu tenho de descer para ver. Um ou outro ainda pode estar vivo.

– A coisa do gelo também pode estar viva e esperando lá embaixo – disse Fitzjames suavemente. – Ninguém a viu ou ouviu partir.

Goodsir anuiu cansado e ergueu sua maleta médica.

– Posso pedir ao sr. Downing para ir comigo? Posso precisar de alguém para segurar a lanterna.

– Eu irei com o senhor, dr. Goodsir – disse o capitão Fitzjames. Ele segurou uma lamparina extra que Downing havia levado. – Atrás do senhor.

CROZIER

Lat. 70° - 05' N., Long. 98° - 23' W.

22 de abril de 1848

- *T*enente Little, por favor transmita a ordem de abandonar navio – disse o capitão Crozier.

– Sim, capitão.

Little se virou e gritou a ordem para o convés lotado. Os outros oficiais e o segundo imediato sobrevivente estavam ausentes, então John Lane, contramestre, recebeu a ordem e a gritou para a proa. Thomas Johnson, ajudante de contramestre e o homem que dera as chicotadas em Hickey e nos outros dois homens em janeiro, gritou a ordem para baixo pela escotilha aberta antes de finalmente fechar e pregar a tampa.

Não restava mais ninguém nos conveses inferiores, claro. Crozier e o tenente Little haviam percorrido o navio de popa a proa em cada convés, olhando em cada compartimento – da fria sala da caldeira com suas fornalhas cobertas até as escotilhas de carvão vazias do porão e o armário de cabos de proa apertado mas vazio, e depois subindo os conveses. No último convés haviam verificado que a Sala de Bebidas e o depósito do artilheiro estavam vazios de todos os mosquetes, escopetas, pólvora e projéteis – apenas fileiras de espadas e baionetas restavam nas prateleiras do alto, brilhando frias à luz da lanterna. Dois oficiais haviam conferido que todas as roupas necessárias haviam sido retiradas da Sala de Vestuário no mês e meio anterior e depois ido ao Depósito do Capitão vazio e à igualmente vazia Sala do Pão. No castelo de vante, Little e Crozier haviam examinado cada cabine e leito, notando como

os oficiais haviam deixado seus catres e prateleiras e posses remanescentes arrumados, depois fazendo com que as redes dos marinheiros fossem recolhidas pela última vez. Suas arcas do mar esvaziadas, mas ainda no lugar como se esperando o chamado do almoço, depois ido à popa para notar os livros faltando no Grande Salão onde os homens haviam escolhido entre os volumes e levado vintenas para o gelo com eles. Finalmente, de pé junto ao enorme forno que estava absolutamente frio pela primeira vez em quase três anos, o tenente Little e o capitão Crozier chamaram novamente pela escotilha de proa, confirmando que ninguém ficara para trás. Eles fariam uma contagem acima, mas aquilo era parte do protocolo de abandonar navio.

Então haviam subido ao convés e deixado a escotilha aberta atrás.

Os homens de pé no convés agora não ficaram surpresos com a ordem de abandonar navio. Havia sido chamados e reunidos para isso. Havia apenas 25 tripulantes do *Terror* presentes naquela manhã; o resto estava no Acampamento Terror, 3,2 quilômetros ao sul de ponto Victory, transportando de trenó materiais para o acampamento, caçando ou fazendo reconhecimento perto do Acampamento Terror. Um número igual de tripulantes do *Erebus* esperava no gelo abaixo, perto de trenós e equipamentos onde as barracas de equipamentos e suprimentos do *Erebus* haviam estado desde 1º de abril, quando o navio foi abandonado.

Crozier viu seus homens descendo em fila a rampa de gelo, deixando o navio para sempre. Finalmente, apenas ele e Little restaram no convés inclinado. Os cinquenta e poucos homens no gelo abaixo olharam para eles com olhos quase invisíveis sob gorros galeses puxados para baixo e sobre cachecóis de lã, todos apertando os olhos à luz da fria manhã.

– Vá em frente, Edward – disse Crozier suavemente. – Pela amurada.

O tenente prestou continência, levantou seu pesado pacote de objetos pessoais e desceu primeiramente a escada, depois a rampa de gelo para se juntar aos homens abaixo.

Crozier olhou ao redor. A luz fina de abril iluminava um mundo de gelo torturado, cristas de pressão altas, inúmeros seracos e neve sendo soprada. Baixando a pala de seu quepe e apertando os olhos na direção leste, ele tentou registrar seus sentimentos no momento.

Abandonar navio era o ponto mais baixo na vida de qualquer capitão. Era uma admissão de completo fracasso. Era, na maioria dos casos, o fim de uma longa carreira naval. Para a maioria dos capitães, muito deles conhecidos de Francis Crozier, fora um golpe do qual nunca iriam se recuperar. Crozier não sentia qualquer desespero. Não ainda. Naquele momento era mais importante para ele a chama azul de determinação que ainda queimava pequena, mas quente, em seu peito – *Eu vou viver*.

Ele queria que seus homens sobrevivessem – ou pelo menos o maior número possível. Se houvesse a mínima esperança em qualquer homem do HMS *Erebus* ou do HMS *Terror* de sobreviver e voltar para casa na Inglaterra, Francis Rawdon Moira Crozier iria seguir aquela esperança sem olhar para trás. Ele tinha de tirar os homens do navio. E depois do gelo.

Percebendo que quase sessenta pares de olhos o encaravam, Crozier deu um último tapinha na amurada, desceu pela escada que haviam colocado em estibordo, já que o navio começara a se inclinar mais para bombordo nas semanas anteriores, então desceu a rampa de gelo bastante gasta até os homens à espera.

Carregando sua própria mochila e entrando em fila perto dos homens com arreios no último trenó, ele olhou uma última vez para o navio e disse:

– Parece bonito, não é mesmo, Harry?

– Parece, capitão – disse o capitão da gávea Harry Peglar. Cumprindo sua palavra, ele e os gajeiros haviam conseguido instalar todos os mastros estocados, restaurar as vergas e o massame nas duas semanas anteriores, a despeito de nevascas, baixas temperaturas, raios, cristas de pressão se elevando e ventos fortes. O gelo brilhava em toda parte nos mastros, vergas e massame restaurados do navio e pesados no alto. A Crozier ele parecia estar usando joias.

Após o afundamento do *Erebus* no último dia de março, Crozier e Fitzjames haviam decidido que embora o *Terror* logo tivesse de ser abandonado para que tivessem alguma chance de andar ou levar os barcos para segurança antes do inverno, o navio deveria ser recolocado em condições de navegação. Caso ficassem presos no Acampamento Terror na Terra do Rei Guilherme por meses no verão e o gelo milagrosamente se abrisse, teoricamente poderiam levar os barcos de volta ao *Terror* e tentar navegar para a liberdade.

Teoricamente.

– Sr. Thomas, lidere quando estiver pronto – disse ele a Robert Thomas, segundo imediato e líder dos puxadores do primeiro dos cinco trenós.

– Sim, sim, senhor – respondeu Thomas, se apoiando nos arreios. – Mesmo com sete homens fazendo força nos arreios, o trenó não avançou. Os esquis haviam congelado no gelo.

– Força nisso, Bob! – disse rindo Edwin Lawrence, um dos homens com ele nos arreios. O trenó grunhiu, homens grunhiram, couro estalou, gelo rasgou e o trenó empilhado alto se moveu para frente.

O tenente Little deu a ordem de partida para o segundo trenó, liderado por Magnus Manson. Com o gigante liderando os homens, o segundo trenó – embora com carga mais pesada que o de Thomas – partiu imediatamente com apenas um leve raspar no gelo sob os deslizadores de madeira.

E assim seguiram os 46 homens, 35 deles puxando no primeiro trecho, cinco andando na reserva com escopetas ou mosquetes, esperando para puxar, quatro dos imediatos dos dois navios e os dois oficiais – tenente Little e capitão Crozier – caminhando ao lado, eventualmente empurrando e com menor frequência usando os arreios eles mesmos.

O capitão se lembrou de que vários dias antes, quando o segundo-tenente Hodgson e o terceiro-tenente Irving se preparavam para partir em mais uma viagem de trenó com barco para o Acampamento Terror – os dois oficiais haviam recebido ordem de levar homens daquele acampamento para caçar e fazer reconhecimento nos dias seguintes –, Irving surpreendera seu capitão pedindo que um ou outro de dois homens designados para sua equipe fossem deixados no *Terror*. Crozier inicialmente ficara surpreso, pois sua avaliação do jovem John Irving fora de que o tenente júnior era capaz de lidar com marinheiros e executar e aplicar quaisquer ordens dadas a ele, mas então Crozier ouviu os nomes envolvidos e entendeu. O tenente Little colocara os nomes de Magnus Manson e Cornelius Hickey na equipe de trenó e batedores de Irving, e Irving estava pedindo respeitosamente, sem dar qualquer motivo, que um ou outro homem fosse transferido para outra equipe. Crozier aceitara o pedido imediatamente, transferindo Manson para os trenós do último dia e permitindo que o pequeno ajudante de calafate seguisse com a equipe de trenó

do tenente Irving. Crozier também não confiava em Hickey, especialmente depois do quase motim de semanas antes, e sabia que o homenzinho era muito mais traiçoeiro tendo ao lado o enorme idiota Manson.

Agora, se afastando do navio, vendo Manson puxando 15 metros à sua frente, Crozier deliberadamente manteve o rosto virado para frente. Ele decidira que não iria olhar para o *Terror* atrás pelo menos nas duas primeiras horas puxando.

Olhando os homens se inclinando e fazendo força à frente, o capitão estava muito consciente daqueles ausentes.

Fitzjames estava ausente, servindo como oficial comandante do Acampamento Terror na Terra do Rei Guilherme, mas a verdadeira razão para sua ausência era tato. Nenhum capitão queria abandonar seu navio sob os olhos de outro capitão, se fosse possível, e todos os capitães eram sensíveis a isso. Crozier, que visitara o *Erebus* quase todos os dias desde que começara a se soltar do gelo dois dias depois do incêndio e invasão da coisa do gelo no começo de março, fizera questão de não estar lá ao meio-dia de 31 de março quando Fitzjames teve de abandonar o navio. Fitzjames devolvera o favor esta semana se oferecendo para missão de comando longe do *Terror*.

A maioria das outras ausências era por uma razão muito mais trágica e deprimente. Crozier invocou seus rostos enquanto marchava ao lado do último trenó.

O *Terror* tivera muito mais sorte do que o *Erebus* no que dizia respeito à perda de oficiais e líderes. Dos principais oficiais, Crozier perdera o primeiro imediato, Fred Hornby, para a fera na debacle do carnaval, o segundo mestre Giles MacBean para a coisa em uma viagem de trenó no mês de setembro anterior, e os dois cirurgiões, Peddie e McDonald, também durante o carnaval de véspera de Ano-Novo. Mas seu segundo e terceiro-tenentes estavam vivos e razoavelmente bem, assim como seu segundo imediato, Thomas; Blanky, seu mestre do gelo, e o indispensável sr. Helpman, seu intendente.

Fitzjames perdera seu oficial comandante – sir John – e seu primeiro-tenente, Graham Gore, bem como o tenente James Walter Fairholme e o primeiro imediato Robert Orme Sergeant, todos mortos pela criatura. Também perdera seu principal cirurgião, o sr. Stanley, e Henry Foster Collins,

seu segundo mestre. Isso deixava apenas o tenente H. T. D. Le Vesconte, o segundo imediato Charles Des Voeux, mestre do gelo Reid, cirurgião Goodsir e seu intendente, Charles Hamilton Osmer, como complemento de oficiais. Em vez do refeitório dos oficiais lotado dos primeiros anos – sir John, Fitzjames, Gore, Le Vesconte, Fairholme, Stanley, Goodsir e o intendente Osmer todos jantando juntos – as últimas semanas tiveram apenas o capitão e seu único tenente sobrevivente, o cirurgião e o intendente jantando no frio dos aposentos dos oficiais. E Crozier sabia que nos últimos dias mesmo isso fora uma visão absurda assim que o gelo inclinara o *Erebus* quase trinta graus para estibordo. Os quatro homens haviam sido forçados a se sentar no convés, os pratos nos joelhos e os pés bem presos em um apoio.

Hoar, camareiro de Fitzjames, ainda estava doente com escorbuto, então o pobre velho Bridgens havia sido o comissário se deslocando como um caranguejo para servir os oficiais se segurando no convés muito inclinado.

O *Terror* também tivera a sorte de manter intactos seus suboficiais. O engenheiro de Crozier, o contramestre chefe e o carpinteiro ainda estavam vivos e trabalhando. O *Erebus* perdera seu engenheiro, John Gregory, e seu carpinteiro, John Weekes, ambos eviscerados em março quando a coisa do gelo subira a bordo de noite. O outro suboficial do navio, contramestre Thomas Terry, fora decapitado pela criatura no mês de novembro anterior. Fitzjames não tinha suboficiais vivos.

Dos 21 oficiais não comissionados do *Terror* – imediatos, timoneiros, capitães de castelo de proa, porão, gávea do mastaréu, gávea do traquete, condutor, comissários, calafates e foguistas – Crozier só perdera um homem: foguista John Torrington, o primeiro homem da expedição a morrer, tanto tempo antes, em 1º de janeiro de 1846, ainda na ilha Beechey. E, Crozier lembrava, fora por consumpção que o jovem Torrington levara a bordo com ele da Inglaterra.

Fitzjames perdera outro de seus oficiais não comissionados, o foguista Tommy Plater, no dia de março em que a coisa se lançara em sua fúria assassina nos conveses inferiores. Apenas Thomas Watson, o ajudante de carpinteiro, sobrevivera ao ataque da coisa no porão naquela noite, e perdera a mão esquerda.

Como Thomas Burt, o armeiro, fora mandado de volta à Inglaterra da Groelândia antes mesmo de terem encontrado gelo de verdade, isso deixava o *Erebus* com vinte oficiais não comissionados sobreviventes. Alguns desses homens, como o velho fabricante de velas, John Murray, e o próprio camareiro de Fitzjames, Edmund Hoar, estavam doentes demais com escorbuto para ser úteis, enquanto outros, como Thomas Watson, aleijados demais para ser de valia, enquanto havia aqueles, como o açoitado comissário de aspirantes Richard Aylmore, que eram sorumbáticos demais para ser de muita utilidade.

Crozier disse a um dos homens que estava obviamente exausto para fazer uma pausa e andar com a guarda armada enquanto ele, o capitão, fazia um turno no arreio. Mesmo com seis outros homens puxando, o esforço terrível de puxar quase setecentos quilos de comida enlatada, armas e barracas era uma pressão para seu sistema enfraquecido. Mesmo após Crozier entrar no ritmo – ele participara de grupos de trenó desde março, quando começou a enviar barcos e equipamento para a Terra do Rei Guilherme, e conhecia bem o sofrimento –, a dor das tiras sobre seu peito ardendo, o peso da massa sendo puxada e o desconforto do suor que congelava, derretia e voltava a congelar em suas roupas eram um choque.

Crozier desejou ter mais marinheiros e fuzileiros em condições.

O *Terror* perdera dois de seus marinheiros de primeira classe – Billy Strong, partido ao meio pela criatura, e James Walker, o bom amigo do idiota Magnus Manson antes que o gigante ficasse totalmente sob o comando do pequeno ajudante de calafate com cara de rato. Crozier se lembrava de que fora o medo do fantasma de Jimmy Walker no porão que levara o enorme Manson pela primeira vez ao ponto de um motim tantos meses antes.

Pelo menos nisso o *Erebus* tivera mais sorte que seu equivalente. O único marinheiro de primeira classe que Fitzjames perdera na expedição fora John Hartnell, também morto de consunção e enterrado no inverno de 1846 na ilha Beechey.

Crozier se lançou nos arreios e pensou nos rostos e nomes – tantos oficiais mortos, tão poucos marinheiros regulares – e grunhiu enquanto puxava, refletindo que a coisa do gelo parecia ter deliberadamente ido atrás dos líderes da expedição.

Não pense assim, Crozier ordenou a si mesmo. Você está dando ao animal capacidade de raciocínio que ele não tem.

Não?, perguntou outra parte mais temerosa da mente de Crozier.

Um dos fuzileiros reais passou levando um mosquete na dobra do braço, em vez de uma escopeta. O rosto do homem estava totalmente oculto por gorros e cachecóis, mas pelo modo caído como o homem andava Crozier soube que era Robert Hopcraft. O soldado fuzileiro havia sido gravemente ferido pela criatura no dia um ano antes, em junho, em que sir John fora morto, mas enquanto os outros ferimentos de Hopcraft haviam se curado, a clavícula esmagada o deixara para sempre tombado à esquerda, como se tivesse dificuldade em manter uma linha reta. O outro fuzileiro andando com ele era William Pilkington, o soldado que fora baleado no ombro no abrigo naquele mesmo dia. Crozier notara que no momento Pilkington não parecia estar bem daquele ombro ou braço.

O sargento David Bryant, fuzileiro de maior patente do *Erebus*, fora decapitado segundos antes de sir John ter sido levado para sob o gelo pela fera. Com o soldado William Braine morto na ilha Beechey em 1846 e o soldado William Reed desaparecido no gelo em 9 de novembro do último outono quando levava uma mensagem ao *Terror* – Crozier lembrava bem da data pois caminhara do *Erebus* ao *Terror* no escuro ele mesmo naquele primeiro dia de completa escuridão invernal – a fera reduzira a guarda de fuzileiros de Fitzjames a apenas quatro: cabo Alexander Pearson no comando, soldado Hopcraft com o ombro arruinado, soldado Pilkington com o ferimento de bala e o soldado Joseph Healey.

O destacamento de fuzileiros de Crozier perdera apenas o soldado William Heather para a coisa do gelo, na noite de novembro anterior quando a criatura subira a bordo e arrancara os miolos do homem quando o soldado estava de sentinela. Mas de forma impressionante, chocante, Heather se recusara a morrer. Após ficar deitado em coma semanas na enfermaria, flutuando obscenamente entre a vida e a morte, o soldado Heather fora carregado por seus companheiros fuzileiros até sua rede na frente, no dormitório da tripulação, e eles o haviam alimentado e limpado, o levado ao sanitário e vestido todos os dias desde então. Era como se o homem que fitava e babava

fosse seu animal de estimação. Fora evacuado para o Acampamento Terror na semana anterior, bem agasalhado pelos outros fuzileiros e colocado cuidadosamente, quase imperialmente, em um tobogã individual especial feito para ele por Alex “Gordo” Wilson, o ajudante de carpinteiro. Os marinheiros não se opuseram à carga extra e se ofereceram para se revezar puxando o trenó do cadáver vivo pelo gelo e sobre as cristas de pressão até o Acampamento Terror.

Isso deixava Crozier com cinco fuzileiros: Daly, Hammond, Wilkes, Hedges e o sargento Soloman Tozer, de 37 anos, um idiota sem formação, mas agora oficial comandante do total de nove fuzileiros reais funcionais sobreviventes da expedição de sir John Franklin.

Depois da primeira hora nos arreios, o trenó pareceu deslizar mais facilmente, e Crozier entrara no ritmo ofegante que se passava por respiração ao puxar tanto peso morto por um gelo nada escorregadio.

Essas eram todas as categorias de homens em que Crozier conseguia pensar. Com exceção dos garotos, claro, aqueles jovens voluntários que entraram para a expedição no último minuto e foram registrados apenas como “Garotos”, embora dois ou três deles fossem adultos de 18 anos de idade. Robert Golding tinha 19 quando zarparam.

Três dos quatro “garotos” haviam sobrevivido, embora o próprio Crozier tivesse sido obrigado a carregar o inconsciente George Chambers dos compartimentos em chamas do carnaval na noite do incêndio. A única fatalidade entre os garotos fora Tom Evans, o mais jovem em aparência, bem como em idade; a coisa do gelo pegara o camarada literalmente sob o nariz do capitão Crozier enquanto eles estavam no gelo caçando o sumido William Strong.

George Chambers, embora tivesse recobrado a consciência dois dias depois do carnaval, nunca mais fora o mesmo. Um sujeito brilhante antes de seu encontro com a coisa, ele fora reduzido pela concussão que teve a um nível de inteligência inferior até mesmo ao de Magnus Manson. George não era um cadáver vivo como o soldado Heather – conseguia obedecer a ordens simples segundo o ajudante de contramestre do *Erebus* –, mas raramente falou depois daquela terrível véspera de Ano-Novo.

Darcy Leys, um dos homens mais experientes da expedição, foi outro a sobreviver fisicamente a dois encontros com a coisa branca do gelo, mas que se tornara tão inútil quanto o literalmente descerebrado soldado Heather. Depois da noite em que a coisa branca encontrara Leys e John Handford de sentinela e depois perseguira o mestre do gelo Thomas Blanky pela escuridão, Leys retornara a seu estado anterior de olhar perdido, e nunca mais saíra dele. Fora transportado para o Acampamento Terror – com os gravemente feridos ou doentes demais para andar, como o camareiro de Fitzjames, Hoar – enrolados em casacos e enfiados em um dos barcos sendo arrastado no alto de um trenó. Agora havia homens demais doentes de escorbuto, ferimentos ou moral baixo que eram de pouca utilidade para Crozier ou Fitzjames. Mais bocas para alimentar e corpos para arrastar com eles quando os homens estavam famintos, doentes e incapazes de andar.

Cansado, se dando conta de que não dormira de verdade nas duas noites anteriores, Crozier tentou contar os mortos.

Seis oficiais do *Erebus*. Quatro mortos do *Terror*.

Todos os três suboficiais do *Erebus*. Zero do *Terror*.

Um oficial não comissionado do *Erebus*. Um do *Terror*.

Apenas um marinheiro do *Erebus*. Quatro do *Terror*.

Isso dava vinte mortos, sem contar os três fuzileiros e o garoto Evans. Vinte e quatro homens já perdidos na expedição. Uma perda assustadora – maior do que qualquer uma de que Crozier se lembrava de qualquer expedição ártica na história naval.

Mas havia um número mais importante, e um no qual Francis Rawdon Moira Crozier tentava se concentrar: 105 almas ainda aos seus cuidados.

Cento e cinco homens vivos, incluindo ele mesmo, naquele dia em que fora obrigado a abandonar o HMS *Terror* e cruzar o gelo.

Crozier baixou a cabeça e se lançou mais nos arreios. O vento começara e soprava neve ao redor deles, obscurecendo o trenó à frente, escondendo de vista os fuzileiros andando.

Ele tinha certeza da contagem? Vinte homens, sem contar os três fuzileiros e um garoto? Sim, ele estava certo de que o tenente Little e ele haviam verificado o registro naquela manhã e confirmado 105 homens divididos entre

grupos de trenós, Acampamento Terror e HMS *Terror* naquela manhã... mas tinha certeza? Havia esquecido alguém?

Sua soma e subtração estavam certas? Crozier estava muito, muito cansado. Francis Crozier poderia se atrapalhar na contagem um pouco – ele não dormira nada em duas, não, três noites –, mas não esquecera rosto ou nome de nenhum homem. Nem nunca esqueceria.



– Capitão!

Crozier saiu do transe em que mergulhava enquanto puxava trenós. Naquele momento ele não poderia dizer a ninguém se estava nos arreios havia uma hora ou seis. O mundo se tornara o brilho do sol frio no céu a sudeste, os cristais de gelo voando, a nuvem de seu hálito, a dor em seu corpo, o peso dividido atrás dele, a resistência do gelo marinho e da neve fresca, e acima de tudo o céu estranhamente azul com nuvens brancas esfarrapadas se retorcendo de todos os lados como se caminhassem em uma tigela de borda azul e branca.

– Capitão! – era o tenente Little gritando.

Crozier se deu conta de que os outros puxadores haviam parado. Todos os trenós estavam parados no gelo.

À frente dele, a sudeste, talvez um quilômetro e meio além da próxima crista de pressão com gelo empilhado, um navio de três mastros se deslocava de norte para o sul. As velas estavam recolhidas e enroladas, as vergas preparadas para ancoragem, mas ainda assim ele se movia, como se em uma corrente forte, deslizando lenta e majestosamente pelo que devia ser uma larga avenida de mar aberto logo além da alta crista seguinte.

Resgate. Salvação.

A firme chama azul da esperança no peito doído de Crozier brilhou mais por alguns segundos deliciosos.

O mestre do gelo Thomas Blanky, a perna de madeira enfiada em algo parecido como uma bota de madeira concebida pelo carpinteiro Honey, se aproximou de Crozier e disse:

– Uma miragem.

– Claro – disse o capitão.

Ele reconhecera quase imediatamente os mastros e o massame de canhoneira do HMS *Terror*, embora em meio a cintilações, ar se movendo e por alguns segundos uma confusão chegando à vertigem, Crozier tivesse pensado em se de alguma forma haviam conseguido se perder, virar e estivessem seguindo de volta rumo noroeste para o navio que tinham abandonado horas antes.

Não. Ali estavam as velhas trilhas de trenó, cobertas em alguns pontos, mas cavadas fundo no gelo por mais de um mês de deslocamentos de um lado para outro, indo diretamente para a alta crista de pressão com sua passagem estreita aberta com picaretas e pás. E o sol ainda estava à frente e à direita deles, fundo ao sul. Além da crista de pressão os três mastros cintilaram, se dissolveram brevemente e então retornaram mais sólidos que nunca, só que de cabeça para baixo, com o casco do *Terror* enterrado no gelo se fundindo ao céu de cirros brancos.

Crozier, Blanky e muitos dos outros haviam visto aquele fenômeno muitas vezes antes – coisas falsas no céu. Anos antes, em uma bela manhã de inverno congelado no litoral da massa de terra que estavam chamando de Antártida, Crozier vira um vulcão soltando fumaça – aquele batizado com o nome do navio – se erguer de cabeça para baixo do mar sólido ao norte. Em outro momento, naquela mesma expedição, na primavera de 1847, Crozier chegara ao convés e encontrara esferas negras flutuando no céu ao sul. As esferas transformaram-se em oitos sólidos, depois se dividiram novamente no que parecia uma projeção simétrica de balões de ébano, e então, no curso de um quarto de hora, evaporaram totalmente.

Dois marinheiros do terceiro trenó haviam literalmente caído na trilha e estavam de joelhos na neve sulcada. Um homem chorava alto e o outro iniciara uma sequência dos xingamentos de marinheiro mais criativos que Crozier já ouvira – e o capitão ouvira muitos ao longo das décadas.

– Maldição! – berrou Crozier. – Vocês já viram miragens árticas antes. Parem com esse choro e esse xingamento ou estarão puxando esse maldito trenó sozinhos e eu estarei sentado nele com uma bota em cada um dos seus

traseiros. Fiquem de pé, por Deus! Vocês são homens, não moleirões. Comportem-se, cacete!

Os dois marinheiros ficaram de pé e desajeitadamente espanaram cristais de gelo e neve. Crozier não conseguiu identificá-los imediatamente pelos trajes e gorros galeses, mas não quis.

A procissão de trenós recomeçou novamente com muitos grunhidos, mas sem xingamentos. Todos sabiam que a crista de pressão à frente, por mais sulcada que tivesse sido por inúmeras viagens anteriores nas semanas que se passaram, ainda seria uma surra infernal. Eles teriam de levantar e passar os pesados trenós os últimos quatro metros e meio de grande inclinação entre os perigosos penhascos de 18 metros de cada lado. A ameaça de blocos de gelo despencando seria muito real então.

– É como se existisse um Deus soturno que quer nos atormentar – disse Thomas Blanky quase alegremente. O mestre do gelo não tinha obrigação de puxar, e continuava a mancar junto com Crozier.

O capitão não respondeu a isso, e depois de um minuto Blanky voltou a mancar ao lado de um dos fuzileiros das laterais.

Crozier pediu que um dos homens extras tomasse seu lugar nos arreios – algo que eles haviam ensaiado fazer sem deter o movimento à frente dos trenós – e quando este assumiu, ele saiu dos sulcos e conferiu o relógio. Estavam puxando havia cinco horas. Olhando para trás, Crozier viu que o *Terror* de verdade estava fora de vista havia algum tempo, pelo menos oito quilômetros e várias cristas de pressão baixas atrás deles. A miragem havia sido a oferenda final de algum deus Ártico malvado que parecia querer atormentar todos eles.

Ainda líder daquela expedição condenada, Francis Rawdon Moira Crozier se deu conta pela primeira vez de que não era mais capitão de um navio do Serviço de Descobertas da Marinha Real de Sua Majestade. Aquela parte de sua vida – e ser um marinheiro e oficial naval fora sua vida desde que era garoto – acabara para sempre. Após ser responsável por perder tantos homens e seus dois navios, ele sabia que o Almirantado nunca daria a ele outro comando. Em termos de sua longa carreira naval, Crozier sabia, naquele momento ele era um morto que andava.

Eles ainda estavam a dois dias duros de arrasto do Acampamento Terror. Crozier fixou o olhar na alta crista de pressão à frente e prosseguiu.

GOODSIR

Lat. 69° 37' 42" N., Long. 98° 41' W.

22 de abril de 1848

Do diário particular do dr. Harry D. S. Goodsir:

22 de abril de 1848

Estou há quatro dias neste lugar que chamamos de Acampamento Terror. Acredito que ele justifica o nome.

O capitão Fitzjames está Encarregado dos sessenta homens aqui, incluindo Eu mesmo.

Confesso que quando cheguei de trenó ao ponto de ver este lugar semana passada, a primeira Imagem que me ocorreu foi algo saído da Ilíada de Homero. O campo está instalado ao longo da margem de uma ampla enseada a cerca de três Quilômetros ao sul de um moledro erguido há quase duas Décadas em ponto Victory por James Clark Ross. É um pouco mais Abrigado de Vento e Neve soprando da banquisa aqui.

Talvez cenas da Ilíada fossem evocadas pelos 18 barcos compridos colocados em fila à margem do gelo marinho – quatro barcos de lado no cascalho, os outros 14 Barcos amarrados na posição correta nos trenós.

Atrás dos Barcos estão vinte barracas, variando em Tamanho das pequenas barracas Holland do Modelo que usamos quase um Ano Atrás quando acompanhei o falecido tenente Gore ao ponto Victory – cada Holland é grande o suficiente para que seis homens durmam, três por saco nos sacos de dormir cobertor-roupão de pele de Lobo com um metro e meio de largura – até as barracas um pouco maiores

feitas pelo fabricante de velas, Murray, incluindo barracas para o capitão Fitzjames e o capitão Crozier e seus camareiros pessoais, e as duas maiores, cada uma aproximadamente do mesmo tamanho das Grandes Cabines de Erebus e Terror, uma servindo de Enfermaria, a outra como Barraca de Rancho dos marinheiros. Há outras barracas de refeitório para suboficiais, oficiais não comissionados e os oficiais e seus equivalentes civis, como o engenheiro Thompson e Eu mesmo.

Ou talvez a Ilíada tenha sido evocada porque quando alguém se aproxima do Acampamento Terror à Noite – e todos os Grupos de Trenó vindos do HMS Terror para o Acampamento que chegaram depois de escurecer no seu Terceiro Dia – se impressiona inicialmente com o número de fogueiras. Não há madeira para queimar, claro, a não ser um pouco de carvalho reserva levado do Erebus esmagado exatamente com esse Objetivo, mas muitos dos Últimos sacos de Carvão Remanescentes foram transportados sobre o gelo desde os Navios no mês passado, e muitas dessas Fogueiras de carvão queimavam quando vi o Acampamento Terror pela primeira vez. Algumas estavam em Círculos de Fogo feitos de pedras. Alguns nos quatro altos braseiros salvos do Incêndio do Carnaval.

O efeito era de chamas e luz, ampliadas por eventuais archotes e lamparinas.

Após passar vários dias no Acampamento Terror, decidi que o lugar parece mais um Acampamento Pirata que qualquer acampamento de Aquiles, Odisseu, Agamenon e os outros Heróis Homéricos. As roupas dos Homens estão rasgadas, desgastadas e repetidamente consertadas. A maioria está Doente, Mancando ou ambos. Seus rostos são Pálidos sob barbas algumas vezes Densas. Os olhos fitam de Órbitas Fundas.

Eles caminham ou cambaleiam com suas Facas penduradas de cintos grosseiros passados sobre as Roupas exteriores em Bainhas ruidosas feitas de Bainhas de Baionetas cortadas. Foi ideia do capitão Crozier, assim como os óculos improvisados com telas que os homens usam em dias ensolarados para protegê-los de cegueira. O efeito geral é de um grupo de Rufiões esfarrapados.

E a maioria agora apresenta sinais de Escorbuto.

Tenho estado muito ocupado na Barraca da Enfermaria. As equipes de trenó gastaram a Energia Extra para puxar uma Dúzia de Leitos com eles sobre o gelo e por cima das Assustadoras Cristas de Pressão (Mais dois leitos extras para as

barracas de seus capitães), mas no momento temos vinte homens na Enfermaria, então oito estão em Colchões de Cobertores colocados sobre o próprio solo gelado. Três lamparinas a óleo nos dão a Iluminação durante as longas noites.

A maioria dos homens que dorme na Enfermaria caiu com escorbuto, mas nem todos. O sargento Heather voltou aos meus cuidados, trazendo o soberano de ouro que o dr. Peddie aparafusara em seu crânio para substituir o osso Arrancado com parte do cérebro pela Coisa do Gelo. Os fuzileiros passaram meses cuidando de Heather e planejavam continuar a fazer isso aqui no Acampamento Terror – o sargento foi transportado para cá em seu Próprio Pequeno Trenó projetado pelo sr. Honey –, mas um possível Frio durante os três dias e noites de Travessia produziu uma Pneumonia. Desta vez eu não espero que o sargento fuzileiro, que tem sido um perturbador Milagre de Sobrevivência, Sobreviva muito mais.

Também está aqui David Leys, cujos colegas tripulantes chamam de Davey. Seu quadro catatônico não mudou em Meses, mas depois da Travessia desta semana – ele Cruzou em meu grupo – ele não consegue engolir nem mesmo o Mingau mais Ralo ou água. Hoje é sábado. Não espero que Leys esteja vivo a esta hora de quarta-feira.

Por causa do Grande Esforço de arrastar os barcos e tanto Material do Navio para a Ilha – por sobre cristas de pressão que eu tive Dificuldade em escalar mesmo quando não puxando nos arreios – houve o complemento habitual de hematomas e Ossos Quebrados com o qual lidar. Entre eles uma fratura múltipla grave no braço do marinheiro Bill Shanks. Eu mantive o homem aqui após alinhar os ossos com medo de sépsis. (A carne e a pele foram perfuradas por fragmentos de osso afiados em dois pontos.)

Mas o Escorbuto continua a ser o Maior Assassino à espreita nesta barraca.

O sr. Hoar, camareiro pessoal do capitão Fitzjames, pode muito bem ser o primeiro Homem a Morrer disso Aqui. Ele já não fica Consciente grande parte do dia. Assim como Leys e Heather, teve de ser arrastado pelos quarenta quilômetros que separam nosso Navio condenado deste Acampamento Terror.

Edmund Hoar é um exemplo precoce, mas Típico, da evolução desta doença. O camareiro do capitão é um Homem Jovem – fará 27 em pouco mais de duas semanas, em 9 de maio. Se sobreviver tanto.

Para um camareiro, Hoar é um homem grande – um metro e oitenta –, e pelo que pareceu ao cirurgião-chefe Stanley e a mim, estava com boa saúde quando a Expedição zarpou. Era rápido, inteligente, alerta, esforçado em seus Deveres, e atipicamente atlético para um camareiro. Durante os Jogos de corrida e arrasto realizados com frequência no gelo da ilha Beechey no inverno de 1845-46, Hoar com frequência era o vencedor e líder de suas várias equipes.

Ele teve sintomas leves de Escorbuto desde o outono passado – cansaço, letargia, Confusão cada vez mais frequentes –, mas a doença se tornou mais Proeminente depois da Debacle do Carnaval Veneziano. Continuou atendendo ao capitão Fitzjames mais de 16 horas por dia até fevereiro, mas finalmente sua saúde deteriorou.

O primeiro Sintoma evidente no caso do sr. Hoar foi quando os homens no castelo de proa começaram a chamá-lo de Coroa de Espinhos.

Sangue começou a brotar nos cabelos de Edmund Hoar. E não apenas dos cabelos em sua cabeça. Primeiramente seus gorros, depois suas Camisetas e então suas Roupas de Baixo ficavam sujas de Sangue todos os dias.

Eu observei isso cuidadosamente, e o sangue no Couro Cabeludo vem dos próprios folículos. Alguns dos Marinheiros tentavam evitar esse Sintoma Precoce raspando as cabeças, mas claro que isso não é bom. Com gorros galeses, quepes, cachecóis e agora travesseiros ficando encharcados do sangue da Maioria dos homens, os marinheiros e oficiais começaram a usar Toalhas sob as peças na cabeça, repousando a cabeça nelas à noite.

Isso, claro, não Alivia o Constrangimento e Desconforto de sangrar de todos os Pontos com pelos.

As hemorragias começaram a aparecer sob a pele do camareiro Hoar em janeiro. Embora os Jogos Exteriores fossem uma Lembrança distante então e os deveres do sr. Hoar raramente o levassem longe do Navio ou exigissem Grande Esforço Físico, a menor batida ou contusão aparecia em seu Corpo como uma enorme mancha vermelha e azul. Ela não curava. Um arranhão de descascar batatas ou cortar carne permanecia aberto e sangrando durante semanas.

No final de janeiro, as pernas do sr. Hoar haviam inchado até o Dobro do Tamanho Normal. Ele teve de pegar emprestadas Calças imundas de tripulantes maiores só para permanecer vestido enquanto atendia ao seu capitão. Não

conseguia dormir por causa da Dor crescente em suas Articulações. No começo de março, qualquer movimento era uma Agonia para Edmund Hoar.

Ao longo de março, Hoar insistiu em que não podia permanecer na Enfermaria do Erebus – que tinha de retornar aos seus aposentos e servir e cuidar do capitão Fitzjames. Seus cabelos louros estavam sempre cheios de sangue seco. Os braços, pernas e rosto inchados começaram a parecer uma Massa clara. Todo dia que eu verificava, sua pele havia Perdido mais Elasticidade; na semana antes do Erebus ser esmagado, eu podia enfiar o dedo fundo na carne de Edmundo Hoar e a depressão ficava ali permanentemente, o novo Hematoma se espalhando e unindo a uma colcha de retalhos de Hemorragias anteriores.

Em meados de abril, o corpo inteiro de Hoar se tornara uma massa Inchada e Disforme. O rosto e as mãos estavam Amarelos de icterícia. Os olhos eram Amarelo-Brilhantes, tornados ainda mais chocante pelo sangramento das sobrancelhas.

A despeito do esforço do meu assistente e de mim mesmo para virar e mover o paciente diversas vezes por Dia, quando o carregamos para fora do Erebus moribundo, Hoar estava coberto de escaras que se tornaram úlceras marrons arroxeadas que nunca paravam de Supurar. Seu rosto, especialmente ao lado de Nariz e Boca, também estava ulcerado, constantemente vazando Pus e Sangue.

Pus de uma vítima de Escorbuto tem um fedor extraordinariamente medonho.

Quando transferimos o sr. Hoar para o Acampamento Terror, ele perdera todos os dentes menos dois. E esse era um homem que – no Natal – exibira o sorriso mais saudável entre todos os jovens da Expedição.

As gengivas de Hoar enegreceram e recuaram. Ele permanece consciente poucas horas por dia e sente uma Dor Terrível cada segundo desse tempo. Quando abrimos sua boca para alimentá-lo o Fedor é quase insuportável. Como não podemos lavar Toalhas, cobrimos seu Catre com um tecido de vela que agora está Preto de Sangue. Suas roupas congeladas e imundas também estão Duras com Sangue seco e Crostas de Pus.

Por mais terrível que sejam sua Aparência e seu Sofrimento, o Fato mais Terrível é que Edmund Hoar pode continuar assim – Piorando a cada Dia – por mais Semanas ou mesmo Meses. O Escorbuto é um assassino Insidioso. Ele Tortura por muito tempo antes de conceder à vítima a paz final. Quando alguém morre de

Escorbuto, o Parente mais próximo com frequência não consegue reconhecer o Sofredor e não sobra muito da mente do Sofredor para reconhecer o parente.

Mas isso não é um problema aqui. Com a Exceção de irmãos servindo juntos nesta Expedição – e Thomas Hartnell perdeu seu irmão mais velho na Ilha Beechey – não há parentes que venham aqui ao gelo ou a esta Terrível Ilha de vento, neve, gelo, raios e neblina. Não há ninguém para nos identificar quando cairmos, muito menos para nos Enterrar.

Doze dos homens na Enfermaria estão morrendo de Escorbuto, e mais de Dois terços dos 105 sobreviventes, incluindo eu mesmo, temos um ou mais sintomas disso.

Ficaremos sem o suco de limão – nosso antiescorbútico de maior sucesso, embora sua Eficácia tenha declinado constantemente no ano passado – em menos de uma semana. A única Defesa que teremos então será Vinagre. Há uma semana – na Barraca de provisões no gelo diante do HMS Terror – eu pessoalmente comandi a decantação do volume remanescente de vinagre de barris para 18 Barriletes Menores – um para cada barco levado de trenó para o Acampamento Terror.

Os homens odeiam vinagre. Diferentemente do suco de limão, cujo amargor pode ser um pouco disfarçado com Açúcar, Água ou mesmo Rum, o Vinagre tem gosto de veneno para homens cujo palato já foi ferido pelo Escorbuto que cresce em seus sistemas.

Oficiais que comeram mais os Alimentos Enlatados Goldner que os marinheiros – estes comeram mais seu adorado (embora rançoso) Porco Salgado e Carne até esses barris estarem vazios – parecem mais propensos a cair de cama com sintomas avançados de Escorbuto que os marinheiros comuns.

Isso confirma a teoria do dr. McDonald de que falta algum Elemento vital – ou está presente algum Veneno – nas carnes, nos legumes e nas sopas puramente enlatados em oposição a víveres estragados, mas antes frescos. Se houver alguma forma milagrosa de descobrir esse Elemento – venenoso ou salvador – eu não apenas teria uma boa Chance de salvar esses homens, possivelmente até o sr. Hoar, mas uma excelente Chance de ser feito Cavaleiro quando formos resgatados ou chegarmos a porto seguro por conta própria.

Mas não há como fazer isso considerando nossas atuais Condições e minha falta de qualquer Aparato Científico. O melhor que posso fazer é insistir para que os

homens comam qualquer carne fresca que nossos caçadores abatam e tragam – mesmo a banha e testículos, sinto, contra toda a lógica, podem nos fortalecer contra o escorbuto.

Mas nossos caçadores não encontraram nenhum animal para abater. E o gelo está grosso demais para ser cortado para pesca.

Noite passada, o capitão Fitzjames veio, como faz no começo e no final de seus longos Dias, e depois da habitual ronda entre os homens adormecidos, me perguntando sobre as Mudanças no Quadro de cada um, eu fui Direto o bastante para fazer a ele a pergunta na qual estive pensando por muitas semanas.

Capitão, eu disse, entendo se estiver ocupado demais para responder, ou se preferir não fazê-lo, já que é uma pergunta de ignorante, não há dúvida, mas estive pensando por algum tempo: por que 18 barcos? Parecemos ter trazido Todos os Barcos de Erebus e Terror, mas temos apenas 105 homens.

O capitão Fitzjames disse: Faça a gentileza de vir aqui fora comigo, dr. Goodsir.

Eu disse a Henry Lloyd, meu Cansado Assistente, para cuidar dos homens e segui o capitão Fitzjames para fora. Eu percebera na Barraca da Enfermaria que sua Barba, que eu achava estar ficando ruiva, na verdade era basicamente grisalha, apenas margeada por Sangue seco.

O capitão levava uma Lanterna extra da Enfermaria, e abriu caminho com ela até a Praia de cascalho. Não havia Mar Escuro como Vinho batendo nas Pedras daquela Praia, claro. Em vez disso, a pilha de Altos Icebergs costeiros que formava uma Barreira entre nós e a Banquisa ainda tomava o Litoral.

O capitão Fitzjames passou a lanterna erguida pela comprida fila de barcos. Depois perguntou: O que o senhor vê, doutor?

Barcos, arrisquei, me sentindo totalmente o ignorante que me acusara de ser.

Pode dizer a diferença entre eles, dr. Goodsir?

Eu olhei mais atentamente à luz da lanterna.

Estes quatro primeiros não estão sobre trenós, eu disse. Eu percebera isso logo na primeira noite em que chegara ali. Não tinha ideia de por que era o caso, quando o sr. Honey tivera tanto Cuidado para fazer trenós especiais para o resto. A mim parecera Puro Descuido.

O senhor está certo, *disse o capitão Fitzjames*. Estes quatro são nossas baleeiras do *Erebus* e do *Terror*. Nove metros de comprimento. Mais leves que os Outros. Muito fortes. Seis remos, cada. Com extremidades duplas como canoas... está vendo agora?

Agora eu via. Eu nunca percebera que as baleeiras pareciam ter duas proas, como uma canoa.

Se tivéssemos dez baleeiras tudo seria perfeito, *continuou o capitão*.

Por que é assim?, *perguntei*.

Elas são fortes, doutor. Muito fortes. E leves, como disse. E pudemos empilhar Suprimentos nelas e arrastá-las sobre o Gelo sem precisar construir Trenós como fizemos para os Outros. Se encontrarmos Mar Aberto, podemos lançá-las diretamente do gelo.

Eu balancei a cabeça. Sabendo que o capitão Fitzjames me acharia um Tolo Completo assim que fizesse a pergunta, eu a fiz ainda assim: Mas por que as baleeiras podem ser arrastadas pelo gelo quando os outros não podem, capitão?

A voz do capitão não demonstrou qualquer impaciência quando respondeu: Está vendo o leme, doutor?

Eu olhei em cada extremidade, mas não vi. Confessei isso ao capitão.

Exatamente, *ele disse*. Baleeiras têm uma quilha baixa e nenhum leme fixo. Um remador na popa a orienta.

Isso é bom?, *perguntei*.

É se você quer um barco leve e resistente com Quilha rasa e nenhum Leme frágil para ser quebrado se estiver arrastando, *disse o capitão Fitzjames*. Perfeito para ser arrastado pelo gelo, embora tenha nove Metros de comprimento e possa transportar 12 Homens com espaço para Suprimentos.

Eu anuí como se entendesse. Quase entendia – mas estava muito cansado.

Está vendo seu mastro, doutor?

Eu olhei novamente. Novamente não consegui encontrar o que havia sido pedido a mim. Admiti isso.

É porque as baleeiras têm um único mastro desmontável, *disse o capitão*. Está dobrado sob a Lona que os homens Prenderam sobre as amuradas.

Eu notara a lona e a madeira cobrindo todos os barcos, *disse, para mostrar que não era totalmente distraído*. É para proteger da neve?

Fitzjames estava acendendo o cachimbo. Ele ficara sem Fumo havia muito. Não queria Saber o que estaria queimando ali.

As Cobertas de Barcos foram colocadas para proteger as Tripulações de todos os 18 barcos, embora talvez levemos apenas dez conosco, *ele disse suavemente. A maioria dos homens no acampamento dormia. Guardas marchavam friamente no limite da luz da lanterna.*

Estaremos sob aquela lona quando cruzarmos Mar Aberto até a embocadura do rio Great Fish de Back?, *perguntei. Eu nunca nos imaginara agachados sob Lona e madeira. Sempre nos imaginara remando alegremente à luz do sol.*

Podemos não usar os barcos no Rio, *ele disse, soprando nuvens aromáticas que cheiravam a excremento humano.* Se as águas ao longo do Litoral se abrirem este Verão, o capitão Crozier iria preferir que Velejássemos para a Segurança.

Até o Alasca e São Petersburgo?, *perguntei.*

Pelo menos até o Alasca, *disse o capitão.* Ou talvez a baía Baffin se as Passagens Costeiras levarem ao norte. *Ele deu alguns passos e balançou a lanterna mais perto dos Barcos em Trenós.* Conhece estes barcos, doutor?

Eles são diferentes, capitão? *Eu achava aquela terrível Fadiga um grande Estímulo à Honestidade sem Constrangimento.*

Sim, *disse Fitzjames.* Estes dois primeiros amarrados aos Trenós especiais do sr. Honey aqui são nossos cúteres. Certamente os notou quando estavam Amarrados no Convés ou no gelo junto aos Navios nestes últimos Três Invernos?

Sim, claro, *eu disse.* Mas está dizendo que são diferentes dos primeiros, as baleeiras?

Muito diferentes, *disse o capitão Fitzjames, reacendendo o cachimbo.* Percebe mastros nestes barcos, doutor?

Mesmo à luz fraca da lanterna eu podia ver dois mastros se erguendo de cada uma das embarcações. As lonas haviam sido Habilmente moldadas e cortadas e Costuradas ao redor deles. Conteí minha observação ao capitão.

Sim, muito bem, *ele disse. Não sou paternalista.*

Esses mastros desmontáveis não foram desmontados por algum motivo?, *perguntei, tanto para mostrar que estivera prestando atenção quanto por qualquer*

outro motivo.

Eles não são desmontáveis, dr. Goodsir. Estes mastros são Catitas... ou você talvez os conheça como Caranguejas. Permanentes. E vê lemes fixos neles? E as quilhas mais fundas?

Eu podia. Eu via. Os Lemes e Quilhas são o motivo pelo qual não podem ser Arrastados como as baleeiras?, *arrisquei.*

Exatamente. Diagnosticou o problema, doutor.

Os Lemes não poderiam ser removidos, capitão?

Possivelmente, dr. Goodsir, mas as quilhas fundas... elas teriam sido presas ou arrancadas pela primeira Crista de Pressão, não é?

Eu anuí novamente e coloquei minha mão enluvada na amurada. É minha imaginação ou esses quatro barcos são ligeiramente menores que as baleeiras?

O senhor de fato tem um olho bom, doutor. Oito metros e quarenta contra nove metros das baleeiras. E mais pesados... os cúteres são mais pesados. E com a popa quadrada.

Pela primeira vez notei que aqueles dois Barcos, diferentemente das baleeiras, decididamente tinham uma Proa e uma popa quadrada. Nada de Canoa ali. Quantos homens os cúteres levam?, *perguntei.*

Dez. E puxam oito Remos. Têm Espaço para alguns Suprimentos, e haverá Espaço para todos nós nos Encolhermos contra a Tempestade, mesmo em Mar Aberto, e com os dois mastros os Cúteres oferecerão o dobro de Lona ao vento que as baleeiras, mas os Cúteres não serão tão bons quanto as Baleeiras caso tenhamos de subir o rio Great Fish de Back.

Por que isso?, *perguntei, sentindo que já deveria saber, que ele já me contara.*

O calado maior, senhor. Vamos olhar os outros dois... os escaleres.

Não achei nada animador em nenhum dos barcos seguintes. Eles parecem mais compridos que os cúteres, *disse.*

Eles são, doutor. Nove Metros cada um... o mesmo Comprimento das nossas baleeiras. Porém mais pesados, doutor, mais Pesados ainda que os cúteres. Um grande Esforço com seus quatrocentos quilos. Trenós para arrastar pelo gelo... mesmo até aqui... eu garanto. O capitão Crozier pode preferir deixá-los aqui.

Eu perguntei: Então por que não ter deixado para trás nos navios?

Ele balançou a cabeça. Não. Precisamos escolher quais barcos serão melhores para permitir que cem homens sobrevivam várias semanas ou meses no mar, ou mesmo no rio. Sabia que aqueles barcos... todos aqueles barcos... precisam ser equipados de forma diferente para navegar no mar ou pegar o Vento rio acima, doutor?

Foi minha vez de balançar a cabeça.

Não importa, *disse o capitão Fitzjames*. Discutiremos as minúcias de equipagem para rio em oposição a equipagem para mar em outro momento, de preferência em um dia Ensolarado e Quente bem ao Sul daqui. Esses últimos oito Barcos... os Dois primeiros são pinaças, os Quatro seguintes são escaleres, e os Dois últimos são dingas.

As dingas parecem muito mais curtas, *eu disse*.

O capitão deu uma baforada em seu cachimbo literalmente execrável e anuiu como se eu tivesse revelado Alguma Pérola de Sabedoria das Escrituras Sagradas. Sim, ele disse com tristeza. As dingas têm apenas três metros e meio de Comprimento, em comparação com os oito metros e meio das pinaças e os seis e meio dos escaleres. Mas nenhum deles pode levar mastros, e têm poucos Remos. Os homens nesses Barcos passariam Maus Bocados caso fôssemos para Mar Aberto, temo. Não ficaria surpreso se o capitão Crozier escolher Deixá-los para Trás.

Eu pensei: Mar Aberto? A ideia de realmente navegar em qualquer daquelas embarcações em alguma coisa mais ampla que o rio Great Fish de Back, que eu imaginava meio como o Tâmis, nunca me ocorrera antes daquela noite, embora estivesse presente em vários conselhos de guerra discutindo essas possibilidades. A mim parecia, olhando para as Dingas e os Escaleres menores e de aparência bastante delicada amarrados a seus Trenós, que os homens indo ao mar deles estariam condenados a ver as Pinaças com seus Dois Mastros e as Baleeiras com seus Mastros Altos únicos simplesmente velejar para o horizonte.

Os homens naqueles Barcos Menores estariam simplesmente Condenados. Como as tripulações seriam escolhidas? Já teriam sido escolhidas, secretamente, pelos Dois Capitães?

E a qual barco – e qual Destino – eu havia sido designado?

Se levarmos os Barcos Menores, faremos um sorteio, *disse o capitão*. Os lugares em pinças, escaleres e baleeiras serão distribuídos de acordo com equipes de tração.

Eu devia ter olhado para ele alarmado.

O capitão Fitzjames riu – um riso que se transformou em um acesso de tosse – e tirou as cinzas do cachimbo batendo na Bota. O vento aumentava, e estava muito frio. Eu não tinha ideia da hora – algo depois de meia-noite. Estava escuro havia pelo menos sete horas.

Não se preocupe, doutor, *ele disse suavemente*. Não estava lendo sua mente. Apenas sua expressão. Como digo, iremos Tirar a Sorte para os barcos menores, mas poderemos não pegar os Barcos Menores. De qualquer forma, não deixaremos ninguém para trás. Vamos amarrar os barcos juntos no Mar Aberto.

Eu sorri com isso, esperando que o capitão pudesse ver meu sorriso à luz da lanterna, mas não minhas Gengivas Sangrando. Não sabia que barcos a vela podiam ser presos a outros barcos sem vela, *disse, demonstrando minha ignorância*.

Na maioria das vezes não podem, *disse o capitão Fitzjames*. *Ele me tocou de leve nas costas, um toque que mal pude sentir através de minhas Roupas externas*. Agora que você aprendeu os Segredos Náuticos de todos os 18 Barcos que podem ser nossa pequena Frota, doutor, podemos voltar? Está bastante frio, e preciso de algum Sono antes de me levantar às Quatro Badaladas para conferir a Sentinela.

Eu mordi os lábios, sentindo gosto de sangue. Tenho uma última pergunta, capitão, caso não se importe.

De modo algum.

Quando o capitão Crozier irá escolher o barco que usaremos e quando colocará esses barcos na água?, *perguntei*. *Minha voz estava muito rouca*.

O capitão se moveu ligeiramente e ficou silhuetado sobre a luz da fogueira perto do Refeitório dos Marinheiros. Eu não podia ver seu rosto.

Não sei, dr. Goodsir, *disse finalmente*. Duvido que o capitão Crozier pudesse lhe dizer. A senhora Sorte pode estar conosco e o Gelo irá se romper em algumas Semanas... caso isso aconteça, eu mesmo o levarei à ilha Baffin.

Ou poderemos estar lançando algumas dessas embarcações contra a corrente na Embocadura do rio Great Fish em três meses... É concebível que ainda haja tempo para chegar ao Grande Lago do Escravo e ao posto avançado lá antes que o Inverno se consolide, mesmo que demore até julho para chegar ao Rio.

Ele deu um tapinha na lateral curva da pinaça mais perto dele. Senti um estranho orgulho silencioso de ser capaz de identificá-la como uma pinaça.

Ou talvez fosse um dos dois escaleres.

Tentei não pensar na condição de Edmund Hoar e o que isso pressagiava para o resto de nós caso não começássemos a aventura de 1.400 quilômetros subindo o rio de Back... o rio que eles também chamam de Great Fish... por mais três meses. Quem poderia ainda estar Vivo se um barco chegasse ao Grande Lago do Escravo meses depois disso?

Ou, *ele disse suavemente*, caso a Senhora Sorte não esteja conosco, esses cascos e quilhas poderão nunca sentir água sob eles novamente.

Não havia nada a dizer a isso. Era nossa Sentença de Morte. Dei as costas à luz para caminhar de volta à Barraca da Enfermaria. Eu respeitava o capitão Fitzjames e não queria que ele visse meu rosto naquele momento.

A mão do capitão Fitzjames pousou em meu ombro, me detendo.

Se esse for o caso, ele diz, a voz vigorosa, teremos de *andar* para casa, cacete, não é mesmo?

CROZIER

*Lat. 69° 37' 42" N., Long. 98° 41' W.
22 de abril de 1848*

Puxando na direção do pôr do sol Ártico, o capitão Crozier conhecia a matemática do seu purgatório. Treze quilômetros no primeiro dia no gelo até Acampamento no Mar Um. Quatorze e meio no seguinte, se tudo fosse bem, terminando com uma chegada à meia-noite no Acampamento no Mar Dois. Treze quilômetros – incluindo alguns dos mais difíceis perto do litoral onde os trenós tinham de ser puxados por cima da barreira onde a banquisa se encontrava com o gelo do litoral – no terceiro e último dia.

As duas tripulações estariam juntas pela primeira vez. Se as equipes de trenó de Crozier sobrevivessem a essa travessia do gelo – e continuassem à frente da coisa que os seguia no gelo – todos os 105 homens estariam juntos no litoral noroeste da ilha, açoitado pelo vento.

As primeiras viagens de trenó até a Terra do Rei Guilherme em março – a maioria na escuridão – tinham avançado tão lentamente que com frequência os homens com seus trenós haviam passado a primeira noite no gelo à vista do navio. Certo dia, com uma tempestade soprando do sudeste sobre seus rostos, o tenente Le Vesconte havia coberto menos de um quilômetro e meio após 12 horas de esforço constante.

Mas era muito mais fácil à luz do sol com a trilha de trenós criada e o caminho através de cristas de pressão reduzido em dificuldade quando não realmente nivelado.

Crozier não queria terminar na Terra do Rei Guilherme. Suas visitas a ponto Victory não o haviam convencido, a despeito da enorme descarga de comida e equipamento lá e da preparação de círculos de barracas, de que os homens poderiam sobreviver ali muito tempo. O clima que soprava quase sempre de noroeste era assassino no inverno, atroz na primavera e no breve outono, e uma ameaça à vida no verão. A experiência do falecido tenente Gore com violentas tempestades de raios na primeira visita à massa de terra no verão de 1847 havia se repetido naquele verão e começo de outono. Uma das primeiras coisas que Crozier autorizara que fossem transportadas para terra no verão anterior haviam sido os para-raios extras, com suportes de cortina de latão dos aposentos de sir John para improvisar mais.

Até o esmagamento do *Erebus* no último dia de março, Crozier tivera esperança de que pudessem zarpar para o litoral leste da península Boothia, os possíveis víveres lá em Fury Beach e o provável avistamento por baleeiros vindo da baía de Baffin. Como o velho John Ross, eles iriam caminhar ou seguir por barco ao longo do litoral leste de Boothia até a ilha Somerset ou mesmo ilha Devon novamente caso precisassem. Mais cedo ou mais tarde, veriam um navio no estreito de Lancaster.

E havia aldeias esquimós naquela direção. Crozier tinha certeza disso – ele as vira em sua primeira viagem ao Ártico com William Edward Parry em 1819 quando tinha 22 anos de idade. Voltara ao mar novamente com Parry dois anos depois em um esforço para encontrar a Passagem, e novamente dois anos depois disso, ainda procurando a Passagem Noroeste – uma busca que mataria sir John Franklin 26 anos depois.

E ainda pode nos matar a todos, pensou Crozier, depois sacudindo a cabeça para afastar o pensamento derrotista.

O sol estava muito perto do horizonte sul. Pouco antes que se pusesse, eles iriam parar e fazer uma refeição fria. Depois recolocariam os arreios e caminhariam mais seis a oito horas por entre a tarde profunda e a escuridão noturna para chegar ao Acampamento no Mar Um e pouco mais de um terço da distância até a Terra do Rei Guilherme e o Acampamento Terror.

Não havia som a não ser o ofegar dos homens, o rangido de couro e o atrito dos deslizadores. O vento morrera totalmente, mas o ar estava ainda

mais frio com a redução do sol crepuscular da tarde. Cristais de gelo da respiração pairavam acima da procissão de homens e trenós como esferas de ouro caindo lentamente.

Caminhando perto do começo da linha agora que se aproximavam da alta crista de pressão, pronto para ajudar a puxar, erguer, empurrar e xingar em voz baixa, Crozier olhou na direção do sol que se punha e pensou em como ele tentara encontrar um caminho para Boothia e as baleeiras a partir da baía de Baffin.

Aos 31 anos, Crozier acompanhara o capitão Parry até aquelas águas árticas uma quarta e última vez, essa para chegar ao Polo Norte. Havia conseguido um recorde de “norte mais distante” que resistira facilmente até aquele dia, mas acabaram finalmente detidos por uma banquisa sólida que se estendia até os limites norte do mundo. Crozier já não acreditava no Mar Aberto Polar: quando alguém finalmente chegasse ao polo, ele estava certo de que seria por trenó. Talvez trenós puxados por cães, como os esquimós preferiam viajar.

Crozier vira os nativos e seus trenós leves – não trenós de verdade pelos padrões da Marinha Real, mas pequenos deslizadores frágeis – deslizando atrás daqueles estranhos cachorros na Groelândia e ao longo do lado leste da ilha Somerset. Eles se moviam muito mais rápido do que a equipe de Crozier era capaz com tração humana. Contudo, muito mais determinante em seu plano de seguir o máximo possível para leste era o fato de que os esquimós estavam em algum lugar ali a leste em Boothia ou além. E, como lady Silêncio, que eles haviam visto avançar para o Acampamento Terror seguindo as equipes de trenó dos tenentes Hodgson e Irving mais cedo naquela semana, aqueles nativos sabiam caçar e pescar para eles naquele mundo branco esquecido por Deus.

Após Irving ter lhe relatado no começo de fevereiro a dificuldade do jovem tenente em seguir lady Silêncio ou se comunicar com ela sobre onde e como conseguia a carne de foca e peixe que Irving jurara ter visto com ela, Crozier pensou em ameaçar a vida da garota com pistola ou faca para obrigá-la a mostrar a eles como encontrava comida fresca. Mas no fundo ele sabia como tal ameaça terminaria – a boca sem língua da jovem esquimó permaneceria firmemente fechada e seus enormes olhos escuros iriam encarar sem piscar

Crozier e seus homens até ele ter de recuar ou cumprir a ameaça. Nada seria conseguido.

Então deixou que ela ficasse em sua pequena casa de neve que Irving descrevera e permitiu que o sr. Diggle eventualmente desse a ela biscoitos e migalhas. O capitão tentara tirá-la da cabeça. O fato de que ele ficara chocado ao ser lembrado de que ainda estava viva quando a sentinela relatou tê-la visto seguindo algumas centenas de metros atrás da viagem de revezamento de Hodgson e Irving até o Acampamento Terror na semana anterior mostrara a Crozier que ele tivera sucesso em não pensar na jovem. Mas sabia que ainda sonhava com ela.

Se Crozier não estivesse tão cansado poderia ter sentido um pequeno orgulho no projeto e durabilidade dos vários trenós que os homens puxavam sobre o gelo na direção sudeste.

Em meados de março, antes mesmo da certeza de que o *Erebus* iria se partir com a pressão crescente, ele colocara o sr. Honey, o carpinteiro sobrevivente da expedição, e seus ajudantes, Wilson e Watson, trabalhando dia e noite para projetar e construir trenós que pudessem carregar os barcos do navio, bem como equipamento.

Assim que os primeiros protótipos de grandes trenós de carvalho e latão foram concluídos naquela primavera, Crozier colocou os homens no gelo para testá-los e aprender as melhores formas de arrastá-los. Fizera os aparelhadores, contramestres e mesmo pessoal da gávea trabalhar constantemente no projeto dos arreios para dar aos homens que puxavam o melhor resultado com a menor interrupção de movimento e respiração. Em meados de março os projetos foram definidos, mais trenós eram construídos e parecia que um projeto de arreios para 11 homens para os trenós maiores com barcos e sete homens para os trenós menores de suprimentos seria o melhor.

Isso fora para as travessias iniciais de suprimentos ao Acampamento Terror na Terra do Rei Guilherme. Se eles passassem para o gelo depois disso, Crozier sabia, com alguns dos homens doentes demais para puxar e talvez outros mortos então, 18 barcos e trenós, cada um carregado até a amurada com rações de sobrevivência e equipamento, exigindo tração humana de cem homens – ou menos – significariam menos de 11 homens puxando cada fardo.

Mais trabalho e cargas ainda maiores para homens que presumivelmente estariam então mais afundados em escorbuto e exaustão.

Na última semana de março, quando o *Erebus* dava os últimos suspiros, as duas tripulações estavam no gelo na escuridão, competindo em provas de arrasto com os diferentes trenós, descobrindo a melhor combinação de homens e trenó, aprendendo as técnicas certas e montando as melhores equipes compostas de homens dos dois navios e todas as patentes. Competiam por dinheiro – prata e ouro –, e embora sir John tivesse planejado comprar muitas lembranças em Alasca, Rússia, Oriente e ilhas Sandwich, e houvesse arcas de xelins e guinéus no depósito particular do falecido, aquelas moedas saíam do bolso de Francis Crozier.

Crozier queria muito ir à baía Baffin assim que os dias ficassem suficientemente longos para sustentar travessias de longa distância. Ele sabia instintivamente, por escutar as histórias de sir John e de ler a história de George Back de subir mais de mil quilômetros do rio Great Fish até o Grande Lago do Escravo 14 anos antes – o volume estivera na biblioteca do *Terror*, e estava então na bagagem pessoal de Crozier em um dos trenós – que as chances de qualquer um deles terminar ou sobreviver à viagem eram baixas.

Os cerca de 250 quilômetros entre a posição do *Terror* diante da Terra do Rei Guilherme e a embocadura do rio Great Fish poderiam não ser superáveis, mesmo como um prelúdio à árdua viagem rio acima. Combinava o pior do gelo litorâneo com ameaças de canais abertos que os obrigassem a abandonar os trenós e – mesmo não havendo canais –, a agonia certa de puxar trenós e barcos sobre o cascalho congelado da própria ilha, o tempo todo expostos ao pior das tempestades da banquisa.

Uma vez no rio, caso um dia chegassem ao rio, iriam se deparar com o que Back descrevera como “um curso violento e tortuoso de 530 milhas náuticas, passando por um interior irregular sem uma única árvore em suas margens”, e depois “nada menos de 83 cachoeiras, cascatas e corredeiras”. Crozier tinha dificuldade de imaginar seus homens, após um mês ou mais puxando, estando suficientemente em forma ou bem para enfrentar 83 cachoeiras, cascatas e corredeiras mesmo nos barcos mais resistentes. Os desvios por terra os matariam.

Na semana anterior, antes de avançar com as equipes de trenó para o Acampamento Terror, o cirurgião Goodsir dissera a Crozier que o suco de limão antiescorbútico, então a única defesa contra o escorbuto – já bastante fraco – iria terminar em três semanas ou menos, dependendo de quantos homens morressem entre aquele momento e então.

Crozier sabia a velocidade com que o ataque do escorbuto iria enfraquecer todos eles. Para aqueles quarenta quilômetros até a Terra do Rei Guilherme com trenós leves e equipes completas, com rações plenas na travessia, em uma trilha de deslizadores que havia sido aberta no gelo ao longo de mais de um mês, eles tinham de cobrir mais de 13 quilômetros por dia. No terreno irregular ou no gelo litorâneo da Terra do Rei Guilherme e o sul, essa distância poderia ser reduzida à metade ou ainda menos. Assim que o escorbuto começasse a dominá-los, poderiam percorrer apenas um quilômetro e meio por dia e, se o vento parasse, poderiam não conseguir remar ou empurrar com varas os barcos pesados rio acima contra a corrente do rio de Back. Um desvio por terra de qualquer distância nas semanas ou meses seguintes poderia muito bem se tornar impossível.

As únicas coisas a favor deles em seguir para o sul era a chance bastante remota de que um grupo de resgate já estivesse seguindo rumo norte a partir de Grande Lago do Escravo, procurando por eles, e o fato simples de que ficaria mais quente à medida que seguissem para o sul. No mínimo, estariam acompanhando o degelo.

Ainda assim, Crozier teria preferido permanecer nas latitudes norte e seguir a distância mais longa para leste e norte até a península Boothia e depois cruzá-la. Sabia que só havia uma forma relativamente segura de tentar isso: levar os homens à Terra do Rei Guilherme, cruzá-la, a seguir fazer a travessia relativamente curta pelo gelo aberto, protegido do pior do vento noroeste e do clima pela própria ilha, até o litoral sudoeste de Boothia, depois lentamente para o norte ao longo do limite do gelo ou na própria planície litorânea, e finalmente atravessando as montanhas na direção da baía Fury, esperando a cada passo do caminho encontrar esquimós.

Era o caminho seguro. Mas era o caminho longo. Mil e novecentos quilômetros, quase metade mais longo que a rota alternativa ao redor da Terra

do Rei Guilherme e depois mais ao sul subindo o rio de Back.

A não ser que encontrassem esquimós amistosos assim que chegassem a Boothia, estariam todos mortos semanas ou meses antes que tal viagem de 1.900 quilômetros pudesse ser concluída.

Ainda assim, Francis Crozier teria preferido arriscar tudo em uma disparada em linha reta pelo gelo – rumo nordeste sobre o pior da banquisa em uma tentativa louca de reproduzir a impressionante viagem de 960 quilômetros em grupo pequeno feita por seu amigo James Clark Ross 18 anos antes quando o *Fury* fora congelado no lado oposto da península Boothia. O velho comissário – Bridgens – estivera absolutamente certo. John Ross fizera a melhor aposta na sobrevivência, abrindo caminho para o norte a pé e em trenó, e depois nos barcos deixados para trás, subindo o estreito de Lancaster e esperando baleeiras. E seu sobrinho James Ross mostrara que era possível – apenas possível – ir de trenó da Terra do Rei Guilherme de volta a Fury Beach.



O *Erebus* ainda estava em seus dez últimos dias de agonia quando Crozier selecionara os melhores puxadores de cada navio – os ganhadores dos maiores prêmios e do resto de dinheiro que Francis Crozier tinha no mundo –, dera a eles o trenó mais bem projetado e ordenara que o sr. Helpman e o sr. Osmer, o intendente, fornecessem a essa superequipe de puxadores tudo de que pudessem precisar para seis semanas no gelo.

Era um trenó de 11 homens comandado pelo segundo imediato do *Erebus* Charles Frederick Des Voeux, tendo como principal puxador o gigante Manson. Cada um dos outros nove homens fora instado a se apresentar como voluntário. Todos o fizeram.

Crozier precisava saber se era possível puxar um trenó de barco totalmente carregado sobre o gelo aberto em uma disparada reta rumo ao resgate. Os 11 homens partiram às seis badaladas em 23 de março, no escuro, à temperatura de 39 abaixo de zero, com três hurras de todo tripulante capaz de andar reunido dos dois navios.

Des Voeux e seus homens voltaram em três semanas. Ninguém morrera, mas todos estavam exaustos e quatro tinham queimaduras de frio graves. Magnus Manson era o único da equipe de 11 homens, incluindo o aparentemente infatigável Des Voeux, que não parecia perto da morte por exaustão e sofrimento.

Em três semanas, eles haviam sido capazes de viajar menos de 45 quilômetros em linha reta desde *Terror* e *Erebus*. Des Voeux depois estimou que haviam arrastado mais de 240 quilômetros para avançar aqueles 45, mas não havia possibilidade de viajar tanto em linha reta sobre a banquisa. O clima a nordeste de sua posição atual era mais terrível que no Nono Círculo do Inverno onde haviam passado dois anos presos. As cristas de pressão eram inúmeras. Algumas se erguiam mais de 24 metros. Mesmo desviar de rota era quase impossível quando nuvens escondiam o sol ao sul e as estrelas ficavam escondidas por várias noites de 18 horas seguidas. Bússolas, claro, eram inúteis tão perto do polo magnético norte.

Por segurança, a equipe levava cinco barracas, embora planejasse dormir em apenas duas delas. As noites eram tão frias no gelo exposto que os 11 homens dormiram as nove últimas noites, quando foram capazes de dormir, em uma única barraca. Mas no final não tiveram escolha, já que quatro das barracas resistentes haviam sido levadas pelo vento ou esfarrapadas na 12^a noite no gelo.

De alguma forma, Des Voeux os mantivera se movendo para nordeste, mas a cada dia o clima piorava. As cristas de pressão ficavam mais próximas, os necessários desvios de curso se tornavam mais longos e traiçoeiros, e o trenó sofria danos graves em seu esforço hercúleo de puxá-lo e lançá-lo por sobre as cristas de gelo irregulares. Dois dias foram perdidos apenas consertando o trenó sob vento uivando e neve sendo soprada.

O imediato decidira dar meia-volta na 14^a manhã no gelo. Restando apenas uma barraca, ele considerou baixas as chances de sobrevivência. Então tentaram seguir seus próprios 13 dias de sulcos na volta ao navio, mas o gelo estava ativo demais – placas se deslocando, icebergs se movendo dentro da banquisa e novas cristas de pressão se erguendo diante deles haviam apagado a trilha. Des Voeux, o melhor navegador da Expedição Franklin com exceção de Crozier, fez leituras de teodolito e sextante nos poucos momentos claros que

encontrou de dia e de noite, mas acabou estabelecendo o curso principalmente por navegação estimada. Ele disse aos homens saber exatamente onde estavam. Depois admitiu a Fitzjames e Crozier estar certo de que erraria os navios por mais de trinta quilômetros.

Em sua última noite no gelo, a última barraca foi esfarrapada e eles abandonaram os sacos de dormir e avançaram às cegas para sudoeste, arrastando apenas para permanecer vivos. Jogaram fora comida e roupas extras, continuando a puxar o trenó apenas porque precisavam de água, escopetas, cartuchos e pólvora. Algo grande os seguira a viagem toda. Eles podiam vê-lo em meio a neve, neblina e granizo. Podiam ouvi-lo cercando-os na escuridão cada noite interminável.

Des Voeux e seus homens foram avistados no horizonte norte, ainda seguindo para oeste e ignorando o *Terror* cinco quilômetros ao sul deles, na manhã de seu 21º dia no gelo. Um vigia do *Erebus* os vira, mas o próprio navio havia desaparecido – esmagado, despedaçado e afundado. Foi sorte de Des Voeux e seus homens que o sentinela, o mestre do gelo James Reid, tivesse escalado o enorme iceberg que fizera parte do Grande Carnaval Veneziano antes do amanhecer daquele dia e visse os homens através de sua luneta à primeira luz.

Reid, o tenente Le Vesconte, o cirurgião Goodsir e Harry Peglar lideraram o grupo que saía para encontrar a equipe de Des Voeux, trazendo-a de volta por entre as madeiras esmagadas, os mastros derrubados e o massame emaranhado que era tudo o que restava do navio afundado. Cinco da equipe campeã de Des Voeux não conseguiram caminhar o último quilômetro e meio até o *Terror*, tendo precisado ser levados para lá de trenó por seus colegas. Os seis homens do *Erebus* entre a superequipe de puxadores, incluindo Des Voeux, choraram com a visão de seu lar destruído ao passar por ele.

Então... a curta viagem rumo nordeste para Boothia não era mais uma opção. Após ouvir Des Voeux e os outros homens alquebrados, Fitzjames e Crozier concordaram que alguns poucos dos 105 sobreviventes poderiam chegar a Boothia, mas a imensa maioria certamente iria perecer no gelo em tais condições, mesmo com os dias mais longos, temperaturas ligeiramente

superiores e luz do sol a mais. A possibilidade de canais abertos apenas aumentaria o perigo.

As escolhas passaram a ser permanecer nos navios ou montar um acampamento na Terra do Rei Guilherme com a opção de seguir rumo sul até o rio de Back.

Crozier começou a planejar a evacuação no dia seguinte.



Pouco antes do pôr do sol e da pausa para jantar, o cortejo de trenós chegou a um buraco no gelo. Eles pararam, os cinco trenós e homens em arreo formando um círculo ao redor do buraco. O círculo negro bem abaixo era a primeira água aberta que os homens tinham visto em vinte meses.

– Isso não estava aqui semana passada quando levamos as pinaças ao Acampamento Terror, capitão – disse o marinheiro Thomas Tadman. – O senhor pode ver como as trilhas de deslizadores chegam perto. Certamente teríamos visto. Não havia nada aqui.

Crozier anuiu. Aquela não era uma *polynya* comum – a palavra russa para um daqueles raros buracos na banquisa que permaneciam abertos o ano inteiro. O gelo tinha mais de três metros de espessura ali – menos espesso que na banquisa congelada ao redor do *Terror*, mas ainda sólido o suficiente para sustentar um prédio de Londres sobre ele –, mas não havia sinal de placas de pressão ou rachaduras ao redor daquele buraco. Era como se alguém ou algo tivesse usado uma gigantesca serra de gelo do tipo que havia nos dois navios e aberto um buraco perfeitamente redondo no gelo.

Mas as serras de gelo dos navios não cortariam três metros de gelo tão bem.

– Podemos jantar aqui – disse Thomas Blanky. – Desfrutar de nossos víveres à beira-mar, digamos assim.

Os homens negaram com as cabeças. Crozier concordou – ficou pensando em se os outros sentiram seu mesmo desconforto com o círculo perturbadoramente perfeito, o poço fundo e a água negra.

– Continuaremos a nos deslocar por mais uma hora, mais ou menos – disse. – Tenente Little, coloque seu trenó na dianteira, por favor.

Talvez vinte minutos depois, quando o sol havia se posto com uma rapidez quase tropical e as estrelas tremiam e retorciam no céu frio, os soldados Hopcraft e Pilkington, que faziam a retaguarda, chegaram até Crozier onde ele caminhava ao lado do último trenó. Hopcraft sussurrou:

– Capitão, há algo nos seguindo.

Crozier tirou o telescópio de latão da caixa amarrada no alto do trenó e ficou parado no gelo com os dois homens por um minuto enquanto os trenós passavam raspando por eles para a penumbra que aumentava.

– Ali, senhor – disse Pilkington, apontando com o braço bom. – Talvez tenha saído daquele buraco no gelo, capitão. Acha que ele fez isso? Bobby e eu achamos que provavelmente sim. Talvez estivesse apenas lá na água escura sob o gelo esperando passarmos para então vir atrás de nós. Ou esperando que parássemos ali. O que acha, senhor?

Crozier não respondeu. Ele podia vê-lo através da luneta, mal visível à luz que diminuía. Parecia branco, mas apenas por ter ficado brevemente silhuetado contra nuvens de tempestade que se formavam no céu noturno negro a noroeste. Quando a coisa passou por seracos e penedos de gelo pelos quais o cortejo de trenós abrira caminho apenas vinte minutos antes, foi mais fácil ter uma noção de seu enorme tamanho. No ombro, mesmo quando andando de quatro como naquele momento, era mais alto que Magnus Manson. Ele se movia graciosamente para algo tão enorme – o movimento parecia mais de raposa que do pesado urso. Enquanto Crozier lutava para firmar a luneta no vento crescente, viu a coisa se levantar e começar a caminhar sobre duas pernas. Ela se movia um pouco menos rapidamente dessa forma, mas ainda mais rápido do que homens presos a trenós de novecentos quilos. Agora se elevava acima de seracos cujos topos Crozier não teria alcançado com o braço totalmente esticado e o telescópio estendido.

Então ficou escuro e ele não conseguiu mais ver contra o fundo de cristas de pressão e seracos. Liderou os fuzileiros de volta ao cortejo de trenós e colocou a luneta na caixa enquanto os homens à frente se inclinavam nos arreios e grunhiam, arfavam e puxavam.

– Fiquem perto dos trenós, mas continuem olhando para a retaguarda e mantenham as armas prontas – ele disse baixo a Pilkington e Hopcraft. – Nada

de lanternas. Vocês precisarão da visão noturna.

As formas corpulentas dos fuzileiros anuíram e recuaram. Crozier notou que os guardas à frente do primeiro trenó haviam acendido as lanternas. Ele já não podia ver os homens, apenas os círculos de luz com halos de cristal de gelo.

O capitão chamou Thomas Blanky. A perna de pau e o pé de madeira do homem o poupavam de arrastar, embora o pé tivesse sido inteligentemente dotado de pregos e placas para o gelo. A metade da perna simplesmente não dava a Blanky o apoio e a força de empuxo de que precisava. Mas os homens sabiam que o mestre do gelo logo poderia, figurativa, se não literalmente, colocar seu peso e mais; o conhecimento das condições do gelo seria crucial caso encontrassem canais e tivessem de lançar os barcos do Acampamento Terror nas semanas ou nos meses seguintes.

Crozier usou Blanky como mensageiro.

– Sr. Blanky, poderia fazer a gentileza de avançar e transmitir aos homens a mensagem de que não iremos parar para comer? Eles devem pegar a carne fria e os biscoitos das caixas nos trenós e repassar aos fuzileiros e homens nos arreios com o aviso de que todos devem comer em marcha e beber das garrafas de água que levam sob as roupas. E, por favor, peça aos nossos guardas que estejam seguros de que suas armas estão prontas. Talvez eles queiram retirar as luvas externas.

– Sim, capitão – disse Blanky, desaparecendo no crepúsculo à frente. Crozier podia ouvir o ruído de seu pé de madeira com pregos esmagando neve.

O capitão sabia que em dez minutos todos os homens em marcha compreenderiam que a coisa do gelo os seguia e reduzia distância.

IRVING

Lat. 69° 37' 42" N., Long. 98° 40' 58" W.

24 de abril de 1848

A não ser pelo fato de que John Irving estava nauseado, quase faminto, que suas gengivas sangravam e ele temesse que dois de seus dentes laterais estivessem soltos, e de que estava tão cansado que iria desmaiar no caminho a qualquer momento, aquele era um dos dias mais felizes de sua vida.

Durante todo aquele dia e o anterior, ele e George Henry Hodgson, velhos amigos do treinamento de artilharia no navio *Excellent* antes daquela expedição, estiveram encarregados de equipes de homens caçando e fazendo verdadeira exploração. Pela primeira vez nos três anos sentado e congelando naquela maldita expedição, o terceiro-tenente John Irving era um verdadeiro *explorador*.

Verdade que a ilha que ele explorava transversalmente para leste, a mesma Terra do Rei Guilherme à qual ele fora com o tenente Graham Gore pouco mais de 11 meses antes, não valia uma gota de mijo de chinês, não passando de cascalho congelado e colinas baixas, nenhuma se elevando mais do que uns seis metros acima do nível do mar, habitada apenas por ventos uivantes e bolsões de neve profunda, e depois mais cascalho congelado, mas Irving estava *explorando*. Naquela manhã, ele já vira coisas que nenhum homem branco – e talvez nenhum outro ser humano no planeta – havia visto. Claro que eram apenas mais colinas baixas de cascalho congelado e mais bolsões de gelo e neve soprados pelo vento, nem mesmo uma trilha de raposa do Ártico ou uma foca

anelada mumificada a ser encontradas, mas era *sua* descoberta: sir James Ross contornara o litoral norte de trenó para chegar a ponto Victory umas duas décadas antes, mas fora John Irving – originalmente de Bristol e depois o jovem mestre de Londres – o primeiro a explorar o interior da Terra do Rei Guilherme.

Irving meio que tivera o desejo de batizar o interior de *Terra de Irving*. Por que não? O ponto não distante do Acampamento Terror fora batizado em homenagem à esposa de sir John, lady Jane Franklin, e o que ela fizera para merecer a honra além de casar com um homem velho, gordo e careca?

As várias equipes de puxadores de trenó estavam começando a pensar nelas mesmas como grupos distintos. Então, ontem Irving comandou seu mesmo grupo de seis homens em uma caçada enquanto Hodgson levava os seus em um reconhecimento da ilha, segundo as instruções do capitão Crozier. Os caçadores de Irving não haviam encontrado nenhuma trilha de animal na neve.

O tenente tinha de admitir que como todos os seus homens haviam sido armados com escopetas ou mosquetes no dia anterior (o próprio Irving levava apenas uma pistola no bolso do casaco, como fazia naquele dia), houve momentos em que ficou um pouco preocupado com o ajudante de calafate, Hickey, estar atrás dele levando uma arma. Mas, claro, nada acontecera. Com Magnus Manson a mais de quarenta quilômetros, no navio, Hickey não era apenas educado, mas de fato respeitoso para com Irving, Hodgson e os outros oficiais.

Isso lembrou a Irving como seu tutor costumava separá-lo e os irmãos durante as aulas em sua casa em Bristol quando os garotos ficavam bagunceiros demais durante os longos dias tediosos de aulas. O tutor colocava os garotos em salas separadas da velha mansão e comandava as aulas separadamente durante horas, indo de uma parte do segundo andar da antiga ala para a seguinte, seus sapatos de fivelas e saltos altos ecoando no antigo piso de carvalho. John e seus irmãos, David e William, tão incontroláveis pelo sr. Candrieau quando juntos, se tornavam quase tímidos diante do tutor de rosto pálido, corpo magro e ossudo e peruca branca quando sozinhos com ele. Originalmente muito relutante em pedir ao capitão Crozier para deixar

Manson para trás, Irving agora estava contente por ter falado. Ficou ainda mais contente por o capitão não o ter pressionado em busca de uma razão; Irving nunca contara o que vira se passar entre o ajudante de calafate e o grande marinheiro naquela noite no porão, e nunca contaria.

Mas naquele dia não havia tensão em relação a Hickey ou qualquer outra coisa. O único membro do grupo de batedores a carregar uma arma além do próprio Irving com sua pistola era Edwin Lawrence, armado com um mosquete. O treinamento de tiro perto da fila de barcos montados em trenós no Acampamento Terror mostrara que Lawrence era o único homem de seu grupo capaz de disparar um mosquete com algum valor, então ele era o guarda e protetor deles naquele dia. O resto levava apenas bolsas de lona sobre os ombros, sacolas penduradas de uma alça. Reuben Male, capitão do castelo de proa e um tipo inventivo, trabalhara com o velho Murray, o fabricante de velas, para fazer aquelas sacolas para os homens, então naturalmente os marinheiros as chamavam de “Bolsas Masculinas”. Nas Bolsas Masculinas, eles levavam as garrafas de água de chumbo ou peltre, biscoitos e porco seco, uma lata de produtos enlatados de Goldner como ração de emergência, camadas extras de roupas, os óculos de arame que Crozier mandara fazer para protegê-los da cegueira do sol, pólvora e bala extra quando estavam caçando e seus sacos de dormir de cobertor apenas para o caso de algo impedi-los de voltar ao acampamento e terem de acampar naquela noite.

Naquela manhã, caminharam terra adentro mais de cinco horas. O grupo permanecia nas pequenas elevações de cascalho quando possível; o vento era mais forte e frio ali, mas a caminhada era mais fácil que nos baixios cheios de neve e gelo. Não haviam visto nada que pudesse aumentar a chance de sobrevivência de todos – nem mesmo líquen verde ou musgo laranja crescendo nas pedras. Irving sabia, por ler livros da biblioteca da Grande Cabine do *Terror* – incluindo dois livros escritos pelo próprio sir John – que homens com fome podiam fazer uma espécie de sopa com musgo e líquen raspados. Homens com *muita* fome.

Quando sua equipe de reconhecimento parou para a refeição fria e água e algum descanso muito necessário encolhidos fora do vento, Irving passara o comando temporário ao capitão da gávea Thomas Farr e andara sozinho um

tempo. Disse a si mesmo que os homens estavam exaustos do esforço extraordinário de puxar os trenós nas semanas anteriores e precisavam do descanso, mas a verdade era que ele precisava de solidão.

Irving dissera a Farr que voltaria em uma hora e que para ter certeza de que não se perderia, com frequência andaria por trechos com neve protegidos do vento, deixando marcas de botas para ele mesmo seguir de volta ou para que os outros o encontrassem caso demorasse a voltar. Enquanto caminhava mais para leste, abençoadamente só, mastigara um biscoito duro, sentindo como seus dois dentes estavam moles. Quando tirou o biscoito da boca, havia sangue nele.

Por mais fome que sentisse, Irving tinha pouco apetite naqueles dias.

Ele atravessou outro campo de neve, passou para cascalho congelado e subiu mais uma crista baixa batida pelo vento, então parou de repente.

Pontos negros se moviam no amplo vale varrido pela neve à sua frente.

Usando os dentes para arrancar as luvas, revirou a Bolsa Masculina em busca de seu bem mais valioso, o belo telescópio de latão que seu tio lhe dera ao entrar para a Marinha. O visor de latão congelaria em sua bochecha e cenho se permitisse o toque, então era difícil ter uma imagem firme mantendo-o afastado do rosto, mesmo segurando o comprido óculo com as duas mãos. Seus braços e mãos tremiam.

O que ele achou ser um pequeno rebanho de animais peludos se revelou seres humanos.

O grupo de caça de Hodgson.

Não. Aquelas formas vestiam pesadas parcas de pele do tipo que lady Silêncio usava. E havia dez figuras cruzando com esforço o vale nevado, andando próximas, mas não em fila indiana; George tinha apenas seis homens. E Hodgson levava seu grupo de caça ao longo do litoral, não para o interior.

Aquele grupo tinha um pequeno trenó. O grupo de caça de Hodgson não tinha trenó. Não havia trenó tão pequeno no Acampamento Terror.

Irving mexeu no foco de seu amado telescópio e prendeu a respiração para impedir que o instrumento tremesse.

Aquele trenó estava sendo puxado por um conjunto de pelo menos seis cachorros.

Ou eram resgatadores brancos usando trajes esquimós ou esquimós de verdade.

Irving teve de baixar o telescópio e se colocar sobre um joelho no cascalho frio e baixar a cabeça por um momento. O horizonte parecia girar. A fraqueza física que ele continha havia semanas por pura força de vontade cresceu dentro dele como círculos concêntricos de náusea.

Isso muda tudo, pensou.

As figuras abaixo – ainda pareciam não tê-lo visto, provavelmente porque ele passara sobre a elevação e não seria muito visível ali com seu casaco escuro se fundindo à rocha escura – podiam ser caçadores de alguma aldeia esquimó desconhecida do norte que não fosse distante. Nesse caso, os 105 sobreviventes de *Erebus* e *Terror* quase certamente estavam salvos. Os nativos os alimentariam ou lhes mostrariam como se alimentar ali naquela terra sem vida.

Ou havia uma chance de que os esquimós fossem um grupo de guerra e que as lanças grosseiras que Irving vislumbrara pelos óculos tivessem como alvo os homens brancos que de alguma forma souberam ter invadido suas terras.

De qualquer forma, o terceiro-tenente John Irving sabia que era sua obrigação descer, encontrar com eles e descobrir.

Ele fechou o telescópio, colocou cuidadosamente entre suéteres extras em sua bolsa de ombro e – erguendo um braço no que ele esperava que os selvagens considerassem um gesto de saudação e paz – começou a descer a comprida colina na direção dos dez seres humanos que de repente haviam parado no caminho.

CROZIER

Lat. 69° 37' 42" N., Long. 98° 41' W.

24 de abril de 1848

O terceiro e último dia no gelo foi de longe o mais difícil. Crozier fizera aquela travessia pelo menos duas vezes antes nas seis semanas anteriores com alguns dos primeiros e maiores grupos de trenó, mas mesmo com a trilha menos marcada, fora muito mais fácil então. Ele estava mais saudável. E infinitamente menos cansado.

Francis não estava plenamente consciente disso, mas desde a recuperação de sua síndrome de abstinência quase fatal em janeiro, sua grave melancolia o tornara insone. Como marinheiro e depois capitão, Crozier sempre se orgulhara – como a maioria dos capitães – de precisar de muito pouco sono e de despertar do sono mais profundo com qualquer mudança nas condições do navio: uma ligeira mudança de direção, o aumento do vento nas velas, o som de passos demais correndo no convés acima em um determinado turno de vigia, qualquer alteração no som da água correndo sobre o casco do navio... qualquer coisa.

Mas, nas semanas anteriores, Crozier dormira cada vez menos a cada noite, até adotar o hábito de apenas cochilar uma hora ou duas no meio da noite, talvez tirando uma soneca de meia hora ou menos durante o dia. Ele disse a si mesmo que era apenas fruto de tantos detalhes a acompanhar e ordens a dar nos últimos dias e semanas antes de ir para o gelo, mas na verdade era melancolia tentando destruí-lo novamente.

Sua mente estava embotada a maior parte do tempo. Ele era um homem inteligente cuja mente estava idiota com os subprodutos químicos da fadiga constante.

Dormir nos Acampamentos do Mar Um e Dois havia sido praticamente impossível para qualquer dos homens nas duas noites anteriores, não importando quão cansados estivessem. Não precisaram erguer barracas em nenhum dos dois acampamentos, já que oito barracas Holland haviam sido deixadas permanentemente montadas nas semanas anteriores, com qualquer dano por vento ou neve sendo consertado pelo grupo seguinte que passava.

Os sacos de dormir de pele de rena para três pessoas eram muitas vezes mais quentes que os sacos de cobertores Hudson's Bay costurados juntos, e esses sacos bons haviam sido atribuídos por sorteio. Crozier sequer tomara parte do sorteio, mas quando, na primeira vez em que estivera no gelo, entrara na barraca que dividia com três outros oficiais, descobrira que seu camareiro, Jopson, estendera um saco de pele de rena feito para ele. Nem o adoentado Jopson nem os homens achavam certo que seu capitão tivesse de dividir um saco com dois outros homens roncando, peidando e se virando – mesmo sendo outros oficiais –, e Crozier estava cansado e grato demais para discutir.

Nem ele contara a Jopson ou aos outros que dormir sozinho em um saco era muito mais frio do que sua experiência de dormir em sacos para três homens. O calor corporal dos outros homens era a única coisa que os mantinha suficientemente quentes para dormir a noite toda.

Mas Crozier não tentara dormir a noite toda em nenhum dos acampamentos no mar.

A cada duas horas ele estava de pé e percorrendo o perímetro para garantir que a sentinela havia sido trocada na hora. O vento aumentava à noite, e os homens de sentinela se encolhiam atrás de paredes de neve baixas apressadamente levantadas. Como o vento penetrante e a neve soprada mantinham os homens encolhidos atrás de suas barreiras de blocos de neve, a coisa do gelo só seria vista por eles se pisasse em um dos homens.

Ela não fez sua aparição naquela noite.

Durante os momentos de sono irregular que teve, Crozier foi novamente visitado pelos pesadelos que tivera em sua doença de janeiro. Alguns dos

sonhos retornavam tanto – e despertavam o capitão do sono tantas vezes – que ele se lembrava de fragmentos. Garotas adolescentes fazendo uma sessão espírita. M’Clintock e outro homem olhando para dois esqueletos em um barco aberto, um sentado e totalmente vestido com japona e trajes externos, o outro apenas uma massa de ossos jogados e raspados.

Crozier caminhava durante o dia pensando em se seria um daqueles esqueletos.

Mas o pior sonho era de longe o sonho da comunhão em que ele era um garoto ou uma versão mais doente e velha de si mesmo, ajoelhado nu no gradil do altar da igreja proibida de Memo Moira enquanto o enorme padre inumano – pingando água em vestimentas brancas esfarrapadas através das quais ele exibia a carne crua e vermelha de um homem muito queimado – se elevava acima dele e inclinava mais para perto, respirando um hálito de carniça sobre o rosto erguido de Crozier.

Os homens se levantaram no escuro pouco depois de cinco horas na manhã de 23 de abril. O sol não nasceria quase até dez horas. O vento continuava a soprar, sacudindo a lona marrom das barracas Holland e ferindo seus olhos enquanto eles se reuniam para o desjejum.

No gelo, os homens deveriam esquentar sua comida totalmente em pequenas latas marcadas como “Aparato de Cozinha (1)”, usando seus pequenos fogões a álcool alimentados por quartilhos de éter levado em garrafas. Mesmo sem vento com frequência era difícil ou quase impossível preparar e acender os fogões a álcool; sob um vento como o daquela manhã simplesmente não era possível, mesmo correndo o risco de acender os fogões a álcool dentro das barracas. Então – garantindo a si mesmos que as carnes, os legumes e as sopas enlatadas de Goldner já haviam sido cozidos – os homens simplesmente pegavam colheradas das massas quase congeladas de grude solidificado diretamente das latas. Estavam famintos e tinham pela frente um dia interminável puxando.

Goodsir e os três cirurgiões mortos antes de Goodsir haviam falado com Crozier e Fitzjames sobre a importância de aquecer os alimentos enlatados de Goldner, especialmente a sopa. Os legumes e carnes, destacara Goodsir, de fato haviam sido pré-cozidos, mas as sopas – basicamente nabo barato e cenouras e

outras raízes – eram “concentradas”, devendo ser diluídas com água e levadas a ferver.

O cirurgião não sabia identificar os venenos que poderiam estar se escondendo nas sopas Goldner não fervidas – e talvez até mesmo nas carnes e nos legumes –, mas continuava a reiterar a necessidade de aquecer plenamente as comidas enlatadas, mesmo durante a marcha no gelo. Esses alertas eram uma das principais razões pelas quais Crozier e Fitzjames haviam ordenado que os pesados fogões de ferro das baleeiras fossem transportados para o Acampamento Terror sobre gelo e cristas de pressão.

Mas não havia fogões ali no Acampamento do Mar Um ou no Acampamento do Mar Dois na noite seguinte. Os homens comeram todas as comidas enlatadas frias diretamente da lata quando os fogões a álcool falharam – e mesmo quando o éter dos pequenos fogões acendia, só havia combustível suficiente para *derreter* as sopas congeladas, não para fervê-las.

Isso teria de bastar, pensou Crozier.

Assim que o desjejum terminou, a barriga do capitão começou a roncar de fome novamente.

O plano havia sido dobrar as oito barracas Holland dos dois acampamentos do mar e levá-las ao Acampamento Terror nos trenós para que servissem de reserva caso os grupos tivessem que ir para o gelo novamente em breve. Mas o vento estava forte demais e os homens cansados demais mesmo após apenas um dia e uma noite no gelo naquela viagem. Crozier conversou com o tenente Little e eles decidiram que seria suficiente levar três barracas daquele acampamento. Talvez se saíssem melhor na manhã seguinte no Acampamento do Mar Dois.

Três homens nos arreios caíram naquele segundo dia no gelo em 23 de abril de 1848. Um começou a vomitar sangue no gelo. Os outros dois simplesmente caíram na trilha e foram incapazes de puxar pelo resto do dia. Um deles teve de ser colocado em um trenó e puxado. Não querendo reduzir o número de piquetes armados marchando atrás, à frente e ao lado do cortejo de trenós, Crozier e Little colocaram os arreios e puxaram a maior parte daquele dia interminável.

As cristas de pressão não estavam tão altas naquele dia do meio da travessia, e as trilhas de trenó anteriores haviam deixado uma rodovia virtual naquele trecho de gelo marinho aberto, mas o vento e a neve soprada eliminavam quase todas essas vantagens. Os homens que puxavam um trenó não conseguiam ver o outro trenó quatro metros e meio à frente. Os fuzileiros ou marinheiros levando armas e caminhando como guardas não conseguiam ver ninguém quando estavam a seis metros ou mais dos trenós, e tinham de caminhar a um ou dois metros dos grupos de trenó para não se perder. Sua utilidade como sentinelas era zero.

Várias vezes durante o dia o trenó líder – normalmente o de Crozier ou o do tenente Little – perdia a trilha gasta de trenó e todos então tinham de parar por até meia hora enquanto alguns homens saíam dos arreios, amarravam uma corda para não se perder na neve que uivava, e andavam à esquerda e à direita da rota falsa, procurando as leves depressões da verdadeira trilha em uma superfície que rapidamente era coberta por centímetros de neve soprada.

Perder a trilha no meio do caminho poderia custar não apenas tempo, poderia muito bem custar a eles a vida.

Algumas das equipes de trenó arrastando cargas mais pesadas naquela primavera haviam coberto aqueles 14 quilômetros em menos de 12 horas, chegando ao Acampamento no Mar Dois poucas horas após o pôr do sol. O grupo de Crozier chegou muito depois de meia-noite, e quase perdeu completamente o acampamento. Se Magnus Manson – cuja audição afiada parecia tão incomum quanto seu tamanho e sua pouca inteligência – não tivesse ouvido as barracas sacudindo ao vento bem a bombordo, teriam passado por seu abrigo e depósito de comida.

O Acampamento no Mar Dois fora em grande medida destruído pelos ventos incessantes e crescentes do dia. Cinco das oito barracas haviam sido sopradas para a escuridão – embora presas por parafusos de gelo fundos – ou simplesmente esfarrapadas. Os homens exaustos e famintos conseguiram instalar duas das três barracas que haviam levado do Acampamento no Mar Um, e 46 homens que teriam ficado confortáveis mas cheios em oito barracas se apertaram em cinco.

Para os homens em turnos de vigia naquela noite – 16 dos 46 – o vento, a neve e o frio foram um inferno. Crozier cumpriu um turno de duas horas a quatro horas da manhã. Ele preferia poder se mover, já que de qualquer forma seu saco de dormir individual não permitia que se aquecesse o suficiente para dormir, mesmo com homens empilhados como lenha ao redor dele na barraca barulhenta.

O último dia no gelo foi o pior.

O vento parou de repente antes que os homens se levantassem às cinco horas, mas em uma malévola compensação pelo presente de céu azul por vir, a temperatura despencou pelo menos 30 graus. O tenente Little fez a medição naquela manhã: a temperatura às seis horas era de -53°C .

São apenas 13 quilômetros, Crozier repetia para si mesmo naquele dia enquanto puxava os arreios. Ele sabia que os outros homens estavam pensando a mesma coisa. *Apenas 13 quilômetros hoje, um quilômetro inteiro a menos que o arrasto terrível de ontem*. Com mais homens caindo de doença ou exaustão, Crozier ordenou que os guardas que acompanhavam guardassem rifles, mosquetes e escopetas nos trenós e colocassem os arreios assim que o sol nasceu. Todo homem capaz de andar iria puxar.

Carecendo de guardas, eles confiavam na claridade do dia. O borrão marrom da Terra do Rei Guilherme pôde ser visto assim que o sol nasceu – a parede de altos icebergs e gelo litorâneo acumulado ao longo da margem perturbadoramente mais visível, brilhando distante sob a fraca luz fria do sol como uma barreira de vidro quebrado –, mas a luz clara garantia que eles não perdessem as velhas trilhas de trenó e que a coisa do gelo não se esgueirasse até eles.

Mas a coisa estava lá. Eles podiam vê-la – um pequeno ponto caminhando a sudoeste deles, muito mais rápido do que conseguiam puxar. Ou correr, caso fosse preciso.

Várias vezes durante o dia, Crozier ou Little se soltaram dos arreios, pegaram os telescópios nos trenós ou nas Bolsas Masculinas e olharam para a criatura através de quilômetros de gelo.

Estava a pelo menos três quilômetros de distância, e andando de quatro. Daquela distância poderia ser apenas outro urso-Ártico do tipo que haviam

abatido e matado em grande número nos três anos anteriores. Até que, isto é, a coisa se erguia nas patas de trás, se elevava acima dos blocos de gelo e pequenos icebergs circundantes e farejava o ar olhando na sua direção.

Ela sabe que abandonamos os navios, pensou Crozier, olhando por seu telescópio de latão que ficara arranhado e lascado de tantos anos de uso nos dois polos. *Ela sabe para onde estamos indo. Planeja chegar lá primeiro.*

Eles arrastaram ao longo do dia, parando apenas ao pôr do sol no meio da tarde para comer porções congeladas em latas frias. As rações de porco salgado e biscoitos mofados haviam acabado. As paredes de gelo separando a Terra do Rei Guilherme da banquisa cintilavam como uma cidade com 10 mil lamparinas a gás nos minutos antes que a escuridão se espalhasse pelo céu como tinta derramada.

Ainda tinham de puxar quatro quilômetros. Havia oito homens nos trenós, três dos marinheiros inconscientes.

Cruzaram a Grande Barreira de Gelo separando a banquisa da terra em algum momento após uma hora da manhã. O vento permaneceu fraco, mas a temperatura continuou a cair. Durante uma pausa para reajustar cordas e erguer os trenós por cima de uma parede de gelo de nove metros, não facilitada em nada pela passagem de trenós nas semanas anteriores, já que o movimento do gelo derrubara mil novos blocos de gelo dos altos icebergs dos dois lados sobre seu caminho, o tenente Little mediu a temperatura novamente. Estava -63°C .

Crozier estivera trabalhando e dando ordens desde uma funda trincheira de exaustão por muitas horas. Ao pôr do sol, quando olhara para a criatura distante ao sul, agora caminhando à frente deles – já cruzava a barreira de gelo marinho em saltos fáceis –, cometera o erro de tirar luvas externa e interna por um momento para anotação de uma posição em seu diário. Esquecera de calçar as luvas antes de erguer o telescópio novamente, e as pontas dos dedos e uma palma haviam congelado no metal instantaneamente. Ao puxar as mãos rapidamente, ele arrancara uma camada de pele e um pouco de carne do polegar direito e de três dedos daquela mão, e levantara um pedaço da palma esquerda.

Esses ferimentos não curavam ali no Ártico, especialmente não após os sintomas iniciais de escorbuto terem se instalado. Crozier dera as costas aos outros e vomitara de dor. A queimadura nauseante em seus dedos e na palma esquerda feridos só piorou ao longo da longa noite arrastando, puxando, levantando e empurrando. Os músculos do braço e do ombro tinham hematomas e sangravam por dentro sob a pressão das tiras do arreoio.

Por algum tempo na última barreira, por volta de uma e meia da manhã, com estrelas e planetas cintilando e cambiando no céu interminavelmente claro, mas criminosamente frio acima, Crozier estupidamente pensou em deixar os trenós para trás e seguir em alta velocidade para o Acampamento Terror, ainda a um quilômetro e meio de distância sobre o cascalho congelado e a neve soprada. Outros homens poderiam voltar com eles no dia seguinte e ajudar a levar aqueles fardos terrivelmente pesados pelo último quilômetro e meio.

Restava o suficiente da mente e dos instintos de comando de Francis Crozier para que ele rejeitasse a ideia imediatamente. Ele podia fazer isso, claro, abandonar os trenós – o primeiro grupo a fazer isso em semanas – e garantir sua sobrevivência cambaleando pelo gelo para a segurança do Acampamento Terror sem os fardos, mas perderia toda liderança para sempre aos olhos de seus 104 homens e oficiais sobreviventes.

Embora a dor das mãos feridas fizesse com que vomitasse frequente e silenciosamente na parede de gelo enquanto puxavam e empurravam os trenós por cima – uma parte distante da mente de Crozier percebeu que o vômito era líquido e vermelho à luz da lanterna –, continuou a dar ordens e ajudar enquanto os 38 homens suficientemente bem para continuar com o esforço conseguiam passar trenós e eles mesmos sobre a barreira e sobre o gelo e o cascalho áspero da praia.

Se não estivesse tão certo de que o frio arrancaria a pele de seus lábios, Crozier poderia ter caído de joelhos no escuro e beijado o terreno sólido enquanto ouviam aquele novo som de cascalho e pedra protestando sobre os deslizadores do trenó pelo quilômetro e meio final.

Havia archotes queimando no Acampamento Terror. Crozier estava no arreoio da frente do primeiro trenó enquanto se aproximavam. Todos tentavam

se manter empertigados – ou pelo menos cambalear em posição ereta – enquanto puxavam os pesados trenós e os homens inconscientes sobre eles as últimas centenas de metros para o acampamento.

Havia homens vestidos inteiramente com trajes externos e do lado de fora das barracas esperando por eles. Inicialmente Crozier ficou comovido com a preocupação deles, certo de que as duas dúzias ou mais de homens que viu à luz dos archotes estavam prestes a enviar um grupo de resgate em busca de seu capitão e seus camaradas atrasados.

Enquanto Crozier se inclinava sobre os arreios, puxando os últimos sessenta metros mais ou menos para a luz dos archotes, mãos e ferimentos queimando de dor, preparou uma pequena brincadeira para sua chegada – algo como declarar ser Natal novamente e anunciar que todos poderiam dormir a semana seguinte inteira –, mas então o capitão Fitzjames e alguns dos outros oficiais se aproximaram para recebê-los.

Crozier então viu seus olhos: os olhos de Fitzjames e Le Vesconte, de Des Voeux, Couch, Hodgson, Goodsir e dos outros lá. E ele soube – pela Segunda Visão de Memo Moira, pela sua comprovada sensação de capitão ou apenas pela clara percepção não filtrada pelo raciocínio de um homem absolutamente exausto –, ele soube que algo acontecera e que nada agora seria como ele planejara ou esperava, e poderia nunca ser novamente.

IRVING

Lat. 69° 37' 42" N., Long. 98° 40' 58" W.

24 de abril de 1848

Havia dez esquimós de pé ali: seis homens de idade indeterminada, um homem muito velho desdentado, um garoto e duas mulheres. Uma das mulheres era velha, com boca caída e um rosto tomado por uma massa de rugas, e uma muito jovem. *Talvez sejam mãe e filha*, pensou Irving.

Os homens eram uniformemente baixos; o topo da cabeça do homem mais alto mal chegava ao queixo do alto terceiro-tenente. Dois tinham baixado os capuzes, revelando cachos rebeldes de cabelos negros e rostos lisos, mas os outros olhavam para ele das profundezas de seus capuzes, alguns com os rostos protegidos e cercados por uma pele branca luxuriante que Irving acreditava poder ser de raposa do Ártico. Outras borlas de capuz eram mais escuras e espetadas, e Irving imaginou que fossem de carcaju.

Com exceção do menino, todos os homens levavam uma arma, fosse um arpão ou uma lança curta com ponta de osso ou pedra, mas após Irving ter se aproximado e mostrado as mãos nuas, nenhuma das lanças foi erguida ou apontada para ele. Os esquimós – caçadores, supôs Irving – estavam relaxados, pernas abertas, mãos nas armas, com o trenó sendo contido pelo homem mais velho, que mantinha o garoto perto. Havia seis cães presos ao trenó, um veículo muito mais curto e leve que mesmo os menores trenós dobráveis do *Terror*. Os cachorros latiam e rosnavam, mostrando caninos perigosos, até o velho os calar com o bastão esculpido que carregava.

Ao mesmo tempo que tentava pensar em um modo de se comunicar com aquelas pessoas estranhas, Irving continuava a se maravilhar com seus trajes. As parcas dos homens eram mais curtas e escuras que as de lady Silêncio ou de seu companheiro morto, mas igualmente peludas. Irving achou que os pelos escuros poderiam ser de renas ou raposas, mas as calças brancas até os joelhos decididamente eram de ursos-brancos. Algumas das compridas botas peludas pareciam ser de pele de renas, mas outras eram mais macias e flexíveis. Couro de foca? Ou alguma pele de rena invertida?

As luvas claramente eram de couro de foca e pareciam mais quentes e flexíveis que as de Irving.

O tenente fitara os seis homens mais jovens tentando descobrir quem era o líder, mas isso não era claro. Além do velho e do garoto, apenas um dos esquimós do sexo masculino se destacava, um daqueles de cabeça nua que usava uma complicada faixa de cabeça branca de pele de rena, um cinto fino do qual pendiam muitas coisas estranhas e uma espécie de bolsa ao redor do pescoço. Contudo, não era um simples talismã como o amuleto de pedra de urso-branco de lady Silêncio.

Silêncio, como eu gostaria que você estivesse aqui, pensou John Irving.

– Saudações – ele disse, tocando o peito com o polegar enluvado. – Terceiro-tenente John Irving, do navio de Sua Majestade *Terror*.

Os homens murmuraram entre si. Ele ouviu palavras que soavam como *kabloona*, *qavac* e *miagortok*, mas não teve qualquer pista do que poderiam significar.

O homem mais velho de cabeça nua com bolsa e cinto apontou para Irving e disse:

– *Piifixaaq!*

Alguns dos mais jovens balançaram a cabeça a isso. Se era um termo pejorativo, Irving esperava que os outros estivessem rejeitando.

– John Irving – ele disse, tocando o peito novamente.

– *Sixam ieua?* – retrucou o homem em frente a ele. – *Suingne!*

Irving só pôde anuir a isso. Tocou o peito novamente.

– Irving.

Ele apontou para o peito do homem com uma expressão questionadora.

O homem encarou Irving entre as beiradas do capuz.

Desesperado, o tenente apontou para o cão líder que ainda latia e rosnava enquanto era contido e espancado pelo velho junto ao trenó.

– Cão – disse Irving. – Cão.

O esquimó mais perto de Irving riu.

– *Qimmiq* – disse claramente, também apontando para o cão. – *Tunok* – disse, balançando a cabeça e dando um risinho.

Embora estivesse congelando, Irving sentiu um calor. Conseguira algo. A palavra esquimó para o cão peludo que usavam era *qimmiq*, ou *tunok*, ou ambas. Ele apontou para o trenó.

– Trenó – disse com firmeza.

Os dez esquimós olharam para ele. A mulher jovem segurava as luvas diante do rosto. A boca da mulher velha caiu e Irving pôde ver que tinha exatamente um dente na boca.

– Trenó – disse novamente.

Os seis homens diante dele se entreolharam. Finalmente, o interlocutor de Irving até aquele momento falou.

– *Kamatik?*

Irving anuiu alegremente, embora não tivesse ideia de se realmente haviam começado a se comunicar. Pelo que ele sabia, o homem poderia ter lhe perguntado se queria ser arpoado. Ainda assim o tenente júnior não conseguia parar de sorrir. A maioria dos homens esquimós – com exceção do garoto, do velho que ainda espancava o cão e do homem mais velho de cabeça nua com bolsa e cinto – devolvia o sorriso.

– Por acaso falaria inglês? – perguntou Irving, se dando conta de que estava um pouco atrasado naquela pergunta.

Os esquimós encararam, sorriram, franziram o cenho e permaneceram em silêncio.

Irving repetiu a pergunta em seu francês de escola e alemão atroz.

Os esquimós continuaram a sorrir, franzir o cenho e encarar.

Irving agachou e acorrou, e os seis homens mais perto acorrou. Não se sentariam no cascalho congelado, mesmo que houvesse uma pedra grande ou

laje perto. Após tantos meses ali no frio, Irving entendia. Ele ainda queria saber o nome de alguém.

– Irving – disse, tocando o peito novamente. Apontou para o homem mais perto.

– *Inuk* – disse o homem, tocando o peito. Tirou a luva exibindo dentes brancos e ergueu a mão direita. Não tinha os dois dedos menores. – *Tikerqat* – disse, sorrindo novamente.

– Prazer em conhecê-lo, sir Inuk – disse Irving. – Ou sr. Tikerqat. Muito prazer em conhecê-lo.

Ele decidiu que qualquer comunicação real teria de ser por linguagem de sinais, e apontou para o lugar de onde viera, noroeste.

– Tenho muitos amigos – disse com confiança, como se dizer isso o tornasse mais seguro junto àqueles selvagens. – Dois navios grandes. Dois... navios.

A maioria dos esquimós olhou para o lugar para onde Irving apontara. O sr. Inuk franzia o cenho levemente.

– *Nanuuq* – disse o homem suavemente, depois pareceu se corrigir balançando a cabeça. – *Törnârssuk*.

Os outros desviaram os olhos ou baixaram as cabeças ao ouvir a última palavra, quase, parecia, como se em reverência ou medo. Mas o tenente tinha certeza que não era da ideia de dois navios ou um grupo de homens brancos.

Irving lambeu os lábios ensanguentados. Melhor começar a negociar com essas pessoas do que iniciar uma conversa longa. Movendo-se lentamente, de modo a não assustar nenhum deles, ele enfiou a mão na bolsa de couro de ombro para ver se havia alguma comida ou bugiganga que pudesse servir de presente.

Nada. Ele comera o pouco porco salgado e o biscoito velho que levara como ração do dia. Então algo brilhante e interessante... Havia apenas seus suéteres esfolados, duas meias extras fedorentas e um trapo descartável que levara para suas necessidades privadas ao ar livre. Naquele momento Irving lamentou amargamente ter dado a lady Silêncio seu valioso lenço de seda oriental – onde quer a garota estivesse. Ela escapulira do Acampamento Terror no segundo dia ali e não fora vista novamente desde então. Ele sabia que aqueles nativos teriam adorado o lenço de seda vermelho e verde.

Então seus dedos frios tocaram o latão curvo do telescópio. O coração de Irving deu um pulso, e depois se encolheu de dor. O telescópio era talvez seu bem mais valioso, a última coisa que seu tio lhe dera antes de o bom homem morrer de repente de problemas no coração.

Sorrindo melancolicamente para o esquimó que esperava, ele lentamente tirou o aparelho da bolsa. Pôde ver os homens de rostos marrons apertando suas lanças e arpões.



Dez minutos depois Irving tinha toda a família, clã ou tribo esquimó cercado-o como alunos reunidos em torno de uma professora especialmente estimada. Todos, inclusive o desconfiado homem mais velho de olhos apertados com faixa de cabeça, bolsa e cinto, se revezaram olhando pelo telescópio. Até as duas mulheres tiveram sua vez – Irving permitiu que o sr. Inuk Tikerqat, seu novo colega embaixador, passasse o instrumento de latão à jovem que dava risadas e à velha. O velho que estava segurando o trenó foi dar uma olhada e gritou uma exclamação, com as mulheres cantando junto:

ai yei yai ya na
ye he ye ye yi yan e ya qana
ai ye yi yat yana

Os membros do grupo gostaram de olhar uns para os outros pelos óculos, cambaleando para trás em choque e rindo quando rostos enormes apareciam. Depois os homens, aprendendo rapidamente a focalizar o telescópio, miraram pedras, nuvens e praias distantes. Quando Irving mostrou que podiam inverter o aparelho e tornar as coisas e os outros pequenos, os risos e exclamações dos homens ecoaram pelo pequeno vale.

Ele usou as mãos e a linguagem corporal – finalmente se recusando a pegar o telescópio de volta e o pressionando nas mãos do sr. Inuk Tikerqat – para que soubessem que era um presente.

Os risos pararam, e eles o encararam com expressões sérias. Por um minuto, Irving ficou pensando em se violara algum tabu, os ofendera de algum modo, mas depois teve um forte palpite de que os deixara com um problema de protocolo; ele lhes dera um presente maravilhoso e eles não tinham nada em troca.

Inuk Tikerqat conferenciou com os outros caçadores e então voltou a Irving fazendo pantomimas inconfundíveis, levando a mão à boca, depois esfregando a barriga.

Por um terrível segundo Irving pensou que seu interlocutor estava pedindo comida – da qual não tinha nenhuma –, mas quando tentou dizer isso o esquimó balançou a cabeça e repetiu os gestos. Irving de repente se deu conta de que estavam perguntando se *ele* tinha fome.

Com os olhos se enchendo de água por uma rajada de vento ou puro alívio, Irving repetiu os gestos e anuiu entusiasticamente. Inuk Tikerqat o agarrou pelo ombro congelado da roupa e o levou ao trenó. Irving pensou: Qual havia sido a palavra deles para isso?

– *Kamatik?* – disse em voz alta, finalmente lembrando.

– *Ee!* – gritou o sr. Tikerqat, aprovando. Chutando para o lado os cachorros que rosnavam, ele levantou uma pele grossa sobre o trenó. Havia pedaços e mais pedaços de carne e peixe congelados e frescos empilhados no *kamatik*.

Seu anfitrião apontava para diferentes delícias. Apontando para o peixe, Inuk Tikerqat disse:

– *Egaluk* – no tom lento e paciente que um adulto usa com uma criança. Depois para as peças de carne e banha de foca. – *Nat-suk*.

Para peças maiores e mais congeladas de uma carne mais escura:

– *Oo ming-mite*.

Irving anuiu. Estava constrangido por sua boca de repente se encher d'água. Não estando certo de se devia apenas admirar o estoque de comida ou escolher dela, ele apontou timidamente para a carne de foca.

– *Ee!* – disse novamente o sr. Tikerqat. Ergueu uma tira de carne e banha macias, enfiou a mão sob a parca curta, tirou da cintura uma faca de osso muito afiada e cortou uma tira para Irving e outra para si. Deu o pedaço ao tenente antes de cortar o seu.

A velha perto dali deu uma espécie de uivo.

– *Kaaktunga!* – gritou. E quando nenhum dos homens prestou atenção, gritou novamente: – *Kaaktunga!*

Ele fez uma expressão na direção de Irving, do tipo que um homem faz para outro quando uma mulher exige algo na presença dele, e disse:

– *Orssunguvoq!*

Mas cortou uma tira de banha de foca e jogou para a velha como jogaria a um cão.

A velha bruxa desdentada riu e começou a mastigar a banha.

Imediatamente o grupo se reuniu em torno do trenó, os homens com suas facas, e todos começaram a cortar e comer.

– *Aipalingiagpoq* – disse o sr. Tikerqat apontando para a velha e rindo. Os outros caçadores, velho e garoto, todos, exceto o homem mais velho com fita de cabeça e bolsa, se juntaram ao riso.

Irving deu um sorriso largo, embora não tivesse ideia de qual era a piada.

O homem mais velho com faixa de cabeça apontou para Irving e disse:

– *Qavac... suingne! Kangunartuliorpoq!*

O tenente não precisava de um tradutor para saber que o que o homem dissera não tinha sido elogioso ou gentil. O sr. Tikerqat e vários dos outros caçadores apenas balançaram a cabeça enquanto comiam.

Todos, mesmo a mulher, estavam usando as facas do modo como lady Silêncio usara em sua casa de neve mais de dois meses antes – cortando pele, carne e banha *para* as bocas, de modo que as lâminas afiadas passavam a um fio de cabelo de lábios e línguas engordurados.

Irving cortou da mesma forma – o melhor que pôde –, mas sua faca era mais cega e ele estava desajeitado. Mas não cortou o nariz como fizera na primeira vez com Silêncio. O grupo comeu em um silêncio agradável interrompido apenas por arrotos educados e um eventual flato. Os homens finalmente bebiam de uma espécie de bolsa ou pele, mas Irving já tirara a garrafa que mantinha junto ao corpo para que a água não congelasse.

– *Kee-nah-oo-veet?* – disse Inuk Tikerqat de repente. Ele bateu no peito. – *Tikerqat.*

O jovem novamente retirou a luva e mostrou os três dedos remanescentes.

– Irving – disse o tenente, novamente tocando o próprio peito.

– *Eh-vunq* – repetiu o esquimó.

Irving sorriu por cima da banha. Apontou para o novo amigo.

– Inuk Tikerqat, *ee?*

O esquimó balançou a cabeça.

– *Ah-ka*.

O homem fez um gesto amplo com braços e mãos, abrangendo todos os esquimós e ele.

– *Inuk* – disse com firmeza. Erguendo a mão mutilada e agitando os dois dedos remanescentes e escondendo o polegar, disse novamente: – *Tikerqat*.

Irving interpretou isso como significando que “Inuk” não era o nome do homem, mas uma descrição de todos os dez esquimós ali – talvez o nome da tribo, nome racial ou nome de clã. Supôs que “Tikerqat” não fosse um sobrenome, mas o nome inteiro de seu interlocutor, e provavelmente significando “Dois dedos”.

– Tikerqat – disse Irving, tentando pronunciar corretamente enquanto ainda cortava e mastigava banha. O fato de que a carne e a gordura eram velhas, fedorentas e cruas não significava quase nada. Era como se seu corpo ansiasse por aquela gordura mais que tudo. – Tikerqat – disse novamente.

Então se seguiu, em meio a agachamento, corte e mastigação, uma apresentação geral. Tikerqat começou as introduções e explicações encenando coisas para explicar o significado do nome – se os nomes tinham significado –, mas depois os outros homens entraram no jogo e encenaram os próprios nomes. O momento tinha o clima de uma brincadeira divertida de criança.

– Taliriktug – disse Tikerqat lentamente, empurrando para frente o jovem de peito largo junto a ele. Dois Dedos agarrou o braço do companheiro e torceu, fazendo ruídos de *ah-yeh-I*, depois flexionando o próprio músculo e o comparando com os bíceps maiores do outro homem.

– *Taliriktug* – repetiu Irving, pensando em se significaria “Grande Músculo”, “Braço Forte” ou algo parecido.

O homem seguinte, mais baixo, se chamava *Tuluqag*. Tikerqat puxou para trás o gorro da parca dele, apontou para os cabelos pretos e fez barulhos de asa com a mão, imitando um pássaro voando.

– *Tuluqag* – repetiu Irving, anuindo educadamente para o homem enquanto mastigava. Pensou se a palavra significaria “Corvo”.

O quarto homem bateu no peito, grunhiu “*Amaruq*”, jogou a cabeça para trás e uivou.

– *Amaruq* – repetiu Irving e anuiu, depois dizendo em voz alta. – Lobo.

O quinto caçador se chamava *Mamarut* e fez uma mímica envolvendo sacudir os braços e dançar. Irving repetiu o nome e anuiu, mas não teve ideia de o que o nome poderia significar.

O sexto caçador, um homem mais jovem de expressão muito séria foi apresentado por Tikerqat como *Ituksuk*. O homem encarou Irving com olhos negros profundos e não encenou nada. Irving anuiu educadamente e mastigou sua banha.

O homem mais velho com faixa de cabeça e bolsa foi apresentado por Tikerqat como *Asiajuk*, mas o homem não piscou nem aparentou reconhecer a apresentação. Era óbvio que ele não gostava nem confiava no terceiro-tenente John Irving.

– Um prazer conhecê-lo, sr. Asiajuk – disse Irving.

– *Afatkuq* – disse Tikerqat suavemente, fazendo um leve gesto de cabeça na direção do homem mais velho sério com faixa de cabeça.

Alguma espécie de curandeiro?, pensou Irving. Desde que a hostilidade de Asiajuk permanecesse apenas no nível de desconfiança silenciosa, o tenente achava que as coisas ficariam bem.

O velho no trenó foi apresentado ao jovem tenente como *Kringmuluardjuk*. Tikerqat apontou para os cães que continuavam a rosnar, juntou as mãos em uma espécie de gesto de diminuição e riu.

Então o interlocutor risonho de Irving apontou para o garoto tímido, que parecia ter 10 ou 11 anos de idade, apontou para o próprio peito novamente e disse:

– *Irniq* – e acrescentou: – *Qajorânguaq*.

Irving imaginou que *Irniq* poderia significar “filho” ou “irmão”. Provavelmente o primeiro, pensou. Ou talvez o nome do garoto fosse *Irniq* e *Qajorânguaq* significasse filho ou irmão. O tenente anuiu respeitosamente, como fizera com os caçadores mais velhos.

Tikerqat empurrou a mulher velha para frente. Seu nome parecia ser *Nauja*, e Tikerqat novamente fez um movimento de pássaro voando. Irving repetiu o nome o melhor que pôde – havia certo som glotal que o esquimó fazia que ele não conseguia reproduzir – e anuiu respeitosamente. Ficou pensando em se *Nauja* era uma andorinha-do-mar ártica, uma gaivota ou algo mais exótico.

A velha deu um risinho e enfiou mais banha na boca. Tikerqat colocou o braço ao redor da jovem, na verdade não muito mais que uma garota, e disse:

– *Qaumaniq* – depois sorriu largo e acrescentou: – *Amooq!*

A garota se remexeu no abraço dele, sorrindo, e todos os homens exceto o possível curandeiro riram alto.

– *Amooq?* – disse Irving, e o riso aumentou de volume. Tuluqag e Amaruq cuspiram a banha de tanto rir.

– *Qaumaniq... Amooq!* – disse Tikerqat e fez um gesto de agarrar com as duas mãos de dedos abertos diante do peito que era universal. Mas para ter certeza de transmitir a mensagem, o caçador agarrou a mulher que se agitava; Irving tinha de pensar que era sua esposa, e levantou rapidamente a parca curta e escura.

A garota estava nua sob a pele animal, e de fato seus seios eram muito grandes... De fato muito grandes para uma mulher tão jovem.

John Irving se sentiu corar desde os cabelos louros até o peito. Baixou os olhos para a banha que continuava a mastigar. Naquele momento ele teria apostado cinquenta em que *Amooq* era o equivalente a “Peitões” na linguagem esquimó.

Os homens ao redor uivaram de rir. Os *qummiq* – cães de trenó parecidos com lobos ao redor do *kamatik* de madeira – uivaram e saltaram contra os arreios. O velho atrás do trenó, Kringmuluardkuk, chegou a cair no gelo e na neve de tanto que ria.

De repente, Amaruq – Lobo? –, que estava brincando com o telescópio, apontou para a crista nua de onde Irving descera para o vale e soltou o que soava como:

– *Takuva-a kabloona qukiuttina!*

O grupo ficou imediatamente em silêncio.

Os cães lupinos começaram a latir enfurecidos.

Irving se levantou de onde estava acorçado e protegeu os olhos do sol. Não queria pedir o telescópio de volta. Houve um breve movimento de uma forma humana em sobretudo silhuetada contra o alto da crista.

Maravilha!, pensou Irving. Ao longo do banquete de banha e as apresentações ele tentara decidir como fazer Tikerqat e os outros voltarem ao Acampamento Terror com ele. Temera não ser capaz de conseguir se comunicar suficientemente bem apenas com mãos e movimentos para persuadir os oito homens e duas mulheres esquimós e seus cães e trenó a fazer a viagem de três horas de volta ao litoral com ele, então estivera pensando em um modo de fazer apenas Tikerqat ir com ele.

Certamente o tenente não podia simplesmente deixar que aqueles nativos voltassem para o lugar de origem. O capitão Crozier estaria no acampamento amanhã, e Irving sabia por várias conversas com o capitão que o contato com os povos locais era exatamente o que o cansado e atormentado capitão mais esperava que acontecesse. *As tribos do norte, que Ross chamava de tribos das montanhas do norte, raramente são belicosas*, Crozier dissera ao terceiro-tenente certa noite. *Se nos depararmos com uma aldeia a caminho do sul, eles poderão nos alimentar bem o suficiente para que nos abasteçamos devidamente para a longa jornada rio acima até Grande Lago do Escravo. No mínimo, poderão nos mostrar como viver da terra.*

E agora Thomas Farr e os outros haviam ido procurar por ele, seguindo suas pegadas na neve até aquele vale. A figura na crista voltara para o outro lado e saíra de vista – por choque de ver dez estranhos no vale ou preocupação de que poderia assustá-los? –, mas Irving tivera um vislumbre do sobretudo tremulando na silhueta e gorro galês e cachecol, e soube que um dos seus problemas estava resolvido.

Caso não conseguisse convencer Tikerqat e os outros a voltar com eles – e o velho Asiajuk, o xamá, poderia ser difícil de convencer –, Irving e alguns de seu grupo poderiam ficar com os esquimós no vale, convencê-los a permanecer ali com conversa e outros presentes das bolsas de alguns dos outros homens, enquanto ele mandava os marinheiros mais rápidos de volta ao litoral para levar o capitão Fitzjames e mais homens até ali.

Não posso deixá-los ir embora. Aqueles esquimós podiam ser a resposta aos nossos problemas. Podem ser nossa salvação.

Irving sentiu o coração batendo forte sobre as costelas.

– Está tudo bem – disse a Tikerqat e os outros, falando com o tom mais calmo e confiante que conseguiu. – São apenas meus amigos. Alguns amigos. Bons homens. Não irão machucar vocês. Só temos um rifle conosco, e não iremos trazê-lo aqui. Está tudo bem. Apenas amigos meus que vocês gostarão de conhecer.

Irving sabia que eles não podiam entender uma palavra do que dizia, mas continuou falando, usando a mesma voz suave e tranquilizadora que teria usado nos estábulos da família em Bristol para acalmar um potro agitado. Vários dos caçadores haviam arrancado as lanças e arpões da neve e os seguravam relaxadamente, mas Amaruq, Tulugaq, Taliriktug, Ituksuk, o garoto Qajorânguaq, o velho Kringmuluardjuk, e mesmo o xamá desaprovador Asiajuk olhavam para Tikerqat em busca de orientação. As duas mulheres pararam de mastigar banha e silenciosamente encontraram seu lugar atrás da fila de homens.

Tikerqat olhou para Irving. Os olhos do esquimó de repente estavam muito escuros e muito estranhos ao jovem tenente. O homem parecia esperar alguma explicação.

– *Khat-seet?* – perguntou com suavidade.

Irving mostrou as palmas das mãos em um gesto calmante e sorriu o mais descontraidamente que conseguiu.

– Apenas amigos – disse, reproduzindo a suavidade do tom de Tikerqat. – Alguns amigos.

O tenente olhou de relance para a crista. Ainda estava vazia contra o céu azul. Ele temia que quem tivesse ido procurar por ele houvesse se assustado com o grupo do gelo e voltado. Irving não estava certo de quanto tempo poderia esperar ali... quanto tempo conseguiria manter Tikerqat e seu pessoal calmos antes que fugissem.

Respirou fundo e se deu conta de que teria de ir atrás do homem lá em cima, chamá-lo de volta, dizer o que havia acontecido e mandá-lo ir buscar Farr e os outros o mais rápido possível. Irving não podia esperar.

– Por favor, fiquem aqui – disse Irving. Colocou a bolsa de couro na neve perto de Tikerqat em uma tentativa de mostrar que voltaria. – Por favor, esperem. Não irá demorar um minuto. Sequer sairei da vista de vocês. Por favor, fiquem.

Ele se deu conta de que gesticulava com as mãos como se pedindo ao esquimó para sentar, do modo como falaria com um cão.

Tikerqat não sentou, nem respondeu, mas permaneceu onde estava enquanto Irving recuava lentamente.

– Voltarei logo – disse o tenente. Ele se virou e subiu correndo a íngreme ladeira de cascalho e gelo até o cascalho escuro no alto da colina.

Mal podendo respirar de tensão, ele se virou no alto e olhou para baixo.

As dez figuras, os cachorros latindo e o trenó estavam exatamente onde os deixara.

Irving acenou, fez gestos indicando que voltaria logo, e passou apressado por cima do topo, pronto a gritar para qualquer marinheiro recuando. Tendo descido seis metros do lado nordeste da colina, Irving viu algo que o fez parar.

Um homenzinho dançava nu, a não ser pelas botas, ao redor de uma pilha alta de roupas descartadas em uma rocha.

Leprechaun, pensou Irving, se lembrando de algumas das histórias do capitão Crozier. A imagem não fazia nenhum sentido para o terceiro-tenente. Havia sido um dia de visões estranhas.

Ele chegou mais perto e viu que não era um gnomo dançando, mas o ajudante de calafate. O homem cantarolava uma musiquinha de marinheiro enquanto dançava e dava piruetas. Irving não conseguiu deixar de notar a palidez de larva da pele do homenzinho, como suas costelas se projetavam visivelmente, os pelos arrepiados sobre a pele, o fato de que era circuncidado e como eram absurdas suas nádegas brancas enquanto dava piruetas.

Andando até ele, balançando a cabeça de incredulidade, sem vontade de rir, mas com o coração ainda batendo forte pela excitação de encontrar Tikerqat e os outros, Irving disse:

– Sr. Hickey. O que acha que está fazendo?

O ajudante de calafate parou de dar piruetas. Levou um dedo ossudo aos lábios como se para calar o tenente. Depois se curvou e mostrou o traseiro a

Irving enquanto se curvava sobre a pilha de casacos e roupas na pedra.

O homem enlouqueceu, pensou Irving. *Não posso deixar Tikerqat e os outros o verem assim*. Ficou pensando em se poderia enfiar alguma sensatez a tapas no homenzinho e usá-lo como mensageiro para levar Farr e os outros ali rapidamente. Irving tinha algumas folhas de papel e um coto de grafite com o qual podia escrever um bilhete, mas estavam em sua bolsa no vale.

– Veja bem, sr. Hickey... – começou com dureza.

O ajudante de calafate se levantou e virou tão rápido com o braço totalmente esticado que por um segundo ou dois Irving achou que estava retomando a dança.

Mas havia uma faca afiada naquela mão esticada. Irving sentiu uma dor aguda repentina na garganta. Começou a falar novamente, descobriu que não conseguia, levou as duas mãos à garganta e baixou os olhos.

Sangue escorria sobre as mãos de Irving e para o peito, pingando em suas botas.

Hickey brandiu a faca novamente em um grande arco maldoso. Esse golpe cortou a traqueia do tenente. Ele caiu de joelhos e ergueu o braço direito, apontando para Hickey por entre uma visão que de repente se transformara em um túnel escuro. John Irving estava surpreso demais até para sentir raiva.

Hickey deu um passo à frente, ainda nu, joelhos pontudos, coxas magras e tendões, agora se agachando como um gnomo pálido e ossudo. Mas Irving caíra de lado no cascalho frio, vomitara um volume impossível de sangue, e estava morto antes que Cornelius Hickey rasgasse as roupas do tenente e começasse a brandir a faca com gosto.

CROZIER

*Lat. 69° 37' 42" N., Long. 98° 41' W.
25 de abril de 1848*

Seus homens desabaram nas barracas e dormiram o sono dos mortos assim que chegaram ao Acampamento Terror, mas Crozier não dormiu nada na noite de 24 de abril.

Primeiramente ele foi a uma barraca médica especial que havia sido montada para que o dr. Goodsir pudesse fazer a autópsia e preparar o corpo para o enterro. O cadáver do tenente Irving, branco e congelado após sua longa viagem de volta ao acampamento no trenó confiscado dos selvagens, não parecia muito humano. Além do enorme ferimento na garganta – tão fundo que expunha as vértebras brancas de sua coluna pela frente e fazia a cabeça cair para trás como se em uma dobradiça frouxa – o jovem havia sido emasculado e estripado.

Goodsir ainda estava acordado e trabalhando no corpo quando Crozier entrou na barraca. O cirurgião examinava vários órgãos retirados do cadáver, os testando com algum instrumento afiado. Ele ergueu os olhos e lançou a Crozier um estranho olhar pensativo e quase culpado. Nenhum dos homens disse nada por um longo momento enquanto o capitão ficava de pé acima do corpo. Finalmente Crozier jogou para trás um cacho de cabelos louros que haviam caído sobre a testa de John Irving. O cacho quase tocava os olhos azuis abertos, nublados mas ainda atentos.

– Deixe o corpo pronto para o enterro ao meio-dia de amanhã – disse Crozier.

– Sim, senhor.

Crozier foi à sua barraca, onde Fitzjames o aguardava.

Quando o camareiro de Crozier, Thomas Jopson, de 30 anos de idade, supervisionara o carregamento e transporte da “barraca do capitão” para o Acampamento Terror algumas semanas antes, Crozier ficara furioso ao saber que Jopson não apenas havia mandado costurar especialmente uma barraca dupla – o capitão esperava apenas uma barraca Holland marrom comum –, mas também fizera os homens carregar uma cama exagerada e várias cadeiras de carvalho e mogno sólidos da Grande Sala, bem como uma mesa decorada que pertencera a sir John.

Agora Crozier estava contente pelos móveis. Ele arrumara a mesa pesada entre a entrada da barraca e sua área privada de repouso com as duas cadeiras atrás da mesa e nenhuma na frente. A lanterna pendurada do pico alto da barraca iluminava com dureza o espaço aberto diante da escrivaninha, ao mesmo tempo deixando a área de Fitzjames e Crozier na penumbra. O espaço tinha o clima de uma corte marcial.

Exatamente o que Francis Crozier queria.

– Você deve ir para a cama, capitão Crozier – disse Fitzjames.

Crozier olhou para o capitão mais jovem. Já não parecia jovem. Fitzjames parecia um cadáver ambulante – pálido ao ponto de sua pele se tornar transparente, barbado com suíças e sangue seco vazando dos folículos, bochechas e olhos fundos. Crozier não se olhava em um espelho havia vários dias, e evitara aquele pendurado no fundo daquela sua barraca, mas esperava por Cristo não estar parecendo tão mal quanto o antigo menino prodígio da Marinha Naval, comandante James Fitzjames.

– Você também precisa de um pouco de sono, James – retrucou Crozier. – Posso interrogar esses homens eu mesmo.

Fitzjames balançou a cabeça, cansado.

– Eu os ouvi, claro, mas não visitei o local ou realmente interroguei – disse, a voz de uma monotonia mortal. – Sabia que você iria querer fazer isso.

Crozier anuiu.

– Quero estar no local à primeira luz.

– São cerca de duas horas de caminhada vigorosa rumo sudoeste – disse Fitzjames.

Crozier anuiu novamente.

Fitzjames tirou o quepe e penteou para trás os compridos cabelos engordurados com dedos sujos. Eles haviam usado os fogões dos barcos transportados para lá para derreter água para beber e apenas o suficiente para se barbear, caso um oficial quisesse, mas não restava nada para banho. Fitzjames sorriu.

– O ajudante de calafate Hickey perguntou se poderia dormir até ser a hora de seu relato.

– O ajudante de calafate Hickey pode muito bem ficar acordado como o resto de nós, cacete – disse Crozier.

Fitzjames disse suavemente:

– Isso foi mais ou menos o que disse a ele. Eu o coloquei de sentinela. O frio deve mantê-lo acordado.

– Ou matá-lo – disse Crozier. Seu tom sugeria que esse não seria o pior dos acontecimentos. Em voz mais alta, gritando para o soldado Daly, de guarda à porta da barraca, Crozier disse: – Mande o sargento Tozer entrar.



De alguma forma, o grande fuzileiro idiota conseguira permanecer volumoso mesmo com todos os homens passando fome com um terço das rações. Ficou em posição de sentido, com exceção do mosquete, enquanto Crozier conduzia o interrogatório.

– Qual sua impressão dos acontecimentos de hoje, sargento?

– Muito boa, senhor.

– Boa? – retrucou Crozier, se lembrando da condição da garganta e do corpo do terceiro-tenente Irving deitado na barraca de autópsia logo atrás da barraca do próprio Crozier.

– Sim, senhor. O ataque, senhor. Funcionou como um relógio. Como um relógio. Descemos a grande colina andando, senhor, mosquetes, rifles e escopetas baixas como se não tivéssemos nenhuma raiva do mundo, senhor, e

os selvagens observaram nossa chegada. Abrimos fogo a menos de vinte metros e causamos um senhor estrago em suas malditas fileiras irregulares, senhor, isso eu posso dizer. Causamos um senhor estrago.

– Eles estavam em fila, sargento?

– Bem, não capitão, não como se fosse possível jurar numa Bíblia, senhor. Mais em pé ali como os selvagens que eram, senhor.

– E suas salvas iniciais os abateram?

– Ah, sim, senhor. Mesmo as escopetas daquela distância. Foi uma senhora visão, senhor.

– Como atirar em peixes em um barril de água de chuva?

– Sim, senhor – disse o sargento Tozer com um enorme sorriso no rosto vermelho.

– Eles opuseram alguma resistência, sargento?

– Resistência, senhor? Na verdade, não. Não alguma que se pudesse dizer, senhor.

– Mas eles estavam armados com facas, lanças e arpões.

– Ah, sim, senhor. Dois dos selvagens sem Deus arremessaram seus arpões e um arremessou uma lança, mas os que fizeram já estavam feridos e isso não ajudou em nada, a não ser causar um pequeno furo na perna do jovem Sammy Crispe, que pegou sua escopeta e mandou direto para o inferno o selvagem que o arranhou, senhor. Direto para o inferno.

– Mas dois dos esquimós fugiram – disse Crozier.

Tozer franziu o cenho.

– Sim, senhor. Peço desculpas por isso. Estava uma grande confusão, senhor. E dois daqueles que haviam caído se levantaram quando estávamos atirando naqueles cães sarnentos, senhor.

– Por que atirou nos cães deles, sargento? – perguntou Fitzjames.

Tozer pareceu surpreso.

– Porque estavam latindo, rosnando e avançando em nós, capitão. Eram mais lobos que cachorros.

– O senhor considerou, sargento, que poderiam ser úteis a nós? – perguntou Fitzjames.

– Sim, senhor. Como *carne*.

Crozier falou.

– Descreva os dois esquimós que fugiram.

– Um pequeno, capitão. O sr. Farr disse que achou que poderia ser uma mulher. Ou garota. Tinha sangue no capuz, mas evidentemente não estava morta.

– Obviamente – disse Crozier secamente. – E quanto ao outro que escapou?

Tozer deu de ombros.

– Um homenzinho com uma faixa na cabeça, é tudo o que sei, capitão. Tinha caído atrás do trenó lá, e todos achamos que estava morto. Mas ele se levantou e correu com a garota quando estávamos ocupados atirando nos cachorros, senhor.

– Vocês os perseguiram?

– Perseguir, senhor? Ah, sim, certamente. Nós corremos nossos... nós corremos muito atrás deles, capitão. E estávamos recarregando e atirando enquanto seguíamos, senhor. Acho que acertei aquela pequena vagabunda esquimó novamente, mas ela não desacelerou nem um pouco, senhor. Eles simplesmente eram rápidos demais para nós. Mas não voltarão aqui tão cedo, senhor. Garantimos isso.

– E quanto aos amigos deles? – perguntou Crozier secamente.

– Perdão, senhor? – reagiu Tozer, que estava sorrindo novamente.

– A tribo deles. Aldeia. Clá. Outros caçadores e guerreiros. Essas pessoas vieram de algum lugar. Elas não passaram o inverno inteiro no gelo. Presumivelmente voltarão a essa aldeia, caso já não estejam lá. O senhor pensou que os outros caçadores esquimós, homens que matam todo dia, podem considerar pessoal que tenham matado oito deles, sargento?

Tozer pareceu confuso.

Crozier falou.

– Está dispensado, sargento. Mande o segundo-tenente Hodgson entrar.



Hodgson parecia tão infeliz quanto Tozer parecera animado. O jovem tenente estava obviamente perturbado com a morte de seu maior amigo na expedição e nauseado com o ataque que ordenara ao se deparar com o grupo de reconhecimento de Irving e ser levado ao corpo dele.

– À vontade, tenente Hodgson – disse Crozier. – Precisa de uma cadeira?

– Não, senhor.

– Conte como se juntou ao grupo do tenente Irving. As ordens que recebeu do capitão Fitzjames eram de ir em expedição de caça ao sul do Acampamento Terror.

– Sim, capitão. E fizemos isso a maior parte da manhã. Não havia nem uma trilha de coelho na neve ao longo do litoral, senhor, e não conseguimos passar para o gelo marinho por causa da altura dos icebergs empilhados ao longo do gelo da praia. Então por volta de dez horas da manhã fomos para o interior pensando em que talvez houvesse sinal de alguma rena, de raposas, boi-almiscarado ou alguma coisa.

– Mas não havia?

– Não, senhor. Em vez disso encontramos a trilha de umas dez pessoas usando botas de solas macias do tipo esquimó. Isso e as trilhas do trenó e dos cães.

– E seguiu essas trilhas para noroeste em vez de continuar a caçar?

– Sim.

– Quem tomou essa decisão, segundo-tenente Hodgson? O senhor ou o sargento Tozer, que era o segundo em seu grupo?

– Eu, senhor. Eu era o único oficial lá. Eu tomei essa e todas as outras decisões.

– Incluindo a decisão final de atacar os esquimós?

– Sim, senhor. Nós os vigiamos por um minuto desde a colina onde o pobre John fora assassinado e estripado, e... bem, o senhor sabe o que fizeram a ele, capitão. Os selvagens pareciam se preparar para partir, voltando para sudoeste. Foi quando decidimos atacá-los com toda a força.

– Você tinha quantas armas, tenente?

– Nosso grupo tinha três rifles, duas escopetas e dois mosquetes, senhor. O grupo do tenente Irving tinha apenas um mosquete. Ah, e uma pistola que

pegamos no bolso do casaco de John... do tenente Irving.

– Os esquimós deixaram a arma no bolso dele? – perguntou Crozier.

Hodgson parou um momento como se não tivesse pensado nisso antes.

– Sim, senhor.

– Havia algum outro sinal de roubo de seus bens pessoais?

– Sim, senhor. O sr. Hickey nos contara como vira os esquimós roubando de John... do tenente Irving... seu telescópio e bolsa antes de o matarem na colina, senhor. Quando chegamos à colina pude ver por nosso próprio óculo que os nativos estavam vasculhando a sua bolsa e circulando o telescópio no vale onde acho que pararam após assassinar e... mutilá-lo.

– Havia rastros?

– Perdão, senhor?

– Rastros... dos esquimós... descendo na colina nua onde você encontrou o corpo do tenente até onde os nativos estavam vasculhando os bens dele.

– Ahn... sim, senhor. Acho que sim, capitão. Quero dizer, posso lembrar de uma fina linha de rastros que na hora achei serem apenas de John, mas que deviam ser do resto deles também. Eles devem ter subido e descido em fila, meio que, capitão. O sr. Hickey disse que estavam ao redor dele na colina nua enquanto cortavam sua garganta e... faziam as outras coisas, senhor. Disse que não eram todos... não a mulher e o garoto, talvez... mas seis ou sete dos pagãos. Os caçadores, senhor. Os homens mais novos.

– E o velho? – perguntou Crozier. – Entendo que havia um velho desdentado entre os corpos quando vocês terminaram.

Hodgson anuiu.

– Ele ainda tinha um dente, capitão. Não lembro se o sr. Hickey disse que o velho era parte do grupo que matou John.

– Como foi que você chegou primeiro ao grupo do sr. Farr, o grupo de reconhecimento do tenente Irving, se estava seguindo os rastros dos esquimós na direção norte, tenente?

Hodgson anuiu rapidamente, como se aliviado com uma pergunta que poderia responder com certeza.

– Perdemos as pegadas e a trilha do trenó cerca de um quilômetro e meio ao sul de onde o tenente Irving foi atacado, senhor. Eles deviam estar se

deslocando mais a leste, sobre o alto das cristas onde havia gelo, mas principalmente pedra, senhor... O senhor sabe, aquele cascalho congelado. Não conseguimos encontrar trilhas de trenó ou cães, nem pegadas em lugar nenhum nos vales, então continuamos rumo norte, a direção para a qual estavam indo. Descemos uma colina e encontramos o grupo de Thomas Farr, o grupo de reconhecimento de John, acabando o jantar. O sr. Hickey voltara para contar o que vira apenas um minuto ou dois antes, e acho que assustamos Thomas e seus homens... eles acharam que eram os esquimós indo atrás deles.

– O senhor notou algo estranho no sr. Hickey? – perguntou Crozier.

– Estranho, senhor?

Crozier esperou em silêncio.

– Bem – continuou Hodgson. – Ele estava tremendo muito. Como se tendo um ataque. E a voz estava muito agitada, quase um guincho. E ele... bem, senhor... ele estava rindo. Dando risinhos. Mas isso tudo seria de esperar de um homem que acabara de ver o que ele vira, não é, capitão?

– E o que ele viu, George?

– Bem... – Hodgson baixou os olhos para recobrar a compostura. – O sr. Hickey havia contado ao capitão da gávea Farr, e ele repetiu para mim, que saíra para procurar o tenente Irving e cruzara uma crista bem a tempo de ver esses seis, sete ou oito esquimós roubando os pertences do tenente e o esfaqueando e mutilando. O sr. Hickey disse, ele ainda tremia muito, senhor, muito perturbado, que os vira cortar as partes íntimas de John.

– O senhor viu o corpo do tenente Irving poucos minutos depois, não foi, tenente?

– Sim, senhor. Estava a cerca de 25 minutos de caminhada de onde o grupo de Farr comia.

– Mas o senhor não começou a tremer incontrolavelmente após ver o corpo de Irving, começou, tenente? Tremendo por 25 minutos ou mais?

– Não, senhor – disse Hodgson, obviamente não entendendo a razão da pergunta de Crozier. – Mas vomitei, senhor.

– E quando o senhor decidiu atacar o grupo esquimó e matar todos eles?

Hodgson engoliu em seco audivelmente.

– Após tê-los observado da colina por meu telescópio vasculhando a bolsa de John e brincando com o seu telescópio, capitão. Assim que todos olhamos; o sr. Farr, o sargento Tozer e eu, e percebemos que os esquimós haviam virado o trenó e se preparavam para partir.

– E o senhor deu a ordem de não fazer prisioneiros?

Hodgson baixou os olhos novamente.

– Não, senhor. Eu realmente não pensei nisso de um modo ou outro. Eu apenas estava com muita... raiva.

Crozier não disse nada.

– Mas disse ao sargento Tozer que tínhamos de perguntar a um dos esquimós o que havia acontecido, capitão – continuou o tenente. – Então acho que antes da ação achei que haveria alguns vivos depois. Eu apenas estava com muita... *raiva*.

– Quem deu a ordem de atirar, tenente? O senhor, o sargento Tozer, o sr. Farr ou alguém mais?

Hodgson piscou várias vezes, muito rápido.

– Não lembro, senhor. Não estou certo de se houve uma ordem de atirar. Lembro apenas de que chegamos a uns trinta metros, talvez menos, e vi vários dos homens esquimós agarrando arpões, lanças, o que quer que fossem, e então todos em nossa linha estavam atirando, recarregando e atirando. E os nativos corriam, as mulheres gritavam, a velha continuava gritando como, bem, como os demônios sobre os quais nos falou, capitão... um grito agudo, trinado, constante... mesmo depois que várias balas a haviam atingido, ela continuava com aquele berro medonho. Então o sargento Tozer foi até lá, se colocou acima dela com a pistola de John e... tudo aconteceu muito rápido, capitão. Eu nunca havia me envolvido em algo assim.

– Nem eu – disse Crozier.

Fitzjames não disse nada. Ele havia sido o herói de várias campanhas terrestres selvagens durante as Guerras do Ópio. Seu olhar estava baixo e parecia voltado para dentro.

– Caso erros tenham sido cometido, senhores, assumo toda a responsabilidade – disse Hodgson. – Eu era o oficial de maior patente dos dois

grupos com Jo... Com o tenente Irving morto. A responsabilidade foi toda minha, senhores.

Crozier o encarou. O capitão podia sentir a secura mortal de seu olhar.

– O senhor era o único oficial presente, tenente Hodgson. Para o bem e para o mal, *era e é* sua responsabilidade. Em cerca de quatro horas quero liderar um grupo até o local de assassinato e tiros. Partiremos à luz de lanternas e seguiremos sua trilha de trenó de volta ao local, mas quero estar lá quando o sol nascer. O senhor e o sr. Farr serão os únicos homens das ações de hoje que seguirão conosco. Vá dormir um pouco, comer, e esteja pronto para partir às seis badaladas.

– Sim, senhor.

– E mande o ajudante de calafate Hickey entrar.

GOODSIR

*Lat. 69° 37' 42" N., Long. 98° 41' W.
25 de abril de 1848*

Do diário particular do dr. Harry D. S. Goodsir:

Terça-feira, 25 de abril de 1848

Eu gostava muito do tenente Irving. Minha Impressão dele era de ser um jovem Decente e Atencioso. Eu não o conhecia Bem, mas ao longo de todos estes Meses Difíceis – especialmente durante as muitas Semanas que passei no Terror, além do Erebus – nem uma vez vi o tenente fugir do dever, falar grosseiramente com os Homens ou lidar com eles ou comigo se não com gentileza e Cortesia Profissional.

Sei que o capitão Crozier está especialmente Devastado pela Perda. Seu rosto estava tão Pálido quando Ele chegou ao acampamento esta manhã algum momento após duas horas que apostaria minha Reputação Profissional em que não poderia ficar mais branco. Mas isso aconteceu ao receber a notícia. Mesmo seus lábios ficaram tão brancos quanto a neve da banquisa para a qual temos olhado pela maior parte de três anos.

Mas por mais que gostasse e respeitasse o tenente Irving, tive de cumprir minhas Obrigações Profissionais e deixar de lado todas as lembranças de Convívio Amistoso.

Eu removi o que restava das roupas do tenente Irving – botões haviam sido arrancados de todas as camadas, do Colete até suas Ceroulas, e o Sangue Coagulado congelara, transformando o Tecido grosso em massas enrugadas duras como ferro – e

mandei meu assistente, Henry Lloyd, me ajudar a banhar o corpo do tenente Irving. A água – do gelo e da neve que o sr. Diggle derreteu usando parte do carvão que trouxemos dos Navios – era preciosa, mas se fazia necessário que honrássemos o jovem Irving assim.

Eu, claro, não tive de fazer minha habitual incisão em Y invertido dos ossos do quadril até o umbigo – base do Y de cabeça para baixo subindo até o esterno – já que os Assassinos já haviam feito isso.

Fiz minhas Anotações e meus Esboços habituais enquanto trabalhava, os Dedos doendo de Frio. A Causa da Morte não tem Mistério. O Ferimento no Pescoço do tenente Irving havia sido causado por pelo menos dois cortes selvagens de uma lâmina sem serra, e ele Sangrou até a Morte. Duvido seriamente que reste um quartilho de sangue no corpo do infeliz jovem Oficial.

A Traqueia e a Laringe foram cortadas e há sulcos de lâmina na vértebra cervical exposta.

A cavidade abdominal foi aberta por repetidos golpes de uma Lâmina Curta por pele, carne e tecido conectivo, e a maioria dos intestinos Delgado e Grosso foram cortados e removidos. O baço e os rins do tenente Irving também foram golpeados e abertos por um Objeto ou Objetos Afiados. O fígado está ausente.

O pênis do tenente foi amputado aproximadamente dois Centímetros e meio acima da Base e está ausente. Seu Escroto foi cortado ao longo do Eixo Central, e os testículos retirados. Repetidas aplicações da Lâmina foram necessárias para cortar bolsa escrotal, epidídimo e túnica vaginal. É possível que a Lâmina do Agressor estivesse ficando Cega a essa altura.

Embora os testículos estivessem ausentes, permanecem restos dos vasos deferentes e da uretra, e grande parte do tecido conectivo da base do pênis para dentro da cavidade corporal.

Embora haja sinais de múltiplos hematomas no corpo do tenente Irving – muitos deles Consistentes com um diagnóstico de Escorbuto crescente –, não há outros Ferimentos Graves visíveis em lugar algum. É interessante que não há Cortes de Defesa em mãos, antebraços ou palmas.

Parece evidente que o tenente Irving foi tomado completamente de Surpresa. Seu Agressor ou Agressores cortaram sua garganta antes que ele tivesse a Menor

Oportunidade de se defender. Depois levaram algum tempo Estripando e Removendo suas Partes Íntimas com Incisões e Movimentos de Serra repetidos.

Ao preparar o corpo do tenente para o enterro mais tarde hoje, costurei pescoço e garganta o melhor que pude e – após colocar algumas substâncias fibrosas não originais, mas em decomposição (um suéter dobrado do pacote de bens pessoais do próprio tenente), em sua Cavidade Abdominal para que a mencionada Cavidade não parecesse evidentemente vazia e encolhida sob seu uniforme quando vista pelos homens – me preparei para costurar a cavidade abdominal novamente o melhor possível (havia muito tecido destruído ou ausente).

Mas antes hesitei e Decidi fazer algo incomum.

Abri o estômago do tenente Irving.

Não havia razão real de Exame de Autópsia para fazer isso. Não havia dúvida da Causa da morte do jovem tenente. Não havia razão para buscar Doença ou Quadros Crônicos – todos sofremos de Escorbuto em alguma medida, e todos estamos lentamente Morrendo de Fome. Mas ainda assim abri seu Estômago. Parecia estranhamente Distendido – mais do que sugeriria ação bacteriana e a Decomposição resultante neste frio extremo – e nenhuma autópsia seria completa sem uma Investigação desta Anomalia.

O estômago estava cheio.

Muito pouco antes da morte do tenente Irving ele ingerira Grandes Quantidades de Carne de Foca, alguma Pele de Foca e muita Banha. O Processo Digestivo mal começara a atuar.

Os esquimós o haviam Alimentado antes de Assassiná-lo.

Ou talvez o tenente Irving tivesse Trocado Telescópio, bolsa e alguns bens pessoais na bolsa por essa Carne e Banha de Foca.

Mas isso não era possível, já que o ajudante de calafate Hickey relatara ter visto os esquimós Assassinando e Roubando o tenente.

Havia Carne de Foca e Peixe no Trenó esquimó que o sr. Farr trouxera de volta, usado para transportar o corpo do tenente Irving. Farr relatara que haviam jogado fora outros objetos do Trenó – cestas, Panelas de algum tipo, coisas Amarradas acima da Carne de Foca e do Peixe – para melhor instalar o cadáver do tenente no trenó leve. Queríamos deixar o tenente Irving o mais confortável possível, dissera o sargento Tozer.

Então os esquimós deviam ter primeiramente oferecido a ele sua comida, dado tempo para que Comesse – embora não Digerisse – e então rearrumado seu trenó antes de se Lançar sobre ele com tal Selvageria.

Abordar alguém como Amigo e depois Assassiná-lo e Mutilá-lo tanto – podemos Acreditar que haja uma Raça tão Traíçoeira, tão Malévola e tão Bárbara?

O que poderia ter Determinado mudança de comportamento tão repentina e Violenta por parte dos Nativos? Teria o tenente dito ou feito algo que violasse seus Tabus Sagrados? Ou eles simplesmente queriam Roubá-lo? Seria o Telescópio de latão o motivo para a Morte terrível do tenente Irving?

Há outra possibilidade, mas uma tão Hedionda e tão Improvável que tenho dificuldade de Registrá-la aqui.

Os esquimós não mataram o tenente Irving.

Mas isso também não faz sentido. O ajudante de calafate Hickey claramente afirmou que VIU de seis a oito dos Nativos atacando o tenente. Ele os VIU roubar a bolsa, o telescópio e outros bens do tenente – embora estranhamente não tenham encontrado sua Pistola nem vasculhado seus outros bolsos. O ajudante de calafate Hickey disse ao capitão Fitzjames hoje – estive presente na conversa – que ele, Hickey, OBSERVOU a distância enquanto os Selvagens estripavam nosso amigo.

Hickey se Escondeu e Observou enquanto isso tudo acontecia.

Ainda está escuro como breu e muito Frio, mas o capitão Crozier irá partir em vinte Minutos para levar alguns homens pelos Vários Quilômetros até o Local do Assassinato e da Escaramuça Fatal de hoje com os esquimós. Provavelmente seus corpos ainda estão Caídos lá no Vale.

Eu acabei de Costurar o tenente Irving. Por mais cansado que esteja – não durmo há mais de 24 horas –, mandarei Lloyd acabar de vestir o tenente e fazer os preparativos finais para seu enterro Hoje mais tarde. Pela Providência, Irving trouxe seu Uniforme de Gala em sua sacola de bens pessoais desde o Terror. Será vestido com ele.

Agora vou perguntar ao capitão Crozier se posso acompanhá-lo, o tenente Little, sr. Farr e os outros ao Local do Assassinato.

PEGLAR

Lat. 69° 37' 42" N., Long. 98° 40' 58" W.

25 de abril de 1848

Quando o nevoeiro subiu, algo que parecia um cérebro humano de tamanho exagerado parecia se projetar do solo congelado: cinza, convoluto, enrolado sobre si mesmo, cintilando com o gelo.

Harry Peglar se deu conta de que olhava para as entranhas de John Irving.

– Este é o lugar – disse Thomas Farr desnecessariamente.

Peglar ficara um tanto surpreso por o capitão ter ordenado que ele integrasse essa viagem ao local do assassinato. O capitão da gávea do traquete não estivera em nenhum dos grupos – de Irving ou Hodgson – envolvidos nos incidentes do dia anterior. Mas então Peglar estudara os outros homens escolhidos para aquela expedição de investigação antes do amanhecer – primeiro-tenente Edward Little, Tom Johnson (ajudante de contramestre de Crozier e um antigo tripulante da expedição ao Polo Sul), capitão da gávea maior que *havia* estado ali antes, o dr. Goodsir, tenente Le Vesconte, do *Erebus*, primeiro imediato Robert Thomas e uma guarda de quatro fuzileiros com armas: Hopcroft, Healey e Pilkington, sob o comando do cabo Pearson.

Harry Peglar esperava não estar se bajulando ao pensar que, por alguma razão, o capitão havia escolhido pessoas de confiança para aquela saída. Descontentes e incompetentes haviam sido deixados para trás no Acampamento Terror; o criador de caso Hickey liderando um destacamento para abrir a cova para o enterro do tenente Irving à tarde.

O grupo de Crozier deixara o acampamento muito antes de amanhecer, seguindo as pegadas do dia anterior e as trilhas do trenó esquimó que levava o corpo ao acampamento na direção sudeste à luz de lanternas. Quando as trilhas desapareceram nas cristas pedregosas, foram facilmente encontradas nos vales nevados abaixo. A temperatura subira pelo menos 48 graus durante a noite, levando o ar a -17 ou mesmo acima, e uma neblina densa se instalara. Harry Peglar, um veterano do clima na maioria dos mares e oceanos da terra, não tinha ideia de como podia estar tão nublado quando não havia água em estado líquido em centenas de quilômetros. Talvez fossem nuvens baixas deslizando pela superfície da banquisa e colidindo com aquela ilha esquecida por Deus que se elevava apenas alguns metros acima do nível do mar em seu ponto mais alto. O sol, quando nasceu, não era absolutamente sol, apenas um vago brilho amarelo na nuvem de neblina rodopiante ao redor deles, parecendo vir de todas as direções.

Os 12 homens ficaram em silêncio no local do assassinato por alguns minutos. Havia pouco a ver. O quepe de John Irving havia sido soprado contra um penedo próximo, e Farr o recuperou. Havia sangue congelado nas pedras congeladas, a pilha de tripas humanas junto àquela mancha escura. Alguns farrapos de roupas.

– Tenente Hodgson, sr. Farr, viram algum sinal dos esquimós aqui em cima quando o sr. Hickey os trouxe a este lugar? – perguntou Crozier.

Hodgson pareceu confuso com a pergunta. Farr respondeu:

– Além de seu trabalho sangrento, não, senhor. Nós chegamos ao cume da crista deitados e olhamos para o vale usando o telescópio do sr. Hodgson, e eles estavam lá. Ainda brigando pelo telescópio de John e outros despojos.

– Você os viu brigar entre eles? – interrompeu Crozier.

Peglar não se lembrava de ter visto seu capitão – ou qualquer capitão com quem havia servido – parecendo tão cansado. Os olhos de Crozier haviam visivelmente afundado nas órbitas nos dias e semanas anteriores. A voz de Crozier, sempre um rosnado grave de comando, era pouco mais que um coaxado. Parecia que seus olhos estavam prestes a sangrar.

Peglar sabia alguma coisa sobre sangrar. Ainda não contara ao amigo John Bridgens, mas estava sentindo muito o escorbuto. Seus músculos, antes motivo

de orgulho, atrofiavam. A carne estava salpicada de hematomas. Perdera dois dentes nos dez dias anteriores. Sempre que escovava os restantes, a escova ficava vermelha. E sempre que se acocorava para se aliviar, defecava sangue.

– Se realmente *vi* os esquimós brigando entre eles? – repetiu Farr. – Não realmente, senhor. Mas estavam se empurrando e rindo. E dois sujeitos estavam puxando o belo telescópio de latão de John.

Crozier anuiu.

– Vamos descer para o vale, cavalheiros.

Peglar ficou chocado com o sangue. Nunca antes vira o local de uma batalha terrestre, nem mesmo uma pequena escaramuça como aquela, e embora houvesse se preparado para ver corpos mortos, não imaginara quão vermelho seria o sangue derramado sobre a neve.

– Alguém esteve aqui – disse o tenente Hodgson.

– O que quer dizer? – perguntou Crozier.

– Alguns dos corpos foram movidos – disse o jovem tenente, apontando para um homem, depois outro e então uma mulher velha. – E seus casacos externos, os casacos de pele, como lady Silêncio usa, e mesmo algumas de suas luvas e botas sumiram. Assim como várias das armas... arpões e lanças. Veja, é possível ver a marca na neve onde estavam caídos ontem. Sumiram.

– Lembranças? – perguntou Crozier com voz rouca. – Nossos homens...

– Não, senhor – respondeu Farr rapidamente e com firmeza. – Tiramos do trenó algumas cestas, panelas e outras coisas para abrir espaço e subimos a encosta com o trenó para colocar o corpo do tenente Irving. Estávamos todos juntos desde então até chegarmos ao Acampamento Terror. Ninguém ficou para trás.

– Alguns desses cestos e panelas também sumiram – disse Hodgson.

– Parece haver rastros novos aqui, mas é difícil dizer, já que o vento estava soprando noite passada – disse o ajudante de contramestre Johnson.

O capitão estava indo de cadáver em cadáver, virando-os quando de barriga para baixo. Parecia estudar o rosto de cada morto. Peglar notou que não eram todos homens – um era um menino. Outro uma senhora idosa cuja boca aberta – como se congelada pela Morte em um eterno grito silencioso – parecia um poço negro. Havia muito sangue. Um dos nativos recebera o

impacto de um disparo de escopeta certamente a muito pouca distância, talvez após já ter sido atingido por tiro de mosquete ou rifle. A parte de trás da cabeça desaparecera.

Após inspecionar cada rosto, como se esperando encontrar respostas neles, Crozier se levantou. O cirurgião, Goodsir, que também estivera olhando os mortos cuidadosamente, disse algo em voz baixa no ouvido do capitão, baixando seu cachecol e também o do capitão enquanto sussurrava. Crozier recuou um passo, olhou para Goodsir como se surpreso, mas depois anuiu.

O cirurgião se colocou sobre um joelho junto a um esquimó morto e tirou vários instrumentos cirúrgicos de sua bolsa, incluindo uma faca serrilhada curva muito comprida que lembrou a Peglar as serras de gelo que usavam para cortar pedaços de água congelada dos tanques de ferro no porão do *Terror*.

– O dr. Goodsir precisa examinar os estômagos de vários selvagens – disse Crozier.

Peglar imaginou que nove outros além dele se perguntavam por quê. Ninguém fez a pergunta. Os sensíveis – incluindo três dos fuzileiros – desviaram os olhos quando o pequeno cirurgião abriu roupas de pele ou couro animal e começou a serrar o abdômen do primeiro cadáver. O som da serra cortando carne congelada lembrou a Peglar alguém serrando madeira.

– Capitão, quem o senhor acha que pode ter apanhado as armas e roupas? – perguntou o primeiro imediato Thomas. – Um dos dois que escaparam?

Crozier anuiu, distraído.

– Ou outros da aldeia deles, embora seja difícil imaginar uma aldeia nesta ilha esquecida por Deus. Talvez estes fossem parte de um grupo de caça maior acampado próximo.

– Este grupo tinha muita comida – disse o tenente Le Vesconte. – Imagine quanto o grupo principal poderia ter. Seríamos capazes de alimentar os 105 de nós.

O tenente Little sorriu acima das lapelas do casaco com borlas de gelo.

– Você quer ser aquele a entrar na aldeia ou grupo de caça maior e pedir educadamente a eles alguma comida ou conselhos de caça? Agora? Depois disto? – perguntou Little, fazendo um gesto na direção dos corpos congelados espalhados e das manchas vermelhas na neve.

– Acho que temos de sair do Acampamento Terror e desta ilha *agora* – disse o segundo-tenente Hodgson, a voz jovem vacilando. – Eles vão nos matar durante o sono. Vejam o que fizeram com John.

Ele parou, visivelmente desconcertado.

Peglar estudou o tenente. Hodgson apresentava todos os mesmos sinais de fome e exaustão que o resto deles, mas não muitos sinais de escorbuto. Peglar ficou pensando em se ele ficaria tão acovardado se e quando visse um espetáculo similar ao que Hodgson vira menos de 24 horas antes.

– Thomas, poderia fazer a gentileza de subir aquela próxima crista e descobrir se consegue ver algo? – pediu Crozier suavemente ao ajudante de contramestre. – Especificamente rastros levando para longe daqui... É caso positivo, quantos e de que tipo?

– Sim, senhor – disse o grande ajudante, subindo correndo em meio à neve funda até a crista de cascalho escuro.

Peglar se viu olhando para Goodsir. O cirurgião havia aberto o estômago rosa-acinzentado e distendido do primeiro esquimó e então passara para a velha e a seguir o rapaz. Era uma coisa terrível de assistir. Em todos os casos, Goodsir, com as mãos nuas, usou um instrumento cirúrgico menor para abrir o estômago e retirou o conteúdo, vasculhando entre os pedaços e bocados congelados como se procurando um prêmio. Algumas vezes Goodsir partia o conteúdo congelado do estômago em pedaços menores com estalos audíveis. Quando terminou com os primeiros três cadáveres, Goodsir limpou as mãos na neve preguiçosamente, calçou as luvas e sussurrou novamente no ouvido de Crozier.

– Pode contar a todos – disse Crozier em voz alta. – Quero que todos ouçam isso.

O pequeno cirurgião lambeu os lábios rachados e sangrando.

– Esta manhã eu abri o estômago do tenente Irving...

– Por quê? – berrou Hodgson. – Era uma das poucas partes de John que os malditos selvagens não mutilaram! Como pôde?

– Silêncio! – rosnou Crozier. Peglar notou que a antiga voz de autoridade do capitão retornara para aquela ordem. Crozier anuiu para o cirurgião. – Por favor, continue, dr. Goodsir.

– O tenente Irving comera tanta carne e banha de foca que estava literalmente cheio – disse o cirurgião. – Ele teve uma refeição maior do que qualquer de nós em meses. Isso obviamente veio do estoque dos esquimós em seu trenó. Eu estava curioso para saber se os esquimós haviam comido com ele; se o conteúdo de seus estômagos mostraria que também haviam comido banha de foca pouco antes de morrer. No caso destes três, evidentemente foi assim.

– Eles dividiram o pão com ele... fizeram uma refeição com ele... e depois o mataram quando estava partindo? – reagiu o primeiro imediato Thomas, confuso com a informação.

Peglar também estava confuso. Não fazia sentido... a não ser que aqueles nativos fossem tão temperamentais e traiçoeiros quanto alguns nativos que conhecera nos mares do Sul durante sua viagem de cinco anos no velho *Beagle*. O capitão da gávea do traquete desejou que John Bridgens estivesse ali para dar sua opinião sobre tudo.

– Cavalheiros – disse Crozier, obviamente incluindo até os fuzileiros –, queria que todos ouvissem isto porque posso precisar do seu conhecimento destes fatos em algum momento futuro, mas não quero que ninguém mais saiba disto. Não até que eu diga que deve ser de conhecimento público. E talvez nunca faça isso. Se algum de vocês contar a mais alguém, uma única alma, seu amigo mais íntimo, se vocês murmurarem isso durante o sono, juro por Cristo que irei descobrir quem desobedeceu à minha ordem de silêncio e deixarei esse homem para trás no gelo sem nem ao menos uma panela vazia na qual defecar. Fui claro, cavalheiros?

Os outros homens grunhiram confirmando.

Thomas Johnson então voltou, bufando e chiando na descida. Parou e olhou para o grupo de homens silenciosos como se perguntando o que estava errado.

– O que viu, sr. Johnson? – perguntou Crozier ríspidamente.

– Rastros, capitão, mas velhos – disse o ajudante de contramestre. – Seguindo para sudoeste. Os dois que escaparam ontem, e quem tenha voltado ao vale para saquear parcas, armas, panelas e tudo mais, devem ter seguido esse rastro ao correr. Não vi nada novo.

– Obrigado, Thomas – disse Crozier.

A neblina rodopiou ao redor deles. Em algum lugar a leste, Peglar ouviu o que soava como grandes canhões disparando em uma batalha naval, mas havia ouvido aquilo muitas vezes ali fora nos dois verões anteriores. Era um trovão distante. Em abril. Com a temperatura ainda vinte graus abaixo de zero, pelo menos.

– Cavalheiros, temos de ir a um enterro – disse o capitão. – Vamos retornar?

Na longa viagem de volta, Harry Peglar remoeu o que havia visto – as entranhas congeladas de um oficial de quem gostava, os corpos e o sangue ainda brilhante na neve, as parcas, armas e ferramentas desaparecidas, os medonhos exames do dr. Goodsir, a estranha declaração do capitão Crozier de que poderia “precisar do seu conhecimento destes fatos em algum momento futuro”, como se os preparasse para agir como jurados em alguma futura corte marcial ou tribunal de inquérito.

Peglar estava ansioso para escrever aquilo no diário pessoal que mantinha havia tanto tempo. E esperava ter a oportunidade de conversar com John Bridgens depois da cerimônia fúnebre, antes que os grupos de homens dos dois navios voltassem para suas próprias barracas, seus refeitórios e grupos de trenó. Queria ouvir o que seu querido e sábio Bridgens teria a dizer sobre tudo aquilo.

CROZIER

*Lat. 69° 37' 42" N., Long. 98° 41' W.
25 de abril de 1848*

- *M*orte, onde está a tua vitória? Morte, onde está o teu aguilhão?
O tenente Irving fora oficial de Crozier, mas o capitão Fitzjames tinha uma voz melhor – o ceceio quase desaparecido – e se sentia mais à vontade com as Escrituras, então Crozier era grato por ele fazer a maioria das leituras da cerimônia de sepultamento.

Todos os homens do Acampamento Terror compareceram, com exceção daqueles de sentinela, na enfermaria ou fazendo serviços essenciais, como Lloyd na enfermaria, o sr. Diggle, o sr. Wall e seus ajudantes trabalhando nos quatro fogões de baleeira preparando um pouco da carne de foca e do peixe dos esquimós para a refeição. Pelo menos oitenta homens estavam junto à cova a cerca de cem metros do acampamento, de pé como aparições escuras na neblina que continuava a rodopiar.

– O aguilhão da morte é o pecado e a força do pecado é a Lei. Graças se rendam a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo! Assim, irmãos bem-amados, sede firmes, inabaláveis, fazei incessantes progressos na obra do Senhor, ciente de que a vossa fadiga não é vã no Senhor.

Os outros oficiais sobreviventes e dois ajudantes carregariam Irving ao túmulo. Não havia madeira suficiente no Acampamento Terror para fazer um caixão, mas o sr. Honey, o carpinteiro, encontrara madeira suficiente para montar um estrado do tamanho de uma porta, no qual o corpo de Irving, agora seguramente costurado dentro de uma lona, podia ser transportado e

depois baixado para o túmulo. Embora as cordas fossem colocadas atravessando o túmulo, ao estilo naval, como seriam em qualquer sepultamento em terra, não seria preciso baixar muito. Hickey e seus homens não haviam conseguido cavar mais do que noventa centímetros – o solo abaixo disso estava congelado e tão duro quanto pedra –, então os homens haviam reunido vintenas de grandes pedras para colocar sobre o corpo antes de jogar a terra congelada e o cascalho, depois mais pedras a arrumar por cima. Ninguém tinha esperança real de que isso manteria afastados os ursos-brancos ou os outros predadores de verão, mas o esforço era um sinal do afeto da maioria dos homens por John Irving.

Maioria dos homens.

Crozier olhou para Hickey, de pé junto a Magnus Manson e ao comissário dos suboficiais que fora açoitado depois do baile, Richard Aylmore. Havia um grupo de outros descontentes ao redor desses homens – vários dos marinheiros do *Terror* que haviam ficado ansiosos para matar lady Silêncio em janeiro mesmo que isso exigisse um motim –, mas, como todos os outros de pé ao redor do buraco patético no chão, eles haviam retirado seus gorros galeses e quepes, e erguido os cachecóis sobre narizes e orelhas.



O interrogatório de meio da noite de Cornelius Hickey por Crozier na barraca de comando do capitão fora tenso e breve.

– Bom dia, capitão. Gostaria que eu lhe contasse o que contei ao capitão Fitzjames e...

– Tire suas roupas, sr. Hickey.

– Com seu perdão, senhor?

– O senhor me ouviu.

– Sim, senhor, mas se deseja ouvir como foi quando vi os selvagens assassinando o pobre sr. Irving...

– É *tenente* Irving, ajudante de calafate. Ouvi sua história da boca do capitão Fitzjames. Tem algo a acrescentar ou retirar? Algo a alterar?

– Ah... não, senhor.

- Tire as roupas exteriores. Luvas também.
- Sim, senhor. Pronto, senhor, como faço? Devo colocá-las sobre o...
- Jogue no chão. Os paletós também.
- Meus paletós, senhor? Está infernalmente frio aqui... sim, senhor.
- Sr. Hickey, por que se ofereceu como voluntário para ir procurar o tenente Irving quando ele não havia ficado mais de uma hora fora? Ninguém mais estava preocupado com ele.
- Ah, não acho que tenha me oferecido, capitão. Minha lembrança é de que o sr. Farr me pediu para ir procurar por...
- O sr. Farr relatou que o senhor perguntou várias vezes se o tenente Irving não estava atrasado e se ofereceu para ir encontrá-lo sozinho enquanto os outros descansavam após a refeição. Por que fez isso, sr. Hickey?
- Se o sr. Farr diz isso... Bem, devíamos estar preocupados com ele, capitão. O tenente, quero dizer.
- Por quê?
- Posso recolocar meus paletós e trajes externos, capitão? Está um gelo infernal na...
- Não. Tire colete e suéteres. Por que estava preocupado com o tenente Irving?
- Caso esteja preocupado... isto é, pensando que fui ferido hoje, capitão, não fui. Os selvagens não me viram. Não há ferimentos em mim, senhor, eu lhe asseguro.
- Tire esse suéter também. Por que estava preocupado com o tenente Irving?
- Bem, os camaradas e eu... o senhor sabe, capitão.
- Não.
- Apenas estávamos preocupados, sabe, que um de nosso grupo estivesse sumido. E também, senhor, estava frio, senhor. Havíamos nos sentado para comer a pouca comida fria que tínhamos. Achei que caminhar seguindo os rastros do tenente para garantir que ele estava bem iria me aquecer, senhor.
- Mostre suas mãos.
- Perdão, capitão.
- Suas mãos.

– Sim, senhor. Perdoe minha tremedeira, senhor. Eu não me esquentei o dia todo, e sem todas as minhas camadas afora esta camisa e...

– Vire. Palmas para cima.

– Sim, senhor.

– Isso é sangue sob suas unhas, sr. Hickey?

– Pode ser, capitão. O senhor sabe como é.

– Não. Conte.

– Bem, não temos água de verdade para nos banhar há meses, senhor. E com o escorbuto e disenteria, há um certo volume de sangramento quando fazemos as necessidades...

– Está dizendo que um oficial não comissionado da Marinha Real de meu navio limpa o traseiro com os dedos, sr. Hickey?

– Não, senhor... quero dizer... posso recolocar minhas camadas agora, capitão? Pode ver que não estou ferido nem nada. Este frio é suficiente para encolher o...

– Tire camisas e camisetas.

– Está falando sério, senhor?

– Não me faça pedir uma segunda vez, sr. Hickey. Não temos uma cela. Qualquer homem que eu mande para a cadeia passará o tempo acorrentado a uma das baleeiras.

– Pronto, senhor. Aqui está. Apenas minha pele, congelando como está. Se minha pobre senhora pudesse me ver agora...

– Seus papéis não diziam que era casado, sr. Hickey.

– Ah, minha Louisa está morta há sete anos, capitão. De varíola. Que Deus tenha piedade de sua alma.

– Por que o senhor disse a alguns dos outros marinheiros comuns que quando chegasse a hora de matar os oficiais o tenente Irving seria o primeiro?

– Eu nunca disse tal coisa, senhor.

– Tenho relatos do senhor dizendo isso e fazendo outras declarações amotinadoras remontando a antes do carnaval no gelo, sr. Hickey. Por que escolheu o tenente Irving? O que aquele oficial fez ao senhor?

– Nada, senhor. Eu nunca disse tal coisa. Traga o homem que disse que eu disse e contestarei na frente dele e cuspirei em seu olho.

– O que o tenente Irving fez ao senhor, sr. Hickey? Por que disse aos outros homens do *Erebus* e do *Terror* que Irving era um devasso e um mentiroso?

– Eu juro, capitão... perdoe meus dentes batendo, capitão, mas Jesus Cristo, a noite é fria sobre a pele nua. Eu juro, não disse tal coisa. Muitos de nós viam o pobre tenente Irving como uma espécie de filho, capitão. Um filho. Apenas minha preocupação com ele lá fora hoje me fez ir conferir. Bom que eu fiz isso, senhor, ou nunca teríamos apanhado os desgraçados assassinos que...

– Vista suas roupas, sr. Hickey.

– Sim, senhor.

– Não. Faça isso lá fora. Longe das minhas vistas.



– O homem, nascido de mulher, tem a vida curta e cheia de tormentos – entooou Fitzjames. – É como a flor que se abre e logo murcha, foge como sombra sem parar.

Hodgson e os outros carregadores estavam tendo muito cuidado ao baixar o estrado com o corpo de Irving enrolado em lona para as cordas seguras acima do buraco raso por alguns dos marinheiros mais saudáveis. Crozier sabia que Hodgson e os outros amigos de Irving tinham ido à barraca de autópsia um de cada vez pagar seus respeitos antes que o tenente fosse costurado em sua mortalha de vela pelo velho Murray. Os visitantes haviam deixado vários sinais de afeto junto ao corpo do tenente – o telescópio de latão recuperado de que o garoto tanto gostava, as lentes quebradas no tiroteio, uma medalha de ouro com seu nome gravado que ganhara em competições na canhoneira HMS *Excellent*, e pelo menos uma nota de cinco libras, como se uma antiga dívida estivesse sendo finalmente paga. Por alguma razão – otimismo? Ingenuidade juvenil? – Irving colocara seu uniforme de gala em sua pequena bolsa de bens pessoais, e estava sendo enterrado nele. Crozier ficou pensando preguiçosamente em se os botões dourados do uniforme – cada um com uma imagem de âncora cercada por uma coroa – estariam ali quando nada além dos ossos alvejados do garoto e a medalha de ouro de artilheiro tivessem sobrevivido ao longo processo de dissolução.

– Em meio à vida estamos na morte – recitou Fitzjames de memória, sua voz soando cansada mas devidamente elevada –, em quem buscaremos socorro se não em ti, ó Senhor, que por nossos pecados está justamente descontente.

O capitão sabia que havia outro item costurado na mortalha de vela com Irving, um de que ninguém sabia. Estava sob sua cabeça como um travesseiro.

Era um lenço oriental de seda dourado, verde, vermelho e azul, e Crozier surpreendera a presenteadora entrando na barraca de autópsia após Goodsir, Lloyd, Hodgson e os outros terem partido, pouco antes do velho Murray, o fabricante de velas, entrar e costurar a mortalha que havia preparado e na qual Irving já fora colocado.

Lady Silêncio estava lá, curvada sobre o cadáver, colocando algo sob a cabeça de Irving.

O primeiro impulso de Crozier fora pegar sua pistola no bolso do sobretudo, mas ficara paralisado ao ver os olhos e o rosto da garota esquimó. Se não havia lágrimas naqueles olhos escuros, pouco humanos, havia mais alguma coisa luminosa ali com alguma emoção que não conseguia identificar. Tristeza? O capitão achava que não. Era mais uma espécie de reconhecimento cúmplice de ver Crozier. O capitão sentia em sua cabeça a mesma estranha agitação que com frequência sentia perto de sua Memo Moira.

Mas a garota obviamente colocara o lenço oriental cuidadosamente no lugar sob a cabeça do garoto morto como um gesto. Crozier sabia que o lenço fora de Irving – ele o vira em ocasiões especiais remontando ao dia em que haviam zarpado, em maio de 1845.

A garota esquimó o teria roubado? Tirado de seu corpo morto ontem mesmo?

Silêncio seguira o grupo de trenó de Irving do *Terror* ao Acampamento Terror mais de uma semana antes, e então simplesmente desaparecera, nunca se juntando aos homens ali. Quase todos, exceto Crozier, que ainda tinha esperança de que ela os levasse até a comida, considerara isso um bom sinal. Mas durante toda aquela manhã terrível, parte de Crozier havia pensado em se de alguma forma Silêncio havia sido responsável pelo assassinato de seu oficial lá na crista de cascalho batida pelo vento.

Teria levado seus amigos caçadores esquimós até ali para atacar o acampamento e se deparado com Irving no caminho, primeiramente oferecendo um banquete de carne ao homem faminto e depois o assassinando a sangue-frio para impedir que contasse aos outros ali sobre o encontro? Teria sido Silêncio a “possivelmente uma jovem” que Farr, Hodgson e os outros viram fugindo com um homem esquimó com faixa na cabeça? Poderia ter trocado de parca caso tivesse voltado à sua aldeia na semana anterior, e quem consegue diferenciar jovens garotas esquimós em um vislumbre?

Crozier pensara em todas essas coisas, mas naquele momento em que o tempo parara – ele e a jovem ficaram imóveis de susto por longos segundos – o capitão olhou no rosto dela e soube, em seu coração ou no que Memo Moira insistira ser sua segunda visão, que ela chorava por dentro por John Irving e estava devolvendo ao morto o presente do lenço de seda.

Crozier imaginava que o lenço havia sido presenteado a ela na visita de fevereiro à casa de neve da esquimó que Irving devidamente relatara ao capitão... mas relatara com poucos detalhes. Agora Crozier estava pensando em se os dois haviam sido amantes. E então lady Silêncio sumira. Deslizara sob a abertura da barraca e sumira sem um ruído. Quando Crozier depois questionou os homens no acampamento e aqueles de sentinela se haviam visto algo, ninguém vira.

Naquele momento na barraca, o capitão fora até o corpo de Irving, olhara para o rosto pálido do morto abaixo, tornado ainda mais branco pelo pequeno travesseiro do lenço de cores brilhantes abaixo dele, e então puxara a lona sobre o rosto e o corpo do tenente, gritando para que o velho Murray entrasse e costurasse.

– Mas ó Senhor Deus mais sagrado, ó santo e misericordioso Salvador – dizia Fitzjames – não nos lançai à dor amarga da morte eterna. Conheci, Senhor, os segredos de nossos corações; não calei vossos ouvidos misericordiosos à nossa prece; mas nos poupai, Senhor mais sagrado, o Deus mais poderoso, ó sagrado e misericordioso Salvador, vós, admirável juiz eterno, não nos fazei sofrer, em nossa hora final, com quaisquer dores da morte, nos afastando de vós.

A voz de Fitzjames se calou. Ele recuou do túmulo. Crozier, perdido em pensamentos, ficou parado por um longo momento até que um ruído de pés se movendo o fizesse se dar conta de que sua parte da cerimônia chegara.

Ele caminhou até a cabeceira do túmulo.

– Nós, assim confiamos o corpo de nosso amigo e oficial John Irving às profundezas – disse com voz rouca, também recitando de uma memória que permanecia muito clara de muitas repetições a despeito do peso da fadiga em sua mente – para que se decomponha, esperando a ressurreição do corpo quando o Mar e a Terra entregarem seus mortos.

O corpo foi baixado noventa centímetros, e Crozier jogou um punhado de solo congelado sobre ele. O cascalho fez um estranho som de movimento raspado ao pousar na lona sobre o rosto de Irving e escorregar para os lados.

– E a vida do próximo mundo, por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo, que em seu advento irá mudar nosso corpo vil, para que possa ser como seu corpo glorioso, segundo as poderosas ações pelas quais ele é capaz de subjugar todas as coisas a si.

A cerimônia terminara. As cordas foram retiradas.

Homens bateram os pés frios, enfiaram os quepes e gorros galeses, rearrumaram os cachecóis e seguiram em fila em meio à neblina de volta ao Acampamento Terror para sua refeição quente.

Hodgson, Little, Thomas, Des Voeux, Le Vesconte, Blanky, Peglar e alguns dos outros oficiais ficaram para trás, dispensando o destacamento de marinheiros que esperava para enterrar o corpo. Os oficiais jogaram terra com as pás e começaram a colocar a primeira camada de pedras. Queriam Irving enterrado o melhor possível naquelas circunstâncias.

Ao terminar, Crozier e Fitzjames se afastaram dos outros. Eles iriam comer muito depois – pois naquele momento planejavam caminhar os mais de três quilômetros até ponto Victory, onde Graham Gore deixara seu cilindro de latão e a mensagem otimista no velho moledro de James Ross quase um ano antes.

Crozier planejava deixar ali naquele dia notícias de qual fora o destino de sua expedição nos dez meses e meio desde que o bilhete de Gore fora escrito e do que planejavam fazer em seguida. Avançando cansado por entre a neblina,

ouvindo um dos sinos do navio chamar para a refeição em algum lugar na neblina rodopiante atrás deles – eles, claro, haviam levado os sinos do *Terror* e do *Erebus* nas baleeiras arrastadas sobre o mar gelado até o acampamento quando os navios foram abandonados –, Francis Crozier tinha esperança em Cristo de ter decidido suas ações quando ele e Fitzjames chegassem ao moledro. Caso contrário, pensou, tinha medo de que poderia começar a chorar.

PEGLAR

*Lat. 69° 37' 42" N., Long. 98° 41' W.
25 de abril de 1848*

Não havia peixe e foca suficientes no trenó para servir de refeição principal para 95 ou cem homens – alguns estavam doentes demais para comer algo sólido –, e nem mesmo o histórico do sr. Diggle e do sr. Wall de rotineiramente fazer milagres de multiplicação de pães e peixes com os suprimentos limitados dos navios conseguiu que fossem totalmente bem-sucedidos neste (especialmente já que parte da comida no trenó dos esquimós estava particularmente apodrecida), mas todo homem conseguiu uma prova da banha saborosa ou do peixe com as sopas preparadas, os refogados ou legumes Goldner.

Harry Peglar gostou da refeição, embora estivesse tremendo de frio enquanto comia e soubesse que só iria provocar a diarreia que já o rasgava todo dia.

Depois da refeição e antes de começar suas tarefas programadas, Peglar e o comissário John Bridgens caminharam juntos com suas canecas de zinco com chá morno. A névoa abafava suas próprias vozes, enquanto parecia amplificar sons de longe. Podiam ouvir homens discutindo por causa de um jogo de cartas em uma das barracas no lado mais distante do Acampamento Terror. Do noroeste – a direção para a qual os dois capitães haviam caminhado antes da refeição – vinha o ronco de artilharia de trovões sobre a banquisa. O som já durava o dia todo, mas não chegara nenhuma tempestade.

Os dois pararam junto à longa fila de barcos e trenós de barcos desenhada acima da massa de gelo que seria o litoral da enseada se um dia o mar degelasse.

– Diga-me novamente, Harry – disse Bridgens –, qual destes barcos iremos pegar se ou quando tivermos de ir novamente para o gelo?

Peglar bebericou o chá e apontou.

– Não estou certo, mas acho que o capitão Crozier decidiu levar dez dos oito aqui. Atualmente não temos homens suficientes para puxar mais.

– Então por que arrastamos todos os 18 para o Acampamento Terror?

– O capitão Crozier considerou a possibilidade de ficarmos no Acampamento Terror por mais dois ou três meses, talvez deixando o gelo ao redor deste ponto derreter. Estaríamos melhor com mais barcos, mantendo alguns de reserva caso os outros ficassem danificados. E poderíamos transportar muito mais comida, barracas e suprimentos em 18 barcos. Com mais de dez homens em cada barco agora, ficará terrivelmente lotado, e teremos de deixar para trás muito dos suprimentos.

– Mas você acha que iremos partir para o sul com apenas dez barcos, Harry? E em breve?

– Espero em Cristo que sim – disse Peglar.

Ele contou a Bridgens o que vira naquela manhã, o que Goodsir dissera sobre os estômagos dos esquimós estarem tão cheios de carne de foca quanto o de Irving estava, e como o capitão tratara todos os presentes, excetuando talvez os fuzileiros, como uma possível comissão de inquérito. Acrescentou que o capitão os obrigara a manter segredo.

– Acho que o capitão Crozier não está convencido de que os esquimós mataram o tenente Irving – disse John Bridgens suavemente.

– O quê? Quem mais poderia...

Peglar se interrompeu. O frio e a náusea que estavam sempre com ele naqueles dias pareceram aumentar dentro dele. Teve de se apoiar em uma baleeira para que os joelhos não fraquejassem. Nunca pensara por um instante que alguém que não os selvagens poderia ter feito o que ele vira feito ao tenente John Irving. Pensou na pilha congelada de entranhas cinzentas no alto da crista.

– Richard Aylmore está dizendo que os oficiais nos colocaram nesta confusão – disse Bridgens em uma voz tão baixa que era quase um sussurro. – Está dizendo a todos que não o delatarão que deveríamos matar os oficiais e dividir as rações de comida extra entre os homens. Aylmore em nosso grupo, e aquele ajudante de calafate do seu dizem que devemos voltar ao *Terror* imediatamente.

– Voltar ao *Terror*... – repetiu Peglar.

Ele sabia que sua mente estava embotada por doença e exaustão nos últimos tempos, mas a ideia não fazia sentido algum. O navio estava preso no gelo longe dali e continuaria por mais meses, mesmo se o verão *concordasse* em aparecer naquele ano.

– Por que não escuto essas coisas, John? Não ouvi nenhum desses sussurros sediciosos.

Bridgens sorriu.

– Eles não confiam em você para contar, meu querido Harry.

– Mas confiam em você?

– Claro que não. Mas eu, mais cedo ou mais tarde, escuto *tudo*. Comissários são invisíveis, você sabe, não sendo nem carne nem peixe, sendo seres indefiníveis. Por falar nisso, essa foi uma refeição deliciosa, não é mesmo? Talvez a última comida relativamente fresca que iremos ter.

Peglar não respondeu. Sua cabeça girava.

– O que podemos fazer para alertar Fitzjames e Crozier?

– Ah, eles já têm essa informação sobre Aylmore, Hickey e os outros – disse o velho comissário despreocupado. – Nossos capitães têm suas próprias fontes entre os marinheiros e junto aos bebedouros.

– Os bebedouros estão congelados há meses – disse Peglar.

Bridgens deu um risinho.

– Essa parece ser uma metáfora muito boa, Harry, e ainda mais irônica por ser literal. Ou pelo menos um eufemismo divertido.

Peglar balançou a cabeça. Ainda sentia náusea com a ideia de que, em meio a toda doença e terror, qualquer homem entre eles podia se voltar contra outro.

– Diga-me, Harry – disse Bridgens, dando um tapinha no casco invertido da primeira baleeira com sua luva gasta. – Quais destes barcos poderemos levar conosco e quais serão deixados para trás?

– As quatro baleeiras certamente irão – respondeu Peglar distraído, ainda ruminando a conversa de motim e o que vira naquela manhã. – Os escaleres são tão compridos quanto as baleeiras, mas horrivelmente pesados. Se eu fosse o capitão os deixaria para trás e levaria os quatro cúteres. Têm apenas sete metros e meio, mas são muito mais leves que as baleeiras. Mas seu calado pode ser demais para o rio Great Fish caso chegemos lá. Os barcos menores e as dingas são leves demais para mar aberto e frágeis demais para serem muito arrastados e para o esforço no rio.

– Então acha que são as quatro baleeiras, quatro cúteres e duas pinaças? – perguntou Bridgens.

– Sim – disse Peglar, e teve de sorrir. Com todos os seus anos no mar e todos os milhares de volumes lidos, o comissário de suboficiais John Bridgens ainda sabia muito pouco sobre certas questões náuticas. – Sim, acho que esses dez, John.

– Na melhor das hipóteses, se a maioria dos doentes se recuperar, isso deixa apenas dez de nós para arrastar cada barco – disse Bridgens. – Conseguimos fazer isso, Harry?

Peglar balançou a cabeça novamente.

– Não será como a travessia do gelo marinho desde o *Terror*, John.

– Bem, graças ao Senhor por essa pequena bênção.

– Não, eu quero dizer que quase certamente iremos arrastar esses barcos sobre terra em vez de gelo marinho. Será muito mais difícil do que a travessia desde o *Terror*, em que arrastamos apenas dois barcos por vez e podíamos colocar em cada equipe o número necessário para superar as partes difíceis. E os barcos agora estarão ainda mais carregados de suprimentos e nós mais doentes que antes. Suspeito que teremos vinte ou mais nos arreios para cada barco. Ainda assim, teremos de arrastar os dez barcos revezando.

– Revezando? – repetiu Bridgens. – Pelos céus, levaremos uma eternidade para mover dez barcos se estivermos indo para frente e para trás o tempo todo. E quanto mais fracos e doentes ficarmos, mais lentamente iremos.

– Sim – disse Peglar.

– Há alguma chance de conseguirmos levar esses barcos até o rio Great Fish, depois subir o rio até Grande Lago do Escravo e ao posto avançado lá?

– Duvido – respondeu Peglar. – Talvez se alguns de nós sobreviverem o suficiente para levar os barcos à embocadura do rio, os barcos certos chegarem, estiverem equipados perfeitamente para correr o rio e... mas, não, duvido que haja alguma chance de verdade.

– Então por que afinal os capitães Crozier e Fitzjames nos obrigaram a tanto trabalho e infelicidade se não há nenhuma chance? – perguntou Bridgens.

A voz do homem mais velho não soava ofendida, ansiosa ou desesperada, apenas curiosa. Peglar ouvira John fazer mil perguntas sobre astronomia, história natural, geologia, botânica, filosofia e uma série de outros temas exatamente naquele mesmo tom suave, levemente curioso. Com a maioria das outras perguntas havia sido o professor que sabia a resposta interrogando seu aluno de forma educada. Ali Peglar estava certo de que John Bridgens não conhecia a resposta à sua pergunta.

– Qual a alternativa? – retrucou o capitão da gávea do traquete.

– Poderíamos ficar aqui no Acampamento Terror – disse Bridgens. – Ou mesmo retornar ao *Terror* assim que nosso número tiver... diminuído.

– Para fazer o quê? – cobrou Peglar. – Apenas para esperar morrer?

– Para esperar com conforto, Harry.

– Para *morrer*? – insistiu Peglar, se dando conta de que quase gritava. – Quem quer esperar com conforto para morrer, cacete? Pelo menos se levarmos os barcos ao litoral, *qualquer* dos barcos, alguns de nós podem ter uma chance. Pode haver mar aberto a leste para Boothia. Podemos conseguir forçar passagem rio acima. Pelo menos *alguns* de nós. E os que conseguirem pelo menos poderão contar ao resto de nossos entes queridos o que aconteceu conosco, onde estamos enterrados e que estávamos pensando neles no final.

– Você é meu ente querido, Harry – disse Bridgens. – O único homem, mulher ou criança no mundo que se importa se estou vivo ou morto, quanto mais o que poderia ter pensado antes de cair ou onde meus ossos estarão.

Peglar, ainda com raiva, sentiu o coração batendo forte dentro do peito.

– Você vai viver mais do que eu, John.

– Ah, com minha idade, minhas enfermidades e tendência a doenças, dificilmente acharia...

– *Você vai viver mais do que eu, John* – rosnou Peglar. Ele ficou chocado com a intensidade de sua voz, e Bridgens piscou e ficou em silêncio. Peglar tomou o pulso do homem mais velho. – Prometa-me que fará uma coisa por mim, John.

– Claro – respondeu, e não havia nada do humor ou da ironia habituais na voz de Bridgens.

– Meu diário... não é muito, eu tenho dificuldade de sequer pensar, quanto mais escrever ultimamente... Estou bastante doente com esse maldito escorbuto, John, e ele parece embotar meu cérebro... mas mantive o diário pelos últimos três anos. Meus pensamentos estão nele. Todos os acontecimentos pelos quais passamos estão anotados lá. Se você puder levá-lo quando eu... quando eu o deixar... apenas levar de volta com você para a Inglaterra, eu agradeceria.

Bridgens apenas anuiu.

– John – disse Harry Peglar. – Acho que o capitão Crozier vai decidir logo nos colocar em marcha. Bem logo. Ele sabe que cada dia que esperamos aqui ficamos mais fracos. Logo não seremos absolutamente capazes de arrastar os barcos. Estaremos morrendo às dezenas aqui no Acampamento Terror em pouco tempo, e não será necessário que aquela coisa do gelo nos leve embora ou mate nas camas.

Bridgens anuiu novamente. Estava olhando para as mãos enluvadas abaixo.

– Não estamos na mesma equipe de tração, não dividiremos o mesmo barco, e podemos nem mesmo acabar juntos se os capitães decidirem tentar rotas de fuga diferentes – continuou Peglar. – Quero dizer adeus hoje e nunca ter de fazer isso novamente.

Bridgens anuiu mudo. Estava olhando para as botas. A neblina rolava sobre os barcos e trenós e circulava em torno deles como o hálito frio de algum deus estranho.

Peglar o abraçou. Bridgens ficou empertigado e rígido por um momento, depois retribuiu o abraço, os dois homens desajeitados em suas muitas camadas

e casacos congelados.

O capitão da gávea de traquete então se virou e caminhou lentamente de volta ao Acampamento Terror e sua pequena barraca Holland com seu grupo de homens de folga trêmulos e sujos se encolhendo juntos em sacos de dormir inadequados

Quando parou e olhou para a fila de barcos, não havia nenhum sinal de Bridgens. Era como se a neblina o tivesse engolido sem deixar vestígios.

CROZIER

Lat. 69° 37' 42" N., Long. 98° 41' W.

25 de abril de 1848

Ele adormeceu caminhando.

Crozier conversava com Fitzjames sobre argumentos contra e a favor de deixar os homens passar mais dias no Acampamento Terror enquanto os dois caminhavam os três quilômetros rumo norte em meio ao nevoeiro até o moledro de James Ross, quando de repente Fitzjames o estava sacudindo para que acordasse.

– Estamos aqui, Francis. Este é o grande penedo branco perto do gelo do litoral. Ponto Victory e o moledro devem estar à nossa esquerda. Você realmente estava dormindo enquanto andava?

– Não, claro que não – resmungou Crozier.

– Então o que quis dizer com “Tome cuidado com o barco aberto com os dois esqueletos”? E “Cuidado com as garotas e as batidas na mesa”. Não fazia sentido. Estávamos debatendo se o dr. Goodsir deveria ficar para trás no Acampamento Terror com os homens gravemente doentes enquanto os mais fortes tentavam chegar ao Grande Lago do Escravo com apenas quatro barcos.

– Apenas pensando em voz alta – murmurou Crozier.

– Quem é Memo Moira? – perguntou Fitzjames. – E por que ela não deveria mandá-lo à comunhão?

Crozier tirou quepe e cachecóis de lã, deixando que a neblina e o ar frio batessem em seu rosto enquanto subia a pequena elevação.

– Onde cacete está o moledro? – cortou.

– Não sei – respondeu Fitzjames. – Deveria estar bem aqui. Mesmo em um dia claro e ensolarado eu sigo por esse litoral da enseada até o penedo branco perto dos icebergs e então à esquerda até o moledro em ponto Victory.

– Não podemos ter passado por ele – disse Crozier. – Estaríamos na porra da banquisa.

Eles levaram quase 45 minutos para encontrar o moledro na neblina. Em dado momento, Crozier disse:

– A maldita coisa branca do gelo o pegou e escondeu em algum lugar para nos confundir.

Fitzjames apenas olhou para seu oficial comandante e não disse nada.

Finalmente, tateando à frente como dois cegos – não correndo o risco de se separarem na neblina rodopiante, certos de que não ouviriam sequer o chamado do outro acima da batida constante do trovão que se aproximava –, eles literalmente tropeçaram no moledro.

– Isso não está onde estava – guinchou Crozier.

– Não parece estar – concordou o outro capitão.

– O moledro de Ross com o bilhete de Gore nele ficava no alto da elevação ao final de ponto Victory. Este deve estar a cem metros a oeste dali, quase no fim do vale.

– É muito estranho – disse Fitzjames. – Francis, você veio muitas vezes ao Ártico. Esses trovões, e os raios, caso haja, são comuns aqui tão cedo?

– Nunca vi ou ouvi nenhum deles antes da metade do verão – rosnou Crozier. – E nunca assim. Soa como se fosse algo pior.

– O que poderia ser pior do que uma tempestade de raios no final de abril com a temperatura ainda abaixo de 18 negativos?

– Fogo de canhão – respondeu Crozier.

– Fogo de canhão?

– Do navio de resgate que desceu por canais abertos desde o estreito de Lancaster e pelo estreito de Peel apenas para encontrar o *Erebus* esmagado e o *Terror* abandonado. Ele está disparando seus canhões por 24 horas para chamar nossa atenção antes de zarpar.

– Por favor, Francis, pare – disse Fitzjames. – Se continuar, eu posso vomitar. E já tive minha sessão de vômito de hoje.

- Lamento – disse Crozier, remexendo nos bolsos.
- Há realmente alguma chance de que sejam canhões disparados por nós? – perguntou o capitão mais jovem. – *Soa* como canhões.
- Nem a chance de uma bola de neve no inferno de sir John Franklin – disse Crozier. – Aquela banquisa está sólida até a Groelândia.
- Então de onde vem a neblina? – perguntou Fitzjames, a voz mais curiosa que chorosa. – Está procurando alguma coisa específica nos bolsos, capitão Crozier?
- Esqueci de trazer o cilindro de mensagens de latão que tiramos do *Terror* para este bilhete – admitiu Crozier. – Senti um volume no bolso da roupa durante a cerimônia fúnebre e achei que era ele, mas é apenas minha pistola.
- Trouxe papel?
- Não. Jopson havia preparado, mas deixei na barraca.
- Trouxe uma pena? Tinta? Descobri que se não levar o pote de tinta em uma bolsa perto da pele, ela congela muito rapidamente.
- Nem pena, nem tinta – admitiu Crozier.
- Tudo bem – disse Fitzjames. – Tenho ambas no bolso do colete. Podemos usar o bilhete de Graham Gore... escrever nele.
- Se este for o mesmo maldito moledro – murmurou Crozier. – O moledro de Ross tinha um metro e oitenta de altura. Esta coisa mal chega ao meu pé.
- Os dois homens se atrapalharam retirando pedras de uma parte do moledro bem abaixo a sotavento. Não queriam ter de desmontar a coisa toda e depois ter de reconstruí-la.
- Fitzjames enfiou a mão no buraco escuro, procurou por um segundo e retirou um cilindro de latão, descolorido, mas intacto.
- Quero ser amaldiçoado e vestido de palhaço – disse Crozier. – É de Graham?
- Tem de ser – disse Fitzjames. Puxando a luva com os dentes, ele desenrolou o bilhete em pergaminho desajeitadamente e começou a ler.

28 de maio de 1847. HM Ships Erebus e Terror... Invernados no gelo, Lat. 70° 05' N. Long. 98° 23' W. Tendo invernado em 1846-7 na ilha Beechey,

Lat. 74° 43' 28" N Long...

Fitzjames se interrompeu.

– Espere, isto está errado. Passamos o inverno de 1845 *para* 46 em Beechey, não o inverno de 46 para 47.

– Sir John ditou isso para Graham Gore antes de Gore deixar o navio – rosnou Crozier. – Sir John devia estar tão cansado e confuso então quanto estamos agora.

– Ninguém nunca esteve tão cansado e confuso quanto estamos agora – diz Fitzjames. – Aqui, depois, continua: “Sir John Franklin comandando a expedição. Tudo bem.”

Crozier não riu. Ou chorou. Ele disse:

– Graham Gore depositou o bilhete aqui exatamente uma semana antes de sir John ser morto pela coisa do gelo.

– E um dia antes de o próprio Graham ser morto pela coisa do gelo – acrescentou Fitzjames. – “Tudo bem.” Isso parece em outra vida, não é, Francis? Você consegue se lembrar de um tempo em que qualquer um de nós poderia escrever tal coisa com a consciência leve? Há um espaço vazio na beirada da mensagem caso queira escrever ali.

Os dois se encolheram a sotavento do moledro de pedra. A temperatura caíra e o vento aumentara, mas a neblina continuava a girar em torno deles como se não fosse afetada por meros vento ou temperatura. Começava a escurecer. A noroeste, o som de canhões ecoava.

Crozier respirou no pequeno pote portátil de tinta para esquentar, mergulhou a pena pela tela de gelo, esfregou a ponta na manga congelada e começou a escrever:

(25 de abril) – Os HM Ships Terror e Erebus foram abandonados em 22 de abril 5 léguas a Nor-Noroeste daqui, tendo ficado presos desde 12 de set. de 1846. Os oficiais e tripulantes, consistindo em 105 almas, sob o comando do capitão F. R. M. Crozier, se instalaram aqui – em Lat. 69° 37' 42" Long. 98° 41'. Este papel foi encontrado pelo ten. Irving sob o moledro

supostamente construído por sir James Ross em 1831, 6,5 quilômetros ao norte, onde foi depositado pelo falecido comandante Gore em junho de 1847. Contudo, o pilar de sir James Ross não foi encontrado, e o papel foi transferido para esta posição que é onde o pilar de sir J. Ross foi erguido...

Crozier parou de escrever. Ele pensou: *que porra eu estou dizendo?* Ele apertou os olhos para reler as últimas frases: “*Sob o moledro supostamente construído por sir James Ross em 1831*”? “*Contudo, o pilar de sir James Ross não foi encontrado*”?

Crozier deu um suspiro cansado. A primeira ordem de John Irving ao transportar a primeira carga de equipamento de *Erebus* e *Terror* muito tempo antes no último agosto para começar o estoque que tornaria o Acampamento Terror fora de encontrar novamente ponto Victory e o moledro de Ross, depois criar o depósito do Acampamento Terror alguns quilômetros ao sul dele em uma enseada mais abrigada. Irving marcara o moledro em seus primeiros mapas grosseiramente desenhados como a seis quilômetros e meio do ponto de estocagem em vez dos verdadeiros três quilômetros, mas rapidamente descobrira o erro durante travessias posteriores. Em sua fadiga, a mente de Crozier continuava insistindo em que o cilindro com a mensagem de Gore fora transferida de algum moledro falso de James Ross para aquele moledro real de James Ross.

Crozier balançou a cabeça e olhou para Fitzjames, mas o outro capitão estava apoiando os braços nos joelhos erguidos e a cabeça nas mãos. Roncava levemente.

Crozier segurou a folha de papel, pena e o pequeno pote de tinta com uma das mãos e pegou neve com a outra mão enluvada, esfregando um pouco no rosto. O choque do frio o fez piscar.

Concentre-se, Francis. Pelo amor de Cristo, concentre-se. Ele desejou ter outra folha de papel para poder recomeçar. Apertando os olhos para o rabisco apertado que percorria as margens do papel, palavras se arrastando como pequenas formigas – o centro do papel já tomado pela informação impressa oficial afirmando formalmente **A QUEM encontrar este papel pede-se que o**

repassse ao secretário do Almirantado, depois mais vários parágrafos repetindo a instrução em francês, alemão, português e outros idiomas, depois com o rabisco de Gore acima disso – Crozier não reconhecia sua própria caligrafia. A letra era trêmula, apertada, fraca, obviamente a letra de um homem aterrorizado, congelando ou moribundo.

Ou todos os três.

Não importa, pensou. Ou ninguém irá ler isto ou irão ler muito após todos estarmos mortos. Não importa nem um pouco. Talvez sir John sempre tenha entendido isso. Talvez por isso não tenha deixado nenhum dos cilindros de mensagens em Beechey. Ele sempre soubera.

Mergulhou a pena na tinta que congelava rapidamente e escreveu de novo.

Sir John Franklin morreu em 11 de junho de 1847 e a perda total por mortes na expedição foi até esta data de nove oficiais e 15 homens.

Crozier parou novamente. Isso estava certo? Ele incluía John Irving no total? Não conseguia fazer a conta. Havia 105 almas aos seus cuidados no dia anterior... Cento e cinco quando ele deixara o *Terror*, seu navio, seu lar, sua esposa, sua vida... Ele iria deixar o número. De cabeça para baixo no alto da folha, onde restava um pequeno espaço branco, ele rabiscou F. R. M. Crozier e depois escreveu capitão e oficial sênior.

Acordou Fitzjames.

– James... assine seu nome aqui.

O outro capitão esfregou os olhos, olhou para o papel, mas pareceu não perder tempo lendo, e assinou seu nome onde Crozier apontou.

– Acrescente “Capitão do HMS *Erebus*” – disse Crozier.

Fitzjames fez isso.

Crozier dobrou o papel, enfiou-o de volta no cilindro de bronze, lacrou e recolocou o cilindro no moledro. Calçou a luva e recolocou as pedras no lugar.

– Francis, disse a eles para onde vamos e quando partiremos?

Crozier se deu conta de que não. Começou a explicar por quê... Porque parecia ser uma sentença de morte para os homens quer ficassem ou partissem. Porque ele ainda não decidira entre arrastar até a distante Boothia ou até o

fabuloso, mas terrível, rio Great Fish de George Back. Começou a explicar a Fitzjames como estavam fodidos vindo e fodidos indo, e por que ninguém nunca iria ler mesmo o maldito bilhete, então por que não simplesmente...

– Shhh! – disse Fitzjames.

Algo os circulava, fora de vista na neblina que girava. Os dois homens podiam ouvir passos pesados sobre cascalho e gelo. Algo muito grande respirava. Caminhava de quatro a não mais de quatro metros e meio deles na neblina densa, o som de patas enormes claramente audível acima do estrondo distante de canhões pesados.

Hu-uf, hu-uf, hu-uf.

Crozier podia ouvir as exalações a cada passo pesado. Agora estava atrás deles, contornando o moledro, contornando-os.

Os dois homens ficaram de pé.

Crozier sacou sua pistola. Tirou a luva externa e engatilhou a arma enquanto os passos e a respiração paravam logo acima deles, mas ainda fora de vista na neblina. Crozier estava certo de que sentia o hálito de peixe e carniça.

Fitzjames, que ainda segurava o pote de tinta e a pena que Crozier devolvera, e que não levava uma pistola, apontou para a neblina onde achava que a coisa esperava.

Cascalho rangeu enquanto a coisa se movia furtivamente na direção deles. Lentamente uma cabeça triangular se materializou na neblina um metro e meio acima do chão. Pele branca molhada se fundindo à névoa. Olhos negros inumanos estudavam-no desde menos de dois metros.

Crozier apontou a pistola para um ponto logo acima daquela cabeça. A mão estava tão firme e imóvel que ele sequer precisou prender a respiração.

A cabeça chegou mais perto, flutuando como se não estivesse presa a nenhum corpo. Então os ombros gigantescos apareceram.

Crozier disparou, se assegurando de atirar alto para não atingir aquele rosto.

A concussão foi ensurdecadora, especialmente para sistemas nervosos já no limite por causa do escorbuto.

O urso-branco, pouco mais que um filhote, deu um uivo assustado, recuou, girou e saiu correndo sobre as quatro patas, desaparecendo na neblina em

segundos. As patas correndo e raspando no cascalho foram ouvidas por um longo minuto depois, indo na direção do gelo marinho a noroeste.

Crozier e Fitzjames então começaram a rir.

Nenhum conseguia parar. Sempre que um deles diminuía, o outro recomeçava, e então os dois mergulhavam novamente na hilaridade louca e sem sentido.

Eles abraçaram os lados do corpo para conter a dor do riso em suas costelas machucadas.

Crozier largou a pistola e os dois começaram a rir mais forte.

Deram tapinhas nas costas um do outro, apontaram para a neblina e riram até lágrimas congelarem em bochechas e suíças. Agarraram um no outro em busca de apoio enquanto riam forte.

Os dois capitães desabaram no cascalho e apoiaram as costas no moledro, isso fazendo a gargalhada voltar com força.

Finalmente as gargalhadas se transformaram em risos, os risos em fungadas constrangidas, as fungadas em alguns risos finais, e esses finalmente morreram em arquejos mútuos.

– Sabe pelo que daria minha nádega esquerda neste instante? – perguntou o capitão Francis Crozier.

– O quê?

– Um copo de uísque. Quero dizer, dois copos. Um para mim, um para você. Os drinques seriam por minha conta, James. Estou lhe devendo uma rodada.

Fitzjames anuiu, limpando gelo dos cílios e tirando muco congelado de bigode e barba avermelhados.

– Obrigado, Francis. E eu faria o primeiro brinde a você. Nunca tive a honra de me servir com comandante ou homem melhor.

– Eu conseguiria o pote de tinta e a pena de volta, por favor? – pediu Crozier.

Recolocando a luva externa, ele tirou as pedras, achou o cilindro, abriu, esticou a folha de papel sobre o joelho de cabeça para baixo, arrancou a luva de novo, quebrou o gelo do pote de tinta com a pena, e no pequeno espaço restante sob a assinatura, escreveu:

E partindo amanhã, 26, para o rio Fish de Back.

GOODSIR

*Lat. 69° 2' 2" N., Long. 98° 2' 2" W.
Enseada do Consolo, 6 de junho de 1848*

Do diário particular do dr. Harry D. S. Goodsir:

Terça-feira, 6 de junho – O capitão Fitzjames finalmente morreu. É uma bênção.

Diferentemente dos outros que morreram nas últimas Seis Semanas desde que começamos a Arrastar os Barcos para o sul (um trabalho Infernal do qual nem mesmo o Único Cirurgião Sobrevivente dos Navios está dispensado), o capitão, em minha opinião, não pereceu do Escorbuto.

Ele tinha Escorbuto, não há Dúvida disso. Acabei de Concluir o exame post mortem daquele Bom Homem, e os Hematomas, as Gengivas Sangrando e os Lábios Enegrecidos contavam a história. Mas acho que o Escorbuto não foi o Assassino.

Os últimos três dias do capitão Fitzjames foram passados aqui, cerca de 130 Quilômetros ao sul do Acampamento Terror, em um ponto congelado de uma baía açoitada pelo vento onde a massa da Terra do Rei Guilherme se curva acentuadamente para Oeste. Pela primeira vez em Seis Semanas, descarregamos Todas as Barracas – incluindo as grandes – e usamos algum Carvão dos poucos sacos que trouxemos e o Fogão de Ferro da Baleeira que uma equipe arrastou até tão longe. Quase todas as nossas refeições nas últimas seis semanas foram comidas frias ou apenas Parcialmente Aquecidas nos pequenos fogões a álcool. Nas duas últimas noites tivemos comida quente – nunca o suficiente, um terço das rações de

que precisamos para o Trabalho inacreditavelmente Extenuante que estamos Fazendo, mas ainda assim quente. Em Duas Manhãs acordamos no mesmo lugar. Os homens estão chamando este lugar de Enseada do Consolo.

Paramos basicamente para permitir que o capitão Fitzjames Morresse em Paz. Mas não houve paz para o capitão em seus últimos dias.

O pobre tenente Le Vesconte apresentou alguns dos mesmos Sintomas dos últimos dias do capitão Fitzjames. O tenente Le Vesconte morreu de repente no 13º dia de nossa terrível Viagem rumo Sul – apenas 29 quilômetros do Acampamento Terror, se bem me lembro, e no mesmo dia em que o soldado fuzileiro Pilkington faleceu –, mas os Sintomas de Escorbuto eram mais Avançados no tenente e no soldado, e sua Agonia Final foi menos excruciantemente prolongada.

Confesso que não me lembrava de que o prenome do tenente Le Vesconte era Harry. Nosso convívio sempre foi bastante Amistoso, mas também bastante Formal, e lembro de que na folha seu nome era registrado como H. T. D. Le Vesconte. Agora me incomoda que eu deva ter ouvido os Outros Oficiais o chamarem de Harry de tempos em tempos – talvez cem vezes –, mas sempre estive ocupado ou preocupado demais para notar. Só depois da morte do tenente Le Vesconte prestei atenção aos outros Homens usando seu Prenome.

O prenome do soldado Pilkington era William.

Lembro que naquele dia no começo de maio, após a rápida cerimônia fúnebre conjunta de Le Vesconte e do soldado Pilkington, um dos homens sugeriu que batizássemos a pequena projeção de terra onde os enterramos de “Ponto Le Vesconte”, mas o capitão vetou a ideia dizendo que se fôssemos batizar todos os lugares onde um de nós fosse enterrado com o nome da pessoa morta lá, ficaríamos sem terra antes de ficar sem nomes.

Isso Perturbou os homens, e Confesso que também me Perturbou. Deve ter sido uma Tentativa de Humor, mas me chocou. Também chocou e deixou em Silêncio os homens.

Talvez fosse o Objetivo do capitão Crozier. Isso deteve os homens de sugerir batizar Acidentes Geográficos com os nomes de seus Oficiais Mortos.

O capitão Fitzjames apresentou um Enfraquecimento Generalizado durante algumas semanas – antes mesmo de deixarmos o Acampamento Terror –, mas há

Quatro Dias ele parecia ter sido Derrubado por algo mais Repentino em seu ataque e muito mais Agonizante em seus efeitos.

O capitão sofria de Problemas no Estômago e Intestinos havia algumas semanas, mas de repente, em Dois de junho, Fitzjames desmaiou. Nosso procedimento em marcha é não parar para cuidar de doentes, em vez disso o colocando em um dos Barcos maiores e puxando junto com os outros Suprimentos e peso morto. O capitão Crozier se assegurou de que o capitão Fitzjames ficasse o mais confortável possível em sua própria Baleeira.

Como estávamos fazendo esta Longa Marcha rumo Sul em revezamento – trabalhando Horas sem Fim para puxar cinco dos dez Pesados Barcos apenas algumas centenas de Metros sobre cascalho e Neve terríveis, sempre tentando permanecer em Terra quando possível em vez de sermos forçados a enfrentar Banquisa e Cristas de Pressão, algumas vezes percorrendo menos de dois Quilômetros por Dia no cascalho e gelo resistentes – eu me habituei a ficar com os homens mais doentes enquanto as Equipes de Tração Humana voltam para pegar os outros cinco Barcos. Com frequência, o sr. Diggle e o sr. Wall se preparam para fazer Refeições Quentes para quase cem Homens Famintos em seus pequenos fogões a álcool, e alguns homens com mosquetes protegendo contra a Coisa do Gelo ou esquimós são meus únicos companheiros nessas horas.

Além dos Doentes e Moribundos.

A náusea, o vômito e a diarreia do capitão Fitzjames eram terríveis. Intermináveis. As Cólicas colocavam-no em Posição Fetal e faziam aquele homem forte e Corajoso gritar alto.

No Segundo Dia, ele tentou retornar à equipe de tração de sua baleeira – mesmo os Oficiais puxam de tempos em tempos –, mas logo Desabou novamente. Dessa vez o vômito e as cólicas não pararam. Quando a Baleeira foi deixada no Gelo naquela tarde enquanto os Homens saudáveis voltavam para arrastar os cinco Barcos deixados para trás no Primeiro Avanço, o capitão Fitzjames me confessou que sua Visão estava terrivelmente embaçada e com frequência tinha visão Dupla.

Perguntei se estivera Usando os Óculos de arame que adotamos para bloquear o sol. Os homens os Odeiam porque Obscurecem terrivelmente a visão, e tendem a induzir dores de cabeça. O capitão Fitzjames admitiu que Não estava usando, mas observou que o dia havia sido bastante Nublado. Nenhum dos outros homens

usava. Naquele momento nossa Conversa foi interrompida por outro acesso de vômito e diarreia.

Mais tarde naquela noite, na barraca Holland onde eu Cuidava dele, Fitzjames me contou que tinha dificuldade para engolir e sua Boca estava constantemente Seca. Em pouco tempo sentia dificuldade para Respirar e não conseguia mais falar. Ao nascer do sol, uma Paralisia tomara seus Braços ao ponto de ele não conseguir mais erguê-los ou usar as mãos para Escrever mensagens para mim.

O capitão determinou uma Parada naquele dia – a primeira parada de um dia inteiro de que desfrutamos desde que deixamos o Acampamento Terror seis semanas antes. Todas as barracas foram armadas. A Barraca da Enfermaria maior finalmente foi retirada da Baleeira de Crozier – demorou quase Três Horas para montá-la no vento e no frio (os homens estão muito mais lentos com essas coisas atualmente) – e pela primeira vez em quase um mês e meio todos os Doentes foram colocados confortavelmente em um lugar.

O sr. Hoar, o muito sofrido comissário do capitão Fitzjames, morrera no Segundo Dia de nossa Marcha. (Havíamos avançado menos de um Quilômetro e meio naquele dia Terrível de tração Humana, e a pilha de Carvão, Fornos e outros suprimentos ainda era Horrível mas Claramente Visível atrás de nós no Acampamento Terror naquela primeira noite. Era como se não tivéssemos Conseguído Nada após doze horas de um Trabalho Mortal. Aqueles primeiros dias – levamos Sete Dias para cruzar a estreita Enseada congelada ao sul do Acampamento Terror e viajar apenas dez quilômetros – quase destruíram nosso Moral e nossa Disposição de seguir.)

O soldado fuzileiro Heather, que perdera uma parte do Cérebro meses antes, finalmente permitiu que seu Corpo Morresse no nosso Quarto Dia de viagem. Seus colegas fuzileiros sobreviventes tocaram uma gaita de foles acima de sua cova rasa, apressadamente cavada naquela noite.

E assim foi, com os outros Doentes morrendo rapidamente, mas então veio um Longo Período após as mortes gêmeas do tenente Le Vesconte e do soldado Pilkington no final da Segunda Semana no qual ninguém morreu. Os homens se Convenceram de que os verdadeiramente Doentes haviam morrido e restavam apenas os Fortes.

O colapso repentino do capitão Fitzjames nos lembrou de que todos estamos ficando mais Fracos. Já não havia nenhum verdadeiro Forte entre nós. Com exceção, talvez, do Gigante, Magnus Manson, que avança desajeitado Imperturbavelmente e parece nunca perder peso ou energia.

Para tratar o vômito constante do capitão Fitzjames, eu administrei doses de assa-fétida, uma goma-resina usada para controlar espasmos. Ajudou muito pouco. Ele não conseguia Reter comida sólida ou líquidos. Dei a ele água de cal para acalmar o estômago, mas também não foi de valia.

Para a dificuldade de engolir eu administrei xarope de scilla – uma erva picada em solução tânica que é um Excelente Expectorante. Normalmente eficaz, pareceu servir pouco para lubrificar a Garganta do moribundo.

À medida que o capitão Fitzjames perdeu o Uso e o Controle primeiramente dos Braços e depois das Pernas, eu tentei Vinho de Coca Peruano – uma mistura poderosa de vinho e cocaína –, bem como soluções de chifre de cervo, um medicamento feito da gálhada moída do cervo vermelho que tem um forte fedor de amônia, bem como uma Solução de Cânfora. Essas Soluções, na Meia Dose que dei ao capitão, costumam Deter e mesmo Reverter paralisia.

Elas não ajudaram. A Paralisia chegou a todas as extremidades do capitão Fitzjames. Ele continuou a Vomitar e a se Contorcer de Cólica muito após não poder mais falar ou gesticular.

Mas pelo menos a Falência de seu Aparato Vocal poupou os homens do Fardo de ouvir seu capitão do Erebus gritando de dor. Mas eu vi suas convulsões e sua boca Aberta em gritos silenciosos naquele Longo Dia Final.

Esta manhã, no Quarto e Último Dia da Agonia do capitão Fitzjames, seus pulmões começaram a se fechar, com a paralisia chegando aos músculos respiratórios. Ele se Esforçou o dia inteiro para respirar. Lloyd e eu – algumas vezes ajudados pelo capitão Crozier, que passou muitas horas com o Amigo no Final – colocávamos Fitzjames em Posição Sentada, o Segurávamos em Pé ou mesmo Andávamos com o homem paralisado ao redor da barraca, arrastando seus Pés Flácidos em Meias sobre o piso de Gelo e Cascalho, em uma tentativa vã de ajudar seus pulmões fracos a Continuar a funcionar.

Desesperado, forcei pela garganta do capitão Fitzjames Tintura de Lobélia, uma solução de tabaco indiano da cor do uísque que era quase nicotina pura, empurrando-a pelo esôfago paralisado com os dedos nus. Era como alimentar um Filhote de Pássaro moribundo. Tintura de Lobélia era o melhor estimulante respiratório que restava em minha farmácia desabastecida de cirurgião, um estimulante em que o dr. Peddie tinha grande confiança. Levantaria Jesus dos mortos um dia antes, Peddie costumava blasfemar quando embriagado.

Não fez bem algum.

Preciso me Lembrar de que sou um mero Cirurgião, não um Médico. Minha formação foi em Anatomia; minha especialidade é Cirurgia. Médicos receitam; cirurgiões serram. Mas estou fazendo o Melhor com os suprimentos que meus Colegas Mortos me deixaram.

A coisa mais Terrível sobre as últimas horas do capitão James Fitzjames foi que ele estava Totalmente Consciente durante tudo isso – o vômito e as Cólicas, a Perda da Voz e da capacidade de Engolir, a Paralisia Assustadora e as Terríveis Horas Finais com seus pulmões parando. Eu podia ver o pânico e o Terror em seus olhos. Sua Mente estava Totalmente Viva. Seu Corpo Morria ao redor dele, ele não podia fazer Nada em relação a essa Tortura Viva a não ser Apelar a mim através dos Olhos. Eu era impotente para ajudar.

Em alguns momentos quis Administrar uma dose letal de Coca pura apenas para Acabar com seu Sofrimento, mas meu Juramento de Hipócrates e minha crença cristã não permitiram isso.

Em vez disso, eu saía e Chorava, me assegurando de que nenhum dos Oficiais ou Homens pudesse me ver.

O capitão Fitzjames morreu oito minutos após 15 horas desta tarde, terça-feira, Sexto Dia de junho do Ano de Nosso Senhor de Mil Oitocentos e Quarenta e Oito.

Sua cova rasa já havia sido Aberta. As Pedras de Cobertura já haviam sido Recolhidas e Empilhadas. Todos os Homens que conseguiam ficar de pé e se vestir compareceram à Cerimônia. Muitos daqueles que haviam servido com o capitão Fitzjames nos três anos anteriores choraram. Embora estivesse quente hoje – três ou cinco graus acima de zero – um vento frio Soprou do Noroeste Implacável e congelou muitas Lágrimas em barbas, bochechas ou cachecóis.

Os poucos fuzileiros que restam em nossa Expedição dispararam uma salva para o Ar.

Na colina acima do Túmulo, um lagópode branco decolou e voou na direção da Banquisa.

Um grande Gemido se elevou dos homens. Não pelo capitão Fitzjames, mas pela perda do lagópode para o refogado da noite. Quando os fuzileiros recarregaram os mosquetes, a ave já estava a cem metros de distância e fora de Alcance. (E nenhum daqueles fuzileiros teria conseguido acertar um pássaro na asa a cem metros mesmo que estivesse Bem e Aquecido.)

Depois – há apenas meia hora – o capitão Crozier olhou dentro da Barraca da Enfermaria e me chamou para fora no Frio.

Foi Escorbuto que matou o capitão Fitzjames?, foi sua única pergunta a mim.

Eu admiti que não achava que fosse. Havia sido algo mais Mortal.

O capitão Fitzjames achava que o comissário que o servia e aos outros oficiais desde a morte de Hoar o estava envenenando, *sussurrou o capitão.* Isso seria possível?

Bridgens?, disse, alto demais. Eu estava profundamente chocado. Sempre gostara do velho comissário Letrado.

Crozier balançou a cabeça. Richard Aylmore estava servindo os oficiais do *Erebus* nas últimas duas semanas, *ele disse.* Ele pode ter sido envenenado, dr. Goodsir?

Eu hesitei. Dizer sim certamente significaria que Aylmore seria fuzilado ao nascer do sol. O comissário dos suboficiais era o homem que Recebera cinquenta Chicotadas em janeiro por sua Imprevidente participação no Grande Carnaval Veneziano. Aylmore também era Amigo e Frequente Confidente do Pequeno e algumas vezes Desonesto ajudante de calafate do Terror. Aylmore, todos sabíamos, tinha uma alma pequena e ressentida.

Ele pode muito bem ter sido envenenado, *disse a Crozier há menos de meia hora.* Mas não necessariamente um veneno Deliberadamente Administrado.

O que isso significa?, *cobrou Crozier.* Nosso capitão remanescente parecia tão cansado naquela noite que sua Pele branca realmente brilhava à luz das estrelas.

Eu disse: Significa que os Oficiais têm comido as Maiores Porções das últimas Refeições Enlatadas de Goldner que trouxemos. Algumas vezes há um veneno paralisante Inexplicável porém Mortal nas comidas que estragaram. Ninguém entende isso. Talvez seja algum animalzinho microscópico que não conseguimos Perceber com nossas Lentes.

Crozier sussurrou: Não teríamos sentido o cheiro se as comidas enlatadas tivessem apodrecido?

Eu balancei a cabeça e agarrei a manga do sobretudo do capitão para dar ênfase. Não. Esse é o Terror desse Veneno que Paralisa primeiro a voz e depois o corpo inteiro. Ele não pode ser Visto ou Testado. É tão invisível quanto a própria Morte.

Crozier pensou um longo tempo. Vou ordenar que todos suspendam a comida enlatada por três semanas, *disse finalmente.* O resto de carne salgada estragada e biscoitos ruins terão de bastar por um tempo. Comeremos frio.

Os homens e oficiais não ficarão felizes com isso, *sussurrei.* As sopas e os legumes enlatados são o mais perto que Existe de uma Refeição Quente em Marcha. Eles podem ficar amotinados com Mais Privação nestas Condições Duras.

Crozier então sorriu. Foi uma visão estranha de arrepiar. Então não mandarei que todos suspendam as comidas enlatadas, *ele sibilou.* O comissário dos suboficiais Aylmore continuará comendo – das mesmas latas de que serviu a James Fitzjames. Uma boa noite para o senhor, dr. Goodsir.

Eu então retornei à Barraca da Enfermaria, cuidei dos homens doentes adormecidos e me arrastei para dentro de meu saco de dormir com minha Mesa de Escrever Portátil de mogno sobre os Joelhos.

Minha caligrafia está tão Difícil de ler na Página porque tenho Tremido. E não apenas de Frio.

Sempre que acredito Conhecer um desses homens ou Oficiais, descubro que estou errado. Um Milhão de anos de Avanço Médico Humano nunca irão revelar a Condição secreta ou os Compartimentos lacrados da Alma Humana.

Partiremos antes do Amanhecer amanhã. Suspeito que não haverá mais paradas como o luxo dos Dois últimos Dias na Enseada do Consolo.

BLANKY

Lat. desconhecida, Long. desconhecida

18 de junho de 1848

Quando a terceira e última perna de Tom Blanky se partiu, ele soube que isso significava o fim.

Sua primeira perna nova havia sido uma maravilha de ver. Moldada e refinada pelo sr. Honey, o capaz carpinteiro do *Terror*, fora esculpida de uma única peça de carvalho inglês sólido. Era uma obra de arte, e Blanky gostava de exibi-la. O mestre do gelo desfilava em perna de pau pelo navio como um pirata bem-humorado, mas quando Blanky tinha de ir para o gelo, prendia à base da perna um pé de madeira perfeitamente moldado que encaixava em um soquete. O pé tinha uma miríade de pregos e parafusos no fundo – melhor para tração no gelo do que as travas nas botas de inverno dos homens – e o homem de uma perna só, embora não capaz de puxar trenó, fora mais do que capaz de acompanhar durante a transferência para o Acampamento Terror desde o navio abandonado, e depois na longa jornada rumo sul e agora leste.

Não mais.

Sua primeira perna partira logo abaixo do joelho 19 dias após terem abandonado o Acampamento Terror, não muito depois de enterrarem os pobres Pilkington e Harry Le Vesconte.

Naquele dia, Tom Blanky e o sr. Honey, que haviam sido dispensados de puxar, haviam seguido em uma pinaça amarrada a um trenó puxado por vinte

outros homens esforçados, enquanto o carpinteiro esculpia uma nova perna e um pé para o mestre do gelo com madeira tirada de uma verga reserva.

Blanky nunca estivera certo de se devia ou não usar o pé quando acompanhando o cortejo de barcos e homens suados xingando. Quando se arriscaram no gelo marinho – como tinham feito nos primeiros dias cruzando a enseada congelada ao sul do Acampamento Terror e novamente na baía das Focas e mais uma vez na grande baía logo ao norte do ponto onde haviam enterrado Le Vesconte – o pé aparafusado e travado funcionou maravilhosamente no gelo. Mas a maior parte da marcha rumo sul e depois oeste ao longo e ao redor do grande cabo e agora novamente para o leste foi feita sobre terra.

À medida que a neve e o gelo nas rochas começaram a derreter, e estavam derretendo rapidamente naquele verão que era muito mais quente que o verão perdido de 1847, o pé de madeira ovoide de Tom Blanky deslizava das pedras escorregadias, prendia em fendas no gelo ou soltava do soquete a cada torção inoportuna.

Quando no gelo, Blanky tentava demonstrar sua solidariedade para com os colegas andando para frente e para trás com os puxadores, fazendo as duas viagens junto com os homens, forçando e suando, carregando pequenos objetos quando possível, eventualmente se oferecendo para usar os arreios de um homem exausto. Mas todos sabiam que ele não conseguia puxar o próprio peso.

Na sexta semana, e 75 quilômetros à frente, na enseada do Consolo onde o pobre capitão Fitzjames tinha morrido tão duramente, Blanky estava em sua terceira perna – um substituto mais pobre e fraco que a segunda havia sido – e tentou corajosamente seguir mancando sobre a perna por pedras, riachos e água parada, embora não mais voltasse para a odiada segunda viagem vespertina.

Tom Blanky se deu conta de que se tornara mais peso morto para os sobreviventes exaustos e doentes – 95 deles agora, não incluindo Blanky – a ser levado para o sul com eles.

O que mantinha Blanky avançando mesmo quando a terceira perna começou a lascar – não havia mais vergas reservas das quais esculpir uma quarta

– era sua esperança crescente de que suas habilidades de mestre do gelo seriam necessárias quando subissem nos barcos.

Mas embora a camada de gelo nas pedras e no litoral nu derretesse durante o dia – algumas vezes a temperatura chegava a quatro graus e meio, segundo o tenente Little –, a banquisa além dos icebergs litorâneos não dava sinais de se partir. Blanky tentou ser paciente. Ele sabia melhor que qualquer outro homem na expedição que o gelo marinho naquelas latitudes podia não revelar canais abertos – mesmo em um verão “mais normal” como aquele – até meados de julho, ou depois.

Ainda assim, não era apenas sua utilidade que estava sendo decidida pelo gelo, mas sua sobrevivência. Se embarcassem logo, ele poderia sobreviver. Não precisava da perna para viajar de barco. Crozier havia muito designado Thomas Blanky mestre de sua própria pinaça – comandando oito homens –, e assim que o mestre do gelo estivesse novamente no mar, iria sobreviver. Com alguma sorte, poderiam levar sua frota de dez pequenos barcos lascados e escavados até a embocadura do rio Great Fish de Back, parar ali para equipá-los para navegação em rio e – com uma pequena ajuda de ventos de noroeste e homens nos remos –, subir rapidamente. Blanky sabia que os deslocamentos por terra seriam difíceis, especialmente para ele, já que podia sustentar muito pouco peso em sua terceira perna frágil, mas uma moleza perto do pesadelo de tração humana das oito semanas anteriores.

Se conseguisse durar até que embarcassem, Thomas Blanky iria viver.

Mas Blanky conhecia um segredo que fazia até mesmo sua personalidade confiante murchar: a Coisa do Gelo, o próprio Terror, estava atrás dele. Havia sido avistado todo dia ou a cada dois enquanto o cortejo esforçado de homens contornara o largo cabo e virara novamente para leste ao longo do litoral, todo dia no começo da tarde, quando voltavam para carregar os cinco barcos que haviam deixado para trás, a cada crepúsculo por volta de 23 horas, quando desabavam em suas barracas Holland molhadas para algumas horas de sono.

A coisa os estava espreitando. Algumas vezes os oficiais a viam pelos telescópios ao olhar para o mar. Nem Crozier, nem Little, nem Hodgson, nem qualquer dos outros poucos oficiais remanescentes disseram aos homens de

carga que haviam visto a fera, mas Blanky – que tinha mais tempo para observar e pensar – os vira conferenciando e soube.

É apenas um dos *ursos-brancos polares*, dissera James Reid, o mestre do gelo de barba ruiva do *Erebus* e agora um dos maiores amigos de Blanky. *Eles o comerão se conseguirem, mas são basicamente inofensivos. Balas os matam. Vamos esperar que cheguem mais perto. Precisamos de um pouco de carne fresca.*

Mas Blanky sabia na época que não era um dos ursos-brancos que eles matavam para comer de vez em quando. Era *aquilo*, e embora todos os homens na Longa Marcha o temessem – especialmente à noite, ou melhor, nas duas horas de luz fraca que agora passavam por noite –, apenas Thomas Blanky sabia que iria pegá-lo primeiro.

A marcha tivera efeitos sobre todos, mas Blanky vivia uma agonia constante: não de escorbuto, que parecia afetá-lo menos que a maioria, mas da dor no coto da perna que a coisa levava. Caminhar sobre o gelo e pedra do litoral era tão difícil para ele que no meio da manhã da marcha de 16 ou 18 horas de cada dia seu coto derramava sangue por sobre o recesso de madeira e o arreio de couro que o mantinha no lugar. O sangue encharcava sua calça de lona grossa e escorria pela perna de madeira, deixando para trás um rastro de sangue. Encharcava para cima por ceroulas, calças e camisa.

Nas primeiras semanas da marcha, quando ainda estava frio, era uma bênção que o sangue congelasse. Mas agora, com o calor tropical de dias acima de zero, Blanky sangrava como um porco furado.

As roupas compridas e sobretudos também haviam sido uma bênção – escondiam do capitão e dos outros a pior evidência do sangramento de Blanky –, mas em meados de junho estava quente demais para vestir os sobretudos, então toneladas de roupas encharcadas de suor e camadas de lã eram empilhadas nos barcos. Os homens com frequência ficavam em mangas de camisa nos momentos mais quentes do dia, colocando novas camadas à medida que as tardes esfriavam para 15 abaixo. Blanky havia brincado quando perguntaram por que continuava a usar os casacos compridos. *Eu tenho sangue frio, rapazes*, dissera com uma risada. *Minha perna de madeira leva o frio do chão para mim. Não quero que me vejam tremendo.*

Mas ele acabara tendo de tirar o sobretudo. Como Blanky estava tendo dificuldade, mancando apenas para acompanhar, e como a dor em seu coto torturado fazia com que suasse mesmo quando parado de pé, não conseguia mais suportar o congelamento-derretimento, congelamento-derretimento de todas as suas camadas de roupas.

Quando os homens viram o sangue escorrendo, não disseram nada. Eles tinham seus próprios problemas. A maioria sangrava de escorbuto.

Crozier e Little frequentemente puxavam Blanky e James Reid de lado, pedindo a opinião profissional dos mestres sobre o gelo logo além da barreira de icebergs no litoral. Assim que começaram a seguir novamente para leste ao longo do litoral sul daquele cabo que se projetara quilômetros para oeste e sul da enseada do Consolo – provavelmente acrescentando 32 quilômetros à sua jornada sul –, Reid foi de opinião que o gelo entre aquela parte da Terra do Rei Guilherme e o continente, estivesse a Terra do Rei Guilherme conectada ao continente ou não, iria se romper mais lentamente que a banquisa a noroeste, onde as condições eram mais dinâmicas, havendo o degelo de verão.

Blanky era mais otimista. Ele destacou que os icebergs empilhados ao longo daquele litoral sul estavam ficando cada vez menores. Antes uma grande barreira separando o litoral do gelo marinho. Aquela parede de icebergs não era um incômodo maior do que um conjunto de seracos baixos. A razão, Blanky disse a Crozier, e Reid concordara, era que aquele cabo da Terra do Rei Guilherme estava protegendo aquele trecho de mar e litoral, ou talvez de golfo e litoral, do rio de gelo ao estilo geleira que se lançara tão impiedosamente sobre o *Erebus* e o *Terror*, e mesmo sobre o litoral perto do Acampamento Terror. Aquela pressão interminável de gelo, destacou Blanky, descera do próprio Polo Norte. As coisas eram um pouco mais protegidas ali ao sul do cabo sudoeste da Terra do Rei Guilherme. Talvez o gelo se partisse mais cedo ali.

Reid olhara estranho quando Blanky dera essa opinião. Blanky sabia o que o outro mestre do gelo estava pensando. *Seja isso um golfo ou um estreito levando à enseada de Chantrey e à embocadura do rio de Back, o gelo normalmente se parte por último em um espaço confinado.*

Reid estaria certo se desse essa opinião em voz alta ao capitão Crozier – e não o fizera, obviamente não querendo contradizer seu amigo e colega mestre do gelo –, mas Blanky ainda estava otimista. Na verdade, Thomas Blanky estava otimista de coração e alma todos os dias desde aquela noite escura de 5 de dezembro do ano anterior, quando ele se considerara um homem morto enquanto a Coisa do Gelo o caçava do *Terror* até a floresta de seracos.

Duas vezes a criatura tentara matá-lo. E duas vezes tudo o que Thomas Blanky perdera foram partes de uma perna.

Ele mancou à frente, levando animação, brincadeiras e eventuais restos de fumo extra ou pedaços de carne congelada a homens exaustos, exauridos. Ele sabia que seus colegas de barraca valorizavam sua presença. Ele cumpria seu turno de guarda nas noites cada vez mais curtas e carregava uma escopeta enquanto mancava dolorosamente ao lado do cortejo de barcos matinal como sentinela, embora Thomas Blanky soubesse melhor que qualquer homem vivo que uma mera escopeta não deteria a Fera Terror quando finalmente avançasse para levar suas próximas vítimas.

As torturas da Longa Marcha aumentavam. Não apenas mais homens morriam lentamente de fome, escorbuto e exposição aos elementos, mas houvera dois outros casos da terrível morte por envenenamento que levara o capitão Fitzjames – John Cowie, o foguista que sobrevivera à invasão do *Erebus* pela coisa em 9 de março, morrera gritando de cólicas e dor, e depois uma paralisia silenciosa em 10 de junho. Em 12 de junho, Daniel Arthur, o intendente de 38 anos do *Erebus*, caiu com dores abdominais e morreu com os pulmões paralisados apenas oito horas depois. Seus corpos não foram verdadeiramente enterrados; o cortejo parou apenas para costurar os dois corpos no pouco que restava de lona reserva e empilhar pedras sobre eles.

Richard Aylmore, objeto de muita especulação desde a morte do capitão Fitzjames, não apresentava quase nenhum sinal de doença. A fofoca era que embora todos tivessem sido proibidos de comer refeições quentes dos produtos enlatados e por causa disso sofressem mais de escorbuto, Aylmore recebera a ordem de dividir porções de suas refeições enlatadas com Cowie e Arthur. Além da resposta óbvia de envenenamento ativo e deliberado, ninguém conseguia descobrir por que as latas Goldner matariam horivelmente três

homens, mas deixariam Aylmore intocado. Mas embora todos soubessem que Aylmore odiava o capitão Fitzjames e o capitão Crozier, ninguém conseguia ver uma razão para o comissário de suboficiais envenenar seus colegas.

A não ser que ele quisesse suas porções de comida depois que estivessem mortos.

Henry Lloyd, assistente do dr. Goodsir na enfermaria, era um dos homens arrastados nos barcos naqueles dias – doente do escorbuto que o fizera vomitar sangue e os próprios dentes bambos –, então, como Blanky era um dos poucos homens além de Diggle e Wall que ficavam com os barcos depois do arrasto matinal, tentava ajudar o bom doutor.

Estranhamente, agora que ficava tropicalmente quente, havia mais casos de queimadura por gelo. Homens suados que tiravam paletós e luvas continuavam a puxar no frio da tarde interminável – o sol pairando ao sul até meia-noite agora – e ficavam surpresos de descobrir que a temperatura do ar caíra para 26° negativos durante o esforço. Goodsir estava constantemente tratando de dedos e pedaços de pele brancos de queimadura de frio ou enegrecidos pela putrefação.

Cegueira pelo sol ou dores de cabeças terríveis causadas pela claridade afetavam metade dos homens. Crozier e Goodsir percorriam as fileiras de homens puxando de manhã convencendo-os a colocar os óculos, mas os homens odiavam as monstruosidades de arame. Joe Andrews, capitão do porão do *Erebus* e velho amigo de Tom Blanky, disse que usar os malditos óculos de arame era tão difícil quanto tentar ver através de um par de calçolas de seda negra de mulher, mas muito menos divertido.

A cegueira da neve e as dores de cabeça estavam se tornando um problema sério na marcha. Alguns dos homens imploraram ao dr. Goodsir láudano quando as dores de cabeça começavam, mas o cirurgião dissera que não havia mais. Blanky, que com frequência era mandado pegar remédios na arca trancada do doutor, sabia que Goodsir estava mentindo. Restava um pequeno frasco de láudano, não identificado. O mestre do gelo sabia que o cirurgião estava guardando para alguma terrível ocasião – aplacar as últimas horas do capitão Crozier? Ou as do próprio cirurgião?

Outros homens sofriam os tormentos infernais de queimaduras de sol. Todos tinham bolhas vermelhas em mãos, rostos e pescoços, mas alguns homens que tiravam as camisas mesmo por períodos mínimos durante o calor insuportável do meio-dia, quando as temperaturas eram acima de zero, na mesma tarde viam a pele, alvejada após três anos de escuridão e ambientes fechados, vermelha e queimada, rapidamente se transformando em feridas supuradas.

O dr. Goodsir furava essas bolhas com sua lanceta e tratava os ferimentos abertos com um unguento que Blanky achava cheirar a graxa de eixo.

Quando os 95 sobreviventes se arrastavam rumo leste pelo litoral sul do cabo em meados de junho quase todos os homens estavam à beira do colapso. Desde que alguns homens pudessem puxar os trenós com barcos terrivelmente pesados e as baleeiras sem trenós totalmente carregadas, outros sofrendo podiam ir montados brevemente, se recuperar levemente e se juntar novamente ao arrasto em horas ou dias. Mas quando houvesse doentes e feridos demais para puxar, Blanky sabia, sua marcha de fuga chegaria ao fim.

Do modo como estava, os homens estavam sempre com tanta sede que todo riacho ou curso d'água era um motivo para parar, se jogar de quatro e lamber a água como cães. Blanky sabia que não fosse por aquele degelo repentino, todos teriam morrido de sede três semanas antes. Os fogões a álcool estavam quase sem combustível. A princípio, derreter neve na boca parecia aplacar a sede, mas na verdade retirava mais energia do corpo e deixava a pessoa com mais sede. Cada vez que arrastavam os barcos e eles mesmos através de um córrego – e havia mais córregos e riachos correndo agora –, todos paravam para encher garrafas de água que não mais precisavam ser levadas junto à pele para que não congelassem.

Mas se a sede não iria matá-los logo, Blanky via que os homens estavam caindo de cem outras formas. A inanição estava produzindo efeitos. A fome impedia os homens exaustos de dormir as quatro horas de crepúsculo – se não estivessem de sentinela – que Crozier permitia como tempo de sono.

Montar e desmontar as barracas Holland, atividades simples que haviam sido realizadas em vinte minutos dois meses antes no Acampamento Terror, agora levavam duas horas de manhã e duas horas à noite. A cada dia demorava

um pouco mais à medida que dedos ficavam mais inchados, mais queimados de gelo e desajeitados.

Poucas das cabeças dos homens, às vezes nem a de Blanky, estavam realmente claras. Crozier parecia o mais alerta de todos a maior parte do tempo, mas às vezes, quando achava que ninguém estava vendo, o rosto do capitão se tornava uma máscara mortal de fadiga e estupor.

Marinheiros que haviam instalado massame complicado e dado nós complexos na escuridão total 15 metros na ponta de uma verga, trinta metros acima do convés em uma noite de tempestade no estreito de Magalhães durante um furacão não conseguiam mais dar laços nos sapatos à luz do dia. Como não havia madeira em um raio de quinhentos quilômetros – além da perna de Blanky, dos barcos, mastros e trenós que haviam arrastado com eles e os restos do *Erebus* e do *Terror* quase 160 quilômetros ao norte – e como o solo ainda estava congelado três centímetros abaixo da superfície, os homens tinham de fazer pilhas de pedras a cada parada para baixar os cantos das barracas e ancorar cordas de barraca contra os inevitáveis ventos noturnos.

Essa tarefa também não acabava nunca. Os homens frequentemente adormeciam de pé na luz reduzida à meia-noite com uma pedra em cada mão. Às vezes seus colegas sequer os acordavam.

Foi então que, no final da tarde do 18º dia de junho de 1848, enquanto os homens faziam o segundo transporte de barcos do dia, quando a terceira perna de Blanky se partiu logo abaixo de seu coto de joelho sangrando, ele considerou isso um sinal.

O dr. Goodsir tinha pouco serviço para ele naquela tarde, então Blanky voltara para mancar ao lado dos últimos barcos da segunda viagem do dia interminável quando pé e perna ficaram presos entre duas pedras imóveis e a peça quebrou no alto. Ele também considerou a localização alta e sua presença incomum perto do final do cortejo como um sinal dos deuses.

Encontrou um penedo próximo, se instalou o mais confortavelmente possível, sacou o cachimbo e colocou o resto de fumo que estava poupando havia semanas.

Quando alguns dos marinheiros pararam para perguntar o que estava fazendo, Blanky disse:

– Vou apenas me sentar um pouco. Deixar meu coto descansar.

Quando o sargento Tozer, encarregado do destacamento de fuzileiros da retaguarda naquele dia ensolarado, perguntou cansado o que Blanky estava fazendo, deixando o cortejo passar, Blanky disse:

– Não se incomode, Soloman – disse Blanky, que sempre gostara de irritar o sargento idiota usando seu prenome. – Avance com o resto dos seus soldadinhos e me deixe.

Meia hora depois, quando os últimos barcos estavam centenas de metros ao sul dele, o capitão Crozier voltou com o sr. Honey, o carpinteiro.

– Que porra acha que está fazendo, sr. Blanky? – disse Crozier, ríspido.

– Apenas descansando, capitão. Pensei em passar a noite aqui.

– Não seja idiota – disse Crozier.

Ele olhou para a perna quebrada e se virou para o carpinteiro.

– Pode consertar isso, sr. Honey? Fazer uma nova amanhã de tarde se o sr. Blanky for em um dos barcos até então?

– Ah, sim, senhor – disse Honey, apertando os olhos para a perna quebrada com uma careta de artesão para a falha, ou a má utilização, de uma de suas criações. – Não temos muita madeira sobrando, mas há um leme de escaler reserva que trouxemos, bem como uma reserva para as pinaças que posso transformar em uma perna nova facilmente como o senhor preferir.

– Ouviu isso, Blanky? – perguntou Crozier. – Agora levante seu traseiro e deixe o sr. Honey ajudá-lo a mancar e alcançar o último barco do sr. Hodgson. Rápido agora. Estará consertado ao meio-dia de amanhã.

Blanky sorriu.

– O sr. Honey pode consertar isto, capitão? – perguntou, arrancando o encaixe de madeira da perna e soltando o arrieiro desajeitado de couro e latão.

– Ah, Cristo, maldição – disse Crozier. Ele começou a olhar mais de perto para o coto sangrando em carne viva com a carne negra cercado o osso branco, mas recuou rapidamente por causa do cheiro.

– Sim, senhor – disse Blanky. – Estou surpreso pelo dr. Goodsir não ter farejado isto antes. Eu tento ficar contra o vento quando o estou ajudando na enfermaria. Os rapazes em minha barraca sabem o que está acontecendo, senhor. Não há nada a fazer.

– Absurdo – reagiu Crozier. – Goodsir irá... – e se interrompeu.

Blanky sorriu. Não foi um sorriso sarcástico ou triste, mas um fácil, cheio de algum humor real.

– Irá o quê, capitão? Cortar minha perna no quadril? Os pedaços pretos e as linhas vermelhas sobem até meu traseiro e minhas partes pudendas, senhor, com desculpas por ser tão explícito quanto a isso. E se ele operar, quantos dias ficarei deitado no barco como o velho soldado Heather, que Deus tenha piedade da alma do pobre camarada, sendo arrastado por homens tão cansados quanto eu?

Crozier não disse nada.

– Não – continuou Blanky, dando uma baforada satisfeita no cachimbo. – Acho que seria melhor se eu ficasse aqui um pouco sozinho, relaxasse e pensasse uns pensamentos sobre isso e aquilo. Minha vida foi boa. Gostaria de pensar um pouco nela antes que a dor e o fedor fiquem tão ruins que eu me distraia.

Crozier suspirou, olhou para seu carpinteiro e depois para seu mestre do gelo, e suspirou novamente. Tirou uma garrafa de água do bolso do sobretudo.

– Fique com isto.

– Obrigado, senhor. Ficarei. Com gratidão – disse Blanky.

Crozier procurou nos outros bolsos.

– Não tenho comida comigo. Sr. Honey?

O carpinteiro tirou um biscoito mofado e um pedaço mais verde que castanho e que teria sido carne.

– Não, obrigado, John – disse Blanky. – Realmente não estou com fome. Mas, capitão, poderia me fazer um enorme favor?

– O que é, sr. Blanky?

– Meu pessoal está em Kent, senhor. Perto de Ingham Mote, ao norte de Tonbridge Wells, ou pelo menos minha Betty, Michael e a velha mãe estavam quando zarpei, senhor. Estava pensando, capitão, quero dizer, se tiver a sorte do seu lado e depois o tempo...

– Se eu voltar à Inglaterra juro que irei procurar por eles e lhes dizer que o senhor estava fumando, sorrindo e sentado confortavelmente em um penedo como um cavalheiro preguiçoso quando o vi pela última vez – disse Crozier. Ele tirou uma pistola do bolso. – O tenente Little viu a coisa pelo telescópio,

está seguindo atrás de nós a manhã toda, Thomas. Logo estará aqui. Deve ficar com isto.

– Não, obrigado, capitão.

– Tem certeza disso, sr. Blanky? Quero dizer, sobre ficar para trás? – perguntou o capitão Crozier. – Mesmo se permanecer... conosco... apenas mais uma semana, seu conhecimento do gelo poderá ser muito importante para todos nós. Quem sabe quais condições encontraremos na banquisa trinta quilômetros a leste daqui?

Blanky sorriu.

– Se o sr. Reid não estivesse com o senhor eu levaria isso a sério, capitão. Certamente levaria. Mas ele é o melhor mestre do gelo que poderia pedir. Como reserva, claro.

Crozier e Honey apertaram sua mão. Então deram as costas e se apressaram para alcançar o último barco, que desaparecia atrás de uma crista distante ao sul.



Era depois de meia-noite quando a coisa chegou.

Blanky ficara sem fumo horas antes e a água congelara na garrafa onde ele tolamente a deixara no penedo ao seu lado. Sentia alguma dor, mas não queria dormir.

Algumas estrelas surgiram no crepúsculo. O vento do noroeste aumentara, como costumava acontecer à noite, e a temperatura provavelmente caíra quarenta graus desde a máxima ao meio-dia.

Blanky deixara a perna de madeira quebrada, encaixe e tiras no penedo ao seu lado. Embora a perna gangrenada o torturasse e o estômago vazio retorcesse, naquela noite a dor pior vinha da canela do pé – seu membro fantasma.

De repente a coisa simplesmente estava *lá*.

Ela se ergueu no gelo a menos de trinta passos dele.

Deve ter subido por algum buraco invisível no gelo, pensou Blanky. Ele se lembrou de uma barraca de feira em Tunbridge Wells que vira quando criança,

com um palco de madeira improvisado e um mágico de roxo saindo de um alçapão em meio aos ohs e ahs da plateia do interior.

– Seja bem-vindo – disse Thomas Blanky para a silhueta sombreada no gelo.

A coisa se levantou nas patas traseiras, uma massa escura de pelos, músculos, garras tingidas pelo pôr do sol e um brilho fraco de dentes além de qualquer coisa, tinha certeza o mestre do gelo, na memória racial da humanidade de seus muitos predadores. Blanky avaliou que tinha mais de três metros e meio de altura, talvez quatro metros.

Os olhos – um negror mais profundo sobre a silhueta preta – não refletiam o sol que se punha.

– Está atrasado – disse Blanky. Ele não conseguia impedir os dentes de bater. – Estive esperando por você um longo tempo.

Ele jogou sobre a forma a perna de madeira e seu arreio chacoalhando.

A coisa não tentou desviar do projétil grosseiro. A forma ficou erguida ali por um minuto, depois se lançou para frente como uma aparição, as pernas sequer se movendo claramente para impeli-la, uma massa monstruosa deslizando rapidamente na sua direção através de pedra e gelo, a solidez escura e terrível da forma finalmente abrindo braços para tomar a visão do mestre do gelo. Thomas Blanky deu um sorriso selvagem e trincou os dentes com força no tubo de seu cachimbo frio.

CROZIER

Lat. desconhecida, Long. desconhecida

4 de julho de 1848

A única coisa que mantinha Francis Rawdon Moira Crozier avançando na décima semana de marcha com os barcos era a chama azul em seu peito. Quanto mais cansado, vazio, doente e desgastado seu corpo ficava, mais quente e forte a chama queimava. Ele sabia que não era meramente uma metáfora de sua determinação. Nem era otimismo. A chama em seu peito se entocara em seu coração como uma entidade distinta, se instalara como uma doença e se centrara nele como um núcleo quase indesejado de convicção de que ele faria o que fosse preciso para sobreviver. *Qualquer coisa.*

Algumas vezes Crozier chegava perto de rezar para que a chama azul simplesmente sumisse para que pudesse se entregar ao inevitável, deitar e puxar a tundra congelada sobre si como uma criança sob um cobertor se acomodando para um cochilo.

Hoje eles pararam – sem puxar trenós e barcos pela primeira vez em um mês. E haviam descarregado e instalado desajeitadamente a grande barraca da enfermaria, embora não as grandes barracas de refeitório. Os homens estavam chamando aquele lugar afora isso banal em uma pequena baía no litoral sul da Terra do Rei Guilherme de “Acampamento Hospital”.

Nas duas semanas anteriores, eles haviam acabado de cruzar o gelo irregular de uma enorme baía existente na parte de baixo do cabo que durante semanas de arrasto parecera que continuaria se projetando eternamente para sudoeste.

Mas agora estavam novamente indo para o sudeste, paralelo ao litoral na parte de baixo daquele cabo e então mais a leste – a direção certa se queriam chegar ao rio de Back.

Crozier levava sextante e teodolito, e o tenente Little também tinha um sextante, bem como o instrumento do falecido Fitzjames de reserva, mas nenhum dos oficiais fizera medições com estrelas ou sol em semanas. Simplesmente não era importante. Se a Terra do Rei Guilherme era uma península, como a maioria dos exploradores árticos, incluindo o antigo comandante de Crozier, James Clark Ross, acreditara, então aquele litoral os levaria à embocadura do rio de Back. Se era uma ilha – o que havia sido o palpite do tenente Gore, e também era o de Crozier –, eles então logo veriam o continente ao sul e cruzariam o que devia ser um pequeno estreito até a embocadura do rio de Back.

De qualquer forma, Crozier – que ficava satisfeito em seguir o litoral, já que não tinham realmente outra escolha, e por ora navegar por estimativa – avaliava que estavam a cerca de 140 quilômetros da embocadura do rio de Back.

Naquela marcha, eles em média faziam apenas um pouco mais de um quilômetro e meio por dia; alguns dias faziam cinco ou seis quilômetros e meio, lembrando a Crozier o ritmo fantástico de sua travessia dos navios para o Acampamento Terror na rodovia do gelo que haviam aberto, mas outros dias – quando havia mais rocha do que gelo sob os deslizadores, quando tinham de cruzar cursos d'água repentinos ou em uma oportunidade um rio de verdade, quando eram forçados a passar para o gelo irregular no momento em que o litoral se tornava pedregoso demais, quando o clima era ruim, quando havia mais homens doentes demais para puxar que de hábito e acabavam seguindo nos próprios barcos, enquanto os colegas puxavam o peso extra, primeiro as dezesseis horas arrastando as quatro baleeiras e um cúter, depois voltando para buscar os outros três cúteres e duas pinças – cobriam apenas algumas centenas de metros além do acampamento da noite anterior.

Em 1^o de julho, após semanas esquentando, o frio e a neve voltaram com força. Uma nevasca soprou de sudeste diretamente sobre os olhos dos homens, arrastando os trenós. Roupas foram apanhadas das pilhas nos barcos. Gorros

galeses foram recuperados de bolsas e fardos. A neve acrescentava centenas de quilos ao peso dos trenós e os barcos sobre eles. Os homens doentes que eram carregados nesses barcos, deitados sobre suprimentos e barracas dobradas, buscavam abrigo sobre as coberturas de lona.

Os homens puxaram à frente durante três dias de neve constante vindo de leste e sudeste. À noite, raios caíam e os homens se encolhiam sobre os pisos de lona das barracas.

Naquele dia haviam parado porque havia doentes demais e Goodsir queria cuidar deles, e porque Crozier queria enviar grupos de batedores à frente e grupos armados maiores ao interior e ao gelo marinho ao sul para caçar.

Eles precisavam muito de comida.

A boa notícia e a má notícia eram que finalmente haviam acabado com o resto da comida enlatada de Goldner. Quando o comissário Aylmore, que por ordem do capitão continuara a comer e engordar com a comida enlatada, não morrera com os sintomas terríveis que haviam matado o capitão Fitzjames – embora dois outros homens que não deveriam estar comendo das latas tenham morrido –, todos retornaram à comida enlatada para complementar o pouco porco salgado, bacalhau e biscoitos remanescentes.

O marinheiro de 28 anos Bill Closson morrera gritando em silêncio e tendo convulsões por dores intestinais e paralisia, mas o dr. Goodsir não tinha ideia do que poderia tê-lo envenenado até um de seus colegas, Tom McConvey, confessar que o morto roubara e comera uma lata de pêssegos Goldner que não dividira com ninguém.

Na breve cerimônia fúnebre para Closson – o corpo deitado sem sequer uma mortalha de lona sob aquela pilha frouxa de pedras porque o velho Murray, o fabricante de velas, morrera de escorbuto e, ademais, não restava lona extra –, o capitão Crozier citara não da Bíblia que os homens conheciam, mas do seu mítico *Livro do Leviatã*.

– A vida é “solitária, pobre, repulsiva, violenta e curta” – entoara o capitão.
– Parece ser mais curta para aqueles que roubam de seus companheiros.

Tal elogio fúnebre foi um sucesso entre os homens. Embora os barcos que estavam arrastando e puxando em trenós havia mais de dois meses tivessem velhos nomes dados a eles de quando *Erebus* e *Terror* ainda singravam os mares,

as equipes de marinheiros puxadores imediatamente rebatizaram os três cúteres e as duas pinças sempre arrastadas no transporte de tarde-noite – a parte do dia que mais odiavam, já que significava percorrer novamente terreno já conquistado com o suor da longa manhã. Os cinco barcos foram oficialmente batizados de Solitário, Pobre, Repulsivo, Violento e Curto.

Crozier sorria com isso. Significava que os homens não estavam tão famintos e desesperados que seu humor negro de marinheiros ingleses deixasse de ser cortante.



O motim, quando se deu, foi anunciado pelo último homem no mundo que Francis Crozier imaginou que se oporia ao seu comando. Era meio do dia e o capitão estava tentando ter alguns poucos minutos de sono enquanto a maioria dos homens estava fora do acampamento fazendo reconhecimento ou caçando. Ele ouviu na neve fora da barraca o arrastar lento de muitas botas com parafusos nos saltos, e soube imediatamente que havia um problema fora da gama habitual de emergências diárias. O som furtivo de passos enquanto ele despertava de seu sono leve o alertou para o desafio por vir.

Crozier vestiu seu sobretudo. Ele sempre levava uma pistola carregada no bolso direito do casaco, mas nos últimos tempos passara a carregar também uma pistola menor de dois tiros no bolso esquerdo.

Havia cerca de 25 homens reunidos na área aberta entre a barraca de Crozier e a grande barraca da enfermaria. A neve sendo soprada, os cachecóis grossos e gorros galeses imundos inicialmente tornavam difícil identificar alguns deles à primeira vista, mas Crozier não ficou surpreso de ver Cornelius Hickey, Magnus Manson, Richard Aylmore e meia dúzia dos indignados mais explícitos na segunda fila.

Foi a primeira fila diante dele que o surpreendeu.

A maioria dos oficiais estava fora comandando os grupos de caça e reconhecimento que Crozier enviara naquela manhã – Crozier se deu conta tarde demais do erro de afastar seus oficiais mais leais, incluindo o tenente Little e seu segundo imediato Robert Thomas, Tom Johnson, seu fiel ajudante

de contramestre Harry Peglar e alguns outros, todos de uma vez, deixando os homens mais fracos reunidos ali no Acampamento Hospital –, mas de pé diante daquele grupo estava o jovem tenente Hodgson. Crozier também ficou chocado de ver ali Reuben Male, capitão do castelo de proa e o capitão da gávea do traquete do *Erebus*, Robert Sinclair. Male e Sinclair sempre haviam sido bons homens.

Crozier caminhou na direção do grupo tão rápido que Hodgson deu dois passos para trás e se chocou contra o gigante idiota, Manson.

– O que vocês querem? – rosnou Crozier. Querendo que sua voz não fosse um coxo tão rouco, ele colocou nela o máximo de volume e autoridade que podia. – Que porra está acontecendo aqui?

– Precisamos conversar com o senhor, capitão – disse Hodgson. A voz do jovem tremia de tensão.

– Sobre o quê? – perguntou Crozier, mantendo a mão direita no bolso. Ele viu o dr. Goodsir ir até a abertura da barraca da enfermaria e olhar surpreso para a malta. Crozier contou 23 homens no grupo e, a despeito dos gorros enfiados fundo e dos cachecóis puxados alto, ele registrou quem era cada homem. Não iria esquecer.

– Sobre retornar – disse Hodgson. Os homens atrás dele começaram a murmurar concordância com o murmúrio coletivo que sempre era o som grupal dos amotinados.

Crozier não reagiu imediatamente. Uma notícia boa era que se aquele fosse um motim ativo, se todos os homens, incluindo Hodgson, Male e Sinclair já houvessem concordado em assumir o controle da expedição pela força, Crozier já estaria morto. Eles teriam agido à luz fraca da meia-noite.

E a outra boa notícia era que embora dois ou três dos marinheiros ali levassem escopetas, todas as outras armas estavam fora com os 66 homens caçando.

Crozier fez uma anotação mental de nunca permitir novamente que todos os fuzileiros deixassem o acampamento ao mesmo tempo. Tozer e os outros estavam ansiosos para caçar. O capitão se sentia tão cansado que não pensara duas vezes antes de dar permissão para que fossem.

O capitão olhou de um rosto para outro. Alguns dos mais fracos na multidão baixaram os olhos imediatamente, envergonhados de encará-lo. Os mais fortes, como Male e Sinclair, devolveram o olhar. Hickey olhou para ele com olhos tão pesados e frios que poderiam pertencer a um dos ursos-brancos que haviam encontrado – ou talvez à própria coisa do gelo.

– Retornar para onde? – cobrou Crozier.

– Para o A-acampamento Terror – gaguejou Hodgson. – Há comida enlatada lá, algum carvão e os fogões. E os outros barcos que deixamos.

– Não seja idiota – disse Crozier. – Estamos a pelo menos 105 quilômetros do Acampamento Terror. Já seria outubro, pleno inverno, antes que vocês chegassem, caso chegassem.

Hodgson murchou, mas o capitão da gávea do traquete do *Erebus* falou.

– Estamos muito mais perto do acampamento do que da porra do rio para o qual nos matamos para arrastar os barcos.

– Isso não é verdade, sr. Sinclair – rosnou Crozier. – O tenente Little e eu estimamos que o estuário do rio está a menos de oitenta quilômetros daqui.

– O *estuário* – debochou um marinheiro chamado George Thompson.

O homem era conhecido por embriaguez e preguiça. Crozier não jogaria a primeira pedra sobre ele pela bebida, mas desprezava preguiça.

– A embocadura do rio de Back fica oitenta quilômetros ao sul do estuário – continuou Thompson. – Mais de 160 quilômetros daqui.

– Cuidado com o seu tom, Thompson – avisou Crozier em um tom tão baixo e mortal que até mesmo aquele idiota piscou e baixou os olhos. Crozier encarou a multidão novamente. Falou a todos os homens. – Não importa se são 65 quilômetros descendo o estuário até a embocadura do rio de Back ou oitenta quilômetros, as chances são boas de que seja água... Estaremos *navegando* nos barcos, não os arrastando. Agora voltem às suas obrigações e esqueçam esse absurdo.

Alguns homens se remexeram, mas Magnus Manson ficou parado como uma grande represa contendo o lago de seu desafio. Reuben Male falou.

– Queremos voltar para o navio, capitão. Achemos que temos mais chance lá.

Foi a vez de Crozier piscar.

– Voltar para o *Terror*? Por Cristo, Reuben, são mais de 145 quilômetros de volta ao navio, sobre *banquisa*, além de todo o terreno difícil que atravessamos. Os barcos e trenós nunca conseguirão.

– Vamos levar apenas um barco – disse Hodgson. Os homens murmuraram atrás dele concordando.

– De que porra você está falando sobre um barco?

– Um barco – insistiu Hodgson. – Um barco em um trenó.

– Estamos fartos dessa merda de arrastar – disse John Morfin, um marinheiro que ficara gravemente ferido no carnaval.

Crozier ignorou Morfin e disse a Hodgson:

– Tenente, como planeja colocar 23 homens em um barco? Mesmo se você roubasse uma das baleeiras, daria para apenas dez ou 12 de vocês, com suprimentos mínimos. Ou você está planejando que dez ou mais de seu grupo morram antes de voltar ao acampamento? Eles morrerão, você sabe. Mais que isso.

– Há os barcos pequenos no Acampamento Terror – disse Sinclair, se aproximando e assumindo uma postura agressiva. – Levaremos uma baleeira de volta e a usaremos e os escaleres e outros para nos levar ao *Terror*.

Crozier encarou por um momento e depois riu.

– Você acha que o gelo se abriu a noroeste da Terra do Rei Guilherme? É *isso* que vocês idiotas acham?

– Achamos – disse o tenente Hodgson. – Há comida no navio. Muita da comida enlatada. E podemos navegar para...

Crozier riu novamente.

– Vocês estão apostando suas vidas em que o gelo se abriu o suficiente este verão para que o *Terror* esteja flutuando e apenas esperando que remem suas dingas até ele? E que tenham se aberto canais por todo o caminho para o sul? Quatrocentos e oitenta *quilômetros* de mar aberto? No inverno, quando chegarem lá, caso alguém chegue?

– Achamos que é uma aposta melhor do que isto – gritou o comissário de suboficiais, Richard Aylmore. O rosto escuro do homenzinho estava distorcido de raiva, medo, ressentimento e algo como empolgação, agora que chegara sua hora.

– Eu quase gostaria de ir com vocês... – começou Crozier.

Hodgson piscou rapidamente. Vários dos homens trocaram olhares.

– Só para ver suas caras quando essa aposta terminar com vocês *caminhando sobre o gelo e cristas de pressão* para descobrir que o *Terror* foi esmagado pelo gelo assim como o *Erebus* foi em março.

Ele deixou que o efeito dessa imagem penetrasse por alguns segundos antes de dizer suavemente:

– Por Cristo, perguntem ao sr. Honey, ou ao sr. Wilson, ao sr. Goddard ou ao tenente Little qual o estado dos *joelhos*. Qual o estado do *leme*. Perguntem ao primeiro imediato Thomas como estavam as rachaduras em abril... Agora estamos em *julho*, seus idiotas. Se o gelo derreteu um mínimo ao redor, são maiores as chances de que o velho navio tenha afundado do que flutuado. E caso não tenha, vocês 23 podem me dizer honestamente que conseguem operar as bombas enquanto o conduzem pelo labirinto de canais; caso voltem em metade do tempo que levaram para chegar aqui apenas do Acampamento Terror o congelamento de inverno já estará começando novamente. E como irão encontrar seu caminho através do gelo caso o navio consiga flutuar, caso não tenha afundado, se não morrerem operando as bombas dia e noite?

Crozier olhou ao redor da malta novamente.

– Não vejo o sr. Reid aqui. Ele está fora com o tenente Little reconhecendo nosso caminho para o sul. Sem mestre do gelo vocês terão uma bela dificuldade em encontrar o caminho por placas de gelo recente e pedaços de iceberg, por banquisas e icebergs.

Crozier balançou a cabeça com o absurdo de tudo aquilo e deu um risinho como se os homens tivessem ido contar a ele uma piada especialmente boa em vez de fomentar um motim.

– Voltem às suas obrigações... *agora* – rosnou ele. – Não esquecerei que foram idiotas o bastante para apresentar essa ideia, mas tentarei esquecer o tom que usaram e o fato de que vieram como um malta de amotinados em vez de como membros leais da Marinha Real de Sua Majestade querendo conversar com seu capitão. Agora vão embora.

– Não – disse Cornelius Hickey da segunda fila, a voz alta e seca o suficiente para deter os homens que vacilavam. – O sr. Reid irá conosco. Assim

como os outros.

– Por que fariam isso? – perguntou Crozier, penetrando no furão com seu olhar.

– Eles não terão escolha – disse Hickey. Ele puxou a manga de Magnus Manson e os dois avançaram, passando por um Hodgson de expressão alarmada.

Crozier decidiu que iria atirar primeiro em Hickey. Sua mão estava na pistola no bolso. Não iria sequer retirar a arma do sobretudo para o primeiro tiro. Iria atirar na barriga de Hickey quando estivesse um metro mais perto e depois sacar a pistola e tentar acertar o gigante no centro da testa. Nenhum tiro no corpo era garantia de derrubar Manson.

Como se pensar em atirar fizesse acontecer, veio da direção do litoral o estalido de um tiro.

Todos exceto Crozier e o ajudante de calafate se viraram para ver o que estava acontecendo. O olhar de Crozier nunca desviou dos olhos de Hickey. Os dois homens só viraram as cabeças quando começaram os gritos.

– Mar aberto!

Era o grupo do tenente Little voltando da banquisa – mestre do gelo Reid, contramestre John Lane, Harry Peglar e meia dúzia de outros, todos carregando escopetas ou mosquetes.

– Mar aberto! – gritou Little novamente. Ele acenava com os dois braços enquanto cruzava as pedras e o gelo do litoral, obviamente ignorando o drama que se desenrolava diante da barraca de seu capitão. – A menos de três quilômetros ao sul! Canais se abrindo, largos o bastante para os barcos. Seguindo para leste por quilômetros! Mar aberto!

Hickey e Manson recuaram para o grupo de homens jubilosos onde trinta segundos antes havia uma malta. Alguns dos homens começaram a se abraçar. Reuben Male pareceu que iria vomitar com a ideia do que estivera prestes a fazer e Robert Sinclair se sentou em uma pedra baixa como se toda a força houvesse sido drenada de suas pernas. O antes poderoso capitão da gávea do traquete começou a chorar nas mãos imundas.

– Voltem para suas barracas e obrigações – disse Crozier. – Vamos começar a carregar os barcos e verificar mastros e massames em uma hora.

PEGLAR

*Em algum lugar no estreito entre a Terra do Rei Guilherme
e a península Adelaide
9 de julho de 1848*

Os homens que esperavam no Acampamento Hospital estavam ansiosos para partir dez minutos depois de o grupo do tenente Little ter levado a notícia do mar aberto, porém demorou mais um dia para que desmontassem acampamento e dois outros dias até que os cascos dos barcos tivessem sido deslizados do gelo para a água negra ao sul da Terra do Rei Guilherme.

Primeiro tiveram de esperar que todos os grupos de caça e reconhecimento retornassem, e alguns voltaram depois de meia-noite, cambaleando para dentro do acampamento à luz amarela fraca do crepúsculo Ártico e desabando em seus sacos de dormir sem sequer ouvir as boas-novas. Muito pouca caça havia sido conseguida, mas o grupo de Robert Thomas matara uma raposa do Ártico e vários coelhos brancos, e a equipe do sargento Tozer trouxera dois lagópodes.

Na manhã de 5 de julho, uma quarta-feira, a barraca da enfermaria quase esvaziou, com todos que podiam ficar de pé ou cambaleando querendo dar uma mão nos preparativos para ir ao mar.

John Bridgens assumira o lugar dos falecidos Henry Lloyd e Tom Blanky como assistente do dr. Goodsir nas semanas anteriores, e o comissário vira o quase motim da semana anterior de pé ao lado do cirurgião à porta da barraca da enfermaria. Fora Bridgens quem descrevera a cena a Harry Peglar, que ficou

mais nauseado do que já estava ao saber que seu equivalente na gávea do *Erebus*, Robert Sinclair, se juntara ao quase levante. Reuben Male, ele sabia, sempre fora um homem confiável, mas obstinado. Muito obstinado.

Peglar só sentia desprezo por Aylmore, Hickey e seus bajuladores. Aos olhos de Harry Peglar eram todos homens com pequenas mentes ocupadas e – com exceção de Manson – uma abundância de palavras, mas nenhuma noção de lealdade.

Aquela quinta-feira, 6 de julho, os encontrara na banquisa pela primeira vez em mais de dois meses. A maioria deles se esquecera de quão terrível era arrastar carga no gelo aberto, mesmo ali a sotavento da Terra do Rei Guilherme e do cabo bulboso que haviam acabado de contornar. Ainda havia cristas de pressão sobre as quais passar os dez barcos. O gelo marinho era muito menos escorregadio sob os deslizadores do que a neve e o gelo do litoral. Não havia vales nos quais se proteger, nada de cristas baixas – nem mesmo eventuais penedos – nos quais se esconder do vento. Ali não havia córregos dos quais beber. A nevasca continuava e o vento de sudeste ficara mais forte, batendo diretamente em seus rostos enquanto arrastavam os barcos pelos mais de três quilômetros que o grupo de caça do tenente Little cobrira antes de se deparar com canais abertos.

Na primeira noite, eles estavam tão cansados que sequer ergueram as barracas Holland, apenas estendendo pisos de barraca como lonas a sotavento dos barcos e barcos sobre trenós, e se aninharam juntos no gelo durante as poucas horas de luz fraca no verão do Ártico dentro de seus sacos de dormir para três homens.

Mesmo com tempestade, vento e as dificuldades da banquisa, fortalecidos por sua excitação eles cobriram os pouco mais de três quilômetros até a metade da manhã de sexta-feira, 7 de julho.

O canal sumira. Fechado. Little apontou para o gelo mais fino – não mais de sete e meio a vinte centímetros de espessura – onde ele estivera.

Com o mestre do gelo James Reid na liderança, seguiram a trilha em zigue-zague do canal recém-congelado para sudeste e depois leste por grande parte daquele dia.

Então, com o desapontamento e a infelicidade sempre presente exacerbados pela neve no rosto e as roupas totalmente encharcadas, vinha a tensão – pela primeira vez em anos – de caminhar sobre gelo fino.

Um pouco depois do meio-dia, o soldado fuzileiro James Daly, que era um dos seis homens enviados à frente para testar o gelo com varas compridas, afundou. Seus camaradas o tiraram, mas não antes que ele ficasse literalmente azul. O dr. Goodsir mandou Daly ficar nu no gelo, o enrolou em cobertores Hudson's Bay e o enfiou sob mais cobertores abaixo da cobertura de lona de um dos cúteres. Dois outros homens tiveram de ficar com ele, deitados dos dois lados na penumbra amarelada da lona sob a cobertura do barco para que seu calor corporal o mantivesse vivo. Mesmo assim o corpo do soldado Daly tremia e seus dentes batiam incontrolavelmente, e ele delirou pelo resto do dia.

O gelo, tão estável sob os pés quanto um continente por dois anos, agora se erguia e descia em marés baixas de um modo que deixava todos tontos e fazia alguns homens vomitar. A pressão fazia rachar e gemer até mesmo o gelo mais espesso, com explosões repentinas bem à frente, logo à frente, dos dois lados, abaixo ou sob os pés. O dr. Goodsir explicara a eles meses antes que um dos sintomas de escorbuto avançado era a maior sensibilidade ao som – o disparo de uma arma realmente podia matar um homem, dissera –, e agora a maioria dos 89 homens puxando os barcos pelo gelo reconhecia em si mesmos esses sintomas.

Mesmo um idiota como Magnus Manson se dava conta de que se algum ou todos os barcos caíssem através do gelo – que não conseguira sustentar um único espantalho magrelo e faminto como James Daly – não haveria esperança para qualquer dos homens nos arreios. Eles se afogariam antes mesmo de congelar até a morte.

Acostumados ao seu cortejo agrupado sobre o gelo, os homens achavam estranho o novo método de puxar mantendo os barcos bem distantes, e vacilavam. De vez em quando na nevasca os grupos ficavam fora de vista dos outros e a sensação de isolamento era terrível. Quando voltavam para arrastar os últimos três cúteres e duas pinaças, não seguiam os rastros antigos, e se preocupavam que o novo gelo no qual estavam não os sustentasse.

Alguns dos homens resmungavam que já poderiam ter perdido a enseada levando rumo sul para a embocadura do rio de Back. Peglar vira os mapas e eventuais leituras de teodolito de Crozier e sabia que ainda estavam a uma boa distância a oeste – 48 quilômetros para a enseada, no mínimo. E então mais 95 ou 105 quilômetros ao sul até a embocadura. No ritmo de sua viagem por terra, mesmo que aparecesse comida e a saúde de todos melhorasse milagrosamente, não chegariam à enseada antes de agosto, e à embocadura do rio até o final de setembro, na melhor das hipóteses.

A promessa de água fizera o coração de Harry Peglar acelerar. Claro que seu coração estava batendo de forma errática nos últimos tempos, de qualquer forma. A mãe de Harry sempre se preocupara com seu coração – quando menino ele tivera escarlatina e dores frequentes no peito –, mas ele sempre dissera a ela que essas preocupações eram absurdas, que era capitão da gávea em alguns dos maiores navios do mundo e que um homem com coração ruim não poderia ocupar tal posição. De alguma forma ele se convencera de que estava bem, mas ao longo dos anos Peglar eventualmente sentira irregularidades no peito, seguidas por dias de dor, uma sensação de aperto e uma dor que descia pelo braço esquerdo tão forte que alguns dias tinha de subir para a gávea e as vergas superiores usando apenas uma das mãos. Os outros homens achavam que estava se exibindo.

Nas semanas anteriores, seu coração se agitara mais frequentemente. Ele perdera os movimentos dos dedos esquerdos duas semanas antes e a dor nunca o deixava. Isso, com o constrangimento e a inconveniência da diarreia constante – Peglar sempre fora um homem discreto, e mesmo fazer suas necessidades ao ar livre sobre a lateral de um navio, algo em que outros homens nem pensavam, o deixava com prisão de ventre, esperando a escuridão ou o sanitário.

Mas não havia sanitário naquela marcha. Nem mesmo um maldito arbusto, touceira ou pedra grande atrás de que se esconder. Os homens na equipe de arrasto de Peglar riam de seu oficial não comissionado ficar para trás fora de vista e se arriscar a ser apanhado pelo Terror em vez de se permitir ser visto dando uma cagada.

Nas semanas anteriores, não era o riso amistoso que incomodava Peglar; era a corrida para alcançar sua equipe e recolocar os arreios. Estava tão exausto com a hemorragia interna, a falta de comida e as falhas no coração que tinha cada vez mais dificuldade para alcançar os barcos que avançavam.

Então, dos 89 homens naquela sexta-feira, Harry Peglar provavelmente foi o único a dar as boas-vindas à neve e à neblina que se instalou depois que a neve começou a diminuir.

A neblina era um problema. Viajando tão separados sobre gelo traiçoeiro, as equipes dos barcos se perderiam umas das outras facilmente. Mesmo recuar para pegar os cúteres e pinças remanescentes havia sido um problema, e isso antes da neblina ficar mais densa com a chegada da noite. O capitão Crozier ordenou uma pausa para discutir a questão. Não mais de 15 homens podiam se reunir em uma pequena área de gelo ao mesmo tempo, e não perto demais de um barco. Eles estavam puxando naquela noite com o menor número de pessoas necessário para mover as enormes massas pesadas de barcos e trenós.

Os trenós seriam um problema logístico caso um dia chegassem à água prometida. Eram grandes as chances de que tivessem de carregar os cúteres e pinças de grande calado com as quilhas e lemes fixos sobre os trenós novamente antes de chegar à embocadura do rio de Back, então não podiam simplesmente abandonar os veículos desgastados no gelo. Antes de partir na quinta-feira, Crozier ensaiara tirar os seis barcos sobre trenós, desmontar os pesados trenós na medida em que haviam sido projetados para ser desmontados ou partidos, e guardá-los adequadamente nos barcos. Levou horas.

Recolocar os barcos em seus trenós antes de partir para a banquisa esteve no limite da força e das habilidades declinantes dos homens. Dedos idiotas de fadiga e escorbuto se atrapalhavam com nós simples. Um corte superficial não parava de sangrar. A batida mais leve deixava hematomas do tamanho de mãos em seus braços macios e na pele fina acima das costelas.

Mas agora sabiam que podiam fazer isso – descarregar, depois carregar novamente os trenós, aprontar os barcos para o lançamento.

Se achassem o canal logo.

Crozier fizera cada barco acender lanternas em proa e popa. Chamou de volta os fuzileiros testadores de gelo quase inúteis com suas varas e escolheu o tenente Hodgson como oficial a liderar o grupo de cinco barcos, com uma das pesadas baleeiras cheias dos itens menos essenciais sendo puxada à frente dos outros na neblina.

Todo homem ali sabia que era a recompensa do jovem Hodgson por se juntar a possíveis amotinados. Sua equipe de puxadores era liderada por Magnus Manson, e também estavam nos arreios Aylmore e Hickey, homens que até então haviam sido colocados em equipes distintas. Se aquele barco líder caísse pelo gelo, os outros ouviriam os gritos e braçadas através da densa neblina noturna, mas não haveria nada que pudessem fazer exceto abandoná-los e buscar um caminho mais seguro.

O resto agora devia arriscar um quase cortejo, ficando suficientemente perto para ver as lanternas dos outros na penumbra crescente.

Por volta de 20 horas vieram gritos e berros da equipe líder de Hodgson, mas eles não tinham caído. Haviam encontrado água novamente mais de um quilômetro e meio a leste e sul de onde Little vira um canal na quarta-feira.

As outras equipes enviaram homens à frente com lanternas, movendo-se cuidadosamente no que supunham ser gelo fino, mas o gelo permaneceu firme e estimou-se que tinha mais de trinta centímetros de espessura bem ali no limite do inexplicável canal.

A abertura de água negra tinha apenas nove metros de largura, mas se projetava na neblina.

– Tenente Hodgson, abra espaço em sua baleeira para seis homens nos remos – ordenou Crozier. – Coloque os suprimentos extras no gelo por ora. O tenente Little irá assumir o comando da baleeira. Sr. Reid, você irá juntamente com o tenente Little. Vocês seguirão pelo canal por duas horas caso seja possível. Não icle sua vela, tenente. Apenas remos, mas faça com que os homens se esforcem nisso. Ao final de duas horas, caso cheguem a tanto, façam a volta e retornem com sua recomendação sobre se vale o nosso esforço de lançar os barcos. Vamos usar as quatro horas em que ficarão fora para descarregar tudo aqui e colocar os trenós nos barcos remanescentes.

– Sim, senhor – disse Little, e começou a dar ordens.

Peglar pensou que Hodgson parecia querer chorar. Ele sabia como devia ser duro estar na casa dos 20 anos e saber que sua carreira naval estava encerrada. *Muito bem feito*, pensou Peglar. Ele passara décadas em uma Marinha que enforcava homens por motim e os açoitava pela simples *ideia* de motim, e Harry Peglar nunca discordara da regra nem da punição.

Crozier foi até ele.

– Harry, sente-se suficientemente bem de ir com o tenente Little? Gostaria que cuidasse do leme. O sr. Reid e o tenente Little ficarão na proa.

– Ah, sim, capitão. Eu me sinto bem.

Peglar ficou chocado por o capitão Crozier achar que ele parecia ou agia como doente. *Será que simulei de alguma forma?* A própria ideia de que poderia ter feito isso deixou-o mais nauseado.

– Eu preciso de um bom homem na direção e uma terceira avaliação de se esse canal vale – sussurrou Crozier. – E preciso de pelo menos um homem que saiba nadar.

Peglar sorriu disso, mesmo com seu escroto contraindo com o pensamento de cair naquela água negra e fria. A temperatura do ar estava abaixo de zero, e a água, com todo o sal, também estaria.

Crozier deu um tapinha no ombro de Peglar e foi falar com outro “voluntário”. Era óbvio para o capitão da gávea que Crozier estava escolhendo cuidadosamente os homens que queria naquela viagem de investigação, ao mesmo tempo mantendo outros, como o primeiro imediato Des Voeux, o segundo imediato Robert Thomas, o ajudante de contramestre e disciplinador do *Terror* Tom Johnson e todos os fuzileiros com ele e alertas.

Em trinta minutos, o barco estava pronto para flutuar.

Era uma expedição estranhamente equipada dentro da expedição. Eles levaram um saco com um pouco de porco salgado e biscoitos, bem como garrafas de água caso se perdessem ou prolongassem a missão de quatro horas. Cada um dos nove homens recebeu machado ou picareta. Caso encontrassem um pequeno iceberg pendurado e bloqueando o canal, ou uma camada de gelo impedisse a passagem, poderiam tentar abrir caminho. Peglar sabia que se um bloco de gelo mais largo e espesso os detivesse, iriam carregar a baleeira para o trecho de água seguinte caso pudessem. Ele esperava ainda ter força para fazer

sua parte em levantar, puxar e empurrar o pesado barco por mais de cem metros.

O capitão Crozier deu ao tenente Little uma escopeta de dois canos e um saco de cartuchos. Os itens foram guardados na proa.

Caso de algum modo ficassem presos lá, Peglar sabia, as pilhas de suprimento que mantiveram a bordo incluíam uma barraca dupla e uma lona para o piso. Havia três sacos de dormir para três homens no barco. Mas eles não planejavam se perder.

Os homens entraram e tomaram seus lugares enquanto o nevoeiro do gelo girava ao redor deles. No inverno anterior, Crozier e os outros oficiais e imediatos haviam discutido mandar o sr. Honey – e o sr. Weekes antes de sua morte no *Erebus* em março – levantar as laterais de todos os barcos. A pequena embarcação teria ficado mais bem preparada para mar aberto dessa forma. Mas no final foi decidido manter as amuradas na altura habitual de modo a facilitar a viagem por rio. Também para isso Crozier ordenara que os remos fossem reduzidos em comprimento para serem usados mais facilmente no rio.

A cerca de uma tonelada de comida e equipamento que permanecia no fundo do barco tornava difícil sentar; aqueles seis marinheiros nos remos tinham de apoiar os pés nos fardos e remar com os joelhos à altura das cabeças, e sendo o homem no leme, Peglar se viu sentado em um fardo amarrado, em vez de no banco de popa –, mas todos couberam, e havia espaço para o tenente Little e o sr. Reid se instalar na proa com suas varas compridas.

Os homens estavam ansiosos para lançar o barco. Houve um coro de “um, dois, três”, e vários comandos, e a baleeira pesada deslizou pelo gelo, a proa se inclinou e caiu meio metro na água negra, os remadores empurrando gelo próximo enquanto o sr. Reid e o tenente Little se encolhiam e agarravam as amuradas, os homens no gelo faziam força de novo, remos encontravam água e eles se afastavam na neblina – o primeiro barco de *Erebus* ou *Terror* a sentir água sob o casco em quase dois anos e 11 meses.

Houve uma comemoração espontânea, seguida dos mais tradicionais hip-hip-hurra.

Peglar virou o barco para o centro do canal estreito – nunca mais de seis metros de largura aqui, algumas vezes quase sem espaço para que os remos

encurtados encontrassem água dos dois lados – e, quando olhou por cima do ombro, todos os homens no gelo estavam perdidos na neblina à popa.



As duas horas seguintes foram como um sonho. Peglar havia conduzido um barco pequeno por entre placas de gelo antes – demorara mais de uma semana indo a portos e enseadas cheios de icebergs antes de encontrarem o lugar de ancoragem certo para os dois navios na ilha Beechey dois outonos antes, e Peglar passara dias no comando de um desses barcos pequenos –, mas não havia sido como aquilo. O canal continuou estreito – nunca mais de nove metros de largura, e algumas vezes tão apertado que eles deslocavam a baleeira empurrando o gelo que raspava nas laterais em vez de remar – e o canal estreito virava à esquerda e à direita, mas nunca tão fechado que o barco não conseguisse fazer as curvas. Pilhas de gelo erguido pela pressão escondiam a visão dos dois lados, e a neblina continuava a se fechar sobre eles, depois abrindo um pouco, a seguir ficando ainda mais densa. Os sons pareciam ao mesmo tempo abafados e amplificados, e o efeito era perturbador; os homens se viam sussurrando quando tinham de se comunicar.

Duas vezes eles encontraram trecho em que gelo flutuante bloqueava a passagem ou o próprio canal estava congelado a ponto de a maioria dos homens ter de saltar para empurrar gelo flutuante para frente com varas ou abrir a superfície congelada com picaretas. Alguns dos homens então permaneciam no gelo dos dois lados, puxando cordas amarradas à proa e aos bancos, e agarrando as amuradas e empurrando e puxando a baleeira que guinchava através da fenda apertada. Todas as vezes o canal então se alargava o suficiente para que os homens pudessem embarcar novamente e empurrar e remar para frente.

Eles haviam se arrastado para frente desse modo por quase seu limite de duas horas, quando de repente o canal sinuoso se estreitou. Gelo raspou dos dois lados, mas eles usaram os remos para empurrar, enquanto Peglar ficava na popa, seu leme inútil. Então, de repente saíram para o que era de longe o trecho de água mais largo que tinham visto. Como se confirmando que todos

os seus problemas tinham ficado para trás, a neblina levantou e eles puderam ver centenas de metros.

Haviam chegado ou a mar aberto de verdade ou a um enorme lago no gelo. A luz do sol penetrava por um buraco nas nuvens acima e deixava a água azul. Alguns poucos icebergs planos e baixos, um do tamanho de um respeitável campo de críquete, flutuavam à frente deles no mar azul. Os icebergs decompunham a luz e os homens cansados protegeram os olhos da glória dolorosa do sol brilhando em neve, gelo e água.

Os seis homens nos remos deram um alto e espontâneo grito de comemoração.

– Ainda não, homens – disse o tenente Little. Ele estava olhando pelo telescópio de latão, o pé alto na proa da baleeira. – Ainda não sabemos se isso continua... se há uma saída deste lago de gelo além do caminho pelo qual viemos. Vamos ter certeza disso antes de voltar.

– Ah, continua – gritou o marinheiro Berry de seu posto nos remos. – Sinto isso nos ossos. É mar aberto e brisa leve daqui até o rio de Back, certamente. Vamos pegar os outros, levantar velas e chegar lá amanhã antes do almoço.

– Rezo para que esteja certo, Alex – disse o tenente Little. – Mas vamos investir um pouco de tempo e suor para ter certeza. Só quero levar boas notícias para o resto dos homens.

O sr. Reid, o mestre do gelo, apontou para o canal de onde saíram.

– Há uma dúzia de entradas ali. Podemos ter dificuldade em encontrar o canal real quando voltarmos a não ser que o marquemos agora. Homens, nos levem de volta à abertura. Sr. Peglar, por que não pega aquela vara extra e a finca na neve e no gelo na margem para que não possamos deixar de ver ao voltar? Isso nos dará algo para onde remar.

– Sim – disse Peglar.

Com a avenida de volta marcada, eles remaram para mar aberto. O grande iceberg plano estava a apenas uns cem metros da saída do seu canal, e remaram perto dele a caminho de mar aberto.

– Poderíamos acampar nele e sobraria muito espaço – disse Henry Sait, um dos marinheiros do *Terror* nos remos.

– Não queremos acampar – disse o tenente Little desde a proa. – Já acampamos o suficiente para a porra da vida inteira. Queremos ir *para casa*.

Os homens gritaram e fizeram força. Peglar, atrás, iniciou uma canção e os homens cantaram juntos, o primeiro canto de verdade em meses.



Eles demoraram três horas – uma hora inteira além do momento em que deveriam ter voltado –, mas precisavam ter certeza.

O “mar aberto” era uma ilusão: um lago no gelo com pouco mais de dois quilômetros e meio de comprimento e pouco mais um quilômetro de largura. Dezenas de aparentes “canais” se abriam nas irregulares margens sul, leste e norte do lago, mas todos eram falsos, meras enseadas.

Na extremidade sudeste do lago, eles atracaram à parede de gelo, enfiando uma picareta no gelo de um metro e oitenta e amarrando uma corda, depois cavando degraus na lateral como se fosse um cais; todos os homens saltaram e olharam na direção em que esperavam que o mar aberto continuasse.

Branco sólido e plano. Gelo, neve e seracos. E as nuvens estavam baixando de novo, girando em uma neblina baixa. Começava a nevar.

Depois que o tenente Little olhou em cada direção, eles colocaram o menor homem, Berry, nos ombros do maior homem, Billy Wentzall, de 36 anos, e deixaram Berry olhar pelo telescópio. Ele deu uma volta completa nessa busca, dizendo a Wentzall quando virar.

– Nem mesmo um maldito pinguim – disse. Era uma piada velha, se referindo à viagem do capitão Crozier ao outro polo. Ninguém riu.

– Vê algum céu escuro em algum ponto? – perguntou o tenente Little. – Como aquele que se vê acima de mar aberto? Ou a ponta de um iceberg maior?

– Não, senhor. E as nuvens estão se aproximando.

Little anuiu.

– Vamos voltar, rapazes. Harry, você desce para o barco primeiro e o segura, por favor?

Ninguém falou nada durante a travessia de noventa minutos pelo lago. A luz do sol desaparecera e a neblina apagara a paisagem novamente, mas após algum tempo o iceberg de campo de críquete apareceu na névoa e mostrou que estavam indo na direção certa.

– Estamos quase de volta ao canal – disse Little desde a proa. Em certos momentos a neblina era tão densa que Peglar na popa tinha dificuldade em ver o tenente. – Senhor Peglar, um pouco a bombordo, por favor.

– Sim, senhor.

Os homens nos remos sequer ergueram os olhos. Todos pareciam perdidos na infelicidade de seus pensamentos. Neve caía sobre eles novamente, mas agora vinda de noroeste. Pelo menos os homens nos remos estavam de costas para ela.

Quando a neblina levantou um pouco, eles estavam a menos de trinta metros do canal.

– Estou vendo a vara – disse o sr. Reid sem vitalidade. – Um pouco a estibordo e estará na linha certa, Harry.

– Há algo errado – disse Peglar.

– O que quer dizer? – perguntou o tenente. Alguns dos marinheiros ergueram os olhos dos remos, franzindo o cenho para Peglar. De costas para a proa, eles não conseguiam ver à frente.

– Está vendo aquele seraco ou grande penedo de gelo perto da vara que eu deixei na embocadura do canal? – perguntou Harry.

– Sim – respondeu o tenente Little. – E daí?

– Não estava lá quando saímos – disse Peglar.

– Inverter remos! – ordenou Little desnecessariamente, já que os homens haviam parado de remar e davam ré rapidamente, mas o impulso da pesada baleeira continuava a levá-la na direção do gelo.

O penedo de gelo se virou.

GOODSIR

*Terra do Rei Guilherme, Lat. desconhecida, Long. desconhecida
18 de julho de 1848*

Do diário particular do dr. Harry D. S. Goodsir:

Terça-feira, 18 de julho de 1848

Há nove dias, quando nosso capitão enviou o tenente Little e oito Homens à frente em uma Baleeira pelo Canal no Gelo com ordens de Retornar em quatro Horas, o resto de nós Dormiu o melhor que pudemos por um Resto Lamentável dessas quatro Horas. Gastamos mais de duas Horas carregando os Trenós nos Barcos, e depois, não perdendo tempo descarregando Barracas, tentamos dormir em nossos sacos de Pele de Rena e Cobertor sobre lonas impermeáveis colocadas no Gelo ao lado dos próprios Barcos. Os dias do Sol da Meia-noite acabaram agora no começo de julho, e dormimos – ou Tentamos Dormir – nas poucas Horas de quase Escuridão. Estamos muito cansados.

Depois que as quatro Horas concedidas acabaram, o primeiro imediato Des Voeux acordou os homens, mas não havia Sinal do tenente Little. O capitão permitiu que a maioria voltasse a Dormir.

Duas horas depois, Todos estavam Acordados e tentei ajudar o melhor possível – seguindo as ordens do segundo imediato Couch, enquanto os Barcos eram preparados para o Lançamento. (Como Cirurgião, claro, sempre tenho algum Medo de machucar minhas Mãos, embora seja Verdade que até o momento nesta Viagem elas Sofreram todo tipo de Dano afora Queimadura de Gelo grave e Autoamputação.)

Então, sete Horas após o tenente Little, James Reid, Harry Peglar e os seis marinheiros terem partido em Reconhecimento, oitenta de nós no gelo preparamos nossos próprios barcos para seguir. Em função do movimento do Gelo e da temperatura em queda, o Canal estreitara um pouco nas poucas horas de escuridão e ainda menos horas de Sono, e colocar os nove Barcos em posição e lançá-los corretamente exigiu alguma Habilidade. Finalmente todos os barcos – as três baleeiras com a do capitão Crozier à frente (a do segundo imediato Couch na segunda posição comigo a bordo) e depois os quatro cúteres (comandados, respectivamente, pelo segundo imediato Robert Thomas, contramestre John Lane, ajudante de contramestre Thomas Johnson e segundo-tenente George Hodgson), seguidos pelas duas pinaças sob o comando do ajudante de contramestre Samuel Brown e o primeiro imediato Charles Des Voeux (Des Voeux era o terceiro em comando de nossa Expedição atrás do capitão Crozier e do tenente Little, e, portanto, com a Responsabilidade de ficar na retaguarda).

O clima ficara mais frio e havia Alguma Neve leve caindo, mas em geral a Neblina levantara e se tornara uma camada de Nuvens Baixas se deslocando apenas cerca de Trinta Metros acima do gelo. Embora isso nos permitisse ver muito mais longe que na neblina do Dia anterior, o efeito era opressivo, como se todos os nossos Movimentos acontecessem em algum estranho Salão de Baile montado em uma Mansão Ártica deserta com um Piso de Mármore Branco partido abaixo e um Teto Cinza Baixo com nuvens de trompe l'oeil logo acima de nós.

No momento em que o nono e Último Barco foi lançado na água e sua Tripulação embarcou, houve uma leve e Triste Tentativa de um hurra pelos homens, já que era a primeira vez que a maioria desses Marinheiros de Águas Profundas flutuava em quase dois anos, mas os Gritos morreram nas gargantas. A preocupação com o Destino da Tripulação do tenente Little era grande demais para permitir qualquer hurra Sincero.

Pela primeira hora e meia, os únicos sons eram os Roncos do Gelo Agindo ao redor de nós e eventuais Roncos de Resposta dos Homens Trabalhando nos remos. Mas, sentado perto da frente do segundo barco como eu estava, no banco de trás de onde o sr. Couch se erguia na proa, sabendo ser Supérfluo para todos os Objetivos de Locomoção, tão Peso Morto quanto o pobre comatoso, mas ainda respirando, David Leys – que os homens carregavam em uma das pinaças sem Queixas havia

mais de três Meses e que meu novo ajudante, o ex-comissário John Bridgens, alimentava e limpava de sua própria Sujeira toda Noite na barraca médica que dividíamos como se cuidasse de um Avô Querido, mas Paralisado (irônico que Bridgens tivesse sessenta e poucos anos, e o comatoso Leys apenas 40) – minha posição ali me permitia ouvir Conversas Sussurradas entre os Homens nos Remos.

Little e os Outros devem ter se Perdido, sussurrou um marinheiro chamado Coombs.

Não há como o tenente Edward Little se Perder, retrucou Charles Best. Ele pode estar Preso, mas não Perdido.

Preso no quê?, sussurrou Robert Ferrier em um remo próximo. Este canal está aberto Agora. Estava aberto Ontem.

Talvez o tenente Little e o sr. Reid tenham encontrado o caminho Aberto à frente deles até o rio de Back e simplesmente levantaram vela e seguiram, sussurrou Tom McConvey uma fileira atrás. Meu palpite é que eles já estão lá... comendo Salmão que pulou dentro do barco e Trocando contas por Banha com os Nativos.

Ninguém respondeu nada a essa improvável Sugestão. A menção aos esquimós causava Silenciosa Consternação desde o massacre do tenente Irving e de oito dos Selvagens no último 24 de abril. Acredito que a maioria dos Homens, embora desesperados por Salvação ou Resgate de qualquer Origem, Temia mais que Esperava por outro contato com o Povo Nativo local. Vingança, sugerem Alguns filósofos naturais e endossam os Marinheiros, é uma das mais Universais motivações humanas.

Duas horas e meia após deixar nosso acampamento da Noite Anterior, a baleeira do capitão Crozier saiu do Canal Estreito para um Trecho Aberto de água. Os homens no barco da frente e no meu deram gritos de alegria. Como se deixada para trás para Indicar o Caminho, uma alta vara preta de navio se Erguia, cravada em Neve e Gelo, na saída deste Canal. A neve e a garoa congelada da Noite haviam pintado de Branco o lado noroeste da vara.

Esses gritos também morreram à medida que nossa Fila Apertada de barcos saía para Mar Aberto.

A água estava Vermelha ali.

Nas paredes de gelo à Esquerda e à Direita da Abertura do Canal, faixas carmim do que só podia ser Sangue estavam traçadas no gelo liso e pelos Planos Verticais das margens de gelo. A Visão me deu um Arrepio, e pude ver outros homens reagindo Boquiabertos.

Calma agora, homens, murmurou o sr. Couch da proa de nosso Barco. São apenas sinais de focas apanhadas pelos ursos-brancos; já vimos Sangue de Foca antes nos verões.

O capitão Crozier no barco da frente dizia Coisas Similares a seus Marinheiros. Um minuto depois vimos que aqueles sinais Carmim de Carnificina não eram Resíduos de Focas mortas por ursos-brancos.

Ah, Cristo!, exclamou Coombs nos remos. Todos os homens pararam de remar. As Três baleeiras, os Quatro cúteres e Duas pinaças flutuavam em uma espécie de círculo na água agitada tingida de vermelho.

A proa da baleeira do tenente Little se erguia verticalmente do Mar. Seu Nome (um dos cinco nomes de barcos não alterados depois do sermão Leviatã do capitão Crozier em maio) – Lady J. Franklin – era claramente visível em Tinta preta. O barco havia sido Partido cerca de um metro e vinte atrás da proa, de modo que apenas a Parte da Frente – o Final irregular de bancos esmagados e Casco partido visível sob a superfície da Água Escura e Gelada – flutuava ali.

Os homens começaram a Juntar outros Restos à medida que os nove Barcos remanescentes se espalhavam e avançavam Lentamente em linha: um Remo, mais pedaços de Madeira Estraçalhada de amuradas e popa, um Leme, um gorro galês, uma bolsa que antes contivera cartuchos, uma luva, um pedaço de Colete.

Quando o marinheiro Ferrier usou um gancho do barco para pescar o que parecia ser um pedaço flutuante de japona azul, de repente deu um grito de Horror e quase largou o gancho comprido.

O corpo de um homem flutuava ali, o Cadáver sem Cabeça ainda vestindo Lã azul encharcada, os Braços e Pernas afundados na água negra. O pescoço não passava de um coto cortado. Os dedos, talvez inchados pela morte e a água fria, mas estranhamente encolhidos até cotos largos, pareciam se mover na Corrente, subindo e descendo na Ligeira Maré como Vermes Brancos se retorcendo. Era quase como se, sem Voz, o Corpo tentasse nos dizer algo por Linguagem de Sinais.

Ajudei Ferrier e McConvey a trazer os Restos a bordo. Peixes ou algum Predador Aquático estiveram mordiscando as Mãos – os dedos haviam sumido até a Segunda Junta –, mas o Frio Extremo retardara os Processos de inchaço e decomposição.

O capitão Crozier virou sua baleeira até sua proa tocar nossa lateral.

Quem é?, murmurou um marinheiro.

É Harry Peglar, gritou outro. Reconheço a japona.

Harry Peglar não Usava Colete verde, interveio outro.

Sammy Crispe usava!, exclamou um quarto marinheiro.

Silêncio!, berrou o capitão Crozier. Dr. Goodsir, faça a Bondade de revirar os bolsos de nosso infeliz Companheiro.

Eu o fiz. De um grande bolso do Colete Molhado eu tirei uma Bolsa de fumo quase vazia feita de couro vermelho.

Ah, merda!, disse Thomas Tadman, sentado ao lado de Robert Ferrier em meu Barco. É o pobre sr. Reid.

E era. Todos os homens se lembraram de que o mestre do gelo estava Vestindo apenas a Japona e o Colete Verde na noite anterior, e Todos Nós o havíamos visto encher seu Cachimbo mil vezes com aquela bolsa de couro vermelho desbotada.

Olhamos para o capitão Crozier como se ele pudesse explicar a nossos Companheiros o que Acontecera.

Coloquem o corpo do sr. Reid sob a Coberta do barco, ordenou o capitão. Vamos vasculhar a área para descobrir se há Sobreviventes. Não remem ou flutuem para fora de vista ou alcance de um grito.

Novamente os barcos se afastaram. O sr. Couch levou nosso barco de volta ao gelo perto da Abertura do Canal, e remamos lentamente ao longo da Parede de gelo que se elevava cerca de um Metro e vinte Acima da água. Paramos em cada marca de Sangue na superfície do Gelo e na Face Vertical, mas não havia mais corpos.

Ah, maldição, gemeu Francis Pockock, de 30 anos, de seu lugar no leme na popa do barco. Dá para ver os sulcos ensanguentados dos Dedos e das Unhas do homem na Neve. A Coisa deve tê-los arrastado de volta para a Água.

Vamos parar com essa conversa!, ordenou o sr. Couch. Segurando sua longa vara na mão com facilidade como um Verdadeiro Arpão de Baleeira, ele estava

com um Pé em Bota na proa da baleeira enquanto olhava feio para os remadores. Os homens ficaram em silêncio.

Havia três Pontos Ensanguentados no gelo naquela Extremidade Noroeste do Mar Aberto. O Terceiro mostrava onde Alguém havia sido Comido a cerca de três metros da Beirada do gelo. Restavam alguns ossos da perna, assim como Costelas mastigadas, um Tegumento Arrancado que podia ser Pele Humana e algumas Tiras de Roupas Rasgadas, mas nenhum crânio ou traços identificáveis.

Coloque-me no gelo, sr. Couch, eu disse, e irei Examinar os Restos.

Fiz isso. Caso acontecesse em terra em quase qualquer lugar do Mundo menos Ali, moscas estariam zumbindo ao redor da Carne Vermelha e do Músculo deixados para trás, para não falar nas tiras de Entranhas parecendo Túneis de marmotas sob a fina Camada da Neve na noite anterior, mas ali só havia o Silêncio, o Vento suave de noroeste e o Grunhido do Gelo.

Eu gritei para o Barco – os marinheiros estavam desviando os Rostos – e Confirmei que não era possível uma identificação. Nem mesmo os Poucos Restos de Roupas Rasgadas podiam dar uma pista. Não havia Cabeça, Botas, Mãos, Pernas, nem mesmo um Tronco além das Costelas muito mastigadas, um pedaço de Coluna com tendões e meia Pelve.

Fique onde está, sr. Goodsir, gritou Couch. Estou mandando Mark e Tadman com uma bolsa de balas vazia na qual colocar os restos do pobre marinheiro. O capitão Crozier irá querer dar um enterro a eles.

Era um trabalho Medonho, mas feito rapidamente. No final, orientei os dois Marinheiros que faziam Caretas a recolher apenas a caixa torácica e o pedaço de pelve na Mortalha Fúnebre de saco de balas. As Vértebras haviam congelado nas placas de gelo e os outros restos eram repugnantes demais para que nos preocupássemos com eles.

Havíamos acabado de sair do gelo e estávamos Explorando ao longo da orla Sul do Mar Aberto quando veio um grito do Norte.

Homem encontrado!, um marinheiro gritou. E novamente: Homem encontrado!

Acredito que todos podíamos sentir nossos Corações Acelerados enquanto Coombs, McConvey, Ferrier e Tadman, Mark e Johns remavam com força e Francis Pocock nos guiava para uma massa de gelo flutuante do tamanho de um

campo de críquete que derivara para o centro daquelas Centenas de Hectares de Mar Aberto em meio às placas congeladas. Todos queríamos – todos precisávamos – encontrar alguém Vivo do barco do tenente Little.

Isso não iria acontecer.

O capitão Crozier já estava no gelo e me chamou até o Corpo caído ali. Confesso que me senti levemente sobrecarregado, como se mesmo o capitão não pudesse Certificar a Morte a não ser que eu fosse forçado a Inspeccionar mais um Cadáver Inegavelmente Morto. Eu estava muito Cansado.

Era Harry Peglar caído ali quase nu – as poucas Roupas remanescentes sendo apenas as Íntimas –, Encolhido no Gelo, Joelhos Erguidos quase até o Queixo, Pernas cruzadas no Tornozelo como se sua última energia tivesse sido gasta tentando se manter quente Apertando o corpo cada vez mais, as mãos enfiadas sob os Braços como se ele se Abraçasse no que deve ter sido um Final com Tremores Violentos.

Seus olhos azuis estavam abertos e congelados. Sua pele também estava Azul e Dura ao Toque como Mármore de Carrara.

Ele deve ter nadado até o Gelo, conseguido Escalar e congelado até a morte aqui, sugeriu suavemente o sr. Des Voeux. A Coisa do Gelo não pegou ou desfigurou Harry.

O capitão Crozier apenas anuiu. Eu sabia que o capitão gostava e dependia muito de Harry Peglar. Eu também gostava do capitão da gávea. A maioria dos homens gostava.

Então vi para o que Crozier estava olhando. Ao redor da placa de gelo, na neve recente – especialmente ao redor do cadáver de Harry Peglar – havia pegadas enormes, como as de um Urso-Branco com garras claramente indicadas, apenas facilmente Três ou Quatro vezes Maiores que qualquer marca de pata de urso-branco.

A coisa havia Circulado Harry muitas vezes. Vendo enquanto o pobre sr. Peglar Tremia e Morria? Divertindo-se? Será que a última Imagem trêmula de Harry Peglar nesta Terra foi o daquela Monstruosidade Branca se erguendo acima dele, seus Olhos negros que não piscavam observando? Por que a coisa não comera nosso Amigo?

A Fera ficou sobre duas pernas o tempo todo que permaneceu no gelo, *foi tudo o que o capitão Crozier disse.*

Outros homens dos Barcos avançaram com um pedaço de Lona.

Não havia saída do Lago no Gelo a não ser pelo Canal pelo qual viéramos e que Fechava Rapidamente.

Duas circunavegações da Massa de Água – cinco Barcos remando em sentido horário, quatro barcos no sentido anti-horário – só ofereceram a Descoberta de enseadas, Fraturas no Gelo e mais duas Manchas de Sangue onde aparentemente um dos tripulantes da baleeira de reconhecimento subira ao gelo e correrá, mas fora Cruelmente Interceptado e puxado de volta. Havia, graças a Deus, fragmentos de Lã azul, mas nenhum resto a ser encontrado.

Era começo da tarde então, e eu estava certo de que todos tínhamos apenas um Desejo – estar Longe daquele Lugar amaldiçoado. Mas tínhamos três corpos de nossos Companheiros – ou Partes Deles – e sentíamos a Necessidade de dar a eles Repouso de um modo Honrado. (Muitos de nós supunham, Acredito, e no final corretamente, que aquelas seriam as últimas Cerimônias Fúnebres Formais dos Restos reduzidos de nossa Expedição que teríamos o luxo de realizar.)

Não foram encontrados Detritos úteis flutuando no lago do gelo a não ser um Pedaço de Lona Encharcada de uma das Barracas Holland que estivera a bordo da baleeira condenada do tenente Little. Ela foi usada para enterrar o corpo de nosso amigo Harry Peglar. Os restos do Esqueleto parcial que eu investigara perto da abertura do canal foram deixados na Sacola de lona de balas. O tronco do sr. Reid foi costurado em um saco de dormir de cobertor sobressalente.

É Costume em Enterros no Mar colocar uma ou mais Balas de Canhão aos Pés do homem sendo Entregue às Profundezas, garantindo que o corpo afunde com Dignidade em vez de flutuar Constrangedoramente, mas claro que não tínhamos Balas de Canhão naquele dia. Os marinheiros pegaram uma vara de ferro da Proa flutuante do Lady J. Franklin e algum metal da última das latas de comida Goldner para Afundar as várias mortalhas.

Demorou algum tempo para erguer os Nove Barcos Remanescentes da água negra e recolocar os cúteres e pinaças nos Trenós. A Montagem desses Trenós e o içamento dos Barcos para eles, com a concomitante colocação e retirada de

suprimentos, drenaram o resto da energia dos tripulantes esqueléticos. Depois os Marinheiros se reuniram perto da margem do Gelo, em um amplo Crescente para não colocar Peso demais em nenhum ponto da Placa de Gelo.

Ninguém estava com disposição para uma cerimônia longa, e certamente não para a Ironia Antes Apreciada do famoso Livro do Leviatã do capitão Crozier, então foi com alguma Surpresa e uma boa dose de Emoção que escutamos o capitão recitar de Cor o Salmo 90:

SENHOR, foste para nós um refúgio de geração em geração.

Antes que os montes tivessem nascido e fossem gerados a terra e o mundo, desde sempre e para sempre tu és Deus.

Fazer o mortal voltar ao pó, dizendo: “Voltai, filhos de Adão!”

Pois mil anos são aos teus olhos como o dia de ontem que passou uma vigília dentro da noite!

Tu os inundas com sono, eles são como erva que brota de manhã: de manhã ela germina e brota, de tarde ela murcha e seca.

Sim, somos consumidos por tua ira, ficamos transtornados com teu furor.

Colocaste nossas faltas à tua frente, nossos segredos sob a luz da tua face.

Nossos dias todos passam sob tua cólera. Como um suspiro consumimos nossos anos.

Quem conhece a força de tua ira, e temendo-te conhece teu furor?

Ensina-nos a contar nossos dias, para que tenhamos coração sábio!

Volta, Iahweh! Até quando? Tem piedade dos teus servos!

Sacia-nos com teu amor pela manhã, e, alegres, exultaremos nossos dias todos.

Alegra-nos pelos dias em que nos castigaste e pelos anos em que vimos a desgraça.

Que tua obra se manifeste aos teus servos, e teu esplendor esteja sobre teus filhos!

Que a bondade do Senhor esteja sobre nós!

Confirma a obra de nossas mãos!

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Como foi no começo é agora e sempre será: mundo sem fim. Amém.

E todos nós sobreviventes trêmulos dissemos: Amém.

Então se fez Silêncio. A neve soprava suavemente sobre Nós. A água negra batia com um Som Faminto. O gelo Grunhia e Mudava levemente sob nossos pés.

Todos nós, acredito, estávamos Pensando que aquelas palavras eram um Elogio Fúnebre e uma Despedida para cada um de nós. Até aquele Dia e a perda do barco do tenente Little com todos os homens – incluindo o insubstituível sr. Reid e o universalmente apreciado sr. Peglar – suspeito de que muitos de nós ainda achávamos que poderíamos Viver. Agora sabíamos que as chances disso haviam Desaparecido.

O Mar Aberto muito aguardado e Universalmente Saudado era uma Armadilha Cruel.

O Gelo não iria desistir de nós.

E a criatura do gelo não iria permitir que partíssemos.

O contramestre Johnson ordenou: Companhia do Navio – TIRAR chapéus! Arrancamos nossas variadas e imundas proteções de cabeça.

Eu sei que meu Defensor está vivo, *disse o capitão Crozier naquela rouquidão que agora era sua voz.* E que no fim se levantará sobre o pó: quando tiverem arrancado esta minha pele, fora de minha carne verei a Deus. Aquele que eu vir será para mim, aquele que meus olhos contemplarem não será um estranho.

Senhor, aceite seus Humildes Servos aqui mestre do gelo James Reid, capitão da gávea do traquete Harry Peglar e seu Tripulante Desconhecido em seu reino, e com os dois que podemos Nomear, por favor aceite as almas do tenente Edward Little, marinheiro Alexander Berry, marinheiro Henry Sait, marinheiro William Wentzall, marinheiro Samuel Crispe, marinheiro John Bates e marinheiro David Sims.

Quando chegar o dia de nos juntarmos a Eles, Senhor, por favor permita que nos juntemos a eles em Teu Reino.

Ouçã nossa prece, Senhor, por nossos Companheiros, por Nós Mesmos e pelas Nossas Almas. E com teus ouvidos aceite nosso apelo: não lance tua paz em nossas lágrimas. Poupa-nos um pouco, para que possamos recuperar nossa força; antes que também partamos e deixemos de ser.

Amém.

Amém, sussurramos todos.

Os contramestres ergueram as mortalhas fúnebres e as jogaram na água negra, onde Afundaram em Segundos. Bolhas brancas subiram como os Últimos Esforços de Falar de nossos Companheiros que partiram, depois a superfície do lago ficou negra e imóvel novamente.

O sargento Tozer e dois fuzileiros dispararam uma única salva de seus mosquetes.

Vi o capitão Crozier olhar para o lago negro com uma expressão tomada por Emoções reprimidas. Partiremos agora, ele nos disse com Firmeza, a todos nós daquele grupo curvado, triste e Mentalmente Derrotado. Podemos arrastar esses trenós e barcos um quilômetro e meio antes que seja hora de dormir. Seguiremos Sudeste para a embocadura do rio de Back. A viagem será mais Fácil aqui no gelo.

Na verdade, a viagem foi muito mais Difícil no gelo. No Final, era impossível, não por causa das habituais Cristas de Pressão e a antecipada Dificuldade de transportar os barcos, embora isso fosse Cada Vez mais Problemático por causa de nossa Fome, Doença e Fraqueza, mas por causa do Gelo Partindo e da Coisa na Água.

Avançando em revezamento, como de Hábito, mas com Nove Homens a Menos na Relação de nossa Expedição naquela Longa Noite Ártica de 10 de julho, cobrimos muito menos de um quilômetro e meio antes de parar para armar barracas no Gelo e finalmente Dormir.

Aquele sono foi Interrompido menos de Duas Horas depois quando o Gelo de repente começou a rachar e se mover. Toda a massa sacudiu para cima e para baixo. Foi uma Experiência muito Perturbadora, e todos saímos apressados de nossas Respectivas Barracas e caminhamos em meio a alguma Confusão. Marinheiros começaram a derrubar as barracas e se aprontar para carregar os barcos até que o capitão Crozier, o sr. Couch e o primeiro imediato Des Voeux gritassem e nos fizessem parar. Os oficiais destacaram que não havia sinais de rachaduras no gelo perto de nós, apenas o Movimento.

Após uns quinze minutos disso, o gelo Aquietou até a Superfície do Mar Congelado sob nós novamente parecer firme como Pedra. Engatinhamos de volta às barracas.

Uma hora depois recomeçaram os Balanços e Estalos. Muitos de nós repetiram a corrida anterior para o Vento Forte e o escuro, mas os Marinheiros mais Corajosos permaneceram em seus sacos de dormir. Aqueles de nós que haviam Fugido voltaram para as pequenas barracas Fedorentas e Lotadas – cheias como estavam de Roncos, Exalações Adormecidas, Corpos se Sobrepondo em Sacos Molhados e o fedor de homens que não trocavam de roupa havia vários meses – com expressões envergonhadas. Felizmente estava Escuro demais para alguém notar.

Durante todo o dia seguinte lutamos para arrastar os Barcos rumo sudeste sobre uma Superfície não mais sólida do que uma manta esticada de Borracha da Índia – mas nossa sensação de cruzar uma Planície de Gelo havia desaparecido, substituída pela Realidade de passar de Placa para Placa em um oceano branco Ondulante.

Deveria registrar aqui que naquela Segunda Noite após deixarmos o Lago Interior de Gelo eu estava cumprindo minha Obrigação de examinar os pertences pessoais dos Homens Mortos, a maioria dos quais fora Deixada Para Trás em nosso Estoque Geral quando o grupo de reconhecimento do tenente Little partiu na baleeira, e chegara ao pequeno pacote do capitão da gávea do traquete Peglar contendo alguns farrapos de Roupas, algumas Cartas, objetos pessoais como um Pente de Chifre e vários Livros, quando meu assistente, John Bridgens, disse: Eu poderia ficar com algumas dessas coisas, dr. Goodsir?

Eu fiquei surpreso. Bridgens estava indicando o Pente e um grosso Caderno de Couro.

Eu já havia olhado o caderno. Peglar escrevera em uma espécie de Código grosseiro – grafando as palavras ao Contrário, colocando em Maiúscula a última letra da última palavra de cada Sentença como se fosse a primeira –, mas embora o Resumo do último Ano de nossa Expedição pudesse ter algum Interesse para um Parente, Tanto a caligrafia do capitão da gávea quanto sua estrutura de Frases, para não falar em sua ortografia, haviam ficado mais Difíceis e Grosseiras nos Meses imediatamente antes e depois de termos Abandonado os Navios, até que desintegrassem. Um registro dizia: Ó Morte, ond está teu ferrão, o túmulo na Enseada do Consolo para quem tem qualquer dúvida gora... [aqui uma linha ilegível onde o caderno fora Danificado pela água]... O tingidor falso...

Notei que no verso daquela folha Peglar desenhara um círculo trêmulo e nele escrevera acampamento terror vazio. A data era ilegível, mas devia ser por volta de 25 de abril. Outra página próxima incluía fragmentos como: Temos algum solo muito duro para erguer... Vamos querer um pouco de grogue para molhar noussa... cação... Todo meu é Rom pois eu acho... Tempo... Eu perto devo estar e... A 21ª noite é grande.

Eu Supusera ao Ver isso que Peglar incluía essa Anotação na Noite de 21 de abril quando o capitão Crozier dissera às Tripulações Reunidas de Terror e Erebus que o último deles estaria Abandonando o Navio na manhã seguinte.

Aqueles eram, em outras Palavras, os rabiscos de um Homem semialfabetizado e não uma Reflexão Orgulhosa sobre o conhecimento ou a Habilidade de Harry Peglar.

Por que deseja isto?, *perguntei a Bridgens.* Peglar era seu amigo?

Sim, doutor.

Você precisa de um Pente? *O velho comissário era quase careca.*

Não, doutor, apenas uma lembrança do homem. Isso e seu Diário servirão.

Muito estranho, pensei, já que àquela altura todos estavam reduzindo suas cargas, não adicionando Livros Pesados ao que tinham de Arrastar.

Mas dei a Bridgens o Pente e o Diário. Ninguém precisava da Camisa, das Meias ou das Calças de Lã Extras remanescentes de Peglar, ou da Bíblia, então as deixei na Pilha de objetos descartados na manhã seguinte. No total, as Posses Finais Abandonadas de Peglar, Little, Reid, Berry, Crispe, Bates, Sims, Wentzall e Sait compuseram um triste pequeno Moledro da Mortalidade.

Na manhã seguinte, 12 de julho, começamos a Encontrar mais Manchas de Sangue no Gelo. Inicialmente, os Homens ficaram Aterrorizados que fossem Mais sinais de nossos Colegas, mas o capitão Crozier nos levou às Grandes Áreas Sujas e mostrou que no Centro da Grande Explosão Carmim estava a Carcaça de um Urso-Branco. Todas aquelas áreas com Sangue eram Ursos-Polares Brancos Assassinaados, frequentemente restando pouco mais que uma Cabeça esmagada, Pelo Branco Ensanguentado, Ossos Quebrados e Patas deixadas para trás.

Inicialmente os homens foram Tranquilizados. Depois, claro, veio a Pergunta Óbvia: O que estava matando aqueles Enormes Predadores poucas Horas antes de nossa Chegada?

A resposta era Óbvia.

Mas por que ele estava massacrando os ursos-brancos? A resposta também era Óbvia: para nos privar de qualquer possível Fonte de Comida.

Em 16 de julho, os homens pareciam Incapazes de avançar mais. Em um Dia de 18 horas de Arrasto Incessante, cobríamos menos de um quilômetro e meio no Gelo. Muitas vezes podíamos ver a Pilha de Roupas e Equipamentos Descartados da noite anterior quando acampávamos na noite seguinte. Havíamos encontrado mais ursos-brancos Assassinados. O moral estava tão baixo que se fizessemos uma Votação naquela Semana, a Maioria poderia ter votado por Desistir, Deitar e Morrer.

Naquela noite de 16 de julho, enquanto Outros Dormiam e apenas Um Homem montava sentinela, o capitão Crozier me pediu que fosse à sua barraca. Ele passara a dormir na mesma Barraca com Charles Des Voeux, o intendente Charles Hamilton Osmer (que apresentava sinais de pneumonia), William Bell (intendente do Erebus) e Phillip Reddington, antigo capitão do castelo de proa de sir John e do capitão Fitzjames.

O capitão anuiu, e todos, com exceção do primeiro imediato Des Voeux e do sr. Osmer, deixaram a barraca para nos dar Privacidade.

Dr. Goodsir, começou o capitão, preciso de seu conselho. Eu Anuí e Escutei.

Temos Roupa e Abrigo adequados, disse o capitão Crozier. As botas extras que Fiz os Homens Arrastarem nas Pinaças de Suprimentos salvaram Muitos Pés de Amputação.

Concordo, senhor, eu disse, embora soubesse que não era o assunto sobre o qual ele queria meus conselhos.

Amanhã de manhã vou dizer aos Homens que Deixaremos uma das Baleeiras, dois Cúteres e uma Pinaça para trás e Continuaremos apenas com os Cinco Barcos Remanescentes, disse o capitão Crozier. Essas duas baleeiras, dois cúteres e a última pinaça estão em Melhores Condições e deverão bastar para Mar Aberto caso Encontremos Algum antes da Embocadura do rio de Back, já que nossos Estoques estão tão Reduzidos.

Os Homens ficarão Sinceramente Contentes de ouvir isto capitão, eu disse. Eu certamente estava. Como eu agora ajudava a arrastar os barcos, Saber que os

dias do Maldito Revezamento estavam acabados Literalmente retirara um pouco da Dor de meus ombros e costas.

O que preciso Saber, dr. Goodsir, *continuou o capitão, sua voz uma Rouquidão Exausta, seu rosto Solene,* é se posso cortar as Rações dos Homens. Ou melhor, quando Formos cortar, os Homens ainda serão Capazes de arrastar os Trenós? Preciso de sua opinião profissional.

Eu olhei para o chão da barraca. Uma das panelas de refogado do sr. Diggle – ou talvez o Aparelho Portátil de Aquecimento de Chá do sr. Wall de quando ainda tínhamos garrafas de éter para os fogões a álcool – queimara um buraco redondo ali.

Capitão, sr. Des Voeux, *disse finalmente, sabendo que estaria dizendo o óbvio para eles,* os homens não têm agora Nutrição suficiente para atender às Exigências de seu Trabalho Diário. Tomei fôlego.

Tudo que eles comem é Frio. A última Comida Enlatada foi consumida muitas Semanas atrás. Os Fogões a Álcool e as Lamparinas a álcool foram deixados no Gelo com a Última Garrafa Vazia de Álcool Pirolenhoso. Esta noite a Refeição de cada homem será um Biscoito de Marinheiro, uma fatia de Porco Salgado Frio, trinta gramas de chocolate, um palmo de chá, menos de uma colher de açúcar e sua Colher de Sopa Diária de Rum.

E seu Punhado de Fumo que guardamos para eles, *acrescentou o sr. Osmer.*

Eu anuí. Sim, e seu punhado de fumo. E eles adoram seu fumo. Foi uma jogada brilhante manter um pouco escondido nos Suprimentos. Mas não, capitão, não posso dizer que os Homens podem continuar com menos do que o Atual Volume Inadequado de Comida.

Eles precisam, *disse o capitão Crozier.* Ficaremos sem porco salgado em seis dias. Sem o Rum em dez.

O sr. Des Voeux pigarreou. Tudo depende de Encontrarmos e Matarmos mais focas no gelo.

Até então, eu sabia – todos na Barraca sabiam, todos na Expedição sabiam – havíamos matado e Desfrutado de exatamente duas Focas desde que deixáramos a Enseada do Consolo dois Meses antes.

Estou pensando, *disse o capitão Crozier,* que seguir novamente rumo norte para o Litoral da Terra do Rei Guilherme – talvez Três Dias de arrasto, talvez

Quatro – seja o Melhor. É possível comer Musgo e Líquen. Ouvi que as Variedades certas produzem uma sopa Quase Palatável. Se alguém conseguir encontrar as Variedades certas de Musgo e Líquen.

Sir John Franklin, *pensei em meu cansaço*. O Homem que Comeu seus Sapatos. *Meu Irmão mais velho me contara Essa História nos Meses antes de nossa Partida. Sir John teria sabido, por Experiência Patética, exatamente qual Musgo e Líquen escolher.*

Os Homens ficarão contentes em sair do Gelo, capitão, *foi só o que pude dizer*. E ficarão Extasiados de Ouvir que estaremos Arrastando Menos barcos.

Obrigado, doutor, *disse o capitão Crozier*. Isto é tudo.

Eu balancei a cabeça em uma Espécie de Saudação patética, saí, fiz a ronda das piores vítimas de Escorbuto em suas Barracas – não Tínhamos Mais uma Barraca de Enfermaria, claro, e Bridgens e eu íamos de barraca em barraca à noite para aconselhar e dar Remédios aos nossos Pacientes – depois cambaleei de volta à minha Barraca (partilhada com Bridgens, o inconsciente Davy Leys, o moribundo engenheiro Thompson e o gravemente adoentado carpinteiro, o sr. Honey), e Adormeci Instantaneamente.

Essa foi a noite em que o Gelo se abriu e engoliu a Barraca Holland em que Dormiam nossos Cinco fuzileiros – sargento Tozer, cabo Hedges, soldado Wilkes, soldado Hammond e soldado Daly.

Apenas Wilkes saiu da Barraca antes que ela Afundasse no Mar Escuro como Vinho, e foi puxado da Fenda no Gelo segundos antes que ela se Fechasse com um Estrondo Ensurdecedor.

Mas Wilkes estava Gelado demais, Doente demais e Aterrorizado demais para se Recuperar, mesmo quando Bridgens e eu o enrolamos nas Últimas Roupas Secas de nossa Reserva e o colocamos Entre nós no Saco de Dormir. Ele morreu pouco antes do Nascer do Sol.

Seu Corpo foi deixado para trás no Gelo na manhã seguinte com mais Roupas e os Quatro Barcos Descartados e seus Trenós.

Não houve Cerimônia Fúnebre para ele ou para os outros fuzileiros.

Não houve Hurras quando o capitão anunciou que os quatro Trenós e Barcos não seriam mais arrastados.

Nós viramos rumo Norte na direção da Terra além do Horizonte. Nenhuma retirada de Moscou teve tal sensação de Derrota.

Três horas depois, o Gelo Rachou Novamente e nos deparamos com Canais e Lagos ao Norte que eram pequenos demais para justificar lançar os barcos, mas grandes demais para que pudéssemos arrastar os barcos e trenós por eles.

CROZIER

*Terra do Rei Guilherme, Lat. desconhecida, Long. desconhecida
26 de julho de 1848*

Quando Crozier dormia – mesmo que por alguns minutos – os sonhos voltavam. Os dois esqueletos no barco aberto. As intoleráveis garotas americanas estalando nós dos dedos para simular um espírito batendo em uma mesa numa sala escura. O médico americano posando de explorador polar, um homem baixo e gordo de parca esquimó e usando maquiagem pesada em um palco demasiadamente iluminado a gás. Depois novamente os dois esqueletos em um barco aberto. A noite sempre terminando com o sonho que mais perturbava Crozier.

Ele é um menino e está com sua Memo Moira em uma enorme catedral católica. Francis está nu. Memo o empurra na direção da cerca do altar, mas ele teme avançar. A catedral é fria; o piso de mármore sob os pés nus do jovem Francis é frio; há gelo nos bancos de madeira brancos.

Ajoelhado na divisória do altar, o jovem Francis Crozier pode sentir Memo Moira observando aprovadamente de algum ponto atrás, mas está assustado demais para virar a cabeça. Algo está vindo.

O padre parece subir de algum alçapão instalado no piso de mármore no lado oposto da divisória do altar. O homem é grande demais – demasiadamente grande – e suas vestimentas são brancas e pingam água. Cheirando a sangue, suor e algo mais fedorento, ele se eleva acima do pequeno Francis Crozier.

Francis fecha os olhos e, como Memo lhe ensinou enquanto ajoelhava no tapete fino de sua sala de estar, estica a língua para receber a eucaristia. Por mais importante que seja esse sacramento, por mais necessário que ele saiba que deve ser, Francis está aterrorizado de receber a hóstia. Sabe que sua vida nunca mais será a mesma após receber a eucaristia papista. E também sabe que sua vida irá terminar se não a receber.

O padre chega mais perto e se inclina na sua direção.

Crozier despertou na barriga da baleeira. Como sempre quando desperta de um desses sonhos, mesmo tendo tido apenas alguns minutos de sono, seu coração está acelerado e a boca seca de medo. E ele treme muito, embora mais de frio que de medo ou lembrança do medo.

O gelo se partira no ponto do estreito ou golfo onde eles estavam nos dias 17 e 18 de julho, e durante quatro dias depois disso Crozier mantivera os homens juntos na grande placa de gelo onde haviam parado – cúteres e pinaças retirados dos trenós, todos os cinco barcos totalmente carregados, exceto por barracas e sacos de dormir, e preparados para mar aberto.

A cada noite o balanço de sua grande placa e os estalos e fraturas do gelo os mandavam correndo para fora das barracas, semiacordados, certos de que o mar estava se abrindo abaixo deles e pronto para engoli-los como fizera com o sargento Tozer e seus homens. A cada noite as explosões do gelo quebrando finalmente acabavam, o balanço violento assumia o padrão mais regular das marés, e eles engatinhavam de volta para as barracas.

Estava mais quente, alguns dias se elevando quase até zero grau – aquelas poucas semanas do final de julho quase certamente seriam o único indício de verão que aquele segundo ano Ártico congelado veria –, mas os homens estavam mais frios e infelizes que nunca. Alguns dias chegava a chover. Quando estava frio demais para chover, cristais de gelo no ar nublado encharcavam suas roupas de lã, já que estava quente demais para usar trajes de inverno impermeáveis sobre juponas e sobretudos. O suor do arrasto encharcava suas roupas de baixo imundas, camisas e meias imundas e as calças esfarrapadas e cobertas de gelo. A despeito de seus estoques quase esgotados, os cinco barcos remanescentes estavam mais pesados que os dez barcos que haviam arrastado antes um dia estiveram, pois além do ainda comatoso Davey

Leys, que comia, respirava e olhava, mais homens doentes tinham de ser arrastados todos os dias. O dr. Goodsir relatava a Crozier todos os dias que mais pés – sempre encharcados e em meias molhadas, a despeito de todas as botas extras que Crozier pensara em trazer – apodreciam, mais dedos e calcanhares enegreciam e mais pés ficavam gangrenados e precisavam de amputação.

As barracas Holland estavam encharcadas e não secavam nunca. Os sacos de dormir que eles abriam tarde da noite e nos quais se enfiavam quando a escuridão se instalava estavam encharcados e congelados dentro e fora e nunca secavam. Quando os homens acordavam de manhã depois de alguns poucos minutos roubados de um sono irregular – nenhum grau de tremor conseguia esquentar alguém – o interior das barracas circulares e piramidais estava tomado por 23 quilos de condensação congelada que caía e pingava nas cabeças, nos ombros e rostos enquanto eles tentavam beber a pequena porção de chá morno levado às barracas toda manhã pelo capitão Crozier, o sr. Des Voeux e o sr. Couch – uma estranha transformação de comandantes em comissários matinais que Crozier instigara em sua primeira semana no gelo e que agora os homens esperavam.

O sr. Wall, cozinheiro do *Erebus*, estava doente com algo parecido com consumpção, e ficava deitado encolhido no fundo de um dos cúteres a maior parte do tempo, mas o sr. Diggle continuava a ser a mesma figura animada, obscena, eficiente, barulhenta e de algum modo tranquilizadora que fora por três anos em seu posto perto do enorme fogão Frazer a bordo do HMS *Terror*. Agora, com o álcool combustível esgotado e os fogões a álcool e os pesados fogões a carvão das baleeiras abandonados, o trabalho do sr. Diggle era duas vezes por dia dividir a pequena quantidade de porco salgado frio e outros víveres remanescentes, sempre sob a supervisão atenta do sr. Osmer e de outro oficial. Mas, sempre otimista, Diggle montara um fogão grosseiro a óleo de foca e uma panela que estava prestes a ligar se e quando eles abatessem mais focas.

Todos os dias Crozier enviava grupos de caça para achar essas focas para a panela do sr. Diggle, mas quase não havia nenhuma à vista e essas poucas avistadas mergulhavam de volta nos canais ou pequenos buracos antes que os

caçadores conseguissem atirar. Várias vezes, relataram os homens dos grupos de caça, as escorregadias focas aneladas pretas haviam sido atingidas por chumbo ou mesmo uma bala de mosquete ou rifle, mas conseguiram escorregar para a água negra e mergulhar para fora de alcance antes de morrer, deixando apenas uma trilha de sangue no gelo. Algumas vezes os caçadores ajoelhavam no gelo para lamber o sangue.

Crozier estivera em águas árticas de verão muitas vezes antes, e sabia que em meados de julho a água e os canais se abrindo deviam estar cheios de vida: morsas enormes pegando sol nas placas de gelo e se jogando ruidosamente à beira da água, seus latidos mais como uma série de arrotos que latidos; uma proliferação de focas saltando para dentro e para fora da água como crianças brincando e deslizando comicamente de barriga pelo gelo; baleias beluga e narvais saltando, rolando e submergindo nos canais abertos, enchendo o ar com seus hálitos de peixe; fêmeas de ursos-brancos nadando nas águas negras com seus filhotes desajeitados e espreitando focas nas placas de gelo, sacudindo a água de seu pelo estranho ao sair do oceano para o gelo, evitando os machos maiores e mais perigosos que comeriam os filhotes e mesmo a fêmea se estivessem de barriga vazia; finalmente, pássaros marinhos voando acima em tal profusão a ponto de quase obscurecer o céu azul do verão do Ártico, pássaros na praia, em placas de gelo e tomando o topo irregular dos icebergs como notas musicais em uma partitura, enquanto mais andorinhas-do-mar, gaivotas e falcões-gerifalte deslizavam pela água em toda parte.

Naquele verão, pelo segundo ano seguido, quase nada vivo se movia pelo gelo – apenas os reduzidos e em redução homens de Crozier engasgando em seus arreios e seu perseguidor incansável, sempre breve e parcialmente vislumbrado, sempre fora do alcance de rifle ou escopeta. Algumas vezes à noite os homens ouviam os regougos de raposas do Ártico, e frequentemente achavam seus pequenos rastros na neve, mas nenhuma nunca parecia se revelar aos caçadores. Quando os homens viam ou ouviam baleias, estavam sempre a muitas placas e muitos pequenos canais de distância, longe demais para serem alcançadas mesmo em uma corrida frenética e descuidada – homens se lançando de uma placa de gelo instável para outra antes que os mamíferos saltassem relaxadamente, afundassem e desaparecessem novamente.

Crozier não tinha ideia de se conseguiriam matar um narval ou uma beluga com as poucas armas pequenas que levavam, mas achava que sim – algumas balas de rifle no cérebro matariam qualquer coisa menos a Fera que os espreitava (que os marinheiros havia muito decidiram não ser nenhum animal, mas um Deus irado saído do *Livro do Leviatã* do capitão) – e se de algum modo tivessem a força de arrastar uma baleia para o gelo e derretê-la, o óleo poderia alimentar o fogão do sr. Diggle por semanas e meses, e eles poderiam comer banha e carne fresca até explodir.

O que Crozier mais queria fazer era matar a própria coisa. Ao contrário da maioria dos seus homens, ele acreditava que era mortal – um animal, nada além. Talvez mais inteligente que mesmo o urso-branco assustadoramente inteligente, mas ainda assim um animal.

Se ele conseguisse matar a coisa, Crozier sabia, o simples fato de sua morte – o prazer da vingança por tantas mortes, mesmo que o resto da expedição ainda fosse morrer depois de fome e escorbuto – elevaria temporariamente o moral dos sobreviventes mais do que descobrir vinte galões de rum intocados.

O animal não os incomodara – nem matara nenhum deles – desde o lago preso no gelo onde o tenente Little e seus homens haviam morrido. Cada um dos grupos de caça que o capitão enviava tinha ordem de retornar imediatamente caso encontrasse os rastros da coisa no gelo; Crozier pretendia usar todo homem capaz de andar e toda arma capaz de disparar para apanhar o animal. Se fosse preciso ele usaria homens batendo panelas e gritando para atrair a coisa, como se fosse um tigre no mato alto da Índia sendo acuado por batedores.

Mas Crozier sabia que isso não funcionaria melhor que o abrigo de urso do falecido sir John. Do que eles realmente precisavam para trazer a coisa mais perto era uma isca. Crozier não tinha nenhuma dúvida de que ela continuava a acompanhá-los, se aproximando durante as horas crescentes de escuridão, se escondendo em algum lugar, talvez sob o gelo, durante o dia, e que poderia chegar ainda mais perto caso tivessem uma isca. Mas eles não tinham carne fresca, e se tivessem mesmo meio quilo de caça fresca os homens o devorariam, não usariam como isca para pegar a coisa.

Ainda assim, pensava Crozier, lembrando o tamanho e a massa impossíveis da coisa monstruosa do gelo, havia mais de uma tonelada de carne e músculo ali, talvez várias toneladas, já que os maiores ursos-brancos machos pesavam até setecentos quilos, e a coisa no gelo fazia seus primos ursos-brancos parecer cães de caça ao lado de um homem grande, comparativamente. Então eles comeriam bem por muitas semanas se conseguissem assassinar seu assassino. E a cada pedaço, Crozier sabia, mesmo comendo a carne da coisa como haviam comido porco salgado em marcha, haveria o prazer da vingança, mesmo se tivesse de ser um prato comido frio.

Se isso funcionasse, Francis Crozier sabia que colocaria a si mesmo no gelo como isca. *Se funcionasse*. Se isso salvasse e alimentasse mesmo alguns de seus homens, Crozier se ofereceria à fera como isca e esperaria que seus homens, que haviam se provado péssimos atiradores mesmo antes do último dos fuzileiros do *Terror* ter morrido na água fria, fossem capazes de atirar no monstro o suficiente, mesmo que não com precisão suficiente, para derrubá-lo, tendo a isca Crozier sobrevivido ou não.

Com a lembrança dos fuzileiros veio, sem ser convidada, a lembrança do corpo do soldado Henry Wilkes deixado para trás em um dos barcos abandonados uma semana antes. Não tinha havido reunião dos homens para o não enterro de Wilkes, apenas Crozier, Des Voeux e alguns dos amigos mais íntimos do fuzileiro dizendo algumas palavras junto ao corpo antes do amanhecer.

Poderíamos ter usado o corpo de Wilkes como isca, pensou Crozier, deitado no fundo da baleeira que balançava enquanto os outros homens dormiam em pilhas ao redor.

Então ele se deu conta – e não pela primeira vez – de que tinham isca mais fresca com eles. David Leys não fora nada além de um fardo por oito meses, desde a noite de dezembro do ano anterior quando a coisa perseguira o falecido mestre do gelo Blanky. Leys começara a olhar para o nada naquela noite, sem reagir, inútil, arrastado no barco como sessenta quilos de roupa suja havia quase quatro meses, ainda assim conseguindo engolir seu caldo de porco salgado e sua ração de rum toda tarde e engolir sua colher de chá com açúcar toda manhã.

Crédito aos homens por nenhum deles – nem mesmo os conspiratórios Hickey ou Aylmore – ter sugerido deixar para trás Leys ou qualquer dos outros doentes que não podiam andar. Mas todos deviam ter pensado o mesmo...

Comê-los.

Comer primeiro Leys, depois os outros quando morrerem.

Francis Crozier tinha tanta fome que podia se imaginar comendo carne humana. Ele não mataria um homem para devorá-lo – ainda não –, mas uma vez morto, por que toda aquela carne devia ser deixada para apodrecer sob o sol do verão do Ártico? Ou ainda pior, deixada para ser comida por aquela coisa que ia atrás deles?

Quando jovem tenente de vinte e poucos anos, Crozier ouvira – assim como todos os homens no mar ouviam mais cedo ou mais tarde, normalmente como grumetes entre os marinheiros – a verdadeira história do capitão Pollard no brigue U.S. *Essex* em 1820.

O *Essex* havia sido perfurado e afundado, disseram depois os poucos sobreviventes, por um cachalote de 25 metros. O brigue afundou em uma das regiões mais vazias do Pacífico, e toda a tripulação de vinte homens estava em seus barcos caçando baleias naquele momento e retornara para descobrir seu navio afundando rapidamente. Recuperando algumas ferramentas, alguns instrumentos de navegação e uma pistola do navio, os sobreviventes partiram em três baleeiras. Suas únicas provisões eram duas tartarugas vivas que haviam capturado em Galápagos, dois barris de biscoitos de marinheiro e seis barris de água potável.

Eles então apontaram as baleeiras para a América do Sul.

Primeiramente, claro, mataram e comeram as grandes tartarugas, bebendo o sangue quando a carne acabou. Depois conseguiram capturar alguns infelizes peixes-voadores que caíram no barco acidentalmente; embora os homens tivessem conseguido cozinhar a carne de tartaruga, mal, o peixe eles comeram cru. Depois mergulharam no mar, raspam os mariscos dos cascos de seus três barcos abertos e os comeram.

Milagrosamente, os barcos encontraram a ilha Henderson – um daqueles poucos pontinhos no azul infinito que é o oceano Pacífico. Durante quatro dias os vinte homens capturaram caranguejos, gaivotas ou ovos de gaivota. Mas

o capitão Pollard sabia que não havia caranguejos, gaiivotas ou ovos de gaiivota na ilha para sustentar vinte homens por mais de algumas semanas, então 17 dos vinte votaram por retornar aos barcos. Eles lançaram os barcos e deram adeus a seus três companheiros que ficavam em 27 de dezembro de 1820.

Em 28 de janeiro, os três botes haviam sido separados uns dos outros por uma tempestade, e a baleeira do capitão Pollard navegou sozinha para leste sob o céu interminável. Suas rações consistiam então em 45 gramas de biscoitos de marinheiro por dia para cada um dos cinco homens na baleeira. Por uma coincidência não tão grande, havia sido exatamente a ração reduzida que Crozier discutira em segredo com o dr. Goodsir e o primeiro imediato Des Voeux para quando o resto do porco salgado acabasse em alguns dias.

Os biscoitos e alguns goles de água haviam mantido os homens de Pollard – seu sobrinho Owen Coffin, um negro livre chamado Barzillai Ray e dois marinheiros – vivos por nove semanas.

Eles ainda estavam a mais de 2.500 quilômetros da terra quando o último biscoito acabou ao mesmo tempo que o resto da água foi bebido. Crozier calculara que se os biscoitos durassem mais um mês para seus homens, eles ainda estariam a mais de 1.300 quilômetros de uma habitação humana no inverno, mesmo chegando à embocadura do rio de Back.

Pollard não tinha a bordo nenhum homem convenientemente morto recentemente, então fizeram um sorteio. O jovem sobrinho de Pollard, Owen Coffin, tirou o palito menor. Então sortearam novamente para ver quem faria. Charles Ramsdell tirou o palito menor.

O jovem deu um adeus trêmulo aos outros (Crozier sempre se lembrava da sensação de terror de apertar o escroto na primeira vez em que ouviu essa parte da história quando de sentinela com um homem mais velho no alto da mezena de um navio de guerra no litoral da Argentina, o velho marinheiro aterrorizando o tenente Crozier dizendo adeus com uma voz trêmula de menino), e então o jovem Coffin colocou a cabeça na amurada e fechou os olhos.

O capitão Pollard, segundo seu próprio depoimento posterior, dera a pistola a Ramsdell e desviara o rosto.

Ramsdell atirou na nuca do garoto.

Os cinco outros, incluindo o capitão Pollard, tio do garoto, primeiramente beberam o sangue ainda quente. Embora salgado, ele era – diferentemente do mar infinito ao redor – potável.

A seguir retiraram a carne do garoto dos ossos e a comeram crua.

Depois partiram os ossos de Owen Coffin e sugaram o tutano até o fim.

O cadáver do camareiro os sustentou por treze dias, e quando estavam pensando em tirar a sorte novamente, o negro – Barzillai Ray – morreu de sede e exaustão. Novamente sangrar, beber, cortar, partir e sugar tutano os sustentou até serem resgatados pela baleeira *Dauphin* em 23 de fevereiro de 1821.

Francis Crozier nunca conheceu o capitão Pollard, mas acompanhou sua carreira. O americano azarado mantivera a patente e voltara ao mar apenas mais uma vez – e mais uma vez naufragara. Após ser resgatado uma segunda vez, ele nunca mais recebeu o comando de um navio. Na última vez que Crozier ouvira falar, apenas poucos meses antes da expedição de sir John zarpar três anos antes, em 1845, o capitão Pollard vivia como vigia em Nantucket, e era unanimemente rejeitado por moradores e baleeiros. Dizia-se que Pollard envelhecera precocemente, falava em voz alta sozinho e com seu sobrinho havia muito morto, e escondia biscoitos e porco salgado nas vigas de sua casa.

Crozier sabia que seu pessoal teria de tomar uma decisão sobre comer seus próprios mortos nas próximas semanas, se não nos próximos dias.

Os homens estavam chegando ao ponto em que eram poucos demais e esses poucos fracos demais para arrastar barcos, mas o descanso de quatro dias na placa de gelo de 18 a 22 de julho não renovara sua energia. Crozier, Des Voeux e Couch – o jovem tenente Hodgson, embora tecnicamente o segundo em comando, não estava recebendo autoridade do capitão – acordaram os homens e os mandaram caçar, consertar deslizadores de trenós, calafetar ou consertar os barcos em vez de deixá-los deitados nos sacos de dormir congelados dentro de suas barracas pingando o dia inteiro –, mas fundamentalmente só o que podiam fazer era sentar em suas placas conectadas por dias, já que demasiados pequenos canais, fissuras, pequenos trechos de mar aberto e áreas de gelo fino e consumido os cercavam e impediam qualquer avanço para sul, leste ou norte.

Crozier se recusava a voltar para oeste e noroeste.

Mas as placas não estavam flutuando na direção que eles queriam – sudeste para a embocadura do rio Great Fish de Back. Simplesmente se moviam e giravam em torno delas mesmas como a banquisa prendendo o *Erebus* e o *Terror* fizera por dois longos invernos.

Finalmente, na tarde de sábado, 22 de julho, sua placa começou a rachar o suficiente para que Crozier ordenasse que todos subissem nos barcos.

Por seis dias eles flutuaram, presos por cordas, em espaços e canais pequenos ou curtos demais para remar ou velejar. Crozier tinha o último sextante (deixara para trás o teodolito mais pesado), e enquanto os outros dormiam ele fazia as melhores leituras possíveis durante eventuais aberturas entre as nuvens. Ele avaliou que sua posição deveria ser de 135 quilômetros a noroeste da embocadura do rio de Back.

Esperando ver um estreito istmo à frente deles a qualquer momento – a suposta península ligando a massa da Terra do Rei Guilherme à península Adelaide antes mapeada –, Crozier despertara no barco ao nascer do sol na manhã de 26 de junho para encontrar o ar mais frio, o céu azul e sem nuvens e vislumbres de terra escurecendo o céu mais de 25 quilômetros ao norte e ao sul.

Reunindo os cinco barcos mais tarde, Crozier ficou de pé na proa de sua baleeira líder e gritou:

– Homens, a Terra do Rei Guilherme é *ilha do Rei Guilherme*. Tenho certeza agora de que há mar à frente até leste e sul do rio de Back, mas apostaria minha última libra que não há terra ligando o cabo que veem ali bem a sudoeste e o que veem bem a nordeste. Estamos em um estreito. E como temos de estar ao norte da península Adelaide, completamos a meta da Expedição de sir John Franklin. *Esta é a Passagem Noroeste*. Por Deus, vocês conseguiram.

Houve gritos fracos, seguidos por um pouco de tosse. Se os barcos e as placas estiveram à deriva rumo sul, semanas de arrasto ou trabalho de vela poderiam ter sido economizadas para eles. Mas os canais e as áreas de mar aberto nos quais flutuavam continuavam a quebrar apenas na direção norte.

A vida nos barcos era tão infeliz quanto havia sido a vida nas barracas nas placas. Os homens estavam apertados demais. Mesmo com tábuas sobre os bancos oferecendo um segundo andar para dormir nas baleeiras e nos cúteres com laterais elevadas pelo sr. Honey (os trenós desmontados também serviam como um convés transversal no meio dos cúteres e da pinaça lotados), corpos envoltos em lã molhada eram apertados sobre corpos envoltos em lã molhada dia e noite. Os homens tinham de se pendurar sobre as amuradas para cagar – algo que estava se tornando cada vez menos necessário, mesmo para os homens com escorbuto adiantado, à medida que comida e água diminuía –, mas embora todos os homens tivessem perdido todos os vestígios de pudor, uma onda repentina com frequência encharcava pele nua e calças abaixadas, levando a xingamentos, agitação e longas noites de trêmula infelicidade.

Na manhã de sexta-feira, 28 de julho de 1848, a sentinela no barco de Crozier – o menor homem de cada barco era enviado ao mastro com um telescópio – viu um labirinto de canais levando até um ponto de terra a noroeste, talvez a cinco quilômetros dali.

Os homens em condições nos cinco barcos puxaram – e quando necessário empurraram com varas entre saliências de gelo que se estreitavam, com os mais saudáveis na proa abrindo caminho com picaretas e desviando com varas – durante 18 horas.

Eles desembarcaram em uma projeção rochosa em uma escuridão rompida apenas por breves períodos de luar quando as nuvens se abriam, um pouco depois de 11 horas daquela noite.

Os homens estavam exaustos demais para desmontar os trenós e colocar cúteres e pinaças sobre eles. Cansados demais para desembrulhar suas barracas Holland e sacos de dormir encharcados.

Eles desabaram sobre pedras nuas onde haviam parado de arrastar os barcos pesados sobre o litoral de gelo e pedras tornadas escorregadias pela maré alta. Dormiram em pilhas, mantidos vivos apenas pelo calor corporal reduzido dos companheiros.

Crozier sequer escolheu uma sentinela. Se a coisa os quisesse naquela noite, os teria. Mas antes de dormir, passou uma hora tentando fazer uma boa leitura

com o sextante e estudando as cartas de navegação e os mapas que ainda levava.

Em sua melhor avaliação, eles haviam passado 25 dias no gelo e arrastado, derivado e remado um total de 74 quilômetros para leste-sudeste. Estavam de volta à Terra do Rei Guilherme em algum ponto ao norte da massa da península Adelaide, e ainda mais longe da embocadura do rio de Back do que estavam dois dias antes – cerca de 56 quilômetros a noroeste da enseada à frente do estreito que não haviam conseguido atravessar. Se cruzassem esse estreito, estariam mais de 95 quilômetros enseada acima da embocadura do rio, a um total de mais de 1.400 quilômetros de Grande Lago do Escravo e da salvação.

Crozier guardou cuidadosamente seu sextante na caixa de madeira e a colocou na bolsa oleada impermeável, encontrou um cobertor encharcado na baleeira e o jogou sobre as pedras ao lado de Des Voeux e três homens adormecidos. Estava dormindo em segundos.

Sonhou com Memo Moira empurrando-o na direção de uma cerca de altar e do padre que o esperava com as vestimentas pingando.

Em seu sono, enquanto os homens roncavam ao luar daquele litoral desconhecido, Crozier fechou os olhos e esticou a língua para receber o Corpo de Cristo.

BRIDGENS

*Acampamento do Rio
29 de julho de 1848*

John Bridgens sempre – em segredo – comparara as diferentes partes de sua vida às várias peças literárias que compunham sua vida.

Em sua infância e anos de estudante, ele de tempos em tempos pensava em si como diferentes personagens do *Decameron* de Boccaccio ou do obscuro *Contos de Canterbury* de Chaucer – nem todos esses personagens eram de modo algum heroicos. (Durante alguns anos sua postura em relação ao mundo foi *Vá se foder*.)

Na casa dos vinte anos, John Bridgens se identificava principalmente com Hamlet. O estranhamente envelhecido príncipe da Dinamarca – Bridgens estava bastante certo de que o garoto Hamlet envelhecera magicamente em algumas semanas teatrais para o homem que no Ato V estava pelo menos na casa dos trinta anos – ficara suspenso entre pensamento e feito, entre motivo e ação, paralisado por uma consciência tão astuta e implacável que o fazia *pensar em tudo, mesmo no próprio pensar*. O jovem Bridgens havia sido vítima de tal consciência, e, como Hamlet, frequentemente refletira sobre aquela mais essencial das questões – *continuar ou não continuar?* (O tutor de Bridgens na época, um elegante professor exilado de Oxford que foi o primeiro sodomita despudorado que o jovem candidato a acadêmico já encontrara, pretensiosamente lhe ensinara que o famoso monólogo “ser ou não ser” não era de modo algum uma discussão sobre suicídio, mas Bridgens não acreditara. *Assim sua consciência faz de todos nós covardes* apelara diretamente à alma de

menino-homem de John Bridgens, infeliz com a situação de sua existência e seus desejos antinaturais, infeliz fingindo ser algo que não era, infeliz fingindo e infeliz não fingindo, e, mais determinante, infeliz por só conseguir *pensar sobre* encerrar a própria vida, porque o medo de que o próprio pensar poderia continuar do outro lado deste véu mortal, “possivelmente sonhar”, o impedia de agir mesmo no sentido do rápido, decidido, frio suicídio.)

Por sorte, mesmo quando um jovem ainda não formado, John Bridgens tinha duas coisas além da indecisão que o mantinham longe da autodestruição – livros e uma noção de ironia.

Em seus anos intermediários, Bridgens basicamente pensava em si mesmo como Odisseu. Não era vagar sozinho pelo mundo que tornava a comparação adequada para um candidato a acadêmico transformado em comissário de suboficiais, mas a descrição de Homero do viajante cansado do mundo – a palavra grega significando “engenhoso” ou “traíçoeiro” pela qual os contemporâneos de Odisseu o identificavam (e pela qual alguns, como Aquiles, escolhiam insultá-lo). Bridgens não usava sua habilidade para manipular os outros, ou raramente o fazia, a usava mais como um dos escudos redondos de couro e madeira, ou de metal orgulhoso, atrás dos quais os heróis homéricos se protegiam quando sob ataque violento de lança e arpão.

Ele usava sua habilidade para se tornar e permanecer invisível.

Uma vez, anos antes, durante a viagem de cinco anos no HMS *Beagle* durante a qual ele conhecera Harry Peglar, Bridgens mencionara sua analogia com Odisseu – sugerindo que todos os homens em uma viagem como aquela eram em alguma medida Ulisses modernos – ao filósofo natural a bordo (os dois com frequência jogavam xadrez na minúscula cabine do sr. Darwin), e o jovem especialista em pássaros com olhos tristes e mente aguçada olhara para o comissário penetrantemente e dissera: “Mas por que será que duvido de que tenha uma Penélope esperando-o em casa, sr. Bridgens?”

O comissário ficara mais circunspecto depois disso. Ele aprendera – assim como Odisseu aprendera após vagar alguns anos – que sua engenhosidade não era páreo para o mundo e que o húbris sempre seria punido pelos deuses.

Naqueles últimos dias, John Bridgens sentia que o personagem literário com o qual mais tinha em comum – em aparência, em sentimento, em

lembrança, em futuro, em tristeza – era Rei Lear.

E era hora do último ato.



Eles haviam passado dois dias na embocadura do rio que escoava no estreito sem nome ao sul da Terra do Rei Guilherme, que agora se sabia ser ilha do Rei Guilherme. No final de julho, o rio corria livremente em certos pontos, permitindo a eles encher todos os recipientes de água, mas ninguém vira ou apanhara um peixe nele. Nenhum animal parecia interessado em beber dele... nem mesmo uma raposa branca do Ártico. O melhor que se podia dizer sobre aquele acampamento era que o vale suave do rio os protegia do pior vento e lhes dava alguma paz de espírito durante as tempestades de raios que caíam toda noite.

Nas duas manhãs naquele acampamento, os homens – esperançosos, rezando – colocaram barracas, sacos de dormir e quaisquer roupas que pudessem dispensar sobre rochas para secar ao sol. Claro, não fazia mais sol. Várias vezes garoou. O único dia de céu azul que eles tiveram em um mês e meio fora o último nos barcos, e depois disso a maioria dos homens teve de procurar o dr. Goodsir por causa de queimaduras de sol.

Goodsir – como Bridgens bem sabia, sendo seu assistente – tinha muito poucos remédios restantes na caixa que montara a partir do suprimento dos seus três colegas mortos, além dos seus próprios. Ainda havia alguns purgantes no arsenal do bom médico (principalmente óleo de castor e tintura de jalapa, feita de sementes de maravilha) e alguns estimulantes para os casos de escorbuto, com cânfora e chifre de cervo sendo os últimos depois de a tintura de lobélia ter sido usada tão amplamente nos primeiros meses dos sintomas de escorbuto, um pouco de ópio como sedativo, um pouco de mandrágora e pó de Dover para dor crônica, e apenas sulfato de cobre e chumbo para desinfetar ferimentos ou bolhas de queimaduras de sol. Obedecendo às ordens do dr. Goodsir, Bridgens dera quase todo o sulfato de cobre e chumbo aos homens gemendo que haviam tirado as camisas ao remar e acrescentado queimaduras de sol graves à sua infelicidade noturna.

Mas agora não havia luz do sol para secar barracas, roupas ou bolsas. Os homens permaneciam molhados e à noite gemiam tremendo de frio e queimando de febre.

Reconhecimento feito por seus companheiros mais saudáveis e que andavam mais rápido mostrara que embora não conseguindo ver a terra nos barcos, eles haviam passado por uma baía bem funda menos de 24 quilômetros a noroeste daquele rio onde finalmente haviam desembarcado. Ainda mais chocante, os batedores relataram que toda a ilha se curvava novamente para nordeste apenas 16 quilômetros à frente deles a leste. Se isso fosse verdade, eles estavam muito perto do canto sudeste da ilha do Rei Guilherme, possivelmente o ponto daquela massa de terra mais próximo da enseada do rio de Back.

O rio de Back, seu destino, ficava a sudeste do outro lado do estreito, mas o capitão Crozier deixara que os homens soubessem que planejava continuar arrastando para leste na ilha do Rei Guilherme até o ponto em que o litoral da ilha interrompesse sua atual inclinação sudeste. Ali, naquele trecho final, eles montariam acampamento novamente no ponto mais alto possível e vigiariam o estreito. Se o gelo se abrisse nas duas semanas seguintes eles pegariam os barcos. Caso contrário, tentariam arrastá-los para o sul através do gelo na direção da península Adelaide e, chegando à terra, seguir para leste os 24 quilômetros ou menos que Crozier estimava haver antes de chegar à enseada que levava ao rio de Back ao sul.

O encerramento sempre fora a parte mais fraca das habilidades de enxadrista de John Bridgens. Ele raramente gostava disso.

Na noite antes da partida do Acampamento do Rio ao amanhecer, Bridgens arrumou cuidadosamente seu equipamento pessoal – incluindo o grosso diário que mantivera no ano anterior (ele deixara cinco outros maiores no *Terror* em 22 de abril anterior) –, o colocou em seu saco de dormir com um bilhete dizendo que qualquer coisa útil podia ser dividida entre seus colegas, pegou o diário de Harry Peglar e seu pente, acrescentou uma velha escova de roupas que Bridgens carregara por muitos anos, colocou tudo no bolso da japonsa e foi à pequena barraca médica do dr. Goodsir para se despedir.

– O que quer dizer com vai dar uma caminhada e talvez não esteja de volta quando partirmos amanhã? – cobrou Goodsir. – Que conversa é essa,

Bridgens?

– Lamento, doutor, apenas sinto um forte desejo de dar um passeio.

– Um passeio – repetiu Goodsir. – Por que, sr. Bridgens? É trinta anos mais velho que a média dos marinheiros sobreviventes nesta expedição, mas dez vezes mais saudável.

– Sempre tive sorte no que diz respeito à saúde, senhor – disse Bridgens. – Tudo graças à hereditariedade, temo. Não graças a qualquer sabedoria que possa ter demonstrado ao longo dos anos.

– Então por que... – começou o cirurgião.

– Apenas chegou a hora, dr. Goodsir. Confesso ter considerado subir ao palco como um intérprete há muito tempo, quando jovem. Uma das poucas coisas que aprendi sobre essa profissão foi que os grandes atores aprendem a fazer uma boa saída antes de se tornar um estorvo ou exagerar uma cena.

– O senhor soa como um estoico, sr. Bridgens. Um seguidor de Marco Aurélio. Se o imperador está descontente com o senhor, vai para casa, prepara um banho quente...

– Ah, não, senhor – disse Bridgens. – Embora admita que sempre admirei a filosofia estoica, a verdade é que sempre tive medo de facas e lâminas. O imperador certamente teria minha cabeça, minha família e terras, sou um covarde no que diz respeito a bordas afiadas. Só desejo dar uma caminhada esta noite. Talvez um cochilo.

– “Possivelmente sonhar”? – disse Goodsir.

– Sim, essa é a dificuldade – admitiu o comissário. A tristeza e a ansiedade, e talvez o medo, em sua voz eram reais.

– Realmente acha que não temos qualquer chance de alcançar ajuda? – perguntou o cirurgião. Ele soava sinceramente curioso e apenas um pouco triste.

Bridgens não respondeu por um minuto. Finalmente, disse:

– Realmente não sei. Talvez tudo dependa de se um grupo de resgate já ter sido enviado ao norte a partir do Grande Lago do Escravo ou um dos outros postos avançados. Acho que teria, já não fazemos contato há três anos, e caso positivo pode haver uma chance. Sei que se alguém em nossa expedição conseguir nos levar para casa esse homem é o capitão Francis Rawdon Moira

Crozier. Ele sempre foi subavaliado pelo Almirantado, é minha humilde opinião.

– Diga isso a ele pessoalmente, homem – disse Goodsir. – Ou pelo menos lhe diga que está partindo. Deve isso a ele.

Bridgens sorriu.

– Eu o faria, doutor, mas o senhor e eu sabemos que o capitão não me deixaria ir. Ele é estoico, acredito, mas não um adepto do estoicismo. Ele poderia me acorrentar para me impedir de... partir.

– Sim – concordou Goodsir. – Mas o senhor estaria me fazendo um favor se ficasse, Bridgens. Tenho pela frente algumas amputações que irão exigir sua mão firme.

– Há outros jovens que podem ajudá-lo, senhor, e com mãos muito mais firmes, e jovens, que as minhas.

– Mas ninguém tão inteligente – disse Goodsir. – Ninguém com quem eu possa falar como falo com você. Valorizo seu conselho.

– Obrigado, doutor – disse Bridgens, e sorriu novamente. – Não queria lhe dizer, senhor, mas sempre fiquei nauseado perto de dor e sangue. Desde menino. Apreciei muito a oportunidade de trabalhar com o senhor nas últimas semanas, mas isso foi contrário à minha natureza basicamente nauseada. Sempre concordei com Santo Agostinho quando disse que o único pecado humano real é a dor. Se há amputações por vir, é melhor que eu parta – disse, e estendeu a mão. – Adeus, dr. Goodsir.

– Adeus, Bridgens – respondeu o médico, usando as duas mãos para apertar a do homem mais velho.



Bridgens caminhou para fora do acampamento na direção nordeste, escalou para fora do pequeno vale do rio – como em qualquer outro lugar na ilha do Rei Guilherme, nenhuma colina ou crista era muito mais alta do que quatro metros e meio ou seis metros acima do nível do mar –, encontrou uma crista rochosa livre de neve e a seguiu para longe do acampamento.

O pôr do sol estava acontecendo por volta de 22 horas, mas John Bridgens decidira que não caminharia até o anoitecer. A cerca de cinco quilômetros do Acampamento do Rio ele encontrou um lugar seco na crista, se sentou e tirou um biscoito de marinheiro – sua ração do dia – do bolso da japona e o comeu lentamente. Totalmente mofado, era uma das coisas mais deliciosas que já havia provado. Ele não levava água, mas pegou um pouco de neve e deixou que derretesse em sua boca.

O pôr do sol a sudoeste foi bonito. Por um instante o sol de fato emergiu no espaço entre nuvens cinza baixas e cascalho cinza alto, ficou ali por um momento como uma bola laranja – o tipo de pôr do sol de que Odisseu, não Lear, teria visto e gostado – e depois desapareceu.

O dia e o ar ficaram cinza e suaves, embora a temperatura, que havia se mantido na casa dos seis negativos o dia todo, caísse muito rapidamente. Logo começaria o vento. Bridgens gostaria de estar dormindo antes que o vento da noite soprasse de noroeste ou as tempestades de raios noturnas varressem a terra e o estreito de gelo.

Enfiou a mão no bolso e tirou os três últimos itens lá.

Primeiro a escova de roupas que John Bridgens usara como comissário por mais de trinta anos. Tocou os restos de fibras nela, sorriu de alguma ironia compreendida apenas por ele e a colocou no outro bolso.

Depois foi o pente de chifre de Harry Peglar. Alguns fios de cabelo castanho-claros ainda estavam presos aos dentes. Bridgens apertou o pente com força em seu punho frio e nu por um tempo, depois o colocou no bolso do casaco com a escova de roupas.

Por último foi o caderno de Peglar. Ele o abriu aleatoriamente.

Ó morte, onde está teu ferrão, o túmulo na Enseada do Consolo para quem tem qualquer dúvida agora... O tingidor falso.

Bridgens balançou a cabeça. Ele sabia que a última palavra deveria ser “falou”, qualquer que fosse a parte da mensagem manchada de água e ilegível. Ele ensinara Peglar a ler, mas nunca tivera sucesso em ensinar ortografia a Harry. Bridgens suspeitava – já que Harry Peglar era um dos seres humanos mais inteligentes que conhecera – que havia algum problema com a constituição do cérebro do homem, algum lobo, calo ou massa cinzenta

desconhecida do conhecimento médico que controlava a ortografia das palavras. Mesmo nos anos após ter aprendido a decodificar o alfabeto e ler os livros mais desafiadores com uma visão e compreensão de acadêmico, Harry era incapaz de escrever a menor carta a Bridgens sem trocar letras e grafar erradamente as palavras mais simples.

Ó morte, *aonde está teu ferrão...*

Bridgens sorriu uma última vez, colocou o diário no bolso da frente do paletó onde estaria a salvo de pequenos carniceiros, pois estaria deitado sobre ele, e se esticou de lado no cascalho, apoiando a bochecha nas costas das mãos nuas.

Ele só se mexeu uma vez, para erguer o colarinho e baixar o chapéu. O vento aumentava e estava muito frio. Depois retomou a posição de dormir.

John Bridgens dormia antes que o resto de crepúsculo cinzento morresse ao sul.

CROZIER

*Acampamento Resgate
13 de agosto de 1848*

Eles passaram duas semanas arrastando até a ponta mais a sudeste da ilha – o ponto onde o litoral da ilha do Rei Guilherme abruptamente começava a se curvar para norte e leste – e então pararam para montar barracas, enviar grupos de caça e recuperar o fôlego enquanto esperavam e procuravam aberturas no gelo do estreito ao sul. O dr. Goodsir dissera a Crozier que precisava de tempo para lidar com os doentes e feridos que estavam carregando nos cinco barcos. Eles batizaram o local do acampamento de Fim da Terra.

Quando Crozier foi informado por Goodsir de que pelo menos cinco homens precisavam ter os pés amputados durante a parada ali – significando, ele sabia, que aqueles homens nunca iriam além daquele ponto, já que mesmo os marinheiros que andavam não tinham mais força para arrastar o peso extra dos homens nos barcos – o capitão rebatizou o ponto varrido pelo vento de Acampamento Resgate.

A ideia, até então discutida apenas entre Goodsir e ele, embora sugerida por Goodsir, era que o cirurgião ficasse para trás com os homens que se recuperavam das amputações. Quatro já haviam sido operados e até então nenhum morrera – o último homem, o sr. Diggle, teria sua amputação naquela manhã. Outros marinheiros doentes ou cansados demais para avançar poderiam escolher ficar com Goodsir e os amputados, enquanto Crozier, Des Voeux, Couch, o segundo imediato Johnson, de confiança de Crozier, e

quaisquer outros ainda com força velejariam sul para a enseada quando – se – o gelo cedesse novamente. Depois esse grupo menor, viajando leve, subiria o rio de Back, retornando com um grupo de resgate do Grande Lago do Escravo na primavera – ou, com a ajuda de um milagre, no mês seguinte ou dois meses antes do inverno, desde que se deparassem com um grupo de resgate seguindo rumo norte pelo rio.

Crozier sabia que as chances desse milagre específico eram tão baixas que chegavam a zero, e que as chances de qualquer dos homens doentes sobreviver no Acampamento Resgate até a primavera seguinte sem ajuda não mereciam sequer ser discutidas. Não houvera quase nenhuma caça fácil de ser apanhada em todo aquele verão de 1848, e agosto não estava se mostrando diferente. O gelo estivera grosso demais para permitir a pesca em qualquer parte, exceto os poucos canais pequenos e raras *polynyas* de ano inteiro, e eles não apanharam peixes nem quando nos barcos. Como Goodsir e alguns poucos outros cuidadores dos moribundos poderiam sobreviver ali ao próximo inverno? Crozier sabia que o cirurgião assinara voluntariamente sua sentença de morte se oferecendo para ficar para trás com os homens condenados, e Goodsir sabia que seu capitão sabia disso. Nenhum dos homens dissera nada.

Mas isso continuava a ser o plano, a não ser que Goodsir mudasse de ideia naquela manhã ou um verdadeiro milagre acontecesse e o gelo se abrisse até o litoral naquela segunda semana de agosto, permitindo que todos velejassem em duas baleeiras danificadas, dois cúteres danificados e uma única pinaça em pedaços, levando com eles nos barcos amputados, feridos, famintos, os fracos demais para andar e os casos mais avançados de escorbuto.

Como comida em potencial?, pensou Crozier.

Essa era a próxima questão que teria de ser abordada.

O capitão agora levava duas armas no sobretudo sempre que saía da barraca – seu grande revólver de espoleta no bolso direito, como sempre, e a pequena pistola de percussão de cano duplo e dois tiros (que o capitão do mar americano que a vendera anos antes chamara de “arma de barriga de jogador”) no bolso esquerdo. Não repetira seu erro de mandar seus melhores homens – Couch, Des Voeux, Johnson, alguns outros – para fora do acampamento ao mesmo tempo, enquanto deixava para trás descontentes como Hickey,

Aylmore e o gigante idiota Manson. Nem Francis Crozier confiara no tenente George Henry Hodgson, em seu capitão do castelo de proa Reuben Male ou no capitão da gávea do traquete do *Erebus* Robert Sinclair desde o dia do quase motim no Acampamento Hospital mais de um mês antes.

A vista do Acampamento Resgate era deprimente. O céu era uma massa constante de nuvens baixas havia duas semanas, e Crozier não conseguira usar o sextante. O vento voltara a soprar com força de noroeste e o ar era mais frio do que tinha sido em duas semanas. O estreito ao sul permanecia uma massa de gelo sólida, mas não gelo plano interrompido por eventuais cristas de pressão como o que haviam atravessado na jornada do *Terror* para o Acampamento Terror havia muito, muito, muito tempo. O gelo naquele estreito ao sul da ilha do Rei Guilherme era uma confusão de icebergs inteiros e fragmentados, cristas de pressão em todos os sentidos, as eventuais *polynya* anuais mostrando água negra três metros abaixo do nível do gelo, mas não levando a parte alguma, e inúmeros seracos afiados como navalhas e penedos de gelo. Crozier não acreditava que algum homem no Acampamento Resgate – incluindo o gigante Manson – fosse capaz de arrastar um único barco por aquela floresta de gelo e sobre as cadeias montanhosas de gelo.

Os rosnados, explosões, estalos, disparos e rugidos que agora enchiam seus dias e noites eram a única esperança. O gelo estava agitado e se torturando. De vez em quando, a distância, ele se abria em minúsculos canais que algumas vezes duravam horas. Depois se fechavam com um trovão. Cristas de pressão saltavam a uma altura de nove metros em questão de segundos. Horas depois, desmoronavam ao mesmo tempo que novas cristas se projetavam. Icebergs explodiam com a pressão do gelo que apertava ao redor deles.

Ainda é apenas 13 de agosto, Crozier dizia a si mesmo. O problema desse raciocínio, claro, era que em vez de “apenas” 13 de agosto, a temporada estava tão adiantada que era hora de pensar: *Já é 13 de agosto*. O inverno se aproximava rápido. O *Erebus* e o *Terror* haviam sido congelados diante da Terra do Rei Guilherme em setembro de 1846, e não houvera alívio desde então.

Ainda é apenas 13 de agosto, Crozier continuava a repetir para si mesmo. Tempo suficiente, se um pequeno milagre fosse concedido a eles, de velejar e

remar através do estreito – talvez arrastando em trechos curtos – os 120 quilômetros que ele estimava até a embocadura do rio de Back, e lá preparar os barcos danificados para navegar rio acima. Com um pouco mais de sorte, a própria enseada além daquela confusão de gelo visível estaria livre de gelo – por causa do inevitável fluxo de alto verão do rio Great Fish para o norte e sua água mais quente – por pelo menos 95 quilômetros de caminho. Depois disso, no próprio rio, eles estariam disputando corrida para o sul com o inverno a cada dia, enquanto seguiam contra a corrente, mas a viagem ainda era possível.

Em teoria.

Naquela manhã – um domingo, caso Crozier não tivesse perdido a conta – Goodsir estava fazendo a última das amputações com a ajuda de seu novo assistente, Thomas Hartnell, e então Crozier planejava reunir os homens para uma espécie de cerimônia religiosa.

Nela iria anunciar que Goodsir ficaria com os homens incapacitados e os casos de escorbuto, e revelaria seu plano de levar alguns dos homens mais saudáveis e pelo menos dois barcos rumo sul na semana seguinte, quer o gelo se abrisse, quer não.

Se os conspiradores Reuben Male, Hodgson, Sinclair e Hickey quisessem sugerir um plano alternativo sem desafiar sua autoridade, Crozier estava pronto para não apenas discuti-lo, mas concordar com eles. Quanto menos homens no Acampamento Resgate, melhor, especialmente se isso significasse se livrar das maçãs podres.

Os gritos começaram na barraca cirúrgica enquanto o dr. Goodsir começava a operar o pé e o tornozelo gangrenados do sr. Diggle.

Com uma pistola em cada bolso, Crozier foi procurar Thomas Johnson para mandar que reunisse os homens.



O sr. Diggle, o homem mais apreciado da expedição e o excelente cozinheiro que Francis Crozier conhecera e com quem trabalhara durante anos em expedições aos dois polos, morreu de perda de sangue e complicações

imediatamente após a amputação de seu pé e minutos antes de a chamada ser feita.

Sempre que os sobreviventes passavam mais de dois dias em um acampamento, os contramestres arrastavam uma vara por cascalho e neve em algum lugar relativamente aberto e plano para criar o perfil aproximado dos conveses superior e inferior do *Erebus* e do *Terror*. Isso permitia que os homens soubessem onde ficar durante a chamada e dava a eles uma sensação de familiaridade. Durante os primeiros dias no Acampamento Terror e além, as posições de chamada haviam sido lotadas a ponto da confusão, com mais de cem homens dos dois navios lotando o espaço do convés superior de um só navio, mas agora a redução chegara a um ponto em que a reunião era adequada para a chamada de um só navio.

No silêncio que se seguiu à chamada e antes da breve leitura das Escrituras por Crozier – e no silêncio mais profundo após os gritos do sr. Diggle –, o capitão olhara para os grupos de homens esfarrapados, barbados, pálidos, imundos e de olhos fundos inclinados para frente na sua direção em uma espécie de desânimo de macaco cansado que se passava por posição de sentido.

Dos 13 oficiais originais do HMS *Erebus*, nove estavam mortos: sir John, comandante Fitzjames, tenente Graham Gore, tenente H. T. D. Le Vesconte, tenente Fairholme, primeiro imediato Sergeant, segundo mestre Collins, mestre do gelo Reid e cirurgião-chefe Stanley. Os oficiais sobreviventes consistiam em primeiro e segundo imediatos, Des Voeux e Couch, o cirurgião assistente Goodsir (que se juntou à chamada atrasado, sua postura ainda mais caída que a dos outros homens, os olhos baixos de exaustão e derrota), e o intendente Charles Hamilton Osmer, que sobrevivera a uma pneumonia grave apenas para ficar prostrado na barraca com escorbuto.

Não passou despercebido ao capitão Crozier que todos os oficiais da Marinha do *Erebus* estavam mortos e que os sobreviventes eram apenas imediatos ou civis que receberam títulos honorários em função de alojamentos.

Os três suboficiais do *Erebus* – engenheiro John Gregory, contramestre Thomas Terry e carpinteiro John Weekes – estavam todos mortos.

O *Erebus* deixara a Groelândia com 21 oficiais não comissionados, e na chamada daquele dia, 15 deles ainda estavam vivos, embora alguns – como o

comissário do intendente William Fowler, que nunca se recuperara plenamente das queimaduras no carnaval, fossem pouco mais que bocas a alimentar durante a marcha.

Uma chamada do *Erebus* dos marinheiros especializados no Natal de 1845 teria ouvido 19 respostas. Quinze deles ainda estavam vivos.

Dos sete fuzileiros reais que originalmente teriam respondido à chamada no *Erebus*, três haviam sobrevivido até aquele dia de agosto de 1848 – cabo Pearson e soldados Hopcraft e Healey –, mas todos estavam doentes demais com escorbuto para montar guarda ou caçar, muito menos arrastar barcos. Mas naquela manhã eles ficaram de pé apoiados em seus mosquetes junto com as outras formas esfarrapadas e tombadas.

Dos dois grumetes na chamada do *Erebus* – ambos na verdade homens de 18 anos quando os dois navios zarparam –, David Young e George Chambers haviam sobrevivido, mas Chambers sofrera uma concussão tão violenta da coisa do gelo durante o carnaval que se tornara pouco mais que um idiota desde a noite do incêndio. Ainda assim, era capaz de puxar quando orientado, de comer quando ordenado e continuar respirando sem estímulo.

Então, de acordo com a chamada recém-concluída, 39 do total original de 65 almas do *Erebus* continuavam vivas em 13 de agosto de 1848.

Os oficiais do HMS *Terror* haviam se saído um pouco melhor que os do *Erebus*, pelo menos no sentido de que dois oficiais navais – capitão Crozier e segundo-tenente Hodgson – haviam sobrevivido. O segundo imediato Robert Thomas e o sr. E. J. Helpman, secretário encarregado de Crozier e outro civil que servia na expedição com patente de oficial, eram os outros oficiais remanescentes.

Não responderam à chamada de hoje os tenentes de Crozier Little e Irving, bem como o primeiro imediato Hornby, o mestre do gelo Blanky, o segundo mestre MacBean, e os dois cirurgiões, Peddie e McDonald.

Quatro dos 11 oficiais originais do *Terror* estavam vivos.

Crozier começara a expedição com três suboficiais – engenheiro James Thompson, contramestre John Lane e mestre carpinteiro Thomas Honey – e todos os três ainda viviam, embora o engenheiro houvesse se reduzido a um esqueleto de olhos vazios, fraco demais para ficar de pé, muito menos arrastar,

e o sr. Honey não apenas apresentasse sintomas avançados de escorbuto como tivera os dois pés amputados na noite anterior. Inacreditavelmente naquela reunião, o carpinteiro ainda estava vivo e conseguira até mesmo gritar “presente!” de sua barraca quando seu nome foi chamado.

O *Terror* zarpara três anos antes com 21 oficiais não comissionados, e 16 ainda estavam vivos naquela nublada manhã de agosto – o foguista John Torrington, o capitão da gávea do traquete Harry Peglar e os intendentess Kenley e Rhodes haviam sido as únicas baixas naquele grupo até momentos antes, quando o cozinheiro John Diggle se juntara às fileiras dos mortos.

Enquanto 19 marinheiros especializados teriam antes respondido à chamada do *Terror*, dez fizeram isso agora, embora 11 tivessem sobrevivido: David Leys continuava comatoso e sem reação na barraca do dr. Goodsir.

Do contingente de seis fuzileiros reais do HMS *Terror*, nenhum sobrevivera. O soldado Heather, que resistira meses com o crânio feito em pedaços, finalmente morrera no dia seguinte a eles terem deixado o Acampamento do Rio, e seu corpo foi deixado no cascalho sem enterro ou comentário.

O navio registrara dois grumetes em sua relação original, e agora apenas um – Robert Golding, com quase 23 anos de idade e certamente não mais menino, embora ingênuo de uma forma infantil – respondeu à chamada.

Da relação original de 62 almas no HMS *Terror*, 35 haviam sobrevivido para ver aquela cerimônia religiosa no Acampamento Resgate em 13 de agosto de 1848.

Mas quatro desses haviam tido um ou os dois pés amputados nas 24 horas anteriores, e pelo menos outros vinte estavam quase certamente doentes demais, feridos demais, famintos demais ou demasiadamente cansados de corpo e alma para prosseguir. Um terço da expedição chegara ao limite.

Era hora de acertar as contas.



– Deus Todo-Poderoso – entoou Crozier em sua rouquidão exausta –, com quem vivem as almas daqueles que daqui partiram no Senhor, e com quem as

almas dos fiéis, após serem libertadas do fardo da carne, estão em êxtase e felicidade: fazemos agradecimentos sinceros, pois o contentou livrar este nosso irmão John Diggle, de 39 anos, das infelicidades deste mundo pecaminoso; suplicando a vós, se vossa vontade for, por vossa elevada bondade, em breve para concluir o número de vossos escolhidos, todos nós aqui se isso for vossa vontade, e assim apressar vosso reino; nós, com todos aqueles que partiram na verdadeira fé de vosso santo nome, tenhamos nossa perfeita realização e êxtase, em corpo e alma, na vossa glória eterna e duradoura; por intermédio de Jesus Cristo nosso Senhor. Amém.

– Amém – grunhiram os 65 homens ainda capazes de ficar de pé na chamada.

– Amém – soaram algumas vozes dos outros 12 deitados nas barracas.

Crozier não dispensou os homens reunidos.

– Homens do HMS *Erebus* e do HMS *Terror*, membros da expedição John Franklin do Serviço de Descobertas, companheiros – ele rosnou alto. – Hoje temos de decidir em qual direção nossos caminhos nos levarão. Todos vocês permanecem, sob os Artigos do Navio e os Artigos do Serviço de Descobertas Real que assinaram com seus juramentos de honra, sob meu comando e assim permanecerão até terem sido dispensados por mim. Vocês seguiram sir John, o capitão Fitzjames e a mim até aqui, e se saíram bem. Muitos de nossos amigos e companheiros partiram para Cristo, mas 64 de nós perseveraram. Estou decidido em meu coração a que cada homem entre vocês aqui no Acampamento Resgate hoje deve sobreviver para ver a Inglaterra, o lar e suas famílias novamente, e Deus é minha testemunha de que dei o melhor de mim para garantir que esse seja o resultado de nossos esforços. Mas hoje os libero para que decidam seu próprio caminho pelo qual atingir essa meta.

Os homens murmuraram uns com os outros. Crozier deixou que isso continuasse por alguns segundos, e então prosseguiu.

– Vocês ouviram o que estamos fazendo; o dr. Goodsir permanecerá aqui com aqueles doentes demais para viajar, os homens mais saudáveis seguirão para o rio de Back. Há algum entre vocês que ainda queira encontrar algum outro caminho para o resgate?

Houve um silêncio enquanto os homens baixavam os olhos e raspavam os pés em botas no cascalho, mas então George Hodgson mancou para frente.

– Senhor, alguns de nós querem, senhor. Isto é, querem voltar, capitão Crozier.

O capitão apenas olhou para o jovem oficial por um longo momento. Ele sabia que Hodgson era um preposto de Hickey, Aylmore e de alguns dos encrenqueiros mais rebeldes que estavam acirrando o ressentimento dos homens havia tantos meses, mas ficou pensando em se o jovem Hodgson sabia disso.

– Voltar para onde, tenente? – perguntou Crozier finalmente.

– Para o navio, senhor.

– Acha que o *Terror* ainda está lá, tenente?

Como se para marcar sua pergunta, o gelo marinho ao sul deles explodiu em uma série de disparos de escopeta e roncões de terremoto. Um iceberg a centenas de metros do litoral se fez em pedaços e desmoronou.

Hodgson deu de ombros como um garoto.

– O Acampamento Terror estará, capitão, esteja o navio ou não. Deixamos comida, carvão e barcos no Acampamento Terror.

– Sim, fizemos isso – disse Crozier. – E todos daríamos as boas-vindas a parte daquela comida agora, mesmo parte da comida enlatada que matou alguns de nós de forma tão terrível. Mas, tenente, já se passaram 130 ou 145 quilômetros e quase cem dias que deixamos o Acampamento Terror. O senhor e os outros realmente acham que podem caminhar ou arrastar seu caminho de volta para lá em pleno inverno? Seria final de novembro quando chegassem ao acampamento. Escuridão total. E o senhor se lembra das temperaturas e das tempestades de novembro último.

Hodgson anuiu e não disse nada.

– Não vamos andar até o final de novembro – disse Cornelius Hickey, saindo das fileiras e se colocando ao lado do jovem tenente curvado. – Achamos que o gelo está aberto ao longo do litoral até o lugar de onde viemos. Vamos velejar e remar contornando aquele maldito cabo sobre o qual arrastamos cinco barcos como escravos egípcios e estaremos em casa no Acampamento Terror em um mês.

Os homens reunidos murmuraram furtivamente entre eles.

Crozier anuiu.

– De fato pode estar aberto para o senhor, sr. Hickey. Ou pode não estar. Mas mesmo que esteja, são mais de 160 quilômetros de volta a um navio que pode muito bem estar esmagado e quase certamente irá congelar rapidamente quando chegarem lá. É pelo menos 50 quilômetros mais perto da embocadura do rio de Back a partir daqui, e as chances de a enseada estar livre de gelo ao sul daqui, perto do rio, são muito maiores.

– O senhor não vai nos convencer a desistir, capitão – Hickey disse com firmeza. – Conversamos sobre isso entre nós, e estamos indo.

Crozier encarou o ajudante de calafate. O habitual instinto de esmagar qualquer insubordinação imediatamente e com grande força e decisão cresceu nele, mas se lembrou de que aquilo era o que ele queria. Já passara da hora de se livrar dos descontentes e salvar aqueles outros que confiavam em seu julgamento. Ademais, tão tarde no verão e em sua tentativa de fuga, o plano de Hickey até poderia funcionar. Tudo dependia de onde o gelo se abrisse – e se abriria em algum lugar antes do inverno chegar. Os homens mereciam escolher sua última e melhor chance.

– Quantos estarão indo com o senhor, tenente? – perguntou Crozier, se dirigindo a Hodgson como se ele realmente fosse o comandante do grupo.

– Bem... – começou o jovem.

– Magnus vai – disse Hickey, chamando o gigante para frente. – E o sr. Aylmore.

O comissário de suboficiais taciturno cambaleou para frente, seu rosto tomado por desafio e visível desprezo por Crozier.

– E George Thompson... – continuou o ajudante de calafate.

Crozier não ficou surpreso por Thompson fazer parte da conspiração de Hickey. O marinheiro sempre fora insolente e preguiçoso e – pelo menos enquanto o rum durou – bêbado sempre que possível.

– Eu também vou... senhor – disse John Morfin, se juntando aos outros.

William Orren, que acabara de fazer 26 anos, avançou sem uma palavra e ficou com o grupo de Hickey.

Depois John Brown e Francis Dunn – calafate e ajudante de calafate do *Erebus* – se juntaram ao grupo.

– Achamos que é nossa melhor chance, capitão – disse Dunn, e baixou os olhos.

Esperando que Reuben Male e Robert Sinclair declarassem suas intenções – e se dando conta de que se a maioria dos homens na chamada se juntassem ao grupo seus próprios planos de uma fuga para o sul estariam acabados –, Crozier ficou surpreso quando William Gibson, comissário de suboficiais do *Terror*, e o foguista Luke Smith caminharam lentamente para frente. Eles haviam sido bons homens a bordo do navio e puxadores fortes.

Charles Best – um confiável marinheiro do *Erebus* que sempre fora leal ao tenente Gore – se adiantou, seguido por quatro outros marinheiros: William Jerry, Thomas Work, que se ferira gravemente no carnaval, o jovem John Strickland e Abraham Seeley.

Os 16 homens ficaram ali de pé.

– Então é isso? – perguntou Crozier, sentindo um alívio vazio que torcia sua barriga como a fome que agora estava sempre com ele. Dezesesseis homens estavam de pé ali; eles precisariam de um barco, mas estavam deixando para trás homens leais em número suficiente para seguir para o rio de Back com eles e também deixando o suficiente para cuidar dos doentes ali no Acampamento Resgate. – Eu lhes darei a pinaça – ele disse a Hodgson.

O tenente anuiu com gratidão.

– A pinaça está toda quebrada e preparada para trabalho de rio, e o trenó é um horror de arrastar – disse Hickey. – Levaremos uma baleeira.

– Vocês levarão a pinaça – disse Crozier.

– Também queremos George Chambers e Davey Leys – disse o ajudante de calafate, dobrando os braços e abrindo as pernas diante de seus homens como um Napoleão *cockney*.

– Ao inferno o que você diz – disse Crozier. – Por que você iria querer levar dois homens que não podem cuidar de si mesmos?

– George pode puxar – disse Hickey. – E temos cuidado de Davey e queremos continuar a fazer isso.

– Não – disse o dr. Goodsir, se adiantando no espaço tenso entre Crozier e os homens de Hickey. – Vocês não têm cuidado do sr. Leys e vocês não querem George Chambers e ele como colegas de viagem. Vocês os querem como comida.

O tenente Hodgson piscou de incredulidade, mas Hickey cerrou os punhos e fez um gesto para Magnus Manson. O homenzinho e o homenzarrão deram um passo à frente.

– Parem exatamente onde estão – berrou Crozier. Atrás dele os três fuzileiros sobreviventes, cabo Pearson, soldado Hopcraft e soldado Healey, embora visivelmente doentes e tremendo sobre os pés, haviam erguido e apontado seus compridos mosquetes.

Mais objetivamente, o primeiro imediato Des Voeux, o imediato Edward Couch, o contramestre John Lane e o ajudante de contramestre Tom Johnson apontavam escopetas.

Cornelius Hickey deu um sorriso malévolos.

– Também temos armas.

– Não, vocês não têm – disse o capitão Crozier. – Enquanto vocês estavam aqui na chamada, o primeiro imediato Des Voeux reuniu todas as armas. Se partirem pacificamente amanhã, eu lhes darei uma escopeta e alguns cartuchos. Se der outro passo agora, todos receberão chumbo na cara.

– Vocês todos vão *morrer* – disse Cornelius Hickey, apontando seu dedo ossudo para os homens de pé em silêncio em posição de chamada e girando o braço em semicírculo como um cata-vento. – Vocês vão seguir Crozier e esses outros idiotas e vão morrer.

O ajudante de calafate girou na direção do cirurgião.

– Dr. Goodsir, nós lhe perdoamos pelo que disse sobre por que queremos salvar George Chambers e Davey Leys. Venha conosco. Não pode salvar estes homens aqui.

Hickey fez um gesto de desprezo para as barracas molhadas flácidas onde estavam deitados os doentes.

– Eles já estão mortos, apenas não sabem disso – continuou Hickey, uma voz muito grande e alta vindo de um corpo tão pequeno. – Nós vamos viver.

Venha conosco e veja sua família novamente, dr. Goodsir. Se ficar aqui, ou mesmo se seguir Crozier, será um homem morto. Venha conosco.

Goodsir estivera usando os óculos distraído desde que saíra da barraca de cirurgia, e naquele momento os retirou e sem pressa limpou a umidade deles, usando a ponta ensanguentada de seu colete de lã como trapo. Um homem pequeno com lábios carnudos de menino e queixo recuado apenas parcialmente escondido pela beirada de uma barba encaracolada que descera a partir de suas antes malsucedidas suíças, Goodsir parecia totalmente à vontade. Recolocou os óculos e olhou para Hickey e os homens atrás dele.

– Sr. Hickey – ele disse suavemente –, por mais grato que esteja por sua infinita generosidade em se oferecer para salvar minha vida, precisa saber que não precisa que eu vá junto para fazer o que está planejando em relação a dissecar os corpos de seus companheiros de modo a conseguir para si um estoque de carne.

– Eu não... – começou Hickey.

– Até mesmo um amador pode aprender anatomia de dissecação bem rápido – interrompeu Goodsir, a voz forte o suficiente para abafar a do ajudante de calafate. – Quando um desses outros cavalheiros que está levando como seu estoque particular de comida morrer, ou quando o senhor o ajudar a morrer, tudo o que terá de fazer será afiar uma faca comum até o gume de um bisturi e começar a cortar.

– Mas não vamos... – gritou Hickey.

– Mas eu recomendo enfaticamente que leve uma serra – atropelou Goodsir. – Um das serras de carpinteiro do sr. Honey servirá muito bem. Embora possa cortar as panturrilhas, dedos e coxas e a carne da barriga de seus companheiros com uma faca, certamente irá precisar de uma boa serra para cortar pernas e braços.

– Maldito seja! – berrou Hickey. Avançou com Manson, mas parou quando os imediatos e fuzileiros ergueram escopetas e mosquetes novamente.

Imperturbável, sem sequer olhar para Hickey, o cirurgião apontou para a forma enorme de Magnus Manson como se o homem fosse um mapa de anatomista pendurado em uma parede.

– Para dizer a verdade, não é muito diferente de trincar um ganso de Natal – disse, traçando marcas verticais no ar na direção do tronco de Manson e uma horizontal logo abaixo da cintura. – Serre os braços nas articulações do ombro, claro, mas você terá de serrar pelos ossos pélvicos de cada homem para retirar as pernas.

Os tendões no pescoço de Hickey se contraíram e seu rosto pálido ficou vermelho, mas não falou novamente enquanto Goodsir continuava.

– Eu usaria minha serra menor de metacarpo para serrar as pernas nos joelhos e, claro, os braços no cotovelo, e depois prosseguiria com um bom bisturi para separar as melhores partes: coxas, nádegas, bíceps, tríceps, deltoídes, a parte carnuda atrás das canelas. Só então você começará realmente a trincar os peitorais, músculos do peito, e chegar à pouca gordura que vocês cavalheiros possam ter mantido junto às omoplatas, nas laterais do corpo e na base das costas. Não haverá muita gordura, claro, nem músculo, mas estou certo de que o sr. Hickey não irá querer desperdiçar nenhuma parte de vocês.

Um dos marinheiros do fundo do grupo atrás de Crozier se jogou de joelhos e começou a vomitar em seco no cascalho.

– Eu tenho um instrumento chamado tenáculo para partir o esterno e retirar as costelas – disse Goodsir suavemente –, mas temo que não poderei emprestá-lo a vocês. Um bom martelo e cinzel de navio, e há um em cada conjunto de barco, como repararam, deverá servir a esse propósito quase igualmente bem.

“Recomendo que consumam a carne primeiro, deixando de lado para depois cabeças, mãos, pés e intestinos dos seus amigos, todo o conteúdo do saco abdominal macio.

“Eu aviso: é mais difícil do que vocês pensam partir os ossos compridos para chegar ao tutano. Precisarão de alguma ferramenta de raspagem, como a goiva de madeira do sr. Honey. E reparem que a medula estará encaroçada e vermelha quando retirada do centro dos ossos... e misturada a cacos de ossos e fragmentos, não demasiadamente saudável para comer crua. Recomendo que coloquem a medula óssea uns dos outros em uma panela para cozinhar imediatamente e se permitam quase ferver antes de tentar digerir seus amigos.”

– Vá se foder – rosou Cornelius Hickey.

O dr. Goodsir anuiu.

– Ah – acrescentou suavemente o cirurgião –, quando estiverem comendo os cérebros uns dos outros, será pura simplicidade. Simplesmente serrem o maxilar inferior, joguem fora com os dentes inferiores e usem uma faca ou colher para cavar e abrir caminho pelo palato mole até a caixa craniana. Caso queiram, poderão inverter o crânio e ficar sentados, pegando os cérebros uns dos outros como um pudim de Natal.

Por um minuto não soou nenhuma voz, apenas o vento e o rosnado, o estalo e a quebra do gelo.

– Há mais alguém que queira partir amanhã? – perguntou o capitão Crozier.

Reuben Male, Robert Sinclair e Samuel Honey – capitão do castelo de proa do *Terror*, capitão da gávea do traquete do *Erebus* e ferreiro do *Terror*, respectivamente – se adiantaram.

– Vocês irão com Hickey e Hodgson? – perguntou Crozier. Ele não se permitiu demonstrar o choque que sentiu.

– Não, senhor – disse Reuben Male, balançando a cabeça. – Não estamos com eles. Mas queremos tentar andar de volta ao *Terror*.

– Não precisamos de barco, senhor – disse Sinclair. – Vamos tentar caminhar pelo interior. Em linha reta através da ilha. Talvez encontremos raposas e coisas assim no interior, longe do litoral.

– A navegação será difícil – disse Crozier. – Bússolas não valem nada aqui e não posso lhes dar um dos meus sextantes.

Male balançou a cabeça.

– Não se preocupe, capitão. Usaremos navegação estimada. Na maior parte do tempo, se o maldito vento estiver em nosso rosto, com o perdão por minha linguagem, senhor, estaremos indo na direção certa.

– Eu fui marinheiro antes de ser artesão, senhor – disse Samuel Honey. – Todos somos marinheiros. Se não pudermos morrer no mar, pelo menos assim talvez possamos morrer a bordo de nosso navio.

– Muito bem – disse Crozier, falando a todos os homens ainda de pé ali e se assegurando de que sua voz chegasse às barracas. – Vamos nos reunir às seis badaladas e dividir os biscoitos de marinheiro remanescentes, álcool, fumo e

outros víveres que ainda tenhamos. Todos os homens. Mesmo aqueles que passaram por cirurgia noite passada e hoje serão levados à divisão. Todos verão o que temos, e todo homem receberá uma parcela igual. A partir deste ponto, cada homem, com exceção dos que estão sendo alimentados e tratados pelo dr. Goodsir, estará encarregado de seu próprio racionamento.

Crozier olhou friamente para Hickey, Hodgson e seu grupo.

– Vocês irão, sob a supervisão do sr. Des Voeux, aprontar sua pinaça para a partida. Partirão à alvorada de amanhã, e a não ser para a divisão de suprimentos e comida às seis badaladas, não quero ver seus rostos antes disso.

GOODSIR

*Acampamento Resgate
15 de agosto de 1848*

Durante os dois dias depois das amputações, da morte do sr. Diggle, da chamada dos homens, de ouvir os planos do sr. Hickey e da patética divisão da comida, o cirurgião não teve estômago para atualizar seu diário. Ele jogou o livro de couro sujo em seu equipamento médico de viagem e o deixou ali.

A Grande Divisão, como Goodsir já pensava nela, havia sido algo triste e aparentemente interminável, se estendendo até a breve noite do agosto Ártico. Logo ficou evidente que – pelo menos no que dizia respeito a comida – ninguém confiava em ninguém. Todos pareciam acalantar uma profunda ansiedade de que alguém estivesse escondendo comida, acumulando comida, guardando comida, negando a alguém comida. Demorou horas para descarregar todos os barcos, esvaziar todos os estoques, vasculhar todas as barracas, revirar o material do sr. Diggle e do sr. Wall, com representantes de cada categoria no navio – oficiais, suboficiais, oficiais não comissionados, marinheiros especializados – dividindo cada tarefa de busca e distribuição, enquanto os outros homens acompanhavam com olhos ávidos.

Thomas Honey morreu na noite seguinte à Divisão. Goodsir mandara Thomas Hartnell informar ao capitão, e depois ajudou a costurar o corpo do carpinteiro em seu saco de dormir. Dois marinheiros o levaram para uma nuvem de neve a cerca de cem metros do acampamento, onde o corpo do sr. Diggle já esfriava. A tropa parara de fazer enterros e cerimônias fúnebres não

por causa de uma determinação do capitão ou de alguma votação, mas simplesmente por consenso silencioso.

Estamos preservando os corpos na duna de neve para que não estraguem como nossa comida futura?, pensou o cirurgião.

Ele não conseguia responder à própria pergunta. Tudo o que ele sabia era que enquanto dava a Hickey – e a todos os outros homens reunidos (deliberadamente, já que conversara com o capitão Crozier sobre a tática antes da reunião para a chamada) – os detalhes anatômicos para trincar o corpo humano e servir de sustento, Harry D. S. Goodsir ficara horrorizado ao se flagrar salivando.

E ele sabia que não estivera só naquela reação à ideia de carne fresca... qualquer que fosse a fonte.

Apenas um punhado de homens apareceu ao nascer do dia na manhã seguinte, segunda-feira, 14 de agosto, para ver Hickey e seus 15 companheiros deixando o acampamento com a pinaça amarrada ao seu trenó desgastado. Goodsir voltara para vê-los partir após se assegurar de que o sr. Honey fora enterrado em segredo na duna.

Mais cedo, ele não vira os três andarilhos partindo. O sr. Male, o sr. Sinclair e Samuel Honey – nenhum parentesco com o carpinteiro recém-falecido – haviam partido antes do amanhecer em sua viagem através da ilha até o Acampamento Terror, levando com eles apenas mochilas, sacos de dormir de cobertores, alguns biscoitos de marinheiro, água e uma escopeta com cartuchos. Eles não tinham sequer uma barraca Holland como abrigo, e planejavam cavar cavernas na neve se o inverno rigoroso os alcançasse antes que chegassem ao Acampamento Terror. Goodsir achava que eles deviam ter dado adeus aos amigos na noite anterior, já que os três homens estavam fora do acampamento antes que a primeira luz cinza tocasse o horizonte ao sul. O sr. Coach depois contou ao dr. Goodsir que o grupo seguira para o interior norte, se afastando do litoral, e planejava virar para noroeste no segundo ou terceiro dia.

Por outro lado, o cirurgião ficou impressionado como os homens de Hickey de partida haviam carregado seu barco. Homens por todo acampamento, incluindo Male, Sinclair e Samuel Honey, estiveram

abandonando itens inúteis – escovas de cabelo, livros, toalhas, mesas de escrever, pentes –, pedaços de civilização que haviam arrastado por cem dias e agora se recusavam a arrastar para mais longe, e por alguma razão inexplicável Hickey e seus homens haviam carregado muito desse lixo rejeitado em sua pinaça juntamente com barracas, equipamento de dormir e a comida necessária. Uma sacola continha 105 pedaços de chocolate escuro embalados individualmente que fora o acúmulo partilhado da cota desses 16 homens de um estoque secreto arrastado todo esse caminho como uma surpresa pelo sr. Diggle e o sr. Wall – seis pedaços e meio de chocolate por homem.

O tenente Hodgson apertara a mão de Crozier, e alguns dos outros homens se despediram desajeitadamente de seus velhos companheiros, mas Hickey, Manson, Aylmore e os mais ressentidos do grupo não disseram nada. Depois o ajudante de contramestre Johnson dera a Hodgson a escopeta descarregada e uma sacola de cartuchos e observara enquanto o jovem tenente as guardava no barco pesadamente carregado. Com Manson na liderança e pelo menos uma dúzia dos 16 homens presos a trenó e barco por arreios, eles deixaram o acampamento em um silêncio rompido apenas pelo raspar dos deslizadores sobre cascalho, depois neve, a seguir pedra novamente, e então de novo sobre gelo e neve. Em vinte minutos estavam fora de vista além da pequena elevação a oeste do Acampamento Resgate.

– Está pensando se eles conseguirão, dr. Goodsir? – perguntou o imediato Edward Couch, que ficara ao lado do cirurgião e observara seu silêncio.

– Não – disse Goodsir. Estava tão cansado que só conseguia responder honestamente. – Estava pensando no soldado Heather.

– Soldado Heather? – repetiu Couch. – Por que, deixamos seu corpo... – começou, e se interrompeu.

– Sim – completou Goodsir. – O cadáver do fuzileiro está deixado sob uma mortalha de lona ao lado de nossa trilha de trenó deste lado do Acampamento do Rio, a menos de 12 dias de arrasto a oeste daqui, muito menos tempo que isso no ritmo que o grande grupo de Hickey está puxando a única pinaça.

– Ah, Jesus Cristo – sibilou Couch.

Goodsir anuiu.

– Só espero que eles não encontrem o corpo do comissário dos suboficiais. Eu gostava de John Bridgens. Era um homem digno e não merece ser devorado por tipos como Cornelius Hickey.



Naquela tarde, Goodsir foi chamado para uma reunião perto dos quatro barcos ao longo do litoral – as duas baleeiras estavam invertidas como sempre, os cúteres ainda em posição nos trenós, mas descarregados – onde não podiam ser ouvidos pelos homens de serviço ou cochilando nas barracas. O capitão Crozier estava lá, assim como o primeiro imediato Des Voeux, primeiro imediato Robert Thomas, imediato em exercício Couch, ajudante de contramestre Johnson, contramestre John Lane e cabo fuzileiro Pearson, que estava fraco demais para ficar de pé e tinha de reclinar sobre o casco lascado de uma baleeira virada.

– Obrigado por vir com tanta rapidez, doutor – disse Crozier. – Estamos aqui para discutir formas de nos proteger da volta do grupo de Cornelius Hickey e estudar nossas próprias opções para as próximas semanas.

– Certamente o capitão não espera que Hickey, Hodgson e os outros voltem para cá?

Crozier ergueu as mãos enluvadas e deu de ombros. Uma neve fina rodopiava ao redor e entre os homens.

– Ele ainda pode querer David Leys. Ou os cadáveres do sr. Diggle e do sr. Honey. Ou mesmo o senhor, doutor.

Goodsir balançou a cabeça e partilhou seus pensamentos sobre os cadáveres – começando pelo soldado Heather – dispostos ao longo do caminho de volta para o Acampamento Terror como depósitos de comida congelada.

– Sim, pensamos nisso – disse Charles Des Voeux. – Provavelmente foi a principal razão pela qual Hickey achou que poderia voltar ao *Terror*. Mas ainda assim vamos montar uma vigilância 24 horas aqui no Acampamento Resgate por alguns dias e enviar o ajudante de contramestre Johnson aqui com um homem ou dois seguindo o grupo de Hickey por três ou quatro dias, só para garantir.

– E quanto ao nosso futuro aqui, dr. Goodsir? – rosnou Crozier. – O que o senhor vê?

Foi a vez do cirurgião dar de ombros.

– O sr. Jopson, o sr. Helpman e o engenheiro Thompson não viverão mais que alguns dias – disse suavemente. – Dos meus outros 15 pacientes de escorbuto, mais ou menos, simplesmente não sei. Alguns podem sobreviver... ao escorbuto, quero dizer. Especialmente se encontrarmos carne fresca para eles. Mas dos 18 homens que talvez fiquem comigo no Acampamento Resgate, aliás, Thomas Hartnell se ofereceu para ficar como meu assistente, apenas três, talvez quatro, serão capazes de sair para caçar focas no gelo ou raposas no interior. E não por muito tempo. Presumo que o restante dos que ficarem aqui morrerá de fome até 15 de setembro. A maioria de nós antes disso.

Ele não disse que alguns poderiam sobreviver um pouco mais ali comendo os corpos dos mortos. Também não mencionou que ele, dr. Harry D. S. Goodsir, decidira que não viraria canibal para sobreviver nem ajudaria aqueles que descobrissem precisar disso. Suas instruções de dissecação na chamada do dia anterior foram suas últimas palavras sobre o tema. Mas ele também nunca julgaria os homens ali no Acampamento Resgate ou na expedição para o sul que finalmente acabassem comendo carne humana para durar um pouco mais. Se algum homem na Expedição Franklin entendia que o corpo humano era apenas um recipiente animal para a alma – e apenas carne assim que a alma havia partido – era seu cirurgião sobrevivente e anatomista, dr. Harry Goodsir. Não prolongar sua própria vida algumas semanas ou meses se valendo dessa carne morta era sua decisão pessoal, por suas próprias razões morais e filosóficas. Ele nunca fora um cristão especialmente bom, mas ainda assim preferia morrer como um.

– Podemos ter uma alternativa – disse Crozier suavemente, quase como se lesse os pensamentos de Goodsir. – Decidi esta manhã que o grupo do rio de Back pode ficar mais uma semana aqui no Acampamento Resgate, talvez dez dias dependendo do clima, na esperança de que o gelo se parta e possamos todos partir daqui de barco... mesmo os moribundos.

Goodsir franziu o cenho para os quatro barcos ao redor deles, duvidando.

– Tantos de nós cabem nessas poucas embarcações? – perguntou.

– Não se esqueça, doutor, que há 19 a menos de nós agora após a partida dos descontentes esta manhã – disse Edward Couch. – E mais dois morreram desde a manhã de ontem. Só há 53 almas para quatro barcos bons, incluindo nós.

– E, como disse, mais irão morrer na próxima semana – disse Thomas Johnson.

– E quase não temos comida para arrastar agora – disse o cabo Pearson de onde se apoiava na baleeira invertida. – Pediria a Deus que fosse o contrário.

– E decidi deixar todas as barracas para trás – disse Crozier.

– E onde iremos nos abrigar em uma tempestade? – perguntou Goodsir.

– Sob os barcos no gelo – disse Des Voeux. – Sob as cobertas dos barcos em mar aberto. Eu fiz isso durante minha tentativa de chegar à península Boothia março passado, no meio do inverno, e é mais quente embaixo ou dentro de um barco que naquelas malditas barracas... Com minhas desculpas pela linguagem, capitão.

– Está desculpado – disse Crozier. – E cada barraca Holland pesa três ou quatro vezes mais do que quando começamos esta viagem. Nunca secam. Devem ter absorvido metade da umidade do Ártico.

– Assim como nossas roupas de baixo – disse o imediato Robert Thomas.

Todos riram disso em algum grau. Dois deles terminaram os risos com tosses.

– Também estou planejando deixar todos menos três dos grandes barris de água – disse Crozier. – Dois deles estarão vazios quando partirmos. Cada barco terá apenas um dos pequenos barris para estocar.

Goodsir balançou a cabeça.

– Como os homens matarão sua sede enquanto estiverem nas águas do estreito ou no gelo lá?

– *Nossa* sede, doutor – disse o capitão. – Se o gelo se abrir lembre-se de que o senhor e os doentes irão juntos, não ficarão aqui para morrer. E vamos encher os barris regularmente quando chegarmos à água potável do rio de Back. Até então, tenho uma confissão. Nós, os oficiais, *de fato* escondemos uma coisa que não confessamos ontem na Divisão. Um pouco de combustível para fogão a álcool sob o fundo falso dos últimos barris de rum.

– Vamos derreter gelo e neve para ter água potável no gelo – disse Johnson.

Goodsir anuiu lentamente. Ele se acostumara de tal modo com a certeza de sua morte nos próximos dias ou semanas que mesmo a ideia de possível salvação era quase dolorosa. Resistiu à ânsia de permitir que suas esperanças aumentassem novamente. Eram esmagadoras as chances de que todos – o grupo de Hickey, os três aventureiros do sr. Male, o grupo de Crozier remando para o sul – estivessem mortos no mês seguinte.

Mais uma vez como se lendo seus pensamentos, Crozier disse a Goodsir.

– O que será necessário, doutor, para nos dar uma chance de sobreviver ao escorbuto e à fraqueza pelos três meses que poderemos levar remando rio acima até o Grande Lago do Escravo?

– Comida fresca – disse o cirurgião com simplicidade. – Estou convencido de que podemos vencer a doença em alguns dos homens se conseguirmos comida fresca. Se não legumes e frutas, que sei ser algo impossível aqui, então carne fresca, especialmente gordura. Mesmo sangue animal ajudará.

– Por que carne e banha contêm ou curam uma doença tão terrível, doutor? – perguntou o cabo Pearson.

– Não tenho ideia – disse Goodsir, balançando a cabeça –, mas estou tão certo disso quanto estou de que todos morreremos de escorbuto se não tivermos carne fresca... antes mesmo que a fome nos mate.

– Se Hickey ou os outros chegarem ao Acampamento Terror a comida enlatada Goldner servirá ao mesmo propósito? – perguntou Des Voeux.

Goodsir deu de ombros novamente.

– Possivelmente, embora eu concorde com meu falecido colega, o cirurgião assistente McDonald, de que comida fresca é sempre melhor que enlatada. Também estou convencido de que há pelo menos dois tipos de venenos nas latas Goldner; um lento e nefando, o outro, como se lembram no caso do pobre capitão Fitzjames e alguns outros, muito rápido e terrível. De qualquer forma, estaremos melhor procurando e encontrando carne ou peixe frescos do que eles apostando as esperanças em latas velhas dos víveres Goldner.

– Esperamos que uma vez no mar aberto da enseada, em meio a icebergs flutuando livres, haja focas e morsas em abundância antes que o inverno chegue de verdade – disse o capitão Crozier. – Uma vez no rio, pararemos de

tempos em tempos para caçar cervos, raposas ou renas, mas podemos ter de depositar *nossas* esperanças em fisgar peixes... Uma probabilidade real segundo exploradores como George Back e nosso próprio sir John Franklin.

– Sir John também comeu seus sapatos – disse o cabo Pearson.

Ninguém censurou o fuzileiro faminto, mas também ninguém riu ou respondeu até Crozier dizer, sua voz rouca soando totalmente séria.

– Esse foi o verdadeiro motivo pelo qual eu trouxe centenas de botas extras. Não só para manter os pés dos homens secos; o que como o senhor viu, doutor, foi uma impossibilidade. Mas para ter todo aquele couro para comer durante a penúltima parte de nossa viagem rumo sul.

Goodsir só conseguiu olhar.

– Teremos apenas um barril de água, mas centenas de botas da Marinha Real para comer?

– Sim – disse Crozier.

De repente os oito homens começaram a rir tanto que não conseguiam parar; quando os outros paravam, alguém recomeçava a rir e todos o acompanhavam.

– Shh! – disse Crozier finalmente, soando como um professor com meninos, mas ainda dando risinhos.

Homens de serviço no acampamento a vinte metros olhavam com curiosidade nos rostos brancos que fitavam sob gorros galeses e quepes.

– Não vamos esperar que o gelo se abra totalmente até o litoral aqui – disse Crozier no silêncio súbito do grupo. – Amanhã, enquanto o ajudante de contramestre Johnson segue o grupo de Hickey em segredo rumo noroeste pelo litoral, o sr. Des Voeux levará um grupo de nossos homens mais capazes sobre o gelo rumo sul, indo com apenas mochilas e cobertores de dormir; com sorte, atravessando quase tão rápido quanto Reuben Male e seus dois amigos, seguindo pelo menos 16 quilômetros para o estreito, talvez além, para descobrir se há mar aberto. Se um canal se abrir a cinco ou oito quilômetros deste acampamento, partiremos.

– Os homens não têm força... – começou Goodsir.

– Terão se estiverem certos de que há apenas um dia ou dois de arrasto entre eles e o mar aberto na direção do resgate – disse o capitão Crozier. – Os

dois homens sobreviventes que tiveram os pés amputados estarão sobre os cotos ensanguentados e puxando com força se soubermos que o mar está lá esperando por nós.

– E com um pouco de sorte, meu grupo trará de volta algumas focas, morsas e banha – disse Des Voeux.

Goodsir olhou para o monte de gelo estalando, deslocando, subindo em cristas de pressão que se estendia para o sul sob nuvens cinza baixas de neve.

– Você consegue arrastar focas e morsas de volta por aquele pesadelo branco? – perguntou.

Des Voeux apenas sorriu largo em resposta.

– Temos uma coisa pela qual somos gratos – disse o ajudante de contramestre Johnson.

– O que é, Tom? – perguntou Crozier.

– Nosso amigo do gelo parece ter perdido o interesse por nós e ido embora – disse o contramestre ainda musculoso. – Não o vimos nem ouvimos com certeza desde antes do Acampamento do Rio.

Os oito homens, incluindo Johnson, de repente se esticaram para um dos barcos próximos e bateram com os nós dos dedos na madeira.

GOLDING

*Acampamento Resgate
17 de agosto de 1848*

Robert Golding, de 22 anos, entrou correndo no Acampamento Resgate pouco depois do pôr do sol de quinta-feira, 17 de agosto, tremendo e quase excitado demais para falar. O imediato Robert Thomas o interceptou do lado de fora da barraca de Crozier.

– Golding, achei que estava com o grupo do sr. Des Voeux no gelo.

– Sim, senhor. Eu estou, sr. Thomas. Eu *estava*.

– Des Voeux já voltou?

– Não, sr. Thomas. O sr. Des Voeux me mandou de volta com uma mensagem para o capitão.

– Pode me contar.

– Sim, senhor. Quero dizer, não senhor. O sr. Des Voeux disse que eu deveria me reportar apenas ao capitão. Apenas ao capitão, lamento, senhor. Obrigado, senhor.

– Que inferno é esse tumulto aqui? – perguntou Crozier, engatinhando para fora da barraca.

Golding repetiu suas instruções recebidas do segundo imediato de se reportar apenas ao capitão, se desculpou, gaguejou e foi levado para fora do anel de barracas por Crozier.

– Agora me conte o que está acontecendo, Golding. Por que não está com o sr. Des Voeux? Aconteceu algo a ele e ao grupo de reconhecimento?

– Sim, senhor. Quero dizer... não, capitão. Quero dizer, algo aconteceu, senhor, lá no gelo. Eu não estava lá quando aconteceu; fui deixado para trás para caçar focas, senhor, Francis Pockock, Josephus Greater e eu, enquanto o sr. Des Voeux avançava mais ao sul com Robert Johns, Bill Mark, Tom Tadman e os outros ontem, mas esta noite eles retornaram, apenas o sr. Des Voeux e dois outros, quero dizer, mais ou menos uma hora depois de termos ouvido as escopetas.

– Calma, rapaz – disse Crozier, colocando as mãos com firmeza nos ombros trêmulos do garoto. – Me conte qual foi a mensagem do sr. Des Voeux, palavra a palavra. E depois me conte o que você viu.

– Estão os dois mortos capitão. Os dois. Eu vi uma, o sr. Des Voeux levou o corpo dela em um cobertor, senhor, estava todo rasgado, mas ainda não vi o outro.

– *Quem* são os mortos, Goldner? – cortou Crozier, embora o “dela” já tivesse contado uma parte da verdade.

– Lady Silêncio e a coisa, capitão. A vagabunda esquimó e a coisa do gelo. Eu vi o corpo dela. Ainda não vi o dele. O sr. Des Voeux diz que está perto de um pólipó mais ou menos um quilômetro e meio além de onde estávamos atirando nas focas, e eu devo levar o senhor e o médico para ver, senhor.

– Pólipó? – perguntou Crozier. – Quer dizer *polynya*? Um dos pequenos lagos de água aberta no gelo?

– Sim, capitão. Eu ainda não vi aquilo, mas é onde a carcaça da coisa está, segundo o sr. Des Voeux e Gordo Wilson, que estava com ele e carregando e puxando o cobertor como se fosse um trenó, senhor. Silêncio, ela estava no cobertor, sabe, toda rasgada e morta. O sr. Des Voeux diz para levar o senhor e o doutor, e mais ninguém, e para eu não contar a mais ninguém ou ele mandará o sr. Johnson me chicotear quando voltar.

– Por que o médico? – perguntou Crozier. – Alguém do nosso pessoal está ferido?

– Acho que sim, capitão. Não estou certo. Eles ainda estão lá no... buraco no gelo, senhor. Pockock e Greater voltaram para o sul com o sr. Des Voeux e Gordo Wilson como o sr. D. V. mandou, mas me mandou para cá e disse para levar apenas o senhor e o doutor, e ninguém mais. E também para não contar

a mais ninguém. Ainda não. Ah... e para o cirurgião levar seu conjunto de facas e tudo o mais, e talvez facas maiores para cortar a carcaça da coisa. Ouviu os tiros de escopeta esta noite, capitão? Pocock e Greater e eu ouvimos, e estávamos a pelo menos um quilômetro e meio do pólipó.

– Não. Não notaríamos explosões de escopeta a três quilômetros com os malditos estalos e rupturas constantes do gelo aqui – disse Crozier. – Pense bem, Golding. Por que exatamente o sr. Des Voeux disse que apenas o sr. Goodsir e eu devíamos ir ver... o que quer que seja?

– Ele disse que está bastante certo de que a coisa está morta, mas o sr. Des Voeux disse que não é o que achávamos que fosse, capitão. Ele disse que é... esqueci as palavras que ele usou. Mas o sr. Des Voeux diz que isso muda tudo, senhor. Ele quer que o senhor e o doutor vejam e saibam o que aconteceu lá antes que alguém no acampamento fique sabendo.

– O que aconteceu lá? – pressionou Crozier.

Golding balançou a cabeça.

– Não sei, capitão. Pocock, Greater e eu estávamos caçando focas, senhor... Acertamos uma, capitão, mas ela escorregou pelo buraco no gelo e não conseguimos pegar. Desculpe, capitão. Depois ouvimos as escopetas ao sul. E um pouco depois, talvez uma hora, o sr. Des Voeux aparece com George Cann, que estava sangrando no rosto, e Gordo Wilson, e Wilson estava puxando o corpo de Silêncio no cobertor que arrastava, e ela estava em pedaços, só... Devemos voltar logo, capitão. Enquanto há lua.

De fato, era uma rara noite clara após um raro pôr do sol vermelho e claro – Crozier estava tirando seu sextante da caixa para medir uma estrela quando ouviu o tumulto – e uma enorme lua cheia azul-esbranquiçada acabara de se erguer acima dos icebergs e das pilhas de gelo a sudeste.

– Por que esta noite? – perguntou Crozier. – Por que isso não pode esperar até amanhã?

– O sr. Des Voeux disse que não pode, capitão. Ele mandou transmitir ao senhor seus cumprimentos e pedir a gentileza de pegar o dr. Goodsir e percorrer uns três quilômetros; não é mais de duas horas de caminhada, senhor, mesmo com as paredes de gelo, para ver o que está lá perto da poliana.

– Tudo bem – disse Crozier. – Vá dizer ao dr. Goodsir que eu o chamo, e para ele levar o equipamento médico e colocar roupas quentes. Encontrarei vocês dois junto aos barcos.



Golding conduziu os quatro homens para o gelo – Crozier ignorara a mensagem de Des Voeux para ir apenas com o cirurgião, e ordenara que o contramestre John Lane e o capitão do porão William Goddard fossem juntos, com as escopetas – e depois para a confusão de icebergs e penedos de gelo, depois superando três cristas de pressão altas, e finalmente por florestas de seracos onde o caminho anterior de Golding de volta ao acampamento estava marcado não apenas pelas pegadas de suas botas na neve soprada, mas também pelas varas de bambu que haviam levado do *Terror*. O grupo de Des Voeux levava as varas dois dias antes para marcar o caminho de volta e mostrar o melhor trajeto pelo gelo caso encontrassem mar aberto e quisessem que os outros os seguissem com os barcos. O luar era tão claro que produzia sombras. Mesmo as estreitas varas de bambu eram como relógios de lua lançando traços de sombra sobre o gelo branco-azulado.

Na primeira hora, houve apenas o som da respiração pesada, as botas esmagando neve e gelo, e os estalos e rugidos ao redor deles. Então Crozier disse:

– Tem certeza de que ela está morta, Golding?

– Quem, senhor?

A exalação de frustração do capitão se tornou uma pequena nuvem de cristais de gelo cintilando ao luar.

– Quantas “elas” há aqui, maldição? Lady Silêncio.

– Ah, sim, senhor – disse o garoto com um risinho. – Certamente está morta. Os peitos foram arrancados.

O capitão olhou furioso para o garoto enquanto subiam outra crista de pressão baixa e chegavam à sombra de um alto iceberg de brilho azul.

– Mas tem certeza de que é Silêncio? Não poderia ser outra mulher nativa?

Golding pareceu perturbado com a pergunta.

– Há mais mulheres esquimós por aqui, capitão?

Crozier balançou a cabeça e fez um gesto para que o garoto seguisse em frente.

Eles chegaram à “poliana”, como Golding continuava a chamar, cerca de uma hora e meia após deixar o Acampamento.

– Achei que tinha dito que era mais longe – disse Crozier.

– Eu nunca fui tão longe antes – disse Golding. – Estava lá atrás caçando focas quando o sr. Des Voeux encontrou a coisa – disse, apontando vagamente para trás e à esquerda de onde estavam junto à abertura no gelo.

– Disse que alguns dos nossos estavam feridos? – perguntou o dr. Goodsir.

– Sim, senhor. Gordo Alex Wilson tinha sangue no rosto.

– Achei que tinha dito que era George Cann quem tinha o rosto ensanguentado – disse Crozier.

Golding sacudiu a cabeça enfaticamente.

– Ahn-ahn, capitão. Era Gordo Alex quem estava ensanguentado.

– Era sangue dele mesmo ou de mais alguém ou alguma coisa? – perguntou Goodsir.

– Não sei – respondeu Golding, a voz soando quase aborrecida. – O sr. Des Voeux só me disse para que o senhor trouxesse suas coisas de cirurgião. Imaginei que alguém tinha de estar ferido se o sr. Des Voeux precisa que o conserte.

– Bem, não há ninguém aqui – disse o contramestre John Lane, caminhando cautelosamente pela beirada de gelo da *polynya*, que não tinha mais de sete metros e meio de diâmetro, e olhando primeiramente para a água negra dois metros e meio mais baixa que o gelo, depois novamente para a floresta de seracos de todos os lados. – Onde eles estão? O sr. Des Voeux tinha com ele oito homens além de você quando partiu, Golding.

– Não sei, sr. Lane. Foi para cá que ele mandou trazê-los.

O capitão do porão Goddard colocou as mãos ao redor da boca e gritou:

– Alôôôô? Sr. Des Voeux? Alôôô?

Então veio um grito de resposta da direita. A voz era indistinta, abafada, mas soava excitada.

Chamando Golding para trás, Crozier abriu caminho pela floresta de seracos de gelo de três metros e meio de altura. O vento através das torres esculpidas fazia um som gemido e cantarolado, e todos sabiam que as beiradas dos seracos eram afiadas como lâminas de faca e mais fortes que a maioria das facas.

À frente dele ao luar, no centro de uma pequena clareira plana de gelo entre os seracos, estava a forma escura de um homem sozinho.

– Se for Des Voeux ele perdeu oito homens – sussurrou Lane ao capitão.

Crozier anuiu.

– John, William, vocês avancem, lentamente, mantenham as escopetas prontas e engatilhadas. Dr. Goodsir, faça a gentileza de ficar para trás comigo. Golding, você espera aqui.

– Sim, senhor – sussurrou William Goddard.

Ele e John Lane arrancaram as luvas externas com os dentes para poder usar os dedos enluvados, ergueram as armas, puxaram um dos pesados percussores de suas armas de cano duplo e avançaram cautelosamente na direção da clareira enluarada além do limite da floresta de seracos.

Uma enorme sombra saiu de detrás do último seraco e bateu os crânios de Lane e Goddard um contra o outro. Os dois homens caíram como gado sob a marreta de um abatedouro.

Outra figura obscurecida acertou Crozier na nuca, prendeu seus braços às costas quando tentou se levantar e levou uma faca ao seu pescoço.

Robert Golding agarrou Goodsir e colocou uma lâmina comprida sobre a garganta.

– Não se mova, doutor, ou farei minha própria cirurgia no senhor – sussurrou o garoto.

A sombra enorme ergueu Goddard e Lane pelos colarinhos dos sobretudos e os arrastou para a clareira no gelo. As pontas das botas deixaram sulcos na neve. Um terceiro homem saiu de trás dos seracos, pegou as escopetas de Goddard e Lane, deu uma a Golding e ficou com a outra.

– Vão para lá – disse Richard Aylmore, apontando com os canos da escopeta.

Com uma faca ainda segurada sobre sua garganta pela figura escura que Crozier agora reconhecia pelo cheiro como o preguiçoso George Thompson, o capitão se levantou e meio tropeçou, meio foi empurrado para fora das sombras dos seracos na direção do homem que esperava ao luar.



Magnus Manson largou os corpos de Lane e Goddard diante de seu mestre, Cornelius Hickey.

– Eles estão vivos? – perguntou Crozier em voz rouca. Os braços do capitão ainda eram presos atrás por Thompson, mas agora que os canos de duas escopetas haviam sido apontados para ele, a lâmina não estava mais em sua garganta.

Hickey se inclinou como se fosse examinar os homens e, com dois movimentos fáceis e suaves, cortou suas gargantas com uma faca que de repente aparecera em sua mão.

– Não, agora eles não estão vivos, sr. Arrogante Crozier – disse o ajudante de calafate.

O sangue escorrendo para o gelo parecia preto ao luar.

– Foi essa a técnica que usou para assassinar John Irving? – perguntou Crozier, a voz trêmula de fúria.

– Vá se foder – disse Hickey.

Crozier olhou furioso para Robert Golding.

– Espero que tenha recebido suas trinta peças de prata.

Golding deu um risinho.

– George – disse o ajudante de calafate a Thompson, de pé atrás do capitão.

– Crozier leva uma pistola no bolso direito do sobretudo. Tire-a. Dickie, você traz a pistola para mim. Se Crozier se mover, mate-o.

Thompson retirou a pistola enquanto Aylmore mantinha apontada a escopeta roubada. Depois Aylmore se adiantou, pegou a pistola e a caixa de cartuchos que Thompson encontrara e recuou, escopeta erguida novamente. Cruzou o pequeno espaço iluminado pela lua e deu a pistola a Hickey.

– Toda esta infelicidade natural – disse de repente o dr. Goodsir. – Por que vocês precisam aumentá-la? Por que nossa espécie sempre precisa pegar toda a infelicidade, o terror e a mortalidade dados por Deus e torná-los pior? Pode me responder isso, sr. Hickey?

O ajudante de calafate, Manson, Aylmore, Thompson e Golding olharam para o cirurgião como se tivesse começado a falar aramaico.

Assim como o único outro homem vivo ali, Francis Crozier.

– O que você quer, Hickey? – perguntou Crozier. – Além de mais homens bons mortos como carne para sua viagem?

– Quero que você cale a porra da boca e depois morra lenta e duramente – disse Hickey.

Robert Golding deu um riso de garoto louco. Os canos da escopeta que ele segurava fizeram uma tatuagem no pescoço de Goodsir.

– Sr. Hickey, o senhor se dá conta, não é mesmo, de que nunca servirei aos seus propósitos dissecando meus companheiros?

Hickey exibiu seus pequenos dentes ao luar.

– O senhor irá, cirurgião. Garanto que irá. Ou nos verá cortar *seus pedaços* um de cada vez e então darmos a você.

Goodsir não disse nada.

– Tom Johnson e os outros irão encontrar vocês – disse Crozier, nunca desviando os olhos do rosto de Cornelius Hickey.

O ajudante de calafate riu.

– Johnson já nos achou, Crozier. Ou melhor, nós o encontramos.

O ajudante de calafate esticou a mão atrás e pegou da neve uma bolsa de juta.

– Como sempre chamou Johnson particularmente, rei Crozier? Seu braço direito? Aqui.

Ele jogou pelo ar um braço direito nu e ensanguentado, cortado logo acima do cotovelo, osso branco reluzindo, e o viu pousar aos pés de Crozier.

Crozier não olhou para ele.

– Seu patético resto de cuspe. Você é, e sempre foi, nada.

O rosto de Hickey se contorceu como se o luar o estivesse transformando em algo não humano. Seus lábios finos se afastaram dos dentes pequenos de

um modo que os outros só tinham visto em vítimas de escorbuto em suas últimas horas. Seus olhos revelavam algo além da loucura, bem além do mero ódio.

– Magnus, estrangule o capitão – disse Hickey. – Lentamente.

– Sim, Cornelius – disse Magnus Manson, e se arrastou para frente.

Goodsir tentou correr para frente, mas o garoto, Golding, o segurou rapidamente com uma das mãos, enquanto apontava a escopeta para sua cabeça com a outra.

Crozier não moveu um músculo enquanto o gigante caminhava desajeitadamente na sua direção. Quando a sombra de Manson se lançou sobre o capitão e George Thompson que o segurava, Thompson se encolheu um pouco, Crozier se largou para trás, se lançou à frente, soltou o braço esquerdo e enfiou a mão no bolso esquerdo do sobretudo.

Golding quase puxou o gatilho da escopeta, dessa forma explodindo a cabeça de Goodsir por acidente, tão assustado ficou quando o bolso do casaco do capitão explodiu em chamas e a explosão abafada dupla passou por eles e ecoou dos seracos.

– Ui – disse Magnus Manson, levando as mãos à barriga lentamente.

– Maldição – disse Crozier calmamente. Ele inadvertidamente disparara os dois canos de uma pistola de dois tiros.

– Magnus! – gritou Hickey, correndo na direção do gigante.

– Acho que o capitão atirou em mim, Cornelius – disse Manson. O grande homem soava confuso e um pouco distante.

– Goodsir – gritou Crozier em meio à confusão. O capitão girou, deu uma joelhada nos bagos de Thompson e se soltou. – Corra!

O cirurgião tentou. Ele puxou, empurrou e quase se libertou antes que Golding, mais jovem, o derrubasse, jogasse de barriga para baixo e colocasse toda a pressão do joelho nas costas de Goodsir e toda a força dos dois canos da escopeta na sua nuca.

Crozier estava correndo para os seracos.

Hickey calmamente tomou uma escopeta de Richard Aylmore, apontou e disparou os dois canos.

O alto do seraco se partiu e caiu ao mesmo tempo em que Crozier era lançado para frente, escorregando no gelo e em uma camada de seu próprio sangue.

Hickey devolveu a escopeta e desabotoou os casacos e coletes de Manson, rasgando as camisas e a camiseta imunda do grande homem.

– Traga a porra do cirurgião para cá – gritou para Golding.

– Não dói muito, Cornelius – rosnou Magnus Manson. – É mais como cócegas.

Golding empurrou, cutucou e arrastou Goodsir. O cirurgião colocou os óculos e inspecionou os ferimentos gêmeos.

– Não estou certo, mas não acredito que as balas de pequeno calibre tenham penetrado na gordura subcutânea do sr. Manson, muito menos na camada de músculo. É pouco mais que duas pequenas perfurações, temo. Agora posso ir cuidar do capitão Crozier, sr. Hickey?

Hickey riu.

– Cornelius! – gritou Aylmore.

Crozier, deixando uma trilha de sangue e roupas rasgadas, se colocara de joelhos e começara a engatinhar na direção dos seracos e das sombras de seracos. Levantou dolorosamente. Cambaleou ebriamente na direção das colunas de gelo.

Golding riu e ergueu a escopeta.

– Não! – gritou Hickey. Ele tirou do bolso do casaco a grande pistola de espoleta de Crozier e apontou com cuidado.

A seis metros dos seracos, Crozier olhou para trás por sobre o ombro esfarrapado.

Hickey disparou.

A bala fez Crozier girar e o jogou de joelhos. Seu corpo ficou flácido, mas ele enfiou uma das mãos no gelo em uma tentativa de se levantar.

Hickey avançou cinco passos e disparou novamente.

Crozier foi jogado para trás e caiu de costas com apenas os joelhos no ar.

Hickey deu mais dois passos, apontou e disparou novamente. Uma das pernas de Crozier foi jogada de lado e para baixo quando a bala atravessou o joelho ou o músculo logo abaixo do joelho. O capitão não emitiu um som.

– Cornelius, querido – disse Magnus Manson com o tom de voz de uma criança ferida. – Meu estômago está começando a doer.

Hickey se virou.

– Goodsir, dê a ele algo para a dor.

O cirurgião anuiu. Sua voz, quando falou, era muito fina, muito seca e muito fria.

– Trouxe uma garrafa inteira de Pó de Dover; basicamente feito de um derivado da planta da coca, algumas vezes chamada de cocaína. Darei isso a ele. Tudo caso queira. Com um gole de mandrágora, láudano e morfina. Isso acabará com a dor.

Ele enfiou a mão na maleta médica.

Hickey ergueu a pistola e apontou para o olho esquerdo do cirurgião.

– Se você até mesmo deixar Magnus doente do estômago, e quanto mais se a porra da sua mão sair dessa bolsa com um bisturi ou outra lâmina, eu juro pela porra do Cristo que atiro em suas bolas e o mantenho vivo o suficiente para obrigá-lo a comê-las. Você entende, cirurgião?

– Entendo – disse Goodsir. – Mas é o juramento de Hipócrates que determina meus próximos atos.

Ele tirou uma garrafa e uma colher e serviu um pouco de morfina líquida.

– Tome isso – disse ao gigante.

– Obrigado, doutor – disse Magnus Manson. Ele sugou ruidosamente.

– Cornelius! – gritou Thompson, apontando.

Crozier sumira. Rastros de sangue levavam aos seracos.

– Ah, que foda – disse o ajudante de calafate com um suspiro. – Esse merda dá mais problema do que vale. Dickie, você recarregou? – perguntou Hickey, enquanto recarregava a pistola.

– Sim – disse Aylmore, erguendo a escopeta.

– Thompson, pegue a escopeta extra que eu trouxe e fique aqui com Magnus e o cirurgião. Se o bom doutor fizer alguma coisa de que você não goste, até mesmo peidar, exploda as partes íntimas dele.

Thompson anuiu. Golding riu. Hickey com a pistola, e Golding e Aylmore com as escopetas, avançaram lentamente sobre o gelo iluminado pela lua e depois cuidadosamente, em fila, para a floresta de seracos e sombras.

– Pode ser difícil encontrá-lo aqui – sussurrou Aylmore enquanto chegavam às listras de luar e escuridão.

– Acho que não – disse Hickey, e apontou para a grande mancha de sangue que seguia diretamente em frente entre as colunas de gelo como um código telegráfico de pontos e traços entre as sombras.

– Ele ainda tem uma pistolinha – sussurrou Aylmore, movendo-se cautelosamente de seraco em seraco.

– Foda-se ele e foda-se a pistola – disse Hickey, avançando a passos largos, as botas escorregando ligeiramente em sangue e gelo.

Golding deu um risinho alto.

– Foda-se ele e foda-se a pistolinha – disse com uma voz cantada, rindo novamente.

A trilha de sangue terminava em 12 metros, na *polynya* negra. Hickey correu e olhou para onde as manchas horizontais se tornavam manchas verticais na lateral do bloco de gelo de dois metros e meio. Algo entrara na água ali.

– *Maldito* ele e *maldito* poço da porra – gritou Hickey, andando de um lado para outro. – Eu queria colocar a última bala na porra da cara arrogante do rei enquanto ele olhava, *maldito* seja. Ele me roubou.

– Olhe, sr. Hickey, senhor – disse Golding, rindo. Apontou para o que podia ser um corpo flutuando de barriga para baixo na água escura.

– É só a porra do casaco – disse Aylmore, que saíra cautelosamente das sombras com a escopeta erguida.

– Só a porra do casaco – repetiu Robert Golding.

– Então ele está morto lá embaixo – disse Aylmore. – Podemos sair daqui antes que Des Voeux ou alguém apareça atraído por todos os tiros? São dois dias até voltar para os outros, e ainda temos os corpos para cortar antes de partir.

– Ninguém vai a lugar algum ainda – disse o ajudante de calafate. – Crozier ainda pode estar vivo.

– Cheio de balas daquele jeito e sem casaco? – retrucou Aylmore. – E olhe o sobretudo, Cornelius. A escopeta o fez em pedaços.

– Ele ainda pode estar vivo. Vamos garantir que não esteja. E talvez o corpo flutue até a superfície.

– O que você vai fazer? – perguntou Aylmore. – Atirar no corpo morto dele?

Hickey se virou para o homem e olhou frio, fazendo o muito mais alto Aylmore recuar.

– Sim – disse Cornelius Hickey. – É exatamente isso o que eu vou fazer.

Ele então rosnou para Golding.

– Vá buscar Thompson, Magnus e o cirurgião. Vamos amarrar o doutor apertado em um dos seracos enquanto Aylmore, Thompson e eu procuramos e você cuida de Magnus e corta Lane e Goddard em pedaços pequenos o bastante para arrastar.

– Eu cortar? – gritou Golding. – Você me disse que por isso estávamos pegando Goodsir, Cornelius. Ele deveria cortar tudo, não eu.

– Goodsir vai trinchar no futuro, Bobby – disse Hickey. – Esta noite você tem de fazer. Ainda não podemos confiar no dr. Goodsir... Não antes de o levarmos até nosso pessoal e estarmos a quilômetros daqui. Seja um bom menino, vá pegar o doutor e o amarre a um seraco com força, use seus melhores nós, e diga a Magnus para trazer as carcaças para cá onde você possa cortá-las. Pegue lâminas na maleta de Goodsir e as grandes facas e a serra de carpinteiro que eu trouxe e estão na sacola.

– Ah, tudo bem – disse Golding. – Mas eu preferiria procurar – disse, e voltou se arrastando para o campo de seracos.

– O capitão deve ter deixado metade do sangue entre onde você o acertou e aqui, Cornelius – disse Aylmore. – Se ele não entrou na água, não pode se esconder em nenhum lugar aqui sem deixar uma trilha.

– Isso é preciso, Dickie, meu caro – disse Hickey com um sorriso estranho. – Se ele não está na água, pode engatinhar, mas não pode parar de perder sangue com ferimentos como aqueles. Vamos procurar até termos certeza de que não está sob a água nem enrolado em algum lugar aqui nos seracos para onde engatinhou, se escondeu e sangrou até a morte. Você começa do lado sul da *polynya*, eu olho ao norte. Vamos no sentido horário. Se vir algum sinal, mesmo uma gota de sangue, mesmo um raspado na neve, grite e pare. Eu me

junto a você. E tome cuidado. Não queremos que o maldito moribundo salte das sombras e agarre uma de nossas armas agora, queremos?

Aylmore pareceu surpreso e alarmado.

– Realmente acha que ele poderia ser forte o suficiente para fazer isso? Com três balas e todo aquele chumbo de escopeta nele, quero dizer? Sem o casaco, de qualquer forma morreria congelado em alguns minutos. Está ficando muito mais frio e o vento mais forte. Realmente acha que está esperando por nós, Cornelius?

Hickey sorriu e anuiu para a piscina negra.

– Não, eu acho que está morto, afogado e lá embaixo. Mas vamos ter certeza, cacete. Não vamos sair daqui até estarmos certos disso, mesmo que tenhamos de procurar até o maldito sol nascer.



No final das contas, eles procuraram por três horas sob a luz da lua ascendente e depois descendente. Não havia absolutamente nenhum sinal perto da *polynya*, entre os seracos, nem nos campos de gelo abertos além dos seracos em todas as direções, nem nas altas cristas de pressão ao norte, ao sul e a leste: nenhuma trilha de sangue, nada de pegadas, marcas de arrasto.

Robert Golding demorou as três horas inteiras para dividir John Lane e William Golding em pedaços do tamanho que Hickey pedira, e mesmo assim o garoto fez uma confusão medonha. Costelas, cabeças, mãos, pés e pedaços de coluna vertebral estavam jogados ao redor dele de todos os lados como se tivesse havido uma explosão em um abatedouro. E o próprio jovem Golding estava tão coberto de sangue que parecia um ator maquiado de preto em um espetáculo quando Hickey e os outros voltaram. Aylmore, Thompson e até mesmo Magnus Manson ficaram chocados com a aparência do jovem aprendiz, mas Hickey riu muito e com força.

Os sacos de cânhamo e juta foram enchidos de carne enrolada nos encerados que haviam levado. Ainda assim os sacos vazavam.

Eles desamarraram Goodsir, que tremia de frio e choque.

– Hora de partir, cirurgião – disse Hickey. – O resto do pessoal está esperando a 16 quilômetros no gelo a oeste daqui para lhe dar as boas-vindas em casa.

Goodsir disse:

– O sr. Des Voeux e os outros irão atrás de vocês.

– Não – disse Cornelius Hickey, a voz demonstrando sua certeza absoluta.
– Não irão. Não sabendo que agora temos pelo menos três escopetas e uma pistola. E isso se eles descobrirem que estivemos aqui, o que acho que não irá acontecer.

Depois disse a Golding:

– Dê a nosso novo companheiro um saco de carne para carregar, Bobby.

Quando Goodsir se recusou a aceitar o grande saco de Golding, Magnus Manson o derrubou, quase quebrando as costelas do cirurgião. Na quarta tentativa de dar a ele o saco pingando, após dois tapas mais sérios, o cirurgião o pegou.

– Vamos – disse Hickey. – Acabamos aqui.

DES VOEUX

*Acampamento Resgate
19 de agosto de 1848*

O primeiro imediato Des Voeux não conseguiu conter um sorriso quando ele e seus oito homens retornaram ao Acampamento Resgate na manhã de sábado, 19 de agosto. Para variar, só tinha boas notícias a dar ao capitão e aos homens.

A banquisa se partia em icebergs e canais navegáveis a apenas seis quilômetros e meio, e Des Voeux e seus homens haviam passado mais um dia seguindo os canais rumo sul até o estreito se tornar mar aberto até a península Adelaide e quase certamente a enseada para o rio de Back mais a leste contornando a península. Des Voeux *vira* as colinas baixas da península Adelaide a menos de 19 quilômetros de mar aberto desde um iceberg que escalara no ponto mais ao sul da banquisa. Eles não podiam ir mais longe sem um barco, o que fizera o primeiro imediato Des Voeux dar um largo sorriso então e o fazia sorrir de novo naquele momento.

Todos poderiam deixar o Acampamento Resgate. Todos ali agora tinham uma esperança de sobrevivência.

Notícia quase melhor para dar em casa era o fato de que haviam passado dois dias atirando em focas nos icebergs no limite do mar agora aberto no estreito. Por dois dias e noites, Des Voeux e seus homens haviam se fartado de carne e banha de foca, seus corpos ansiando de tal forma pela gordura que embora a comida rica os deixasse enjoados – após semanas comendo apenas biscoitos de marinheiro e fatias de porco salgado velho – vomitar apenas os

deixava com mais fome, e eles riam e começavam a se banquetear quase imediatamente.

Cada um de seus oito homens estava arrastando atrás de si uma carcaça de foca enquanto seguiam as varas de bambu pelo último quilômetro e meio de gelo litorâneo até o acampamento. Os 46 homens do Acampamento Resgate comeriam bem naquela noite, assim como fariam novamente os oito exploradores triunfantes.

No geral, pensou Des Voeux enquanto subiam a praia depois dos barcos, gritando alô e hurras para chamar a atenção do acampamento, a não ser pelo jovem e insignificante Goldman ter voltado sozinho no primeiro dia por causa de dor de barriga, havia sido uma expedição quase perfeita. Pela primeira vez em meses – em *anos* – o capitão Crozier e os outros teriam notícias a festejar.

Todos estavam indo para casa. Se partissem naquele mesmo dia, os mais saudáveis entre eles arrastando os doentes nos barcos apenas os seis quilômetros e meio de trilha sinuosa sobre cristas de pressão que Des Voeux mapeara cuidadosamente, estariam flutuando em três ou quatro dias, chegando à embocadura do rio Great Fish de Back em uma semana. E era provável que os canais tivessem chegado ainda mais perto do litoral agora!

Criaturas imundas, esfarrapadas e curvadas saíram de suas barracas e deixaram de lado suas tarefas aleatórias no acampamento para fitar o grupo de Des Voeux.

Os gritos alegres dos homens de Des Voeux – Gordo Alex Wilson, Francis Pocock, Josephus Greater, George Cann, Robert Johns, Thomas Tadman, Thomas McConvey e William Mark – morreram assim que viram os rostos soturnos, imóveis e de olhos assombrados dos homens que os fitavam. Os homens do acampamento podiam ver as focas sendo arrastadas, mas pareciam não reagir.

Os imediatos Couch e Thomas saíram de suas barracas e desceram à praia, se colocando na frente da linha de espectros do Acampamento Resgate.

– Alguém morreu? – perguntou Charles Frederick Des Voeux.



O segundo imediato Edward Couch, o primeiro imediato Robert Thomas, o primeiro imediato Charles Des Voeux, o capitão do porão do *Erebus* Joseph Andrews e o capitão da gávea maior do *Terror* Thomas Farr estavam apertados na barraca exagerada que fora usada como hospital do dr. Goodsir. Des Voeux ficara sabendo que os amputados haviam morrido nos quatro dias que passara fora ou sido transferidos para barracas menores divididas com outros homens doentes.

Aqueles cinco naquela barraca naquela manhã eram os últimos oficiais vivos com alguma autoridade de comando – ou pelo menos no Acampamento Resgate e bem o bastante para andar – em toda a Expedição John Franklin. Tinham exatamente fumo suficiente para quatro dos cinco – Farr não fumava – manter os cachimbos acesos. O interior da barraca estava tomado por fumaça azul.

– Têm certeza de que não foi a coisa do gelo que cometeu a carnificina que encontraram lá? – perguntou Des Voeux.

Couch balançou a cabeça.

– Inicialmente pensamos que poderia ser o caso; de fato foi nossa suposição, mas os ossos, cabeças e outros pedaços de carne que encontramos... – disse, se interrompendo e mordendo com força a haste do cachimbo.

– Tinham marcas de facas – concluiu Robert Thomas. – Lane e Goddard foram trucidados por um ser humano.

– Não um ser humano – disse Thomas Farr. – Mas uma coisa vil em forma de homem.

– Hickey – disse Des Voeux.

Os outros anuíram.

– Temos de ir atrás dele e dos assassinos com ele – disse Des Voeux.

Ninguém falou por um instante. Então Robert Thomas perguntou:

– Por quê?

– Para levá-los à justiça.

Quatro dos cinco homens se entreolharam.

– Eles agora têm três escopetas – disse Couch. – E quase certamente a pistola de espoleta do capitão.

– Nós temos mais homens... armas... pólvora, balas, cartuchos – disse Des Voeux.

– Sim – disse Thomas Farr. – E quantos deles iriam morrer em uma batalha contra Hickey e seus 15 canibais? Thomas Johnson nunca voltou, você sabe. Seu trabalho era apenas *rastrear* o bando de Hickey, ter a certeza de que estavam partindo como disseram.

– Não posso acreditar nisso – disse Des Voeux, retirando o cachimbo e dando golpes no forninho. – E quanto ao capitão Crozier e o dr. Goodsir? Vocês vão simplesmente abandoná-los? Deixá-los aos caprichos de Cornelius Hickey?

– O capitão não está vivo – disse o capitão do porão Andrews. – Hickey não teria motivo para manter Crozier vivo... a não ser para torturá-lo e atormentá-lo.

– Mais uma razão para enviar um grupo de resgate atrás deles – insistiu Des Voeux.

Os outros não responderam por um momento. A fumaça azul rodopiava entre eles. Thomas Farr desamarrou a porta da barraca e abriu mais para deixar algum ar entrar e a fumaça sair.

– Já se passaram quase dois dias desde que aconteceu o que quer que tenha acontecido no gelo – disse Edward Couch. – Levaria mais vários dias até que qualquer grupo que mandássemos pudesse encontrar e combater o grupo de Hickey, mesmo que conseguisse encontrá-lo. Tudo o que o diabo tem de fazer é viajar mais para o gelo ou o interior e nos enganar. O vento apaga rastros em horas... mesmo rastros de trenó. Realmente acha que Francis Crozier, se está vivo agora, algo de que duvido, estaria vivo ou em condições de ser resgatado em cinco dias ou uma semana?

Des Voeux mastigou o bocal do cachimbo.

– Então o dr. Goodsir. Precisamos do cirurgião. A lógica determina que Hickey o manteria vivo. Goodsir pode ser a razão pela qual Hickey e seus cúmplices voltaram.

Robert Thomas balançou a cabeça.

– Cornelius Hickey pode precisar do dr. Goodsir para seus próprios propósitos infernais, mas não precisamos mais.

– O que quer dizer?

– Quero dizer que a maior parte das poções e dos instrumentos de nosso bom cirurgião foi deixada para trás; ele levou apenas o conjunto médico portátil – disse Farr. – E Thomas Hartnell, que foi seu assistente, sabe quais poções administrar, o quanto e para o quê.

– E quanto a uma cirurgia de verdade? – perguntou Des Voeux.

Couch deu um sorriso triste.

– Camarada, você realmente acha que alguém que precise de uma cirurgia de verdade a esta altura de nossas viagens tem chance de sobreviver, como quer que seja?

Des Voeux não respondeu.

– E se Hickey e seus homens não estiverem indo a parte alguma? – perguntou Andrews. – E nunca planejaram fazer isso? Ele volta para matar o capitão, agarrar Goodsir, levar os pobres John Lane e Bill Goddard e os trincar como animais. Ele nos vê como gado. E se estiver apenas esperando depois da próxima elevação, esperando para atacar o acampamento todo?

– Você está transformando o ajudante de calafate em um bicho-papão – disse Des Voeux.

– Ele já fez isso a si mesmo – disse Andrews. – Mas não um bicho-papão, o diabo. O verdadeiro diabo. Ele e seu monstro amestrado Magnus Manson. Eles venderam suas almas, malditos sejam, e receberam algum poder negro por isso. Guardem minhas palavras.

– Você acharia que um único monstro de verdade seria suficiente para qualquer expedição ártica – disse Robert Thomas.

Ninguém riu.

– É *tudo* um monstro de verdade – disse Edward Couch finalmente. – E não é novidade para nossa raça.

– Então o que vocês todos estão sugerindo? – perguntou Des Voeux após outro momento de silêncio. – Que fuçamos do demônio de um metro e meio ajudante de calafate e simplesmente sigamos para o sul com os barcos amanhã?

– Eu estou dizendo para partir hoje – disse Joseph Andrews. – Assim que carregarmos os barcos com as poucas coisas que levaremos. Arrastar por toda a noite. Com sorte haverá lua suficiente para nos guiar quando ela nascer. Caso

contrário, podemos usar um pouco do combustível de lamparina que guardamos. Você mesmo disse, Charles, que as varas ainda estão marcando o caminho. Elas não estarão depois da primeira tempestade de verdade.

Couch balançou a cabeça.

– Os homens de Des Voeux estão cansados. Nosso pessoal está totalmente desmoralizado. Vamos fazer um banquete esta noite, comer todas essas oito focas que vocês trouxeram, Charles, e então partiremos amanhã de manhã. Todos teremos mais sensação de esperança após uma grande refeição, cozinha e luz usando óleo de foca e uma boa noite de sono.

– Mas com homens de sentinela esta noite – disse Andrews.

– Ah, sim – disse Couch. – Eu mesmo ficarei de vigia. Não estou mesmo com tanta fome.

– Há a questão do comando – disse Thomas Farr, olhando de um rosto para outro na luz fraca filtrada pela lona.

Vários dos homens suspiraram.

– Charles está no comando geral – disse o primeiro imediato Robert Thomas. – O próprio sir John o promoveu a primeiro imediato da capitânia quando Graham Gore foi morto, então ele é o oficial superior.

– Mas você era o primeiro imediato do *Terror*, Robert – disse Farr a Thomas. – Você tem precedência.

Thomas balançou a cabeça irredutivelmente.

– O *Erebus* era o navio de comando. Quando Gore estava vivo entendia-se que ele tinha o comando geral da expedição acima do meu. Charles ficou com o posto de Gore. Ele está no comando. Não ligo. O sr. Des Voeux é um líder melhor que eu, e vamos precisar de liderança.

– Não consigo acreditar que o capitão Crozier se foi – disse Andrews.

Quatro dos cinco homens fumaram com mais força. Ninguém falou. Eles podiam ouvir os homens do lado de fora falando sobre as focas, alguém rindo e – além disso – os estalos e os tiros de rifle do gelo quebrando.

– Tecnicamente – disse Thomas Farr – o tenente George Henry Hodgson está no comando da expedição agora.

– Ah, foda o tenente George Henry Hodgson no traseiro com um ferro em brasa – disse Joseph Andrews. – Se a pequena fuinha voltasse se arrastando

agora, eu o estrangularia com minhas próprias mãos e mijaria no cadáver.

– Duvido muito que o tenente Hodgson ainda esteja vivo – disse Des Voeux suavemente. – Então está decidido que agora estou no comando geral da expedição, com Robert como segundo em comando e Edward como terceiro?

– Sim – disseram os outros quatro homens na barraca.

– Então entendam que continuarei em conferência com os quatro quando tivermos de tomar decisões – disse Des Voeux. – Sempre quis ser capitão de meu próprio navio... mas não desta forma, cacete. Vou precisar de sua ajuda.

Todos anuíram por trás da tela de fumaça de cachimbo.

– Tenho uma pergunta antes de sairmos e mandarmos os homens começar a se preparar para o banquete hoje e a partida amanhã – disse Couch. Des Voeux, que estava de cabeça descoberta no calor da barraca, ergueu as sobrancelhas.

– E quanto aos doentes? Hartnell me diz que há seis que não podem andar, mesmo se suas vidas dependerem disso. Escorbuto muito avançado. Como Jopson, o camareiro do capitão, por exemplo. O sr. Helpman e nosso engenheiro, Thompson, estão mortos, mas Jopson continua vivo. Hartnell diz que ele não consegue sequer levantar a cabeça para beber, tem de ser ajudado, mas continua vivo. Nós o levamos conosco?

Des Voeux olhou para Couch e depois para os três outros rostos em busca de respostas silenciosas, mas eles não lhe deram nada.

– E se *levarmos* Jopson e os outros moribundos – continuou Couch –, os levaremos *como*?

Des Voeux não tinha de perguntar o que o segundo imediato queria dizer. *Nós os levamos como companheiros ou como comida?*

– Se os deixarmos aqui eles certo como o inferno serão comida caso Hickey volte como alguns de vocês acham que fará – ele disse.

Couch balançou a cabeça.

– Não é o que estou perguntando.

– Eu sei – disse Des Voeux. Ele respirou fundo, quase tossindo por causa da fumaça de cachimbo densa. Depois disse: – Certo. Eis minha primeira decisão como novo comandante da Expedição Franklin. Quando arrastarmos os

barcos para o gelo de manhã, qualquer homem que consiga andar até os barcos e entrar nos arreios, ou mesmo dentro de um dos barcos, vai conosco. Se ele morrer no caminho, então decidiremos se continuamos arrastando seu corpo. *Eu* decidirei. Mas amanhã de manhã, apenas aqueles que puderem andar até os barcos deixarão o Acampamento Resgate.

Nenhum homem falou, mas vários anuíram. Ninguém encarou o olhar de Des Voeux.

– Eu direi aos homens após comermos – disse Des Voeux. – Cada um de vocês escolha um homem de confiança para ficar de vigia esta noite. Edward montará o cronograma. Não permitam que esses homens comam até apagar. Precisaremos permanecer alertas, pelo menos alguns de nós, até estarmos em segurança em mar aberto.

Todos os quatro homens anuíram a isso.

– Certo, vão contar aos homens sobre o banquete – disse Des Voeux. – Encerramos aqui.

GOODSIR

20 de agosto de 1848

Do diário particular do dr. Harry D. S. Goodsir:

Sábado, 20 de agosto de 1848

O demônio, Hickey, parece ter toda a Sorte tão negada a sir John, ao comandante Fitzjames e ao capitão Crozier por tantos Meses e Anos.

Eles não sabem que eu Inadvertidamente colocara meu Diário em meu Conjunto Médico – ou melhor, eles provavelmente sabem, já que Vasculharam completamente meu conjunto há duas noites, após me fazer Cativo, mas não Ligam. Durmo em uma barraca Sozinho a não ser pelo tenente Hodgson, que agora é tão Cativo quanto eu, e ele não se Incomoda com minha escrita no escuro.

Parte de mim ainda não acredita na Chacina de meus camaradas – Lane, Goddard e Crozier –, e eu não Vi com meus próprios Olhos o Banquete de Carne Humana que metade do grupo de Hickey celebrou tarde da noite de Sexta-feira no retorno a este Acampamento de trenó no Gelo não distante de nosso antigo Acampamento do Rio, ainda não posso Acreditar em tal Barbárie.

Nem todos na Legião Infernal de Hickey já sucumbiram ao Apelo do Canibalismo. Hickey, Manson, Thompson e Aylmore são Participantes Entusiásticos, claro, assim como – se revelou – o marinheiro William Orren, o comissário William Gibson, o fogueiro Luke Smith Golding, o calafate James Brown e seu ajudante Dunn.

Mas outros se abstêm junto Comigo – Morfin, Best, Jerry, Work, Strickland, Seeley e, claro, Hodgson. Todos estamos subsistindo de Biscoitos de Marinheiro Mofados. Desses Colegas Abstêmios, suspeito de que apenas Strickland, Morfin e o tenente possam continuar a Resistir por muito mais. O Pessoal de Hickey capturou apenas uma Foca em sua viagem rumo oeste pelo litoral, mas isso foi suficiente para alimentar um Fogão com Óleo – e o cheiro de Carne Humana Tostada é Terrivelmente Atraente.

Hickey ainda não me fez mal. Nem mesmo nas Duas últimas Noites quando me recusei a partilhar a Refeição ou concordar em Cortar Outros Corpos quando chegar o momento. Por ora, as Partes do sr. Lane e do sr. Goddard aplacaram seu apetite e me Libertaram de ter de decidir entre me tornar um Chef para Canibais ou ser Aleijado e Trinchado eu mesmo.

Mas ninguém pode Tocar nas Escopetas além do sr. Hickey, sr. Aylmore ou sr. Thompson – esses Dois Últimos se tornaram tenentes do Novo Bonaparte que é nosso Diminuto ajudante de calafate – e Magnus Manson é sua própria arma que apenas Um Homem – se de fato ele ainda é um homem – pode Apontar e Disparar.

Mas quando falo da Sorte de Hickey não falo apenas da Sorte Negra que ele mesmo Produziu e deu a ele uma fonte de carne fresca. Eu me refiro à Revelação de hoje quando, a pouco mais de três quilômetros a noroeste e diante de nosso antigo Acampamento do Rio de onde o sr. Bridgens desapareceu, deparamos com Canais Abertos que se estendem para Oeste ao longo do Litoral.

A Equipe Depravada de Hickey descarregou, Preparou, carregou e Lançou a pinaça quase imediatamente, e estamos Velejando e Remando rapidamente para Oeste desde então.

Você Talvez se Pergunte Como 17 Homens podem caber em um Barco Aberto de oito metros e meio feito para levar confortavelmente de oito a uma Dúzia de homens.

A resposta é que nos apertamos uns aos outros Terrivelmente e – embora transportemos apenas Barracas, armas, cartuchos, barris de água, nós mesmos e nosso Terrível suprimento de Comida – estamos tão Pesadamente Carregados que o Mar se eleva quase até as Amuradas dos dois lados, especialmente quando a largura dos canais nos permite Deslizar ao vento sem o Uso dos Remos.

Ouvi Hickey e Aylmore sussurrando após termos desembarcado para montar as Barracas esta Noite – eles fizeram Pouco Esforço para baixar as Vozes.

Alguém terá de partir.

Há Mar Aberto à frente, o Caminho está Livre – talvez toda a distância de volta ao Acampamento Terror, ou mesmo ao próprio Terror – assim como o Profeta Cornelius Hickey insistira durante o confronto com Crozier na baía sem nome em julho, quando o motim só foi evitado pelo grito de Mar Aberto –, e pode muito bem Ocorrer de Hickey e aqueles que Permanecerem com Ele estarem de volta ao Acampamento Terror e ao navio em três dias Velejando Facilmente em vez de nos Três Meses e Meio de Arrasto Brutal que demoramos para percorrer a Mesma Distância na Direção Oposta.

Mas agora que eles não precisam de puxadores, quais Homens serão Sacrificados ao estoque de Comida para que o barco possa ser deixado mais Leve para a Navegação de amanhã?

Hickey, seu Gigante, Aylmore e os outros Líderes estão Caminhando pelo Acampamento enquanto escrevo, nos chamando peremptoriamente para Fora das Barracas, embora a Hora seja Adiantada e a noite Escura.

Caso eu esteja Vivo amanhã, escreverei mais.

JOPSON

*Acampamento Resgate
20 de agosto de 1848*

Eles o estavam tratando como um velho e o deixando para trás por acharem que era um velho, desgastado, mesmo moribundo, mas aquilo era ridículo. Thomas Jopson tinha apenas 31 anos de idade. Naquele dia, 20 de agosto, ele completava 31 anos. Era seu aniversário, e nenhum deles, a não ser o capitão Crozier, que parara de ir vê-lo em sua barraca de doente por alguma razão desconhecida, sequer sabia que era seu aniversário. Eles o estavam tratando como um velho porque quase todos os seus dentes haviam caído por causa do escorbuto e a maior parte do seu cabelo caíra por alguma razão que não compreendia e ele estava sangrando das gengivas, dos olhos, do couro cabeludo e do ânus, mas *ele não era um velho*. Ele fazia 31 anos de idade naquele dia, e eles o deixariam para trás para morrer em seu aniversário.

Jopson ouvira os festejos na tarde e na noite anteriores – impressões e lembranças de gritos e riso e cheiro de comida grelhando não estavam bem ligadas, já que ele entrara e saíra de uma consciência febril durante todo o dia anterior –, mas acordara no crepúsculo para descobrir que alguém levava um prato com um pedaço de pele de foca oleosa, tiras de banha branca pingando e uma tira de carne vermelha de foca quase crua cheirando a peixe. Jopson vomitara – nada saíra, já que não comia havia um dia ou mais – e empurrara o ofensivo prato de restos pela porta aberta da barraca.

Ele entendera que iriam deixá-lo quando tripulante após tripulante fora à sua barraca mais tarde, sem dizer nada, nem mesmo mostrando os rostos, cada

um jogando um ou dois biscoitos de marinheiro duros e esverdeados, empilhando-os ao seu lado como muitas pedras brancas nos preparativos para seu enterro. Ele estava então fraco demais para protestar – e preocupado demais com seus sonhos –, mas soubera que aqueles poucos bolos nojentos de farinha parcialmente assados e totalmente mofados seriam tudo o que ele iria receber por seus anos de serviço fiel à Marinha, ao Serviço de Descobertas e ao capitão Crozier.

Eles o estavam deixando para trás.

Naquele domingo, ele acordou com a cabeça mais clara que em alguns dias – talvez em semanas – apenas para ouvir os preparativos de seus companheiros deixando o Acampamento Resgate para sempre.

Houve alguns gritos junto aos barcos quando as duas baleeiras foram viradas e os dois cúteres aprontados em seus trenós e enquanto os quatro barcos eram carregados.

Como eles podiam me deixar para trás? Jopson tinha dificuldade em acreditar que pudessem ou fossem. Ele não ficara ao lado do capitão Crozier cem vezes durante as doenças do capitão, os pontos baixos emocionais e surtos explícitos de embriaguez? Ele, silenciosamente, sem queixas, como o bom camareiro que era, não tirara baldes de vômito da cabine do capitão no meio da noite e limpava o traseiro do bêbado irlandês quando se cagava em seus delírios febris?

Talvez por isso o bastardo esteja me deixando para morrer.

Jopson se obrigou a abrir os olhos e tentou rolar em seu saco de dormir encharcado. Foi muito difícil. A fraqueza irradiando do centro do corpo o consumia. Sua cabeça ameaçava explodir de dor toda vez que abria os olhos. A Terra se lançava contra ele tão ferozmente quanto qualquer navio em que tivesse contornado o Horn em mar violento. Seus ossos doíam.

Esperem por mim!, ele gritou. Achou ter gritado, mas fora apenas um pensamento silencioso. Teria de fazer melhor que isso... alcançá-los antes que lançassem os barcos no gelo... mostrar a eles que podia arrastar com o melhor deles. Poderia até enganá-los sendo capaz de engolir um pouco da carne de foca fedorenta e podre deles.

Jopson não conseguia acreditar que o estavam tratando como um homem morto. Ele era um ser humano vivo com um bom registro naval e excelente

experiência como camareiro pessoal e um histórico particular como leal cidadão de Sua Majestade tão sólido quanto o de qualquer outro homem na expedição, para não falar em uma família e uma casa em Portsmouth (caso Elisabeth e seu filho, Avery, ainda estivessem vivos e não tivessem sido despejados da casa alugada com o adiantamento de 28 libras do Serviço de Descobertas do pagamento de Thomas Jopson contra o salário de seu primeiro ano na expedição de 65 libras.)

O Acampamento Resgate agora parecia vazio a não ser por alguns gemidos baixos que podiam vir de barracas próximas ou ser apenas o vento incessante. O habitual barulho de botas esmagando cascalho, xingamentos baixos, risos raros, a conversa fiada de homens indo e voltando de vigia, gritos entre barracas, ecos de martelo ou serra, cheiro de fumo de cachimbo – tudo ausente exceto barulhos leves que se distanciavam vindo da direção dos barcos. Os homens realmente estavam partindo.

Thomas Jopson não iria ficar ali e morrer naquele acampamento temporário frio no cu do mundo.

Usando toda a força que tinha e alguma que sabia não ter, Jopson baixou seu saco de dormir de cobertor Hudson's Bay dos ombros e começou a se arrastar para fora dele. A operação não foi simplificada pelo fato de que tiras de suor, sangue e outros fluidos corporais congelados tinham de ser arrancados de carne e lá antes que ele pudesse engatinhar para fora do cobertor até a abertura da barraca.

Deslocando-se pelo que pareciam quilômetros sobre os cotovelos, Jopson passou através da abertura da barraca e engasgou com o grande frio que fazia do lado de fora. Ele se acostumara tanto à luz fraca filtrada pela lona e ao ar abafado de sua barraca-útero que aquela expansão e aquele brilho fizeram seus pulmões ofegar e encheram de lágrimas seus olhos apertados.

Jopson logo se deu conta de que o brilho do sol era ilusório; na verdade, a manhã estava escura e muito nublada, com fios de vapor gelado se movendo entre as barracas como os espíritos de todos aqueles homens mortos que haviam deixado para trás. Isso lembrou ao camareiro do capitão do nevoeiro denso no dia em que mandaram o tenente Little, o mestre do gelo Reid, Harry Peglar e os outros pelo primeiro canal aberto no gelo.

Para suas mortes, pensou Jopson.

Arrastando-se sobre os biscoitos e a carne de foca – levados como se ele fosse um maldito ídolo pagão ou como oferenda sacrificial aos deuses –, Jopson passou as pernas insensíveis e inertes pela abertura circular da barraca.

Ele viu duas ou três barracas próximas, e por um segundo se encheu de esperança de que a ausência de homens andando fosse temporária, que estivessem todos ocupados fazendo algo perto dos barcos e logo voltassem. Mas então Jopson viu que estavam faltando a maioria das barracas Holland.

Não, não estavam faltando. Ele agora podia ver, à medida que seus olhos se adaptavam à luz difusa que penetrava pela neblina, que a maioria das barracas ali na extremidade sul do acampamento – mais perto dos barcos e do litoral – havia sido derrubada, com pedras jogadas em cima para impedir que fossem sopradas para longe. Jopson ficou confuso. Se eles realmente estavam partindo, não levariam as barracas? Era como se tivessem planejado ir para o gelo, mas retornar logo. Para onde? E por quê? Não fazia nenhum sentido para o camareiro doente e recentemente com alucinações.

Então a neblina subiu e ele pôde ver uns cinquenta metros para onde os homens estavam puxando, empurrando e arrastando pelas laterais dos barcos, levando-os para o gelo. Jopson avaliou que havia pelo menos dez homens por barco, o que significava que todos ou quase todos os sobreviventes ali no acampamento estavam deixando para trás ele e os outros homens realmente doentes.

Como o dr. Goodsir pode me deixar para trás?, pensou Jopson. Ele tentou se lembrar da última vez em que o cirurgião havia levantado sua cabeça e seus ombros para lhe dar um caldo ou limpá-lo. Havia sido o jovem Hartnell ontem, não? Ou isso tinha sido vários dias antes? Ele não conseguia se lembrar da última vez em que o cirurgião cuidara dele ou levara remédios.

– Esperem! – chamou.

Só que não havia sido um chamado. Mal havia sido um grunhido. Jopson se deu conta de que não falara em voz alta em dias – talvez semanas – e o barulho que acabara de fazer soara abafado e contido até mesmo aos seus ouvidos doloridos.

– Esperem!

Isso não foi melhor. Ele se deu conta de que tinha de agitar o braço no ar, fazer com que o vissem, fazer com que voltassem até ele.

Thomas Jopson não conseguiu erguer nenhum dos braços. Mesmo tentar isso fez com que caísse para frente, o rosto batendo no cascalho.

Ele não tinha escolha – teria simplesmente de se arrastar para frente até que o vissem e voltassem. Não iriam deixar para trás um companheiro tripulante suficientemente saudável para se arrastar cem metros atrás deles no gelo.

Jopson se arrastou sobre os cotovelos feridos mais noventa centímetros e novamente caiu de rosto no cascalho gelado. A neblina rolou sobre ele, obscurecendo até mesmo sua própria barraca alguns passos atrás. O vento gemeu – ou talvez fossem mais almas doentes abandonadas gemendo dentro das poucas barracas ainda de pé – e o frio do dia penetrou em sua camisa de lã imunda e em sua calça manchada. Ele se deu conta de que se continuasse a se arrastar para longe da barraca, poderia não ter forças para se arrastar de volta e morreria no frio e na umidade ali fora.

– Esperem! – chamou. Sua voz era fraca e miada como a de um filhote recém-nascido.

Ele se arrastou, retorceu e sacudiu mais noventa centímetros, outros trinta, e ficou caído ofegante como uma foca arpoada. Seus braços e mãos fracos arrastando não tinham mais utilidade do que nadadeiras teriam... Ainda menos.

Jopson tentou enfiar o queixo na terra congelada para se empurrar para frente mais trinta ou sessenta centímetros. Imediatamente partiu em dois um de seus últimos dentes, mas enfiou o queixo novamente para tentar de novo. Seu corpo simplesmente estava pesado demais. Ele parecia preso à terra por grandes pesos.

Eu só tenho 31 anos de idade, pensou ferozmente, com raiva. Hoje é meu aniversário.

– Esperem... esperem... esperem... esperem – disse, cada sílaba mais fraca que a anterior.

Ofegante, engasgando, seus últimos cachos de cabelo pintando faixas carmim nas pedras redondas, Jopson ficou caído de barriga, os braços mortos

ao lado do corpo, inclinou a cabeça dolorosamente e apoiou a bochecha na terra fria para poder olhar para frente.

– Esperem...

A neblina rodopiou, depois subiu.

Ele pôde ver cem metros, além do estranho vazio onde os barcos tinham estado alinhados, além da praia de cascalho e do amontoado de gelo litorâneo, até o próprio gelo, onde quarenta e tantos homens e quatro barcos – *onde está o quinto?* – avançavam rumo sul mais fundo no gelo, a própria fraqueza dos homens evidente mesmo desde aquela distância, seu progresso não muito mais eficiente ou elegante que a luta de cinco metros de Jopson havia sido.

– Esperem!

Esse último grito custara a ele a penúltima dose de energia que se esgotava – Jopson podia sentir o calor de seu interior escorrendo para o solo gelado abaixo –, mas saíra tão alto quanto qualquer palavra que ele já havia pronunciado.

– Esperem!! – finalmente gritou. Era uma voz de homem agora, não o miado de um filhote ou o guincho de uma foca moribunda.

Mas era tarde demais. Os homens e barcos agora estavam cem metros adiante e desaparecendo rapidamente – meras silhuetas negras cambaleando sobre um eterno fundo de cinza e cinza – e os estalos e rosnados de gelo e vento teriam abafado o som de um tiro de rifle, quanto mais a voz solitária de um homem deixado para trás.

Por um instante a neblina subiu mais e uma luz benevolente se lançou sobre tudo – como se o sol estivesse saindo para derreter a neve em toda parte e trazer gavinhas verdes, coisas vivas e esperança de volta onde não havia ali antes –, mas então a neblina se fechou e girou ao redor de Jopson, cegando-o e atando com seus dedos cinza frios viscosos.

E então homens e barcos desapareceram.

Como se nunca tivessem existido.

HICKEY

*A SO do cabo da ilha do Rei Guilherme
8 de setembro de 1848*

O ajudante de calafate Cornelius Hickey odiava reis e rainhas. Achava que eram todos parasitas sugadores de sangue do corpo político.

Mas descobriu que não se incomodava nem um pouco de ser rei.

Seu plano de velejar e remar todo o caminho de volta ao Acampamento Terror ou ao próprio *Terror* fracassou quando sua pinaça – já não tão lotada – contornou o cabo sudoeste da Terra do Rei Guilherme e encontrou uma banquisa avançando. O mar aberto se estreitou em canais que não levavam a lugar algum ou que se fechavam à frente deles mesmo quando seu barco tentou se arrastar ao longo do litoral que agora se esticava à frente para nordeste.

Havia mar aberto real muito além a oeste, mas Hickey não podia permitir que a pinaça perdesse a terra de vista pela simples razão de que não restava ninguém vivo em seu barco que soubesse navegar no mar.

A única razão pela qual Hickey e Aylmore haviam sido tão generosos de permitir que George Hodgson fosse com eles – na verdade seduzido o jovem tenente a querer ir com eles – era que o idiota havia sido treinado, como todos os tenentes da Marinha, em navegação pelas estrelas. Mas em seu primeiro dia de arrasto se afastando do Acampamento Resgate, Hodgson admitira que não podia definir sua posição ou navegar de volta ao *Terror* no mar sem um sextante, e os únicos sextantes remanescentes ainda estavam de posse do capitão Crozier.

Uma das razões pelas quais Hickey, Manson, Aylmore e Thompson haviam dado meia-volta e atraído Crozier e Goodsir para o gelo era de algum modo conseguir um dos malditos sextantes, mas ali a esperteza natural de Cornelius Hickey falhara. Ele e Dickie Aylmore não conseguiram inventar nenhuma razão convincente para que seu Judas – Bobby Golding – pudesse pedir a Crozier ir ao gelo com seu sextante, então pensaram em torturar o desgraçado janota irlandês para que de algum modo mandasse um bilhete exigindo que o instrumento fosse mandado do acampamento, mas no final, ao ver seu atormentador de joelhos, Hickey escolhera matá-lo imediatamente.

Então, assim que encontraram mar aberto, a utilidade do jovem Hodgson, mesmo como puxador, estava encerrada, e logo Hickey teve de despachá-lo de um modo limpo e misericordioso.

Ajudou ter a pistola de Crozier e cartuchos extras exatamente para esse objetivo. Nos primeiros dias após terem voltado com Goodsir e um suprimento de comida, Hickey permitira que Aylmore e Thompson ficassem com as duas escopetas extras que haviam tomado – o próprio Hickey recebera a terceira de Crozier no dia em que deixaram o Acampamento Resgate –, mas logo pensou melhor em ter as armas extras por perto e mandou Magnus jogá-las no mar. Desse modo era melhor: o rei, Cornelius Hickey, com a pistola e o controle da única escopeta e seus cartuchos, com Magnus Manson ao seu lado. Aylmore era um conspirador nato efeminado e letrado, Hickey sabia, e Thompson era um preguiçoso bêbado que nunca mereceria plena confiança – Hickey sabia dessas coisas por instinto e por causa de sua inteligência superior inata –, e quando o estoque de comida Hodgson chegou ao fim no terceiro dia de setembro, Hickey mandou Magnus acertar os dois homens na cabeça, amarrá-los e arrastá-los parcialmente desacordados até os outros 12 homens reunidos, onde Hickey realizou uma rápida corte marcial, considerou Aylmore e Thompson culpados de sedição e conspirar contra seu líder e seus companheiros, e os despachou com uma única bala na base do crânio.

Com todos os três sacrifícios ao bem maior – Hodgson, Aylmore e Thompson – o maldito cirurgião, Goodsir, ainda se recusava a cumprir seu papel de Dissecador Geral.

A cada recusa, o comandante Hickey fora obrigado a aplicar uma punição ao cirurgião recalcitrante. Houvera três punições dessas, de modo que Goodsir certamente tinha dificuldade para andar agora que haviam sido forçados a retornar à terra.

Cornelius Hickey acreditava em sorte – sua própria sorte – e sempre fora um homem de sorte, mas quando a sorte falhava ele sempre estava preparado para fazer a sua própria.

Neste caso, quando eles contornaram o enorme cabo no canto sudoeste da Terra do Rei Guilherme – velejando quando podiam, remando duro quando os canais ficaram estreitos tão perto do litoral – e viram a banquisa sólida à frente, Hickey ordenara que o barco atracasse e eles recolocaram a pinaça no trenó.

Ele não precisava lembrar aos homens como tinham sorte. Enquanto os homens de Crozier estavam quase certamente mortos ou morrendo no Acampamento Resgate – ou morrendo na banquisa do estreito ao sul dele – os Poucos Escolhidos de Hickey haviam percorrido mais de dois terços, e possivelmente três quartos, do caminho de volta ao Acampamento Terror e os suprimentos estocados lá.

Hickey decidira que um líder de sua estatura – o rei no comando da Expedição Franklin – não deveria ser forçado a arrastar. Os homens certamente estavam sendo bem alimentados graças a ele (e graças apenas a ele) e não deviam ter queixas de doença ou falta de energia, então para a última parte da viagem ele decidira ficar sentado na popa da pinaça sobre o trenó e permitir que seus doze súditos sobreviventes, excluindo apenas Goodsir, que mancava, o puxassem sobre gelo, cascalho e neve enquanto faziam a curva norte do cabo.

Nos últimos dias, Magnus Manson seguira na pinaça com ele, e não simplesmente porque todos agora compreendiam que Magnus era o consorte do rei, bem como Grande Inquisidor e Carrasco. O pobre Magnus sentia dores de estômago novamente.

A principal razão pela qual Goodsir estava mancando, mas ainda vivo, era que Cornelius Hickey tinha um profundo medo de doença e contágio. As doenças dos outros homens no Acampamento Resgate e antes – especialmente

o escorbuto sanguinolento – incomodaram e aterrorizaram o ajudante de calafate. Ele precisava de um médico para cuidar dele, embora até o momento não tivesse apresentado o menor sinal da doença que atormentara homens inferiores.

A equipe de trenó de Hickey – Morfin, Orren, Brown, Dunn, Gibson, Smith, Best, Jerry, Work, Seeley e Strickland – também não apresentava sinais de evolução do escorbuto, agora que sua dieta novamente consistia em carne fresca ou quase fresca.

Apenas Goodsir parecia e agia como doente, e isso porque o idiota insistia em comer os últimos biscoitos de marinheiro e água. Hickey sabia que logo teria de interferir e insistir em que o cirurgião partilhasse de uma dieta antiescorbútica mais saudável – as partes carnudas, como coxa, panturrilha e braços eram as melhores – para que Goodsir não morresse entre eles por causa de sua própria teimosia perversa. Um médico, afinal, deveria saber. Biscoitos de marinheiro mofados e água poderiam sustentar um rato se não houvesse mais nada disponível, mas não era dieta para homens.

Para garantir que Goodsir permanecesse vivo, Hickey havia muito retirado do cirurgião todos os medicamentos e seu conjunto, vigiando-os ele mesmo e permitindo que Goodsir os desse a Magnus ou aos outros apenas sob supervisão atenta. Também se assegurou de que o cirurgião não tivesse acesso a facas, e quando estavam no mar sempre escolhia um dos homens para vigiar e garantir que Goodsir não se jogasse pela amurada.

Até então o cirurgião não dera indício de escolher se matar.

A dor de estômago de Magnus agora era suficientemente severa não apenas para manter o gigante na pinaça sobre trenó com Hickey durante o dia, mas para deixá-lo acordado algumas noites. Hickey nunca soubera de seu amigo ter dificuldade para dormir.

Os dois pequenos ferimentos de bala eram a causa, claro, e Hickey obrigava Goodsir a cuidar deles diariamente. O cirurgião insistia em que os ferimentos eram superficiais e nenhuma infecção se espalhara. Ele mostrou a Hickey e ao inocente Magnus que fitava – erguendo a barra da camisa para olhar com preocupação para a própria barriga – como a carne ao redor do estômago ainda estava rosada e saudável.

– Então por que a dor? – insistiu Hickey.

– É como qualquer ferimento, especialmente um ferimento fundo no músculo – dissera o cirurgião. – Pode continuar a doer semanas. Mas não é sério, muito menos fatal.

– Pode remover as balas? – perguntou Hickey.

– Cornelius – gemeu Magnus. – Não quero que removam minhas bolas.

– Estou falando das balas, querido – disse Hickey, dando um tapinha no enorme antebraço do gigante. – As pequenas balas que estão em sua barriga.

– Talvez – disse Goodsir. – Mas seria melhor não tentar. Pelo menos enquanto estivermos em marcha. A operação exigiria cortar músculos que em grande medida já estão curados. O sr. Manson poderia ter de ficar deitado várias dias em recuperação... e sempre haveria o sério risco de sépsis. Se decidirmos remover as balas, eu me sentiria muito mais confortável fazendo isso no Acampamento Terror ou quando estivermos de volta ao navio. Então o paciente poderia se recuperar na cama por vários dias ou mais.

– Não quero que minha barriga doa – grunhiu Magnus.

– Não, claro que não – disse Hickey, esfregando o enorme peito e os ombros do parceiro. – Dê um pouco de morfina a ele, Goodsir.

O cirurgião anuiu e colocou um pouco do analgésico em uma colher.

Magnus sempre gostava das colheradas de morfina, e ficava sentado na proa da pinaça sorrindo docemente por uma hora ou mais antes de adormecer depois das doses.

Então, naquela sexta-feira, oitavo dia de setembro, tudo estava bem no mundo do rei Hickey. Seus 11 animais de carga – Morfin, Orren, Brown, Dunn, Gibson, Smith, Best, Jerry, Work, Seeley e Strickland – estavam bem e sem doenças e puxando com força todo dia. Magnus estava feliz a maior parte do tempo – ele gostava de ir na proa como um oficial e ver atrás o interior que já haviam cruzado – e havia morfina e láudano suficiente nas garrafas para sustentar até que chegassem ao Acampamento Terror ou ao próprio *Terror*. Goodsir estava vivo e mancando junto com a caravana e cuidando do rei e de seu consorte. O clima era bom, embora esfriasse, e não havia absolutamente nenhum sinal da criatura que os espreitara nos meses anteriores.

Mesmo com sua dieta vigorosa, eles tinham estoques de comida Aylmore e Thompson suficientes para garantir refogado para os próximos dias – haviam descoberto que gordura humana queimava como combustível em grande medida como banha de baleia, embora com menos eficiência e por períodos menores. Hickey planejava fazer uma loteria depois caso precisassem de mais um sacrifício antes de chegar ao Acampamento Terror.

Eles poderiam reduzir as rações, claro, mas Cornelius Hickey sabia que uma loteria de varetas instilaria terror nos corações de seus 11 animais de carga já submissos e reafirmaria quem era o rei da expedição. Hickey sempre tivera sono leve, mas agora dormia com um olho aberto e a mão na pistola de espoleta, mas um último sacrifício público – presumivelmente com Magnus tendo de executar a quarta punição pública a Goodsir por desobediência – eliminaria a última vontade oculta de resistir que pudesse haver nos corações traiçoeiros de suas bestas de carga.

Enquanto isso, aquela sexta-feira estava bela, com temperaturas na agradável casa dos -6°C e um céu azul que ficava mais azul para o norte no sentido de sua viagem. O barco pesado repousava no alto do trenó enquanto os deslizadores de madeira raspavam e chiavam deslizando sobre gelo e cascalho. Na proa, Magnus, recentemente medicado, sorria, segurando a barriga com as duas mãos e cantarolando uma melodia suave.

Faltava menos de cinquenta quilômetros para o Acampamento Terror e o túmulo de John Irving perto do ponto Victory, todos sabiam, e menos de metade disso até o túmulo do tenente Le Vesconte ao longo do litoral. Com os homens fortes, estavam percorrendo de três e meio a cinco quilômetros por dia, e provavelmente fariam melhor se sua dieta melhorasse novamente.

Com esse objetivo, Hickey acabara de rasgar uma página em branco de uma das muitas Bíblias que Magnus insistira em coletar e carregar na pinaça quando deixaram o Acampamento Resgate – não importava que o idiota gentil não soubesse ler – e estava então rasgando a página em 11 tiras de papel iguais.

Hickey, claro, seria poupado do futuro sorteio, assim como Magnus e o maldito cirurgião. Mas naquela noite, quando parassem para ferver chá e o refogado da noite, Hickey mandaria cada homem escrever seu nome ou colocar seu sinal em uma das tiras de papel e tudo estaria pronto para o sorteio.

Hickey mandaria Goodsir examinar as tiras e confirmar publicamente que cada homem assinara o próprio nome ou colocara seu sinal pessoal.

Então os nomes iriam para o bolso da japonsa do rei nos preparativos para a cerimônia solene.

GOODSIR

*A SO do cabo da ilha do Rei Guilherme
5 de outubro de 1848*

Do diário pessoal do dr. Harry D. S. Goodsir:

6, 7 ou talvez 8 de outubro de 1848

Eu tomei a Última Dose. Irá demorar Alguns Minutos antes que o Efeito Completo seja Sentido. Até que Seja, vou Atualizar meu diário.

Nesses Últimos Dias estive recordando dos Detalhes de como o jovem Hodgson confidenciou a mim e Sussurrou para mim na barraca Semanas antes naquela Última Noite antes do sr. Hickey atirar nele.

O tenente sussurrou: Peço desculpas por Perturbá-lo, doutor, mas tenho de contar a Alguém que Lamento.

Eu sussurrei de volta: Você não é papista, tenente Hodgson. E Não sou seu Confessor. Vá Dormir e me deixe Dormir.

Hodgson insistiu: Peço desculpas novamente, doutor. Mas tenho de contar a alguém como Lamento ter Traído o capitão, que sempre foi Bom Comigo, e por permitir que o sr. Hickey o fizesse Prisioneiro Assim. Sinceramente me Arrependo disso e Lamento Terrivelmente.

Fiquei deitado ali em Silêncio, sem Dizer nada, não Dando nada ao garoto.

Desde que John foi morto, *continuou Hodgson.* Quero dizer, o tenente Irving, meu Grande Amigo da Escola de Artilharia, eu me Convenci de que o ajudante de calafate Hickey cometeu o Assassinato e fiquei Aterrorizado com ele.

Por que você iria Arriscar a Sorte com o sr. Hickey se o considera um Monstro?, sussurrei no Escuro.

Eu estava... com Medo. Queria ficar do Lado Dele porque ele era tão Terrível, sussurrou Hodgson. E então o garoto começou a chorar.

Eu disse: Que vergonha.

Mas passei o Braço sobre o Garoto e dei tapinhas em suas Costas enquanto ele Chorava até Adormecer.

Na Manhã Seguinte, o sr. Hickey reuniu Todos e fez Magnus Manson obrigar o tenente Hodgson a se ajoelhar diante Dele enquanto o ajudante de calafate brandia sua Pistola e Anunciava como Ele, o sr. Hickey, não iria Tolerar Mândria, explicando novamente Como os Bons Homens Entre Nós iriam comer e viver enquanto os Mandriões iriam Morrer.

Ele então levou a Arma de cano longo à base do crânio de George Hodgson e Explodiu seu Cérebro sobre o Cascalho.

Devo dizer que o Garoto foi Corajoso no fim. Não demonstrou qualquer Medo naquela Manhã. Suas últimas palavras antes da Descarga Explosiva da Pistola foram: Vá para o inferno.

Só gostaria que meu Fim fosse tão Corajoso. Mas agora tenho Certeza de que Não Será.

O Teatro do sr. Hickey não Terminou com a Morte do ten. Hodgson, nem quando Magnus Manson Despiu o Garoto e deixou seu Cadáver Deitado ali diante da Assembleia.

A Visão me deu uma dor no Peito. Falando como Homem de Medicina, o pobre Hodgson estava mais Magro do que eu teria Achado Possível em qualquer Ser Humano Vivo Recente. Seus Braços eram apenas Cascas de Pele sobre Ossos. As Costelas e a Pelve se projetavam para Fora tão Violentamente sobre a Pele que ameaçavam atravessá-la. E por toda parte a pele do Garoto estava Sarapintada de Hematomas.

Ainda assim, o sr. Hickey me chamou para Frente, deu um Par de Tesouras e insistiu em que eu Começasse a Dissecar o tenente diante dos Homens Reunidos.

Eu me recusei.

O sr. Hickey, a voz Agradável, pediu Novamente.

Eu me recusei Novamente.

O sr. Hickey então ordenou que o sr. Manson tomasse as Tesouras de mim e me Deixasse tão Nu quanto o Cadáver aos nossos Pés.

Assim que eu estava Sem Roupas o sr. Hickey andou de um lado para outro diante dos homens e Apontou para meus Traços Nus. O sr. Manson ficou de pé por perto segurando as Tesouras.

Não havia Espaço para Mandriões em nosso Bando de Irmãos, *disse o sr. Hickey.* E embora *precisemos* deste cirurgião – pois eu Planejo Cuidar da saúde de vocês, Caros Homens, cada Indivíduo – ele precisa ser Punido quando se Recusa a Servir ao nosso Bem Comum. Duas vezes ele se Recusou esta Manhã. Deveremos Remover dois Apêndices Não Essenciais como Sinal de Nossa Insatisfação.

E com isso o sr. Hickey Começou a tocar Diferentes partes de minha Anatomia com o Cano da Pistola – meus Dedos, meu Nariz, meu Pênis, meus Testículos, minhas Orelhas.

Depois Ergueu minha Mão.

Um cirurgião *precisa* de seus Dedos se vai ser de alguma Utilidade para nós – *ele anunciou teatralmente, e riu.* Vamos deixar estes para o fim.

A maioria dos Homens Riu.

Mas ele não precisa do Pau ou dos Bagos, *disse o sr. Hickey, tocando as Partes Mencionadas com o Cano Muito Frio da Pistola.*

Os Homens Riram de novo. A Expectativa, acho, era muito alta.

Mas hoje estamos Misericordiosos, *disse o sr. Hickey.* Ele então ordenou ao sr. Manson que cortasse Dois de meus Dedos do pé.

Quais dois, Cornelius?, *perguntou o grande Idiota.*

Você escolhe, Magnus, *disse nosso Mestre de Cerimônias.*

Os Homens Reunidos riram Novamente. Eu podia Sentir sua Decepção por algo tão Banal quanto Meros Dedos dos pés serem Removidos, mas também podia Dizer que eles gostaram de ver Magnus Manson como o Senhor do Meu Destino Falangiano. Não era Culpa deles. O Marinheiro Comum Ali não tinha Nenhuma Educação Formal e Desgostava de qualquer um que tinha.

O sr. Manson Escolheu meus Dois Dedões.

A Plateia riu e aplaudiu.

As tesouras foram Aplicadas rapidamente, e a grande Força do sr. Manson operou a meu Favor no Procedimento.

Houve mais Riso – e grande Interesse – quando meu Conjunto Médico foi trazido e todos observaram enquanto eu Costurava Artérias necessárias, Continha o Sangramento o Melhor que podia – o tempo todo me sentindo quase Desmaiar – e colocava Curativos Preliminares nos Ferimentos.

O sr. Manson foi orientado a me Carregar de volta à minha Barraca; seus Cuidados foram Gentis como os de uma Mãe a uma Criança doente.

Esse também foi o Dia em que o sr. Hickey decidiu Retirar de mim Minhas Garrafas Medicinais mais Eficazes. Porém mais cedo naquela Manhã eu Já Havia Despejado a Maior Parte de Morfina, Ópio, Láudano, Pó de Dover, Protocloreto de mercúrio venenoso e Mandrágora em uma única Garrafa Opaca e de Aparência Inocente marcada como Acetato de Chumbo e a escondido em outro lugar que não o Conjunto Médico. Depois usei água para elevar os Níveis Visíveis de Morfina, Ópio e Láudano à Altura anterior.

A Ironia aqui é que sempre que dou uma Dose ao sr. Manson para suas “Dores de Barriga” ele está recebendo mais de Oito Partes de água para Duas Pequenas Partes de morfina. Contudo o Gigante parece não perceber a Perda de Eficácia, o que mais uma vez me recorda da Importância da Crença em todo o processo Médico.

Desde aquele Dia do Passamento do ten. Hodgson, eu me Recusei novamente, Somando mais Oito Dedos, Uma Orelha e meu Prepúcio.

A Última Operação criou tanta Diversão entre os Homens Reunidos, a despeito dos Cadáveres frescos caídos diante deles, que seria de Pensar que o Circo fora se Apresentar para eles.

Eu sei por que o sr. Hickey nunca Cumpriu suas repetidas Ameaças de me privar de meu Membro Masculino ou Testículos. O ajudante de calafate parece ter visto ferimentos suficientes em Navios para saber que o Sangramento de tais Ferimentos com frequência não pode ser Contido – especialmente quando o Cirurgião é aquele sangrando e Tendendo Bastante a estar inconsciente ou sofrendo de Choque quando a Operação precisa Necessariamente ser Realizada – e o sr. Hickey não me quer morto. Andar tem sido muito Difícil, desde que do Sétimo ao Décimo dedos foram Removidos. Eu nunca havia realmente Entendido como nossos

Dedos são Essenciais para o Equilíbrio. E a Dor ao longo do último Mês, claro, não foi insignificante.

Acho que estaria Cometendo o Pecado do Orgulho – para não mencionar o da Mentira – se dissesse Aqui que não considerarei Beber de minha garrafa escondida de Morfina, Ópio e Láudano (e outras substâncias médicas) todas misturadas na garrafa escondida que Pensei por tantas Semanas como minha Dose Final.

Mas nunca tirei a Garrafa do esconderijo.

Não até esta Hora.

Confesso que achei que o Efeito seria mais Rápido do que está se Provando.

Não Mais posso sentir meus Pés – o que é uma Bênção –, e minhas Pernas acabaram de ficar Dormentes até a Patela. Mas neste Ritmo serão outros Dez Minutos ou Mais antes que a Poção atinja e Pare meu Coração e outros Órgãos Vitais.

Acabei de Beber mais da Dose Final. Suspeito que fui um Covarde por não Beber tudo de Uma Vez, para começar.

Confesso aqui – por Propósitos Puramente Científicos caso alguém um dia descubra este Diário – que a Mistura é não apenas Bastante Potente, mas Bastante Embriagante. Se mais alguém aqui estivesse vivo nesta Tarde escura e tempestuosa – além do sr. Hickey e possivelmente o sr. Manson em sua Pinaça do Trono – veriam meus Últimos Momentos vividos Cabeceando e com um Sorriso de Bêbado.

Mas eu não Recomendo que esta Experiência seja Repetida se não pelo mais Desesperado dos Propósitos Medicinais.

E isso leva a uma verdadeira Confissão.

Pela Primeira e Única Vez em minha Carreira Médica e Vida, eu não Cuidei de um Paciente com o Máximo de minha Capacidade.

Eu falo, claro, em relação ao pobre sr. Magnus Manson.

Meu Diagnóstico Inicial dos Ferimentos de Bala gêmeos foi uma Mentira. As Balas eram de pequeno calibre, é Verdade, mas a Pequena Pistola devia ter uma Grande Carga de Pólvora, pois os dois Projéteis haviam – ficara Óbvio em minha primeira Inspeção – penetrado pele, carne, camada de músculo e revestimento do estômago do Idiota Gigante.

Desde minha primeira Consulta, eu sabia que as Balas estavam no Estômago, Baço, Fígado ou algum outro Órgão Vital do sr. Manson e que sua Sobrevivência

Dependia de uma Cirurgia Exploratória e depois Remoção.

Eu Menti.

Se existe um Inferno – no qual eu não mais Acredito, já que esta Terra e algumas das Pessoas nela são Inferno suficientes para qualquer Universo – eu seria e deveria ser Lançado para o Mais Lotado do Círculo mais Fundo.

Não Ligo.

Deveria dizer aqui – meu Peito agora está Frio e meus deods... dEdOs também estão ficando frios.

Quando a tempestade CAIi há cerca de um Mef, agradei a Deu. Pareceu na Epoc que Reamente iríamos conseguir chgr ao Acampamento Terrorr. Parecia que o sr. Hickey tinha vendido. Estávamos – eu acredit – a menos de Trinta Quilmetrs daquelle Acampamento e Avançndo 5 ou 6 quiloometros por Dia em um clim quas Perfeito quando Caiu a pimeira das Tempestades iterminaveis.

Se existe um Deuss... eu... agradeço caaaro Deus.

Nevve. EEscurdo. Ventos terrriveis Dia e Noit.

Mesmo os Homens que podiam Andr não pdim Puxarr. Os Arreeioss foram Abandonados. As Barracas derrbads, depois sopradss para longe. A tempreraturyra Caiiu 56 graus.

O inverno se abatey comOo o martello de Dus. E o sr. Hickey não poode fazer Nada se não colocar Lonas ao lado da Pinaçadotrono e Matar Metade dos Homens parAlimentar a Outra Metade.

Alguns Homens fugiram na Nevassc e Morreram.

Alguns HOmns ficaram e foram Baleados.

Algs H Morrerm Congelados.

Ags Homens Comeram osoutros homs e Morreram mesmoassim.

O sr. Hickey e o sr. Masnsonn estão Lá em Cima em seuy Barco no Vento. Eu achho, mas naosei, que o srr. Mansin não est mais vivoo.

Eu o matei.

Eu mathei os Homens que dxei para trás no Acampamento Resgate.

Eu lamento Muito

Eu lamento Muito

Toda a minha vda, meu Irmão sabe que eu queria que meu irmo estivessaqui agora, eldev sber minh vid tod eu adrei Platão e os Diálogos de Sokrates.

*Como o grade Sokates, mas não rf não grade eu, o Vneno, muich Merecdo, sob
plo meu Tronco e Adoormec meu Membros e Transforma meus Deds – dedos de
cirurgião – em Varas Insenssíveis e*

Muito contente

Escrevi o bilhete agra preso no meu Pioto ants dist

**COMAM ESTES RESTS MORTAIS DO DR HARRY D. S.
GOODSIRIFFF S QUISRMM
O VENNNNNO NESTS OSSOS E CARNE
TAMBÉM VIAI MATAR VOCEES**

OsHomens am acm Re

Thomnas, se eles Encontrarem isto Sobre meu e Ret

Eu Lamento Muito

Eu fiz o Melhor Mas nunca é su

Sr. Msnsns Pens EU NÃO SOU S

Gd vig p O Homens

HICKEY

*A SO do cabo da ilha do Rei Guilherme
18 de outubro de 1848*

Em algum momento dos últimos dias ou semanas, Cornelius Hickey se deu conta de que deixara de ser um rei.

Ele era então um deus.

De fato – ele suspeitava, mas ainda não estava certo, mas suspeitava fortemente e estava perto da certeza – Cornelius Hickey se tornara Deus.

Outros morreram ao seu redor, mas ele vivera. Já não sentia o frio. Já não sentia fome ou sede, muito menos a necessidade de saciar esses antigos apetites. Ele podia ver na escuridão crescente à medida que as noites se prolongavam até o absoluto, nem a neve sendo soprada nem o vento uivante prejudicando seus sentidos.

Os meros homens mortais precisaram da proteção de uma lona do barco e trenó quando suas barracas foram rasgadas e sopradas para longe, e se encolheram ali como ovelhas com seus traseiros peludos virados para o vento até morrer, mas Hickey estava confortável no alto de seu trono na popa da pinaça.

Quando, após mais de três semanas impossibilitados de se mover por causa de nevascas, ventos e temperaturas despencando, suas bestas de carga gemeram e imploraram por comida, Hickey descera até eles como um Deus e dera a eles os pães e peixes.

Ele matara Strickland para alimentar Seeley.

Matara Dunn para alimentar Brown.

Matara Gibson para alimentar Jerry.

Matara Best para alimentar Smith.

Matara Morfin para alimentar Orren... ou talvez fosse o contrário. A memória de Hickey não podia mais ser perturbada por questões triviais.

Mas agora aqueles que ele tão generosamente alimentara estavam mortos, congelados em seus sacos de dormir de cobertor ou contorcidos nas terríveis formas de garras de seus sofrimentos finais. Talvez tivesse ficado entediado com eles e os matado também. Ele se lembrava de ter tirado as melhores partes de mais homens do que havia matado para alimentar os outros na semana anterior, ou em duas semanas, quando ainda precisava comer. Ou talvez tivesse sido apenas por capricho. Não conseguia lembrar dos detalhes. Não era importante.

Quando as tempestades terminassem – e Hickey agora sabia que Ele podia ordenar que parassem a qualquer momento caso fosse do Seu interesse fazer isso – ele provavelmente traria vários dos homens de volta dos mortos para que pudessem terminar de arrastar Magnus e Ele até o Acampamento Terror.

O maldito cirurgião estava morto – envenenado e congelado em sua própria barraquinha de lona a alguns metros da pinaça e da lona do cemitério comum –, mas Hickey escolheu ignorar aquele acontecimento desagradável – não passava de uma pequena irritação. Mesmo os deuses têm fobias, e Cornelius Hickey sempre tivera um grande temor de veneno e contaminação. Após uma olhada – e após disparar uma única bala no cadáver desde a entrada da barraca de lona para ter certeza de que o maldito cirurgião não estava se fingindo de morto – o novo deus Hickey recuara e deixara a coisa envenenada e sua lona-mortalha contaminada sozinhas.

Magnus passara semanas gemendo e se queixando desde seu lugar preferido na proa, mas estivera estranhamente quieto no último dia ou dois. Seu último movimento, durante uma pausa nas nevascas quando uma luz baça de inverno iluminara a pinaça e a lona enterrada na neve junto a ela, a colina baixa onde estavam, a praia congelada a oeste e os intermináveis campos de gelo além, fora abrir a boca como se para fazer um pedido a seu amante e Deus.

Mas em vez de saírem palavras, ou mesmo outra queixa, sangue quente primeiro encheu e depois jorrou da boca aberta de Magnus, escorreu por seu

queixo barbado e cobriu a barriga e as mãos gentilmente dobradas do grande homem, terminando em uma poça no fundo do barco perto das botas. O sangue ainda estava ali, mas agora congelado em ondas e ondulações, parecendo uma grande barba castanha de profeta bíblico (mas coberta de gelo). Magnus não falara novamente desde então.

A breve Soneca da Morte de seu parceiro não incomodou Hickey – sabia que Ele podia trazer Magnus de volta quando quisesse –, mas os olhos abertos encarando sem parar acima daquela boca aberta e a cascata congelada de sangue começaram a dar nos nervos do deus após um dia ou dois. Era especialmente duro acordar para aquilo. Especialmente depois que os olhos congelaram e se tornaram duas orbes brancas, geladas, que nunca piscavam.

Hickey então se levantara do trono na popa, engatinhando para frente, passando pela escopeta apoiada e a sacola de cartuchos de pólvora e chumbo, por sobre os bancos centrais, passando pelas pilhas de chocolate embalado (que Ele poderia se dignar a comer caso a fome um dia voltasse) e pelas serras, pregos e rolos de folhas de chumbo, passando por cima das toalhas e dos lenços de seda empilhados tão arrumados perto dos pés ensanguentados de Magnus, finalmente chutando para longe algumas das bíblias que seu amigo puxara para perto nos últimos dias, empilhando-as como uma pequena parede entre ele e Hickey.

Mas a boca de Magnus não fechava – Hickey não conseguiu sequer partir ou lascar o grosso rio de sangue congelado –, nem os olhos brancos.

– Lamento, amor – ele sussurrou. – Mas você sabe como odeio que me encarem.

Ele usara sua faca para arrancar os globos oculares congelados e os jogara longe na escuridão uivante. Consertaria isso depois quando trouxesse Magnus de volta.

Finalmente, ao Seu comando, a tempestade aplacou e depois morreu. O uivo cessou. A neve se acumulava um metro e meio no lado oeste, a barlavento da pinaça alta sobre seu trenó, e enchera muito do espaço sob a lona da morte a sotavento.

Estava muito frio, e a visão sobrenatural de Hickey podia ver mais nuvens escuras chegando do norte, mas naquela noite o mundo estava calmo. Ele viu

o sol se pôr no sul e sabia que se passariam 16 ou 18 horas até que nascesse de novo, também no sul, e que logo absolutamente não nasceria. Então seria a Era das Trevas – 10 mil anos de escuridão –, mas isso se adequava bem aos propósitos de Cornelius Hickey.

Mas aquela noite era fria e suave. As estrelas brilhavam – Hickey aprendera os nomes de algumas das constelações de inverno que surgiam, mas naquela noite tinha dificuldade até de encontrar o Grande Carro – e Ele estava contente de se sentar na popa de seu barco, a japonsa e o quepe de vigia mantendo-o perfeitamente aquecido, as mãos enluvadas nas amuradas, o olhar fixo na direção do Acampamento Terror e mesmo do navio distante que Ele iria alcançar quando Ele escolhesse trazer suas bestas de carga e seu consorte de volta à vida. Estava pensando sobre meses e anos passados e se maravilhando com o inevitável milagre de sua própria transcendência.

Cornelius Hickey não tinha arrependimentos de qualquer parte de sua antiga vida mortal. Ele fizera o que tinha de fazer. Ele se vingara daqueles desgraçados arrogantes que haviam cometido o erro de menosprezá-lo e dera aos outros um vislumbre de sua luz divina.

De repente, sentiu movimento a oeste. Com alguma dificuldade – estava muito frio – Hickey virou a cabeça à esquerda para olhar para o mar congelado.

Algo se movia na sua direção. Talvez fosse sua audição – tão preternatural e sobrenatural quanto todos os seus outros sentidos ajustados e ampliados – que primeiro detectaram o movimento sobre o gelo irregular.

Algo grande caminhava na sua direção sobre duas pernas. Hickey viu o brilho iluminado pelas estrelas no pelo branco-azulado. Ele sorriu. Deu boas-vindas à visita.

A coisa do gelo já não era algo a ser temido. Hickey sabia que agora ela vinha não como predador, mas como adorador. Ele e a criatura não eram sequer iguais nesse ponto; Cornelius Hickey podia ordenar sua não existência ou bani-la para os cantos mais distantes do universo com um gesto de sua mão enluvada.

Ela avançou, algumas vezes caminhando sobre quatro patas, com maior frequência se erguendo sobre duas pernas enormes, e caminhando como um

homem ao mesmo tempo em que se movia em nada como um homem.

Hickey sentiu uma estranha inquietação perturbar sua profunda paz cósmica. A coisa desapareceu de vista quando chegou muito perto de pinaça e trenó. Hickey podia ouvi-la circulando a lona – sob a lona – rasgando os corpos congelados com suas longas garras, estalando dentes do tamanho de facas, bufando de tempos em tempos –, mas não podia vê-la. Ele se deu conta de que temia virar a cabeça.

Olhou diretamente à frente, fitando apenas o olhar de órbitas vazias de Magnus.

Então de repente a coisa estava ali, se erguendo por cima das amuradas, o tronco subindo mais de um metro e oitenta acima de um barco que já se elevava um metro e oitenta acima de trenó e neve.

Hickey sentiu a respiração travar no peito.

À luz das estrelas, com a nova visão melhorada de Hickey, a fera era mais terrível do que já tinha visto, mais terrível do que poderia ter imaginado. Assim como Ele – Cornelius Hickey – passara por uma maravilhosa e terrível transformação, também aquela criatura.

Ela inclinou seu enorme tronco sobre as amuradas. Bufou uma névoa de cristais de gelo no ar entre Hickey e a proa, e o ajudante de calafate inalou o hálito de carniça de mil séculos lidando com a morte.

Hickey poderia ter caído de joelhos e idolatrado a criatura naquele momento caso movimento fosse uma opção, mas estava literalmente congelado em seu lugar. Nem mesmo sua cabeça se virava.

A coisa farejou o corpo de Magnus Manson, o focinho comprido e impossível voltando sempre à cascata de sangue marrom congelado cobrindo a frente de Magnus. Sua enorme língua lambeu gentilmente toda a cascata congelada de sangue marrom. Hickey quis explicar que aquele era o corpo de seu amado consorte e precisava ser preservado para que Ele – não Hickey o ajudante de calafate, mas o Ele que se tornara – pudesse devolver os olhos de seu amado e algum dia soprar a vida nele novamente.

De repente, quase casualmente, a coisa arrancou a cabeça de Magnus.

O esmagamento foi tão terrível que Hickey poderia ter coberto as orelhas caso conseguisse levantar as mãos enluvadas das amuradas. Ele não conseguia

movê-las.

A coisa girou um antebraço peludo branco mais grosso do que a enorme perna de Magnus fora um dia e esmagou o peito do morto para dentro – caixa torácica e coluna explodindo para fora em uma chuva de cacos de ossos brancos. Hickey se deu conta de que a coisa não *quebrara* Magnus do modo como vira Magnus quebrar costas e costelas de uma vintena de homens inferiores; *estilhaçara* Magnus do modo como um homem estilhaçaria uma garrafa ou boneca de porcelana.

Procurando uma alma para devorar, pensou Hickey, que não tinha ideia de por que pensara isso.

Hickey não conseguia mais mover a cabeça sequer dois centímetros, então não teve escolha a não ser assistir enquanto a coisa do gelo escavava cada parte interna de Magnus Manson e a comia, esmagando os pedaços em seus dentes enormes do modo como Hickey um dia teria mastigado cubos de gelo. A coisa então arrancou a carne congelada dos ossos congelados de Magnus e os espalhou no fundo da pinaça, mas apenas após os partir e sugar o tutano. O vento aumentou e uivou ao redor de pinaça e trenó, criando notas musicais distintas. Hickey imaginou um deus-coisa do inferno louco em um casaco de peles branco tocando uma flauta de osso.

A seguir foi até ele.

Primeiro ficou de quatro, fora de vista – o que de algum modo era mais aterrorizante do que ser capaz de vê-lo – e então, com um movimento vertical como uma crista de pressão se elevando, cresceu acima e por sobre a amurada e encheu todo o campo de visão de Hickey. Seus olhos negros, imóveis, inumanos, totalmente insensíveis estavam a centímetros dos olhos fixos do ajudante de calafate. Seu hálito quente o envolveu.

– Ah – disse Cornelius Hickey.

Foi a última palavra que Hickey falou, mas não foi tanto uma palavra quanto uma única, longa, aterrorizada e incoerente exalação. Hickey sentiu seu último hálito quente escorrendo de si, de seu peito, subindo pela garganta, saindo pela boca aberta e esticada, sibilando por entre seus dentes partidos, mas instantaneamente se deu conta de que não era seu *hálito* deixando-o para sempre, mas seu espírito, sua alma.

A coisa o sugou.

Mas então a criatura soprou, bufou, recusou, balançou sua enorme cabeça como se tivesse sido contaminado, caiu de quatro e deixou o campo de visão de Cornelius Hickey para sempre.

Tudo deixou o campo de visão de Cornelius Hickey para sempre. As estrelas desceram do céu e se ligaram aos seus olhos fixos como cristais de gelo. O Corvo desceu da escuridão sobre ele e devorou o que o *Tuunbaq* não se dignou a tocar. Os olhos cegos de Hickey acabaram se partindo com o frio, mas ele não piscou.

Seu corpo permaneceu sentado empertigado rigidamente na popa, pernas abertas, botas firmemente plantadas perto de uma pilha de relógios de ouro que ele saqueara e a pilha de roupas que tomara dos homens mortos, suas mãos enluvadas congeladas nas amuradas, os dedos congelados da mão direita a poucos centímetros dos canos da escopeta carregada.

Na manhã seguinte, antes do amanhecer, a frente da tempestade chegou e o céu começou a uivar novamente, e durante todo o dia seguinte e a noite seguinte a neve se acumulou na boca aberta esticada do ajudante de calafate e cobriu sua japonsa azul-escura, quepe de vigia, rosto congelado de terror e olhos fixos partidos com uma fina camada-mortalha branca.

CROZIER

A beleza de estar morto, ele sabe agora, é que não há dor nem noção de si. A má notícia sobre estar morto, ele sabe agora, é – assim como muitas vezes temera quando considerara o suicídio e o rejeitara exatamente por esse motivo – que há sonhos.

A boa notícia sobre essa má notícia é que os sonhos não são os seus.

Crozier flutua nesse quente mar de não eu que o sustenta e escuta sonhos que não são seus.

Caso algum de seus poderes analíticos de seu eu vivo e mortal tivesse sobrevivido à transição para aquela agradável flutuação pós-morte, o velho Francis Crozier pode ter especulado sobre essa ideia de “escutar” sonhos, mas a verdade é que esses sonhos eram mais como escutar o canto de outra pessoa – embora não haja linguagem envolvida, nada de palavras, música, nada de canto – do que “ver” sonhos do modo como sempre fora quando ele estava vivo. Embora definitivamente haja imagens visuais envolvidas nesse escutar sonhos, as formas e cores não são como nada que Francis Crozier encontrou do outro lado do véu da Morte e é essa narrativa não voz, não canto que enche seus sonhos na morte.

Há uma bela garota esquimó chamada Sedna. Ela vive sozinha com o pai em uma casa de neve bem ao norte das aldeias esquimós comuns. A notícia da

beleza da garota se espalha e vários jovens fazem a longa viagem sobre placas de gelo e terras nuas para prestar homenagem ao pai grisalho e cortejar Sedna.

O coração da garota não é tocado pelas palavras, faces ou formas de nenhum desses pretendentes, e no final da primavera do ano, quando o gelo está se partindo, ela parte sozinha por entre as placas para evitar mais uma nova safra de pretendentes de rostos redondos.

Como isso aconteceu na época em que os animais ainda tinham vozes que o Povo compreendia, um pássaro voa acima do gelo que se parte e seduz Sedna com sua canção. “Venha comigo para a terra dos pássaros onde todas as coisas são tão bonitas quanto minha canção”, canta o pássaro. “Venha comigo para a terra dos pássaros onde não há fome, onde sua barraca sempre será feita das mais belas peles de rena, onde você se deitará apenas nas melhores e mais macias peles de urso e rena, e onde sua lamparina sempre estará cheia de óleo. Meus amigos e eu levaremos a você tudo o que seu coração desejar, e a partir desse dia você se vestirá com nossas mais belas e brilhantes penas.”

Sedna acredita no pretendente pássaro, casa na tradição do Povo Real e viaja com ele muitas léguas sobre mar e gelo até a terra do povo pássaro.

Mas o pássaro havia mentido.

A casa deles não era feita das melhores peles de rena, e sim um lugar remendado e triste montado com peles de peixe apodrecidas. O vento frio penetra livremente e ri dela por sua confiança inocente.

Ela dorme não nas melhores peles de urso, mas em tristes couros de morsa. Não há óleo para sua lamparina. O resto do povo pássaro a ignora e ela tem de usar as mesmas roupas com as quais se casou. Seu novo marido só lhe dá peixe frio para as refeições.

Sedna continua insistindo com seu marido pássaro indiferente que sente falta do pai, então finalmente o pássaro permite que o pai a visite. Para isso, o idoso tem de viajar muitas semanas em seu bote frágil.

Quando o pai chega, Sedna finge alegria até estarem sozinhos na barraca escura fedendo a peixe, e então chora e conta ao pai como o marido a agride e tudo o que perdeu – juventude, beleza, felicidade – se casando com o pássaro em vez de com um dos jovens do Povo Real.

O pai fica horrorizado de ouvir a história e ajuda Sedna a conceber um plano para matar o marido. Na manhã seguinte, quando o marido pássaro volta com o peixe frio para o desjejum, o pai e a garota se lançam sobre o pássaro com o arpão e o remo do caiaque do pai e o matam. Depois pai e filha fogem da terra do povo pássaro.

Durante dias eles navegam rumo sul para a terra do Povo Real, mas quando a família e os amigos do marido pássaro o encontram morto, ficam furiosos e voam para o sul com um bater de asas tão alto que podia ser ouvido pelo Povo Real a mil léguas de distância.

A distância por mar que Sedna e seu pai levaram uma semana para navegar é coberta pelas aves voadoras em poucos minutos. Eles se lançam sobre o pequeno barco como uma nuvem escura e raivosa composta de bicos, garras e penas. As batidas de asas invocam uma terrível tempestade que enche as ondas e ameaça inundar o pequeno barco.

O pai decide devolver a filha aos pássaros como oferenda e a joga pela amurada.

Sedna se agarra ao barco para salvar a vida. Seu aperto é forte.

O pai pega sua faca e corta as primeiras articulações de seus dedos. Quando caem no mar, esses pedaços de dedos se tornam as primeiras baleias. As unhas se tornam os ossos brancos de baleia achados nas praias.

Mas Sedna ainda agarra. O pai corta os dedos na segunda articulação.

Essas partes dos dedos caem no mar e se transformam em focas.

Sedna ainda se aferra. Então o pai aterrorizado corta os restos dos dedos, eles caem no mar e nas placas de gelo que passam e se tornam morsas.

Sem mais dedos, apenas cotos de ossos curvados como as garras do marido pássaro morto onde ficavam suas mãos, Sedna finalmente cai no mar e mergulha para o fundo do oceano. Ela mora lá até hoje.

Sedna é a senhora de todas as baleias, morsas e focas. Se o Povo Real a satisfaz, ela manda os animais a eles e diz às focas, morsas e baleias para que se permitam ser apanhadas e mortas. Se o Povo Real a deixa insatisfeita, mantém baleias, morsas e focas com ela nas profundezas escuras, e o Povo Real sofre e passa fome.

Mas que maldição?, pensa Francis Crozier. É a voz do seu eu que interrompe o fluxo lento não eu do sonho escutado.

Como se convocada, a dor se apresenta.

CROZIER

M *eus homens!*, ele grita. Mas está fraco demais para gritar. Está fraco demais para dizer em voz alta. Está fraco demais até para se lembrar do que as três sílabas significam. *Meus homens!*, grita de novo. Surge como um gemido.

Ela o está torturando.

Crozier absolutamente não acorda de uma vez, na verdade despertando em uma série de dolorosas tentativas de abrir os olhos, costurando diferentes fragmentos de uma tentativa de consciência que se estendem por horas e mesmo dias, sempre arrancado da morte-sono pela dor e pelas três sílabas vazias – *meus homens!* – até finalmente estar consciente o suficiente para lembrar quem é e se dar conta de com quem está.

Ela o está torturando.

A menina-mulher esquimó que ele conheceu como lady Silêncio continua cortando seu peito, braços, lado do corpo, costas e perna com uma faca afiada aquecida. A dor é incessante e intolerável.

Está deitado perto dela em um espaço pequeno – não uma casa de neve como a que John Irving descrevera a Crozier, mas uma espécie de barraca feita de peles esticadas sobre varas ou ossos curvos – com uma luz bruxuleante de várias pequenas lamparinas a óleo iluminando o tronco nu da garota e, quando ele baixa os olhos, seu próprio tronco nu, peito, braços e barriga sangrando. Acha que ela deve estar cortando-o em tiras pequenas.

Crozier tenta gritar, mas descobre novamente que está fraco demais para gritar. Tenta empurrar o braço torturador e a mão com a faca para longe, mas está fraco demais para erguer o próprio braço, quanto mais deter o dela.

Os olhos castanhos dela fitam os seus, reconhecendo que está novamente vivo, e depois volta a estudar os danos que sua faca faz enquanto corta, traça e o tortura.

Crozier consegue o mais fraco dos gemidos. Então mergulha novamente na escuridão, mas não de volta ao sonho escutado e ao agradável não eu do qual agora apenas se lembra em parte, apenas para ondas crescentes negras em um mar de dor.



Ela o alimenta com uma espécie de caldo de uma das latas Goldner vazias que deve ter roubado do *Terror*. O caldo tem gosto do sangue de algum animal. Depois corta tiras de carne e banha de foca usando uma estranha lâmina curva com punho de marfim, segurando o pedaço de foca com os dentes e fatiando perigosamente perto dos lábios enquanto corta para baixo, depois mastiga bem os pedaços, finalmente os enfiando entre os lábios ressecados e rachados de Crozier. Ele tenta cuspir – não quer ser alimentado como um filho de pássaro –, mas ela pega cada bolo engordurado e o enfia novamente na sua boca. Derrotado, incapaz de lutar com ela, ele encontra energia para mastigar e engolir.

Depois recosta para dormir com a canção de ninar do vento que uiva, mas logo é acordado. Ele se dá conta de que está nu entre roupões de dormir de pelo – suas roupas, todas as suas muitas camadas, não estão no espaço da pequena barraca – e que ela o virou de barriga para baixo, colocando algum tipo de pele de foca macia por baixo para impedir que o sangue de seu peito lacerado suje os couros e peles macios que cobrem o piso da barraca. Está cortando e furando suas costas com uma lâmina comprida e reta.

Fraco demais para resistir ou virar, tudo o que Crozier pode fazer é gemer. Ele a imagina fatiando em pedaços e depois cozinhando e comendo os

pedaços. Ele a sente pressionando feixes de algo úmido e viscoso sobre e dentro dos muitos ferimentos em suas costas.

Em algum momento da tortura, ele adormece novamente.



Meus homens!

Apenas após vários dias daquela dor e de entrar e sair constantemente de consciência, e de pensar que Silêncio o está cortando em pedaços Crozier se lembra de ter sido baleado.

Ele desperta na barraca, escura exceto por um pouco de luar ou luz de estrelas penetrando pelos couros muito esticados. A garota esquimó está dormindo ao seu lado, partilhando do seu calor corporal enquanto ele partilha do dela, e ambos estão nus. Crozier não sente nenhuma paixão ou interesse físico além de sua necessidade animal de calor. Sente dor demais.

Meus homens! Preciso voltar para meus homens! Alertá-los.

Pela primeira vez, ele se lembra de Hickey, o luar, os tiros.

O braço de Crozier está sobre o peito, e ele força a mão para tocar mais alto, onde o chumbo da escopeta atingiu peito e ombro. O alto do tronco do lado esquerdo é uma massa de pontos e ferimentos, mas parece que o chumbo da escopeta e qualquer tecido enfiado em sua carne com ele foram cuidadosamente retirados. Há algo macio, como musgo ou alga marinha molhados, apertado nos ferimentos maiores, e embora Crozier sinta o impulso de arrancar e jogar fora, não tem a força.

O alto das costas dói ainda mais que o peito lacerado, e Crozier se lembra da tortura enquanto Silêncio enfiava a lâmina da faca ali. Também lembra do leve som de chapinhar após Hickey ter puxado o gatilho, mas antes de os cartuchos da escopeta serem disparados – a pólvora estava molhada e velha, e os dois tiros provavelmente foram disparados com muito menos que total força explosiva –, mas também consegue lembrar do impacto da parte exterior da nuvem de chumbo que se abria girando-o e depois derrubando-o no gelo. Ele havia recebido um tiro de escopeta nas costas a distância e um pela frente.

Será que a garota esquimó arrancou cada chumbo? Cada fiapo de roupa imunda enfiado em mim?

Crozier pisca na penumbra. Lembra de visitar a enfermaria do dr. Goodsir e da explicação paciente do cirurgião sobre como, em combate naval, bem como na maioria dos ferimentos recebidos em sua expedição, normalmente não era o ferimento inicial que matava, mas a sépsis dos ferimentos contaminados que se instalava depois.

Ele passa a mão lentamente do peito para o ombro. Agora se lembra de que depois dos tiros de escopeta, Hickey atirou nele várias vezes com a pistola do próprio Crozier, e a primeira bala acertara... *aqui*. Crozier soluça quando seus dedos encontram um sulco fundo na carne do bíceps. Está cheio da coisa mofada e viscosa. A dor de tocar o deixa nauseado e doente.

Há outro sulco de uma bala ao longo da costela esquerda. Tocá-lo – apenas mover tanto sua mão o exaure – o faz engasgar alto e desmaiar por um momento.

Quando recobra alguma consciência, Crozier se dá conta de que Silêncio arrancou uma bala de sua carne na lateral do corpo e também cobriu aquele ferimento com qualquer que seja o emplastro pagão que aplicou no resto do seu corpo. A partir da dor que sente quando respira, da dor e do inchaço nas costas, ele acha que aquela bala quebrou pelo menos uma costela do lado esquerdo, desviou e se alojou sob a pele perto da omoplata esquerda. Silêncio deve tê-la extraído de lá.

Isso demanda minutos intermináveis e o resto de sua pouca energia para que ele baixe a mão e toque o ferimento mais doloroso.

Crozier não se lembra de ser baleado na perna esquerda, mas a dor no músculo ali, logo acima e abaixo do joelho, o convence de que uma terceira bala deve ter passado por aquele ponto. Pode sentir os buracos de entrada e saída sob os dedos trêmulos. Cinco centímetros mais alto e a bala teria arrasado o joelho, o joelho teria custado a ele a perna, e essa perna quase certamente teria significado a vida. Novamente havia um curativo de emplastro ali, e embora pudesse sentir cascas de ferida, parecia não haver fluxo de sangue recente.

Não espanta que esteja queimando de febre. Estou morrendo de sépsis.

Ele então se dá conta de que o calor que sente pode não ser febre. Aqueles roupões isolam tão bem, e o corpo nu de Silêncio junto a ele transmite tanto calor que ele está totalmente aquecido pela primeira vez em... quanto tempo? Meses? Anos?

Com grande esforço, Crozier baixa o alto do roupão que os cobre, permitindo que um pouco de ar mais fresco penetre.

Silêncio se move, mas não desperta. Olhando para ela na luz fraca da barraca, pensa que parece uma criança – talvez uma das filhas adolescentes mais jovens de seu primo Albert.

Com esse pensamento em mente – lembrar de jogar *croquet* em um gramado verde em Dublin – Crozier adormece novamente.



Ela está de parca, ajoelhada diante dele, mãos afastadas trinta centímetros, uma corda feita de tendão ou tripas de animais entre os dedos esticados. Está usando os dedos para fazer uma cama de gato com a corda de tendão.

Crozier observa, embotado.

Os mesmos dois padrões continuam a parecer na trama complicada da corda de tendão. O primeiro é composto de três faixas de corda, criando dois triângulos no alto, apenas a partir dos polegares, mas com uma volta dupla de corda no centro inferior do padrão, mostrando um domo pontudo. O segundo padrão – a mão direita dela bem afastada com apenas duas cordas nuas correndo quase até a mão esquerda onde a corda contorna apenas polegar e mínimo – mostra uma pequena laçada complexa de corda dupla que parece um desenho com quatro pernas ou nadadeiras ovais e uma cabeça de nó de corda.

Crozier não tem ideia de o que as formas significam. Ele balança a cabeça lentamente para mostrar a ela que não quer brincar.

Silêncio o encara por um momento silencioso, seus olhos escuros fitando os dele. Depois desfaz o padrão com um movimento gracioso de suas pequenas mãos e coloca a corda na tigela de marfim no qual ele toma seu caldo. Um segundo depois sai engatinhando pelas múltiplas abas da barraca.

Chocado com o ar frio que sopra para dentro por esses segundos, Crozier tenta engatinhar até a abertura. Precisa ver onde está. Roncos e estalos de fundo sugeriram que ainda estão no gelo – talvez muito perto de onde foi baleado. Crozier não tem noção de quanto tempo se passou desde que Hickey emboscou os quatro – ele, Goodsir, os pobres Lane e Goddard –, mas tem esperança de que tenha sido poucas horas, um dia ou dois no máximo. Se ele partir agora ainda poderá ser capaz de levar seu alerta aos homens no Acampamento Resgate antes que Hickey, Manson, Thompson e Aylmore apareçam lá para causar mais estragos.

Crozier consegue erguer a cabeça e os ombros alguns centímetros, mas está fraco demais para deslizar para fora dos roupões, muito menos engatinhar para olhar pelas abas de couro de rena na entrada da barraca. Ele dorme novamente.

Em algum momento mais tarde – não está certo sequer de se é o mesmo dia ou se Silêncio entrou e saiu várias vezes desde que adormeceu – Silêncio acorda. A luz fraca através dos couros é a mesma; o interior da barraca é iluminada pelas mesmas lamparinas de banha. Há um pedaço de foca fresco colocado no nicho de gelo no piso que ela usa como depósito, e Crozier vê que ela acabou de tirar a parca exterior pesada e veste apenas uma espécie de calça curta com o pelo virado para dentro. O couro exterior macio é mais claro que a pele marrom de Silêncio. Seus seios balançam quando ela se ajoelha novamente diante de Crozier.

De repente a corda dança outra vez entre seus dedos. Dessa vez o pequeno desenho de animal perto da mão esquerda é mostrado primeiro, a corda é afrouxada, retorcida, e vem a seguir o desenho do domo oval pontudo no centro.

Crozier balança a cabeça. Ele não entende.

Silêncio joga a corda na tigela, pega sua pequena lâmina semicircular com o punho de marfim parecendo o punho de um gancho de estivador e começa a cortar a fatia de carne de foca.



– Tenho de ir encontrar meus homens – sussurra Crozier. – Você tem de me ajudar a encontrar meus homens.

Silêncio o observa.

O capitão não sabe quantos dias podem ter se passado desde que acordou pela primeira vez. Dorme muito. Suas poucas horas desperto são passadas tomando seu caldo, comendo carne e banha de foca que Silêncio não precisa mais mastigar antes para ele, mas que ainda leva aos seus lábios, e com ela trocando seus emplastos e o limpando. Crozier está mortificado e sem palavras por suas necessidades básicas de eliminação serem feitas usando outra lata de Goldner colocada na neve, alcançável por uma abertura nos roupões de dormir abaixo dele e que seja *aquela garota* quem regularmente tenha de levar a lata para fora e esvaziá-la em algum lugar nas placas de gelo. Não faz Crozier se sentir nem um pouco melhor que o conteúdo da lata congele rapidamente e que não haja quase nenhum cheiro na pequena barraca que já cheira tanto a peixe, foca e ao próprio suor e a presença deles.

– Preciso que me ajude a voltar para meus homens – diz novamente com voz rouca. Ele sente que são grandes as chances de que ainda estejam perto da *polynya* onde Hickey os emboscou, não mais de três quilômetros no gelo desde o Acampamento Resgate.

Precisa alertar os outros.

Ele fica confuso que sempre que acorda a luz fraca através das paredes de couro da barraca pareça a mesma. Talvez, por alguma razão que o dr. Goodsir poderia explicar, ele acorde apenas à noite. Talvez Silêncio o esteja drogando com sua sopa de sangue de foca para mantê-lo dormindo durante o dia. Para impedi-lo de fugir.

– Por favor – sussurra. Ele só pode esperar que a despeito de sua mudez a selvagem tenha aprendido um pouco de inglês durante seus meses a bordo do HMS *Terror*. Goodsir confirmou que lady Silêncio podia ouvir, mesmo que não tivesse língua com a qual falar, e o próprio Crozier a vira se assustar com algum barulho alto repentino quando era hóspede de seu navio.

Silêncio continua olhando para ele.

Ela é idiota além de selvagem, pensa Crozier. Maldito fosse caso voltasse a implorar àquela nativa pagã. Ele teria de continuar comendo, continuar se

recuperando, ganhar novamente força, empurrá-la de lado um dia e caminhar de volta ao acampamento sozinho.

Silêncio pisca e se vira para preparar o pedaço de carne de foca em seu pequeno fogão de banha.



Ele acorda outro dia – ou melhor, outra noite, já que a luz é fraca como sempre – e encontra Silêncio ajoelhada acima dele fazendo novamente o jogo de corda.

O primeiro padrão entre os dedos mostra novamente a forma do pequeno domo pontudo. Seus dedos dançam. Duas formas verticais curvas surgem, mas agora com duas pernas ou nadadeiras em vez de quatro. Ela afasta mais as mãos, e de alguma forma os desenhos se movem – deslizando para longe da mão direita na direção da esquerda, as voltas de pernas-balão se movendo. Ela desfaz esse desenho, os dedos voam e a forma de domo oval surge de novo no centro, mas – Crozier percebe novamente – não é exatamente a mesma forma. O pico do domo sumiu e agora é uma pura catenária como a que ele estudou quando aspirante examinando ilustrações de geometria e trigonometria.

Ele balança a cabeça.

– Não entendo – diz com voz rouca. – Este jogo não faz nenhum maldito sentido.

Silêncio olha para ele, pisca, joga a corda em uma bolsa de couro animal e começa a puxá-lo para fora de suas peles de dormir.

Crozier ainda não tem a força de resistir, mas também não usa o pouco de força que recuperou para ajudar. Silêncio o coloca de pé, enfia um casaco leve de rena e depois uma parca grossa de pelos em seu tronco. Crozier está chocado com como as duas camadas são leves – as camadas de algodão e lã que usara para o trabalho externo nos três anos anteriores pesavam mais de 13 quilos *antes* e ficavam inevitavelmente encharcadas de suor e gelo, mas ele duvida de que aquele conjunto superior de roupas esquimós pese mais de três quilos e meio. Ele sente como as duas camadas ficam soltas sobre o tronco, mas

como é bem fechado em pescoço e pulsos – apertado por onde o calor pode escapar.

Constrangido, Crozier tenta ajudar a colocar as calças leves de rena sobre sua nudez – versões maiores das calças curtas que são tudo que Silêncio usa dentro da barraca – e depois as meias altas de rena, mas seus dedos atrapalham mais que ajudam. Silêncio empurra suas mãos e termina de vesti-lo com uma economia de esforço impessoal conhecida apenas por mães e enfermeiras.

Crozier observa enquanto Silêncio coloca sobre os pés um revestimento que parece feito de grama trançada e o puxa apertado sobre pés e tornozelos. Provavelmente são usados para isolamento, e ele tem dificuldade de imaginar até mesmo quanto tempo demorara para ela – ou alguma mulher – trançar o capim na forma daquelas meias altas e apertadas; botas de pele, quando enfiadas sobre as meias de grama de Silêncio, passam sobre as calças de pelo, e ele percebe que as solas são feitas de couro mais grosso que as roupas.

Durante as primeiras horas que passara acordado na barraca, Crozier ficara espantado com a profusão de roupões, parcas, peles, couro de rena, potes, tendões, as lamparinas de óleo de foca que pareciam ser de pedra-sabão, a faca curva de cortar e outras ferramentas, mas depois se deu conta do óbvio: fora lady Silêncio quem saqueara os corpos e pacotes dos oito esquimós mortos pelos tenentes Hodgson e Farr. O resto do material – latas Goldner, colheres, facas extras, costelas de mamíferos marinhos, pedaços de madeira, marfim, mesmo o que parecia ser as velhas varas de barril agora usadas como parte da estrutura da barraca – devia ter sido recolhido do *Terror*, do Acampamento Terror abandonado ou durante os meses que Silêncio passara sozinha no gelo.

Quando está vestido, Crozier desaba sobre um cotovelo e arfa.

– Agora você vai me levar ao meu pessoal?

Silêncio coloca luvas sobre suas mãos, puxa o capuz com borla de pelo de urso-branco sobre a cabeça, agarra com firmeza a pele de urso abaixo dele e o arrasta para fora pelas abas da barraca.

O ar frio atinge os pulmões de Crozier e o faz tossir, mas após um momento ele se dá conta de quão quente está o resto do seu corpo. Pode sentir o calor do seu corpo subindo ao redor dele no interior confortável daquele traje obviamente não poroso. Silêncio se agita ao redor dele por um minuto –

instalando-o sentado sobre uma pilha de peles dobradas. Imagina que ela não o quer deitado no gelo, mesmo sobre a pele de urso, já que parece ser mais quente naquelas estranhas roupas esquimós quando a pessoa fica sentada e deixa o ar aquecido pelo próprio corpo circular sobre a pele.

Como se para confirmar essa teoria, Silêncio tira a pele de urso do gelo e a dobra, somando-a à pilha junto à qual está sentado. De modo impressionante – os pés de Crozier estiveram frios toda vez que ele subira ao convés ou descera para o gelo nos três anos anteriores, e estiveram *molhados e frios* todos os minutos desde que deixara o *Terror* – nem o frio do gelo ali nem a umidade pareciam penetrar as grossas solas de couro e as meias de mato que calça agora.

Enquanto Silêncio começa a desmontar a barraca com poucos movimentos objetivos, Crozier olha ao redor.

É noite. *Por que ela me trouxe para fora à noite? Há alguma emergência?* A barraca de rena rapidamente desmontada está, como ele imaginara pelos barulhos, na banquisa, em meio a seracos, icebergs e cristas de pressão que refletem a pouca luz lançada pelas poucas estrelas que aparecem entre luas baixas. Crozier vê a água escura de uma *polynya* a menos de nove metros de onde ficara deitado na barraca, e seu coração acelera. *Não deixamos a área em que Hickey nos emboscou, menos de três quilômetros do Acampamento Resgate. Sei o caminho a partir daqui.*

Então se dá conta de que aquela *polynya* é muito menor do que aquela à qual Robert Golding os guiara – aquela área de água livre negra tem menos de dois metros e meio de comprimento, e apenas metade disso de largura. Nem os icebergs congelados na banquisa ao redor parecem certos. São muito mais altos e mais numerosos do que aqueles perto do local de emboscada de Hickey. E as cristas de pressão são mais altas.

Crozier aperta os olhos para o céu, tendo apenas vislumbres de estrelas. Se as nuvens se abrissem e ele tivesse seu sextante, tabelas e um mapa, poderia conseguir definir sua posição.

Se... se... poderia.

O único conjunto de estrelas reconhecível que consegue ver parece mais uma constelação de inverno que uma que deveria estar naquela parte do céu Ártico em meados ou final de agosto. Ele sabe que foi baleado na noite de 17

de agosto – já havia feito sua anotação no diário antes que Robert Golding entrasse correndo no acampamento – e não conseguia imaginar que mais de alguns dias tivessem se passado desde a emboscada.

Ele olha perturbado ao redor dos horizontes tomados de gelo, tentando encontrar um brilho de crepúsculo que sugerisse um pôr do sol recente ou nascer do sol iminente no sul. Só há a noite, o vento assoviando, as nuvens e algumas estrelas tremeluzentes.

Jesus Cristo... onde está o sol?

Crozier ainda não sente frio, mas treme e sacode tanto que precisa de usar a pouca força que tem para agarrar a pilha de peles dobradas e não tombar.

Lady Silêncio está fazendo uma coisa muito estranha.

Ela desmontou a barraca de couro e ossos em poucos movimentos eficientes – mesmo à luz fraca Crozier pode ver que as cobertas externas da barraca são feitas de couro de foca – e agora se ajoelha sobre uma das cobertas de couro de foca e usa sua faca em meia-lua para cortá-la ao meio.

Depois arrasta as duas metades do couro de foca até a *polynya* e, usando uma vara curva para baixar as peças na água, as encharca completamente. Retornando ao local onde poucos momentos antes estivera a barraca, ela pega peixe congelado da área de depósito que havia sido cortada no gelo na sua metade da barraca e faz rapidamente uma fila de peixes longitudinal sobre um lado de cada metade da cobertura de barraca que congelava rapidamente.

Crozier não tem a menor ideia do que a garota pretende. É como se ela estivesse realizando algum ritual religioso pagão insano ali no vento da noite que aumentava sob as estrelas. Mas o problema, vê Crozier, é que *ela cortou a cobertura de couro de foca da barraca*. Mesmo que reconstrua a barraca com couros esticados sobre as varas curvas, costelas e ossos espalhados, ela já não conterà o vento e o frio.

Ignorando-o, Silêncio rola com força as duas metades da cobertura de couro de foca da barraca ao redor das duas linhas de peixe, puxando e empurrando o couro de foca molhado para o deixar ainda mais apertado. Crozier fica divertido por ela deixar metade de um peixe se projetando de uma extremidade das duas peças de couro de foca enrolado, e agora ela se concentra em curvar para cima a cabeça de cada peixe ligeiramente.

Em dois minutos, ela levanta as duas peças de peixes enrolados em couro de foca com dois metros de comprimento – cada uma agora congelada tão solidamente quanto uma peça comprida e estreita de carvalho com uma cabeça de peixe erguida na ponta – e as coloca paralelas no gelo.

Então coloca uma pequena pele sob os joelhos e ajoelha para usar pedaços de tendão e tiras de couro para prender pequenas peças de galhada de rena e marfim – a antiga estrutura da barraca – ligando as duas peças de peixe enrolado com dois metros.

– Mãe de Deus – diz Francis Crozier com voz rouca. *As peças congeladas de peixes enrolados em couro de foca molhada são deslizadores. As galhadas são barras transversais.* – Você está construindo uma porra de um trenó – sussurra.

Seu hálito paira como cristais no ar da noite à medida que seu espanto se transforma em uma espécie de pânico. *Não estava tão frio em 17 de agosto e antes – de modo algum tão frio, mesmo no meio da noite.*

Crozier imagina que Silêncio demorou meia hora para fazer o trenó de deslizadores de peixes e galhada de rena, mas fica sentado em sua pilha de peles por mais de uma hora e meia – avaliar a passagem do tempo é difícil sem seu relógio de bolso e por ele continuar mergulhando em um sono leve mesmo sentado – enquanto a mulher trabalha nos deslizadores do trenó.

Primeiro ela tira de uma bolsa de lona que viera do *Terror* algo que parece uma mistura de lama e musgo. Levando latas Goldner de água da *polynya*, ela molda essa lama-musgo em bolas do tamanho de punhos e então as coloca no comprimento dos deslizadores improvisados, batendo e espalhando igualmente com as mãos nuas. Crozier não tem ideia de como as mãos dela não congelam, a despeito de suas frequentes pausas para enfiar as mãos sob a parca sobre a barriga nua.

Silêncio alisa a lama congelada com a faca, arrumando-a como um escultor faria com seu modelo de argila. Depois pega mais água na *polynya* e a derrama sobre a camada de lama congelada, criando uma base de gelo. Finalmente, espalha bocados de água em uma tira de pele de urso e esfrega aquela pele molhada sobre a lama congelada no comprimento de cada deslizador até que a cobertura de gelo ali esteja absolutamente lisa. À luz das estrelas, parece a

Crozier como se os deslizadores ao longo do trenó invertido – apenas peixe e tiras de couro de foca duas horas antes – estivessem revestidos de vidro.

Silêncio inverte o trenó, testa tiras e nós, coloca seu peso sobre as galhadas de rena e os pedaços de madeira curtos amarrados com firmeza e amarra as galhadas remanescentes – duas curvas mais longas que haviam sido os suportes principais da barraca – na parte de trás do trenó para criar empunhaduras rudimentares.

Depois instala várias camadas de couro de foca e urso sobre as galhadas cruzadas e vai colocar Crozier de pé e ajudá-lo a ir até o trenó.

Ele afasta o braço dela e tenta caminhar sozinho.

Não tem lembrança de cair de cara na neve, mas sua visão e audição retornam quando Silêncio o está colocando no trenó, esticando suas pernas, colocando as costas firmemente sobre peles empilhadas apoiadas nas empunhaduras de chifre atrás e pondo vários roupões grossos sobre ele.

Vê que ela amarrou tiras compridas de couro na frente do trenó e trançou as extremidades em uma espécie de arreio que passa pela metade do corpo. Ele pensa nos jogos de cordas nos dedos e percebe o que ela estava dizendo – a barraca (oval pontudo) desmontada, os dois partindo (as figuras caminhando nos pedaços deslizantes de corda, embora Crozier certamente não fosse caminhar naquela noite) para outro domo oval sem ponta. (Outra barraca em forma de domo? Uma casa de neve?)

Com tudo guardado – as peles extras, bolas de lona, panelas e lamparinas de óleo de foca enroladas em couro sobre e ao redor de Crozier – Silêncio se coloca no arreio e começa a puxar pelo gelo.

Os deslizadores escorregam com uma eficiência de vidro, muito mais silenciosos e suaves do que os trenós de barco do *Terror* e do *Erebus*. Crozier está chocado de descobrir que continua quente; permanecer duas horas mais ou menos imóvel na placa de gelo não o gelou, a não ser a ponta do nariz.

As nuvens são sólidas acima. Não há sinal de alvorada no horizonte em direção alguma. Francis Crozier não tem qualquer pista de para onde a mulher o está levando – de volta à ilha do Rei Guilherme? À península Adelaide ao sul? Na direção do rio de Back? Mais para o gelo?

– Meus homens – diz a ela com voz rouca. Ele se esforça para erguer a voz e ser ouvido acima do suspiro do vento, da neve sibilando e do gelo espesso grunhindo sob eles. – Preciso voltar aos meus homens. Eles estão procurando por mim. Senhorita... senhora... lady Silêncio, *por favor*. Pelo amor de Deus, por favor me leve de volta ao Acampamento Resgate.

Silêncio não se vira. Ele só consegue ver a parte de trás de seu capuz e a borla de urso-branco brilhando sob a luz fraca das estrelas. Não tem ideia de como consegue ver para avançar naquela escuridão ou como uma garota tão pequena pode puxar seu peso e o do trenó tão facilmente.

Eles deslizam silenciosamente para a escuridão do gelo empilhado à frente.

CROZIER

Sedna, no fundo do mar, decide se envia uma foca à superfície para ser caçada por outros animais e o Povo Real, mas no verdadeiro sentido é a própria foca que decide se irá se permitir ser morta ou não.

Em outro sentido real, há apenas uma foca.

As focas são como o Povo Real no sentido em que têm dois espíritos – um espírito da vida que morre com o corpo e um espírito permanente que deixa o corpo no momento da morte. Essa alma mais duradoura, a *tarnic*, se esconde na foca como uma pequena bolha de ar e sangue que um caçador pode encontrar nas entranhas da foca e tem a mesma forma da própria foca, apenas muito menor.

Quando uma foca morre, seu espírito permanente parte e retorna exatamente na mesma forma em um bebê foca descendente da foca que decidiu se permitir ser apanhada e comida.

O Povo Real sabe que um caçador, durante sua vida, estará capturando e matando a mesma foca, morsa ou o mesmo urso ou pássaro muitas vezes.

Exatamente a mesma coisa acontece ao espírito permanente de um membro do Povo Real quando seu espírito da vida morre com o corpo. O *inua* – o espírito-alma permanente – viaja, com todas as suas memórias e habilidades intactas, apenas ocultas, para um menino ou menina na linhagem da família da pessoa morta. É uma das razões pelas quais o Povo Real nunca disciplina suas crianças, não importando o quão bagunceiras ou mesmo

impertinentes possam se tornar. Além da alma-criança naquela criança, habita ali o *inua* de um adulto – um pai, tio, avô, bisavô, mãe, tia, avó ou bisavó, com toda a sua sabedoria de caçador, patriarca ou xamã – e não deve ser censurado.

A foca não irá se render a qualquer caçador do Povo Real. O caçador precisa conquistá-la, não apenas por astúcia, dissimulação e habilidade, mas também pela qualidade da própria coragem e do *inua* do caçador.

Esses *inua* – os espíritos do Povo Real, de focas, morsas, ursos, renas, pássaros, baleias – existiam como espíritos antes da Terra, e a Terra é velha.

Durante o primeiro período do universo, a Terra era um disco flutuante abaixo de um céu sustentado por quatro pilares. Abaixo da Terra havia um espaço escuro onde os espíritos viviam (e onde a maioria vive até hoje). Essa Terra ficava sob a água a maior parte do tempo e sem quaisquer seres humanos – do Povo Real ou outros – até dois homens, Aakulujjuusi e Uumaaniirtuq engatinharem para fora de calombos na terra. Esses dois se tornaram os dois primeiros do Povo Real.

Naquela era não havia estrelas, nem Lua nem Sol, e os dois homens e seus descendentes tinham de viver e caçar na escuridão completa. Como não havia xamãs para guiar o Povo Real em seu comportamento, os seres humanos tinham muito pouco poder e só podiam caçar os menores animais – lebres, lagópodes, eventuais corvos – e não sabiam como viver do modo certo. Sua única decoração era eventualmente usar o *aanguaq*, um amuleto de casca de ouriço-do-mar.

As mulheres se juntaram aos dois homens na Terra logo no princípio (elas vinham das geleiras assim como os homens tinham vindo da Terra), mas eram estéreis e passavam todo o tempo caminhando pelo litoral olhando para o mar ou cavando o terreno em busca de filhos.

O Segundo Ciclo do universo surgiu após uma longa e amarga disputa entre uma raposa e um corvo. Então surgiram as estações, e depois as próprias vida e morte; pouco antes do surgimento das estações, começou uma nova era na qual o espírito da vida dos seres humanos morreria com os corpos e o espírito *inua* viajaria para outra parte.

Xamás então descobriram alguns dos segredos da ordem cósmica e foram capazes de ajudar o Povo Real a aprender como viver corretamente – criando regras que proibiam incesto e casamento fora da família, assassinato ou outros comportamentos que iam contra a Ordem das Coisas. Os xamás também eram capazes de ver atrás no tempo antes de Aakulujjuusi e Uumaaniirtuq terem engatinhado para fora da Terra e explicar aos seres humanos as origens dos grandes espíritos do universo – os *inuut* – como o Espírito da Lua, ou sobre Naarjuk, o espírito da própria consciência, ou sobre Sila, o Espírito do Ar, que também é a mais vital de todas as forças antigas; é Sila quem criou e permeia e dá energia a todas as coisas, e que exprime sua ira por intermédio de nevascas e tempestades.

Foi também o momento em que o Povo Real soube de Sedna, que é conhecida em outros lugares frios como Uinigumaituq ou Nuliajuk. Os xamás explicaram que todos os seres humanos – o Povo Real, os seres humanos nativos de pele mais vermelha que viviam bem ao sul do Povo Real, os espíritos de rena *Ijirait* e até mesmo o povo pálido que apareceu muito depois – nasceram depois que Sedna-Uinigumaituq-Nuliajuk acasalou com um cachorro. Isso também explica por que cães podem ter nomes e um nome-alma e mesmo partilhar o *inua* de seu mestre.

O *inua* da Lua, Aningat, cometeu incesto e agrediu sua irmã, Siqniq, o *inua* do Sol. A esposa de Aningat, Ulilarnaq, adorava estripar vítimas – animais ou Povo Real –, então desgostava de tal forma dos xamás lidando com assuntos espirituais que os punia fazendo com que rissem descontroladamente. Até hoje os xamás podem ser assolados por risos incontroláveis e frequentemente morrem disso.

O Povo Real gosta de saber sobre esses três mais poderosos espíritos do cosmo – o Espírito do Ar que em tudo penetra, o Espírito do Mar que controla todos os animais que vivem no mar ou dependem do mar, e o último membro dessa trindade, o Espírito da Lua – mas esses três *inuut* originais são poderosos demais para prestar muita atenção no Povo Real (ou em seres humanos de qualquer tipo), já que esses *inuut* supremos estão tão acima dos outros espíritos quanto esses espíritos menores estão acima dos seres humanos, então o Povo Real não adora essa trindade. Xamás raramente tentam entrar

em contato com esses espíritos mais poderosos – como Sedna – e se contentam em garantir que o Povo Real não rompa tabus que enfureceriam o Espírito do Mar, o Espírito da Lua ou o Espírito do Ar.

Mas lentamente, ao longo de muitas gerações, os xamãs – conhecidos como *angakkuit* entre o Povo Real – aprenderam mais segredos do universo oculto e dos espíritos *inuat* menores. Ao longo de muitos séculos, alguns dos xamãs adquiriram o dom que Memo Moira chamava de Segunda Visão – clarividência. O Povo Real chama essas habilidades de *qaumaniq* ou *angakkua*, dependendo de como elas se manifestam. Assim como os seres humanos um dia domesticaram seus espíritos-primos, os lobos, que se transformaram em cães que partilhavam o *inua* de seus mestres, da mesma forma os *angakkuit* com os dons de ouvir pensamentos ou enviar pensamentos aprendem como domar, domesticar e controlar os espíritos menores que aparecem a eles. Esses espíritos ajudantes foram chamados de *tuurngait*, e não apenas ajudavam os xamãs a ver o mundo espiritual invisível e olhar para trás no tempo antes dos seres humanos, mas também permitiam a eles olhar dentro das mentes de outros seres humanos e ver os erros cometidos pelo Povo Real quando violam as regras da ordem do universo. Os espíritos ajudantes *tuurngait* ajudam os xamãs a restaurar a ordem e o equilíbrio. Ensinarão aos *angakkuit* sua linguagem, a linguagem dos pequenos espíritos, que é chamada de *irinaliutit*, para que os xamãs pudessem se dirigir pessoalmente a seus próprios ancestrais e aos poderes *inuat* mais poderosos do universo.

Assim que os xamãs aprenderam a linguagem *irinaliutit* do espírito ajudante *tuurngait*, puderam então ajudar os seres humanos a confessar seu comportamento errado e suas falhas, de modo a curar doenças e devolver a ordem à confusão que são as coisas humanas, dessa forma devolvendo a ordem ao próprio mundo. Esse sistema de regras e tabus transmitido pelos xamãs era tão complexo quanto os padrões cruzados de cordas criados entre os dedos das mulheres do Povo Real até hoje.

Os xamãs também agiam como protetores.

Alguns espíritos menores malévolos circulam entre o Povo Real, assombrando-os e trazendo clima ruim, mas os xamãs aprenderam a criar e consagrar uma faca sagrada e matar esses *tupilait*.

Para deter as próprias tempestades, os *angakkuut* encontraram e repassaram um gancho especial capaz de cortar o *silagiksaqtuq*, a veia do vento.

Os xamãs podem voar e atuar como mediadores entre o Povo Real e os espíritos, mas também podem – e com frequência o fazem – trair a confiança de seus próprios poderes e ferir seres humanos usando *ilisiqsiniq*, feitiços poderosos que lançam e despertam inveja e rivalidade e podem até mesmo criar um ódio suficiente para levar uma Pessoa Real a matar outras sem motivo. Com frequência um xamã perde o controle de seus espíritos ajudantes *tuurngait*, e, quando isso acontece, se não for consertado rapidamente, esse xamã incompetente é como uma grande rocha metálica chamando os raios de verão, e há muito pouca escolha a não ser o Povo Real amarrar o xamã e deixá-lo para trás ou matá-lo, cortando sua cabeça e a mantendo separada do corpo para que o xamã não possa voltar à vida e persegui-los.

A maioria dos xamãs com algum poder pode voar, curar pessoas, famílias e aldeias inteiras (de fato ajudando as pessoas a se curar ao reencontrar o equilíbrio após confessar suas falhas), deixar seus corpos para viajar à Lua ou ao fundo do mar (onde quer que os espíritos mais poderosos *inuut* possam viver) e – depois de devidos invocação, canto e batida de tambores xamanísticos *irinaliutit* – se transformar em animais como o urso-branco.

Embora a maioria dos espíritos não contidos em almas esteja contente de viver no mundo dos espíritos abaixo, há criaturas espalhadas que carregam os espíritos *inua* de monstros.

Alguns dos menores desses monstros são chamados de *tupilek* e foram trazidos à vida por pessoas chamadas *ilisituk* há centenas e milhares de anos. Esses *ilisituk* não eram xamãs, mas homens e mulheres velhos malvados que aprenderam muitos dos poderes dos xamãs mas os usaram para lidar com magia, em vez de em cura e fé.

Todos os humanos, e especialmente o Povo Real, vivem comendo almas – eles sabem bem disso. O que é caçar além de uma alma buscar outra alma e impor a ela a submissão final da morte? Quando uma foca, por exemplo, concorda em ser morta por um caçador, esse caçador deve honrar o *inua* da foca que concordou em ser morta, após ser morta mas antes de ser comida – já que é uma criatura da água – dando a ela um pequeno gole de água

cerimonial. Parte dos caçadores do Povo Real levam pequenos copos em uma vara com esse objetivo, mas alguns dos melhores e mais velhos caçadores ainda transferem a água de suas bocas para as bocas das focas mortas.

Todos comemos almas.

Mas os velhos homens e mulheres maus *ilisituk* eram ladrões de almas. Eles usavam suas invocações para assumir o controle dos caçadores, que então com frequência tiravam suas famílias da aldeia para viver – e morrer – longe no gelo ou no interior das montanhas. Descendentes dessas vítimas de roubo de almas eram conhecidos como *qivitok*, e sempre eram mais selvagens que humanos.

Quando famílias e aldeias começaram a desconfiar da maldade dos velhos *ilisituk*, os feiticeiros passaram a criar pequenos animais malévolos – os *tupilek* – para espreitar, ferir ou matar seus inimigos. Os *tupilek* surgiam como coisas sem vida pequenas como dedos-pedras, mas, após serem animados pela magia dos *ilisituk*, cresciam até qualquer tamanho que quisessem e assumiam formas terríveis, indizíveis. Mas como era fácil para as vítimas identificar e fugir desses monstros à luz do dia, os *tupilek* furtivos normalmente escolhiam assumir a forma aproximada de algo vivo real – uma morsa, talvez, ou um urso-branco. Então o caçador despreocupado que havia sido amaldiçoado pelo malvado *ilisituk* se tornava caça. Seres humanos muito raramente escapavam do *tupilek* assassino assim que eram enviados para levar a morte a cabo.

Mas restam muito poucos velhos feiticeiros *ilisituk* malévolos no mundo de hoje. Uma razão para isso é que se o *tupilek* não tinha sucesso em matar a vítima designada – caso um xamã interviesse ou o caçador fosse esperto o bastante para escapar por seus próprios meios –, o *tupilek* invariavelmente retornava para matar seu criador. Um a um, os velhos *ilisituk* se tornaram vítimas de suas próprias criações terríveis.

Veio então um tempo, há muitos milhares de anos, quando Sedna, o Espírito do Mar, ficou furiosa com seus colegas espíritos, o Espírito do Ar e o Espírito da Lua.

Para matá-los – essas duas outras partes da Trindade que compunha as forças básicas do universo – Sedna criou seu próprio *tupilek*.

Essa máquina de matar animada pelo espírito era tão terrível que tinha seu próprio nome-alma e se tornou uma coisa chamada *Tuunbaq*.

O *Tuunbaq* era capaz de se mover livremente entre o mundo dos espíritos e o mundo dos seres humanos na Terra, e podia assumir qualquer forma que escolhesse. Qualquer forma que assumia era tão terrível que mesmo um puro espírito não conseguia olhar diretamente para ele sem enlouquecer. Seu poder – concentrado por Sedna apenas com o objetivo de produzir destruição e morte – era o próprio puro terror. Além disso, Sedna concedera ao seu *Tuunbaq* o poder de comandar os *ixitqusiqjuk*, os inumeráveis espíritos menores malévolos espalhados.

Sozinho, um a um, o *Tuunbaq* poderia ter matado ou o Espírito da Lua, ou Sila, o Espírito do Ar. Mas embora terrível em todos os aspectos, o *Tuunbaq* não era tão furtivo quanto os *tupilek* menores.

Sila, o Espírito do Ar, cuja energia enche o universo, sentiu sua presença assassina quando a espreitava através do mundo dos espíritos. Sabendo que podia ser destruída pelo *Tuunbaq* e também sabendo que se fosse destruída o universo seria novamente lançado no caos, Sila chamou o Espírito da Lua para ajudar a derrotar a criatura.

O Espírito da Lua não estava interessado em ajudá-la. Nem preocupado com o destino do universo.

Sila então apelou a Naarjuk, o Espírito da Consciência e um dos mais velhos espíritos profundos *inua* (que, como Sila, surgira quando o caos do cosmo fora separado do fino, mas crescente, junco verde vivo da ordem há muito), para que a ajudasse.

Naarjuk concordou.

Juntos, em uma batalha que durou 10 mil anos e deixou crateras, fendas e vácuo no próprio tecido do mundo dos espíritos, Sila e Naarjuk derrotaram o terrível ataque do *Tuunbaq*.

Como todos os *tupilek* que fracassaram em sua missão de assassinato estão destinados a fazer, o *Tuunbaq* então se voltou para destruir seu criador... Sedna.

Mas Sedna, que havia aprendido todas as suas lições do modo difícil desde antes mesmo do pai tê-la traído tanto tempo antes, compreendera o perigo que

o *Tuunbaq* representava para ela antes mesmo de tê-lo criado, então ativou uma fraqueza secreta que inserira no *Tuunbaq*, cantando suas próprias invocações *irinaliutit* do mundo dos espíritos.

O *Tuunbaq* foi instantaneamente banido para a superfície da Terra, para sempre incapaz de retornar ao mundo dos espíritos ou ao fundo do mar, e de sustentar forma de puro espírito em qualquer lugar. Sedna estava segura.

A Terra e seus habitantes, por outro lado, não eram mais seguros.

Sedna banira o *Tuunbaq* para a parte mais fria e vazia da Terra lotada – a região perpetuamente congelada perto do Polo Norte. Escolheu o norte distante, em vez de outras áreas congeladas distantes porque apenas o norte, o centro da Terra para muitos deuses *inuait*, tinha xamãs com um histórico de lidar com espíritos malévolos raivosos.

O *Tuunbaq*, privado de sua forma espiritual monstruosa, mas ainda monstruoso em essência, logo mudou de forma – como todos os *tupilek* fazem – para a coisa viva mais terrível que conseguiu encontrar na Terra. Ele escolheu a forma e a substância do mais inteligente, furtivo e mortal predador da Terra – o urso-branco do norte –, mas era para o urso em tamanho e astúcia o que o próprio urso é para um dos cães do Povo Real. O *Tuunbaq* matava e comia os ferozes ursos-brancos – devorando suas almas – tão facilmente quanto o Povo Real caçava lagópodes.

Quanto mais complicada a alma-*inua* de uma coisa viva, mais deliciosa é para um predador de almas. O *Tuunbaq* logo aprendeu que gostava mais de comer homens que de comer *nanuq*, os ursos, gostava mais de comer almas-homens que de comer almas-morsas, e gostava de comer homens ainda mais do que gostava de devorar as *inua*-almas grandes, gentis e inteligentes das orcas.

Por gerações, o *Tuunbaq* se deliciou com seres humanos. Grandes áreas do norte coberto de neve que um dia foram cheias de aldeias, regiões do mar que um dia viram frotas de caiaques, e lugares protegidos que tinham ouvido o riso de milhares do Povo Real logo foram abandonados com os seres humanos fugindo para o sul.

Mas não havia como fugir do *Tuunbaq*. O grande *tupilek* de Sedna superava em nado, em corrida, em pensamento, em astúcia e em luta qualquer

ser humano vivo. Ele ordenou aos espíritos maus *ixitqusiqjuk* que movessem as geleiras mais para o sul, fazendo com que as próprias geleiras seguissem os seres humanos que fugiam para terras verdes, de modo a que o *Tuunbaq* de pelo branco ficasse confortável e escondido no frio enquanto continuava a comer almas humanas.

Centenas de caçadores foram enviados de aldeias do Povo Real para matar a coisa, e nenhum dos homens voltou vivo. Algumas vezes o *Tuunbaq* insultava as famílias dos caçadores mortos devolvendo partes de seus corpos – às vezes deixando as cabeças, pernas, braços e troncos de vários caçadores misturados para que as famílias não pudessem sequer fazer as devidas cerimônias fúnebres.

O monstro comedor de almas de Sedna parecia que iria comer todas as almas de seres humanos da Terra.

Mas, como Sedna esperara, os xamãs das centenas de grupos do Povo Real reunidos na periferia do norte frio enviaram mensagens verbais, depois se reuniram em enclaves de xamãs *angakkuit* e conversaram, rezaram a todos os seus espíritos amistosos, conferenciaram com seus espíritos ajudantes e finalmente conceberam um plano para lidar com o *Tuunbaq*.

Eles não podiam matar aquele Deus que Anda como Homem – nem mesmo Sila, o Espírito do Ar, e Sedna, o Espírito do Mar, podiam matar o *talipek Tuunbaq*.

Mas podiam contê-lo. Podiam impedir que fosse para o sul e matasse todos os seres humanos e todo o Povo Real.

Os melhores dos melhores xamãs – os *angakkuit* – escolheram seus melhores homens e mulheres entre eles com habilidades xamanísticas de clarividência e ouvir pensamentos e enviar pensamentos, e cruzaram esses melhores homens com as melhores mulheres do modo como o Povo Real hoje cruza cães de trenó para criar uma geração ainda melhor, mais forte e inteligente.

Eles chamaram essas crianças clarividentes além do xamanístico de *sixam ieua*, ou espíritos-governantes do céu, e os enviaram ao norte com suas famílias para impedir o *Tuunbaq* de massacrar o Povo Real.

Esses *sixam ieua* eram capazes de se comunicar diretamente com o *Tuunbaq* – não pela linguagem dos espíritos ajudantes *tuurngait* como os meros xamãs

havam tentado, mas tocando diretamente a mente e a vida-alma do *Tuunbaq*.

Os espíritos-governantes do céu aprenderam a invocar o *Tuunbaq* com seu canto gutural. Dedicados a se comunicar com o *Tuunbaq*, eles concordaram em permitir que a criatura invejosa e monstruosa os privasse de sua capacidade de falar com os outros seres humanos. Em troca de a criatura assassina *tupilek* não mais caçar almas humanas, os espíritos-governantes do céu prometeram ao Deus que Anda como Homem que eles – os seres humanos e o Povo Real – não mais se instalariam em seu domínio coberto de neve mais ao norte. Prometeram ao Deus que Anda como Homem que iriam honrar isso nunca pescando ou caçando em seu reino sem a permissão da criatura-monstro.

Prometeram que todas as futuras gerações ajudariam a alimentar o apetite voraz do Deus que Anda como Homem, com os *sixam ieua* e outros do Povo Real capturando e levando peixes, morsas, focas, renas, lebres, baleias, lobos e mesmo os primos menores do *Tuunbaq* – os ursos-brancos – para que se banquetesasse. Prometeram que nenhum caiaque ou barco de ser humano invadiria os domínios marinhos do Deus que Anda como Homem a não ser para levar comida, cantar as canções guturais que aplacavam a fera ou prestar homenagem ao assassino-coisa.

Os *sixam ieua* sabiam pelos seus pensamentos futuros que quando o domínio do *Tuunbaq* fosse finalmente invadido pelo povo pálido – os *kabloona* – isso seria o começo do Fim dos Tempos. Envenenado pelas almas pálidas dos *kabloona*, o *Tuunbaq* adoeceria e morreria. O Povo Real se esqueceria de seus hábitos e sua linguagem. Suas casas se encheriam de embriaguez e desespero. Os homens se esqueceriam da gentileza e bateriam nas esposas. O *inua* das crianças ficaria confuso, e o Povo Real perderia seus sonhos bons.

Quando o *Tuunbaq* morrer por causa da doença dos *kabloona*, sabiam os espíritos-governantes do céu, seu frio domínio branco começará a esquentar, derreter e degelar. Os ursos-brancos não terão gelo como casa, então seus filhotes morrerão. As baleias e morsas não terão onde se alimentar. Os pássaros irão voar em círculos e pedir ajuda ao Corvo, seu terreno de reprodução sumido.

Esse é o futuro que eles viram.

Os *sixam ieua* sabiam que por mais terrível que o *Tuunbaq* fosse, esse futuro sem ele – e sem seu mundo frio – seria muito pior.

Mas nos tempos antes que isso acontecesse, e por causa dos jovens homens e mulheres clarividentes que eram os espíritos-governadores do céu falarem com o *Tuunbaq* como apenas Sedna e os outros espíritos podiam – nunca com vozes, mas sempre diretamente, de mente a mente – o ainda vivo Deus que Anda como Homem escutou suas propostas e suas promessas.

O *Tuunbaq*, que – como todos os maiores espíritos *inuat* – gosta de ser mimado, concordou. Ele comeria suas oferendas em vez de suas almas.

Ao longo de gerações, os *sixam ieua* clarividentes continuaram a se reproduzir apenas com outros seres humanos com a mesma habilidade. Com pouca idade, cada criança *sixam ieua* abre mão de sua capacidade de falar com os outros seres humanos para mostrar ao Deus que Anda como Homem que estão devotadas a falar apenas a ele, ao *Tuunbaq*.

Ao longo das gerações, as pequenas famílias de *sixam ieua* que vivem muito mais ao norte do que as outras aldeias do Povo Real (que ainda sentem terror do *Tuunbaq*), sempre fazendo suas casas na terra e nas banquisas permanentemente cobertas de neve e geleiras, ficaram conhecidas como Povo que Anda com Deus, e mesmo a linguagem de suas famílias falantes se tornou uma estranha mistura das outras línguas do Povo Real.

Claro, os próprios *sixam ieua* não podem falar língua alguma – a não ser pelo discurso clarividente de *qaumaniq* e *angakkua*, enviando pensamentos e recebendo pensamentos. Mas ainda são seres humanos, ainda amam suas famílias e pertencem a grupos familiares maiores, então para conversar com os outros do Povo Real os homens *sixam ieua* usam uma linguagem de sinais especial e as mulheres *sixam ieua* tendem a usar os jogos de formas com barbantes que suas mães ensinaram.

Antes de deixar nossa aldeia,
e ir para o gelo
encontrar o homem com quem devo me casar,
o homem com que meu pai e eu sonhamos,
quando os remos estavam limpos,

meu pai pegou uma pedra escura, *aumaa*,
e marcou cada remo.

ele sabia que não iria voltar
vivo do gelo
ambos tínhamos visto em nossos sonhos de *sixam ieua*,
os únicos sonhos verdadeiros,
que ele, meu amado Aja,
morreria lá,
nas mãos de uma pessoa pálida.

desde que saí do gelo
eu tenho procurado aquela pedra
nas colinas
e nos leitos dos rios,
mas nunca a encontrei.

ao retornar ao meu povo
encontrarei o remo no qual a *aumaa*
deixou sua marca cinza.
o nascimento foi uma linha curta
na ponta da lâmina.
mas maior e acima dela,
a morte foi desenhada paralela.

venha novamente! grita o Corvo.

CROZIER

Crozier desperta com uma dor de cabeça lancinante infernal.

Naqueles dias, ele acorda a maioria das manhãs com uma dor de cabeça lancinante. Seria de pensar que com as costas, o peito, braços e ombros furados por chumbo de escopeta e com nada menos que três ferimentos a bala no corpo ele teria outras dores a perceber ao acordar, e embora essas agonias se abatessem sobre ele rapidamente, são as terríveis dores de cabeça que ele nota primeiro.

Isso lembra a Crozier todos os anos em que bebeu uísque toda noite e lamentou isso toda manhã seguinte.

Algumas vezes, como naquela manhã, ele acorda com sílabas sem sentido e sequências de palavras sem sentido ecoando em seu crânio dolorido. As palavras soam estaladas, como crianças fazendo barulhos cheios de vogais apenas para encontrar o número certo de sílabas para uma canção de pular corda, mas elas *parecem* significar algo naqueles poucos segundos dolorosos antes de estar totalmente desperto. Crozier se sente mentalmente cansado o tempo todo naqueles dias, como se tivesse passado as noites lendo Homero em grego. Francis Rawdon Moira Crozier nunca em sua vida tentara ler grego. Nem quisera. Sempre deixara isso para acadêmicos e pobres almas obcecadas por livros como o velho comissário amigo de Peglar, Bridgens.

Naquela manhã, ele é acordado em sua casa de neve por Silêncio, que está usando as formas de cordas mudando entre seus dedos para dizer a ele que é

novamente hora de caçar focas. Ela já está vestindo sua parca e desaparece pelo túnel de entrada assim que acaba de se comunicar com ele.

Ranzinza por não haver desjejum – nem mesmo um pouco de banha de foca fria do jantar da noite anterior –, Crozier se veste, colocando parca e luvas por fim e engatinha para baixo pela entrada voltada para o sul, fora do vento.

Do lado de fora, no escuro, Crozier se levanta cuidadosamente – a perna esquerda às vezes ainda se recusa a aceitar seu peso de manhã – e olha ao redor. Sua casa de neve brilha levemente com a lamparina a banha deixada acesa para manter a temperatura alta do lado de dentro enquanto eles saem. Crozier se lembra claramente da longa viagem de trenó que os levou até aquele lugar. Lembra de assistir, enrolado em peles em seu trenó e tão desamparado quanto estivera naquelas muitas semanas antes, com algo como assombro enquanto Silêncio passara horas cavando e depois construindo aquela casa de neve.

Desde então o matemático em Crozier passara horas deitado sob seus roupões no pequeno espaço confortável e admirando a catenária da coisa e a precisão absoluta e aparentemente sem esforço com que a mulher cortara os blocos de neve – à luz de estrelas – e a quase perfeição das paredes que subiam se curvando para dentro feitas com aqueles blocos de neve.

Ao mesmo tempo que observara de sob as peles naquela longa noite ou dia escuro – *sou tão inútil quanto tetas em um porco*, fora seu pensamento – ele também pensara: *Esta coisa devia cair*. Os blocos superiores eram quase horizontais. Os últimos blocos que cortara foram trapezoidais, e ela enfiara aquele último bloco, o elemento central, por dentro, depois raspava as beiradas e o colocara em posição por dentro da casa de neve. Finalmente, Silêncio saíra e subira na catenária quase domo de blocos de neve, chegara ao alto, pulara para cima e para baixo e deslizara pelas laterais.

Inicialmente, Crozier achara que ela estava apenas agindo como a criança que algumas vezes parecia ser, mas então se deu conta de que testava a resistência e estabilidade da nova casa deles.

No dia seguinte – outro dia sem luz do sol – a esquimó usara sua lamparina a óleo para derreter a superfície interna da casa de neve, depois deixara que as paredes congelassem novamente, cobrindo-a com uma superfície de gelo fina, mas muito dura. Depois derreteu os couros de foca que havia usado primeiro

na barraca e depois para o trenó e os prendeu com cordas de tendão enfiadas das paredes e teto da casa de neve, pendurando as peles a poucos centímetros das paredes internas para criar um revestimento interno. Crozier viu imediatamente que isso impedia que pingassem ao mesmo tempo que aumentava a temperatura dentro do espaço.

Crozier ficara assombrado como a casa de neve parecia quente: sempre, acreditava, pelo menos dez graus mais quente que a temperatura externa e com frequência quente o suficiente para que nenhum deles usasse nada além dos shorts de pele de rena quando fora dos roupões. Havia uma área para cozinhar na prateleira de neve à direita da entrada, e a estrutura de galhada e madeira ali não apenas sustentava suas várias panelas sobre as chamas de óleo de foca, mas também era usada como varal para secar roupas. Assim que Crozier foi capaz de engatinhar e sair com ela, Silêncio explicou em sua linguagem de cordas e com gestos que era imperativo que sempre secassem as roupas externas ao voltar para dentro da casa de neve.

Além da plataforma de cozinhar à direita da entrada e de uma prateleira de sentar à esquerda dela, havia a ampla plataforma de dormir no fundo da casa de neve. Delimitada com a pouca madeira que Silêncio levava – reutilizada da barraca e depois do trenó –, aquela madeira, congelada, impedia que a plataforma se desgastasse. Silêncio então espalhou sobre a prateleira o resto do musgo de sua bolsa de lona, presumivelmente como material isolante, e depois tivera muito cuidado ao dispor as várias peles de rena e urso-branco sobre ela. Então mostrara como deviam dormir com as cabeças na direção da porta e as roupas agora secas enroladas servindo de travesseiros. *Todas* as suas roupas.

Nos primeiros dias e semanas, Crozier insistia em vestir os shorts de rena sob os roupões de dormir embora lady Silêncio dormisse nua toda noite, mas logo descobriu que tanto calor era desconfortável. Ainda enfraquecido por seus ferimentos a ponto de paixão não ser uma tentação, ele logo se acostumou a se enfiar nu entre os roupões de dormir e recolocar os shorts e outras roupas livres de suor apenas ao acordar de manhã.

Sempre que Crozier acordava à noite nu e quente sob seus roupões junto a Silêncio, tentava se lembrar de todos aqueles meses a bordo do *Terror* quando estava sempre com frio, sempre molhado, e quando o convés inferior estava

sempre escuro, pingando, tomado por gelo e fedendo a parafina e urina. As barracas Holland haviam sido ainda mais tristes.

Agora do lado de fora, ele puxa o capuz peludo para frente para manter o frio profundo longe de seu rosto e olha ao redor.

Está escuro, claro. Crozier levava muito tempo para aceitar que de algum modo ficara inconsciente – ou morto – semanas entre o momento em que fora baleado e sua primeira consciência de estar com Silêncio, mas só houvera um mínimo brilho fraco no sul durante sua longa viagem de trenó até aquele lugar, então não havia dúvida de que era novembro, no mínimo. Crozier tentara manter um registro dos dias desde que tinham ido para a casa de neve, mas com a escuridão perpétua e seus estranhos ciclos de sono e vigília – ele achava que dormiam 12 horas ou mais seguidas – não podia ter certeza de quantas semanas haviam se passado desde a chegada. E temporais do lado de fora com frequência os mantinham do lado de dentro por dias e noites incontáveis, subsistindo de peixe e foca estocados no frio.

As constelações girando ao redor – o céu está muito claro naquele dia, portanto o dia muito frio – são constelações de inverno, e o ar está tão frio que as estrelas dançam e sacodem no céu como sempre fizeram em todos aqueles anos em que Crozier as observou do convés do *Terror* ou de algum outro navio que levava ao Ártico.

A única diferença agora é que não sente frio e não sabe onde está.

Crozier segue os rastros de Silêncio ao redor da casa de neve e na direção da praia e do mar congelados. Ele realmente não precisa seguir a trilha, já que sabe que a praia coberta de neve fica a uns cem metros ao norte da casa de neve, e que ela sempre vai ao mar para caçar focas.

Mas mesmo saber as direções gerais aqui não lhe diz onde está.

Do Acampamento Resgate e dos outros acampamentos de sua tripulação ao longo do litoral sul da ilha do Rei Guilherme, os estreitos congelados eram sempre para o sul. Ele e Silêncio poderiam estar agora na península Adelaide ao sul do outro lado do estreito em frente à ilha do Rei Guilherme, ou mesmo na própria ilha do Rei Guilherme, mas em algum ponto ao longo dos litorais leste e nordeste não mapeados onde nenhum homem branco nunca esteve.

Crozier não tinha lembrança de Silêncio transportá-lo para a barraca após ter sido baleado – ou de quantas vezes poderia ter movido a barraca antes de ele retornar ao mundo dos vivos – e só tem uma lembrança enevoada de quanto tempo durou sua viagem de trenó de deslizadores de peixe antes que ela construísse a casa de neve.

Aquele lugar podia ser qualquer um.

Não precisavam absolutamente estar na ilha do Rei Guilherme, mesmo que ela os tivesse levado ao norte; poderiam estar em uma das ilhas do estreito James Ross em algum ponto a nordeste da ilha do Rei Guilherme ou em uma ilha não mapeada no litoral leste ou oeste de Boothia. Em noites de luar, Crozier pode até ver colinas interiores a partir de sua casa de neve – não montanhas, mas colinas maiores que qualquer uma que o capitão vira na ilha do Rei Guilherme – e o próprio acampamento era mais protegido do vento que qualquer lugar que ele ou seus homens haviam encontrado, incluindo o Acampamento Terror.

Enquanto Crozier caminha esmagando neve e cascalho da praia e sai para o gelo marinho amontoado, pensa nas centenas de vezes nas semanas anteriores em que tentara transmitir a Silêncio sua necessidade de partir, encontrar seus homens, voltar aos seus homens. Ela sempre olha para ele sem expressão.

Ele passou a acreditar que ela o compreende – se não suas palavras em inglês, então as emoções por trás dos apelos –, mas nunca responde com expressões ou sinais com barbantes.

O conhecimento que ela possuía das coisas – e sua própria compreensão crescente das ideias complexas por trás dos desenhos dançarinos nos barbantes entre os dedos – se aproximava, pensa Crozier, do sobrenatural. Ele algumas vezes se sente tão próximo da estranha garotinha esquimó que acorda na noite sem saber qual corpo é dele e qual é dela. Em outros momentos ele pode ouvi-la gritando por ele do outro lado do gelo escuro para ir rápido ou levar um arpão extra, ou corda ou ferramenta... embora ela não tenha língua e nunca tenha produzido um som em sua presença. Ela entende muito, e algumas vezes ele pensa que são os sonhos dela que ele tem toda noite e fica pensando em se ela também tem de partilhar seu pesadelo do padre com vestimenta branca se elevando acima dele enquanto espera a comunhão.

Mas ela não o levará de volta aos seus homens.

Três vezes Crozier partiu sozinho, engatinhando para fora da passagem enquanto ela dorme ou finge dormir, levando apenas uma sacola de banha de foca para sustentá-lo e uma faca com a qual se defender, e três vezes se perdeu – duas vezes no interior da massa de terra em que estavam, uma distante no gelo marinho. Todas as três vezes Crozier caminhara até não conseguir mais – talvez por dias – e então caíra, aceitando a morte como sua punição justa e devida por abandonar seus homens para morrer.

A cada vez Silêncio o encontrou. A cada vez o enrolou em uma pele de urso, colocou roupões por cima e o arrastou silenciosamente pelos frios quilômetros de volta à casa de neve, onde aqueceu suas mãos e seus pés congelados sobre sua barriga nua sob os roupões e não olhou enquanto ele chorava.

Agora ele a encontra centenas de metros adiante no gelo, curvada sobre o buraco de respirar de uma foca.

Por mais que tente – e ele tentou – Crozier nunca consegue achar esses malditos buracos de respirar. Duvida de que pudesse encontrar à luz do sol de verão, muito menos à luz da lua, das estrelas ou na total escuridão como Silêncio faz. As focas fedorentas são tão inteligentes e tão habilidosas que não espanta que ele e seus homens só tenham matado um punhado em todos os meses passados no gelo, e nunca uma por seu buraco de respirar.

Por intermédio dos barbantes falantes, Crozier foi levado a compreender que uma foca só consegue prender a respiração sob a água por sete ou oito minutos – talvez 15, no máximo. (Silêncio explicou essas unidades de tempo em batidas de coração, mas Crozier achou ter conseguido traduzir com sucesso.) Evidentemente, se ele compreende corretamente os barbantes de Silêncio, uma foca tem limites territoriais – como um cão, lobo ou urso-branco. Mesmo no inverno, a foca precisa defender seus limites, então para garantir que tenha ar suficiente sob seu reino sob o gelo a foca encontra o gelo mais fino por perto e cava um buraco de respirar em forma de domo, grande o bastante para conter seu corpo inteiro, deixando apenas o menor buraco possível penetrando o gelo raspado fino pelo qual pode respirar. Silêncio

mostrou a ele as afiadas garras de raspar na nadadeira de uma foca morta, até mesmo raspando o gelo com elas para ilustrar como funcionam bem.

Crozier acredita em Silêncio quando ela barbanteia que há dezenas de domos de buracos de respirar como esses no território de uma única foca, mas ele não consegue encontrar os malditos. Os domos que ela mostra tão claramente nas cordas e que encontra tão facilmente ali na massa de gelo são invisíveis em meio a seracos, cristas de pressão, blocos de gelo, pequenos icebergs e fendas. Ele tem certeza de que tropeçou em cem das malditas coisas e nunca notou nenhuma a não ser como uma irregularidade no gelo.

Silêncio está acorada perto de uma agora. Quando Crozier está a 12 metros, ela faz um gesto para que fique quieto.

Segundo Silêncio conta com os padrões de barbante fazendo desenhos entre as mãos, a foca é uma das criaturas vivas mais cautelosas e alertas, de modo que silêncio e discrição são a essência de caçar focas. Nisso lady Silêncio honra seu nome.

Antes de se aproximar de um buraco de respirar – *como* ela sabe que está lá? – Silêncio estende pequenos quadrados de pele de rena que retira a cada passo, pondo seus pés calçando botas grossas cuidadosamente sobre eles de modo a não fazer nenhum ruído de esmagamento sobre neve e gelo. Uma vez perto do domo do buraco de respirar no escuro, se movendo lentamente, ela enfia suavemente na neve várias galhadas em forquilha e coloca nelas faca, arpão, linhas e outras coisas de caça para que possa pegá-las sem fazer barulho.

Antes de sair da casa de neve, Crozier amarrara tiras de tendões em braços e pernas como Silêncio ensinara, em uma tentativa de impedir as roupas de farfalhar. Mas sabe que se chegar mais perto do buraco agora, irá soar, em sua falta de jeito de homem branco, como uma torre de latas caindo para a foca lá embaixo – se *houver* uma foca lá embaixo –, então se esforça para ver a superfície do gelo abaixo, identifica a inevitável pele de rena grossa de sessenta centímetros por sessenta e, lenta e cuidadosamente, se ajoelha nela.

Crozier sabe que antes de sua chegada, após Silêncio ter encontrado o buraco de respirar, ela lenta e cuidadosamente retirara a neve sobre o buraco com a faca e alargara o próprio buraco com um picador de osso colocado na base da vara do arpão. Depois inspecionara o buraco para confirmar que ficava

diretamente acima de um canal fundo no gelo – caso contrário, as chances de um bom golpe de arpão eram pequenas, ele agora compreendia – e a seguir reconstruía o pequeno monte novamente. Como caía neve, ela colocara uma estreita gaze de pele sobre o buraco para impedir que fosse tapado. Depois pegara uma ponta de osso muito fina presa por uma corda de tropa à ponta de outro osso e deslizara esse alarme para dentro do buraco, instalando a outra ponta em um ramo de suas galhadas.

Agora ela espera. Crozier observa.

Horas passam.

O vento aumenta. Nuvens começam a obscurecer as estrelas e a neve é soprada sobre o gelo desde a terra atrás deles. Silêncio fica ali, curvada sobre o buraco de respirar, parca e capuz sendo lentamente cobertos por uma fina camada de neve, o arpão com a ponta de marfim na mão direita, o peso sendo sustentado atrás pela galhada fincada na neve.

Crozier a vira apanhar focas de outras formas. Em uma, ela abre dois buracos no gelo e – com a ajuda de Crozier usando um dos dois arpões – literalmente atrai a foca para si. Ela lhe ensinou que embora a foca possa ser o mais cauteloso do reino animal, seu calcanhar de aquiles é a curiosidade. Se Crozier colocar a cabeça de seu arpão especialmente preparado sob o gelo perto do buraco de Silêncio e mover o arpão para cima e para baixo levemente, fará vibrar dois pequenos ossos com eixo de pena cortado perto da cabeça do arpão. No fim, a foca não consegue resistir à curiosidade e sobe para investigar.

À lua cheia, Crozier ficou boquiaberto enquanto Silêncio se movia de barriga sobre o gelo, fingindo ser ela mesma uma foca, movendo os braços como nadadeiras. Naquelas vezes ele nem sequer conseguira ver a cabeça da foca saindo de um buraco no gelo até haver um súbito movimento de braço absurdamente rápido, e puxar de volta o arpão amarrado ao pulso por uma corda comprida. Com maior frequência, há uma foca morta na outra ponta.

Mas neste noite-dia escuro há apenas o buraco de respirar da foca para ver, e Crozier passa horas em seu tapete de couro, observando Silêncio de pé curvada sobre o domo quase invisível. A cada meia hora, mais ou menos, ela estica a mão lentamente para as galhadas e retira um pequeno instrumento

estranho – um pedaço de madeira curvo com 25 centímetros de comprimento com três garras de pássaro presas – e raspa o gelo sobre o buraco tão levemente que ele não consegue ouvir nada mesmo a pouca distância. Mas a foca deve ouvir claramente. Mesmo que o animal esteja em outro buraco de respirar, talvez a cem metros dali, ela parece – no final – ser vencida pela curiosidade que será sua ruína.

Por outro lado, Crozier não tem ideia de como Silêncio consegue ver a foca para arpoá-la. Talvez ao sol do verão, no final da primavera ou no outono sua sombra possa ser visível sob o gelo, seu nariz visível abaixo da pequena abertura do buraco de respirar... mas à luz de estrelas? No momento em que seu mecanismo de alerta vibra, a foca poderá ter se virado e mergulhado fundo novamente. Será que consegue farejar sua presença ao subir? Será que consegue senti-la de alguma outra forma?

Ele está semicongelado – um sintoma de repousar no tapete de rena em vez de sentado empertigado – e cochilando quando o pequeno alarme de osso e pena provavelmente vibrou.

Ele desperta em um instante enquanto ela se coloca em ação. Levanta o arpão da posição de descanso e o lança direto pelo buraco de respirar em menos tempo que Crozier leva para piscar e acordar. Depois está inclinada para trás, puxando com força a corda grossa que desaparece no gelo.

Crozier se esforça para levantar – a perna esquerda dói de modo abominável e não quer sustentar peso algum – e manca até o lado dela o mais rápido que pode. Ele sabe que essa é uma das partes mais difíceis da caça à foca – puxar a coisa para cima antes que consiga se livrar da cabeça de marfim com barbatanas do arpão caso esteja apenas ferida, ou apenas fique presa no gelo ou caia para as profundezas estando morta. A velocidade, como a Marinha Real nunca se cansou de lhe dizer, é essencial.

Juntos, eles erguem o pesado animal pelo buraco, Silêncio puxando a corda com um braço surpreendentemente forte e partindo o gelo com sua faca na outra mão, alargando o buraco.

A foca está morta, mas é mais escorregadia que qualquer coisa que Crozier já havia encontrado. Ele coloca a mão enluvada sob a base de uma nadadeira, tomando o cuidado de evitar as garras afiadas como navalha na ponta, e faz

força para erguer o animal morto ao gelo. Enquanto isso está arfando, xingando e rindo – livre da obrigação de ficar em silêncio – e Silêncio, claro, silenciosa a não ser por um eventual sibilo suave.

Quando a foca está segura no gelo, ele se levanta, sabendo o que virá em seguida.

A foca, quase impossível de ver à pouca luz de estrelas que consegue passar pelas nuvens baixas, está deitada com os olhos negros sem piscar e parecendo vagamente crítica, a boca aberta deixando escorrer só um fio de sangue de aparência negra para a neve branco-azulada.

Arfando um pouco com o esforço, Silêncio se ajoelha no gelo, fica de quatro e depois deita de barriga com o rosto junto ao da foca morta.

Crozier recua outro passo silencioso para trás. Estranhamente, ele se sente muito como se sentia quando menino na igreja de Memo Moira.

Enfiando a mão sob a parca, Silêncio tira um minúsculo frasco de marfim com tampa e enche a boca com água dele. Ela levou o frasco sobre os seios nus sob a pele para manter a água líquida.

Ela se inclina para frente e coloca os lábios sobre os da foca em uma estranha paródia de um beijo, até mesmo abrindo a boca do modo que Crozier vira prostitutas fazer com homens em pelo menos quatro continentes.

Mas ela não tem língua, lembra a si mesmo.

Ela passa a água líquida de sua boca para a boca da foca.

Crozier sabe que se a alma viva da foca, que ainda não saíra daquele corpo, estiver satisfeita com a beleza e a qualidade do arpão e da lança de marfim farpado que a matou, estiver satisfeita com a dissimulação e a paciência de Silêncio e seus métodos de caça, e especialmente se gostar da água de sua boca, irá contar a outras almas-focas que devem ir até esse caçador para ter a chance de beber uma água tão fresca e clara.

Crozier não sabe como sabe disso – Silêncio nunca indicou isso a ele com cordas ou sugeriu tal coisa por qualquer outro gesto –, mas sabe que é verdade. Como se o conhecimento viesse das dores de cabeça que o atormentam toda manhã.

Terminado o ritual, Silêncio se levanta, espana a neve de calça e parca, reúne seus preciosos instrumentos e o arpão, e eles arrastam juntos a foca

morta os duzentos metros até sua casa de neve.



Eles comem a noite toda. Crozier aparentemente nunca consegue se fartar de gordura e banha. Seus rostos estão tão engordurados quanto um traseiro engordurado de porco no final da noite, e ele aponta para seu rosto, aponta para o rosto igualmente engordurado de Silêncio e cai na gargalhada.

Silêncio nunca ri, claro, mas Crozier acha ver um ligeiro indício de sorriso antes de ela sair pela passagem e voltar – nua exceto pelo short de rena – com punhados de neve fresca para esfregar os rostos antes de limpá-los novamente com couro de rena macio.

Eles bebem água gelada, esquentam e comem mais foca, bebem novamente, saem para lugares separados para se aliviar, penduram as roupas encharcadas na prateleira de secagem acima da chama baixa da banha, lavam mãos e rostos novamente, escovam os dentes com dedos e ramos enrolados em cordas e se enfiam nus sob os roupões de dormir.



Crozier acabara de cochilar quando acorda sentindo a pequena mão de Silêncio em sua coxa e partes pudendas.

Ele reage imediatamente, enrijecendo e erguendo. Não esqueceu da dor física e dos escrúpulos anteriores sobre ter relações com a garota esquimó: esses detalhes simplesmente não estão em sua mente enquanto os dedos pequenos mas urgentes se fecham ao redor do pênis.

Ambos respiram pesado. Ela lança a perna sobre sua coxa e esfrega para cima e para baixo. Ele toma seus seios – tão quentes – e a segura para trás, agarrando ferozmente seu traseiro redondo e apertando a virilha dela sobre sua perna. Seu pau já está quase absurdamente duro e latejante, a ponta inchada vibrando como as penas do indicador de focas a cada contato fugaz com a pele

quente dela. Seu corpo é como a foca curiosa, subindo rapidamente na direção da superfície de sensações a despeito de seus melhores instintos.

Silêncio joga de lado o roupão de dormir superior e monta nele, baixando a mão em um movimento tão rápido quanto seu lançamento de arpão para segurá-lo, ajeitá-lo e enfiá-lo dentro de si.

– Ah, Jesus... – ele engasga quando começam a se tornar uma pessoa. Sente a resistência a seu pau tenso, sente ceder ao seu movimento e sabe, com grande choque, que está se deitando com uma virgem. Ou que a virgem está se deitando com ele. – Ah, Deus – consegue dizer quando começam a se mover mais selvagememente.

Ele puxa seus ombros para baixo e tenta beijá-la, mas ela vira o rosto, colocando-o sobre a bochecha dele, junto ao pescoço. Crozier se esquecera de que esquimós não sabem beijar... a primeira coisa que qualquer explorador Ártico inglês ouve dos veteranos.

Isso não importa.

Ele explode dentro dela em um minuto ou menos. Fazia muito tempo.

Silêncio fica deitada imóvel sobre ele por um tempo, seus pequenos seios achatados e suados sobre seu peito igualmente suado. Pode sentir o coração acelerado dela, e sabe que ela sente o seu.

Quando consegue pensar, imagina se haverá sangue. Não quer sujar os belos roupões de dormir brancos.

Mas Silêncio está movendo os quadris novamente. Está sentada bem empertigada agora, ainda montada nele, seu olhar escuro prendendo o dele. Seus mamilos escuros parecem outro par de olhos fixos encarando-o. Ele ainda está duro dentro dela, e os movimentos, de modo impossível – isso nunca acontecera nos encontros de Francis Crozier com meretrizes em Inglaterra, Austrália, Nova Zelândia, América do Sul e outras partes –, fazem com que reviva, endureça mais, comece a mover os próprios quadris em resposta ao aperto dela sobre ele.

Ela joga a cabeça para trás e coloca as mãos fortes sobre seu peito. Fazem amor assim durante horas. Uma vez ela sai da plataforma de dormir, mas apenas para voltar com água para que bebam – neve derretida da pequena lata Goldner que deixam suspensa acima da chama de secar roupas – e

objetivamente limpa as pequenas manchas de sangue das coxas quando acabam de beber.

Depois deita de costas, abre as pernas e o puxa sobre si com a mão forte no ombro dele.

Não há nascer do sol, então Crozier nunca saberá se fizeram amor durante toda aquela longa noite ártica – talvez tenham sido dias e noites inteiras sem dormir ou parar (parece assim a ele pelo tempo que dormiram) –, mas finalmente dormem. A umidade de seu suor e respiração pinga das partes expostas das paredes da casa de neve, e está tão quente em sua casa que mais ou menos na primeira meia hora de sono eles ficam sem o roupão de cima.

CROZIER

Após ter pousado,
quando o mundo ainda era escuro,
Tulunigraq, Corvo, ouviu os Dois Homens sonhando com luz.
Mas não havia luz.
Tudo era escuro, e sempre fora.
Sem sol. Sem lua. Sem estrelas. Sem fogueiras.

Corvo voou para o interior até encontrar uma casa de neve
onde um velho vivia com a filha.
Sabia que eles escondiam luz,
guardavam um pouco de luz,
então ele entrou.
Subiu a passagem se arrastando.
Olhou para cima pelo *katak*.
Duas bolsas de pele estavam penduradas lá,
uma contendo escuridão,
e a outra contendo luz.

A filha do homem estava sentada lá acordada
enquanto o pai dormia.
Ela era cega.
Tulunigraq usou seu envio de pensamentos
para fazer a filha querer brincar.

“Deixe-me brincar com a bola!”, gritou a filha, acordando o velho.
O homem acordou e pegou a bolsa que continha
a luz do dia.

A luz estava enrolada em pele de rena que era
aquecida pela luz do dia dentro
querendo sair.

Corvo usou seu envio de pensamento para fazer
A garota empurrar a bola de luz do dia para o *katak*.
“Não!”, gritou o pai.
Tarde demais.
A bola desceu o *katak*, quicou para baixo
pela passagem.

Tulunigraq estava esperando.
Ele pegou a bola.
Saiu correndo pela passagem,
correu com a bola de luz do dia.

Corvo usou seu bico.
Rasgou a bola de pele,
Rasgou a luz do dia.
O homem da casa de neve estava
perseguindo-o por entre salgueiros
e gelo, mas o homem da luz do dia não era homem.
O homem era um falcão.
“*Pitqiktuak!*”, gritou Peregrino. “Vou
matar você, Embusteiro!”

Ele se lançou sobre Corvo,
mas não antes de Corvo rasgar a bola de pele.
A alvorada subiu.
Luz se espalhou por tudo.

Quagaa Sila! A alvorada subiu!

“Uunukpuaq! Uunukpuagmun! Escuridão!”
guinchou o Falcão.

“Quagaa! Luz por toda parte!”
gritou Corvo.

“Noite!”

“Luz do dia!”

“Escuridão!”

“Luz do dia!”

“Noite!”

“Luz!”

Eles continuaram gritando.

Corvo gritou:

“Luz do dia para a terra!”

“Luz do dia para o Povo Real!”

Não será bom

se tivermos uma, mas não a outra.

Então Corvo levou a luz do dia para alguns lugares.

E Peregrino manteve a escuridão firme em outros lugares.

Mas os animais lutaram.

Os Dois Homens lutaram.

Eles jogaram luz e escuridão um contra o outro.

Luz do dia e noite chegaram ao equilíbrio.

O inverno sucede o verão.

Duas metades.

Luz e escuridão completam uma a outra.

Vida e morte completam uma a outra.

Você e eu completamos um ao outro.

Do lado de fora, o *Tuunbaq* caminha na noite.
Onde tocamos,
há luz.

Tudo está em equilíbrio.

CROZIER

Eles partem em sua longa viagem de trenó pouco antes de o sol fazer sua primeira aparição hesitante, ao meio-dia, e de poucos minutos no horizonte sul.

Mas Crozier entende que não é a volta do sol que determinou o momento de eles agirem e seu próprio tempo de decisão; é a violência nos céus nas outras 23 horas e meia todo dia que determinou a Silêncio que chegara a hora. Enquanto se afastam para sempre de sua casa de neve, tiras reluzentes de luz colorida encolhem e esticam acima deles como dedos se abrindo de um punho. A aurora fica mais forte no céu escuro a cada dia e noite.

O trenó é um equipamento mais sério para esta viagem mais longa. Com quase o dobro do tamanho do trenó improvisado de um metro e oitenta com deslizadores de peixe que Silêncio usara para transportá-lo quando ele não podia caminhar, aquele veículo tem deslizadores feitos de pedaços pequenos e cuidadosamente moldados de madeira resgatada interligados por marfim de morsa. Usa bases de osso de baleia e marfim achatado em vez de apenas uma camada de pasta de musgo em seus deslizadores, embora Silêncio e Crozier ainda reapliquem uma camada de gelo várias vezes por dia. As seções transversais são feitas de galhadas e dos últimos pedaços de madeira que tinham, incluindo a tira da prateleira de dormir; os postes de trás são compostos de galhadas e marfim de morsa fortemente amarrados.

As tiras de couro agora são preparadas para que os dois puxem – nenhum deles irá montado a não ser que haja ferimento ou doença –, mas Crozier sabe que Silêncio construiu aquele trenó com grande cuidado na esperança de que possa ser puxado por uma tropa de cães antes que o ano termine.

Ela está esperando. Não disse isso a Crozier – pelos barbantes, por um olhar ou qualquer meio visível –, mas ele sabe e ela sabe que sabe. Se tudo for bem, estima que o bebê nasça no mês que ele costumava pensar como sendo julho.

O trenó carrega todos os seus roupões, peles, utensílios de cozinha, ferramentas e latas Goldner fechadas com couro para conter água assim que degelada, e um suprimento de peixe, foca, morsa, raposa, lebre e lagópode congelados. Mas Crozier sabe que parte dessa comida é para um tempo que pode não chegar – pelo menos para ele. E parte dela pode ser como presentes, dependendo do que ele decidir e o que então acontecer no gelo. Sabe que, dependendo do que decidir, logo estarão jejuando em preparação – embora, do modo como entende, ele é o único que *precisa* jejuar. Silêncio se juntará no jejum apenas porque agora é sua esposa e não comerá quando ele não comer. Mas, se ele morrer, ela levará a comida e o trenó e voltará à terra para levar a vida e continuar com suas obrigações lá.

Durante dias, eles viajam para o norte seguindo um litoral, desviando de picos e colinas íngremes demais. Algumas vezes a topografia severa os expulsa para o gelo, mas não querem passar muito tempo lá. Não ainda.

O gelo está se partindo aqui e ali, mas apenas em pequenos canais. Não param para pescar nesses canais ou descansar nas *polynyas*, seguindo em frente, puxando dez horas por dia ou mais, voltando para terra assim que podem e continuando a arrastar lá, embora isso signifique renovar o gelo nos deslizadores com muito maior frequência.

Na noite do oitavo dia, param em uma colina e olham para um grupo de domos de neve iluminados.

Silêncio tem o cuidado de se aproximar dessa pequena aldeia a favor do vento, mas ainda assim um dos cachorros presos no gelo ou na terra abaixo começa a latir loucamente. Porém os outros não se juntam a ele.

Crozier olha para as estruturas iluminadas – uma é um domo múltiplo feito de pelo menos uma casa de neve grande e quatro pequenas ligadas por

passagens. Apenas a ideia, quanto mais a visão de tal comunidade, faz as entranhas de Crozier doer.

Bem mais abaixo, abafado por blocos de neve e couro de rena, vem o som de risos humanos.

Ele poderia descer lá agora, sabe, e pedir que aquele grupo o ajude a encontrar o caminho para o Acampamento Resgate e então achar seus homens; Crozier sabe que esta é a aldeia do bando ao qual pertencia o xamã que escapou do massacre de oito esquimós do outro lado da ilha do Rei Guilherme e também a família estendida de Silêncio, assim como eram os oito homens e mulheres assassinados.

Ele poderia descer e pedir que ajudassem, e sabe que Silêncio o seguiria e traduziria com sinais de barbante. Ela é sua esposa. Também sabe que são grandes as chances de que a não ser que faça o que será pedido a fazer no gelo – marido de Silêncio ou não, e quaisquer sejam sua reverência, assombro e amor por ela – esses esquimós podem muito bem recebê-lo com sorrisos, anuências e risos e então, quando estiver comendo, dormindo ou distraído, colocarão tiras apertadas sobre seus pulsos, uma bolsa de couro sobre sua cabeça e a seguir o esfaquearão repetidamente, mulheres esfaqueando juntamente com os homens, até que esteja morto. Ele sonhou com seu sangue escorrendo vermelho sobre neve branca.

Ou talvez não. Talvez Silêncio não saiba o que vai acontecer. Se tivesse sonhado aquele futuro específico não teria barbanteado o resultado para ele nem partilhado aqueles sonhos.

De qualquer forma ele não quer descobrir agora. Aquela aldeia, esta noite, amanhã – antes de ter decidido sobre a outra coisa – não é seu futuro imediato, quaisquer que sejam seu futuro e seu destino.

Anui para ela na escuridão, eles se desviam da aldeia e arrastam o trenó para o norte ao longo do litoral.



Durante os dias e noites de viagem – apenas colocam uma pele de rena protetora pendurada acima deles a partir das galthadas de rena quando se

aninham sob as peles para as poucas horas de sono –, Crozier tem muito tempo para pensar.

Nos últimos meses, talvez por não ter ninguém com quem falar – ou pelo menos nenhum interlocutor que possa responder com um discurso em voz alta – ele aprendeu como deixar que diferentes partes de sua mente e seu coração falem dentro dele como se fossem diferentes almas com seus próprios argumentos. Uma alma, a mais velha e cansada, sabe que ele foi um fracasso em todos os sentidos que um homem pode ser testado. Seus homens – os homens que confiaram nele para liderá-los em segurança – estão todos mortos ou espalhados. Sua mente espera que alguns tenham sobrevivido, mas em seu coração, na alma de seu coração, sabe que homens tão espalhados na terra do *Tuunbaq* já estão mortos, seus ossos alvejando em alguma praia sem nome ou placa de gelo vazia. Ele fracassou com todos.

Ele pode, no mínimo, acompanhá-los.

Crozier ainda não sabe onde está, embora a cada dia suspeite mais que invernaram no litoral oeste de uma grande ilha a nordeste da ilha do Rei Guilherme, um ponto quase na mesma latitude do Acampamento Terror e do próprio *Terror*, embora esses locais estivessem mais de 160 quilômetros a oeste dali através do mar congelado. Se ele quisesse retornar ao *Terror* teria de viajar para oeste sobre aquele mar e talvez mais ilhas, depois por toda a ilha do Rei Guilherme e depois mais quarenta quilômetros sobre o gelo até alcançar o navio que abandonara mais de dez meses antes.

Ele não quer retornar ao *Terror*.

Crozier aprendeu o suficiente sobre sobrevivência nos meses anteriores para achar que consegue encontrar o caminho de volta ao Acampamento Resgate e mesmo ao rio de Back tendo tempo suficiente, caçando no caminho, construindo casas de neve ou barracas de peles quando as inevitáveis tempestades chegarem. Pode procurar seus homens espalhados naquele verão, dez meses após tê-los abandonado, encontrar algum vestígio deles, mesmo que leve anos.

Silêncio o seguirá caso escolha esse rumo – sabe que sim – embora isso signifique a morte de tudo que ela é e tudo pelo que vive ali.

Mas não pediria isso a ela. Se fosse para o sul atrás de sua tripulação, o faria sozinho, porque suspeita de que, a despeito de seu novo conhecimento e novas habilidades, morreria em tal busca. Se não morresse no gelo, haveria um ferimento no rio que teria se seguir rumo sul. Se o rio, ferimento ou doença no caminho não o matasse, poderia encontrar grupos de esquimós hostis ou mesmo os índios ainda mais selvagens mais ao sul. Ingleses – especialmente os velhos veteranos Árticos – adoram acreditar que esquimós são pessoas primitivas porém pacíficas, lentos em sentir raiva, sempre resistentes a guerras e conflitos. Mas Crozier viu a verdade em seus sonhos: eles são seres humanos, tão imprevisíveis quanto qualquer outra raça de homem, e com frequência afundam em guerra, assassinato e, em tempos difíceis, até mesmo em canibalismo.

Uma rota muito mais curta e segura para o resgate do que rumo sul, sabe, seria ir diretamente para leste a partir dali, cruzando o gelo antes que a banquisa comece a se abrir para o verão – caso se abra –, caçando e fazendo armadilhas pelo caminho, depois cruzando a península Boothia até seu litoral leste, viajando rumo norte para Fury Beach ou os velhos locais de expedição lá. Uma vez em Fury Beach poderia simplesmente esperar por uma baleeira ou navio de resgate. As chances de sobrevivência e resgate naquela direção são excelentes.

Mas e se chegar à civilização... de volta à Inglaterra? Sozinho. Sempre será o capitão que deixou todos os seus homens morrer. A corte marcial será inevitável, seu resultado predeterminado. Qualquer que possa ser a punição do tribunal, a vergonha será uma sentença perpétua.

Mas não é isso que o dissuade de seguir para leste ou sul.

A mulher ao seu lado leva seu filho.

De todos os seus fracassos, são os fracassos de Francis Crozier como homem que mais o ferem e assombam.

Ele tem quase 53 anos de idade, e só amou uma vez antes disto – pedindo em casamento uma menina mimada, uma menina-mulher maldosa que o provocara e depois o usara para seu prazer do modo como seus marinheiros usavam meretrizes de beira de cais. *Não, pensou, do modo como eu usei meretrizes de beira de cais.*

Toda manhã agora, e com frequência à noite, ele acorda junto a Silêncio após partilhar os sonhos dela, sabendo que ela partilhara os seus, sentindo seu calor junto a si, se sentindo responder àquele calor. Todo dia saem para o frio e lutam pela vida juntos – usando a habilidade e o conhecimento dela para preda outras almas, comer outras almas, para que suas duas almas vida-espírito possam viver um pouco mais.

Ela leva nosso filho. Meu filho.

Mas isso é irrelevante para a decisão que precisa tomar nos próximos dias.

Ele tem quase 53 anos de idade e agora está sendo chamado a acreditar em algo tão absurdo que a própria ideia disso deveria fazê-lo rir. Está sendo chamado – se entende os barbantes e os sonhos, e finalmente acredita que sim – a *fazer* algo tão terrível e doloroso que se a experiência não o matar, poderá deixá-lo louco.

Ele tem de *acreditar* que tal insanidade ilógica é a coisa certa a fazer. Tem de *acreditar* que seus sonhos – meros sonhos – e que seu amor por aquela mulher deveriam fazer com que abandone uma vida inteira de racionalidade para se tornar...

Tornar-se o quê?

Alguém e algo diferente.

Puxando o trenó junto a Silêncio sob um céu cheio de cores violentas, ele lembra a si mesmo que Francis Rawdon Moira Crozier não acredita em nada.

Ou melhor, se ele acredita em algo, é no *Leviatã* de Hobbes.

A vida é solitária, pobre, repulsiva, violenta e curta.

Isso não pode ser negado por nenhum homem racional. Francis Crozier, a despeito de seus sonhos e dores de cabeça, e de uma estranha nova disposição de crer, é um homem racional.

Se um homem de paletó em uma biblioteca aquecida a carvão em sua mansão de Londres pode compreender que a vida é solitária, pobre, repulsiva, violenta e curta, então como isso pode ser negado por um homem puxando um trenó abarrotado de carne congelada e peles sobre uma ilha sem nome, através da noite ártica sob um céu enlouquecido, na direção de um mar congelado a 1.600 quilômetros de qualquer braseiro civilizado?

E na direção de um destino assustador demais para imaginar.

No quinto dia puxando ao longo do litoral, eles chegam ao fim da ilha e Silêncio os guia para o gelo na direção nordeste. O avanço é mais lento ali – há as inevitáveis cristas de pressão e placas se movimentando –, e precisam dar muito mais duro. Também viajam mais lentamente de modo a não quebrar o trenó. Usam o fogão a banha para derreter neve para beber água, mas não param para pegar carne fresca, a despeito dos muitos domos de buracos de respirar que Silêncio aponta no gelo.

O sol agora sobe por uns trinta minutos cada dia. Crozier não consegue ter certeza da hora. Seu relógio desapareceu com suas roupas após Hickey ter atirado nele e Silêncio o resgatado... Como quer que tenha feito aquilo. Ela nunca lhe contou.

Aquela foi a primeira vez em que morri, pensa.

Agora ele está recebendo o pedido de morrer novamente – morrer como o que era de modo a se tornar algo diferente.

Mas quantos homens conseguem uma segunda chance dessas? Quantos capitães que viram 125 homens de sua expedição morrer ou desaparecer iriam querer isso?

Eu poderia desaparecer.

Crozier tem visto a massa de cicatrizes em seu braço, peito, barriga e perna toda noite quando se despe para se enfiar sob os roupões de dormir, e pode sentir e imaginar quão terríveis devem ser as cicatrizes de bala e chumbo em suas costas. Elas poderiam ser uma explicação e uma desculpa para toda uma vida de silêncio sobre seu passado.

Pode caminhar para leste cruzando Boothia, caçar e pescar nas ricas águas mais quentes do litoral leste, se esconder de navios de resgate da Marinha Real e outros ingleses e esperar um navio baleeiro americano. Se for necessário esperar dois ou três anos ali antes que um apareça, pode sobreviver a isso. Agora tem certeza.

E então, em vez de ir para casa na Inglaterra – algum dia a Inglaterra foi casa para ele? –, pode dizer a seus salvadores americanos que não se lembra do que lhe aconteceu ou a qual navio pertencia – pode lhes mostrar seus terríveis ferimentos como evidência – e ir com eles para a América ao final da temporada de caça à baleia. Lá poderia começar vida nova.

Quantos homens teriam uma chance de começar uma vida tão nova com sua idade? Muitos homens gostariam.

Silêncio iria com ele? Será que Silêncio suportaria os olhares e risos dos marinheiros e os olhares mais duros e os sussurros de americanos “civilizados” em alguma cidade da Nova Inglaterra ou em Nova York? Trocaria suas peles por vestidos de morim e corpetes de barbatana de baleia, sabendo que sempre seria uma completa estranha numa terra completamente estranha?

Iria.

Crozier tem certeza disso tanto quanto de qualquer coisa.

Ela o seguiria para lá. E morreria lá – e logo. De infelicidade, de estranheza e de todos os pensamentos cruéis, mesquinhos, estranhos e desabridos que penetrariam nela como o veneno das latas Goldner penetrara em Fitzjames – invisível, vil, mortal. Também sabe disso.

Mas Crozier poderia criar seu filho na América e ter uma vida nova naquele país quase civilizado, talvez capitão de um veleiro particular lá. Ele havia sido um completo fracasso como capitão da Marinha Real e do Serviço de Descobertas e como cavalheiro – bem, ele nunca foi um cavalheiro –, mas ninguém na América precisaria saber disso.

Não, não, um veleiro sério o levaria a lugares e portos onde poderia ser conhecido. Se for reconhecido por qualquer oficial naval inglês, seria enforcado como desertor. Mas um pequeno pescador... pescando a partir do porto de alguma pequena aldeia da Nova Inglaterra, talvez, com uma esposa americana esperando-o no porto para criar seu filho com ele após Silêncio morrer.

Uma esposa americana?

Crozier olha para Silêncio se esforçando no arreo do trenó à sua direita, puxando com ele. A luz carmim, vermelha, roxa e branca da aurora acima pinta seu capuz de pele e ombros. Ela não o encara. Mas ele tem certeza de que sabe o que está pensando. Ou se não sabe agora, saberá quando se aninharem mais tarde na noite e sonharem.

Ele não pode ir para a Inglaterra. Não pode ir para a América.

Mas a alternativa...

Ele estremece e puxa o capuz para frente de modo a que o pelo de urso-polar dos dois lados do rosto capture melhor o calor de hálito e corpo.

Francis Crozier não acredita em nada. *A vida é solitária, pobre, repulsiva, violenta e curta.* Ela não tem plano, não tem objetivo, nem mistérios ocultos que compensem as infelicidades e banalidades tão óbvias. Nada que aprendeu nos últimos meses o convenceu do contrário.

Convenceu?

Juntos, puxam o trenó mais para dentro da banquisa.



No oitavo dia param.

O lugar não parecia diferente da maior parte da banquisa que eles cruzaram na semana anterior – talvez um pouco mais plana, menos blocos de gelo grandes e cristas de pressão, talvez, mas essencialmente apenas uma banquisa. Crozier consegue ver algumas *polynyas* a distância – sua água escura como imperfeições no gelo branco – e o gelo está partido aqui e ali e vários pequenos canais temporários que levam a lugar nenhum. Se o rompimento da primavera não está chegando dois meses mais cedo naquele ano, estava simulando bem. Mas Crozier já viu muitos falsos degelos de primavera como aquele muitas vezes antes em sua experiência ártica, e sabe que o verdadeiro rompimento da banquisa não começaria até o final de abril ou depois.

Enquanto isso, eles têm trechos de mar aberto e buracos de respirar de foca em abundância, talvez até mesmo chance de caçar morsa ou narval caso apareçam, mas Silêncio não está interessada em caçar.

Os dois saem dos arreios e olham ao redor. Pararam de puxar no breve interlúdio de crepúsculo de meio-dia ao sul que se faz passar por dia.

Silêncio se coloca na frente de Crozier, tira as luvas dele e depois as suas. O vento está muito frio, e as mãos deles não devem ficar expostas por mais de um minuto, mas naquele minuto ela segura as mãos dele nas suas e o encara. Desvia o olhar para leste, depois sul, e de volta para ele.

A pergunta é clara.

Crozier sente seu coração acelerar. Não consegue se lembrar de nenhum momento em sua vida adulta – certamente não na noite em que Hickey o emboscou – em que tenha sentido tanto medo.

– Sim – ele diz.

Silêncio recoloca as luvas e começa a descarregar o trenó.

Enquanto Crozier a ajuda a colocar as coisas no gelo e depois a desmontar o próprio trenó, pensa novamente em como ela encontrou aquele lugar. Ele havia aprendido que embora ela algumas vezes usasse as estrelas ou a lua para se orientar, com maior frequência apenas presta grande atenção à paisagem. Mesmo em terreno aparentemente deserto coberto de neve, está contando as cristas de neve matematicamente precisas e os montes de neve criados pelo vento, reparando até mesmo no sentido dessas cristas. Como Silêncio, Crozier começou a contar o tempo nem tanto em dias quanto em sonos – quantas vezes pararam para dormir, qualquer que tenha sido o momento do dia ou da noite.

Ali no gelo ele se tornou mais consciente que nunca – ou melhor, partilhou algo da consciência de Silêncio – das sutilezas de gelo de pressão e gelo de inverno antigo, de novas cristas de pressão, gelo grosso de banquisa e gelo novo perigoso. Agora consegue ver um canal a quilômetros de distância apenas pelo leve escurecimento das nuvens acima. Agora evita fissuras perigosas mas quase invisíveis e gelo podre sem notar ativamente que está fazendo isso.

Mas por que este lugar? Como ela sabia vir aqui para o que estão prestes a fazer?

Eu estou prestes a fazer, percebe, e seu coração bate mais forte.

Mas não ainda.

À luz que diminui rapidamente, eles prendem algumas das varas do trenó e os postes verticais soltos para construir a estrutura grosseira de uma pequena barraca. Ficarão ali apenas alguns dias – a não ser que Crozier fique ali para sempre –, então, não tentam achar uma duna na qual construir uma casa de neve, nem gastam energia deixando a barraca bonita. Ela servirá como abrigo.

Algumas das peles são colocadas como parede externa da barraca, a maioria fica dentro.

Enquanto Crozier arruma as peles do piso e de dormir, Silêncio fica do lado de fora, rápida e eficientemente cortando blocos de gelo de uma massa caída perto e construindo uma pequena parede a barlavento da barraca. Isso ajudará um pouco.

Uma vez dentro, ela ajuda Crozier a colocar a lamparina de cozinha de chama de banha e a estrutura de galhada no vestibulo de couro de rena da barraca, e começam a derreter neve para beber. Também usarão a estrutura e a chama para secar suas roupas exteriores. O vento sopra neve ao redor do trenó vazio e abandonado, que agora é pouco mais que deslizadores.

Durante três dias ambos jejuam. Não comem nada, bebendo água em uma tentativa de aplacar os roncões dos estômagos; saem da barraca por várias horas todo dia, mesmo quando neva, para se exercitar e reduzir a tensão.

Crozier arremessa arpões e lanças em um grande bloco de neve e gelo; Silêncio os resgatou dos membros da família mortos no local do massacre e preparou um arpão pesado com corda comprida e uma lança de arremesso leve para cada um meses antes.

Agora ele arremessa o arpão com tanta força que se enterra 25 centímetros no bloco de gelo.

Silêncio se aproxima e retira o capuz, olhando para ele à luz cambiante da aurora.

Ele balança a cabeça e tenta sorrir.

Ele não tem sinais para: *Isso não é o que você faria ao seu inimigo?* Em vez disso a tranquiliza, com um abraço desajeitado, de que não vai partir ou não planeja usar o arpão em algo ou alguém tão cedo.



Nunca viu uma aurora como aquela.

O dia e a noite inteiros as cortinas cascadeantes de cor dançam de um horizonte a outro com o centro da exibição bem acima. Nem em todos os seus anos de expedições perto dos Polos Norte ou Sul Crozier viu algo remotamente lembrando aquela explosão de luz. Os aproximadamente

sessenta minutos de luz do dia fraca não fazem quase nada para reduzir a intensidade da exibição aérea.

E há muito acompanhamento acústico para os fogos de artifício visuais.

Ao redor deles o gelo rosna, estala, geme e raspa com a pressão, enquanto demoradas séries de explosões sob o gelo começam como fogo de artilharia disperso e rapidamente se transformam em um canhoneio incessante. Já enervado pela ansiedade, Crozier fica ainda mais profundamente abalado com o barulho e o movimento da banquisa abaixo deles. Ele agora dorme com sua parca – maldita transpiração – e sai da barraca para o gelo meia dúzia de vezes a cada período de sono, certo de que sua grande placa de gelo está se partindo.

Nunca se parte, embora rachaduras surjam aqui e ali a cinquenta metros de sua barraca e elas disparem por gelo aparentemente sólido fissuras mais rápidas que um homem consegue correr. Depois as rachaduras se fecham e desaparecem. Mas as explosões continuam, assim como a violência no céu.

Na sua última noite naquela vida, Crozier dorme agitado – sua fome de jejum o deixa frio de um modo que nem mesmo o calor corporal de Silêncio consegue compensar – e sonha que Silêncio está cantando.

As explosões do gelo transformam-se em batidas regulares de tambor que servem de fundo para sua voz alta, doce, triste, perdida:

Ayaa, yaa, yapape!

Ayaa, yaa, yapape!

Ajâ-jâ, ajâ-jâ-jâ...

Aji, jai, já...

Diga-me, a vida era tão bela na Terra?

Aqui estou cheia de júbilo

Sempre que a alvorada surge sobre a Terra

E o grande sol

Desliza para o céu.

Mas lá onde você está

Eu me deito com medo e tremor

De larvas e vermes enxameando

Ou criaturas do mar sem almas

Que comem o vazio de minha clavícula

E cavam meus olhos.

Aji, jai, já...

Ajâ-jâ, ajâ-jâ-jâ...

Ayaa, yaa, yapape!

Ayaa, yaa, yapape!

Crozier acorda tremendo. Vê que Silêncio já está acordada, encarando-o com seus olhos escuros que não piscam, e em um momento de puro terror mais profundo que terror, se dá conta de que não era sua voz que acabara de ouvir cantando para ele aquela canção de homem morto – literalmente uma canção de um homem morto para seu antigo eu vivo –, mas a voz de seu filho não nascido.

Crozier e sua esposa se levantam e vestem em silêncio cerimonial mútuo. Do lado de fora, embora talvez manhã, ainda é noite, mas uma noite de mil cores projetadas sobre as estrelas trêmulas.

O gelo tremendo ainda soa como uma batida de tambor.

Os únicos caminhos agora são rendição ou morte. Ou ambos. Toda sua vida, o menino e o homem que ele foi e tem sido por 50 anos prefeririam morrer a se render. O homem que ele *agora* é prefere morrer a se render.

Mas o que é a própria morte senão a rendição final? A chama azul em seu peito não aceitará nenhuma das escolhas.

Em sua casa de neve nas semanas anteriores, sob seus roupões de dormir, ele aprendeu sobre outro tipo de rendição. Uma espécie de morte. Uma mudança de ser um para ser algo mais que não é eu nem não eu.

Se duas pessoas diferentes que não têm nenhuma palavra em comum podem sonhar os mesmos sonhos, então talvez – mesmo com todos os sonhos colocados de lado e todas as outras crenças ignoradas – outras realidades também possam se fundir.

Ele está muito assustado.

Saem da barraca vestindo apenas botas, shorts, meias e as finas camisas de couro de rena que algumas vezes usam sob as parcas. Está muito frio esta noite, mas o vento morreu desde a breve aparição do sol ao meio-dia.

Ele não tem ideia da hora. O sol se pôs há muitas horas, e ainda não dormiram.

O gelo se parte sob pressão com a batida constante de tambores. Novos canais se abrem perto.

A aurora lança cortinas de luz do zênite estrelado para o horizonte branco-gelo, enviando bruxuleios para norte, leste, sul e oeste. Todas as coisas, incluindo o homem branco e a mulher marrom, são tingidas alternadamente de carmim, violeta, amarelo e azul.

Ele fica de joelhos e ergue o rosto.

Ela fica acima dele, curvando-se lentamente como se observando um buraco de respirar esperando por uma foca.

Como ensinado, ele mantém os braços ao lado do corpo, mas ela o segura firme pelos braços. As mãos dela estão nuas ao frio.

Ela baixa a cabeça e arreganha a boca. Ele abre a sua. Seus lábios quase se tocam.

Ela inala profundamente, cola a boca sobre a dele e começa a soprar em sua boca aberta, garganta abaixo.

É a parte – em seu treinamento na longa escuridão de inverno – em que ele teve tanta dificuldade. Respirar o hálito de outra pessoa é como se afogar.

O corpo tenso, ele se concentra ferozmente para não engasgar, não se afastar. Pensa: *rendição*.

Kattajjaq. Pirkusirtuk. Nipaquhiit. Todos nomes estalados de que se lembra em parte dos sonhos. Todos nomes que o Povo Real ao redor do círculo de gelo norte do mundo tem para o que estão fazendo naquele momento.

Ela começa com uma curta série de notas ritmadas.

Está tocando as cordas vocais dele como um grupo de palhetas.

As notas baixas se elevam sobre o gelo e se fundem com os estalos de pressão e a luz pulsante da aurora.

Ela repete o tema rítmico, mas dessa vez deixa uma pequena lacuna de silêncio entre as notas.

Ele enche os pulmões com o hálito dela, acrescenta o seu e sopra na boca aberta dela.

Ela não tem língua, mas suas cordas vocais estão intactas. As notas que eles produzem com seu hálito vibrando-os são agudas e puras.

Ela sopra música a partir da garganta dele. Ele tira música da dela. O tema rítmico inicial acelera, se superpõe, apressa. A gama de notas torna-se mais complexa – tanto flauta quanto oboé, tão claramente humano quanto

qualquer voz, a canção-garganta pode ser ouvida a quilômetros no gelo pintado de aurora.

Mais ou menos a cada três minutos na primeira meia hora, eles param e arfam. No treinamento, muitas vezes caíram na gargalhada nesse ponto – ele entende pelos sinais de barbante que isso fazia parte da diversão quando era apenas uma brincadeira feminina, fazer o outro cantor-garganta rir –, mas não pode haver risos nessa noite.

As notas recomeçam.

A canção ganha a qualidade de uma única voz humana cantando, simultaneamente grave como baixo e aguda como flauta. Eles podem formar palavras respirando pelas cordas vocais um do outro dessa forma, e ela faz isso – faz palavras em canção pela noite; ela toca sua garganta e cordas vocais como um instrumento complexo, e as palavras ganham forma.

Improvisam. Quando um muda de ritmo, o outro sempre deve acompanhar. Nesse sentido, sabe agora, é muito como fazer amor.

Ele encontra o espaço secreto para respirar entre os sons, de modo que podem continuar por mais tempo e produzir notas mais graves e puras. O ritmo acelera quase até um clímax, depois desacelera, reacelera. É acompanhar o líder, para frente e para trás, um mudando o tempo e o ritmo, o outro acompanhando como um amante respondendo, depois o outro assumindo a liderança. Eles cantam-garganta um ao outro desse modo por uma hora, depois duas horas, algumas vezes ficando mais de vinte minutos sem parar para respirar.

Os músculos do diafragma dele doem. Sua garganta queima. As notas e o ritmo agora são tão complicados quanto os criados por 12 instrumentos, tão interligados, complexos e crescentes quanto o crescendo de uma sonata ou sinfonia.

Ele a deixa liderar. A voz única que os dois produzem, os sons e palavras que os dois dizem, são delas, por intermédio dele. Ele se rende.

Ela finalmente para e cai de joelhos junto a ele. Ambos estão exaustos demais para erguer as cabeças. Ofegam e chiam como cachorros depois de uma corrida de dez quilômetros.

O gelo parou com os ruídos. O vento parou de zumbir, a aurora pulsa mais lentamente acima.

Ela toca seu rosto, se coloca de pé e se afasta, fechando a porta da barraca atrás de si.

Ele encontra força suficiente para se levantar e tirar o resto das roupas. Nu, não sente o frio.

Um canal se abriu a nove metros de onde fizeram música, e agora caminha para lá. Seu coração não desacelera.

A menos de dois metros da beira da água ele se ajoelha novamente, ergue o rosto para o céu e fecha os olhos.

Ouve a coisa se erguer da água a menos de um metro e meio, ouve as garras raspando no gelo e o sopro de seu hálito quando passa do mar para o gelo, e ouve o gelo rosar sob seu peso, mas não baixa a cabeça nem abre os olhos para ver. Não ainda.

Água levantada pela saída dela bate em seus joelhos nus e ameaça congelá-lo no gelo onde está ajoelhado. Ele não se move.

Sente o cheiro de pelo molhado, carne molhada, o fedor de fundo do oceano e sente sua sombra de aurora pousando sobre si, mas não abre os olhos para ver. Não ainda.

Só quando sua pele vibra e se arrepia com a presença da massa pesada parecendo cercá-lo e só quando seu hálito de comedor de carne o envolve ele abre os olhos.

Pelo pingando como as vestimentas molhadas e grudadas de um padre. Cicatrizes de queimaduras em meio ao branco. Dentes. Olhos negros a menos de um metro dos seus e olhando fundo nele, olhos de predador procurando sua alma... procurando ver se tem uma alma. A enorme cabeça triangular baixa e apaga o céu pulsante.

Rendendo-se apenas ao ser humano com quem quer estar e ao ser humano que deseja se tornar – nunca ao *Tuunbaq* ou ao universo que apagaria a chama azul em seu peito –, ele fecha os olhos novamente, inclina a cabeça para trás, abre a boca e estica a língua exatamente como Memo Moira o ensinou a fazer na sagrada comunhão.

TALIRIKTUG

Lat. 68° 30' N., Long. 99° W.

28 de maio de 1851

Na primavera do ano em que seu segundo filho nasceu, uma garota, eles estavam visitando a família de Silna no bando de Povo que Anda com Deus liderado pelo velho xamá Asiajuk quando chegou por intermédio de um caçador em visita chamado Inupijuk a notícia de que um bando de Povo Real bem mais ao sul recebera *aituserk*, presentes, de madeira, metal e outros objetos preciosos de *kabloona* mortos – homens brancos.

Taliriktug fez sinais para Asiajuk, que traduziu os sinais em perguntas para Inupijuk. Parecia que o tesouro poderia ser de facas, garfos e outros artefatos dos barcos de *Erebus* e *Terror*.

Asiajuk sussurrou para Taliriktug e Silna que Inupijuk era um *qavac* – literalmente, “um homem do sul”, mas também um termo em *inuktitut* que denotava estupidez. Taliriktug anuiu que compreendia, mas continuou a sinalizar perguntas que o sério xamá passava para o caçador que sorria estupidamente. Parte do desconforto social de Inupijuk, Taliriktug sabia, era que o caçador do sul nunca estivera na presença de governantes-espíritos *sixam ieva* antes e não estava bem certo se Taliriktug e Silna eram seres humanos ou não.

Aparentemente os artefatos eram reais. Taliriktug e sua esposa voltaram para seu iglu de hóspedes, onde ela amamentou o bebê e ele pensou nisso. Quando ergueu os olhos, ela usava barbante para sinalizar.

Deveríamos ir para o sul, diziam os barbantes entre seus dedos. *Caso queira.*

Ela anuiu.

No final, Inupijuk concordou em guiá-los até a aldeia no sudeste e Asiajuk decidiu ir com eles – muito incomum, já que naquele tempo o velho xamá raramente viajava para longe. Asiajuk levou sua melhor esposa, Gaivota – jovem Nauja dos grandes peitos *amooq* – que também tinha suas cicatrizes do encontro letal do grupo com os *kabloona* três anos antes. Ela e o xamá foram os únicos sobreviventes daquele massacre, mas a garota não tinha ressentimentos para com Taliriktug. Estava curiosa sobre os destinos dos últimos *kabloona* que todos sabiam que haviam seguido para o sul sobre o gelo três verões antes.

Seis caçadores do grupo de Povo que Anda com Deus também quiseram ir – principalmente por curiosidade e para caçar no caminho, já que o gelo estava se partindo muito cedo no estreito naquela primavera – de modo que finalmente partiram em vários barcos, já que canais se abriam ao longo do litoral.

Taliriktug, Silna e os dois filhos escolheram viajar – assim como quatro dos caçadores – em seu comprido *qayaq* comprido, mas Asiajuk estava velho demais e tinha dignidade demais para continuar a remar um *qayaq*. Ele se sentou com Nauja no centro de um espaçoso *umiak* aberto enquanto dois dos jovens caçadores remavam por ele. Ninguém se importou de esperar pelo *umiak* quando não havia vento para suas velas, já que a embarcação de nove metros de comprimento levava comida fresca suficiente, de modo que raramente tinham de parar para caçar ou pescar a não ser que quisessem. Dessa forma também puderam levar seu próprio trenó *kamatik* se precisassem viajar por terra. Inupijuk, o caçador do sul, seguiu no *umiak*, assim como seis *qimmiq* – cães.

Embora Asiajuk tivesse generosamente se oferecido para levar Silna e seus filhos no *umiak* agora lotado, ela transmitiu por barbantes sua preferência pelo *qayaq*. Taliriktug sabia que a esposa nunca iria querer nenhum filho seu – certamente não Kanneyuk, de dois meses – tão perto dos cachorros malvados em um espaço apertado. O filho de dois anos, Tuuraq – “Corvo” – não tinha medo de cachorros, mas também não tinha escolha. Ele seguiu no nicho do *qayaq* entre Taliriktug e Silna. O bebê, Kanneyuk (cujo nome *sixam ieua*

secreto era Arnaaluk) ia no *amoutiq* de Silna, um capuz avantajado para levar bebês.

A manhã na qual partiram estava fria, mas clara, e à medida que partiam da praia de cascalho, os 15 membros remanescentes do Povo que Anda com Deus cantaram sua canção de adeus e volte já:

Ai yei yai ya na
Ye he ye ye yi yan e ya quana
Ai ye yi yai yana.



Na segunda noite, a última antes de remar e velejar rumo sul por canais a partir da *angilak qikiqtaq*, ou “maior ilha” que James Ross batizara de Terra do Rei Guilherme tanto tempo antes, ignorando o fato de que os nativos que haviam lhe falado sobre ela continuavam a chamá-la de *qikiqtaq*, *qikiqtaq*, *qikiqtaq* – eles acamparam a um quilômetro e meio do local do Acampamento Resgate.

Taliriktug andou até lá sozinho.

Ele havia voltado antes. Dois verões passados, poucas semanas após Corvo nascer, ele e Silna haviam ido lá. Havia sido apenas um pouco menos de um ano após o homem que Taliriktug costumava ser ter sido emboscado e baleado como um cachorro, mas já havia poucos sinais de que fora um grande acampamento para mais de sessenta ingleses. A não ser por uns poucos farrapos de lona congelados no cascalho, as barracas Holland haviam sido rasgadas e sopradas para longe. Restavam apenas círculos de fogueiras e alguns círculos de pedras para barracas.

E alguns ossos.

Eles encontraram alguns ossos compridos, pedaços de vértebras mastigados, um único crânio – sem o maxilar inferior. Segurando o crânio nas mãos dois verões antes, ele rezara a Deus para que não fosse o dr. Goodsir.

Recolhera aqueles ossos espalhados e raspados por *nanuq* e enterrara com o crânio em uma tumba simples de pedra, colocando no alto da pilha de pedras

um garfo que encontraram entre as pedras, do modo como o Povo Real, e mesmo o Povo que Anda com Deus com quem passara o verão, gostava de fazer, enviando ferramentas úteis e bens apreciados pelos mortos para o mundo espiritual junto com o falecido.

Enquanto ele fazia isso se deu conta de que os *inuit* teriam achado aquilo um desperdício obscuro de metal precioso.

Então tentou pensar em uma prece silenciosa que pudesse fazer.

As preces em *inuktitut* que ouvira nos três meses anteriores não eram apropriadas. Mas em sua tentativa desajeitada de aprender a linguagem – embora nunca fosse ser capaz de pronunciar uma só sílaba em voz alta – ele fizera uma brincadeira naquele verão tentando traduzir o Pai-Nosso para *inuktitut*.

Naquela noite, de pé junto ao moledro com os ossos de seus companheiros, tentou pensar na prece.

Nâlegauvît kailaule. Pijornajat pinatuale nuname sorlo kilangme...

Pai-Nosso que estás no céu, santificado seja o vosso nome.

Isso havia sido o mais longe que conseguira chegar dois verões antes, mas pareceu suficiente.

Agora, quase dois anos depois, caminhando de volta com sua esposa de um Acampamento Resgate que estava ainda mais vazio – o garfo sumira e o moledro havia sido aberto e saqueado por membros do Povo Real do sul, os próprios ossos espalhados onde ele não conseguiu encontrar –, Taliriktug teve de sorrir de sua compreensão de que mesmo que lhe fossem concedidos seus 70 anos bíblicos ele nunca iria dominar aquela linguagem do Povo Real.

Toda palavra – mesmo os nomes simples – parecia ter uma vintena de variantes, e as sutilezas de sintaxe estavam muito além de um homem de meia-idade que fora para o mar quando menino e nunca aprendera sequer latim. Graças a Deus que nunca teria de falar aquela língua em voz alta. O esforço para entender seu fluxo clicado lhe dava o tipo de dor de cabeça que costumava ter quando Silna começou a partilhar com ele seus sonhos.

O Grande Urso, por exemplo. O urso-branco comum. O Povo que Anda com Deus e os outros grupos de Povo Real que ele encontrara nos dois anos anteriores o chamavam de *nanuq*, que era bastante simples, mas também ouvira variações que poderiam ser escritas – não naquele idioma, já que o Povo Real não tinha língua escrita – como *nanoq*, *nänuvak*, *nannuraluk*, *takoaq*, *pisugtooq* e *ayualunaq*. E agora, aprendera com Inupijuk, aquele caçador do sul (que, agora sabia, não era tão idiota quanto Asiajuk insistira), que o Grande Urso também era chamado de *Törnârssuk* por muitos dos grupos do Povo Real do sul.

Durante alguns meses dolorosos – ainda se curava e reaprendia a comer e engolir – ele ficara absolutamente contente de não ter nome algum. Quando o grupo de Asiajuk começou a chamá-lo de Taliriktug – “Braço Forte” – após um incidente durante uma caçada ao urso-branco naquele primeiro verão quando arrastara sozinho para fora da água a carcaça do urso morto que uma equipe de cães e três caçadores não haviam conseguido (não fora sua força sobre-humana, sabia, ele apenas tinha sido o único a notar onde a corda do arpão havia se prendido a uma projeção de gelo), ele não se incomodara com o novo nome, embora tivesse sido mais feliz sem um. Asiajuk lhe contou que agora carregava a alma-memória de um “Braço Forte” anterior que morrera na mão dos *kabloona*.

Meses antes, quando ele e Silêncio haviam ido à aldeia iglu para que pudesse ter a ajuda das mulheres no nascimento de Corvo, ele não se surpreendera de saber que o nome *inuktitut* Povo Real de sua esposa era Silna. Agora podia ver como ela encarnava o espírito de Sila, a deusa do ar, e Sedna, a deusa do mar. Seu nome secreto de espírito-governante *sixam ieua* ela não partilhava, ou não podia partilhar com ele por seus sinais de barbante ou sonhos.

Ele sabia seu próprio nome secreto. Naquela primeira noite de grande infelicidade após o *Tuunbaq* ter levado embora sua língua e sua antiga vida, ele sonhara seu nome secreto. Mas nunca contaria a ninguém, nem mesmo a Silna, que ainda chamava de Silêncio em seus pensamentos enviados enquanto faziam amor e nos sonhos mútuos.



A aldeia se chamava Taloyoak e consistia em cerca de sessenta pessoas e mais barracas espalhadas do que casas de neve. Havia até algumas casas com cobertura de capim cobertas de neve se projetando de penhascos, que teriam tetos verdes quando chegasse o verão.

As pessoas ali se chamavam Oleekataliks, que ele achava significar “Homens com Capas”, embora as peles exteriores que usavam nos ombros lhe parecessem mais cachecóis de lã de ingleses que capas de verdade. O chefe tinha aproximadamente a mesma idade de Taliriktug e era bastante belo, embora não tivesse mais nenhum dente, o que fazia com que parecesse mais velho que os anos que tinha. O homem se chamava Ikpakhuak, que Asiajuk lhe dissera significar “o Sujo”, embora pelo que Taliriktug podia ver e cheirar, Ikpakhuak não fosse mais sujo que o resto deles, sendo mais limpo que alguns.

A esposa muito mais moça de Ikpakhuak se chamava Higilak, que Asiajuk explicou sorrindo significar “a Casa de Gelo”. Mas os modos de Higilak não eram de modo algum frios para com os estranhos; ajudou o marido a recepcionar o grupo de Taliriktug com calor e uma abundância de comida quente e presentes.

Ele se deu conta de que nunca iria entender aquelas pessoas.

Ikpakhuak, Higilak e sua família serviram a eles *umingmak*, filé de boi-almiscarado, como seu banquete, algo de que Taliriktug gostou bastante, mas que Silna, Asiajuk, Nauja e o resto do grupo se obrigou a engolir, já que eles eram *Netsilik*, “Povo da Foca”. Após todas as cerimônias de recepção e refeições terem terminado, ele conseguiu, por intermédio de seus sinais interpretados, levar a conversa para os presentes dos *kabloona*.

Ikpakhuak reconheceu que o Povo da Capa tinha tais tesouros, mas antes de mostrar a seus convidados pediu que Silna e Taliriktug mostrassem sua mágica a todos da aldeia. Os Oleekataliks nunca haviam conhecido nenhum *sixam ieua* na vida da maioria dos aldeões – embora Ikpakhuak tivesse conhecido o pai de Silna, Aja, décadas antes –, e Ikpakhuak perguntou

educadamente se Silna e Taliriktug não poderiam voar um pouco ao redor da aldeia e talvez se transformar em focas, não ursos, por favor.

Silna explicou – por intermédio de sinais de barbante interpretados por Asiajuk – que os dois governantes-espíritos do céu haviam escolhido não fazer isso, mas que ambos mostrariam aos hospitaleiros Oleekataliks onde o Tuunbaq havia levado suas línguas, e que seu marido *kabloona sixam ieua* daria a eles a rara honra de ver suas cicatrizes... Cicatrizes recebidas em uma terrível batalha contra espíritos maus anos antes.

Isso satisfaz inteiramente Ikpakhuak e seu povo.

Quando a apresentação com cicatrizes terminou, Taliriktug conseguiu fazer Asiajuk voltar ao assunto dos presentes *kabloona*.

Ikpakhuak imediatamente anuiu, bateu palmas e mandou meninos pegarem os tesouros. Eles circularam.

Havia várias peças de madeira, uma delas partida de um desembarçador de cordas bem gasto.

Havia botões de ouro com o motivo de âncora naval do Serviço de Descobertas.

Havia um fragmento de uma camiseta masculina adoravelmente bordada.

Havia um relógio de ouro, a corrente que devia ser presa a ele e um punhado de moedas. As iniciais no verso do relógio eram CFDV – Charles Des Voeux.

Havia uma caixa de lápis de prata com as iniciais EC no interior.

Havia uma medalha de ouro um dia dada a sir John Franklin pelo Almirantado.

Havia garfos e colheres de prata com os brasões de vários dos oficiais de Franklin.

Havia um pequeno prato de porcelana com o nome SIR JOHN FRANKLIN grafado em esmalte colorido.

Havia uma faca de cirurgião.

Havia uma escrivaninha portátil de colo de mogno que o homem que a segurava reconhecia por ter sido sua.

Nós realmente arrastamos toda essa merda centenas de quilômetros em nossos barcos?, pensou Crozier. *E antes disso milhares de quilômetros desde a Inglaterra?*

O que estávamos pensando? Ele achou que iria vomitar, e teve de fechar os olhos até a náusea passar.

Silêncio tocou seu pulso. Ela sentira o golpe e a mudança nele. Olhou nos olhos dela para garantir que ainda estava ali, embora não estivesse. Não realmente. Não completamente.



Eles remaram ao longo do litoral para oeste, na direção da embocadura do rio de Back.

Os Oleekataliks de Ikpakhuak haviam sido vagos, até mesmo evasivos, sobre onde haviam encontrado seus tesouros *kabloona* – alguns disseram vir de um lugar chamado Keenuna, que soava como uma de um conjunto de ilhotas no estreito logo ao sul da Ilha do Rei Guilherme –, mas a maioria dos caçadores disse ter se deparado com as riquezas a oeste de Taloyoak, em um lugar chamado Kugluktuk, que Asiajuk traduziu como “Lugar das Águas que Caem”.

Para Crozier isso soava como a primeira pequena cachoeira sobre a qual lera que Back dissera ficar logo rio acima a partir da embocadura do rio Great Fish de Back.

Passaram uma semana procurando ali. Asiajuk, sua esposa e três dos caçadores ficaram com o *umiak* na embocadura do rio, mas Crozier e Silêncio, com as crianças, o caçador ainda curioso Inupijuk e os outros caçadores remaram seus *qayaqs* rio acima as cerca de três milhas até as primeiras quedas baixas.

Lá ele encontrou algumas ripas de barril. Uma sola de bota de couro com buracos onde haviam sido cravados parafusos. Enterrado na areia e na lama da margem, descobriu uma peça de carvalho curva e um dia envernizada com dois metros e meio de comprimento que poderia ter sido da amurada de um dos cúteres. (Teria sido um senhor tesouro para os Oleekataliks.) Mais nada.

Estavam partindo derrotados, remando rio abaixo para o litoral quando encontraram um homem mais velho, suas três esposas e quatro filhos de narizes escorrendo. A barraca e as peles de rena estavam nas costas das esposas, e o

homem disse que tinham ido ao rio para pescar. Ele nunca antes vira um *kabloona*, muito menos dois espíritos-governantes *sixam ieua* sem línguas, e estava muito assustado, mas um dos caçadores com Crozier acalmou seus temores. O velho se chamava Puhtoorak e era um membro do grupo Qikiqtarqjuaq do Povo Real.

Após comida e gentilezas terem sido trocadas, o velho perguntou o que estavam fazendo tão longe das terras do norte do Povo que Anda com Deus, e quando um dos caçadores explicou que procuravam por *kabloona* vivos ou mortos que poderiam ter passado por ali – ou por seus tesouros, Puhtoorak disse que não ouvira falar em *kabloonas* naquele rio, mas mencionou entre grandes mordidas em seu presente de carne de foca:

– Inverno passado vi um grande barco *kabloona*, grande como um iceberg, com três varas se projetando dele, preso no gelo diante de Utjulik. Acho que havia *kabloona* mortos no estômago dele. Alguns de nossos homens mais jovens entraram na coisa, tiveram de usar seus machados de pedra bosta de estrelas para abrir um buraco do lado, mas deixaram todos os tesouros de madeira e metal porque disseram que a casa de três varas era assombrada.

Crozier olhou para Silêncio. *Eu o entendi direito?*

Sim. Ela anuiu. Kanneyuk começou a chorar, Silna abriu sua parca de verão e deu o seio ao bebê.



Crozier ficou de pé em um penhasco e olhou para o navio no gelo. Era o HMS *Terror*.

Foram precisos oito dias de viagem da embocadura do rio Back rumo oeste até aquele ponto do litoral de Utjulik. Por intermédio dos caçadores do Povo que Anda com Deus, que entendiam seus sinais, Crozier oferecera suborno a Puhtoorak se o velho concordasse em levar a família com ele e mostrar o caminho para o barco *kabloona* com as três varas saindo do teto, mas o velho Qikiqtarqjuaq não queria mais nada com a casa *kabloona* de três varas assombrada. Embora não tivesse entrado com os jovens no inverno anterior,

ele vira como a coisa estava contaminada por *piifixaaq* – o tipo de fantasmas-espíritos insalubres que assombravam um lugar ruim.

Utjulik era um nome *inuit* para o que Crozier conhecera por mapas como o litoral oeste da península Adelaide. Os canais abertos haviam terminado não muito a oeste da enseada, levando ao sul para o rio Back – o estreito era uma banquisa sólida –, então tiveram de levar para a praia e esconder os *qayaqs* e o *umiak* de Asiajuk e prosseguir com os seis cães puxando o *kamatik* pesadamente sólido de quatro metros. Usando o tipo de navegação estimada interior que Crozier sabia nunca iria dominar, Silêncio os levou cerca de quarenta quilômetros cruzando o interior da península até o ponto do litoral oeste onde Puhtoorak dissera ter visto o navio... Até mesmo, confessara, subido em seu convés.

Asiajuk não quisera deixar seu barco confortável quando chegou o momento de atravessar o interior. Se Silna, uma das governante-espírito mais reverenciadas do Povo que Anda com Deus, não tivesse sinalizado seu pedido sincero de que se juntasse a eles – um pedido de um *sixam ieua* era uma ordem mesmo para o mais taciturno dos xamãs – Asiajuk teria ordenado que seus caçadores o levassem para casa. Como foi, ele seguiu com estilo sob peles no *kamatik* e de tempos em tempos até ajudou jogando pedrinhas nos cachorros que faziam força e gritando: “Haw! Haw! Haw!”, quando desejava que fossem para a esquerda e “Gee! Gee! Gee!” quando os queria indo à direita. Crozier pensava em se o velho xamã estaria redescobrimdo os prazeres juvenis da viagem de trenó puxado por cães.

Agora era final da tarde do oitavo dia e eles olhavam para o HMS *Terror* abaixo. Mesmo Asiajuk pareceu intimidado e subjugado.

A melhor descrição de Puhtoorak da exata localização havia sido que a casa de três varas “estava congelada no gelo perto de uma ilha cerca de oito quilômetros a oeste” de um determinado ponto e que ele e seu grupo de caça “tiveram então de andar cerca de quatro quilômetros rumo norte sobre gelo suave para chegar ao navio após cruzar várias ilhas na caminhada a partir do ponto”. Poderiam ver o navio de um penhasco na extremidade norte da grande ilha.

Claro que Puhtoorak não usara o termo “quilômetros” nem “navio”, sequer “ponto”. O que o velho dissera fora que a casa *kabloona* de três varas com um casco de *umiak* estava a certo número de horas de caminhada a oeste de *tikerqat*, que significa “Dois Dedos”, como o Povo Real chamava os dois pontos estreitos daquele trecho do litoral de Utjuliq e depois em algum lugar perto do extremo norte de uma grande ilha lá.

Crozier e seu grupo de dez – o caçador do sul, Inupijuk, continuava com eles até o final – caminharam rumo oeste sobre gelo áspero desde Dois Dedos e atravessaram duas pequenas ilhas antes de chegar a uma muito maior. Encontraram um penhasco descendo quase trinta metros para a banquisa na ponta norte da grande ilha.

A três ou quatro quilômetros no gelo, os três mastros do HMS *Terror* se erguiam em um ângulo inclinado para as nuvens baixas.

Crozier desejou ter seu velho telescópio, mas não precisava dele para identificar os mastros de seu velho comando.

Puhtoorak estava certo – o gelo daquele trecho da caminhada era muito mais liso do que o gelo amontado de litoral e banquisa entre o continente e as ilhas. O olho de capitão viu por quê: havia uma sequência de ilhas menores a leste e ao norte, criando uma espécie de abrigo natural naquele trecho de mar de 15 ou vinte milhas náuticas quadradas para os ventos preponderantes vindos de noroeste.

Como o *Terror* acabara ali, mais de trezentos quilômetros ao sul de onde ficara firmemente congelado perto do *Erebus* por quase três anos estava além dos poderes especulativos de Crozier.

Ele não teria de especular muito mais.

O Povo Real, incluindo o Povo que Anda com Deus, que vivia à sombra de um monstro vivo um ano após o outro, se aproximou do navio com evidente ansiedade. Toda a conversa de Puhtoorak sobre fantasmas assombradores e espíritos maus fizera efeito neles – mesmo em Asiajuk, Nauja e nos caçadores que não estiveram lá para ouvir o velho. O próprio Asiajuk estava murmurando encantamentos, cantos de perseguições a fantasmas e preces de segurança por toda a sua caminhada no gelo, o que não aumentava a sensação

de segurança de ninguém. Quando um xamã fica nervoso, todos ficam nervosos.

A única que caminhava junto a Crozier à frente do cortejo era Silêncio, carregando as duas crianças.

O *Terror* estava inclinado quase vinte graus a bombordo, a proa apontada para nordeste e os mastros tombados a nordeste, com casco demais a estibordo aparecendo acima do gelo. Surpreendentemente, havia sido usada uma âncora – a âncora de bombordo –, seu cabo desaparecendo no gelo grosso. Crozier ficou surpreso porque achava que o fundo estaria a pelo menos vinte braças ali – talvez muito mais – e porque havia poucas enseadas ao longo das curvas norte das ilhas atrás dele. No mínimo – a não ser no caso de tempestade – um capitão prudente buscando porto seguro teria levado o navio ao estreito pelo lado leste da grande ilha da qual acabara de sair, lançando âncora entre a grande ilha – cujos penhascos teriam bloqueado o vento – e as três ilhas menores, nenhuma com muito mais de três quilômetros de comprimento a leste dali.

Mas ali estava o *Terror*, cerca de quatro quilômetros da extremidade norte daquela grande ilha, com âncora lançada em águas profundas e totalmente exposto às inevitáveis tempestades de noroeste.

Uma caminhada ao redor do navio e uma espiada em seu convés inclinado pelo lado noroeste mais baixo resolveram o mistério de por que o grupo de caça de Puhtoorak fora obrigado a abrir caminho a machadadas pelo casco do lado estibordo elevado, provavelmente um casco lascado, danificado e quase furado, de modo a entrar: todas as escotilhas do convés superior estavam bloqueadas e lacradas.

Crozier retornou ao buraco do tamanho de um homem que o grupo abria no casco desgastado e exposto. Achou que conseguiria passar. Lembrou de Puhtoorak dizendo que seus jovens caçadores haviam usado seus machados de bosta de estrelas para abrir passagem e teve de sorrir para si mesmo a despeito da onda de emoções dolorosas que sentia.

“Bosta de estrelas” era como o Povo Real chamava estrelas cadentes e o metal que usavam das estrelas cadentes que encontravam no gelo. Crozier

ouvira Asiajuk falando sobre *uluriak anoktok* – “bosta de estrelas caindo do céu”.

Crozier desejou ter uma lâmina ou machado de bosta de estrelas naquele momento. A única arma que levava era uma faca básica de trabalho, com lâmina feita de marfim de morsa. Havia arpões no *kamatik*, mas não eram dele – ele e Silêncio haviam deixado os deles no *qayaq* uma semana antes – e ele não queria pedir um emprestado apenas para entrar no navio.

Naquele trenó 12 metros atrás deles os *qimmiq* – os grandes cães com seus sobrenaturais olhos azuis e amarelos e almas que partilhavam com seus mestres – latiam, rosnavam, uivavam e batiam dentes uns para os outros e qualquer um que chegasse perto. Eles não gostavam daquele lugar.

Crozier sinalizou para Silêncio: *Sinalize para Asiajuk perguntando se alguém quer entrar comigo.*

Ela fez isso rapidamente, usando apenas os dedos sem barbante. Mesmo assim, o velho xamã sempre a entendia muito mais rapidamente do que conseguia compreender os sinais desajeitados de Crozier.

Ninguém do Povo Real queria passar por aquele buraco.

Verei você em alguns minutos, Crozier sinalizou para Silêncio.

Ela realmente sorriu. *Não seja idiota,* sinalizou. *Seus filhos e eu iremos com você.*

Ele passou apertado e Silêncio o seguiu um segundo depois, levando Corvo em seus braços e Kanneyuk no carregador de criança de couro macio que às vezes usava sobre tiras sobre o peito. As duas crianças dormiam.



Estava muito escuro.

Crozier percebeu que os jovens caçadores de Puhtoorak haviam aberto caminho para o último convés. Fora a sorte deles, já que se tivessem tentado um pouco mais baixo no meio do navio ali teriam encontrado o ferro dos depósitos de carvão e os tanques de água no porão e nunca teriam conseguido, mesmo com cabeças de bosta de estrelas em seus machados.

A três metros do buraco no casco estava escuro demais para ver, então Crozier encontrou seu caminho de memória, segurando a mão de Silêncio enquanto desciam o convés inclinado e viravam para trás.

Depois que seus olhos se adaptaram ao escuro, havia luz filtrada suficiente para Crozier notar que a porta com o pesado cadeado da Sala de Bebidas e do Depósito do Artilheiro mais à popa havia sido arrombada. Não tinha ideia de se havia sido obra dos homens de Puhtoorak, mas duvidava disso. Aquelas portas haviam sido deixadas trancadas por um motivo, e eram o primeiro lugar ao qual qualquer homem branco voltando ao *Terror* iria.

Os barris de rum – eles de fato tinham tanto rum que haviam deixado barris deles para trás ao descer para o gelo – estavam vazios. Mas restavam barris de pólvora, bem como caixas e barris de chumbo, bolsas de lona com cartuchos, quase duas anteparas de mosquetes ainda instalados em seus sulcos – eles tinham demais para carregar – e duzentas baionetas ainda penduradas em seus lugares ao longo de caibros e vigas.

Apenas o metal naquela sala tornaria o grupo de Povo Real de Asiajuk os homens mais ricos do seu mundo.

O resto da pólvora e das balas alimentaria 12 grandes grupos do Povo Real por vinte anos e faria deles senhores incontestes do Ártico.

Silêncio tocou seu pulso nu. Estava escuro demais para sinalizar, então ela enviou pensamento. *Está sentindo?*

Crozier ficou chocado de ouvir que – pela primeira vez – seus pensamentos partilhados eram em inglês. Ela sonhara seus sonhos ainda mais profundamente que ele imaginara, ou fora muito atenta durante seus meses a bordo daquele mesmo navio. Era a primeira vez que partilhavam pensamentos em palavras acordados.

Ii, ele pensou de volta para ela. *Sim*.

Aquele lugar era ruim. Lembranças assombravam-no como um cheiro ruim.

Para reduzir a tensão, ele a levou à frente de novo, apontou para a proa e enviou a ela uma imagem do armário de cabos da proa no convés de baixo.

Eu estava sempre esperando por você, ela enviou. As palavras eram tão claras que ele achou que podiam ter sido ditas em voz alta no escuro, a não ser pelo

fato de que nenhuma das crianças acordara.

Seu corpo começou a tremer de emoção com a ideia do que ela acabara de lhe contar.

Subiram a escada principal para o convés inferior.

Estava muito mais claro ali. Crozier se deu conta de que – finalmente – luz do dia passava pelos Iluminadores Preston que pontilhavam o convés acima deles. O vidro curvo estava opaco de gelo, mas – pela primeira vez – não coberto por neve ou lonas.

O convés parecia vazio. Todas as redes dos homens haviam sido cuidadosamente dobradas e estocadas, as mesas do rancho erguidas para entre as vigas do convés acima, e suas arcas empurradas de lado e cuidadosamente estocadas. O enorme Fogão Frazer no centro da área de repouso da frente estava escuro e frio.

Crozier tentou lembrar se o sr. Diggle ainda estava vivo quando ele, capitão, fora atraído para o gelo e baleado. Era a primeira vez que ele pensava naquele nome – *sr. Diggle* – em muito tempo.

É a primeira vez que penso em minha própria língua em muito tempo.

Crozier teve de sorrir com isso. “Em minha própria língua.” Se realmente havia uma deusa como Sedna que mandava no mundo, seu nome real era Terrível Ironia.

Silêncio o puxou para a popa.

As primeiras cabines e refeitórios dos oficiais que olharam estavam vazios.

Crozier se viu pensando quais homens poderiam ter chegado ao *Terror* e navegado ao sul nele.

Des Voeux e seus homens do Acampamento Resgate?

Ele tinha quase certeza de que o sr. Des Voeux e os outros teriam continuado rumo sul nos barcos para o rio Big Fish.

Hickey e seus homens?

Pelo bem do dr. Goodsir, ele esperava que sim, mas não acreditava. A não ser pelo tenente Hodgson, e Crozier suspeitava de que não teria vivido muito naquele grupo de cortadores de gargantas, não havia um homem no grupo que soubesse velejar, muito menos navegar, o *Terror*. Duvidava de que tivessem sido capazes de velejar e navegar o pequeno barco que lhes dera.

Isso deixava os três homens que partiram do Acampamento Resgate para caminhar por terra – Reuben Male, Robert Sinclair e Samuel Honey. Poderiam um capitão do castelo de proa, um capitão da gávea do traquete e um ferreiro velejar com o HMS *Terror* quase trezentos quilômetros rumo sul por um labirinto de canais?

Crozier se sentiu tonto e um pouco nauseado de pensar nos nomes e rostos dos homens novamente. Ele quase podia ouvir suas vozes. Ele *podia* ouvir suas vozes.

Puhtoorak estava certo: aquele lugar agora era lar de *piifxaaq* – fantasmas ressentidos que ficavam para trás para assombrar os vivos.



Havia um cadáver no catre de Francis Rawdon Moira Crozier.

Pelo que podiam dizer sem luzes e descendo para o porão e para o último convés, aquele era o único corpo morto a bordo.

Por que decidiu morrer em meu catre?, pensou Crozier.

Havia sido um homem mais ou menos da altura de Crozier. Suas roupas – ele morrera sob cobertores com japona e quepe de vigia e calças de lã, o que era estranho, já que deveriam estar navegando em pleno verão – não davam nenhuma pista de sua identidade. Crozier não tinha qualquer desejo de revirar os bolsos.

As mãos do homem, pulsos expostos e pescoço estavam marrons e mumificados, enrugados, mas era o rosto que fazia Crozier desejar que o Iluminador Preston acima não deixasse entrar tanta luz quanto permitia.

Os olhos do homem eram bolas de gude marrons. Cabelos e barba estavam tão compridos e desgrenhados que parecia bastante possível que tivessem continuado a crescer por meses depois da morte do homem. Os lábios haviam se reduzido a nada e puxados para trás para longe de dentes e gengivas por tendões que esticavam e contraíam.

Eram os dentes o mais perturbador. Em vez de cair por causa do escorbuto, os dentes da frente estavam todos ali, muito largos, de um amarelo-marfim e absurdamente compridos – pelo menos sete centímetros e meio – como se

tivessem crescido do modo como os dentes de um coelho ou rato continuam a crescer até que, a não ser que sejam desgastados mordendo algo sólido, se curvam e cortam a garganta da própria criatura.

Aqueles dentes de roedor do morto eram impossíveis, mas Crozier olhava para eles à clara luz cinzenta da noite que penetrava pela claraboia em domo de sua antiga cabine. Não era, se deu conta, a primeira coisa impossível que vira ou experimentara nos anos anteriores. Suspeitava de que poderia não ser a última.

Vamos, sinalizou para Silêncio. Não queria enviar pensamentos ali onde coisas escutavam.



Teve de usar um machado de incêndio para abrir caminho para cima pela escotilha principal lacrada e pregada. Em vez de se perguntar quem havia lacrado e por que – ou se o cadáver abaixo era um homem vivo quando a escotilha havia sido tão bem lacrada acima dele –, jogou o machado de lado, subiu e ajudou Silêncio a subir a escada.

Corvo estava despertando, mas Silêncio o embalou e ele começou a ressonar suavemente de novo.

Espere aqui, sinalizou, e desceu novamente.

Primeiro subiu com o pesado teodolito e vários de seus velhos manuais, fez uma leitura rápida do sol e anotou sua posição na margem do livro manchado de sal. Depois levou teodolito e livros para baixo e os jogou de lado, sabendo que definir a posição daquele navio uma última vez talvez tivesse sido a coisa mais inútil que fizera em uma longa vida fazendo coisas inúteis. Mas também sabia que precisava fazer aquilo.

Assim como o que fez em seguida.

No escuro do Depósito do Artilheiro no último convés ele abriu em sequência de três barris de pólvora, jogando o conteúdo do primeiro no convés e pela escada para o porão (não iria descer lá), o conteúdo do segundo por toda parte no convés interior (e especialmente do lado de dentro da porta aberta de sua própria cabine), e o conteúdo do terceiro barril em trilhas negras

ao longo do convés superior inclinado onde Silêncio esperava com seus filhos. Asiajuk e os outros no gelo haviam ido para bombordo e assistiam de trinta metros de distância. Os cachorros continuavam a uivar e tentar fugir, mas Asiajuk ou um dos caçadores os havia prendido ao gelo.

Crozier queria ficar a céu aberto, mesmo com a luz da tarde morrendo, mas se obrigou a descer ao último convés novamente.

Carregando o último barril de óleo de lamparina que havia no navio, espalhou uma trilha em todos os três conveses, tomando o cuidado de cobrir a porta e a antepara de sua própria cabine. Sua única hesitação foi na entrada do Grande Salão onde centenas e centenas de lombadas de livros o fitavam.

Meu Deus, faria algum mal se eu levasse apenas alguns desses para ajudar a superar os negros invernos pela frente?

Mas agora levavam neles o *inua* escuro do navio da morte. Quase chorando, jogou óleo de lamparina sobre eles.

Quando terminou de derramar o resto do combustível no convés superior, ele arremessou o frasco vazio bem longe sobre o gelo.

Uma última viagem até lá embaixo, prometeu a Silêncio com os dedos. *Vá para o gelo com as crianças agora, minha amada.*

Os fósforos Lúifer estavam onde os deixara na gaveta da escrivaninha três anos antes.

Por um segundo teve certeza de conseguir ouvir o catre ranger e o ninho de cobertores congelados se mover enquanto a coisa mumificada atrás dele se esticava na sua direção. Podia ouvir os tendões secos do braço morto se esticando e estalando enquanto a mão marrom com os compridos dedos marrons e unhas amarelas compridas demais se erguiam lentamente.

Crozier não se virou para olhar. Não correu. Não olhou para trás. Carregando os fósforos, deixou sua cabine lentamente passando por sobre as linhas de pólvora preta e tábuas do convés sujas de óleo de baleia.

Tinha de descer a escada principal para jogar o primeiro fósforo. O ar estava tão ruim ali que o fósforo quase se recusou a acender. Então a pólvora queimou com um zumbido, acendeu uma antepara que encharcara de óleo e correu para frente e para popa no escuro em sua própria trilha de fogo.

Sabendo que apenas o fogo do último convés seria suficiente – aquelas madeiras haviam ressecado e se transformado em combustível após seis anos naquele deserto Ártico – ainda gastou tempo acendendo as linhas de pólvora no convés inferior e no convés superior aberto.

Depois saltou os três metros para a rampa de gelo do lado oeste do navio e amaldiçoou quando sua perna esquerda nunca totalmente recuperada anunciou a dor. Deveria ter descido pelas escadas de corda presas ali como Silêncio obviamente tivera o bom senso de fazer.

Mancando como o velho que ele tinha certeza de que logo seria, Crozier foi se juntar aos outros no gelo.



O navio queimou por quase uma hora e meia antes de afundar.

Foi uma conflagração incrível. Dia de Guy Fawkes acima do Círculo Ártico.

Decididamente não teria precisado da pólvora ou do óleo de lamparina, percebeu, enquanto assistia. As madeiras, lonas e tábuas estavam tão livres de umidade que o navio inteiro acendeu como uma das bombas incendiárias que ele fora projetado para lançar tantas décadas antes.

O *Terror* teria afundado de qualquer forma, assim que o gelo degelasse ali em semanas ou meses. O buraco a machado na lateral teria sido o ferimento mortal.

Mas não fora por isso que o queimara. Se questionado – o que nunca seria –, poderia não ter explicado por que tinha de ser queimado. Sabia que não queria “salvadores” de navios britânicos vasculhando o navio abandonado, levando para casa histórias para assustar os cidadãos mórbidos da Inglaterra e levar o sr. Dickens ou o sr. Tennyson a novos níveis de eloquência sentimental. Também sabia que não seriam apenas histórias o que esses salvadores levariam de volta com eles para a Inglaterra. O que havia tomado posse do navio era tão virulento quanto a peste. Vira isso com os olhos da alma e cheirado com todos os seus sentidos humanos e de *sixam ieua*.

O Povo Real festejou quando os mastros incendiados desabaram.

Todos haviam sido obrigados a recuar cem metros. O *Terror* queimou seu próprio buraco da morte no gelo, e pouco depois que mastros e cordas em chamas caíssem, o navio queimando começou a chiar e borbulhar a caminho das profundezas.

O barulho do incêndio acordou as crianças, e as chamas esquentaram tanto o ar ali no gelo que todos eles – sua esposa, Asiajuk franzindo o cenho, Nauja de peitos grandes, os caçadores, o sorridente Inupijuk, até mesmo Taliriktug – tiraram suas parcas exteriores e as empilharam no *kamatik*.

Quando o espetáculo acabou, o navio afundou e o sol também afundava na direção do sul, fazendo com que as sombras deles dessem longos saltos sobre o gelo que ficava cinza, e eles ainda permaneceram apontando e desfrutando do vapor que subia e festejando os pedaços de restos queimados espalhados aqui e ali no gelo.

Depois o grupo finalmente se virou para a grande ilha e a seguir para as ilhas menores, planejando cruzar o gelo até o continente antes de acampar para passar a noite. A luz do sol brilhando além de meia-noite ajudava na marcha. Todos queriam estar fora do gelo e longe daquele lugar antes que as poucas horas de crepúsculo e total escuridão chegassem. Mesmo os cães pararam de latir e rosnar e pareceram puxar com mais força quando passaram pela menor ilha no caminho de volta à terra. Asiajuk adormecera e roncava sob os roupões no trenó, mas os dois bebês estavam totalmente despertos e prontos para brincar.

Taliriktug pegou o agitado Kanneyuk no braço esquerdo e colocou o direito ao redor de Silna-Silêncio. Corvo, ainda carregado pela mãe, estava petulantemente tentando empurrar os braços dela e obrigá-la a colocá-lo no chão para que pudesse tentar andar sozinho.

Taliriktug ficou pensando, não pela primeira vez, em como um pai e uma mãe sem línguas iriam disciplinar um garoto determinado. Então se lembrou, não pela primeira vez, que agora ele pertencia a uma das poucas culturas do mundo que não se incomodavam em disciplinar seus meninos ou meninas determinados. Corvo já tinha uma *inua* e algum adulto de valor dentro dele. Seu pai só teria de esperar para ver quanto valor era.

A *inua* de Francis Crozier ainda viva e bem em Taliriktug não tinha ilusões sobre a vida ser nada além de pobre, repulsiva, violenta e curta.

Mas talvez não precisasse ser solitária.

Com o braço ao redor de Silna, tentando ignorar os roncos altos do xamá e o fato de que o bebê Kanneyuk acabara de fazer xixi na melhor parca de verão do pai, e também ignorando os tapas petulantes e os choramingos do filho agitado, Taliriktug e Crozier continuaram a caminhar para leste através do gelo para terra firme.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer às seguintes fontes por me fornecer informações para a redação de *O terror*:

A ideia de escrever sobre esta época de exploração do Ártico veio de um breve comentário, quase uma nota de pé de página sobre a Expedição Franklin que encontrei no livro de sir Ranulph Fiennes *Race to the Pole: Tragedy, Heroism, and Scott's Antarctic Quest* (Hyperion, © 2004), sendo o polo objeto dessa corrida, no caso, o Polo Sul.

Três livros especialmente importantes para mim nas primeiras fases de pesquisa foram *Ice Blink: The Tragic Fate of Sir John Franklin's Lost Polar Expedition*, de Scott Cookman (John Wiley & Sons, Inc., © 2000); *Frozen in Time: The Fate of the Franklin Expedition* de Owen Beattie e John Geiger (Greystone Books, Douglas & McIntyre, © 1987); e *The Arctic Grail: The Quest for the Northwest Passage and the North Pole, 1818-1909*, de Pierre Berton (Second Lyons Press Edition, © 2000).

Esses livros me levaram a algumas de suas fontes inestimáveis, incluindo *Narrative of a Journey to the Shores of the Polar Sea* (John Murray, © 1823) e *Narrative of a Second Expedition to the Shores of the Polar Sea* (John Murray, © 1828), ambos de Sir John Franklin; *Sir John Franklin's Last Arctic Expedition*, de Richard Cyriax (ASM Press, © 1939); *The Bomb Vessel*, de Chris Ware (Naval Institute Press, © 1994); *A Narrative of the Discovery of the Fate of Sir John Franklin*, de F. L. M'Clintock (John Murray, © 1859); *In Quest of the Northwest Passage* (Longmans, Green & Co, © 1958); *Journal of a Voyage in*

Baffin's Bay and Barrow Straits, in the Years 1850-51, Performed by H.M. Ships "Lady Franklin" and "Sophia" Under the Command of Mr. William Penny, in Search of the Missing Crew of H.M. Ships "Erebus" and "Terror", de Peter Sutherland (Longman, Grown, Green, and Longmans, © 1852); e *Arctic Expeditions in Search of Sir John Franklin*, de Elisha Kent Kane (T. Nelson & Sons, © 1898).

Entre outras fontes frequentemente consultadas estão *Prisoners of the North: Portraits of Five Arctic Immortals*, de Pierre Berton (Carroll & Graff, © 2004); *Ninety Degrees North: The Quest for the North Pole*, de Fergus Fleming (Grove Press, © 2001); *The Last Voyage of the Karluk: A Survivor's Memoir of Arctic Disaster*, de William Laird McKinlay (St. Martin's Griffin Edition, © 1976); *A Sea of Words: A Lexicon and Companion for Patrick O'Brian's Seafaring Tales*, de Dean King (Henry Holt & Co., © 1995); *The Ice Master: The Doomed 1913 Voyage of the Karluk*, de Jennifer Niven (Hyperion, © 2000); *Rowing to Latitude: Journeys Along the Arctic's Edge*, de Jill Fredston (North Point Press, a Division of Fartar, Straus and Giroux, © 2001); *Weird and Tragic Shores: The Story of Charles Francis Hall, Explorer*, de Chauncey Loomis (Modern Library Paperback Edition, © 2000); *The Crystal Desert: Summers in Antarctica*, de David G. Campbell (Mariner Books, Houghton Mifflin, © 1992); *The Last Place on Earth: Scott and Amundsen's Race to the South Pole*, de Roland Huntford (The Modern Library, © 1999); *North to the Night: A Spiritual Odyssey in the Arctic*, de Alvah Simon (Broadway Books, © 1998); *In the Land of White Death: An Epic Story of Survival in the Siberian Arctic*, de Valerian Albanov (Modern Library, © 2000); *End of the Earth: Voyages to Antarctica*, de Peter Matthiessen (National Geographic, © 2003); *Fatal Passage: The Story of John Rae, the Arctic Hero Time Forgot*, de Ken McGoogan (Carroll & Graf, © 2001); *The Worst Journey in the World*, de Apsley Cherry-Garrard (National Geographic, © 1992 and 2000); e *Shackleton*, de Roland Huntford (Fawcett Columbine, © 1985).

Entre outras fontes consultadas estão *The Inuit*, de Nancy Bonvillain (Chelsea House Publications, © 1995), *Eskimos*, de Kaj Birket-Smith (Crown, © 1971); *The Fourth World*, de Sam Hall (Knopf, © 1987), *Ancient Land: Sacred Whale – The Inuit Hunt and Its Rituals*, de Tom Lowenstein (Farrar,

Straus and Giroux, © 1993); *The Igloo*, de Charlotte and David Yue (Houghton Mifflin, © 1988); *Arctic Crossing*, de Jonathan Waterman (Knopf, © 2001); *Hunters of the Polar North – The Eskimos*, de Wally Herbert (Time-Life Books, © 1981); *The Eskimos*, de Ernest S. Burch Jr. (University of Oklahoma Press, © 1988); e *Inuit: When Words Take Shape*, de Raymond Brousseau (Editions Glénat, © 2002).

Meus sinceros agradecimentos a Karen Simmons por encontrar... e devolver... muitas dessas últimas fontes.

Fontes na internet foram demais para relacionar, mas entre elas estão The Aujaqsquittuq Project: Documenting Arctic Climate Change; Spiritism On Line; The Franklin Trial; Enchanted Learning: Animals – Polar Bear (*Ursus maritimus*); Collections Canada; Digital Library Upenn; Radiworks.cbe; Wordgumbo – Canadian Inuit-English Dictionary; Alaskool English to Inúpia; Inuktitut Language Phrases; Darwin Wars; Cangeo.ca Special Feature – Sir John Franklin Expedition e SirJohnFranklin.com.

A internet também foi meu caminho básico para material de fontes primárias, como a Francis Crozier Collection, mantida no Scott Polar Research Institute, University of Cambridge; a Sophia Cracroft Collection (ibid); correspondência de Sophia Cracroft; Notes for the Memoir of Jane Franklin. Também estão incluídos detalhes de tripulação dos navios, datas e documentos oficiais de Records of the British Admiralty, Naval Forces, and Royal Marines; registros do Departamento do Interior (RU) e documentos legais referentes à investigação sobre as irregularidades nas latas de alimentos Goldner feita pelo Supremo Tribunal de Justiça (RU).

Ilustrações e mapas úteis vieram de *Harper's Weekly* (abril de 1851), *The Athenaeum* (fevereiro de 1849), *Blackwood's Edinburgh Magazine* (novembro de 1855) e outras fontes.

A carta do dr. Harry D. S. Goodsir ao tio, datada de 2 de julho de 1845, está na coleção da Royal Scottish Geographical Society e foi citada em *Frozen in Time: The Fate of the Franklin Expedition*, de Owen Beattie e John Geiger.

Finalmente, meu sincero obrigado a meu agente, Richard Curtis; a meu primeiro editor na Little, Brown, Michael Mezzo; a meu atual editor, Reagan Arthur; e – como sempre – a Karen e Jane Simmons por me estimularem a ir

em frente e depois esperarem por mim enquanto eu *estava* nessa expedição ártica particularmente longa.

Título original
THE TERROR
A Novel

Copyright © 2007 by Dan Simmons

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Edição brasileira publicada mediante acordo com o autor,
c/o Baror International, Inc. Armonk, Nova York, USA.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-1512
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

preparação de originais
FÁTIMA FADEL

coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

assistente de produção digital
MARIANA CALIL

revisão de arquivo ePub
ANA CHRYSOSTOMO

Edição digital: novembro, 2017.

Os personagens e acontecimentos neste livro são fictícios.
Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não,
é mera coincidência e não intencional pelo autor.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S611t

Simmons, Dan

O terror [recurso eletrônico] / Dan Simmons; tradução Alexandre Martins. - 1. ed.
- Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2017.

recurso digital

Tradução de: Terror - a novel

ISBN 978-85-8122-720-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Martins, Alexandre. II. Título.

17-45622

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

O AUTOR

Com livros traduzidos em 27 idiomas, Dan Simmons é um dos mais admirados autores contemporâneos de ficção científica, terror e fantasia. Nascido em 1948 nos EUA, recebeu por sua obra vários dos principais prêmios desses gêneros, como o Hugo e o Bram Stoker, entre outros. *O Terror* é seu primeiro livro publicado no Brasil.